

Leão, Duarte Nunes de, 1530-1608

Cronicas, e vidas dos reys de Portugal ...

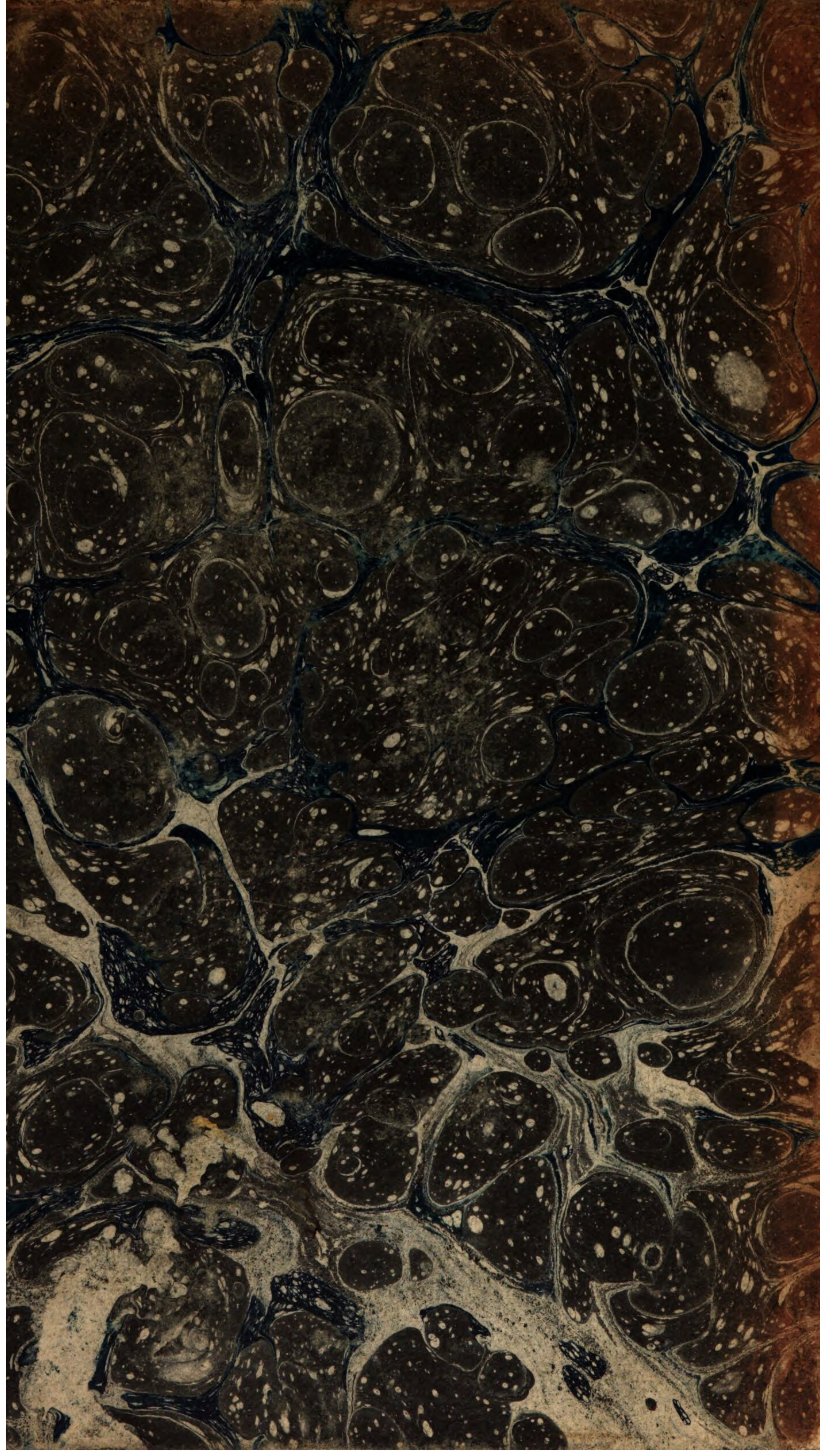
Bd.: 1

Lisboa 1780

4 Port. 20 m-3

urn:nbn:de:bvb:12-bsb10691288-1







4<sup>o</sup> Post  
20<sup>m</sup> B

Summer



<36610548080010



<36610548080010

Bayer. Staatsbibliothek







C R O N I C A S  
D E L R E Y  
D O M J O A Õ

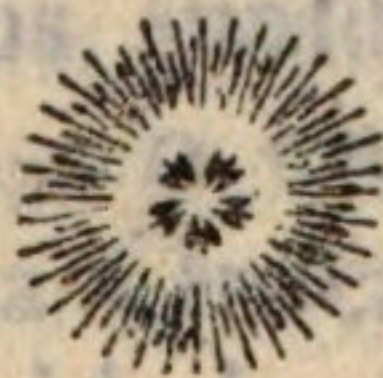
DE GLORIOSA MEMORIA, O I.  
DESTE NOME, E DOS REYS DE PORTUGAL O X.,  
E A S D O S R E Y S  
D. DUARTE, E D. AFFONSO O V.

P O R  
D U A R T E N U N E S D E L E A Õ  
A O M U I T O A L T O , E M U I T O P O D E R O S O R E Y  
D O M J O A Õ O I V .  
N O S S O S E N H O R .

TIRADAS A LUZ POR ORDEM  
DO ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR  
D. RODRIGO DA CUNHA,  
*Arcebispo de Lisboa, raro exemplo de Prelados, e verdadeiro  
Pai da Patria.*

E AUTOS DO LEVANTAMENTO, E JURAMENTOS  
del Rey N. Senhor D. Joaõ o IV, e do Serenissimo Principe  
D. Theodosio N. Senhor: e Proposição das Cortes.

T O M O I.

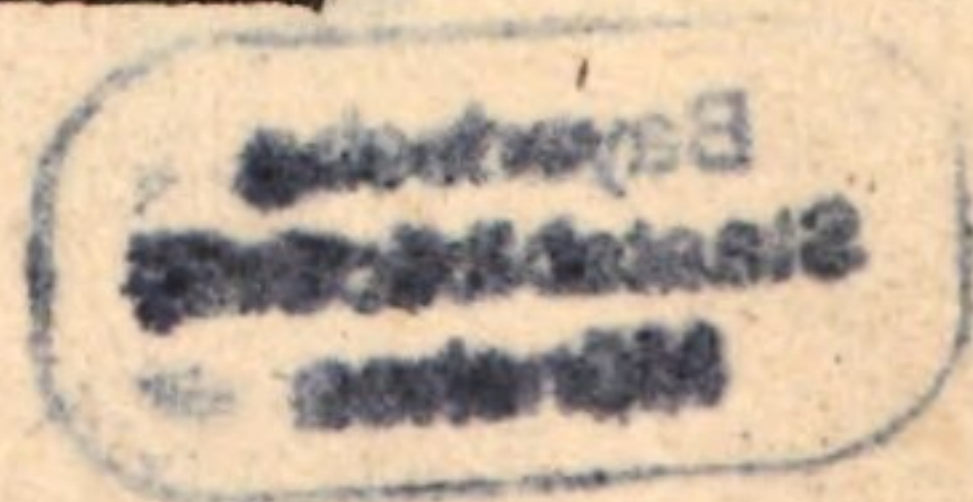


L I S B O A  
Na Offic. de JOZE DE AQUINO BULHOENS.

ANNO M.DCC.LXXX.  
*Com licença da Real Meza Censoria.*

---

Vende-se em casa de Luiz Antonio Alfeiraõ.



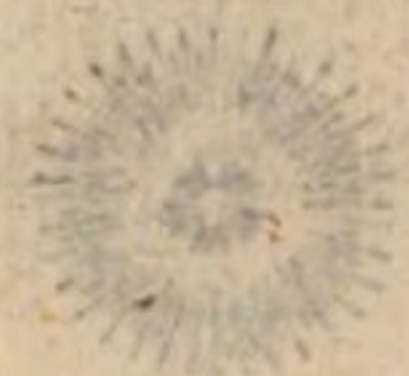


CRONICA  
DEL REY  
DOM JOAO

DE GLORIOSA MEMORIA, O I.  
ESTE NOME, E DOS REYS DE PORTUGAL O X.  
E AS DOS REYS  
D. DUARTE, E D. AFRONSO V.

POR  
DUARTE NUNES DE LEAO  
AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO REY  
DOM JOAO O IV.  
NOSSE SENHOR  
TIRADAS A LUZ POR ORDEM

DO ILUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR  
D. RODRIGO DA CUNHA,  
Arcebispo de Lisboa, e antigo de Bragança, e verdadeiro  
Pai da Patria.  
E AUTOS DO LEVANTAMENTO, E JURAMENTOS  
do Rey N. Senhor D. Joao o IV, e do Serenissimo Principe  
D. Theodorico N. Senhor, e Proprietario das Correas.  
TOMO I.



LISBOA  
Na Offic. de JOSE DE AQUINO BULHOES.  
Anno M.DCC.LXX.

Com licença da Real Magestade Catholica

Vendida em casa de Luis Antonio Alentejo.

Bayrische  
Staatsbibliothek  
München



C R O N I C A  
D E L R E Y  
D. J O A ã O , O I.  
D E S T E N O M E , E D O S R E Y S  
D E P O R T U G A L O D E C I M O .

---

C A P I T U L O I .

*Nascimento del Rey D. Joaõ o I. He eleito Mestre de Aviz: pertende a Rainha Dona Briatis de Castella ser acclamada Rainha de Portugal: repugna todo o Reino a isso.*

**D**ESPOIS da morte de Dona Inez de Castro, houve el Rey D. Pedro de huma Tareja Lourenço, natural de Galiza, a D. Joaõ, que lhe naceo em Lisboa a 11 de Abril do anno de 357. Sua criação em quanto foi pequeno encarregou el Rey a hum Lourenço Martins, Cidadão honrado da mesma Cidade, que morava á praça dos canos junto á See. Passados os annos de sua infancia, o entregou a Nuno Freire Dandrade, Mestre da Ordem de Christo, que o teve em seu poder de idade de sete annos; porque como chegou aquelle tempo, por vagar o Mestrado de Aviz por morte do Mestre D. Martim do Avelal, D. Nuno o levou ao lugar da Chamusca, que então era termo de Santarem, onde el Rey D. Pedro estava, a lhe pedir aquelle Mestrado para el-



le. El Rei foi mui ledo de ver seu filho, e a boa indole, que mostrava; e lho concedeo, e o armou Cavaleiro, e foi pelo Commendador Mór, e Cavaleiros recebido por Mestre, e levado ao Convento de Aviz, onde tomou o habito, e se criou alguns annos até idade, em que começou a exercitar as armas. E porque o que D. João passou nos annos de sua Adoleſcencia fica dito na Vida del Rey D. Fernando seu irmão, se deixa aqui de dizer: proseguindo a vida que fez depois da morte do dito Rey, por não confundir a ordem dos annos, e por seguir o curso da historia, e successos dos tempos, não direi sómente o que toca á vida, e feitos deste Principe, mas o que nestes Reynados succedeo até elle se chamar defensor delles, pois he o fundamento do que delle se ha de dizer

Morto pois el Rey D. Fernando, como por seu testamento a Rainha Dona Leonor sua mulher ficou por Regente, e Governadora do Reyno, conforme aos Contratos, e Capitulações feitas com el Rey D. João de Castella, começou a usar de toda a maneira de jurdição, como se fora a Rainha herdeira do Reyno, e como sohem fazer os Reys, que novamente sucedem; e assi dos Póvos, como dos Grandes era em tudo obedecida: e como ella sabia a roim opiniaõ, que se della tinha, por a tirar do animo das gentes, fingia-se mui desconſolada; e em huma escura camera, coberta toda de dó, fazia grandes prantos com toda a pessoa, que de novo a vinha ver; e com lagrimas, e com soluços (que ás mulheres não faltaõ quando lhes servem) se lamentava de seu desamparo, e como el Rey deixára no Reyno muitos abusos, e a gente muito pobre, e estragada, que no começo de seu reynado achou rica, e prospera, sendo elle abastado de grandes thesouros, que del Rey seu pai, e  
de



de seus avós lhe ficárao. Os Officiaes da Camara de Lisboa se foraõ á Rainha pedir-lhe não seguisse os caminhos de seu marido, que se regia por conselho de homens Estrangeiros apaixonados por seus respeitos, e interesses, que nem tinhaõ amor ao Reyno, por não serem naturaes d'elle, nem supportavaõ os encargos, que aconselhavaõ. Mas que por conselho dos naturaes governasse, e com o accordo dos homens bem entendidos; e que seria bem que trouxesse dous de cada Comarca: e assi lhe requereraõ algumas coulas outras de utilidade common de toda a República. A Rainha, que não desejava mais que insinuar-se na benevolencia do Povo, que sabia não lhe ser mui propicio, lhes deu tal resposta, com que ficárao contentes.

Entre tanto el Rey de Castella, logo como veio á sua noticia a morte del Rey seu Sogro com a Rainha Dona Briatís, escreveu á Rainha sua mãe os fizesse alevantar, e reconhecer por Reys: o que ella cumprio, fazendo-o saber a todos os Grandes, que com ella estavaõ, e aos ausentes; e escrevendo ás Cidades, e Villas do Reyno levantassem bandeiras por a Rainha Dona Briatís sua filha. Mas como naturalmente todas a gentes saõ contrarias de se sujeitar a Rey de estranha nação, era isto mais nos Portuguezes: assi pola antiga emulação, que sempre entre elles, e os Castelhanos houve, qual sohe haver entre Provincias, e Comarcas, como por as guerras passadas, de que os escandalos, e odios estavaõ ainda frescos, pelo que tomavaõ de mámente o jugo.

E mandando a Rainha aos de Lisboa, que, segundo costumavaõ na successão de novo Rey, levantassem bandeira pola Rainha Dona Beatris, foi assentado pelos fidalgos, que ahi estavaõ, que a hum certo dia cavalgassem todos, e trouxessem o pen-



pendaõ pela Cidade com as costumadas acclamações: e pondo o em effeito, e dizendo em vozes altas, *Real, Real, por a Rainha Dona Briatís*, foi tamanha a tristeza em todo o Povo, e tantas murmuracoes, que não havia quem as apasiguasse. E diziaõ huns contra outros: *Para isto ganháraõ nossos avós Portugal aos Mouros á custa de tanto sangue, e tantas vidas, para o nós darmos a Castelhanos?* O que trazia o pendaõ era D. Henrique Manoel de Vilhena, tio del Rey de Castella, e da Rainha Dona Briatís, que era Conde de Cea, e Alcaide Mór de Cintra, que a este Reyno viera com sua irmaã a Infanta Dona Constancia; e passando depois a Castella nas alteracoes, que se seguiraõ, foi Conde de Montalegre, e de Menezes. E indo elle ao terreiro da See, tendo inda andado pouco, se detiveraõ elle, e os que com elle hiaõ, porque ouviraõ dizer que os da Cidade estavaõ por aquelle caso alvoroçados; e mandáraõ á rua nova saber o que a gente dizia. E dizendo entre tanto por mandado do Conde D. Henrique *Real, Real*, huns diziaõ que não eraõ contentes de tal pregaõ: e o Conde D. Alvaro Pires de Castro disse *Real, Real, por cujo for o Reyno*: o que elle entendia polos Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, seus sobrinhos, que andavaõ em Castella. Da tençaõ do Conde D. Alvaro havia muitos, que o soltavaõ publicamente. Os que foraõ saber novas do que o povo murmurava, disseraõ que a gente andava amotinada, só por se alevantar aquelle pendaõ; e que corriaõ risco, se fossem por diante: polo que logo se recolhêraõ.



## CAPITULO II.

*Como outras terras de Portugal resistirão á per-  
tençaõ da Rainha Dona Briatís.*

**D**A mesma maneira aconteceu em Santarem. Porque, levantando o Alcaide do Castello a bandeira com 60 homens de cavallo, que se lhe ajuntáraõ, e nenhum de pé, em vendo a gente do povo nomear a Rainha Dona Briatís, houve muita desuniaõ, e motins: e dizendo o Alcaide *Real*, *Real* por algumas vezes, ninguem lhe quis responder, tirando hum velha de muitos annos, que lhe disse *Em má hora seria isso: mas Real, Real por o Infante D. Joaõ, que he o direito Rey de Portugal. E como sogeitos haviamos nós ser de Castelhanos? Nunca Deos tal quererá.* E como a gente popular he vehemente quando em alguma cousa, que traga novidade, acha guia, e Capitaõ, a esta velha leguiraõ outros com outras taes palavras. Quando o Alcaide chegou á praça, e deu outro tal brado por a Rainha de Castella, muita gente, que o estava aguardando, levantando a voz, respondeu que nunca tal seria: que seu Rey havia de ser o Infante D. Joaõ: e que como fora elle outado de tal cousa fazer, ou quem lho mandára? E era já o alvoroço, e o arruido tanto, que se não ouviaõ. Nesta uniaõ hum homem baixo, e de pouca conta pelliteiro, por nome Domingos Anes, arrancando da espada, disse: *Que estamos aqui fazendo, e que pregaõ he este?* O mesmo fizeraõ todos, os que ali se acháraõ, dizendo que mataassem o Alcaide. Os de cavallo, que com elle vinhaõ, o desemparáraõ, e lançáraõ a fogir; e o Alcaide deu de esporas ao cavallo com temor de ser morto: e com a pressa levou



levou o pendaõ arrastrando até o Castello , indo todo o povo apos elle pera o matar : e assi o fizeram , se as portas do Castello se não fecháraõ , em o Alcaide entrando. E logo tornáraõ todos dizendo a huma voz : *Viva , viva o Infante D. Joaõ*. Assi esteve a gente inquieta até que a noite os apartou , e fez recolher. E não ha dúvida senaõ que , se o Infante D. Joaõ neste Reyno estivera , assi por suas grandes partes , porque era mui amado de todos , como por o ter o povo por filho legitimo del Rey D. Pedro , fora Rey.

Outra tal aconteceo em Elvas , onde , sendo Alvaro Pereira Alcaide do Castello , alçou huma bandeira , e andou com ella a cavallo pela Villa até á porta de Santo Agostinho , pregoando *Real , Real , pola Rainha Dona Briatis*. Gil Fernandes , aquelle valente homem , de que já fallámos na Vida del Rey D. Fernando , que entaõ não era na Villa , quando veio á noite , e o soube , ajuntou os mais da Villa , e levantou outra bandeira bradando *Real , Real por Portugal*. Alvaro Pereira , escandalizado muito disto , convidou Gil Fernandes a jantar : e , acabado de comer , lhe disse que soubesse que estava prezo ; e que , tendo prezo a elle , lhe parecia que tinha preza toda Elvas. Gil Fernandes se queixou delle que o prendera mal , e como não devia , e atreçoadamente ; mas que a gente miuda viria das vinhas , e o tirariaõ dalli. No que se elle não enganou : porque , como na Villa se soube que elle era prezo , e a causa porque , repicáraõ os finos , e juntouse a gente da Villa com a que andava fóra , não sómente os homens , mas as molheres , e os moços , e combateraõ o Castello de maneira , que , temendo-se Alvaro Pereira do furor daquelle povo , lhes bradou , dizendo : que lhe daria Gil Fernandes sobre arrefens. E ficando  
por



por elle dous homens principaes da Villa, foi tolto. E sabendo Gil Fernandez que Alvaro Pereira mandava por gente a Castella para defender o Castello, elle, e hum Martim Rodrigues com outros o começáraõ a combater, e em breve foraõ as portas queimadas, e o muro roto. Alvaro Pereira deu o Castello, com tanto que Gil Fernandez o tirasse de Elvas a salvo com sua mulher, e filhos, e familia. E quando aquella noite veio o soccorro dos Castelhanos, já era rendido: polo que se tornáraõ sem fazer nada. Desta maneira aconteceu em muitos lugares do Reyno, em que houve grande contradicção a se nomear por Rainha de Portugal Dona Briatís; pois em consequencia vinha el Rey de Castella seu marido.

## CAPITULO III.

*Escreve el Rey de Castella em favor da Rainha Dona Briatís: e os Senhores Portuguezes trattaõ alguns delles da morte do Conde João Fernandes Dandeiro.*

**E**L Rey de Castella sabendo que em Lisboa se ajuntavaõ os Grandes do Reyno ás Exequias, que se faziaõ do mez, por el Rey D. Fernando, lhes escreveo, e assi meismo ás Cidades, e Villas do Reyno, e mandou por seu Embaixador hum Cavaleiro da Ordem de Sant-Iago, natural de Salamanca, que se chamava Antonio Lopes de Texeda: e a substancia das cartas era rogar-lhes, e requerer-lhes quizessem como bons, e leaes Vassallos, reconhecer a Rainha Dona Briatís, e a elle por Senhores, e seus Reys naturaes, conforme aos contratos que lhes tinhaõ feitos, e jurados.

Como a infamia, que a Rainha tinha com o



Conde Joaõ Fernandes Dandeiro era taõ pública, assi pola grande afeição que lhe mostrava, a qual ella como cega, e perturbada do animo não podia, nem sabia encobrir, e por as muitas dadivas, e acrecentamento de honras, e rendas, que lhe procurava cada dia, foi mui desejada sua morte de muitos: de huns pela deshonor del Rey, de que elles como Vassallos leaes se affrontavaõ: de outros por enveja, que haviaõ de sua valia, e privança: e sendo esta morte procurada assi del Rey, como de D. Joaõ Tello, Conde de Barcellos, irmão da Rainha, nunca se pode effectuar.

Esta vingança parece permittio Deos se guardasse pera o Mestre de Aviz, como a successor do Reyno, a que competia fazer justiça dos malfeitores, e para com aquella morte ganhar mais a vontade do povo, que já lhe estava afeiçãoado, e ficar mais facil vir elle a ser Rey. E entre os que muito desejavaõ a morte do Conde era Nunalvares Pereira: e sendo elle chamado dantre Douro, e Minho, onde estava com sua mulher, por recado da Rainha pera as Exequias del Rey, veio a Lisboa com trinta escudeiros bem armados, e certos homens de pé, sendo elle só o que com gente apercebida veio áquelle saimento. Acabadas as Exequias, andando elle no Paço só, cuidando o que havia de ser do Reyno, que estava taõ desemparrado, e quem o poderia defender dos que contra elle quizessem vir; e como el Rey de Castella prendera o Conde de Gigaõ D. Antonio seu irmão, e o Infante D. Joaõ de Portugal, tanto que soubera como el Rey D. Fernando era morto, e que ajuntava gentes pera entrar com grande poder em Portugal; cahio-lhe na imaginação que ninguem havia, que com mais razão se oppuzesse por Defensor do Reyno, que o Mestre de Aviz como filho del



del Rey D. Pedro, e irmão do Rey defuncto, e como bom Cavaleiro, e esforçado que era. Apos isto veio a cuidar que o começo de tal empresa havia de ser a morte do Conde João Fernandes Dandeiro, em quem a Rainha punha sua confiança. Andando nestes pensamentos, vio-se com Ruy Pereira seu tio, a quem os contou, declarando-lhe sua boa vontade de ser naquelle feito, se o Mestre o quizesse emprender. Ruy Pereira, que em nenhuma cousa trazia mais o lentido, se foi logo ao Mestre, e lhe deu conta de tudo. O Mestre folgando muito com o que Ruy Pereira lhe dissera, mandou chamar Nunalvares, e lho agradeceu muito. Porém a mim me parece (disse o Mestre a Ruy Pereira) que não ouço já murmurar tanto da Rainha, nem fallar nisto do Conde, como sohia. O Senhor, (disse Ruy Pereira) vós não sabeis isto como he: quando eu andava para casar com minha mulher, fallavaõ todos como eu queria casar com Violante Lopes; e depois que fomos casados, nunca mais houve quem fallasse em nosso casamento. E estes, Senhor, taes são: usaraõ tanto de sua maldade, e por tanto tempo, que os haõ já todos por casados, e por isso não fallaõ nelles como de principio. O Mestre se sorrio da comparação, e rogou a Nunalvares que trabalhasse por haver de sua parte as mais gentes que pudesse, para ao outro dia ser morto o Conde João Fernandes Dandeiro.

Nunalvares Pereira foi mui ledo com o que o Mestre lhe dissera sobre a morte do Conde: e logo se partio pera sua pousada, e se começou a aperceber do que cumpria: e fazendo-o mui á pressa, o Mestre lhe mandou dizer que cessasse do que lhe dissera; que não podia entaõ ser: e assi se desviou por aquella vez a morte do Conde, como



muitas vezes acontecera. Mas quando a hora chegou, logo se facilitou o meio pera isto, e foi este. Na Cidade de Lisboa vivia hum homem honrado, e rico, que se chamava Alvaro Paes, que fora Chancarel mór del Rey D. Pedro, e del Rey D. Fernando; e por ser velho, e gotozo, o apolentou a seu requerimento el Rei D. Fernando: e por sua virtude, e prudencia mandou aos Vereadores da Cidade de Lisboa que nenhuma cousa de importancia fizessem sem seu conselho, e parecer: por a qual razão, quando elle por sua indisposição não podia ir á Camara, vinhão os Officiaes della a sua casa, sobre o que haviaõ de fazer. Este homem não perdendo hum antigo odio, que tinha ao Conde João Fernandes Dandeiro por a deshonra, que a el Rey seu Senhor tinha feita, nenhuma cousa mais desejava, que vello morto: e parecendo-lhe o tempo opportuno, fallou sobre isso ao Conde de Barcellos irmão da Rainha, dando-lhe muitas razões, por que devia tornar pola honra del Rey seu Senhor, e pola de sua linhagem. O Conde lhe disse quanto sempre desejara de o pôr em effeito; porém que não succedera occasião, nem agora a tinha; mas que fallasse com o Mestre de Aviz, a que isso tocava tanto como a elle; e que o Mestre tinha animo, e manciça para o fazer: e que, pois elle não podia com sua enfermidade ir fóra de casa, faria com o Mestre que lhe viesse fallar. O Conde se foi ao Mestre, e lhe disse como Alvaro Paes tinha que fallar com elle algumas cousas de sua honra, e serviço: e porque por sua doença não podia vir a elle, quando cavalgasse o fosse ver. O Mestre, por lhe parecer seria cousa que tocava ao bem commum, e pera saber o que era, não tardou muito em lhe ir fallar: e apartados ambos, Alvaro Paes por muitas razões mostrou ao Mestre a obri-



obrigação , que tinha pera emprender a morte do Conde , e vingar a affronta del Rey seu irmão , que tambem tocava a elle , e a honra que ganharia entre os Principes , e Cavaleiros. Ajuntava a isto que a vida do Mestre não andava agora mais segura , que quando a Rainha , e o Conde em vida del Rei lhe tinhaõ ordenada a morte : mas naquella hora tinhaõ maiores coulas para se delles temerem , e mais poder , e jurdição pera o acabarem. O Mestre aceitou de boa vontade o que lhe Alvaro Paes propoz , e outorgava de o fazer ; mas punha-lhe diante muitos inconvenientes , especialmente dizia que quem tal feito emprendesse dentro em Lisboa , o não podia levar ao cabo , sem alguma ajuda do povo , por a volta que dahi podia succeder.

Alvaro Paes com os desejos , que tinha , facilitou todos os meios ao Mestre , e lhe prometeo toda a ajuda da Cidade. O Mestre com aquella offerta lhe prometeo de o pôr em effeito : quando Alvaro Paes lho ouvio , com olhos cheios de lagrimas de prazer lhe disse : *He verdade isto , que me agora dizeis , que haverá quem vingue a el Rey meu Senbor ?* E certificando-lho mais o Mestre , Alvaro Paes o beijou na face , dizendo : *Agora vejo a differença , que os filhos dos Reys tem dos outros homens.* E depois que falláraõ muito naquelle feito , se despedio o Mestre.



## CAPITULO IV.

*Trata o Mestre de Aviz de matar o Conde João Fernandes Dandeiro : descobre seu intento a outros Senhores.*

**T**Anto que o Mestre se determinou em matar o Conde, logo descobrio sua tenção ao Conde de Barcellos, irmão da Rainha, e a Ruy Pereira, e a outros, de que se fiou, que lhe certificáraõ os acharia prestes quando quizesse pôr sua vontade em effeito: e porque o principal disto era a ajuda, e favor do povo, hia o Mestre a miude falar com Alvaro Paes, e ás vezes com o Conde de Barcellos: e ás vezes sô Alvaro Paes, sem ter descoberto a pessoa alguma aquella determinação do Mestre, promettia-lhe que toda a Cidade seria por elle, por a má vontade que todos tinhaõ á Rainha, e ao Conde; e a boa, que tinhaõ ao Mestre. Pelo que assentáraõ que, tanto que o Mestre chegasse ao Paço pera matar o Conde, hum seu pagem, que com elle andava sempre a cavallo, por nome Gomes Freire, fosse logo pela Cidade brandando até casa de Alvaro Paes, que acodissem ao Mestre de Aviz, que o matavaõ. E que entaõ fahiria elle com os seus á maneira de soccorro, e levaria consigo quantos achasse pelas ruas, e que todos iriaõ de boa mente; e que assi se ajuntaria toda a Cidade em sua ajuda. Este favor buscava o Mestre não por falta alguma de coração, que ninguém o tinha mais esforçado, e confiado de si, que elle; mas por os muitos amigos, que o Conde tinha, assi por o favor da Rainha, de que era taõ privado, como por andar sempre acompanhado a todas as horas de muitos homens Fidalgos, com



com que se allegurava , dos quaes eraõ Martim Gonçalves da Taide , João Antonio Pimentel , senhor de Bragança , Pedro Rodriguez de Fonseca , Fernando Antonio de Miranda , e outros muitos a fóra 30 escudeiros seus , que sempre consigo trazia continuos.

O Conde João Fernandes na noite , que el Rey D. Fernando faleceo , receandose do que tinha feito , se partira pera seu Condado de Ourem mui á pressa , tendo tempo , em que na Corte não havia tantos senhores , e fidalgos , de que se temer , como havia no tempo do laimento , em que se elle quis achar , sendo chamado por cartas da Rainha , como os mais fidalgos do Reyno , posto que sua mulher lhe requereo não viesse , por lhe parecer que não vinha leguro. O Conde não curando de seu conselho como homem , a que já Deos cegava para o castigar , veio a Santarem pouzar com Gonçalo Vasques Dazevedo , Alcaide mór daquella Villa , seu conlogro , que mostrava ser grande seu amigo , que o recebeu mui bem : mas o reprendeo de vir vestido de preto , e não de burel , como todos andavaõ por el Rey ; do qual logo o fez vestir , porque , naquelle tempo de luto , andar de preto era sinal de andar alegre , porque de burel branco se vestiaõ os anojados. O Conde perguntou a Gonçalo Vasques se havia de ir ao laimento ? E elle respondeo que não , dando algumas razões de escusas : mas a verdade era que elle sospeitava a morte do Conde , e não se quis achar naquella volta , sendo seu amigo , e conlogro , receando o que podia succeder : e aconselhou ao Conde não fosse lá. O Conde , posto que se receasse de algumas pessoas , de ninguem se temia mais , que do Mestre de Aviz : mas como este receio era já antigo , e polos novos cuidados , que com a morte del Rey cada



cada hum tinha por a successão del Rey de Castella, não cuidava que já poderia ter quem lhe fosse contrario. Elle entrou na Corte; onde de todos foi recebido com aquella festa, e gasalhado, que se faz aos privados dos Reys: mas o gasalhado da Rainha foi o maior que todos, porque logo começou a despachar com elle todas as couças do Reyno. E porque se dizia que el Rey de Castella queria quebrar o assento que tinha feito, e capitulado; tanto que o saimento se fez, acordou a Rainha com os do seu Conselho, que o Reyno se defendesse, querendo o dito Rey de Castella nelle entrar; e que logo se mandassem fronteiros, e as lanças, com que haviaõ de servir. E ao Mestre de Aviz couberaõ as terras de seu Mestrado com as mais da Comarca dantre Téjo, e Guadiana, dando-lhe logo pera isso as provisões necessarias.

Como o Mestre foi despachado, se despedio da Rainha, e se partio da Cidade hum dia depois de comer, e foi dormir a Santo Antonio do Tojal, que está dahi duas legoas: e por tirar sospeita da tornada, que queria fazer pera matar o Conde, mandou Fernaõ Alvares Dalmeida, cavaleiro da Ordem de Aviz seu Veedor, que se tornasse logo dormir a Lisboa; e que ao outro dia lhe fizesse prestes de jantar; e que dissesse á Rainha que elle se tornava do caminho, porque não hia despachado como cumpria. O Veedor partio logo, e chegou alta noite á Cidade: mas ainda falou á Rainha, e ao Conde o porque vinha; e como ao outro dia o Mestre havia de tornar, por não ir despachado como cumpria. A Rainha, e o Conde differaõ que tornasse em boa hora; que logo seria aviado.

Ao outro dia partio o Mestre daquelle lugar, onde dormira; e veio sem pressa alguma: e no caminho



minho descobrio seu proposito ao Comendador de Juremenha, e a Lourenço Martins de Leiria, (que era o que o criou sendo moço) e a Vasco Lourenço, que depois foi Meirinho, e a Lopo Vasques, que foi Comendador Mór de Aviz, e a Ruy Pereira, que ao caminho o foi esperar: e a hum dos seus mandou diante á pressa, pera dizer a Alvaro Paes que se fizesse prestes, que elle hia fazer o que lhe tinha dito: o mensageiro andou á pressa; e, depois de lhe dar o recado, se tornou pera o Mestre. O qual a hora de terça chegou ao Paço sem se decerem noutra parte; e quando descavalgou, e começáraõ a lobir, diziaõ os seus huns ós outros mui manlo, que fossem prestes, porque o Mestre avia de matar o Conde João Fernandez. O Mestre vinha vestido em huma cotta de malha, e com elle vinhaõ 25 homens com cottas, e bracaes, e espadas cingidas, como homens, que vinhaõ de caminho.

## CAPITULO V.

*Vem o Mestre ao Paço, e dentro nelle mata ao Conde João Fernandez Dandeiro com grande magoa da Rainha.*

**A**O tempo que o Mestre chegou ao Paço, estava a Rainha em sua camara, e algumas Donas assentadas com ella no estrado, o Conde de Barcellos seu Irmão, e o Conde D. Alvaro Pirez de Castro, e Fernando Antonio de Camora, fidalgo principal Castelhana dos que se vierão para el Rey D. Fernando no tempo das guerras, com el Rey D. Henrique: e outros estavaõ assentados em hum banco; e o Conde João Fernandez, que antes estava na cabeceira delle, estava



entaõ de giolhos ante a Rainha , fallando manso com ella; e eitando assi, bateraõ á porta : e em o porteiro abrindo , entrou o Mestre ; e querendo o porteiro cerrar aos de sua companhia , disse que preguntaria á Rainha se entrariaõ ; porque como a Rainha estava de luto , e naõ entrava ninguem sem lho ella mandar , tenaõ algum senhor , duvidou se lhes abiria. O Mestre respondeo ao porteiro : *Que lhe has tu de dizer ?* E em dizendo isto , entrou de maneira , que entraraõ todos com elle. O Mestre se foi com muita continencia , e pausa para onde estava a Rainha ; e ella se levantou , e os que com ella estavaõ : e despois que o Mestre fez sua reverencia á Rainha , e cortesia a todos , e elles a elle , mandou a Rainha que se assentassem : e disse ao Mestre : *E pois , Irmão , que he isto , a que tornastes de vosso caminho ?* O Mestre respondeo , que tornara , porque lhe parecera que naõ hia despachado como cumpria ; porque aquella frontaria , que lhe assinara , era mui grossa , e de pessoas grandes , assi como dos Mestres de S. Tiago , e de Alcantara , e de outros muitos fidalgos de grande conta ; e que os que lhe ella assinara , pareciaõ poucos , e por isso tornara a lhe pedir mais gente pera ir como cumpria á sua honra , e serviço de S. A. A Rainha pareceo mui bem o requerimento do Mestre ; e folgara muito de ser aquillo assi verdade , e naõ entrar nisso algum fingimento. E logo mandou chamar o escriptaõ da puridade para ver os livros dos Vassallos daquela comarca , e se darem ao Mestre todos os que quizesse. Em quanto o escriptaõ via os livros , os Condes cada hum por si convidaraõ ao Mestre a jantar , e o Conde Joaõ Fernandez com mais instancia lhe pedia comesse com elle. O Mestre se escusou de todos , dizendo que já tinha prestes de comer , porque



que a isso viera diante seu Veador. A este tempo disse o Mestre em voz baixa ao Conde de Barcellos, que não ouvio ninguém, que se fosse dali; que queria matar ao Conde João Fernandez. E elle respondeo, que não iria, mas estaria ali pera o ajudar. O Mestre lhe rogou que todavia se fosse logo, e que o esperasse em casa; que, tanto que aquelle negocio fosse feito, logo iria comer com elle.

O Conde João Fernandez, como sua hora era chegada, pera se lhe melhor azar a morte, e elle ficar mais só, temendose da vinda do Mestre, mandou recado aos seus, que se fossem armar, e se viessem á pressa pera elle: e logo assi os seus, como os fidalgos, que o acompanhavaõ, se foraõ do Paço armar: polo que elle se achou só quando morreo. A Rainha tambem como tinha o testemunho de sua consciencia contra si, pos olho nos do Mestre: e, vendoos assi armados, não ficou contente de si, e disse contra o Mestre: Bom costume he o dos Igrezes, que no tempo da paz não trazem armas, mas boas roupas, e luvas nas mãos como damas; e no tempo da guerra costumão as armas, e uzaõ dellas como homens, e taõ valerosamente, como a todos he notorio. Senhora (disse o Mestre) he muito grande verdade; mas isso fazem elles, porque o mais do tempo tem guerra, e poucas vezes paz, e podem-o mui bem fazer: mas a nós he pollo contrario, porque temos sempre paz, e poucas vezes guerra: e se no tempo da paz não usarmos as armas, quando viesse a guerra não as saberíamos tratar, nem as poderíamos fofier. Falando nisto, e noutras coulas, chegaraõse as horas de comer, e despediose o Conde de Barcellos, e os mais, a que deu na vontade, o que se depois fez. Ficando o Conde João Fernandez, agastavaf-



felhe o coração; e tornou a dizer ao Mestre: Senhor, vós toda via comei comigo. Não comerei, (disse o Mestre) que o tenho feito em minha casa. Si comereis (disse o Conde) e em quanto vós falais, irei eu mandar fazer prestes. Não vades, (respondeo o Mestre) que vos ei de falar não sei que, antes que me vá, e quero me logo ir, porque são horas de comer. Então se despedio o Mestre da Rainha muito quieto, sem mostra de perturbação alguma; e tomou o Conde polla mão, e saíram ambos da camara a huma grande casa, que estava diante; e os do Mestre todos com elle; e Ruy Pereira, e Lourenço Martins mais perto: e chegando-se o Mestre com o Conde pera junto de huma fresta, sentiram os seus que o Mestre lhe começava de falar pallo, e as palavras foram poucas, e que ninguém entendeo, e sendo mais tempo de o matar, que de o ouvir. O Mestre tirou hum traçado, e deulhe hum golpe polla cabeça; e os que com o Mestre estavam, vendo isto, arrancaram das espadas pera lhe dar: querendose elle acolher á camara da Rainha com aquella ferida, que não era mortal, Ruy Pereira meteo nelle hum estoque de armas, de que logo cahio em terra morto: os outros quizeram dar-lhe mais feridas; e o Mestre lho não consentio: e logo mandou a Fernão Dalvarez Dalmeida, e Lourenço Martins, que fossem ferrar as portas do Paço para que não entrasse ninguém; e dissesse ao seu pagem que fosse á pressa pola Cidade bradando que o matavam. Esta morte do Conde aconteceu ao 6 dias de Dezembro do anno de 1383, sendo então o Mestre de idade de 25 annos, e entrando nos 26.

O estrondo, que com a morte do Conde se fez, loou tão rijo na camara da Rainha, que alguns dos de dentro cuidavam que era gente vinda

ao



ao saimento del Rey, que faziaõ pranto como outros, que vinhaõ cada dia. A Rainha torvada com a volta, se levantou em pé, e mandou saber o que era: e sendolhe dito que era morto o Conde Joaõ Fernandez, ouve grande pavor, e disse: O' Santa Maria, como me mataraõ nelle hum bom servidor! E morre Martyr, pois morre sem causa. E eu prometo a Deos que me vá a menhãa a S. Francisco, e que mande fazer ahi hum grande fogueira, e eu farei taes salvas, quaes nunca molher fez por estas coulas. O que ella não cuidava fazer. Isto do fogo dizia ella pollo costume de Hespanha, de que nas leys, e foros antiguos se faz menção: porque os sospeitos de adulterio, e certos crimes aculados se mandavaõ queimar; salvo se purgassem sua innocencia com tomar ferro quente na mão; porque criaõ que os que eraõ innocentes se não podiaõ queimar: e queimandose a mão no ferro, queimavaõ o delinquente em hum fogueira. O que não era sómente em Hespanha, onde os Godos o introduziraõ, mas em outras partes, como se vê na Epistola decretal do Papa Honorio 3., que tirou aquelle abuso. E dahi veio a dizerse em proverbio quando querem affirmar hum cousa se he verdade, que tomarãõ o ferro quente na mão, ou meterãõ a mão no fogo.

## CAPITULO VI.

*Da perturbação, que ouve na Cidade, cuidando que era morto o Mestre: e como elle se sabio do Paço.*

**Q**Uando a gente, que no Paço estava, vio a morte do Conde, e o tumulto, que se começava, se puseraõ todos em fugida, como cada hum achava a saida, huns por janelas, outros por telhados. O Mestre se foi pera hum  
eyrado



eyrado grande , que ahi perto estava , onde lhe veio hum menlagueiro da parte da Rainha com grande medo preguntar se avia ella tambem de morrer. O Mestre lhe respondeo : Dizei á Rainha minha Senhora , que Deos me guarde de tal tentação : que affossegue em sua camara , e não haja temor : que não vim aqui por deslervir a ella , mas por fazer isto a este homem , que mo tinha merecido. A Rainha , como quem não via a hora , em que o Mestre se partisse , porque entre tanto lhe não affossegava o coração , lhe respondeo que , pois assi era , que despejasse sua casa. Os fidalgos , que acompanhavaõ o Conde , e os seus escudeiros , não sabendo parte do que o Mestre fizera , vinhaõ todos armados : e sendo ja juntos no Paço , a gente , que começava a crescer pellas ruas , e alguns , que de dentro sahiriaõ , lhes disseraõ que não fossem avante ; que o Conde era morto , e as portas do Paço fechadas ; e a gente era já la tanta , que , se apparecessem , não escaparia nenhum : e assi o fizeram , que se tornaraõ , e cada hum se pos em salvo.

O paje do Mestre , que á porta estava a cavallo , como lhe disseraõ que fosse polla Cidade , começou de ir polla Cidade rijamente a gallope pollas ruas , bradando que acodissem ao Mestre , que o matavaõ nos Paços da Rainha. E assi chegou a casa de Alvaro Paes , que era dahi grande espaço. Os que isto ouviraõ , começaram de alvoroçar , e tomar armas , e acudiraõ prestesmente ao Paço. Alvaro Paes , que estava ja prestes , e armado , cavalgou logo á pressa , ( cousa que não ulava ) e os seus com elle ; e bradando pollas ruas , hia dizendo : *Acorramos ao Mestre , que o mataõ : acorramos ao Mestre , que filho he del Rey D. Pedro.* O povo todo acudio ao Paço a livrar o Mestre : a gente , que  
acu-



acudia, era tanta, e trabalhava tanto cada hum por fer dos primeiros, que se não podia passar pollas ruas, e se impediaõ huns aos outros. E como chegaraõ ás portas do Paço, que acharaõ fechadas por dentro, bradavaõ de desvariadas maneiras: huns diziaõ que o Mestre era morto; outros bradavaõ por lenha, e lume pera porem fogo aos Paços, e matarem o traidor Conde, e a aleivosa da Rainha: outros gritavaõ que quebrassem as portas: outros pediaõ escadas pera subir, e entrar pollas janellas: e alguns delles estavaõ atonitos, não sabendo que fizessem. Muitas mulheres acodiaõ com fogo, e lenha pera queimarem as casas do Paço; e como he natural dellas falarem mais mal de outras mulheres, que dos homens, diziaõ muitas palavras injuriosas, e feias contra a Rainha. Alguns de cima dos Paços, temendo o furor daquella gente taõ prompta a fazer mal, bradavaõ que o Mestre era vivo, e o Conde João Fernandez morto: mas o povo o não cria, e diziaõ com grandes vozes que lho mostrassem, pois era vivo, pera o verem. Os do Mestre vendo taõ grande arruido, e que se hia de cada vez acendendo mais, lhe pediraõ se quizesse mostrar a huma janella, porque doutra maneira poriaõ fogo aos Paços, ou quebrariaõ as portas; e, entrando por força, não lhe poderiaõ tolher fazerem algum desmancho, estando com aquelle furor, e armados. O Mestre se mostrou a huma janella, que vinha sobre a rua onde estava Alvaro Paes, e a mais força da gente, dizendolhes que aslocegassem, que elle era vivo. A gente toda com sua vista ficou mui alegre, e soltaraõ muitas palavras contra a Rainha, dizendo que, pois matara o traidor, porque não matara tambem a adúltera: e outras palavras, que gente baixa junta, e indignada poderia dizer. Poloque se entendeo que, se as portas do Paço



ço se abrião antes do Mestre apparecer, e os asfregar, a Rainha fora morta, e quantos da sua parte, e do Conde se acharão.

Decendose o Mestre á janella, os do Povo lhe pedirão com grandes vozes, que vestisse, e dêsse ao demo aquelles Paços. E vendo o Mestre quam seguro estava com ter todo o povo por si, deceo a baixo, e posse a cavalo com os seus, e foi acompanhado de toda aquella multidão, de que era requerido se mandava que fizessem alguma cousa. O Mestre lhes agradeceo sua offerta: e assi foi para a casa do Conde de Barcellos, Irmao da Rainha, com quem hia jantar. As molheres pollas ruas, por onde o Mestre passava, sahiao ás janellas dizendo-lhe muitas bençoës, e dando graças a Deos porque o viao vivo, por a fama que correra de elle ser morto. A entrada do Rocio o veio o Conde esperar com os seus, e com alguns homens fidalgos da Cidade: e como vio o Mestre acompanhado de tanto povo, o abraçou com muito prazer, dizendo-lhe que vivesse muitos annos por quam bom feito fizera. E assi se forão comer.

## C A P I T U L O VII.

*He morto, e tratado inhumanamente do Povo o Arcebispo de Lisboa, e o Prior de Guimaraes.*

**E** Stando pera se assentarem á mesa a comer, veio recado ao Mestre que acodisse ao Bispo, que os do povo o querião matar. O Mestre quizerá ir la, mas o Conde o estorvou, dizendo que não curasse disso, quer o matassem, quer não; que não faltaria outro Bispo Portuguez, que servisse melhor, se o matassem. E assi cessou o Mestre. O Bispo, que era de nação Castelhana, natural de



de Camora, por nome D. Martinho homem grande letrado, e virtuoso prelado, e que de Bispo de Silves, por seus merecimentos, o veio ser de Lisboa, e habitava em humas casas, que estavam sobre a claustra da Sé, pera dahi poder mais facilmente vir a todas as horas, e officios divinos: e o dia, que o Mestre matou o Conde, e aquella hora, que era tempo de comer, estava elle á mesa com o Prior de Guimaraes, que era seu amigo, e o tinha por hospede: e assi hum tabaliao de Silves seu familiar, que tambem chegara nesse mesmo dia, e ouvindo os gritos das molheres, e arroidos da gente, que hia pola rua pera os Paços da Rainha, e dizia matarem o Mestre, levantou-se da mesa, e com aquelles convidados, e seus familiares se deo á claustra: e dahi, fechadas bem as portas da Igreja, se sobirao todos á torre dos sinos. E quando Alvaro Paes passou, bradarao aos de cima que repicassem. O innocente Bispo com o grande arroido das vozes não sabia que volta era aquella; nem por que mandavao tocar os sinos: e porque seria grande alvoroço na Cidade repicar na Sé, duvidou se o mandaria fazer. Quando a gente popular vio que o Bispo não mandava repicar, e que estava na torre dos sinos, e com as portas da Igreja fechadas, e que se não podiao facilmente quebrar, troxerao escadas, e entrarao na Igreja por hum fresta, e á pressa abrirao as portas, e entrarao quantos quizerao, mas os mais ficavao de fora: todos bradavao que fossem acima, e vissem quem estava na torre, que não quizera repicar os sinos; e, se fosse o Bispo, o lançassem a baixo. Hum procurador do conselho, e o Alcaide da Cidade, e outros subirao pello caracol da torre, por onde não podia ir senao hum ante outro, nem entrar na torre, se lho alguem quizesse defender. O Bispo se



quizera pôr em defenſa , por ſer Caſtelhano , e ſe  
temer da ira daquelle povo : mas confiado em ſua  
innocencia , e tendo ſeguro dos que ſobiaõ pera ſi ,  
e para os que com elle eſtavaõ , os deixou entrar :  
e ſendo perguntado porque não mandara repicar ,  
ſendolhe requerido pelo povo , ſe desculpou com  
razoões mui ſuficientes , e de que ſe ſatisfizerão os  
que lhas ouviraõ. A multidaõ da gente debaixo ,  
que eſtava ao pé da torre , começou a bradar que  
deitaſſem o Biſpo a baixo , ameaçando aos que lá  
forão , que tambem os aviaõ de deitar a elles.  
Quanta mais detença faziaõ os de cima , tanto as  
ameaças , e gritas dos debaixo eraõ maiores : pol-  
lo que elles matareaõ o Biſpo , e o lançaõ da tor-  
re a baixo , e com elle o Prior de Guimaraes , e o  
tabaliaõ. E como a gente baixa de ſua natureza  
he vil , e inclinada a mal , maiormente quando  
ſe acha ſolta , e junta em hum corpo , não conten-  
tes com terem morto ſeu paſtor , e Pontifice taõ  
ſem cauſa , deſpois de ficar nú de todas ſuas veſti-  
duras , de que logo foi deſpojado , o ataraõ com  
hum baraço pellas pernas , e arraſtrando polla Ci-  
dade com as partes vergonhoſas deſcubertas , e com  
ignominioſos pregoens diante , o levaraõ ao Rocio ,  
onde o comeraõ os caes até o outro dia , que por  
o mau cheiro o mandaraõ ſoterrar , como tambem  
fizeraõ ao Prior , e ao tabaliaõ.



## CAPITULO VIII.

*Vem o Mestre a visitar a Rainha : parte-se ella  
pera Alenquer : e o Mestre trata de se ir  
pera Inglaterra.*

**C**omo o Mestre, e o Conde comeraõ, veio-se para elles o Conde D. Alvaro Pirez de Castro; e pondole todos a cavalo foraõ a casa da Rainha pera o Mestre lhe pedir perdaõ do que aquelle dia fizera em seus paços: e os do Mestre entraraõ com elle armados na camara da Rainha; do que ella se queixou, dizendo pera elles: Que mau ensino he este, ou que entrada de Camara? e como todos hemos de estar em conselho? Os do Mestre se deixaraõ estar sem falar, nem se moverem. E a Rainha tornou a dizer-lhes: Ora estai em boa hora, pois agora assi quer Deos. Nisto se assentou a Rainha, que ao Mestre se alevantara; e o Mestre se assentou entre os dous Condes. Despois de assentados, se levantaraõ todos tres, e se puzeraõ de giolhos ante a Rainha, dizendolhe o Mestre que lhe perdoasse o erro que fizera em matar o Conde no Paço, e que elle o fizera por assegurar sua vida: e que serviços esperava fazerlhe, com que se compenhasse aquelle desgosto que lhe dera. A Rainha respondeo a isto nada; mas no gesto mostrou que lhe pezava de ver o Mestre. Pollo que o Conde D. Alvaro Pirez lhe disse: Senhora, porque naõ respondeis ao Mestre, e naõ lhe perdoais? naõ he hum homem mais obrigado, inda que fosse a Deos, que pedirlhe perdaõ? Perdoailhe, pois vos pede perdaõ, e he filho de hum Rey. Naõ respondendo nada a isto a Rainha, lhe disse o Conde de Barcellos seu Irmaõ outro tanto. E sendo ella assi



forçada a responder, como em escárnio disse: De que serve esse perdao? elle de si está perdoado. Falemos em outras cousas. Mudado o proposito, disse a Rainha: E se el Rey de Castella vier a este Reyno (como dizem) que se fará? Disse o Mestre: Senhora, se lhe vós requererdes que não venha, não virá; porque elle he homem de razão. Ponhamos (disse a Rainha) que lho mando eu requerer, e dis que não quer. Então, Senhora, (disse o Mestre) juntaí vossa gente, e estorvaille a vinda. A Rainha á maneira de escárnio começou de se sorrir, e disse: Boa razão he essa: era el Rey meu senhor vivo, e vós outros todos com elle, e não o podieis fazer, quanto mais agora, que com elle nos morrerao todas nossas esperanças? O Conde D. Alvaro vendo o medo, com que lhes a Rainha falava, levantouse em pé, e disse ao Mestre: Senhor, levantaivos, e vamonos embora; que a Rainha nossa senhora de quanto aqui falarmos se não ha oje de contentar. Então se levantarao, e despediraõ della: e, em se abrindo a porta, vio a Rainha ainda jazer o Conde onde o mataraõ, e disse contra elles: O' Santa Maria, que crueldade tamanha! não aveis ora dó desse homem, que hi jas morto taõ deshonoradamente? Se quer, por ser homem fidalgo como vós, avei compaixão delle, e fazeio enterrar, não jaza assi. Elles não curaraõ disso, e se foraõ pera suas pousadas. O Conde esteve alli todo o dia cuberto com hum tapete velho, que ninguém ousava de lhe por mão pera o soterrar: e estava vestido, ainda que o tempo era de luto, em hum gibaõ de setim cramesim, e hum tabardo de pano preto fino. A idade daquelle Conde quando morreo era de perto de quarenta annos, e elle de corpo mui bem disposto, e lustroso. Depois que foi bem noite, o mandou a Rainha encubertamente



te enterrar na Igreja de S. Martinho, que era logo junto do Paço: e na mesma noite se passou ella daquellas casas pera os Paços Dalcaçova.

Sabendo a Rainha quão mal quista era do povo, e quantos males os homens, e molheres de Lisboa dizião, não sabia que meio tomasse pera assegurar sua vida, e honra: e o melhor remedio, que achou, foi irse daquella Cidade pera a sua Villa de Alenquer: e em feito se foi com toda sua casa. E olhando no caminho pera Lisboa, que lhe ficava atrás, como quem hia magoada, dizia que de mau fogo a visse inda queimada, e arrazada. Os que com ella foraõ eraõ o Conde D. João seu Irmaõ, Gonçalo Mendes de Vasconcellos, seu tio D. Fernando Afonso de Albuquerque, Mestre de Santiago, Meçer Lançarote Pelano Almirante, Martim Gonçalves de Ataide, Pero Lourenço de Tavora, João Affonso Pimentel, Senhor de Bragança, e Ayres Vasques Dalmada, e todos os despachadores dos negocios da justiça, e fazenda: apos a Rainha em guarda de sua recamara João Bernardon, e Martim Paulo Gascoës, que ficaraõ del Rey D. Fernando com certas lanças.

E como a tençaõ do Mestre principal de matar ao Conde João Fernandez foi vingar a deshonor del Rey D. Fernando seu Irmaõ; e não cobica de senhorio; tanto que a Rainha partio pera Alenquer, não se tendo por seguro della, determinou irse a Inglaterra: e mandou fazer prestes em duas naos de mercadores, que na Cidade do Porto estavaõ. E como antes da partida examinasse sua conciencia, chamou Vasco Porcalho, Comendador Mór de Aviz, e lhe contou como a Rainha lhe dissera quando fora preso, que o dito Vasco Porcalho dera a entender a el Rey D. Fernando como elle se queria ir a Castella pera o Infante D.

João



Joaõ seu Irmaõ em deservico del Rey: e que por tanto o mandara el Rey prender, e que por a má vontade, que lhe tivera, e tenção de o matar, como defeito matara, se despois não cuidara que niffo não ganhava honra, lhe pedia perdaõ. Vasco Porcalho ficou espantado, e disse, despois de soltar palavras deshonestas, e injuriosas contra a Rainha, a que o Mestre lhe foi á mão: Eu, senhor, vos tenho em merce não me matardes, tendo pera vós que tanto pequei contra vossa pessoa: e a Deos agradeço darvos taõ bom entendimento para cahirdes na verdade. E vos juro em minha alma que nunca tal cousa disse, nem me passou pella imaginação: e queixome, senhor, de vós, por mo não dizerdes despois que me perdestes aquellerancor; porque, se eu tal soubera quando vós matastes o Conde, matara eu tambem aquella falsa mulher. O Mestre lhe disse que não fallasse mais sobre aquillo, e falasse em outras cousas.

As razões, que ao Mestre moviaõ a apressar sua ida pera fora de Portugal, era conhecer a condição da Rainha; que, alem do natural das mulheres, que he serem vingativas, ella o era mais que todas: mas como mulher de grandes spiritos, e astuta que era, onde maior odio tinha, ali mostrava mais benevolencia. Pollo que o Mestre tinha por mui suspeita a mostra de amizade que lhe fazia, e se temia mais della: e tanto cria que lhe tinha maior odio, quanto mais affeçoada era ella ao Conde Joaõ Fernandez, de que elle a apartou.

Ajuntavase a isto ter ella mandado chamar a el Rey de Castella. Pollo que, sendo ella Rainha, e tendo o favor del Rey presente, não confiava o Mestre que sua vida estava segura, pois em vida del Rey D. Fernando, não sendo agravada d'elle, o fez prender, e o fazia matar. Alem disto muitos  
dos



dos que se a elle chegaraõ, o deixavaõ, e se passavaõ á Rainha, como fez Vasco Porcalho, e Martin Añes de Barbuda, commendadores de sua Ordem, e Garcia Peres Craveiro de Alcantara, que pera elle se viera.

## CAPITULO IX.

*Trata o povo de Lisboa de dissuadir o Mestre da jornada, que intentava: e os meios, que para isso tomaraõ.*

**Q**Uantos desejos tinha o Mestre de se ir, tanto tinha toda a gente de Lisboa de elle ficar: e tanto trabalharaõ pera o reter, por os grandes males, e destruição, que esperavaõ lhes viessem, se cahissem nas mãos da Rainha Dona Leanor, ou del Rey de Castella: porque a Rainha, como mui afrontada que foi de palavras feas, e deshonestas, e por o favor, que deraõ ao Mestre pera matar o Conde Andeiro, e por quanto tinhaõ trabalhado com el Rey D. Fernando que não casasse com ella, desejava (como ella dizia) de ver a Cidade destruida, e arrazada de sal. A el Rey de Castella temiaõ muito, por lhe não deixarem levar seu pendaõ polla Cidade, e o não reconhecerem por Rey, e por as injurias feitas á Rainha, e ao Bispo de Lisboa; pollo que temiaõ os castigassem nas pessoas, e nas fazendas, e lhes puzesse mui duro jugo: e nenhuma salvação achavaõ, mais que em o Mestre se não ir, porque viaõ nelle tanto esforço, saber, e authoridade; e pera com elles tanta benevolencia de todos; que, tendo por seu capitaõ, se atreviaõ a defender de todos os perigos. Pollo que se foraõ a elle, pedindo-lhe os não quizesse desamparar, deixando o Reyno,



no, que seus avós ganharaõ em poder de Castelhannos : os teriaõ em que dura sogeiçaõ como a inimigos.

Punhaõlhe diante a indignaçã da Rainha, em que encorreraõ por o ir livrar a elle da morte, quando foi a do Conde Joaõ Fernandez, cuidando que o queriaõ matar ; e as muitas causas, que tinhaõ de se temerem della, e del Rey de Castella, por quem se esperava. Pediaõlhe naõ se quizesse ir, e que o tomariaõ por senhor, e defensor, e que se senhoreasse logo de todos os thesouros, alfandegas, e almazens da Cidade, e das rendas della : e que assi disto, como do castello, o meteriaõ logo de posse : e que certos estavaõ, que o mesmo fariaõ as Cidades, e Villas do Reyno. O Mestre se escuzava a todos com boas palavras, e de muita humanidade, e os consolava, e confortava que naõ delesperassem, que naõ seria o mal que temiaõ. Estas escusas naõ queria o povo receber ; mas cada vez que o Mestre cavalgava, o cercavaõ, e huns pegavaõ pollas redeas do cavalo, outros pellas fraldas de sua roupa, chamandolhe seu defensor, e offerecendolhe suas fazendas. Sendo assi o Mestre cercado de tantos, e rogãdo que os quizesse por Vassallos, Ruy Pereira disse ao Mestre : Senhor, quereis que vos diga : vós dizeis que vos ides pera Inglaterra, mas a mim pareceme, que bom Londres he este. E hum homem fidalgo, por nome Alvaro Vasques de Goes, se chegou ao Mestre apartado, e lhe disse : He verdade, senhor, que vos quereis ir pera outra terra ? O Mestre respondeo que si. Que razã ( tornou a dizer ) vos move para o fazerdes ? Move-me ( disse o Mestre ) a vinda del Rey de Castella, e os mores do Reyno, que seguem todos a parte da Rainha, que me tem grande odio, e me fará todo o mal, e deshonra,



honra, que puder. E para que parte (disse Alvaro Vasques) vos quereis ir? Para Inglaterra (disse o Mestre) E que vida (disse Alvaro Vasques) aveis lá de fazer? O Mestre respondeu que hia servir a el Rey na guerra, que tivesse com seus inimigos, e ganhar honra, e fama, que todos os bons desejavaõ alcançar. Alvaro Vasques tornou: Que lá andeis quanto tempo quizerdes, e sirvais a el Rey tambem como eu entendo, que fareis, quando esperais de ganhar por armas huma Cidade como Lisboa, em que estais, e cujos moradores vos querem por senhor, e vos desejaõ servir, e dar quanto tem, e morrer por vós? E se vós honra quereis ganhar, onde tendes mais materia de a alcançar, e fazer vosso nome immortal, que defendendo a terra, em que nascestes, e onde vos criastes: e que os Reys vossos avós ganháraõ pella lança, e com gente que tanto de coração vos deseja servir: e que, se cahio em mau caso com a Rainha, foi por vos salvar a vós. E como as palavras ditas com efficacia, e em tempo, e lugar movem os corações dos homens, e os forçaõ, fizeraõ tanto abalo no animo do Mestre aquellas palavras de Alvaro Vasques, que começou a cuidar na maneira, com que no Reyno podia ficar com sua honra, e seguridade,

Cuidando pois o Mestre no que á aquelle feito cumpria, mandou chamar Alvaro Paes, e alguns dos principaes, que lhe fallavaõ: e lhes disse, que este negocio era muito pelado, a que elle achava muitos contrarios, e inconvenientes: e que vissem naõ emprendessem cousa, com que naõ pudessem sair, e metessem o Reyno em novas guerras, e trabalhos, como tiveraõ no tempo del Rey D. Fernando: e que estava prestes pera executar tudo aquillo, que achassem que podia ser bom meio



e boa faida. Aquelles cidadãos, depois de muitas consultas que tiverão, acháráõ que o melhor meio era, para quitar males, e guerras, que o Mestre casasse com a Rainha Dona Leanor, porque ella tinha o governo do Reyno por certos annos: e que entre tanto podia ser que ouvesse el Rey de Castella filho da Rainha Dona Briatís, e que seria trazido ao Reyno, e criado nelle, conforme as capitulações: e o Mestre com a Rainha seria regente do Reyno. E que quando o novo Rey viesse a ser de idade, ficaria o Mestre Governador do Reyno, e o maior delle: e que desta maneira ficavaõ todos seguros da Rainha: e que o Papa por bem da paz dispensaria com elles facilmente. Isto foi dito ao Mestre, e polo em conselho. E por parecer a todos bem, mandáraõ á Rainha por embaixador a Alvaro Gonçalves Camello, que depois foi Prior do Crato, e Alvaro Paes, os quaes a Rainha recebeo com fingido gazalhado, porque a Alvaro Paes tinha capital odio: e propondo assi o requerimento do casamento, como a segurança dos moradores de Lisboa por a uniaõ, que fizeraõ contra ella, no do casamento se não acordou com elles. E quanto á segurança, como ella era prudente, e sabedora, vendo que, não lha dando, segundo andavaõ levantados, se seguiria maior dano, lha deu: e pera mais firmeza ao tempo, que os assegurou, fingio que comungara de hum hostia, a qual na verdade não era consagrada. E queixandose perante a Rainha huns fidalgos a outros, no tempo que ali estavaõ aquelles embaixadores de cousas de sua fazenda, que lhe ficaraõ em Lisboa, disse a Rainha que de nenhuma cousa, que lhe lá ficasse, lhe pesava tanto como do capacete, e cota de Alvaro Paes; o que ella dizia por a cabeça, que era calva, e por o corpo, entendendo quanto lhe pesava de



de naõ ser morto. Polloque Alvaro Paes se apres-  
fou a tornar a Lisboa. Naõ aver esta embaixada  
bom effeito, naõ era de espantar ; porque a elei-  
çaõ dos Embaixadores, que a ella foraõ, naõ foi  
bem considerada : porque sendo huma das princi-  
paes partes do Embaixador, que seja aceito á pes-  
soa a que se manda, ou ao menos que tenha par-  
tes pera lhe ser aceito, e pellas quaes se possa in-  
sinuar em sua benevolencia ; os de Lisboa manda-  
vaõ por embaixador á Rainha Alvaro Paes, que  
fora a principal causa da morte do Conde Joaõ  
Fernandes, e do Bispo, e das injurias, que á mes-  
ma Rainha foraõ ditas, e feitas : e das inquieta-  
çoës, e sediçãos, que já no Reyno havia.

CAPITULO X.

*He o Mestre eleito pelo povo por defensor, e Re-  
gedor do Reyno : começa a exercitar o officio :  
faz novos officiaes.*

**E**M quanto os Embaixadores foraõ a Alen-  
quer, ouve grande alvoroço, e ajuntamen-  
tos no povo de Lisboa, sabendo que el Rey  
de Castella se vinha chegando ao Reyno : e a to-  
dos pareceo cousa escusada mandar recados á Rai-  
nha. Pollo que diziaõ entre si : Que esperavaõ mais,  
que fazer leu defensor ao Mestre ? Ao qual todos  
pediaõ tomasse cargo de os defender. O Mestre  
vendo seu desejo, outorgoulhes de o fazer, com  
tanto que se ajuntassem no Mosteiro de S. Domin-  
gos, onde lhes queria falar sobre sua estada, pois  
que tanto o apertavaõ. Juntos todos no dito Mos-  
teiro, o Mestre lhes propos as muitas causas, que  
tinha para se ir de Portugal ; mas já que tanto lho  
pediaõ, ficaria por serviço, e honra do Reyno,



com tanto que o sustentassem naquelle estado, e honra que cumpria para defenlaõ delle. Todos a huma voz, sem esperar que hum falasse, disseraõ que eraõ contentes de o servir com suas pessoas, e fazendas até morrer por elle. O Mestre lhes respondeo: Que elle era contente de tomar cargo de sua defenlaõ, e aventurar por elles sua pessoa. Destas palavras do Mestre tomou aquelle povo tanta contolaçaõ, e esforço, que nenhum temor lhes ficou, mas grande esperança de averem em sua determinação o fim que desejavaõ. E logo disseraõ ao Mestre: Que, por quanto se ali não acharaõ todos os Cidadãos principaes presentes, seria bom que fossem chamados á Camara para outorgarem no que elles fizeraõ.

Ao Mestre pareceo bom seu conselho: e juntos em Camara foi tratado por parte dos que ao Mestre seguiraõ, como todo o povo o tomava por seu Regedor, e defensor. E que agora lhes requeria aos que eraõ chamados, se lhes aprazia consentir no que os outros tinhaõ assentado? A isto calaraõ todos, sem algum responder: outros falavaõ mui manso com os que estavaõ assentados junto com elles: de maneira, que nenhum mostrava consentir, porque lhes parecia difficil a empreza, e perigosa, assi por receio del Rey de Castella, que era poderoso, como da Rainha que era vingativa. Estando assi suspensos sem darem resposta, hum Afonso Anes tanoeiro, que era dos que queriaõ ao Mestre por senhor, vendo que nenhum dos mais nobres falava, começou de passear ante elles, e pos a mão na espada, que trazia cingida, e lhes disse: Que estais vós aqui fazendo? ou que cuidais? Porque não outorgais o que outorgaõ quantos aqui estaõ? E como inda vós duvidais de tomar o Mestre por Regedor destes Reynos? Pareceme que não sois ver-



verdadeiros Portuguezes. Aquelles Cidadãos nobres praticavaõ nisto com mais deliberação, como homens que tinhaõ mais que perder, que os plebeos, que seguiaõ ao Mestre: e porque tardavaõ em responder, o tanoeiro já mais agastado pos a mão na espada outra vez, e disse contra elles: Vós outros que fazeis aqui? Ou outorgai a quem vos dizem, ou dizei que não quereis; porque eu nesta causa não tenho mais que aventurar, que este peçoço: e quem não quizer consentir, sabei que logo o ha de pagar pello seu, antes que daqui saia. Os do povo miudo, como são inclinados a seguir cousas, que tragaõ novidade consigo, e muito mais quando achaõ capitaõ de sua medida, disseraõ todos o mesmo. Vendo aquelles nobres que foraõ chamados, que lhes não cumpria discordar daquelle povo já indinado, aprovaraõ tudo o que os outros tinhaõ feito, e o escreveraõ, e affinaraõ.

Ficando assi o Mestre por voto da Cidade feito Regedor, e defensor do Reyno, sem demora alguma começou a usar de sua jurdição. Primeiramente mandou fazer dous sellos, hum pendente, e outro chão, de armas Reaes direitas, assentando o escudo sobre a Cruz da Ordem de Aviz; e seu Chancarel mór o Doutor João das Regras, que era grande letrado, e discipulo de Bartolo, que naquelle tempo florescia. O titulo, que tomou, era Dom João por graça de Deos filho do mui nobre Rey Dom Pedro, Mestre da Cavallaria da Ordem de Aviz, Regedor, e defensor dos Reynos de Portugal, e do Algarve. Os que tomou pera seu conselho, foraõ o mesmo Chancarel mór João das Regras, D. Lourenço Arcebispo de Braga, João Afonso Dazambuja. Este he o D. João, que foi Bispo de Coimbra, e Arcebispo de Lisboa, e depois foi creado Cardeal do Titulo de S. Pedro ad



vincula pello Papa Joaõ XXIII. no anno de 1411, e que tornando de Roma a Portugal, faleceo na Villa de Burges do Condado de Frandes no anno de 1415. He de notar a prudencia, e entendimento do Mestre; que sendo mancebo de 25 annos, e homem militar, e que estava certo vir ás armas contra hum Rey mui poderoso, naõ tomou em seu conselho homens sómente valentes pelo braço, se naõ pella cabeça, e letras, e de authoridade, e idade pera governar outros: de que a este Principe vieraõ as cousas succeder tam bem, como no discurso de sua vida se verá: como pollo contrario aos Principes, que com homens sem idade, sem doutrina, e experiencia se aconselharaõ, aconteceraõ maos successos, e fim, que em suas cousas ouveraõ: do que as escrituras sagradas, e profanas estaõ cheas, e como tanto á custa da Republica nos tempos proximos a estes vimos por experiencia.

Os Dezem bargadores do Paço, que fez, foraõ o Licenciado Joaõ Gil, e Lourenço Esteves o moço, filho de Lourenço Esteves o privado del Rey D. Pedro: Veedores da fazenda, fez o mesmo Joaõ Gil, e Martim da Maya. Corregedor de Lisboa, que entaõ era hum só do Civel, e Crime, fez Lopo Martins, mercador da mesma Cidade: e os mais officios repartio como Principe prudente, naõ tendo respeito a yalias, nem adherencias como nos tempos miserrimos mais chegados a nós; mas davaos áquelles, que melhor os soubessem administrar; encarregando os officios de letras aos mais letrados; os das armas aos mais esforçados, e praticos na guerra; os da fazenda aos que sabiaõ mais della: e naõ andava no seu tempo o dito comum, e de homens ignorantes, que andou nos nossos: Que os Reys naõ tinhaõ necessidade de habilidades. Contra aquella sentença de Plataõ: Que entaõ



taõ se podem chamar felices as Republicas, quando os Sabedores as mandaõ, ou quando os que as mandaõ saõ sabedores. Em quanto isto se ordenava chegaraõ de Alenquer Alvaro Gonçalves Camello, e Alvaro Paes com reposta, e cartas da Rainha, que o Mestre naõ quis ler, mas em publico as rompeo, para que se naõ lesse cousa, em que lhe negasse a Rainha o que já elle naõ aceitaria, ainda que lho concedesse.

Tanto que o Mestre se declarou por defensor do Reyno, e Regedor, os criados da Rainha, e seus familiares, e sequazes se foraõ de Lisboa com medo dos alvoroços, que andavaõ, e movimentos, que esperavaõ: e muitos deixavaõ suas fazendas em mãos de amigos, de que muita parte, sendo descobertas, o Mestre dava a quem lhas pedia: e de alguns thesouros, que ficaraõ escondidos, ouve o Mestre hum grande da Condeça de Barcellos, que deixou sobre a porta principal de S. Domingos, junto com o telhado, em que avia muitas baixellas, e dinheiro, e pedraria. Alvaro Paes vendo as fazendas, que se pediaõ ao Mestre, e que alguns lhe aconselhavaõ que as tomasse pera si, e naõ desse assi tantas riquezas, lhe disse: Senhor, tomai de mim hum conselho, que vos ajudará a levar vossa empreza adiante: dai o que naõ he vosso, e prometei o que naõ tendes, e perdoai a quem vos errou. O Mestre o fez assi: e dava todos os bens assi moveis, como de rais, nos lugares que por elle estavaõ, dos que andavaõ com a Rainha, ou se hiaõ pera el Rey de Castella: e assi mesmo prometia officios, e cousas dos lugares, que ao diante esperava cobrar. E quantas mortes, e maleficios lhe requeriaõ, perdoava, tirando traçaõ, ou aleive. E ainda os culpados nesses crimes, se foraõ feitos antes da morte do Conde João Fernandez,



nandez, os perdoava com condição, se dentro de certos dias viessem a Lisboa para servir á sua culta, em quanto durasse a guerra.

A tenção do Mestre, segundo alguns dizem, quando se fez Regedor do Reyno, era ganhar honra, e gratificar á gente de Lisboa, que tão amiga se lhe mostrava, esperando que o Infante D. João seu Irmão fosse solto por alguma via, e entregar-lhe o Reyno. E tendo o Mestre desejo de lho fazer saber na prizaõ onde estava, aconteceu que hum escudeiro do Infante ouvindo dizer que o Mestre se queria fazer defensor do Reyno; e por outra parte, que se queria ir fóra da terra, determinou de fazer saber ao Infante huma, e outra cousa. E porque el Rey de Castella mandara que fossem presos os criados do Infante, que no lugar de sua prizaõ fossem achados, por meio de hum frade em confissão lho mandou dizer, e tambem o que faria de si. O Infante folgou muito com aquella nova, e dizem que lhe mandou dizer: Que lhe rogava a elle, e a todos os mais criados seus, que se fossem pera o Mestre seu Irmão, e o servissem: e que lhe dissessem de sua parte, que em toda a maneira se chamasse Rey de Portugal, se o queria ver solto; que, doutro modo, não esperava sahir da prisaõ.

Alguns dizem que sobre isto lhe escreveo huma carta. O escudeiro se partio de Toledo, e achou João Lourenço da Cunha, marido que fora da Rainha Dona Leonor, e outros criados do Infante, a que contou tudo o que lhe dissera o Infante: e por outra via o souberaõ, e se vieraõ a Lisboa pera o Mestre.



## CAPITULO XI.

*Mudase a Rainha de Alenquer para Santarem: segue Nuno Alvarez Pereira ao Mestre, e he favorecido delle.*

**A** Rainha como soube fora dos de Lisboa eleito defensor, e regedor do Reyno, foi metida em varios pensamentos, todos fundados em lhe empecer: e não se tendo por segura em Alenquer, quizerase mudar para Santarem; mas pol-la rebelliaõ, que mostraraõ em não consentir que o Alcaide levantasse o pendaõ del Rey de Castella, como ella mandara, não oulva irse: escreveo entaõ a Gonçalo Vasques de Azevedo, Alcaide mór da Villa, com quem tinha parentesco, que contentasse os animos dos moradores della. Gonçalo Vasques falou com os principaes juntos em huma Igreja, dizendolhes que, cuidando elle nas cousas, que passavaõ no Reyno, e nas que podiaõ acontecer, lhe veio á memoria que seria bom que os daquela Villa fizessem hum comprimento á Rainha, que não estava segura em Alenquer, que se viesse pera ella, e a serviriaõ, e a recolheriaõ como sua Senhora que era: e que ella lhes ficaria agradecendo isso. Aos da Villa pareceo bem o conselho, e disseraõ que lho escreveriaõ. Logo Gonçalo Vasques se offereceo a ser mensageiro, e levar as cartas á Rainha, a qual mandou agradecer á Villa sua offerta, prometendo a todos honras, e merces: e de feito se foi lá, deixando em o Castello de Alenquer por Alcaide Vasco Pirez de Camoës; e por guarda da Villa Martim Gonçalves de Ataide. A Rainha por maior dó, sendo recebida dos nobres da Villa, entrou nella sobre huma mulla de albar.



da cuberta de hum grande pano negro, e de maneira que lhe não apparecia o rosto, porque por o culto exterior queria ella mostrar a temperança, e continencia interior.

Ao tempo, que o Mestre matou o Conde João Fernandez, Nuno Alvarez Pereira estava em Santarem; e como o ouvio, se foi logo a D. Pedro Alvarez Pereira Prior do Crato seu irmão, pedindo-lhe quizesse que se fossem para o Mestre ao ajudarem em huma obra tão heroica, e honrada, como era defender o Reyno da sogeição de Castella; mas por mais razões, que lhe deu, o não pode mover, porque sempre pareceo ao Prior desesperada a causa do Mestre: e tendo convertido ao serviço do Mestre a seu irmão Diogo Alvarez, com quem veio para Lisboa, se arrependeo, e se tornou do caminho para o Prior. Nuno Alvarez seguiu seu caminho, estando a Rainha ainda em Alenquer: e chegando a Alverca, onde determinava de dormir, soube a Rainha como hia para Lisboa servir ao Mestre; e quizerão mandar prender, dizendo aos que estavaõ com ella: Vistes tamanha doudice como a de Nuno, que eu criei de tamanino, que deixa o Prior seu irmão, e se vai a Lisboa para o Mestre? Nuno Alvarez foi avisado, e aquella noite disse a seus escudeiros que se temia de a Rainha os mandar prender: que estivessem apercebidos para se defender, e antes se deixassem morrer, que ser presos. E toda a noite estiveraõ armados, e os cavallos sellados. Ao outro dia chegou Nuno Alvarez a Lisboa, que de todos foi recebido com muita alegria, e muito mais do Mestre, a cujo serviço elle se offereceo: e por o grande valor de Nunalvarez, e prudencia, sendo tão mancebo, o meteo no conselho, e não fazia nada sem elle. Quando Eiria Gonçalves, mãe de Nuno Alvarez, soube como elle



elle era em Lisboa, veio de Portalegre a lhe dissuadir o caminho, que tomava de seguir ao Mestre, por o grande perigo, que nisto via; mas elle lhe deu taes razões, com que ella o teve por bem aconselhado, e lhe mandou por sua benção, que nunca deixasse o Mestre: e que logo faria vir para elle a Fernão Pereira seu Irmão. O Mestre sabendo da vinda de Eiria Gonçalves, e da causa della, a foi ver á sua pousada, e rogoulhe não mudasse seu filho de seu bom proposito, porque dahi esperava se lhe seguisse muita honra, e acrescentamento. Ella, que já estava devota do Mestre, lhe disse quanto contentamento com isso levava: e que por sua benção lhe tinha mandado que sempre o servisse: e partindose, mandou logo ao Mestre Fernão Pereira como prometera.

## CAPITULO XII.

*Como ficou pello Mestre o Castello de Lisboa, e seguiu sua voz a Cidade de Beja, e de alguns Castellos, que o povo tomou.*

O Mestre, que em nenhuma cousa imaginava, se não nos meios, porque podese sair com sua empresa, achava grande impedimento em o castello de Lisboa estar polla Rainha contra elle: e como a Rainha se temia que faria por o aver, encomendou ao Conde de Barcellos seu Irmão, que era Alcaide mór de Lisboa, se metesse no Castello com os seus, e gente que o guardale. Pollo que o Conde mandou a Affonso Anes Nugueira, que se viesse á Cidade, e com os mais dos seus escudeiros se apoderasse do castello. Affonso Anes se foi a Lisboa; e falando aos do Conde, achouos já mudados, e da devação do Mestre: pollo que



com 10, ou 11 escudeiros se lançou dentro polla porta da traição. Martim Affonso Valente, que era Alcaide do castello por o Conde D. Affonso, foi requerido da parte do Mestre, que o desse, e não consentisse que por elle viesse mal á Cidade, e ao Reyno, dandolhe muitas razões para o fazer. Martim Affonso se elcufou, dizendo: Que elle tinha aquelle Castello pollo Conde D. João, a quem fizera preito, e omenagem: e por nenhuma cousa do mundo cahiria em tão mau caso. O Mestre determinou fazer huma machina, que chamaõ gata, para de sobre ella mandar picar o muro, e entrar dentro. Os de fóra diziaõ aos do castello, que o dessem ao Mestre, se não que juravaõ a Deos que poriaõ em cima daquella gata Constança Affonso, mãi de Affonso Nogueira, e Irmaã da molher de Martim Affonso Valente, e as molheres, e filhos de quantos dentro estavaõ: e que entaõ lançassem de cima fogo, e pedras, e quanto quizessem. Alguns dos de dentro receando isto, diziaõ ao Alcaide: Que antes se sahiriaõ fóra, que darem occasiaõ de lhe matarem as molheres, e filhos. Primeiro que a gata fosse feita, Nunalvarez Pereira quis falar com Martim Affonso, e Affonso Anes Nogueira, entendendo que lhe dariaõ o castello: e taes razões lhes disse, que assi por ellas, como por verem a gente do povo alvoroçada pera lhes dar combate, e que a gente de dentro estava determinada a não soffrer que lhes trouxessem os filhos, e molheres onde os mataassem, renderaõse com condiçaõ; que Martim Affonso o faria saber primeiro á Rainha, e ao Conde, a quem tinha feito omenagem: e que não sendo socorrido dentro de 40 horas, entregariaõ o castello: e pera isso deraõ Affonso Anes Nogueira em arrefens a Nunalvares: e sendo dado recado á pressa ao Conde de Barcellos, elle o disse



se á Rainha, a qual respondeo: Que, pois em tão pequeno termo, os não podia soccorrer, que se dessem: e que quem despois ouvesse a Cidade, averia o castello. Martim Affonso se veio para o Mestre: e elle, e Affonso Anes, e todos, os que dentro estavaõ, lhe foraõ leaes servidores.

Em quanto isto assi passava, avia pollo Reyno muitas disselloes entre os nobres, e os do povo miudo sobre levantarem bandeiras por a Rainha Dona Briatís, por os nobres serem de seu bando, e da Rainha Dona Leanor, e os do povo soffrerem mal ficarem logeitos a el Rey de Castella. E como louberaõ, que o Mestre era declarado defensor do Reyno, começaraõ a se esforçar mais, e perseverar em sua opiniaõ. Pollo que os da Cidade de Beja, estando o castello polla Rainha Dona Leanor, tiveraõ cartas della, que, se el Rey de Castella por hi viesse, o recolhessem sem nenhum temor. E comunicando isto os principaes com os do povo, não quizeraõ obedecer ao mandado da Rainha; mas contra a gente de cavallo, que no castello estava em favor del Rey de Castella, tomáraõ armas: e pondo fogo ás portas da fortaleza, entráraõ dentro, e levantáraõ bandeira por o Mestre. E ajuntandose 50 homens de cavalo, foraõ de Beja a Villa de Collos no campo de Ourique, onde lhes foi dito, que o Almirante Migel Lançarote Pestano chegava por se ir á Villa de Odemira no Reyno do Algarve, de que elle era Senhor, para ter o castello em nome da Rainha; e o prenderaõ, e trouxeraõ a Beja com toda a fazenda, que lhe acháraõ: e em quanto levavaõ ao Mestre o despojo, que lhe tomaraõ, temendose os da Cidade que o Almirante se levantasse com o castello, toraõ lá todos requerer ao Guarda que o lançasse fora. E por elle o não fazer por medo do povo, a gente bradou



dou ao Almirante, que decesse a baixo da torre da omenagem, em que estava, e não ouvesse medo: elle o ouve de fazer, cuidando de achar nelles piedade: e o matáraõ deshonoradamente. Era este Lançarote Pessano filho de Miçer Manoel Pessano, fidalgo Genoves; que vindo servir a el Rey D. Dinis, o fez seu Almirante: e entre muitas coulas, que lhe deu, foraõ as calas, e bairro coutado em Lisboa, que despois foi dos Marquezes de Villa Real, o qual casando neste Reyno com humna Dona Genebra, ouve della Carlos, e Bartholomeu Pessanos, e sucessivamente foraõ Almirantes apos seu pai; e por morrerem sem filhos varoẽs, lhes succedeo no officio este Meçer Lançarote seu Irmaõ de segundo matrimonio, que deixou por succesor do officio seu filho Miçer Manoel Pessano; que, por tambem morrer sem filhos, ficou o cargo a Miçer Carlos seu Irmaõ, que de Dona Izabel Pereira Irmaã de Nunalvarez Pereira, com que cazou, ouve Dona Genebra 4. mulher de D. Pedro de Menezes, Conde de Viana, e primeiro Capitaõ de Cepta, com a qual o dito Conde ouve o Almirantado em cazamento, e assi ouve Dona Briatís Pereira 1. mulher de Ruy de Mello, senhor de Mello, que por este cazamento, e por morte da dita Dona Genebra sua cunhada, por ella do Conde não aver filhos, foi tambem Almirante, que he o que jaz na Capella mór da Trindade de Lisboa.

Estas divisoões dos grandes, e pequenos avia por muitos lugares do Reyno; os grandes escarneciaõ dos pequenos, e plebeos, e lhes chamavaõ o povo do Mexias de Lisboa, porque esperavaõ que o Mestre os remisse da fogueiaõ del Rey de Castella: os pequenos chamavaõ aos grandes traidores, e cismaticos: mas o esforço começouse taõ grande na gente miuda, que os grandes começaraõ aos temer, e ser



e ser delles mal tratados , sómente por falarem contra o Mestre , que parecia que Deos lhes inspirava aquelles animos , e covardia nos grandes : porque muitas fortalezas do Reyno se tomaraõ polla gente miuda , e desarmada , e sem Capitaõ , que os Reys antigos com muita gente de armas , e por longos tempos não podiaõ ganhar , como foi o castello de Portalegre , que tinha D. Pedro Alvarez Pereira , Prior do Hospital por a Rainha ; que começando o povo de o combater polla manhãa , antes do meio dia lho tinhaõ tomado. E o da Villa de Estremos , que tinha Joane Mendes de Vasconcellos tio da Rainha , ouveraõ em breve por hum ardil , que entaõ costumavaõ muito , que foi porem as mulheres , e filhos dos que dentro dos castellos estavaõ , em huma carreta ao pé do muro , onde era o mór perigo das setas , e tiros de cima , dizendo-lhes : Que a maior offensa , que fizessem , avia de ser aos seus , sem se poderem defender. Os de dentro se vieraõ dar , e fazer com Joane Mendes , que se rendesse. E não sómente avia bandorias entre os homens como sohe ser em semelhantes casos , mas entre as mulheres , as quaes eraõ por o Mestre , e perseguiaõ aos que não eraõ da sua parte , como foraõ na mesma Villa huma Mór Lourenço , e huma Margarida Anes adella , e outras mulheres , que se levantáraõ em razões contra Maria Soares , mãi de Nuno Martins de Valladares , dizendo que o dito seu filho dissera mal do Mestre , e era Castelhana : e ellas por si o matáraõ , e deitáraõ do muro abaxo.



## CAPITULO XIII.

*Tomase o castello de Evora : contase a furia daquelle povo, e sua crueldade, mantando a Abadeça do Mosteiro de S. Bento.*

**A**lvaro Mendes de Oliveira, Alcaide mór da Cidade de Evora, que tinha o castello polla Rainha, temendose, que o que a outros acontecera, acontecesse a elle, e que não tinha com que se defender, senão certos criados, que consigo tinha, rogou da parte da Rainha a hum Martim Affonso mercador, que então era Juiz, e casado com hum donzella da Rainha, e Gonçalo Lourenço Alcaide pequeno, Vasco Martins Poutado, escriptaõ da Camara, Ruy Gonçalves Mideiro, Martim Velho, Alvaro Vasques mercador, e outros honrados da Cidade, o quizessem ajudar a defender o castello; e sendo lançados dentro, foi sabido polla Cidade: e logo nesse dia Diogo Lopes Lobo, e Fernão Gonçalves da Arca, e João Fernandes seu filho, que eraõ huns dos grandes, que ahi avia, com todo o povo da Cidade se levantaraõ contra elles, e foraõ combater o castello, sobindo em cima da Sé, e sobre hum postigo antigo, que inda está inteiro do tempo de Quinto Sertorio, onde o aqueducto de agoa da prata sohia vir, e agora serve de açougues da carne, que são lugares altos, donde com as béstas podiaõ empecer. E como o castello era mui forte de torres, e muro, e cerca de cava, e não se podia tomar sem grande difficuldade, usáraõ daquelle ardil então costumado, para os fazerem em breve render; que foi porem as molheres, e filhos dos que no castello estavaõ, amarrados em carros: e chegando ás portas



tas do castello bradaram aos de cima que saíssem fóra, fenaõ que as molheres, e os filhos lhe queimariaõ ali á vista delles; e começaraõ de pôr fogo ás portas do castello com grande arruido, e alvoroço. O Alcaide mór, e os que com elle estavaõ, vendo aquelle furor do povo, se renderaõ á condiçaõ de os deixarem ir fóra do castello, e da Cidade em salvo de sua honra. O castello foi logo entrado, roubado, e queimado, e devaſſo como hum par-dieiro.

Andando aquelle povo miudo affi alvoroçado, e vendote junto, e sem freo, como he seu costume fazer insultos, e crueldades, começou cada hum de se vingar dos que lhe tinhaõ feito alguma offensa, e de muitos, que lha não tinhaõ feita, por enveja, ou desgostos leves, e contra muitos, que lho não mereciaõ. E a Diogo Lopes Lobo, Fernaõ Gonçalves, e outros principaes da Cidade, que antes tomáraõ por Capitaes, temendose delles, mandaraõ, que, se amavaõ o serviço do Meltre, se fossem para elle a Lisboa ao ajudar. O que elles logo fizeraõ, por não cairem na ira daquella gente desmandada. Os Capitaes destes era hum alfaiate por nome Vicente Añes, e hum Gonçalo Añes cabreiro: e como hum dizia vamos a casa de foaõ matalo, ou roubalo, logo era feito, sem a isso poder valer algum dos grandes. A este tempo eraõ acolhidas á Cidade com medo as freiras do Mosteiro de S. Bento, que dista pouco menos de meia legoa da Cidade, e estavaõ juntas com sua Abbadeça em humas casas suas. E aconteeo que entre aquella amotinada, naceo huma voz, segundo dizem, de Gonçalo Añes cabreiro, que disse: Vamos matar aquella aleivosa da Abbadeça, que he parenta da Rainha, e sua criada. Outros dizem que, vendo a Abbadeça aquelles insultos, dissera em ma-



neira que o fouberao elles, algumas palavras, notandoos de bebados, e que elles pagariao aquellas solturas. E logo a foraõ buscar as calas, onde poufava; e naõ a achando, porque era ida com as freiras ouvir missa á Sé, como costumavaõ fazer; huma lua criada quando vio aquella gente assi em assuada, e de mau proposito, foi depressa á Sé a lhe dizer, como a buscavaõ daquela maneira: ella com o grande medo, que ouve, deixou de ouvir missa, e meteose na casa do thesouro, e tomou nas mãos a Custodia, em que estava o Santissimo Sacramento, e se abraçou com ella. Os que a naõ acharaõ em casa, foraõ á pressa bulcala á Sé, e com grande furia, e vozes preguntaraõ por ella. O Deaõ, e Chantre da Sé com alguns beneficiados se foraõ a elles, requerendolhes, e pedindolhes por amor de Deos, que a deixassem, e a naõ tirassem da Igreja; que elles lhe dariaõ conta della presa, e bem guardada para se fazer della direito, se algum mal fizera, ou dissera: estes rogos, nem as lagrimas, e lastimosas palavras da Abadeça, e de suas freiras, bastaraõ pera amansar o furor daquela sacrilega, e vil gente; mas sem nenhuma reverencia do Senhor, que inda ella nas mãos tinha, lhe tiraraõ a Custodia dellas, e a tiraraõ fóra do thesouro: e levandoa assi polla Igreja, se arremeçou hum a ella, e lhe levou o manto, e as toucas da cabeça, e a deixou em cabello. E assi a tiraraõ da Sé, e a levaraaõ polla rua da Selaria até á praça, ali lhe deu hum tal cutilada polla cabeça, que logo cahio morta, e apos esta lhe deraõ muitas: e deixandoa ali, foraõ continuar seus insultos. A tarde vieraõ os que a mataraõ, e a levaraaõ arrastando até o rocio, onde está o curral das vacas, e ahi deixaraõ aquelle injuriado corpo, que por alguns homens piedosos de noite escondidamente foi soterrado na Sé. CA-



## CAPITULO XIV.

*Manda o Mestre Embaixadores a Inglaterra : el Rey de Castella prende o Conde de Gigon, e o Infante de Portugal : e mostra sentimento pella morte del Rey.*

O Mestre não estava ocioso, porque por huma parte escrevia ás Cidades, e Villas do Reyno, e a algumas principaes, notificandolhes como bem sabiaõ, que este Reyno estava em ponto de se perder, e el Rey de Castella vinha pera o tomar, e meter os povos delle em lojeição contra as capitulações, e assentos feitos, e prometidos. O que a todos devia ser taõ grave, e estranho, que antes aviaõ de aventurar-se a morrer, que cair em servidaõ: e que elle por defençaõ do Reyno, e dos naturaes delle, se disposera a tomar cargo de o reger, e defender. O que espera em Deos poder fazer, e levar a diante com sua ajuda delles. E que lhes rogava como bons Portuguezes tivessem voz por Portugal, e que não curassem das cartas da Rainha, e del Rey de Castella, que em contrario disto lhe mandassem. Estas cartas obraraõ tanto, que logo o povo miudo foi junto em huma vontade, e em huma voz, como foi na Cidade do Porto, onde vendo sua carta, logo levantaraõ bandeira por elle.

Por outra parte mandou a Inglaterra pedir a el Rey Ricardo lhe deixasse fazer gente em seu Reyno, pera virem servir, e ajudar contra el Rey de Castella; ao que mandou por Embaixadores D. Fernando Affonso de Albuquerque, Mestre da Ordem de S. Tiago; e Lourenço Añes Fogaça, Chancarel Mór, que foi del Rey D. Fernando. O D. Fer-



nando Affonso estando na Villa de Palmella, avia pouco, se viera pera o Mestre com todas suas gentes, e o reconheceo por senhor. Mas porque era feitura da Rainha, e cunhado de seus Irmãos os Condes de Barcellos, e de Neiva, receandote delle, que se poderia deitar com el Rey de Castella, e darlhe as fortalezas da Ordem, foi o Mestre aconselhado que o mandasse fóra, polo afastar daquella occasião. Chegados a Inglaterra dentro de oito dias, pela boa viagem que levarão, falaraõ em Londres com el Rey, e com o Duque Dalencastro, que a isso veio á Corte. A Embaixada do Mestre era, que sendo o Reyno de Portugal por seu azo livre, e desembaraçado de seus inimigos, e dandolhe a gente que lhe pedia, toda a ajuda, que os Portuguezes lhe pudessem dar assi de Galés, como de suas pessoas, onde elle por seu serviço mais quizesse, eraõ prestes pera o fazer. E que se o Duque Dalencastro por sua pessoa quizesse vir cobrar os Reynos de Castella, e de Leaõ, que por causa de sua mulher lhe pertenciaõ, tinha tempo opportuno para isso, e todo o Portugal em sua ajuda. El Rey lhes concedeo tudo de boa vontade: e que toda a ajuda, que lhe pudesse dar, a daria como se fosse pera defensão de seu Reyno. E taõ contentes foraõ alguns Ingrezes desta ajuda, que muitos delles offereceraõ dinheiro, e o emprestaraõ aos Embaixadores: e logo mandaraõ alguma gente de armas, e archeiros para a necessidade, em que o Reyno estava. E quando vieraõ, trouxeraõ cartas de grandes offerecimentos del Rey Ricardo para o Mestre.

Entre tanto que todas estas cousas passaraõ em Portugal, despois da morte del Rey D. Fernando, como el Rey de Castella soube della na Povia de Montalvaõ, onde estava, logo ao outro dia  
man-



mandou chamar seu Irmão D. Affonso, Conde de Gigon, e lhe disse como lhe viera recado, que el Rey D. Fernando seu Pai era falecido; e que por ser d'elle seguro, pois estava casado com sua filha, se temia de elle se lançar em Portugal, e fazer alvoroços no Reyno, como já tentara, escrevendo cartas em seu deservico; que avia por seu servico, que elle fosse preso. O Conde ficou espantado de lhe dizer aquillo, negando passar tal cousa na verdade: e lhe pediu lhe mantivesse o que lhe prometera, quando com elle comungara o Corpo do Senhor. El Rey não curando de suas razões, o entregou preso a D. Pedro Tenorio, Arcebispo de Toledo. Pello qual estavaõ esperando 50 homens de cavallo; e o Arcebispo o entregou a hum dos mais honrados, que com elle andavaõ, e logo foi onde o Conde pousava, e prendeo a Condeça sua mulher, e a mandou a Toledo, que eraõ dahi cinco legoas, onde tambem o Conde foi levado. E sendo o Conde preso grande tempo, deu el Rey a terra de Hurenha á Igreja de Oviedo, e confiscou pera a Coroa todos os outros bens, que o Conde tinha nas Asturias.

Em Castella andava naquelle tempo (como está dito na vida del Rey D. Fernando) o Infante D. Joaõ, por razão de seus agravos, onde el Rey Henrique o cazou com huma filha sua natural, e lhe deu as Villas de Valença, e do Real de mançanares, e outras. E postoque não tinha tanto estado como á sua pessoa convinha, era acompanhado, e servido de muitos fidalgos principaes em Castella, que o amavaõ muito pollo grande valor de sua pessoa, como foi D. Joaõ, filho de D. Tello, Irmão del Rey D. Henrique, que tinha mais cata que o Infante, e o Marquez de Vilhena Pedro Fernandez de Vallalco, e outros homens mui principaes, que



que sempre com elle andavaõ. E como el Rey D. Fernando seu Irmaõ começou a ser doente a miude, logo el Rey D. Joaõ de Castella se receou, que o Infante pudesse reynar despois de sua morte, e teve em olho tudo o que fazia: o que sendo dito ao Infante, como estava innocente, e não tinha mau pensamento contra el Rey, não curou do que lhe diziaõ. Tanto que el Rey mandou prender o Conde de Gigon seu Irmaõ, logo mandou prender ao Infante por Garcia Alvarez de Grisalva nas mesmas pousadas do Infante, e mandoulhe dizer, que o não prendia por cousa que delle soubesse, mas porque receava, que por causa da morte del Rey ouvesse em Portugal alguns bolços contra as capitulações, que tinhaõ feitas, e quizessem ao Infante por seu Rey: no que el Rey se não enganava, porque posto que elle se fora do Reyno, e se declarára inimigo vindo contra elle armado em favor del Rey de Castella, sempre o elegeraõ os Portuguezes por Rey, se o viraõ solto. Outros dizem que avisando os do Reyno de Portugal da morte del Rey seu Irmaõ, lho fizeraõ saber, offerecendoselhe: e que, mostrando elle as cartas, el Rey o mandou prender.

Tanto que el Rey teve presos o Infante D. Joaõ, e o Conde de Gigon, fez saimento por el Rey D. Fernando seu sogro com grande aparato na Sé de Toledo, aonde el Rey foi vestido de pano negro, e a Rainha de almafega preta, que ninguém a via: e as andas, em que hia, cubertas de pano negro, e todos os Portuguezes de almafega branca, assi homens, como mulheres; á Rainha acompanhavaõ as dónas da Cidade. E entrando pola Igreja os Portuguezes, fizeraõ hum grande pranto, ao costume daquelle tempo, e a Rainha fez o mesmo com as mulheres de Portugal.

Ditas



Ditas as vesporas , se tornaraõ aos Paços , em que a falla , e Camara da Rainha estavaõ cubertas de panos negros. Ao outro dia tornaraõ el Rey , e a Rainha á Sé da mesma maneira , aonde á entrada fizeraõ outro tal pranto.

Acabada esta fórma de exequias , se apartaraõ a hum lugar escuzo , onde el Rey , e a Rainha se vestiraõ de vestiduras Reaes de panos de ouro forradas de arminhos , e se assentaraõ debaixo de hum rico docel em hum estrado tambem de panos de ouro , aos quaes veio em procissãõ o Arcebispo de Toledo vestido com capa rica , e mitra na cabeça , com todas as Dignidades , e cleresia , cantando , e trazendo a bandeira das armas de Castella com as de Portugal a baixo dellas. E chegando aos Reys , puzeraõ a bandeira ante elles. El Rey fez logo chamar Vasco Martins de Mello , que com a Rainha fora de Portugal : e por o ter por bom cavaleiro , e esforçado , o fez Alferes mór de Castella , e Portugal , e lhe mandou que tomasse aquella bandeira , e a levantasse polla Rainha , e por elle , como se faz aos novos Reys. Vasco Martins lhe disse , que lhe beijava as mãos por aquella merce ; mas que tal officio não accitaria , por elle aver sido Vassallo del Rey de Portugal , e seu Guarda mór. E porque poderia succeder depois guerra contra o Reyno , de que elle era natural , não queria cahir em caso de menos valer. El Rey deu entãõ o officio a João Furtado de Mendonça , e lhe entregou a bandeira. Este a levantou logo , dizendo : *Real , Real por el Rey D. João de Castella , e de Portugal* : e cavalgando em hum fermoso cavalo del Rey , a levou polla Cidade com muita gente , que o acompanhava dizendo o mesmo : e correndo todos apos o Alferes , veio hum grande vento , e descozeo as armas de Portugal , que hiaõ



hiao cosidas abaixo das de Castella, e ficaraõ dependuradas como por huma linha; e o cavalo do Alferes foi topar em hum canto de huma parede, em que quebrou huma espadua, e cahio com elle. Os que isto viraõ, o tiveraõ a mau final: e pronosticaraõ que nunca aquelle Rey de Castella seria Rey de Portugal: e foi dito a el Rey, que naõ era bem, que trouxesse no fundo do escudo as armas Reaes de Portugal. Pollo que el Rey as mandou pôr iguaes com as de Castella. Os Portuguezes, que viraõ o caso da bandeira, e queda do cavalo com o Alferes, folgaraõ muito, parecendolhes que eraõ sinaes, que Deos dava para naõ averem de ser vassallos del Rey de Castella. Acabada a cerimonia, e procissaõ, a que veio o Arcebispo, os Reys se despiraõ daquellas vestiduras Reaes, e tomaraõ outras de luto. E dita a Missa; e acabadas as exequias, se tornaraõ, tendo acabado de comer, para a Povoia de Montalvaõ, donde o dia dantes vieraõ.

## C A P I T U L O XV.

*Vem el Rey de Castella a Portugal: entra na Cidade da Guarda: como o seguiraõ alguns fidalgos Portuguezes, repugnando outros.*

**E** Stando el Rey naquelle lugar da Povoia, teve conselho se seria bem entrar em Portugal, logo com muita gente, e senhorearse delle: sobre o que ouve muitas altercaçoës; e os do conselho se partiraõ em dous bandos.

Huns que sentiaõ melhor, dos quaes, o que com mais efficacia fallou, era Pedro Fernandez de Vellasco, senhor de Breviesca, e de Medina de Pomares, Camareiro mór del Rey, homem em que avia muita prudencia, e bondade, e que a el Rey  
sempre



sempre falou verdade, e neste caso melhor o aconselhou, diziaõ a el Rey, que não devia quebrar os contratos, que tinha feitos, e jurados, nem querer ter por vassallos, que despois teria por sua vontade: e que a principal força para reter povos, era a benevolencia, e clemencia do Principe: e que devia sobrestar com o entrar em Portugal; porque, sendo com pouca gente, metersehia em perigo, e com muita em odio: e que devia mandar a Portugal seus Embaixadores, mostrandolhes como estava prestes para cumprir as capitulações entre elles assentadas. E que se alguma cousa quizessem acrescentar, ou diminuir, que fosse proveito, e honra do Reyno, estava prestes para o fazer, não sendo contra sua honra, e serviço: e que lhe mandassem seus Embaixadores; e que quando estes a elle viessem, lhes fizesse muita honra, e lhes desse do seu, porque com nenhuma cousa os Principes novos ganhavaõ mais a benevolencia dos subditos, que com a liberalidade, mórmente quando são estrangeiros, que os povos nunca aceitaõ de tão boa vontade, como quando são naturaes. E que também mandasse dizer aos de Portugal, que com elles tinha assentado que a Rainha sua sogra fosse Regedora do Reyno: e que se elles entendessem outra melhor maneira de regimento per algum, ou alguns do Reyno, que elles vissem o que era mais seu proveito, e lho dissessem; que de tudo elle seria contente. E que com isto lhes atrahiria assi tanto os animos, que todos seriaõ a seu serviço, e mandado. Este conselho, que lhe davaõ, se el Rey de Castella o tamara, e deixara a cousa no peito dos Portuguezes, nenhuma duvida avia, se não que elle sem contradicção alguma fora Rey pacifico de Portugal; porque a Rainha Dona Leonor era mal quista de todo o Povo do Reyno, e não



lhes parecia que faltava razão para reconhecerem a Rainha Dona Briatís, que juraraõ, se el Rey não quebrára as capitulações, e contratos, que jurára em desprezo dos povos, e tratara bem aos que o leguiaõ. Outros lisongeiros, de que ha muita abundancia nas casas dos Reys, a que não movia o bem publico, se não o particular interesse de se meterem com o Rey, que era mancebo, e altivo de condicaõ, por lhe comprazerem, diziaõ o contrario sem algum fundamento; cujo conselho elle aprovou. Ajuntouse a isto hum Bispo da Guarda, que fora de Portugal com a Rainha Dona Briatís, o qual lhe offereceo darlhe o castello da mesma Cidade, dizendo que todos os principaes eraõ seus criados: e que, indo lá, o recolheriaõ nelle.

El Rey contra o conselho dos mais prudentes se pôs a caminho, mandando o Bispo diante para lhe ter a Cidade prestes. E com o castello se lhe não dar, o qual tinha hum Alvaro Gil, que não era amigo do Bispo, el Rey veio com a Rainha á pressa, segundo o Bispo o avisára huma manhã, com até XXX. lanças de homens seus officiaes; e com procissãõ foraõ recebidos. Alvaro Gil Alcaide mór não sahio a el Rey, mas esteve quedo, sem se mostrar por qual parte estava. Martim Affonso de Mello, rico homem, Irmaõ mais velho de Vasco Martins de Mello, que tinha Celorico, e Linhares, foi o primeiro homem Portuguez, que se veio para el Rey, e alli na Guarda ficou por seu, do que muito pesou a seu Irmaõ, posto que vivia com a Rainha de Castella. Ao outro dia seguinte vieraõ a el Rey até 200 lanças; e ao 3. dia chegou D. Pedro Nunes de Lara, Conde de Mayorga, e apos elle Pedro Fernandez Vellasco, Camareiro mor del Rey, e Pedro Sarmiento, e outros Capitaes com 500. lanças. Vendo el  
Rey



Rey que Alvaro Gil lhe não vinha falar, nem sahia fóra do castello, mandou a Martim Affonso de Mello, que lhe falasse; e assegurandoo da vinda, e da tornada, veio falar a el Rey, e se tornou para o seu castello sem mais outra vez vir a el Rey. Ao outro dia mandou dizer Vasco Martins de Mello a Alvaro Gil por seu filho Martim Affonso, que fizera mui bem de se não vir para el Rey, nem curasse de ir; e que soubesse que não avia de ir por isso sobre elle, porque passava por alli seu caminho: e que, se acontecesse que el Rey o combatesse, lhe prometia, que elle com seus filhos, e com seus familiares, e criados iriaõ ajudar a defender o castello.

Daquella comarca vieraõ tamdem para el Rey Vasco Martins da Cunha, Martim Valques da Cunha, e os mais filhos seus Fernando Affonso de Mello, Alvaro Gil de Carvalho, e outros. El Rey os recebia bem, dizendolhes que lhe fizessem homenagem pollas fortalezas, que tinhaõ; e elles lha faziaõ com receber por sua Rainha, e Senhora a Rainha Dona Briatís, e a elle como a seu marido, com condiçaõ, que se guardassem as capitulaçoës, e assentos feitos com el Rey D. Fernando. El Rey não estava mui contente das condiçoës, mas muito menos o estavaõ aquelles fidalgos Portuguezes da condiçaõ del Rey, porque era de poucos gazalhados, e de poucas palavras, e nada ledo: e, o que mais se estranha em Rey estrangeiro, vindo a Reyno novo, não fazia merce do seu aos homens; que he a parte, porque mais se acquire as vontades. A razãõ he porque, como os Reys saõ as fontes, donde todos bebem, vendoas secas, perdem os homens as esperanças, de que se sustentaõ, e sem esperanças não se póde querer, nem servir. Hum fidalgo principal daquella comarca por nome



Gonçalo Vasques Coutinho, Alcaide mór de Trancolo, e de Lamego, e de outros lugares, estando em duvida se se iria para el Rey, communicou com sua mãi Briatís Gonçalves de Moura, que era huma dona valerosa, e mui prudente, polla qual razão el Rey D. João a deu por Aya, e Camareira mór á Rainha Dona Philipa sua molher; a qual lhe disse, que com os neícios, e com os iofregos ganhavaõ os homens: e que nas cousas de importancia, e em que avia que cuidar, a celeridade era perigosa: que el Rey de Castella entrava no Reyno quebrando os contratos, e juramentos, que tinha feitos: e que, posto que alguns se vinhaõ para elle, naõ folgavaõ com sua vinda; e que Lisboa tinha jurado o Mestre por seu Regedor; e muitos estavaõ por elle. E que as cousas del Rey naõ podiaõ levar bom caminho, nem se acabariaõ facilmente. Que deixasse ver em que estado se punhaõ as cousas, e que entaõ disporia de si. Seguindo Gonçalo Vasques o conselho de sua mãi, deixou de se ir para el Rey, e assi lhe succedeo melhor.

## CAPITULO XVI.

*Parte el Rey da Guarda para Santarem chamado por cartas da Rainha Dona Leonor: fasilhe ella renuncia do Governo de Portugal.*

**A** Rainha Dona Leonor tinha escrito ás Cidades do Reyno no principio do anno de 1484. como trabalhava com el Rey de Castella, que naõ viesse a elle: e como vio que estava na Guarda, mudado o conselho, lhe escreveo tudo o que em Lisboa avia succedido: e como viera fugindo para Santarem, e porque lhe naõ fizessem a ella o que o Mestre fez ao Conde João Fernandez,



nandez , e os de Lisboa ao Bispo ; dandose por mui afrontada , e desacatada do Mestre de Aviz. A conclusaõ era pedir-lhe vingança , e offerecer-lhe o serviço dos Condes seus Irmãos , e parentes , e dos mais Nobres do Reino , que tinham as principais fortalezas , que o ajudariaõ : pedindolhe em conclusaõ que se viesse logo para ella a Santarem. Tudo isto era com desejos de se vingar da morte do Conde , e principalmente das molheres de Lisboa , de que ella dizia que naõ avia de ser vingada até naõ ter huma tonelada de lingoas dellas. Sua imaginaçaõ era , despois de se vingar , e o Reyno ficar locegado com a prezença del Rey , que tornando-se elle para Castella , ficaria ella continuando seu governo em paz : o que despois lhe sahio mui ao contrario.

Partio-se logo el Rey da Guarda , e foi em romaria a Santa Maria dos Açores , e dahi a Celorico , que Martim Affonso de Mello lhe tinha dado , onde esteve quatro dias , e dahi veio a Coimbra , cujo castello tinha o Conde D. Gonçalo , Irmão da Rainha , e estava nelle Gonçalo Mendez de Vasconcellos seu tio. Os quaes naõ quizerãõ ver a el Rey , nem o recolherãõ , mas mostraraõ que naõ folgavaõ com sua vinda. De Coimbra veio a Miranda , onde estava o Conde de Viana , que ficou por seu. Chegando a Thomar , cuidou que o Mestre de Christo D. Lopo Dias , sobrinho da Rainha Dona Leanor , se viesse para elle ; mas o Mestre se foi dahi , antes que el Rey chegasse , por conselho de hum cavaleiro da Ordem , que lhe disse , que se naõ devia fazer vassallo del Rey de Castella , até ver as cousas do Reyno , e a pretençaõ do Mestre em que estado se punhaõ. E que entaõ podia fazer o que fosse mais sua honra , e proveito. De sua ausencia ficou el Rey muito pezaroso ; porque ,



que, por elle ser taõ chegado parente da Rainha Dona Briatís, vinha confiado de o ter por sua parte. Chegado a Santarem foi no principio apozentado fóra da Villa no Mosteiro de S. Domingos, e os seus pellos rabaldes, onde a Rainha o foi esperar, e receber. E a primeira coufa, em que dizem falou a el Rey, e a sua filha, foi pedirlhe vingança do Mestre, e da gente de Lisboa. El Rey lhe disse que elle não podia tomar vingança de ninguem, nem ir contra Cidade alguma, ou lugar, sem ella primeiro renunciar nelle, e na Rainha sua filha o regimento do Reyno. A Rainha, mudado seu proposito, determinouse ao fazer, sem embargo do conselho que os seus lhe deraõ, que ella não podia renunciar, sem o communicar com os Estados do Reyno em Cortes, por amor do assento que era feito nellas por el Rey D. Fernando; e pollo prejuizo, que dahi vinha ao povo. A Rainha lhes respondeo que não avia para que pôr duvida nisso: que el Rey, e a Rainha sua filha eraõ senhores naturaes do Reyno. E mandando vir hum tabaliaõ, fez huma solemne renuncição de seu governo, e o traspassou nos Reys de Castella seus filhos. E ao outro dia, tendo a Rainha já vindo á Villa a tirar a omenagem a Gonçalo Vasques de Azevedo, que era Alcaide mór, mandou abrir as portas da Villa, e entrou el Rey armado com grande apparato, e companhia de homens de armas; e á porta do castello o esperou a Rainha Dona Leonor a cavalo; a qual el Rey levou de redea, e o Infante D. Carlos primogenito de Navarra, e a Rainha Dona Briatís. E foraõ os Reys pouzar nas casas junto com a Igreja de Santo Estevaõ. Neste dia foi entregue a el Rey o castello; e o deu a Lopo Fernandes de Padilha: e a alcaçeva, a Garcia de Vilhodre, e a Sancho de Vilhodre seu Irmaõ.

CA-



## CAPITULO XVII.

*Começa el Rey de Castella a exercitar officio de Rey de Portugal com o favor de muitos fidalgos, e posse de algumas terras do Reyno.*

**E** Ntregue el Rey da Villa, e fortalezas, começou logo de entender nos despachos da justiça com letrados, e officiaes Portuguezes; e mandou abrir novos sellos das armas de Portugal, e Castella, partindo o escudo pollo meio; e na primeira ametade estavaõ as insignias de Castella, e Leaõ; e na outra as de Portugal, e Algarve: o seu titulo era D. Joaõ polla graça de Deos Rey de Castella, de Leaõ, de Portugal, de Toledo, de Galiza, &c. E alli em Santarem mandou lavrar moeda com o cunho daquellas insignias. Os fidalgos, que entaõ estavaõ com el Rey de Castella em Santarem, eraõ D. Henrique Manoel Conde de Cea, tio del Rey, e da Rainha, que tinha o castello de Cintra; D. Pedro Alvares Pereira Prior do Hospital de S. Joaõ, D. Joaõ Affonso Conde de Barcellos, D. Joaõ Tello Conde de Viana, Gonçalo Vasques de Azevedo, que tinha Torres novas; Vasco Pires Alcaide mór de Alenquer, Joaõ Gonçalves Teixeira, que tinha Obidos; Diogo Alvarez Pereira, e Fernaõ Pereira Irmãos de Nunalvares Pereira, e do dito Prior de S. Joaõ, Joaõ Affonso Pimentel senhor de Bragança, Valco Martins da Cunha, Martim Vasques da Cunha, Gil Vasques, e Valco Martins da Cunha seus filhos, Joaõ Rodrigues Portocarreiro, Vasco Martins de Mello, Martim Gonçalves de Ataide, Martim Affonso de Mello, e dous filhos, Affonso Gomes da Silva, Fernaõ Gonçalves de Sousa, Gonçalo Ro-



Rodrigues de Sousa. E pello Reyno tinha muitos fidalgos, e Alcaides mōres de fortalezas, que lhe obedeciaõ: e dos que tinha consigo mandou alguns a suas terras; e aos que ficavaõ com elle dava soldo para certas lanças: e entre elles couberaõ a Gonçalo Vasques de Azevedo, que fora Alcaide mōr de Santarem, antes da vinda del Rey, e o era ainda de Torres novas, cem lanças, além de muitos escudeiros honrados, que com elle viviaõ: e indo Gonçalo Vasques huma vez ao Paço, mandou a seu Veedor que desse soldo a todo os seus. O Veedor pondo o dinheiro em moedas de ouro em huma mesa, nenhum dos escudeiros de Gonçalo Vasques o quis receber; mas tomavaõ as moedas na mão, e riaõse dellas, tornandoas a seu lugar. Vin-do Gonçalo Vasques á noite para casa, e achando ainda o dinheiro na mesa, perguntou ao Veedor, porque naõ pagara aos seus escudeiros como mandara? E sabendo delle, que o naõ quizeriaõ receber, cuidou o que podia ser; e chamou a todos á parte, e lhes disse que estava espantado delles; porque, desejando de os encaminhar com el Rey, e honrar, naõ queriaõ tomar seu soldo, para o averem de servir em sua companhia: e que estava taõ confiado delles, que naõ dizia servir elle a el Rey de Castella, a que todos eraõ obrigados, como a seu Rey, e senhor; mas que, se elle se tornara Mouro, lhe parecia que elles fizeraõ o mesmo, e foraõ servir com elle a el Rey de Granada: e que agora se achava enganado; que lhe dissessem porque o faziaõ? Calando todos, hum Vasco Rodrigues lhe respondeo: Que naõ tinhaõ vontade de aceitar soldo del Rey de Castella para o servir; antes se partiriaõ todos delle Gonçalo Vasques, que tal fazer. Mas que se elle quizesse seguir a tençaõ do Mestre, e da Cidade de Lisboa, que sem ouro, e prata o fer-



serviriaõ, e poriaõ por elle as vidas : e que nisto não avia mais que altercar. Gonçalo Valques ficou espantado, e disse que os não queria perder de amigos, nem forçar : e que elle encaminharia suas cousas de maneira, que não falassem mais nelles. E, avendo licença del Rey, se foi a Torres novas com pretexto de guardar o castello. Aquelles homens, quando viraõ sua tenção, foraõle delle poucos e poucos a Buarcos para Alvaro Gonçalves seu filho, que estava pollo Mestre.

Como pollo Reyno se soube que el Rey de Castella era entrado nelle, ouve muitas discordias, e divisoões ; porque os mais dos Grandes tinhaõ por sua parte as fortalezas, e castellos : mas o povo miudo não tinha por elle os coraçõs, e vontades, que todos offerenciaõ ao Mestre. Os lugares, que el Rey de Castella achou por si, foraõ estes. Na Estremadura : Santarem, Torres novas, Ourem, Leiria, Montemor o velho, a Feira, Penella, Obidos, Torres Vedras, Alenquer, Contra. Entre Tejo, e Guadiana : Arronches, Alegrete, Castello da Villa do Crato, Amieira, Monforte, Campo maior, Olivença, Villa Viçosa, Portel, Moura, Noudar, Mertola, Almada. Entre Douro, e Minho : Braga, Lanhoso, Guimaraens, Valença, Caminha, Viana, Melgaço, Ponte de Lima, Villa Nova da Cerveira, o Castello de Neiva. Em Trallos-Montes : Bragança, Vinhaes, Chaves, Monforte de rio livre, Montalegre, o Mogadouro, Mirandella, Alfandega, Lamas de Oulhaã, Villa Real de Panoyas. Na Beira : Castello Rodrigo, Almeida, Sabugal, Pena Macor, Guarda, Covilhã, Celorico, Linhares ; e muitos lugares destes tinha el Rey antes que entrasse no Reyno, dos quaes sabiraõ os Alcaides môres Portuguezes a fazer muitos roubos, e danos nos termos dos lugares, que esta-



vão por o Mestre, como se foraõ inimigos, e naõ naturaes de huma provincia, parentes, e amigos pouco antes avia. Mas a gente popular, como era toda da facção do Mestre, desejavaõ, e em muitos lugares levantavaõ unioens, e tomavaõ muitos castellos aos alcaides delles, e os davaõ ao Mestre, offerecendolhe com elles suas pessoas, e fazendas.

### C A P I T U L O XVIII.

*Começase o Mestre a aparelhar contra o Rey de Castella: o primeiro encontro, que tiveraõ.*

O Mestre em quanto estas cousas passavaõ, entendia em bastecer Lisboa para o cerco, que esperava, quando el Rey viesse; e mandou a Nunalvarez com trezentas lanças, e alguns homens de pé a Cintra, por estar nella o Conde D. Henrique com gente, que a podia defender, para trazer de seu termo alguns mantimentos: e correndo toda a terra ao redor sem achar quem lho impedisse, tomou muitos mantimentos de gado, trigo, e cousas, de que carregaraõ muitas azemolas. El Rey de Castella avia pouco que mandara de Santarem a D. Pedro Fernandes cabeça de Vaca, Mestre de Santiago, Pero Fernandes de Valasco seu Camareiro mór, Pero Rodrigues Sarmento, Adiantado mór de Galiza, e com elles mil lanças de homens de armas escolhidos para irem ao termo de Lisboa a dar principio ao cerco, e naõ deixar fahir os da Cidade, e se estenderem polla terra, e fazerem algum dano: e na seguinte noite, que Nunalvarez partio de Cintra com sua cavalgada, lhe deraõ novas que aquelles Capitaes estavaõ em Alenquer, e queriaõ vir sobre elle: pollo que alguns de sua companhia se partiraõ logo, e vieram



rao á Cidade. Os que ficaraõ no dia seguinte lhe differaõ que se fossem para á Cidade depressa, e naõ esperassem que viessem primeiro aquellas gentes. Nunalvarez, em quem naõ entrava medo, naõ curou disso, mas muito de vagar veio com sua cavalgada, e no caminho, muito contra vontade de todos, aguardou até o meio dia, por ver se vinhaõ os Castelhanos para lhe dar batalha. Quando o Mestre o soube, mandoulhe Ruy Pereira seu tio com cento e sincoenta lanças: e despois que foi tarde, vendo que os Castelhanos naõ vinhaõ, se vierã para Lisboa. Os Capitaens Castelhanos quando se determinaraõ a vir alcançar a Nunalvarez, e tomarlhe a preza, avia já hum dia, que estava na Cidade: e elles se alojaraõ no Lumiar.

Estando os Castelhanos alli alojados, sahio hum dia, por mandado do Mestre, João Fernandez Moreira, que era hum esforçado cavaleiro, com certos homens de pé, e de cavalo até hum campo, que chamaõ Alvalade o grande, que ha perto do Lumiar, para provocarem os Castelhanos a sahirem, e os trazerem até perto da Cidade. Os Castelhanos como souberaõ delles, lhes sahiraõ; e os Portuguezes deraõ volta, mas naõ se poderaõ tanto sahir, que os Castelhanos os naõ alcançassem, e prendessem muitos, e matasem alguns, e entre elles o mesmo João Fernandes seu Capitaõ, de cuja morte ha hoje em dia lembrança donde foi; porque por memoria do lugar, em que cahio, se pos na mesma terra hum Cruz de pedra levantada, que he a que está na entrada, quando da Cidade entraõ em Alvalade o pequeno á maõ direita: do qual João Fernandez Moreira ha hoje descendencia na Camara de Lisboa, porque elle foi Pai de Nuno Fernandes de Magalhaes, a quem el Rey D. João o II. fez escriptaõ da Camara, e avô de Christovaõ de Magalhaens.



Aquelle mesmo dia sahio o Mestre em pessoa com Nunalvarez Pereira, com trezentas lanças, e alguma gente de pé, e se pozeraõ em batalha em huma lombada, que se faz acima da Igreja de S. Lazaro, que saõ dous tiros de besta da Cidade, e aguardava que os Castelhanos viessem em alcanse dos outros, pera o acharem prestes para a peleija: mas os Castelhanos quando chegaraõ, e os viraõ, naõ quizerãõ peleijar, e tornaraõse para as aldeas.

O Mestre, posto que fosse de animo invencivel, tinha muitos contrarios, que lhe podéraõ abater aquelle vigor, se naõ fora maior seu animo, que todas as difficuldades, que lhe punhaõ diante. Porque de huma parte via os Nobres quasi todos contra si: e o povo miudo, que pollo Reyno tinha por si sem forças, e sem cabeça, conhecia a alguns, que vinhaõ para elle por homens de fracos coraçõs, segundo via nos conselhos, que lhe davaõ. De outros naõ fiava, mas duvidava de suas lealdades, como do Conde D. Alvaro Pirez de Castro, que, vindose para elle com D. Pedro de Castro seu filho, e communicando o Mestre com elle o que pretendia fazer, em tudo desfazia, encarecendo quam difficultosa cousa tinha começada; e dizialhe cousas, que podiaõ quebrarlhe o coraçãõ, e resfrialo a quem o naõ tivera taõ ardente. A causa disto era o pouco gosto, que o Conde levava das cousas do Mestre irem bem encaminhadas, por ver que, ocupando o lugar do Infante D. Joaõ seu sobrinho, pretendia vir a ser Rey; o que pudera ser o Infante, como filho legitimo, que era reputado del Rey D. Pedro, e que o povo desejava ter por Rey. Por outra parte naõ seguia a el Rey de Castella pella mesma razaõ de prender ao Infante D. Joaõ, e estar duvidozo se fazia melhor seu par-



partido em arriscar o que tinha em Portugal. De maneira que tinha o animo inquieto para o serviço de cada hum daquelles Principes entre si contrarios. Nunalvares Pereira não podendo soffrer as razoes do Conde, lhe disse hum dia: Senhor Conde, já que ficastes com o Mestre meu senhor, não lhe deis essas razoes, porque não volas ha de crer; nem lhe metais medo, que não pôde entrar em seu coração; antes ha de ir com seu proposito a diante, não sómente contra el Rey de Castella, posto que seja grande Rey, mas contra todos os Reys do mundo, no que todos os Portuguezes tem razão de o servir. O Conde se anojou daquellas palavras: e falando aspero a Nunalvares, e juntamente a D. Pedro de Castro, que acodio por seu pai Nunalvares, lhe respondeo com mais liberdade. E para que se não procedesse a mais, o Mestre mandou a todos tres que se calassem. E vendo que os Capitaes Castelhanos avia já quinze dias que estavam no Lumiar, e vinhaõ escaramuçar junto da Cidade, assentou com Nunalvares, e com os do seu conselho, que era bem de irem contra elles. E tratando que Capitaes eraõ, quando nomeavaõ o Mestre de Santiago, ou outro tal, fazia o Conde D. Alvaro Pirez grandes espantos de quam poderoso era, dando a entender que não era bom conselho ir acometer taõ valentes Capitaes, e com tanta gente como elles traziaõ. O Mestre disse, que não era cousa para soffrer estarem taõ perto da Cidade a seu desprezo: e mandou fazer prestes para o outro dia. Os Castelhanos, que isto sentiraõ, foraõ-se á pressa, huns para Alenquer, outros para Torres Vedras, não querendo esperar. E muitos dos Portuguezes, quando viraõ que se hiaõ, foraõ lá, e acharaõ já as aldeas desamparadas delles com as panelas postas ao fogo, e os espetos com as carnes,



nes, que não tiverão lugar pera as comer.

## CAPITULO XIX.

*Das liberdades, que os Castelhanos usavaõ em Santarem: e como a Rainha Dona Leonor se começou a queixar del Rey de Castella.*

**O**S Castelhanos, que em Santarem estavaõ, ao principio moltraraõ averse brandamente com os holpedes: mas pollo tempo assi se foraõ enfehoreando delles, como se elles foraõ donos das pousadas: e lhes faziaõ tantas semrazoens, e descortesias, que todos eraõ delles mui agravados; porque, além de lhes tomarem o leu, os lançavaõ fóra de suas casas, e os faziaõ ir a outra parte, não lhes deixando levar camas, nem de sua fazenda mais que o que traziaõ sobre si. A outros lançavaõ fóra de casa, e ficavaõ elles com as molheres, e filhas; e muitas vezes diante dos olhos dos mesmos maridos, e pais as forçavaõ, dizendo: Que quanto tinhaõ, tudo era leu; e fazendolhe sobre illo outras muitas injurias. E se algum falava, ou respondia, o ameaçavaõ que o matariaõ. A outros atavaõ de pés, e de mãos, e os tinhaõ assi toda a noite. Muitos dos Portuguezes não ouzavaõ de sair fóra de suas casas sem Alvarás; que, doutra maneira, eraõ prezos, e mal tratados. Em fim muitos desemparavaõ suas casas, e seus bens, e se hiaõ a Lisboa, e a outras partes. Pollo que, não podendo soffrer tantas semrazoens, escreviaõ ao Mestre, que lhes acudisse naquelle cativoiro; e que fossem lá em barcas, que elles os ajudariaõ: o que tambem lhe escreviaõ outros Portuguezes de fóra da Villa, que para el Rey se vinhaõ. E estando o Mestre para o fazer, o deixou depois, por as barcas



cas não poderem sobir de Muja, por o rio levar pouca agoa dahi para cima, e por tambem não saber se aquelle chamamento era algum engano, e ardil dos Castelhanos para o matarem, ou averem ás mãos.

Estando neste tempo a Rainha Dona Leonor em amor, e paz com el Rey seu genro, logo como veio, fazialhe facil aver em breve todos os mais lugares, que ainda não estavaõ por elle, dizendo que os principaes do Reyno eraõ seus parentes; e todos os mais, que tinhaõ Villas, e castellos, lhe eraõ obrigados por mercês, e beneficios, e criação, que lhes fizera. E que ella escreveria ao Conde D. Gonçalo seu irmão, e Gonçalo Mendes seu tio, que estavaõ em Coimbra, Cidade principal do Reyno, e que logo lha dariaõ, posto que quando por ahi passou o não recebessem: e que ella iria lá com elle, se fosse necessario, e assi a cada hum dos outros lugares. Na Cidade de Coimbra estava o Conde D. Gonçalo, por a Rainha lhe escrever antes desta vinda del Rey, que viesse para ahi da Cidade do Porto, onde estava; o qual trouxe consigo cem lanças. E no castello esteve por Alcaide mór o dito Gonçalo Mendes tio do mesmo Conde, e da Rainha, o qual fez promessa ao Conde de não entregar aquelle castello sem seu consentimento. E despois de o Conde ser em Coimbra, se vieraõ para elle João Rodrigues Pereira, João Gomes da Silva, Alvaro Gonçalves Camello, que despois foi Prior do Hospital, Nuno Viegas de Pena Cova, Pero Gomes de Ciabra, Martim Correa, e outros, com que tinha trezentas e sincoenta lanças. Vendo pois el Rey a boa ajuda, que seria ter em sua pretenção tão nobre Cidade, e pessoas tão principaes, como eraõ o Conde D. Gonçalo, e seu tio, e os mais, fez com a Rainha que lhes escrevesse, e  
de



de sua parte lhes prometteu honras, e mercês, que lhe dessem a Cidade: e a Rainha assi o fez.

Antes que a Rainha viesse reposta do Conde D. Gonçalo seu irmão, e de Gonçalo Mendes seu tio, sobre darem a Cidade de Coimbra a el Rey, começou entre ella, e el Rey a aver alguns desgostos, porque ella estava enfadada delle, e elle della. E o principio da discordia foi que em Castella vagou o officio do Rabinado mór dos Judeos, que era como Presidente, ou Governador, e o mais honrado cargo, que havia entre elles. Et sabendo a Rainha Dona Leanor que o vinhaõ pedir a el Rey, alli em Santarem, onde estava, lho foi pedir para D. Juda, Thesoureiro mór, que foi del Rey D. Fernando, que era mui rico, e honrado, e grande privado da mesma Rainha. El Rey se escuzou de lho dar, e o deu á Rainha Dona Briatis sua molher para D. David Negro, privado que tambem fora del Rey D. Fernando. A Rainha Dona Leanor, como era molher altiva, e appetitosa, e mui mimosa de condição, achou se mui afrontada, por el Rey lhe não conceder a primeira couza, que lhe ella pedira, tendolhe ella feito tantos beneficios, e renunciado nelle o governo. E por a couza, que pedia ser tão pequena, collegio o que ao diante podia valer com elle, e queixavate aos seus muito del Rey, e dizia: Vede que senhor este, que mercês esperamos vós, e eu delle? Se huma tão pequena couza, que lhe pedi, me não quis outorgar, pedindolha huma molher, huma Rainha, huma sua Mãe, que lhe fez muito boas obras: e sendo a primeira couza, que lhe pedi? Certificovos que vós será melhor irvos para o Mestre de Aviz, que he vosso natural, e senhor, que vos fará mais mercês: que eu, em que queira, já não posso, e cada vez poderei menos, segundo já vou entendendo;



do; e se me eu pudera ver daqui fóra, como vós, com minha honra, não estivera aqui mais hum dia. Alguns, que a ouviraõ, o fizeraõ assi, e le foraõ pera o Mestre. A causa de el Rey estar mal com a Rainha, segundo alguns diziaõ, era ser ella mais solta nas fallas, do que convinha a molher de seu estado, viuva de taõ pouco, e el Rey mais severo, e seco do necessario, porque em Portugal ganhou poucas vontades; e por serem taõ differentes nas condiçoës hum do outro, por razaõ natural, que cada hum ama o seu semelhante, e aborrece o que o não he, não podiaõ estar concordes.

Estava a Rainha mui arrependida dos erros, que fizera em trazer el Rey de Castella a Portugal, e em lhe largar o regimento do Reyno: e dizem que secretamente escreveo a alguns lugares dos que el Rey de Castella pretendia aver, dizendo em suas cartas: Que, ainda que elle lá fosse, e ella mesma em companhia, lhos não dessem por muitas razoës, que ella dissesse, porque não hia em sua liberdade. Entre os lugares foi principalmente a Cidade de Coimbra. Neste meio veio reposta das cartas, que a Rainha mandara ao Conde, e a Gonçalo Mendes seu tio sobre a entrega da Cidade, dizendo ambos, que lhe aprazia o que lhes mandava dizer. Mas que era necessario que el Rey fosse lá com seu poder, mostrando que a hia cercar; que doutra maneira o não persuadiriaõ aos que com elle estavaõ. El Rey folgou com a reposta, e se pos logo em caminho: e chegando a Torres Novas aquella noite, foi a Rainha Dona Leonor guardada de certos homens de armas Castelhanos. Ella ao outro dia quando o soube, entendeu que estava preza, e assi o disse. Do que el Rey se escusou, dizendo que por sua segurança o fizera.



## CAPITULO XX.

*Como el Rey foi a Coimbra , levando preza a Rainha Dona Leanor : trata esta de fugir de seu poder : o meio , porque foi descuberta sua pertençaõ.*

**C** Hegando el Rey a Coimbra , pouzou nos Paços de Santa Clara alem da ponte , e o Conde Mayorgas dentro no Molteiro , D. Pedro Conde de Trastamara , e seu irmão D. Affonso Henriques , filhos do Mestre D. Fradique , filho del Rey D. Affonso XI , e de Dona Leanor Nunes de Guimãõ dentro em Santa Anna. D. Joaõ Affonso Conde de Barcellos irmão da Rainha , Joaõ Rodrigues Portocarreiro , e Joaõ Affonso Cabeça de Vaca poufaraõ em S. Francisco : D. Joaõ Tello Conde de Viana logo ahi perto em huma tenda : Fernãõ Gomes da Silva , e alguns cavaleiros em S. Martinho , e outros em S. Jorge , e nas almoy-nhas , e outros lugares. Despois de alojados naõ fizeraõ mostra de querer combater , antes o Conde de Mayorga , e outros entravaõ cada dia na Cidade a falar com o Conde D. Gonçalo , e com Gonçalo Mendes , e comiaõ com elles. Pollos quaes el Rey lhes mandou rogar que lhe dessem a Cidade , prometendolhes grandes mercês , e acrecentamentos de estado ; ao que deraõ sempre a mesma resposta , que naõ dariaõ a Cidade se naõ a cuja fosse de direito.

A Rainha andava neste tempo taõ anojada , e desesperada , que todos o conheciaõ no semblante : pollo que vendo isto Dona Briatís de Castro , filha do Conde D. Alvaro Pirez de Castro , que andava em casa da Rainha de Castella , falando com D.



D. Affonso Henriques irmão do Conde D. Pedro de Trastamara, que a requestava de amores, lhe disse que, se elle dizia que lhe queria bem, e que casaria com ella, que acabasse com o Conde D. Pedro seu irmão huma cousa, que ella lhe delcubriria em segredo, e com juramento: e que, avendo effeito, seria seu calamento de muita honra, e ventajem: isto era, que a Rainha Dona Leanor, a que ella queria muito, por a criar, e honrar, estava em taõ mao estado, e deshonorada como via, no que naõ podia ter remedio, se naõ sahisse do poder del Rey de Castella: e que, se o Conde de Trastamara seu irmão, que era servidor da Rainha, pudesse fazer com que ella fosse fóra do poder del Rey, e posta dentro da Cidade com o Conde de Neiva seu irmão, e elle D. Affonso Henriques com ella Dona Briatís, seria á Rainha tornada sua honra, e elles ambos seriaõ mui honradamente casados. E que ainda lhe dizia mais: Que, se a Rainha se visse livre pollo Conde D. Pedro, naõ seria muito cazarle com elle, e averem ambos o regimento do Reyno, porque ella tinha taes irmãos, e tantos parentes, e criados, que era força que a favorecessem, e puzessem em senhorio do Reyno. D. Affonso, que nenhuma cousa mais desejava, que comprazer a Dona Briatís, lhe respondeo que naquelle negocio trabalharia muito polla servir, e que logo daria disso conta a seu irmão, e que ella a desse á Rainha. Falando Dona Briatís com a Rainha, e D. Affonso Henriques com seu irmão, a ambos pareceo bem o conselho, e acordaraõ de o mandar dizer ao Conde D. Gonçalo por o mesmo D. Affonso. O qual quando lhe foi dito, foi mui ledo; e nessa mesma noite lhe foraõ falar o Conde D. Pedro, e seu irmão sós; e contou tudo o que determinava fazer. O Conde D. Gonçalo lhe res-



pondeo que , se o puzessem por obra , ganhariaõ nella hum grande amigo. E que a noite , que determinassem passar a Rainha , os aguardaria com suas gentes. E para este negocio se fazer sem sospeita , e cuidar el Rey que tratavaõ de seu serviço , e de o recolherem na Cidade , vinhaõ alguns do Conde D. Gonçalo falar á Rainha , e ao Conde D. Pedro. A Rainha por maior dissimulaçaõ dizia a el Rey , que pera converter seu irmaõ , era necessario falar-lhe ella de rosto a rosto , porque por terceiros naõ acabava. El Rey disse , que era bem feito ; mas , posto que naõ soubesse o que se tratava , naõ se assegurou que isto naõ fosse arte : e mandou na ponte fazer hum palanque , de maneira que o irmaõ pudesse falar com ella , e a naõ pudesse tomar. Quando veio o dia da falla , tomou o Conde D. Pedro a Rainha do braço , e com até vinte pessoas veio á ponte , onde já estava o Conde D. Gonçalo com tres , ou quatro com elle ; e fazendo reverencia á Rainha , lhe tomou a maõ pera lha beijar. A Rainha como avisada que era , e dissimulada , mais que outras molheres , disse a seu irmaõ : Alguns beijaõ mãos , que queriaõ ver cortadas. Senhora ( disse elle ) he verdade , mas naõ he essa vossa. Pois se ella minha naõ he ( disse a Rainha ) porque naõ dais vós esta Cidade a el Rey meu filho como vos eu mando ? Maravilhada estou de vós , sabendo a honra em que vos pús , e o grande acrecentamento , que em vós tenho feito ; e como vós naõ meterieis pé neste lugar , se eu naõ fora , e hora por minha honra o naõ quereis dar a quem de direito pertence , e vos eu mando , e rogo. Verdade he ( disse elle ) o que vós , senhora , dizeis ; e assi vos darei eu a Cidade a vós , se a ella quizerdes vir. Eu sou preza ( disse a Rainha ) e naõ posso lá ir. Porque eu vos vejo preza ( disse o Con-



o Conde) me parecia grande maldade dala a quem vos prendeo : e pois vós fizestes o que quizestes sem meu conselho , lá vos avinde. A isto disse a Rainha , que bem se podia chamar de semparada delle , e de todos os seus parentes , a quem fizera tantas mercês. Dito isto , se sahiraõ todos para fóra , e falaraõ ambos de maneira , que ninguem os pode ouvir , nem entender.

A Rainha , despois da falla com seu irmão , deu a entender a el Rey , que ella tinha esperança da Cidade se lhe dar , sem embargo das razões , que com seu irmão ouvera , por outras cousas que com elle falara. Isto dizia a Rainha para entretanto se ordenar sua soltura. O que o Conde D. Pedro tinha ordenado era : Que el Rey havia de ser morto huma noite por elle , e certos conjurados de sua parte : e se avia logo o Conde com a Rainha de lançar na Cidade , e que elle se chamasse logo Rey de Portugal , cazando primeiro com a Rainha. E que desta maneira ficaria ella senhora do Reyno , pellas capitulações feitas , pois renunciou , como não devia , sem consentimento dos Estados do Reyno : e que entaõ fariaõ seus concertos com o Mestre. Mas o Conde D. Gonçalo não sabia parte da morte del Rey , nem do casamento da irmã com o Conde , que se avia de chamar Rey ; porque quando o Conde falou naquelle negocio , não lhe disse mais que averse de lançar com a Rainha dentro , para a tirar do poder del Rey , mostrandolhe que andava agravado delle , por o grande lugar , e privança , em que puzera Pedro Fernandez de Vellasco. O terceiro de todos estes tratos era hum Frade , que levava recados á Rainha , e ao Conde D. Pedro da parte do Conde D. Gonçalo , o qual não sabia parte da morte del Rey , nem das outras cousas , que ao Conde D. Gonçalo



lo não foraõ descubertas. E quando este Frade hia falar ao Conde D. Pedro sobre seu segredo, e da Rainha, hia o Conde a el Rey dizerlhe como o Frade viera a elle sobre a entrega da Cidade, e a razão porque se detinha, que tudo era por melhor. Com isto estava el Rey mui alegre, esperando cada dia cobrar a Cidade.

E como as cousas, que se revelaõ mais que a hum, raramente saõ occultas, aconteceu que aquelle Frade, que andava nas embaixadas, era muito amigo de D. David Negro, a que el Rey dera o Rabinado mór de Castella. E receando o Frade que na revolta, que se avia de fazer ao lançar do Conde com a Rainha dentro na Cidade, recebesse algum dano o D. David, e seus filhos pequenos, que tinha consigo, determinou de lhe fazer saber que se partisse do arraial, e se viesse para a Cidade: e que elle buscaria caminho, e maneira para o pôr em salvo. E isto lhe fez saber secretamente por hum elcrito; e que esta vinda fosse todavia antes hum dia certo, que logo lhe affinou. Quando D. David vio o elcrito, ficou espantado, por ver aquelle recado contrario ás esperanças del Rey, e dos seus. E não se lhe aquietando o coração com aquella novidade, fez tanto, que o Frade lhe veio falar encubertamente como seu especial amigo que era; e o D. David lhe perguntou, que elcrito era aquelle, que lhe mandára? O Frade respondeo, que porque podia ser que no dia, em que a Cidade se avia de dar, se podia fazer tal revolta, que ouvesse dano nos do arraial, por tanto lho fizera a saber. E isto dizia o Frade, por se escuzar de lhe descobrir mais. O D. David, que era prudente, entendeo que naquillo havia mais; e apertou tanto com o Frade, que lhe descobrio, que hum certa noite, depois que o Conde mandasse dizer que  
eraõ



eraõ prestes , aviaõ de repicar na Cidade hum sino , e fazer mostra que o Conde D. Gonçalo já fora com gente. E que o Conde D. Pedro , que pera isto avia de estar prestes , avia de mandar tocar as trombetas , e mostrar que sahia ao Conde para lhe impedir tal vinda. E que nesta ida , que o Conde D. Pedro fosse , avia de levar a Rainha consigo : e mostrando o Conde D. Gonçalo que lhe fugia , avia o Conde D. Pedro ir apos elle , e entrar dentro na Cidade , e lançar-se com seu irmão , e todos os seus com a Rainha dentro. E que esta era a entrega da Cidade , porque el Rey esperava mui confiado : e com isto se despedio o Frade. D. David sem embargo do legredo , que prometeo ao Frade seu amigo , como vio que se tratava de treição do Rey , de quem elle era favorecido , logo se foi a elle , e lhe contou tudo.

C A P I T U L O XXI.

*Como el Rey atalhou , e soube da pretençaõ da Rainha Dona Leanor , e a mandou pera hum Mosteiro de Castella : passãõse para o Mostre os de Alenquer.*

**E**L Rey ficou espantado , e não podia crer o que tinha ouvido a D. David , porque o Conde era seu primo com irmão , e não o tinha agravado. E chamando a Rainha sua mulher , lhe fez saber o que passava. A Rainha o creio , e disse que sempre lhe parecera mal a grande afeição , que via ter o Conde a sua mãe. E quando veio o dia , em que aquella obra se avia de fazer , chamou el Rey ao Conde de Mayorga , e lhe descubrio tudo o que D. David dissera , e lhe mandou que avizasse a todos os seus em legredo , que estivessem



vessem armados, e prestes á noite, e elle com elles, para que, quando o Conde D. Pedro fizesse mostra de sair contra os da Cidade, elle, e os seus começassem de bradar treição por o Conde D. Pedro; e que então o prendessem a elle, e dos seus quantos mais pudessem, ou os mataassem, senão quizessem dar-se á prizaõ. E mandou hum cavaleiro, que aquella noite puzesse tal guarda na Rainha, com que não pudesse ser tomada, nem lançar-se dentro da Cidade.

A guarda daquella noite era do Conde D. Pedro; e por aparelhar nella suas cousas melhor para aquelle negocio, que elle tinha por tão pezado, e duvidoso como era, tardou tanto em vir ao Paço, que passava da hora, e o outro guarda se queria ir para sua pousada, e ficava el Rey sem guarda alguma. Vendo isto o Conde de Mayorga, disse a el Rey, que seria bom mandar vir sincoenta lanças das suas, pera àquellas horas não ficar o Paço sem guarda. Pareceo bem a el Rey, e forão logo prestes. Neste tempo hum escudeiro do Conde D. Pedro, com quem elle communicara seu legredo, e que andava pello Paço espiando o que faziaõ, quando vio aquella gente vir armada, sospeitou que o segredo do Conde era descoberto, e logo lhe foi dizer como estava gente do Conde no Paço. Quando o Conde D. Pedro ouviu isto, entendeu que era descoberto, e ficou tão fóra de si, que não soube mais que fazer, que elle com seu irmão D. Affonso Henriques, tomando as melhores cousas, que tinhaõ, irem-se pella ponte. E quando o Conde D. Gonçalo soube que hia daquella maneira, sem levar a Rainha, perguntoulhe como hia assi? Elle lhe disse como fora descoberto, e que hia fugindo com medo de el Rey o matar. O Conde sospeitou mal d'elle, cuidando que era engano



gano fabricado para averem o castello, e naõ o recolheo na Cidade, e disse que pouzasse no arrabalde, e pouzou no Mosteiro de Santa Cruz.

Entre tanto el Rey naõ dormia, e estava armado em sua camara, aguardando o final, que se avia de fazer na Cidade: quando vio que tardava, e soube que o Conde era fogido, entendeu que loubera parte do que lhe fora descuberto. E logo nessa noite mandou prender o D. Juda privado da Rainha, e Maria Perez sua Camareira, que sospeitou faberiaõ daquelle negocio. E como soube que o Conde D. Pedro estava no arrabalde, mandava passar mil lanças pollo vao do Mondego para o tomar; mas sabendoo o Conde D. Gonçalo, mandou-lhe dizer, que se puzesse em salvo, e a grande pressa se foi para o Porto; e quando lá chegou, receberaõno no lugar, posto que sospeitavaõ que hia por engano, e com el Rey de Castella o saber, pera tomar algum lugar, porque naõ sabiaõ o segredo do que passara. Outros diziaõ que o matasem, outros foraõ de parecer que o aviaõ de ter em guarda de vista, sem prizaõ, até o fazerem saber ao Mestre.

Com aquelle acontecimento naõ cuidado estava el Rey inquieto, esperando aquella manhã, para saber a verdade delle; e como o dia veio, ouvio Missa mui cedo, e mandou trazer á sua camara D. Juda, e a Camareira Maria Perez, naõ estando com elle mais que a Rainha sua molher, e o Infante Carlos de Navarra seu cunhado, e D. David, que descobrira o segredo, e hum escriptaõ para escrever o que passasse. E como D. Juda, e Maria Perez vieraõ, mandou el Rey que os despiassem, e os metessem a tormento. D. Juda disse que naõ avia porque o deshonrassem; que elle diria a verdade daquelle negocio: e começou a dizer como



a Rainha escrevera a todos os Alcaides dos castellos, por onde passaraõ, que os não dessem a el Rey: e como tudo, o que tratara com o Conde D. Gongalo, era para se lançar o Conde D. Pedro com ella dentro da Cidade: e como se avia de chamar Rey, matando a el Rey seu senhor primeiro: e tudo o mais, que acima está dito. Da mesma maneira o confessou Maria Peres. E sendo tudo escrito, e ratificado por elles, lhe perguntou el Rey se o diriaõ assi perante a Rainha? Elles responderaõ que si. Entaõ mandou el Rey por a Rainha, a qual trouxe pello braço aquelle cavaleiro, a que estava encomendada a guarda della. A Rainha, posto que viesse preza, vinha sem medo, e sem mudança alguma de rosto, como molher varonil, e animosa que era, e ella só entrou na camara. El Rey mandou entaõ ao escriptaõ, que lesse á Rainha o que D. Juda dissera contra ella. A qual virandose para o D. Juda, com palavras injuriolas disse que mentia no que dissera: e que, se tal passou, elle lho ensinára; e começando de o arrezoar sobre isto, disse á Rainha Dona Briatís: O' senhora mãi, dentro de hum anno me querieis ver viuva, orfaã, e desherdada? El Rey disse á Rainha sua sogra, que alli não cumpriaõ muitas razões; que elle a não queria matar por honra de sua filha, posto que lho merecesse, nem lhe cumpria trazella em sua companhia: mas que a mandaria para hum Mosteiro de Castella, onde já estiveraõ Rainhas viúvas, e filhas de Reys, e alli lhe mandaria dar o necessario honradamente. Ella com a soltura, que lhe era natural, respondeo a el Rey, que isso fizesse elle a alguma sua irmãa, se a tinha, e a mettesse Freira nesse Mosteiro; que a ella não na avia de fazer Freira, nem seus olhos tal veriaõ. El Rey não curando do que ella dizia, a entregou logo a

Diogo



Diogo Lopes de Estunhiga, e foi levada a Castella ao Mosteiro de Tordezilhas. E indo ella pollo caminho, escreveo secretamente huma carta a Martin Añes de Barbuda, e a Gonçaleanes de Castella de Vide, rogandolhes, e representandolhes muitas razões, porque o deviaõ fazer, que a fossem tomar ao caminho áquelles que a levavaõ preza. Mas as cartas se deraõ taõ tarde, que naõ puderã pôr por obra o que lhes pedia: e assi foi levada áquelle Mosteiro. A camareira mandou el Rey levar preza, e foi metida a tormento para confessar aonde a Rainha puzera seu Thesouro de ouro, e prata, e joias; que confessou estavaõ em Santarem em casa de hum homem honrado da Villa: de que el Rey ouve grande parte. E a D. Judá perdoou el Rey a rogo de D. David, que descubrio a treição: e feito isto, se partio el Rey de Coimbra para Santarem.

Quando em Alenquer se soube que a Rainha era preza, e o modo que el Rey com ella usara, mandaraõ recado ao Mestre por Valco Martins de Altero, e Alvaro Fernandez do Rego; que por elle defender este Reyno do jugo del Rey de Castella, queriaõ seguir seu bando, e entregarlhe a Villa, com condiçaõ que, sendo a Rainha tua senhora solta da prizaõ, em que el Rey de Castella seu genro a tinha injustamente, que elle lha entregaria da maneira, que el Rey D. Fernando lha dera, e lha entregaria com todas as rendas, que entretanto ouvesse: e que aos moradores avia de confirmar seus fóros, e costumes. O Mestre lhes aceitou a Villa com aquellas condiçoẽs, dizendo que elle teve á Rainha sempre em lugar de mãi, e que assi o faria em quanto ella fosse pola honra do Reyno; e que ao tempo, que elle lhe entregasse a Villa, o avia de jurar assi, ainda que fosse contra



el Rey de Castella: e que lhe confirmava os fóros, prometendolhes outras graças, e mercês, de que logo lhes pallou cartas.

## C A P I T U L O XXII.

*Chega el Rey de Castella a Alenquer, e a Arruda: toma conselho de cercar Lisboa: elege o Mestre por seu Capitão a Nunalvares contra os accometimentos dos Castelhanos.*

**J**A' el Rey de Castella estava em Santarem: e vendo que, segundo os negocios passavaõ fóra do que elle esperava, lhe era necessaria mais gente, e mais poder, tinha mandado ao Marquez de Vilhena, e ao Arcebispo de Toledo, e a Pedro Gonçalvez de Mendoça, os quaes deixara em Torrijos junto de Toledo, que lhe mandassem até mil lanças; que logo vieraõ. El Rey partio de Santarem com suas gentes aos dez dias de Março, levando consigo a Rainha sua mulher, e deixando no Castello Pedro Fernandez de Padilha; e na Alcaceva, Fernão Carrilho; e vindo a Alenquer, Vasco Pirez de Camoës o veio receber, e lhe deu a Villa, fazendolhe omenagem della, como fizeraõ Fernão Gonçalvez de Meira por Torres Vedras, João Gonçalvez Teixeira por Obidos, contra vontade dos moradores. E vindo el Rey pouzar a huma aldea, que chamaõ o Bombarral, onde esteve quatro dias, se passou á Arruda. Alguns do lugar com medo se meteraõ em huma grande lapa, cuidando de se defenderem alli, ou escaparem; e sabendo os Castelhanos, lhes pozeraõ fogo, e queimaraõ quarenta pessoas. Quando el Rey vinha á Arruda, os Reposteiros, que vinhaõ diante para concertar a camara, em que el Rey avia de pouzar, acha-



acharaõ dentro nella escondidos dous homens Portuguezes, que tinhaõ suas espadas, e punhaes nas cintas: e segundo as circumstancias de suas pessoas, tempo, e lugar, em que foraõ achados, parece se determinaraõ, como outros Scevolas, a matarem el Rey, por livrar a patria da logeicaõ, e dos trabalhos, com que a ameaçavaõ. Os Reposteiros os prenderaõ, e tiveraõ até el Rey vir. E quando el Rey veio, e lhos apresentaraõ, e fouberaõ da maneira como foraõ achados, disse contra os seus: Por certo naõ podem estes dizer que se esconderãõ aqui com medo, senaõ que vinhaõ pera me matar delpois que eu jouvesse dormindo. E sem outra alguma diligencia os mandou enforcar. Alli pos el Rey em conselho se hiria a Lisboa, ou andaria pollo Reyno fazendo guerra. Huns eraõ de parecer que a naõ cercasse, por quanto algumas de suas gentes começavaõ já a morrer de peste, e que mais creceria o mal estando todos juntos em hum lugar, que espalhados pollo Reyno, e per outras razoens que davaõ; outros eraõ de parecer, que tanto que a frota viesse, logo cercasse a Cidade, por quanto era cabeça do Reyno; e que, ganhada ella, o Reyno todo se renderia: e que a gente, que estava dentro, era muita, e os mantimentos poucos, que se naõ poderiaõ defender muito tempo. Em fim como el Rey D. João, na eleicaõ dos conselhos, que lhe davaõ, foi infelicissimo, porque sempre escolhia o peor, quis seguir este conselho, e começou a apressar o cerco.

Entre tanto isto passava em casa del Rey de Castella, vinhaõ novas ao Mestre como muitos homens de entre Téjo, e Guadiana se levantavaõ por elle, e tomavaõ por força os castellos aos que os tinhaõ por el Rey de Castella; com o que elle se alegrou muito. Mas logo lhe vieraõ outras novas  
de



de desgosto, como el Rey de Castella mandara ao Almirante Fernão Sanches de Toar, que, depois que armasse a frota, que avia de vir sobre Lisboa, se viesse por terra de Alcantara, e se ajuntasse com o Mestre della, e com D. João Affonso de Gusmão Conde de Niebla, e com D. Pedralvarez Pereira Prior de S. João, e com outros senhores, e viessem combater os lugares, que estavam contra elle, e destruirem aquella terra; e como já tinham estado sobre Portalegre cinco dias, e aviam tallado vinhas, e olivares, e fizeram outro muito dano; e que assi faziam polos lugares por onde vinham: que por tanto pediao ao Mestre lhes mandasse hum Capitão, a que todos se juntassem, para lançar os inimigos fóra da terra. E nomeandose alguns para isso, o Conde D. Alvaro Pires de Castro acharão que era parente da Rainha de Castella, e assi mesmo acharão duvidas em outros: pollo que ao Mestre pareceo que ninguem podia ser eleito por Capitão com mais razão, que Nunalvarez Pereira: mas o Doutor João das Regas contrariava isto muito, como homem que a Nunalvarez não era affeiçãoado, pollo grande lugar que lhe via com o Mestre, dizendo que para aquelle cargo era necessario hum homem de mais idade, e authoridade, e saber; e que além disso tinha seus irmãos com os inimigos. O Mestre não fazendo caso destas razões, elegeo para isso Nunalvares, e lho encarregou, e elle aceitou por servir ao Mestre, e defender o Reyno: e logo o Mestre deu cartas a Nunalvarez para os lugares, que estavam por elle, em que lhe fazia saber como o mandava para os defender; e que tudo, o que lhes elle requeresse por seu serviço, fizessem como se elle fosse em pessoa. E para todos o servirem com mais fervor, impetrou Nunalvarez do Mestre, que lhe desse faculdade para  
poder



poder dar os bens dos que fossem contra elle, e para poder fazer mercês de dinheiro, e de acrescentamentos aos que bem servissem. O Mestre lho concedeo, acrescentandolhe que pudesse dar castellos, e fazer justiça como elle mesmo. E entre a gente, que Nunalvarez levava, trabalhou que fossem ao menos quarenta homens Nobres azados para qualquer feito de honra, dos quaes foraõ João Vafques de Almada, que foi Pai de Alvaro Vafques de Almada Conde de Abranches; Mecer Manoel Pessano Almirante; Valco Leitaõ, Neto de Estevaõ Gonçalves Mestre de Christo; Pedranes Lobato, que foi Governador da casa do Civel; Ruy Cravo, Affonso Pirez da Charneca, Alvaro do Rego, Antaõ Vafques de Almada, João Alvarez, João Lobato, Estevaõ Añes Barbudeta, Lopo Affonso da Agoa, Lourenço Affonso seu irmão, Lourenço Martins Pratas, Diogo Duraes, Diogo Dinis filho de Domingos de Santarem, e outros desta qualidade.

C A P I T U L O XXIII.

*Partese Nunalvarez para Alentejo: busca o inimigo, ajunta soldados, aos quaes animou com huma fala, que lbes fez para o seguirem contra os Castelhanos.*

**S**Endo já despedido Nunalvarez, por o grande amor que o Mestre lhe tinha, e estando já em Coina, o foi ver em huma Galé, e comeo com elle. E acabando de comer, tahiõ o Mestre com elle a hum grande rocio, que ahi ha, e lhe encomendou aquelles cavaleiros, que lhe dera por companheiros, que os tratasse bem, e agasalhasse, como elles mereciaõ, e como bons Portuguezes



zes que eraõ , e de sua criação : e a elles encomendou servissem , e obedecessem a Nunalvarez , como a sua mesma pessoa : e beijando Nunalvarez as mãos ao Mestre , se despediraõ. A gente toda , que Nunalvarez levava , eraõ duzentas lanças. Chegando aquelle dia a Setuval , com tenção de dormir na Villa , os moradores o não quizerão recolher , por ainda não estarem determinados de que bando fossem ; e dormiraõ no arrabalde. E querendo Nunalvarez experimentar que gente levava , porque nella hiaõ alguns novéis , que ainda se não tinhaõ visto em perigo , e de outros não sabia as tenções , e o que fariaõ quando se vissem com os inimigos , disse a todos que , receava que alguns Castelhanos , dos que estavaõ em Santarem , viessem pollo Téjo abaixo ; de que elle não sabia parte : que queria pôr de noite suas guardas , e escuitas , huma legoa dali contra Palmela. Das quaes guardas , e escuitas deu cargo a hum escudeiro ; e falou com elle á parte , que de noite tornasse muito á pressa , dizendolhe que os Castelhanos vinhaõ a elles. Estando dormindo Nunalvares , chegou o escudeiro com grande pressa , dizendolhe que se apercebesse , que Pedro Sarmiento vinha a elle com trezentas lanças , affirmando que elle vira os fogos , onde estavaõ alojados. Nunalvarez mostrou , que com as novas era mui alegre , e mandou tocar as trombetas ; e logo todos foraõ juntos com elle , e armados. E começando já de amanhecer , Nunalvares sahio com a sua gente posta em batalha , e assi foraõ em ordenança perto de huma legoa contra a parte donde o escudeiro disse , que vira os fogos. E sendo alto dia disse , que aquelles fogos eraõ de almocreves , que jaziaõ em hum valle de amejojada : e começaraõ a fazer volta. Nunalvarez os olhou a todos , e os vio consigo sem faltar hum ,  
com



com grande vontade pera qualquer cousa, que succedera. Ao outro dia disse Nunalvarez áquella gente, que levava, que, para se governarem bem, era necessario aver alguns do Conselho; e que estes não queria elle eleger, por evitar odios, e escandalos, que se não podiaõ elcufar, tomando huns, e deixando outros, pois todos o não podiaõ fer: e que os de Lisboa escolhessem certos de seus Cidadãos, e os de Evora outros dos seus. Os que os de Lisboa escolheraõ, foraõ João Vasques Dalmada, Afonso Pirez da Charneca, Vasco Leitaõ, Pedreaes Lobato; os de Evora Diogo Lopes Lobo, João Fernandez da Arca, Lopo Rodriguez Façanha. E assi fez outros officiaes necessarios a hum justo exercito; e dahi em diante lhe chamaraõ Senhor, palavra que até áquelle tempo não se dizia senaõ aos Reys, e aos Condes, que era dignidade a par del Rey. O que agora está taõ corrupto, e mudado, como estaõ muitas outras cousas, que tocaõ aos bons costumes, e boa instituiçaõ.

Dalli partio Nunalvarez; e foi a Montemor o novo: cujos moradores ainda não eraõ bem confirmados no serviço do Mestre: e despois de falar com elles, e lhes dar muitas razões, ficaraõ mui contentes de o seguirem. Ao outro dia foi á Cidade de Evora, que achou mui prompta pera servir ao Mestre. Dahi mandou chamar gente dos lugares da Comarca; donde lhe não vieraõ mais que trinta lanças: e assi a gente, com que se achava, não eraõ mais de duzentas e trinta lanças, e mil homens de pé. Com esta gente partio para Estremoz; onde achou mais novas, que aquelles senhores de Castella estavaõ no Crato, e vinhaõ cercar Fronteira; e que eraõ muitos, e mui bem concertados. Em Estremoz esperou Nunalvarez por gente de alguns lugares, a que escrevera, que era refer-



terra em vir. Em fim veio alguma, de que fez alardo; e achouse com trezentos de cavallo, e mil de pé, e cem besteiros. A esta gente falou Nunalvarez, declarandolhes para que eraõ juntos, e como com a confiança, que nelles tinha, esperava de ir buicar o Prior de S. João seu irmão, e ao Mestre de Alcantara, e outros, que eraõ entrados no Reyno, e faziaõ muitos males; e pelejar com elles: dos quaes tinha a victoria por mui certa, se elles o quizessem ajudar com bom esforço. A isto deraõ elles reposta, que a causa era muito pezada, e requeria deliberação: no que Nunalvarez ficou pouco contente. Estes, que queriaõ deliberar, naõ eraõ alguns dos que com Nunalvarez vieraõ de Lisboa, senaõ os que vieraõ a seu chamamento de entre Téjo, e Guadiana; porque huns eraõ voluntarios, e outros quasi forçados, ou ao menos importunados. Despois que conõigo conferiraõ, deraõ por reposta, que elles achavaõ ser cousa mui duvidosa, e cheia de certo perigo, ir pelejar com aquella gente, por os grandes senhores que traziaõ por Capitaens; porque alli vinhaõ Diogo Gomes Barroso Mestre de Alcantara, e D. Pedro Alvarez Pereira Prior de S. João, e D. João Affonso de Gusmaõ Conde de Niebla, Fernaõ Sanches de Toar Almirante de Castella, Pedro Gonçalves de Sevilha Adiantado mór de Andaluzia, Pedro Ponçe senhor de Marchena, o Craveiro de Alcantara, Garcia Gonçalves de Grizalva, Garcia Fernandez de Villa Garcia, Martim Añes de Barbuda, João Rodrigues de Castanheda, Alvaro Peres de Gusmaõ, e outros grandes senhores, que traziaõ conõigo somma de gente de pé, e mil lanças, e muitos ginetes, e bésteiros; e que diziaõ, segundo Nunalvarez tinha pouca gente, que o partido era desigual, e o perigo mui certo.

A ou-



A outra razã, que deraõ, foi que na gente contraria andavaõ dous irmãos de Nunalvarez: dando a entender que se refrearia elle de lhes fazer mal, e não pelejaria como devia. E que temiaõ que todos pereceriaõ, se a pelejar viessem com tal, e tanta gente: pello que sua tenção era não irem com elle.

Nunalvarez, que tal reposta não esperava de Portuguezes, que sempre pelejaraõ poucos contra muitos, ficou mui triste em seu peito. Mas fingindo rosto alegre, e gracioso, lhes disse: Que aos Capitães serem muitos, e grandes senhores, tanto seria mór honra vencelos: e que o vencimento estava em Deos: e muitas vezes acontecera os poucos vencerem os muitos, mórmente na nação Portuguesa, como viraõ em todos os feitos passados contra Mouros, e Christãos, de que sempre ouveraõ victorias contra innumeraveis exercitos: e que alli era mais de esperar, onde os Portuguezes tratavaõ de sua honra, e liberdade: e el Rey de Castella sustentava causa injusta, querendoos fogueitar contra os contratos jurados, que fizera em desprezo da nação Portuguesa, fazendo da força justiça. E o que tocava a pelejar com seus irmãos, que elle os não tinha já nessa conta, pois vinhaõ destruir a terra, que os gerara, e criara. E que por mais irmãos tinha a elles seus companheiros, que pelejavaõ por a patria, e por a liberdade, e por a honra como bons, e leaes Portuguezes. E que em verdade lhes jurava que, se seu proprio Pai ali viera, da mesma maneira fora contra elle por serviço do Mestre seu senhor: e que se elles naquella obra quizessem ser companheiros seus, prometia ser dos primeiros, que, ferisse nos contrarios, e em seus irmãos. Mas porque a guerra não queria soldados senaõ voluntarios, e de animos alegres, se sua ten-



ção delles era a que lhe disseraõ, os que se quizessem ir para suas casas, se fossem logo com Deos: que elle com esses pouco bons Portuguezes, que consigo trazia, determinava dar batalha aos Castelhanos. Pollo que os que quizessem ir com elle, se passassem além de hum regato de agoa, que ahi estava; e os que não quizessem, ficassem da outra parte. Quando elles ouviraõ estas palavras, muitos dos que antes duvidavaõ, cobraraõ coração para o seguir, e acompanhar; e a outros lhe pareceo cousa vergonhoza iremse: pollo que nenhum ouve, que não passasse a agoa; e assi ficaraõ todos.

## CAPITULO XXIV.

*Como Nunalvarez veio com pouca gente buscar o inimigo, e o venceo a primeira vez; e o cometeo outras, senhoreando-se de diversos lugares de Alentejo.*

**T**Anto que foi manhaã, mandou Nunalvarez fazer sinal, e partio caminho de Fronteira, que era dali quatro legoas, aonde os Castelhanos aviaõ de vir. E indo pollo caminho, veio a elle hum escudeiro Castelhana, que já vivera com elle em casa de seu pai, e entam vivia com o Prior seu irmaõ; e vinha por mandado do Prior, e a instancia daquelles Capitaes amoestar a Nunalvarez que não se metesse em cousa de tanto perigo, como era ir acometer tanta gente, e taõ nobre, com taõ pouca, que lhe poderia ser imputado a temeridade, e pouca prudencia: e que como bom irmaõ lhe aconselhava que ou se passasse a el Rey de Castella, que lhe faria muitas mercês, e honras; ou se recolhesse em Estremoz, e os deixasse correr a terra como determinavaõ fazer: e  
naõ



naõ se quizesse perder a si , e áquella gente. Nunalvarez respondeo a seu irmão que quanto naquelle negocio naõ queria seu conselho : e que da tençaõ , que tinha tomada , se naõ avia de apartar : mas que elle , e esles senhores se apercebessem para a batalha , que com aquelles poucos Portuguezes lhe avia de ir offerecer ; e que nenhuma cousa desejava mais , que ver-se já nella , e que logo seria com elles. E ao escudeiro rogou que mui á pressa fosse com este recado a seu irmão. Quando o Prior , e os Capitaes ouviraõ a resposta de Nunalvarez , se deraõ grande pressa , e sahiraõ do arraial caminho de Estremoz a tomarem Nunalvarez no caminho ; o qual estava já em hum lugar mui acomodado para a batalha , onde chamaõ os Atoleiros , que he meia legoa além de Fronteira. E sabendo que os Castelhanos vinhaõ perto , fez pôr a pé todos os homens de armas : e dessa pouca gente , que tinha , fez as partes , e ordenança , que se fazem nos exercitos grandes , concertandoos em batalha , a vanguarda , e retaguarda , e duas alas : e posto em cima de huma mula , andou pellas batalhas esforçando os seus com rosto alegre , e palavras de homem , que tinha a victoria por mui certa. E decendose da mula , se pôs na vanguarda com os primeiros diante da sua bandeira , assi como o prometera , e se encomendou a Deos , prostrandole por terra , e beijandoa. Os Castelhanos traziaõ vontade de pelejarem a pé : e quando virãõ os contrarios postos daquella maneira para morrer , ou vencer , mudaraõ o proposito , e puzeraõ-se a cavalo , e bradando huns *Castella* , *Santiago* , outros *Portugal* , *S. Jorge* , se encontraraõ ; aonde dos Castelhanos muitos foraõ mortos : e de tal vontade pelejaraõ hum pequeno espaço , que os Castelhanos foraõ desbaratados. No primeiro assalto fo-

raõ



rao mortos 40 homens de armas de Castella, e despois ao ajuntar morreraõ até 70 sem dano algum dos Portuguezes. Dos mortos foraõ o Mestre de Alcantara, D. Martim Neto Craveiro da mesma ordem, Frei Gonçalo Deça Comendador de Ferreira, Frei Joaõ de Lerim Comendador de Belvis, e outros Freires; Pedro Gonçalves de Sevilha Adiantado de Andaluzia, e outros fidalgos; foraõ feridos o Almirante, o Prior de S. Joaõ, e Garcia Gonçalves de Grizalva, e outros muitos. E vendo Nunalvarez como os Castelhanos fugiaõ, os seguiu hum grande legua, e mui tarde foi dormir a Fronteira. Com este bom successo se vieraõ para Nunalvarez muitos a se lhe offerecer para o servir. No seguinte dia despois da batalha, sem mais repouso, se partio Nunalvarez para Monforte, aonde estava Martim Añes de Barbuda, que era hum cavaleiro Portuguez, e avido por grande homem de armas, com muita gente, com que fugira da batalha; mas, despois que elle foi dentro na Villa, naõ lhe quiz sahir. E por Nunalvarez naõ levar artificios para combater o lugar, o naõ fez. Ao outro dia foi a Arrónches, donde lhe mandaraõ recado, que lhe queraõ entregar a Villa; e nella foi recebido: como foi dentro, mandou combater o castello; e as portas delle foraõ queimadas; e entrando por força, prendeo Gonçalo Sanches, e Affonso Sanches, que Gil Fernandes ouve, e o mesmo fez á Villa de Alegrete; que, estando por Castella, mandou recado a Nunalvarez que fosse lá, e se lhe dariaõ, como defeito deraõ.



## CAPITULO XXVI.

*De huma cavalgada, que fizeraõ os de Villa Viçosa, de que trouxeraõ muito gado: como foi prezo Vasco Porcalho.*

**N**Aquelle tempo estava em Villa Viçosa por Alcaide mór do castello Vasco Porcalho Comendador mór da Ordem de Aviz, que o Mestre lá mandara, privando do cargo Garcia Pirez Craveiro da mesma Ordem, por ser criado da Rainha, e lhe parecer sospeito: e mandou mais o Mestre, que Alvaro Gonçalves Coitado, natural da mesma Villa, estivesse ahi com trinta escudeiros, tambem naturaes. Este Alvaro Coitado era muito amigo de Pedro Rodriguez Alcaide mór do Landroal; e concertaraõ ambos de fazer huma entrada em Castella, que ninguem entaõ ousava fazer, por quanto Pedro Rodriguez da Fonseca estava em Olivença mui poderoso com quinhentos de cavalo, entre homens de armas, e ginetes, de maneira que toda a Comarca o temia. Tendo divizado o dia, Alvaro Coitado ajuntou os seus, trinta de cavalo, e cento e sincoenta homens de pé de Villa Viçosa; e Pedro Rodriguez quinze homens de cavalo, e sincoenta de pé do Landroal; e passaraõ de noite a ribeira do Guadiana, pelo porto que chamaõ de Cerya, e foraõ ao exido de Chelles sobre o quarto da Alva; fizeraõ preza em certos factos de vaccas, e egoas de Garci Gonçalvez de Grizalva, e prenderaõ catorze vaqueiros, porque fó escapou hum, que foi dar novas a VillaNova del Fresno, e Alconchel, lugares de Castella. Alvaro Coitado, e Pedro Rodrigues mandaraõ tanger a cavalgada aos homens de pé, e lhe deraõ dez



dez de cavalo, que viessem com elles; e elles ficaram atraz em guarda, se alguma gente viesse para pelejarem com ella, e entraraõ no termo de Portugal com mil e quatrocentas vaccas, e seiscentos novilhos, e vinte e seis egoas com seus poldros.

Feita esta cavalgada, soube Pedro Rodriguez em certeza, que o Comendador mór Vasco Porcalho se carteava com Pedro Rodriguez da Fonseca, contra serviço do Mestre; e o fez saber por hum seu escudeiro a Alvaro Coitado. Quando o escudeiro chegou com o recado, estava Vasco Porcalho na praça; e Alvaro Coitado fesse prestes para o prender, fallando primeiro com os da Villa: e tomada a porta da treição com bésteiros, e homens de pé, que não deixassem entrar, nem sair pessoa alguma, mandou ás portas da Villa dez escudeiros, que as tivessem cerradas; e a grande pressa mandou ao Landroal, que he dahi huma legoa, chamar Pedro Rodriguez: o qual como ouvio o seu recado, cavalgou com dez escudeiros, e sessenta homens de pé, e á pressa veio logo. Alvaro Coitado, que tinha já tomada huma torre grande, que está sobre huma das portas, lhe mandou abrir: e como se viraõ, fallaraõ ambos apartados; e logo com os seus, e com todos os da Villa chegaram aos Paços da Ordem, onde já o Comendador estava com quinze escudeiros, e trinta homens de pé, e dez bésteiros, e a rua dos Paços bem apalancada para se defender. Como a gente era muita, foi logo o palanque quebrado, e começaram todos a dizer em vozes altas: *Morra o tedor, morra o tedor, que nos tinba vendidos aos Castelhanos.* E quiserão-lhe pôr fogo ás casas. Mandados aquietar, fez Alvaro Coitado dizer a Vasco Porcalho, que ou se sahisse fóra a lhes falar, ou iriaõ elles dentro. Vasco Porcalho despois que o seguiu-



feguraraõ a elle , e aos seus , fahio , e se queixou da injuria , e deshõra , que lhe fizeraõ , tirandoo do cargo , que seu senhor o Mestre lhe dera , e com taõ máo nome , como lhe punhaõ ; do que o Mestre naõ avia de folgar. Finalmente elle foi tirado do Castello ; e mui queixoso se foi ao Mestre , e delle foi bem recebido , sem embargo do que Alvaro Coitado , e Pedro Rodriguez lhe elcreveraõ : e aos queixumes respondeo relevando tudo. E por o Mestre lhe recompensar aquella injuria , e afronta , como elle era confiado , e magnanimo para com homens , lhe fez algumas mostras de favor , e benevolencia : porque comendo hum dia , lhe mandou que o servisse de copa o mesmo Comendador mór , e lhe deu agoa ás mãos ; e , levantada a meza , lhe disse que se naõ agastasse , que elle o tinha por bom , e leal : e que como a tal lhe tornava a dar o Castello de Villa Viçosa , para que em tudo fosse restituído : e dali avante confiaria delle muito mais , que de antes : e que , se lhe elle naõ fosse leal , seria o mais ingrato homem do mundo , e trédor , naõ sómente por ser Portuguez , e criado seu , mas por ser cavaleiro da sua Ordem ; encommendandolhe que fosse amigo de Alvaro Coitado , e Pedro Rodriguez , desculpandoos com as alteraçõs do tempo ; e lhe deu carta para elles lhe restituirem o castello. Vasco Porcalho lhe beijou a mão dizendo , que até li se contava entre os mortos ; e que nunca Deos quizesse que contra senhor , de que tantas mercês recebera , e a que taõ obrigado era , errasse nem de pensamento. O que elle despois mal cumprio. A Pedro Rodriguez pezou muito quando vio a carta do Mestre : e , mostrandoa a Alvaro Coitado , naõ puderaõ fazer senaõ o que lhe mandavaõ.



## CAPITULO XXVII.

*Como os Castelhanos entraraõ em Villa Viçosa: e os Portuguezes lhe tomaraõ a Alvaro Coitado, que levavaõ prezo. Contase a geração de Pedro Rodriguez.*

**D**Epois que Vasco Porcalho foi restituído ao castello, e entrou nelle, mostravase muito amigo de Alvaro Coitado, e Pedro Rodriguez; e fez muitas bemfeitorias no castello, como que eraõ para o defender, dizendo que assi lho mandava o Mestre: e fingio tanta amizade com Alvaro Coitado, que, nacendolhe hum filho, tomou por compadre a Vasco Porcalho; ao qual baptismo veio tambem Pedro Rodriguez convidado; e despois de comerem, se foi Pedro Rodriguez pera o Landroal, e Alvaro Coitado foi dormir áquella grande torre, de que ainda estava de posse: mas como foi noite, foise para elle Vasco Porcalho, mostrando que vinha comer, e folgar com seu compadre; e detevese com elle taõ alta noite, que entraraõ sincoenta escudeiros, e duzentos homens de pé (que tinha escondidos dentro do castello) e prendeo a Alvaro Coitado, e a sua mulher, e filhos, e quantos com elle estavaõ, e os fez levar subitamente á torre da Omenagem, e lhe roubou quanto lhe achou na casa: e na mesma noite entraraõ duzentas lanças dos Castelhanos, e muito de madrugada tocaraõ as trombetas, e levantaraõ bandeira na torre da Omenagem, bradando a altas vozes *Castilha, Castilha*. Os moradores da Villa de toda a sorte postos em grande turbação, assi polla prizaõ de Alvaro Coitado, como polla tomada da Villa, se acolheraõ, e fugiraõ por hum postigo



tigo para Borba. O Commendador, a que não pezava de se ver livre delles, os deixou ir, e a seus criados lhes deu os bens dos que se foraõ. E como Vasco Porcalho se vio favorecido da gente, começou a fazer má vizinhança a Pedro Rodriguez, de maneira que os do Landroal passavaõ mal, por não terem mantimentos, e comiaõ paõ de bolotas. O Commendador fez saber a el Rey de Castella da prizaõ de Alvaro Coitado, o qual lhe mandou que fosse levado á Torre de Olivença, onde fosse bem guardado de Pedro Rodriguez da Fonseca. Nunálvarez, a quem pezou muito da prizaõ de Alvaro Coitado, mandou a Pedro Rodriguez dezaseis escudeiros homens esforçados para qualquer feito, dizendolhe que os tivesse consigo, e ordenasse com elles, como Alvaro Coitado fosse tomado, quando o levassem a Olivença.

Não tardou muito que não chegasse hum dia pola manhã hum espia, que Pedro Rodriguez tinha em Villa Viçosa; o qual disse que aquelle dia seguinte aviaõ de levar a Alvaro Coitado para Olivença. Pedro Rodriguez chamou logo os escudeiros perante aquelle homem, e communicaraõ todos que maneira teriaõ pera o tomar; e acordaraõ que aquella noite se lançassem em filada em Villa Viçosa, junto de hum pinhal acomodado para isso: e que aquelle mesmo homem, que lhe trouxera a nova, o fizesse de maneira, que soubesse as horas, em que avia de ser levado o prezo, e por que maneira; e mandaraõlhe que se fosse, e lhes levasse novas áquelle pinhal. Pedro Rodriguez depois do sol posto com aquelles dezaseis escudeiros de Nunálvarez, e com fincoenta homens de pé partio do Landroal, e fingio que hia caminho de Estremoz. Depois que foi noite, deraõ volta pelo caminho mais encuberto, que puderaõ, e foraõse



ao pinhal, e alli esperaraõ a reposta do homem, que mandaraõ. Era já alta noite, e não sabiaõ certeza do lugar, senaõ quanto lhe dissera aquelle homem, que esperavaõ; vendo que tardava tanto, começaraõ a duvidar se seria verdade o que lhes dissera. Alguns diziaõ que isto podia ser treiaõ daquelle homem, de que Pedro Rodriguez se fiara, e que os teria vendidos. O que mais se receava disto era o mesmo Pedro Rodriguez; e, se pudera, bem quizera ver-se fóra daquella empreza. Nisto dous escudeiros hum por nome Lourenço Martinz, outro Gomez Lourenço, disseraõ a Pedro Rodriguez que elle viera alli por servir a Deos, e ao Mestre; que Nunalvarez Pereira, quando os mandara, fora com tençaõ que fosse livre Alvaro Coitado da prizaõ, quando o quizessem levar. E que, se aquillo era treiaõ, já lhe não podia fugir por nenhuma maneira, que o livrassem pollas mãos, aguardando qualquer ventura que lhes acontecesse: E que por tanto elles ambos queriaõ ir com dous homens de pé tomar lingua, se podessem. E que aguardassem elles; que mui cedo tornariaõ. A Pedro Rodriguez pareceo bem; e lhe disse, que se não partiria dalli até que elles viessem. Os escudeiros se foraõ com dous homens de pé; e como foraõ perto da Villa, mandaraõ os de pé ao arrabalde, e elles ficaraõ quasi em direito da porta da treiaõ: estando alli, viraõ muita gente de pé, e de cavallo, e vieraõ dous homens de pé Castelhanos, que se queriaõ ir com aquelles que estavaõ á porta da treiaõ, não por mandado do Commendador. E os escudeiros os prenderaõ logo, e os fizeraõ calar. Nisto vieraõ os dous homens, que foraõ com os escudeiros, e disseraõ como Alvaro Coitado era tirado do castello, e lhe tinhaõ huma mula prestes, em que fosse; e que o



numero da gente lhes parecia que seriaõ duzentos de cavalo, e muita gente de pé. Disseraõ entaõ os escudeiros aos de pé, que trouxeraõ a nova, que fossem elles alli; e como os Castelhanos começassem de cavalgar, fosse hum delles dar novas, e o outro fosse á terca, e visse em certo quanta gente feria, e por qual caminho hiaõ. Entaõ se partiraõ aquelles escudeiros com os dous Castelhanos, que prenderaõ, e se foraõ ao pinhal; e como chegaraõ, contaraõ a Pedro Rodriguez, e aos outros o que lhe acontecera: estando preguntando áquelles prisioneiros que gente estava em Villa Viçosa, chegou o homem, por quem Pedro Rodriguez esperava, e outros dos que ficaraõ no lugar, por saber o caminho, e ambos deraõ novas, como dous Comendadores, hum o de Calamea, e outro, vinhaõ com Alvaro Coitado, e traziaõ consigo quarenta de cavalo, e sessenta homens de pé, todos escolhidos, e vinte e quatro bésteiros; e que logo os viraõ passar. Entaõ começaraõ Pedro Rodriguez, e os mais da companhia a se porem a cavalo, e ouviraõ o tom dos cavalos dos Castelhanos, e se foraõ á estrada, por onde hiaõ os Commendadores; e começando de entrar em hum campo, enrestaraõ as lanças, e ao mór correr, que puderaõ, encontraraõ os Castelhanos. Dos quaes deu hum a Alvaro Coitado huma lançada sobre huma jaqueta que levava vestida, dizendo: O' tredo vendido nos has. Alvaro Coitado se lançou da mula em terra, com huma grande adoba de ferro, que levava nas pernas, e se escudou com a mula. Pedro Rodriguez, e os outros foraõ dar nos Castelhanos, dos quaes cairaõ vinte escudeiros dos cavalos, e os de pé se acolheraõ ao monte, sem fazer coula alguma. O trabalho, que os piaës Portuguezes tinhaõ, era prender aquelles escudeiros, que cahiraõ, e

apa-



apanhar lanças , e adargas , que jaziaõ polo campo ; e tomar os cavalos , e fardagem dos Cõmendadores , que naõ avia quem lho tolhesse ; porque logo foraõ vencidos , e espalhados pelos estevaes. E porque era de noite , e hiaõ sem guia , deciaõ-se dos cavalos , e embrenhavaõle , e foraõ dar consigo em hum fraga mui pedregosa. Os Portuguezes naõ sabiaõ parte de Alvaro Coitado , e bradavaõ por elle. Elle jazia em hum grande juncal , sem ouzar de responder , crendo que aquelle era Matim Añes de Barbuda , que o vinha tomar aos Castelhanos pera o levar cativo , por o mal , que lhe queria. E acertando de ir por aquelle juncal Gomez Lourenço de Sampayo , hum dos escudeiros , que Nunalvarez mandou a Pedro Rodriguez , e hia bradando por Alvaro Coitado , elle o conheceo na falla , e entaõ lhe respondeo. E alegrandose muito com elle , se deceo do cavalo , e o ajudou a sobir ; e pondolhe as esporas , lhe deu hum lança ; e Gomez Lourenço cavalgou no cavalo de hum dos Cõmendadores , que andava solto ; e assi se foraõ para onde os outros estavaõ : a que Alvaro Coitado deu os agradecimentos , por virem alli por sua causa , e o livrarem. Dos Castelhanos de cavalo foraõ prezos 9 , e tomados muitos cavalos , e mulas , e azemolas com o fato , que levavaõ.

Outras muitas escaramuças , e cavalgadas ouve , em que Pedro Rodriguez Alcaide mór do Landroal , e Gil Fernandez de Elvas se ouveraõ valerosamente , assi contra Payo Rodriguez Marinho Alcaide mór de Campo Maior , o qual prendendo a Gil Fernandez mal , e á treição , indolhe falar sobre seguro , e resgatandoo por mil dobras , e foi despois desbaratado , e morto por elle ; como tambem se ouve contra Pedro Rodriguez da Fonseca Alcaide de Olivença , que era hum cavaleiro mui esfor-



esforçado, e que tinha muita gente; onde ouve muitos feitos honrosos de Portuguezes, e mortes de muitos Castelhanos, homens de nome, e mui esforçados. E porque o que Pedro Rodriguez fazia contra Portuguezes, não era por elle não ser leal Portuguez, e ser hum homem virtuoso, e de que descenderão homens mui illustres, não parecerá impertinente dizer quem foi, e a causa de se passar a Castella; e quem são os que d'elle tem origem. Era Pedro Rodriguez homem fidalgo principal; e de mui antiga linhagem, por os FONSEQUAS serem os meismos, que COUTINHOS, cuja nobreza já era no tempo del Rey D. Henrique I. Rey de Portugal; e por elle ser assi honrado, e de muita authoridade, e já ter ido por Embaxador del Rey D. Pedro, e del Rey D. Fernando ás Cortes de outros Reys: e porque a Rainha Dona Leonor pretendia ter por si os principaes do Reyno, para o que a huns obrigava com lianças, ou parentescos, outros com beneficios, casou com elle a Inez Dias Botelha sua donzella, e parenta, que no Paço trazia; e com ella lhe deu em dote a fortaleza de Olivença, que naquelles tempos de guerra, e por ser na raya do Reyno, era cousa de muita importancia, e confiança. E quanto parece tambem averia as terras, que tinha, ou parte dellas; porque seguindo Hieronymo de Ponte, que escreveo das linhagens de Castella, era senhor das Villas de Castello Rodrigo, de Odemira, e de outras.

Sendo pois este cavaleiro muito pontual em cousas de sua verdade, e honra; e tendo jurado por sua futura Rainha, e senhora a Rainha Dona Briatís, e a ella feita omenagem, pareceolhe que cahiria em mau caso de desleal, não na reconhecendo por senhora; por isso se passou a el Rey de Castella, e foi seu Guarda mór: e assi em hum testamen-



tamento, que fez mui avifado, e de homem pio, encomendou muito a seu filho fizesse muito pola honra, e lealdade; dizendo que lhe não deixava outra herança, porque, por ser leal, deixára em Portugal terras, de que pudera fazer tres condados, que em Castella lhe não recompensaraõ: e que lhe encomendava que servisse a seu Rey leal, e limpamente, sem respeito de interesse mais, que o da honra; porque os que serviaõ de cobiça, e interesse, depressa mudavaõ o serviço, e se lhes mudava a fortuna, &c. Teve pois Pedro Rodriguez mui honrada geraçaõ, porque seu filho Joaõ Rodriguez da Fonseca foi Guarda mór del Rey D. Henrique o III, e residio em Badajós, onde tinha seu morgado, e que hoje possuem seus herdeiros: teve mais D. Pedro da Fonseca Cardeal do titulo de Sancto Angelo, homem de muitas letras, e valia na Corte de Roma; deixou huma filha por nome Dona Briatís, que casou com o Doutor Joaõ Affonso de Ulhoa do Conselho del Rey D. Joaõ o II., e muito seu privado, de que nalceo o herdeiro das Villas de Coca, e Halvejos; e D. Affonso da Fonseca Arcebispo de Sevilha; e de Dona Catherina filha do mesmo Doutor Joaõ Affonso de Ulhoa, e neta de Pedro Rodriguez da Fonseca, que casou com Diogo de Azevedo, filho do Doutor Azevedo, nalceo o Patriarcha de Alexandria, Arcebispo de Sanctiago, que foi pai de D. Affonso da Fonseca Arcebispo de Toledo Varaõ mui illustre, que comprou ao Emperador Carlos V. a liberdade da Cidade de Salamanca, de não pagar peita; e fundou o grande Collegio de seu nome, em que jaz enterrado, cujo filho foi D. Diogo de Azevedo Mordomo del Rey D. Philippe II., neto do dito Pedro Rodriguez da Fonseca, cuja filha hoje he a Condessa de Fuentes.



## CAPITULO XXVIII.

*Socorre o Mestre os de Alenquer sem effeito: prepara a sua armada; chega parte da de Castella: acomete el Rey a Cidade de Lisboa por mar, e por terra.*

**E**Ntre tanto que estas cousas passavaõ além do Tejo, o Mestre em Lisboa provia as cousas necessarias, e aparelhava sua armada, elperando pola de Castella. E aconteceu que tres Galés suas, e tres barcas, naõ longe do porto de Lisboa, tomaraõ duas naos carregadas de mercadorias, e hum navio de Galiza com madeira. As naos vinhaõ mui ricas de panos de escarlata, e sedas, prata, e ouro; e posto que os Patroës das naos bradavaõ, que eraõ de Genova, e naõ do senhorio de Castella, como entre o estrepito das armas tem silencio as leys, o Mestre todavia as mandou descarregar, até se saber a verdade; e entre tanto folgou com aquella ajuda, por o tempo em que estava; que despois mandou restituir inteiramente.

Naquelle mesmo tempo fizeraõ os de Alenquer saber ao Mestre, que se mandasse lá sincoenta homens de armas, que trabalhariaõ por tomar com elles o castello. O Mestre os mandou em duas Galés, que aportaraõ huma legoa da Villa, mas o trabalho foi em vaõ; porque, perseverando o combate desda hora de Prima até a Vespóra, veio nova como el Rey de Castella, que entaõ estava no Bombarral, mandou gente á pressa em socorro do castello: polo que os da Villa começaraõ a desacorçoar, temendo o mau trato, que el Rey lhes faria; e com suas mulheres, e filhos se foraõ



meter nas Galés com a pouquidade ; que podiaõ levar, deixando suas casas cheas. E posto que Vasco Pirez de Camoës lhes bradava, que se não fossem, nem ouvessem medo del Rey de Castella, nem dos seus, não se deraõ por seguros, visto quam deshumanamente el Rey se avia com os homens, que lhe cahiaõ nas mãos, contra a regra dos bons Capitaës. Polo que suas casas foraõ roubadas dos do castello; e os pobres, que não fugiraõ, livra- raõ melhor. Ao outro dia chegou Garci Fernandez de Vilhodore com muita gente de socorro, cuidan- do que ainda os de Lisboa estavaõ ahi combaten- do o castello.

E porque el Rey de Castella mandava armar grande armada de naos, e galés, para vir sobre Lisboa, e lhe tapar todo o porto, que não podesse ser socorrida de mantimentos de parte alguma, teve o Mestre de armar as Naos, e Galés, que avia no porto, para estarem prestes para embargar a entrada de alguns navios, se entretanto viessem; e pera segurança dos que para a Cidade se vinhaõ, e defensão do porto, com as mais, que da Cida- de do Porto esperava; e deu o cargo disto a D. Lourenço Arcebispo de Braga, o qual com muita diligencia andava encima de hum cavalo, armado com seu roxete sobre as armas, com huma lança nas mãos, mandando a todos trabalhar. E se al- gum escusandose dizia que era Clerigo, dizialhe que tambem elle o era; e se lhe dizia que era Frade, respondia, e eu Arcebispo, que he mais. E em breve tempo foraõ armadas doze Galés, a fóra certas Galeotas, que vieraõ do Algarve. Sen- do armadas sete naos, e as Galés, fez Capitaõ dellas a Gonçalo Rodriguez de Sousa Alcaide mór de Monçaraz, e sahio da Sé em procissão com o Estendarte das Armas Reaes de Portugal até á porta



porta do ouro , e alli foi entregue a Gonçalo Rodriguez , e posto na Gale Real ; e aos quatorze dias de Maio partio para a Cidade do Porto.

El Rey de Castella , sendo aconselhado que não viesse cercar Lisboa até sua armada chegar , para lhe tomar de todo a ribeira , e não poder aver locorro de gente , nem mantimentos , detinhale na Aldea , que chamaõ o Bombarral , junto de Obidos ; depois se veio chegando a Lisboa até o Lumiar , onde esteve alguns dias , e os seus pelas aldeas vizinhas. Em hum dia certos Capitaes Castelhanos com gente de armas , piaes , e bésteiros sobiraõ polo vale de Sancta Barbora ao monte de S. Giaes , onde agora está a Ermida de N. Senhora do Monte , e alli se puzeraõ juntos com suas Bandeiras , apupando contra os da Cidade , todos empavezados. Dali a pouco abalaraõ contra a porta de Santo Agostinho , onde estavaõ por guardas o Conde D. Alvaro Pirez de Castro , e D. Pedro de Castro seu filho , e Mem Rodriguez , e Ruy Mendez de Vasconcellos filhos de Gonçalo Mendes de Vasconcellos , que tinhaõ duzentas lanças , afóra outros , que com elles estavaõ em companhia. E quando viraõ estar os Castelhanos daquella maneira , sahiraõ alguns fóra a escaramuçar ; e andando metidos na briga , foi prezo da parte dos inimigos hum daquelles Capitaes fidalgo principal , que chamavaõ João Ramirez de Arelhano. E cobrando os Portuguezes animo com a prizaõ daquelle Capitaõ , e perdendo os Castelhanos , foraõ levados pelos Portuguezes por aquella ladeira abaixo ; indo os Castelhanos arrastrando as Bandeiras pelos paes semeados nas costas daquelle monte , onde foraõ alguns delles mortos , e feridos. O Mestre , como soube que os seus escaramuçavaõ , sahio fóra a pé com gente de armas , e bésteiros pela porta de S. Vi-



cente naquelle chaõ, que alli faz ; e como vio a escaramuça desfeita, se tornou. E a João Ramirez de Arelhano mandou prender no Castello honradamente, e lhe mandou vestidos de seu corpo. E naquelle dia, que eraõ vinte e leis dias de Maio, começou a vir a armada de Castella, e chegaraõ á Cidade treze Galés, com que el Rey folgou muito, por ter occasiaõ de se vir lançar ao redor della.

Passado despois disto hum dia, chegaraõ alguns fidalgos Castelhanos ás torres, que estaõ em hum monte alto, defronte do Mosteiro de S. Domingos, acima da Porta de Sancto Antaõ ; e disseraõ aos das torres, que tolsem dizer ao Mestre, que el Rey seu Senhor vinha já por caminho, e queria fazer alli certas protestaçoës, e requerimentos ; que mandasse vir alli alguns cavaleiros, e Cidadãos. O Mestre lhes mandou dizer, que se fossem ; e se o não fizessem, que lhes atirassem á béstia. Ouvindo isto os Castelhanos, deixaraõte eltar esperando por el Rey, afastados do muro. Nisto chegou el Rey com seu exercito á Cidade, e junto a hum monte, que chamaõ Olivete, esteve graõ parte do dia ; e muitos dos seus começaraõ a cortar arvores, e destruir as vinhas. Naquelle dia pela manhã antes que el Rey viesse, sahiraõ alguns homens de armas, bésteiros, e alguns piaës pela Porta de Sancta Catherina, e ordenaraõ huma pavezada para escaramuçar com os Castelhanos, que já eraõ certos, que aviaõ de vir ; entre os quaes vinha Fernaõ Pereira, irmão de Nunalvarez, e o Doutor Martim Affonso da Charneca, que despois foi Arcebispo de Braga ; e João Lourenço da Cunha, o que fora marido da Rainha Dona Leanor, João Affonso de Baeça, Martim Paulo Gascaõ, Vasco Martinz da Agoa, e Fernaõ Alvarez Dalmeida Veedor



dor do Mestre, e outros bons homens de armas. O Mestre estava na torre, que chamavaõ de Alvaro Paes, para ver o que el Rey de Castella fazia com aquella gente, que consigo tinha. El Rey esteve quedo naquelle lugar, sem fazer cousa alguma, passante de horas de Terça: e vendo como aquelles, que sahiraõ da Cidade, estavaõ á vista delle, sem mostrar que lhe aviaõ medo, disse para os seus: Vós outros não vedes como aquelles villaõs andaõ fóra da Cidade sem se temerem de nós? a elles, a elles, fazellos entrar dentro; que villaõs são todos. Os que isto ouviraõ, disseraõ que aquillo não era pera fazer; que, ainda que os levassem até ás portas, não podiaõ fazer dano a Cidade. Ouvindo isto el Rey, se indignou muito; e sem mais replicar, pedio o bacinete, e disse ao Mestre de Santiago que fosse diante com sua bandeira: e fazendo elle o que lhe el Rey mandou, muitos se deceraõ dos cavalos, e com as lanças nas mãos se foraõ aos Portuguezes até chegarem huns aos outros. Os Castelhanos eraõ muitos, e os Portuguezes poucos: e não os podendo soffrer, foraõ forçados a tornar com pressa para a Cidade, e outros cahiraõ na cava, onde os puderaõ matar, ou prender, se não foraõ os das torres, que os defendiaõ ás pedradas, e com os virotes. Nisto vinha el Rey de trás com muitos dos seus. E Pedro Fernandez de Vellasco começou a dizer a altas vozes: A'vante, senhores, ávante, que nossa he a Cidade. E o Conde D. João Affonso Tello, irmão da Rainha Dona Leonor, vinha bradando: A'vante, ávante, senhores, que por aqui vai o caminho pera minha casa. O Mestre, que tudo isto olhava, quando vio que os seus se acolhiaõ, assi, sem regimento, e os Castelhanos endereitavaõ para a porta da Cidade, deceo á pressa da torre, e cerrou por sua mão hu-

ma



ma porta, e mandou a outro que cerraſſe a outra; e diſſe contra os ſeus: Volta, volta; eu vos farei que ſejais bons, ainda que não queirais. Então ficaram os Portuguezes todos, que eſtavaõ fóra, entre o muro, e a barbacam; e alli começaram Portuguezes, e Caſtelhanos a darſe de lançadas. E poſto que o combate duraffe por grande eſpaço, nunca os Caſtelhanos os puderaõ arrancar daquelle portal da Barbacam, que era ſem portas. Os muitos béſteiros, que el Rey trazia, e aſſi os das Galés tiravaõ aos do muro. Os de dentro tiravaõ por entre as ameas aos de fora, e de cima das torres deitavaõ muitas pedras. O arroido da Cidade era grande, e a mais da gente acudia alli. Em quanto iſto paſſava na Cidade, andavaõ alguns homens de pé, e béſteiros fóra da Cidade, além das Torres de S. Domingos; e veio a elles D. Alvaro Peres de Guſmaõ com muitos ginetes, e fez huma entrada contra elles, em que foraõ alguns feridos, e perderaõ dois cavalos, mas nenhum morreo alli, nem de huma parte, nem da outra. Vendo os Caſtelhanos que não aproveitavaõ, durando o combate grande eſpaço, deixando de combater, tendo já dos ſeus alguns mortos, e feridos, entre os quaes acabou a vida o Alcaide dos Donzeis, e outro, que chamavaõ Ruy Duque, e outros; dos Portuquezes foraõ mortos quatro, e feridos muitos, dos quaes foi hum Fernaõ Pereira, e Martim Paulo. E iſto aſſi feito, tornou el Rey com os ſeus para donde vieraõ.



## CAPITULO XXIX.

*Disposição do cerco, que el Rey poz a Lisboa: como o Mestre dispoz a sua gente para a defender: e como os de Almada ficaraõ cercados, e se defenderaõ dos Castelhanos.*

**A**O dia seguinte, que foraõ vinte nove dias do mez de Maio, chegaraõ ao porto de Lisboa quarenta naos: polo que logo ao outro dia el Rey partio com seu campo, para assentar o arraial sobre a Cidade; e chegou a horas de Terça. A somma da gente, que el Rey alli tinha, teria de cinco mil lanças, a fóra as que ficaraõ em Santarem, e em outros presidios. Além destas lanças, tinha mil de cavalos ginetes, de que era Capitão D. Alvaro Peres de Guimãõ, e seis mil bésteiros. A gente de pé era muita, a fóra a que veio na armada, e outra que vinha cada dia por terra. Ao arraial mandou el Rey assentar junto com hum Mosteiro de Freiras da Ordem de Sanctiago da espada, que alli sohia estar na Igreja, onde agora chamaõ Sanctos o Velho, que despois se mudou para junto a Enxobregas. Alli fizeraõ hum cala lobradada para el Rey; e junto della assentaraõ muitas tendas, assi del Rey, como de Senhores; as outras se assentaraõ em Alcantara, e Campolide; que por essa razão se chama assi, por ser campo, em que os da lide estavaõ alojados; e outras se assentaraõ pola Comarca ao redor em grandes, e bem ordenadas ruas, que pela multidão das tendas, e bandeiras de diversas insignias, que sobre ellas estavaõ, faziaõ hum fermosa vista. E como os lugares ao redor estavaõ por el Rey de Castella, era abastado o arraial de muitos mantimentos, que lhe vinhaõ da Comarca da Cidade,



dade, e de Santarem, por mar, e por terra, e o mesmo de Sevilha. E não sómente era abastado de cousas de comer, mas de todas as mercadorias, e especiarias, panos, e sedas, de que avia tendas, e ruas de officiaes, como em hum grande, e bem ordenada Cidade. Guardavase o arraial de dia com muita gente de cavalo, para que da Cidade não podessem sair, que não fossem vistos: da banda do mar junto com Almada estavaõ duas Galés para não poderem vir á Cidade mantimentos, nem gente. A frota das naos jazia ao longo da Cidade, desde Cataquefarás até á Porta da Cruz em boa ordenança, humna diante da outra; e de humna a outra estava deitado hum grosso calibre, para que, ainda que alguma barca quizesse passar dâlem, não pudesse.

Os da Cidade tinhaõ recolhidos os mais mantimentos, que puderaõ ajuntar, e tinhaõ dentro muita gente do termo, e da Comarca ao redor, que á Cidade se acolheraõ, com o que puderaõ levar; e estavaõ com seus muros bem repairados, e setenta e tres torres, que ao redor tinhaõ cheas de muitas armas, e tiros, e grande quantidade de pedras; muita gente armada, que por ellas com seus Capitaes estava repartida com muitas bandeiras das armas, dos que as guardavaõ; e faziaõ humna fermosa apparencia. A guarda da Cidade estava repartida por quadrilhas de homens de armas, e bésteiros; e em cada quadrilha hum sino para dar sinal, quando cumprisse, e acudir cada hum a seu Capitaõ.

A gente da Cidade, com ter por seu defensor o Mestre, estava taõ animada, e confiada, que, pondose muitos nos muros com apupos, e som de trombetas, parece que provocavaõ aos Castelhanos, como desejosos de vir ás mãos com elles. O mesmo officio faziaõ os Clerigos, e Frades, que a qual-



qualquer rebate acudiaõ armados ; e de noite velavaõ nas torres , e outros roldavaõ os muros. As portas da Cidade se abriaõ , e fechavaõ quando era necessario recolher alguns mantimentos. E na Ribeira estavaõ feitas duas grandes , e fortes estacadas , huma para a parte onde el Rey tinha o arraial , e outra junto aos fornos da cal contra o Mosteiro de Sancta Clara , para que nem a pé , nem a cavallo pudessem entrar , nem sair. O governo da defenõ da Cidade estava em mui boa ordem. De maneira que da parte dos inimigos era pera ver taõ grande exercito , de tanta , e taõ nobre gente , taõ luzida , e bizarra , e posta em boa ordenança , com boa esperança de victoria : da outra parte huma cidade , a maior , e mais nobre de Espanha , e taõ celebrada polo mundo , chea de gente taõ animosa , posta em armas , taõ confiada de sua defenõ , e governada por hum taõ excellente Capitaõ.

Estando assi o Mestre cercado , lhe vieraõ novas aos onze dias de Junho como o Mestre de Christo D. Lopo Dias de Sousa tomara a Villa de Ourem , que estava por Castella , mais por consentimento dos moradores , que por força ; onde foraõ tomados dous filhos do Conde D. João Affonso de Barcellos , e todos os homens de armas , que estavaõ em guarda delles ; e que a Villa estava por elle : do que o Mestre se alegrou muito.

Naquelles mesmos dias , estando ainda a Villa de Almada pelo Mestre , chegou alli Diogo Lopes Pacheco , que andava em Castella , e com elle vinhaõ tres filhos seus , a saber : João Fernandez Pacheco , que só era legitimo ; e Lopo Fernandez , e Fernaõ Lopes bastardos ; com trinta homens seus , de que os quarenta eraõ de cavalo : e querendo entrar na Villa , os moradores naõ quizerãõ , porque



vinhaõ de Castella , e naõ sabiaõ sua tençaõ : sua pouzada foi no arrabalde com outros Portuguezes , que ahi estavaõ. A causa da sua vinda era temer-se da Rainha Dona Briatís , por odio que lhe tivera el Rey D. Fernando seu pai , por elle fazer vir el Rey D. Henrique a Lisboa ; e por ouvir dizer que o Mestre era defensor de Portugal : porque , por ser de idade de oitenta annos , e naõ se atrever a ir outra vez pelo mundo , como já fizera , determinou vir-se de Castella a Lisboa , e lançarle com o Mestre : estava esperando tempo para poder passar o rio a seu salvo. Neste tempo , quando a armada chegou a Lisboa , mandou el Rey dizer aos de Almada que lhes dessem a Villa , e lhes faria por isso mercê. Os da Villa lhe responderaõ , que elles eraõ Portuguezes , e naõ determinavaõ fazer mudança ; mas como Lisboa fizesse , assi fariaõ elles. E avendo tres dias que Diogo Lopes chegara , sabendo el Rey de sua vinda , mandou passar em Galés , e batéis muita gente de armas , e bésteiros , e foraõ desembarcar ao ribeiro de Motella , ao barco de Martim Affonso. Em amanhecendo , os Castelhanos foraõ ter á estrada , que vem de Coima para o lugar ; e as escuitas , que os da Villa tinhaõ , foraõ dar novas da vinda daquella gente. Os da Villa sahiraõ , e com elles Diogo Lopes , e seus filhos , que faziaõ por todos oitenta de cavalo , e quatrocentos e sincoenta homens de pé , de que alguns fugiraõ para Cezimbra. Os Castelhanos combateraõ logo Almada ; e naõ aproveitando , lhe puzeraõ cerco vagaroso. Diogo Lopes foi trazido a el Rey de Castella , que estava mui indinado contra elle ; e o mandou pôr em bom recado. E vendo o Mestre como Diogo Lopez veio com seus filhos para o servir , tratou de o livrar ; e comprou Joaõ Ramirez de Arelhano a Perin Gafcaõ ,



caõ, e a hum Diogo Esteves, cujo prisioneiro era, para o dar por Diogo Lopez: contrariavaõ muitos esta troca ao Mestre, dizendo que Diogo Lopez era homem de oitenta annos, que esperavaõ morresse cada dia, e que de nenhuma cousa lhe podia servir; e Joaõ Ramirez era hum homem de armas mui valoroso, que solto lhe podia muito empecer. O Mestre, que era magnanimo, e a quem sempre moveo mais o honesto, que o util, respeitou mais a velhice de Diogo Lopes, e a vontade que tinha de o servir, que o temor da valentia de Joaõ Ramirez. E assi fez com que ambos foraõ soltos.

C A P I T U L O XXX.

*Manda o Mestre pedir embarcações aos do Porto: parte de lá toda a armada: vemse para o Mestre o Conde D. Gonçalo: he eleito Capitão da armada.*

**E** Stando as cousas na conformidade referida, o Arcebispo de Sanctiago D. Joaõ Garcia Manrique com muitos Portuguezes, dos quaes eraõ Lopo Gomes de Lyra, Joaõ Rodrigues PortoCarreiro, Fernaõ Gomez da Silva, Aires Gomez da Silva o Velho, Martim Gonçalvez de Ataide, Vasco Gil de Fornello, Gonçalo Pirez Coelho, que eraõ Capitaes, a fóra outros muitos Portuguezes, e Gallegos, em que avia setecentas lanças, e dous mil homens de pé, todos gente escolhida, faziaõ grande dano, e estrago nos lugares, que sabiaõ estavaõ pelo Mestre; e ouve muitos recontros com a gente do Porto, até que o Arcebispo soube ser chegada a armada das Galés, que hia de Lisboa. Apartado delles andava hum fidalgo Castelliano, homem mui principal, que se chama-



va Fernando Affonso de Camora, acompanhado de oitenta de cavalo, e mui bons escudeiros assi Castelhanos, como de outra gente. E usava desta manha; que quando chegava aos lugares, que estavaõ por Portugal, dizia que era do bando do Mestre; e quando chegava aos que estavaõ por Castella, dizia que era da parte delles: e assi andava comendo, e bebendo á custa da gente pobre, e estragando a terra, sem ninguem lho contradizer. Com este engano chegou a Sancto Neirso de Riba de Ave, e lançouse ahi a folgar com sua costumada simulação, seguro de achar quem o encontrasse. O Conde D. Pedro de Trastamara, que por caso da Rainha Dona Leanor estava omiziado no Porto, sabendo a manha de Fernando Affonso, e o lugar onde estava, o fez saber aos da Cidade: polo que forõ huma noite sobre elle; e chegando de madrugada ao lugar onde estava, o acharaõ com os seus ainda nas camas. Porém elle, ainda que tomado de improvizo, se defendeo como bom cavaleiro; e por fim foi prezo elle, e hum seu filho, por nome João de Valença, e lhe mataraõ hum sobrinho, e sete homens de sua companhia; e os outros se acolheraõ para onde pudaõ, e lhes tomaraõ as cavalgadas, e tudo quanto lhes acharaõ; e Fernando Affonso, e o filho estiveraõ presos até que a armada foi pera Lisboa, onde foraõ tomados dos Castelhanos.

Entre os Capitaes das Galés, que o Mestre tinha mandadas ao Porto, era Ruy Pereira, por quem o Mestre com carta de credito mandou pedir aos daquela Cidade o ajudassem na empreza, que tomara de os defender a elles, e a todo o Reyno da sogeição del Rey de Castella, com todas as Naos, mantimentos, e emprestimo de dinheiro, que pudessem. Os do Porto lhe responderaõ com grande vontade de o servir, e promessa de tudo

quan-



quanto tivessem ; e sem dilação o puzeraõ por obra : e em toda a gente do povo avia a mesma vontade , e desejo. E porque pareceo aos Cidadaõs do Porto que , sendo Coimbra contra o Mestre , lhe feria grande estorvo para o que pertendia ; e que , tendo o Conde D. Gonçalo , teria muita gente , que o seguia , lhe mandaraõ falar por D. Martim Gil Abbade de Paço de Sousa , que despois foi Bispo do Algarve , e era feitura do Conde , para lhe persuadir quizesse ajudar ao Mestre na defenção do Reyno , que emprendia , e ser Capitão geral daquella armada , que se ajuntava no Porto para ir locorrer a Lisboa ; e lhe mostrasse quanta honra ganharia em defender a terra , de que era natural. O Conde lhe perguntou primeiramente , porque não tornava Gonçalo Rodriguez de Sousa por Capitão , assi como viera de Lisboa ? O Abbade lhe respondeo , que delle tiveraõ más sospeitas de querer vender a armada a el Rey de Castella , por muitos indicios , que ouve ; e que por isso lhe não deraõ a capitania , antes estiveraõ pera o prender. O Conde resolveo que , se o Mestre lhe desse as terras , que foraõ da Rainha sua irmã , seguiria sua parte , e se viria para elle. Com esta resposta se tornou o Abbade : a qual sabendo Ruy Pereira , e outros que tinhaõ em cuidado as cousas do Mestre , lho fizeraõ logo saber. O Mestre não soube que reposta desse a isto , porque das terras da Rainha tinha feito mercê a Nunalvarez Pereira , que lhas pedira ; mas , por aver o Conde a seu serviço , fez saber a Nunalvarez os termos , em que suas cousas estavaõ. Nunalvarez , que nenhuma cousa mais desejava , que o serviço do Mestre , lhe respondeo logo , que , posto que lhe tinha feito mercê daquellas terras primeiro que a outrem , averia por maior mercê dallas elle ao Conde ,



de, pelo aver a seu serviço; e não sómente aquellas terras, mas tudo quanto elle tinha, podia dar, e doar a quem quizesse, para encaminhar seus negocios; e que esperava em Deos teria ainda tanto Estado, com que lhe pudesse fazer outras mercês. O Mestre agradeceo muito a Nunalvarez aquella offerta, e lho teve a grande virtude. E prometeo as terras ao Conde D. Gonçalo, que logo ficou seu, e começou a servir, e fazerse prestes para vir na armada.

## CAPITULO XXXI.

*Escapa Nunalvarez de huma treição. Ha el Rey conselho sobre o lugar, em que as armadas haõ de pelejar: manda ir esperar a de Portugal.*

**A**S Naos, que o Mestre mandara buscar á Cidade do Porto, se faziaõ prestes com a maior diligencia, que aos da Cidade era possivel, por saberem a necessidade, em que Lisboa estava posta, de mantimentos, por a armada de Castella lhe impedir teremlhe trazidos de outras partes. Mas com toda esta presteza já passava o tempo, em que esperavaõ. Polo que o Mestre com a confiança, que tinha no saber, e diligencia de Nunalvares Pereira, lhe escreveo a Evora, onde estava, que ajuntasse suas gentes, e se fosse á pressa ao Porto a embarcar na armada, e viesse nella para pelejar com a armada de Castella, que tinha de cerco a Cidade. Nunalvarez escreveo ao Conde D. Gonçalo, e a Ruy Pereira, e aos fidalgos, que avia de vir na armada, pedindolhes o esperassem; que mui cedo chegaria a ser seu companheiro naquella viagem. O Conde, e Ruy Pereira, e os  
mais



mais, como viraõ seu recado, por invejarem ganhar elle alguma honra naquella jornada, e a quererem toda para si, não quizerão esperar, mas sem mais dilação partiraõ com a sua armada. Nunalvarez entretanto á grande pressa com duzentas lanças se pôs a caminho, e chegou a Coimbra: soube como a armada era já em Buarcos: dali escreveo outra vez aos melmos Capitaes, pedindolhes que por serviço do Mestre o esperassem, e não passassem dali, para o recolherem consigo; que logo era com elles. Com este recado se deiraõ elles mais á pressa, e partiraõ sem fazerem mais demora. Nunalvarez entendendo a causa, porque o faziaõ, disse que Deos os guiasse, e lhes não acoimasse, se por elle não ir em sua companhia partiraõ mais cedo do que deveraõ. E estando elle em Coimbra, a Condessa de Cea, mulher de D. Henrique Manoel, que tinha o castello de Cintra por el Rey de Castella seu sobrinho, por odio que tinha a Nunalvarez de quando fora correr o Termo daquella Villa, e por afeição que tinha á Rainha, determinou de fazer prender a Nunalvarez; e ajuntou secretamente muitos escudeiros, e outra gente, por ter entaõ naquella Cidade muitos parentes, e amigos, e criados. A gente de Nunalvarez quando soube isto, acodio mui á pressa, e começaraõ de se alvoroçar, ajuntandose para irem ás casas da Condessa, e fazerlhe nellas algum mau tratamento; mas sabendo Nunalvarez deste alvoroço, acudio mui á pressa, e impedio o offenderse a Condessa: polo que assi escapou Nunalvarez da prizaõ, e ella de grande perigo. E avendose de partir Nunalvarez, foi ao castello falar a Gonçalo Mendes de Vasconcellos Alcaide mór; e a fala foi por hum postigo da porta. E quando Gonçalo Mendes vio alguma daquella gente de Nunalvarez taõ mal armada, disse aos seus,



seus, despois delles partidos, que se espantava de taes homens como aquelles poderem defender Portugal contra el Rey de Castella, sendo taõ poderoso, salvo se Deos andava por Capitão delles.

Como el Rey de Castella soube que a armada do Porto era esperada em Lisboa, e o dia em que avia de partir; e sendolhe dito que nella vinha por General Nunalvarez Pereira, cujo nome era já mui temido, mandou chamar Fernão Sanches de Toar seu Almirante mór, e Pedro Afão da Ribeira Capitão mór das Naos, e aos Meitres dellas; e assi mais os Capitaes das Galés: e com juramento, que lhes deu em hum Missal dentro no Mosteiro de Sanctos, e com pena de calo maior, que lhes pôs, que não descubrissem o segredo, lhes mandou que consultassem em que maneira poderiam melhor pelejar com a armada de Portugal, se dentro do Rio, se no Mar largo; e que elle tambem o consultaria com os do seu Contelho. Ao Almirante, e aos Capitaes das Galés pareceo que no Mar largo. Aos outros todos pareceo que no Rio; e deste parecer foi el Rey. Mas Pedro Fernandez de Vellasco seu Camareiro mór, e homem de mui claro juizo, se levantou; e pondo-se de giolhos ante el Rey, lhe disse que os pareceres, que pedia sobre o lugar, em que pelejaria com a armada de Portugal, lhe parecia que ouvera de ser sobre se se cometeria a peleja, ou não: e que o bom conselho lhe parecia não se encontrar com ella; porque a victoria estava incerta como estaõ todas as cousas da fortuna; e muito mais, se na armada vinha Nunalvarez Pereira, como diziaõ, com a gente, que trazia já em Alentejo: e que, sendo vencidos os Castelhanos, seria animar os contrarios para esperarem melhor o cerco, e desanimar a gente do arraial, que receariaõ acontecerlhe na terra se-  
me-



melhante caso ao do mar. E que, se os Portuguezes da armada fossem vencidos, não cuidasse que logo se fazia senhor de Portugal; porque naquella armada vinhaõ muitos fidalgos, e homens honrados, que tinhaõ muitos parentes, e amigos pelo Reyno; e que, morrendolhes alli, ficava certo grande odio com todos esses, donde naceria não lhe quererem obedecer: antes os que por elle estavaõ, mudariaõ a vontade, e o começariaõ a deservir: e ainda que se senhoreasse dos corpos, nunca seria senhor de suas vontades. E que o Rey, que novamente vinha a hum Reyno, não se podia chamar senhor das gentes delle, como se fazia senhor dos corpos, se não se fazia senhor dos coraçoẽs; porque a paz, e quietação do Reyno não consistia no poder do Rey para com os Vassallos, mas no amor dos Vassallos para o Rey. E que sobre tudo lhe lembrasse, que aquelles homens, que na armada vinhaõ buscar a de Castella, traziaõ proposito de vencerem, ou morrerem: e que com determinados a morrer, era dura cousa o pelejar. Pollo que o mais seguro caminho seria fazer alguma boa avença com o Mestre, de maneira que elle ficasse grande no Reyno; no que elle viria, por se ver cercado de taõ grande poder. El Rey respondeo, que tal avença não cometeria; porque, sendo o Reyno seu, e tendo os principaes lugares, e fidalgos de Portugal por si, e o Mestre cercado por mar, e por terra, e com taõ grande campo, seria covardia, e abatimento moverlhe partidos, estando em estado, onde, se o Mestre lhos movesse, podia ter duvida a lhos conceder.

Como el Rey se determinou a pelejar com a armada de Portugal, mandou duas Galés de fós em fóra como espías, para que, quando a vissem vir, lho fizessem saber. E estando as Galés sete le-



goas da cidade , a armada de Portugal lhes começou de apparecer ; a qual era dezafete Galés. As duas Galés como a viraõ , vieraõ dar a nova a el Rey. Quando os da armada de Castella fouberaõ da vinda da de Portugal , mostraraõ grande alegria , e toda a chusma das Galés se levantou em pé ; e esgrimindo com as espadas nuas , e outras armas , davaõ grandes apupos , e faziaõ grandes alaridos , cuidando que ao outro dia tinhaõ certa a victoria da armada de Portugal , e apõs ella a da cidade. Os da cidade não sabiaõ a que attribuissem aquelle movimento , e rumor , que avia na armada contraria , até que os da armada de Portugal estando duvidolos como entrariaõ , e em que maneira pelejariaõ com a armada de Castella , mandaraõ hum Joaõ Ramalho mercador rico do Porto , e homem atrevido no mar , em hum batel de noite , que deu conta ao Mestre da armada , e da duvida , que tinhaõ em sua entrada. O Mestre alegrouse com a vinda da armada : mas pezoulhe muito de saber que , tirando as Galés , que vinhaõ bem armadas , por nellas vir o Conde D. Gonçalo com os seus , as naos vinhaõ faltas de gente , e de armas. Aquella noite , que se foubes da armada , foi grande alvoroço na Cidade : e levantandose toda a gente mui cedo , se hiaõ ás Igrejas de todo o estado de pessoas com muitas lagrimas , pedindo a Deos socorro , e ajuda contra inimigos taõ poderosos , e taõ chegados : pollo que huns mandavaõ dizer Missas , e faziaõ devoções ; e as molheres com os filhos nos braços pediaõ a Deos com grandes clamores socorro naquella pressa.

Tanto que amanheceo , o Mestre ouviu Missa , e se foi á Ribeira para armar os navios , e barcas , com que avia de locorrer a armada : e , feita prestes a primeira nao , se quizera meter nella ,  
mas



mas os da cidade lho não consentirão, dizendo que pessoa, de que tanta necessidade avia para seu amparo, e defensão, não se avia de arriscar a tão grande perigo; que elles irião, e ficasse elle na cidade. O Mestre os defenganou que elle não ficaria, mas que com elles avia de pelejar; que confiava em Deos que sahiria com honra sua, e da cidade, e de todo o Reyno de Portugal. A armada del Rey de Castella era de 40 naos, e de 13 Galés. E como foi manhã, todas as naos se puzeraõ de vergadalto, e reformaraõse de muita, e boa gente: e foraõle assi as naos, como as galés a Restello o Velho, que he da cidade huma pequena legoa; e pozeraõle todas em ordem, com as proas para a terra de Almada; que assi estava ordenada sua batalha. Por outra parte mandou el Rey á gente de armas de cavalo estar junto dos muros de Nossa Senhora da Graça, e de S. Vicente de fóra, para os da Cidade se occuparem em acudir áquella parte, e os divertir de acudirem aos da armada.

C A P I T U L O XXXII.

*Como se encontraraõ as duas armadas: do successo da peleja: vem socorro á de Castella.*

**S**Endo hora de terça, e enchendo já a maré, appareceo a armada de Portugal pella parte de S. Giaõ, que são tres leguas da Cidade; a qual vinha nesta ordem: Diante vinhaõ sinco naos; e em huma dellas, que chamavaõ a Milheira, que era a maior, vinha Ruy Pereira com sesenta homens de armas, e 40 bésteiros; e noutra que chamavaõ Estrella, vinha Alvaro Pirez de Castro; na Farinheira vinha Joaõ Gomes da Silva; na San-



grenta Ayres Gonçalves de Figueiredo: na ultima Pedro Lourenço, e Ruy Lourenço de Tavora. Apôs estas cinco naos vinhaõ as Galés todas juntas; e atrás dellas doze naos, que traziaõ bom vento pera entrar. Ruy Pereira como homem esforçado, e de grandes espiritos, vendo as quarenta naos de Castella estar cerradas em terra, e que ainda naõ deferiaõ, naõ sabendo sua intenção, as veio demandar mui chegado a ellas, e as outras quatro naos com elle. E quando vio que os Castelhanos naõ mostravaõ querer vir contra elle, fesse noutro bordo contra Almada. O Mestre entretanto entrou em huma grande nao de Genova, que no porto da Cidade estava, e com elle 400 homens de armas. A qual por naõ ser lastrada, e a gente ser mais da que devera, naõ podia governar como cumpria. Nas outras barcas, e navios pequenos entrava tanta gente, que estavaõ para se alagar: dos quaes alguns, em lugar de ir para Belém, hiaõ para Sacavem, que he o contrario posto. Querendo tambem o Mestre fazerse á vella, vendo a maré, e ventos contrarios, e que era muito peor deferir, sahiose em terra, e toda a gente com elle: e fazendo Ruy Pereira bordo contra Almada, e vindo as Galés de Portugal todas a remo em direito da armada contraria, vendo os Castelhanos que já as podiaõ ter de julavento, voltaraõ todas assi como estavaõ para ir sobre ellas. Das quaes a primeira, que se fez á vella, foi huma grande nao, que chamavaõ de João Arena. Ruy Pereira quando vio que as naos hiaõ sobre as Galés com a viração, que refrescava cada vez mais, temendo que lhe fariaõ dano, pollas embarçar, mais com aviso, e esforço, que com temerario atrevimento (como alguns, que julgaõ as cousas pollos successos, diziaõ) fesse em outro bordo, e veio a-

ferrar



ferrar com João de Arena ; e aferraraõ com tres de Portugal finco de Castella , e huma grande Carraca ; e embaraçaraõle as guarnições de humas com as outras de maneira , que todas hiaõ em huma maça pelejando cruelmente ; e assi os lançaraõ a maré , e o vento contra as barrocas de Almada junto a Cacilhas. Este aferrar , que Ruy Pereira fez , deu muita ajuda ás Galés de Portugal : porque as primeiras naos de Castella quizeraõ dar pollas Galés ; e em quanto Ruy Pereira aferrou , e se travou com ellas , passaraõ as Galés sem as naos lhes poderem empécer , nem chegar. E avendo grande espaço que durava a peleja , se ordenou sua morte ; porque , pelejando elle com aquelle grande esforço , e fervor , que sempre mostrou em suas obras , alçou o barbote da cellada , que já não podia bem sofrer de afrontado , e lhe deraõ huma letada pella testa , de que em pouco espaço morreo : e assi acabou a vida aquelle bom cavaleiro no tempo , que mais necessidade avia de seu esforço , e conselho : por cuja morte assi o Mestre , como toda a Cidade tiveraõ grande sentimento. As doze naos Portuguezas vinhaõ entretanto para a Cidade ; e as de Castella todas atrás dellas , mas não lhe podiaõ fazer dano , pollo muito vento que traziaõ ; e assi foraõ postas em salvo. Pollo que as Galés de Castella não puderaõ alcançar as de Portugal , nem as de Portugal quizeraõ atracar as de Castella , porque cada huma Galé de Castella trazia junto a si huma nao chea de gente de armas para lhe socorrer quando cumprisse : nem as outras naos aferraraõ , salvo as de que as tres Portuguezas foraõ tomadas. Na qual peleja morreraõ alguns de huma parte , e outra ; e os Portuguezes dellas foraõ todos prezos , e feridos muito grande parte delles. O Mestre andava pola Ribeira armado a pé , accom-

sup pa-



panhado de muitos, recebendo alegremente da armada, que ancorou junto da terra desde as Taracenas até á porta do mar; e a armada de Castella se tornou para Restello, que he onde agora está o Mosteiro de Belém.

Tomadas as tres naos, e acabada a peleja, mandou el Rey aos seus que lhe levassem alguns dos prisioneiros Portuguezes, que fossem homens de qualidade. E vendo Vasco Rodriguez Leitaõ, que era hum escudeiro honrado, o levaraõ a el Rey, parecendolhe que bastava para lhe dar novas do que desejava saber. El Rey lhe perguntou primeiro o que mais desejava saber, e era se vinha Nunalvarez Pereira naquella armada? E dizendolhe que não, lhe perguntou quem eraõ os Capitães? Estando assi fallando Vasco Rodriguez com el Rey, passou a Rainha por onde el Rey estava; e Vasco Rodriguez lhe foi bejar a mão: ella, que o conhecia por ser criado de Gonçalo Vasques de Azevedo, olhou para elle, e disselhe: Vasco Rodriguez, cá sois vós? Aqui, disse elle, para vos servir. Passando a Rainha, e tornando Vasco Rodriguez aonde el Rey estava, el Rey lhe disse como sorrindose: Bom beijar de mão he esse vosso, contra vossa senhora natural com a lança na mão, para lhe fazer perder o Reyno, que he seu de direito! Merecieis que vos cortassem o beijos, e a lingua, com que lhe beijastes a mão. Senhor (respondeo Vasco Rodriguez) não nolo dizem a nós assi, senão que, visto o fundamento desta guerra, e como entrastes no Reyno, antes do tempo, que nos contratos era posto, e quebrastes as condições delles, perdestes o direito, que nelle tinheis; e que nós fazemos o que devemos em vos resistir, e defender nossa terra, pois desta maneira nola quereis tomar. Quando Pedro Fernandez de Vellasco, e outros,

que



que com el Rey estavaõ , ouviraõ isto , disseraõ contra el Rei : Tomai lá , senhor , o que vos dizem isto he o que nós vos dissemos por vezes ; e nosso conselho não foi crido ; e fizestes o que quizestes. E fallando nesta materia , tiraraõ aquelle escudeiro diante del Rey , e o levarãõ com os outros prisioneiros , que tiravaõ das naos. Em quanto o Mestre refazia a sua armada para pelejar com a de Castella , veio a el Rey outra , além da que ainda tinha , a saber , vinte huma naos , e tres Galés armadas , não sendo passados oito dias despois que a peleja fora. De maneira , que el Rey tinha sessenta e huma naos , a fóra as carracas ; e dezaseis Galés , e huma Galeota , as quaes mandou deitar desde Cataquefarás até á porta da Cruz. E vendo o Mestre a desigualdade , que havia da sua armada á del Rey de Castella , cessou de sua determinação.

## CAPITULO XXXIII.

*Como os de Almada sofreraõ o cerco , e combates com grande falta de agoa : e ultimamente entregaraõ o Castello a partido.*

**A**Vendo já dous mezes que a Villa de Almada era cercada , e combatida continuamente da parte da terra ; porque do mar , por causa da barroca , não podia receber dano , estando bastecida de mantimentos para seis mezes , padecia grande necessidade de agoa ; porque a gente era muita , assi de naturaes , como de estrangeiros , que a ella se acolheraõ , vindose lançar com o Mestre. E sendolhe o caminho impedido com a armada de Castella , não tinhaõ mais que huma pequena cisterna , sobre que foi posta grande guarda , não dando a cada pessoa mais que huma canada de agoa.



agoa. E, sem embargo desta necessidade, sahiaõ fó-  
ra da Villa a esperar em certos passos os Castelha-  
nos, que hiaõ ao salto pello termo, e a Cezim-  
bra; e os matavaõ, e feriaõ de maneira, que já  
naõ ouzavaõ ir fenaõ muitos juntos. E assi espera-  
vaõ os que hiaõ em bateis á Rentella, e á Mora  
a roubar: e hum dia mataraõ mais de trinta em  
huma lama, querendose acolher aos bateis. Esta  
sahida, e tomada faziaõ pola porta da barroca,  
que he contra o mar. E sendo muitas vezes com-  
batida sem effeito, mandou el Rey fazer hum mi-  
na, que fosse sahir a hum torre; e foi sahir a  
outro lugar desviado, onde os da Villa tinhaõ con-  
traminado com outra mais alta. Polo que, pelejando  
na mina, foi morto o Mestre della; e outros fe-  
ridos. Indignado el Rey, determinou de passar em  
pessoa com muita gente para fazer combater o Cas-  
tello; e mandou armar hum cadafalho no campa-  
nairo da Igreja de Sanctiago, para dalli ver os  
combates. E assi se deu o combate mui forte com  
gente de armas, e de pé, e bombardas, béstas,  
fundas, mantas, e outros engenhos. Durou desde  
a hora de terça até o meio dia: e succedeo que  
á hora, que el Rey fora do cadafalho a comer na  
Igreja, desparou hum Trom, e deu no cadafalho,  
e matou dous, que nelle estavaõ; e ferio tres. Des-  
pois deste combate se deraõ outros. E enfadado el  
Rey se foi, promettendo de mandar meter os da  
Villa á espada, ainda que se rendessem. E deixou  
no cerco por Capitaes Pedro Rodriguez Sarmiento,  
e Joaõ Rodriguez de Castanheda, encommendando-  
lhes que todos as dias combatessem. Neste tempo  
faltou a agoa da cisterna: e quarenta cavalos, que  
no Castello avia, por naõ aproveitarem aos inimi-  
gos, foraõ lançados da barroca abaixo. Amassavaõ  
o paõ com vinho; e com vinho coziaõ a carne, e  
o pei-



o pescado. Então lhes foi forçado beber outra agoa, que era a que estava na alcorcova, das chuvas do inverno, em que as mulheres lavavaõ sua roupa çuja, e outras immundicias; e era verde como ervas, e corrupta, e em que jaziaõ caës, e bestas mortas; que só vista era coufa nojenta, e horrida. Esta agoa coziaõ, e bebiaõ; e ainda essa se avia de tomar furtada, lançandose homens de noite por cordas, por estar da banda dos inimigos. E quando os Castelhanos foubereaõ que daquella maneira tomavaõ a agoa, puzeraõ nella guarda; e alguns homens houve mortos, e feridos sobre ella.

Neste misero estado estava aquella gente muito constante, sem poderem mandar recado ao Mestre; sómente de noite faziaõ muitas almenaras, que o Mestre, e os da Cidade entendiaõ serem sobre trabalho que passavaõ, que de outra maneira não podiaõ significar; mas não sabiaõ de que genero, nem lhes podiaõ socorrer. Porém huma noite mandou o Mestre huma barca com hum tiro de bombardas, e muita polvora, e algumas béstas, e armas defensivas, cuidando que a necessidade seria de armas: a qual barca foi tomada dos Castelhanos, e presos os que nella hiaõ. Neste tempo hum cavaleiro Gascaõ, por nome Moysem Aymon, homem bem inclinado, vendo o infelice estado, em que estava aquella Villa, tendo preso hum Affonso Galo Regedor de Almada, que foi tomado na primeira elcaramuça com Diogo Lopez Pacheco, o trouxe atado com huma corda junto ao Castello, e disse aos de dentro, que pois aquella Villa com todo o Reyno pertencia de direito a el Rey de Castella, não lha negassem, nem quizessem cahir em mau caso, perdendo a honra, e a vida; e que el Rey lhe faria muitas mercês: e que alli trazia Affonso Galo, que era seu Regedor; que fizessem



o que lhes dizia; se não, que o aviaõ de matar a elle, e a todos os mais prisioneiros, que lá ficavaõ. Os da Villa com animo invencivel lhe responderaõ, que bem os podia el Rey matar, mas que não entregariaõ a Villa por nenhuma cousa do mundo; e que se arredasse dali com sua honra, e se fosse com seu prisioneiro. E aporfiando elle que dessem a Villa, lhe atiraraõ com hum tiro entre as ameas; de que logo cahio morto; de cuja morte se enojou muito mais el Rey.

Estando os de Almada em taõ grande pressa, acordaraõ de mandar recado ao Mestre; mas nenhuma maneira viaõ para o fazer. O Mestre, que sospeitava a tribulaçaõ, em que estavaõ, desejava o mesmo; mas tambem não achava remedio. Sabendo isto hum homem natural de Almada, que viera na armada do Porto, cujo nome era digno de ser sabido, e perpetuado com mui honrosa lembrança, disse ao Mestre, que elle passaria o mar a nado até Almada, e levaria recado aos da Villa, se por elle o quizessem mandar. O Mestre lhe deu recado por palavra, e hum carta; e á noite se lançou a nado ardendo em amoroso fogo de charidade da Patria, e passou aquelle mar, que he de grande meia legoa de largura; e chegou á ribeira do monte: e sobindo pollo caminho da Barroca escuso, que elle como natural sabia muito bem, onde chamaõ Meijaõ Frio, fallou com os que vellavaõ o Castello. Os quaes espantados quando o ouviraõ, e conhecerãõ, lhe abriraõ a porta, e folgaraõ muito com elle. E quando souberaõ que passara o mar a nado, e de noite, se espantaraõ muito mais. O recado do Mestre era mandar lhes perguntar em que ponto estavaõ; e que se tivessem o mais que pudessem. Elles lhe fizeraõ saber quanto até alli tinhaõ passado, e a falta da agoa, em



em que estavaõ , e como não sabiaõ remedio a suas vidas. E logo naquella mesma noite se tornou a-  
quelle mesmo homem a nado. O Mestre vendo o  
muito trabalho daquella gente , e o pouco reme-  
dio , que elle lhes podia dar , dahi a tres dias tor-  
nou a mandar o mesmo homem ; e por elle dizer  
aos da Villa quanto lhe pezava do que tinhaõ pa-  
decido : e pois não avia esperança de remedio ,  
que se dessem a el Rey de Castella aos melhores  
partidos , que pudessem , e lhe entregassem o Cas-  
tello. E assi passou aquelle homem o rio seis vezes  
em ir , e vir com recados. Os de Almada manda-  
raõ dizer a el Rey como queriaõ ser seus , e dar-  
lhe a Villa. El Rey , que sabia o aperto , em que  
estavaõ , e como não tinhaõ já agoa de nenhuma  
maneira , e morriaõ cada dia muitas crianças ; e  
que , ou se dariaõ , ou morreriaõ , determinava de  
os não tomar com condiçaõ alguma ; e esta repõs-  
ta lhes deu. E avendo tres dias , que lá andavaõ  
os mensageiros , mandou-os a Rainha chamar , e  
com elles pedio a el Rey , que lhes perdoasse , e  
os tomassem a partido. El Rey lhes segurou os cor-  
pos , e as fazendas ; e que cada hum estivesse em  
sua casa , e fosse dono do seu. E ao primeiro dia  
do mez de Agosto el Rey , e a Rainha foraõ em  
Galés a Almada , e lhes foi entregue o Castello ,  
em que aquelles Portuguezes padeceraõ tanta tri-  
bulaçaõ. Aqui el Rey prometeo favores , e mercês ,  
se lhe fossem leaes : e deixando a guarda necessa-  
ria , se foi para seu arraial.



## CAPITULO XXXIV.

*De huma treição, que se pertendeo contra o Mestre: passase hum fidalgo para el Rey.*

**O** Mestre assi como era mui amado do povo, assi de alguns grandes, que pertendiaõ maiores interesses. E porque á avareza, e ambição andava vendido, e arriscado ao matarem: entre os quaes contaõ a D. Pedro de Castro, filho do Conde D. Alvaro Pirez de Castro, que era calado com Dona Leanor filha do Conde de Viana D. Joaõ Affonso Tello, e da Condessa Dona Guimar Portocarreiro, que determinava dar entrada na Cidade a el Rey de Castella, assi porque não era afeiçoado ao Mestre, por pertender o Reyno, que lhe parecia pertencer a seu primo o Infante D. Joaõ, como por ser parente del Rey de Castella, fazendo conta que não cahia em caso de treição, pollo Mestre não ser senhor do Reyno; e porque por morte do Conde seu Pai, a que estava encarregada a guarda dos muros desda porta de Santo André até a porta de Santo Agostinho, ficou elle em seu lugar, tinha mais facil occasião para o que determinava. E sabendo Ruy Freire que elle tinha ordenado isto, o revelou ao Mestre, por ser muito seu aceito, e privado como filho, que era de D. Nuno Freire Mestre da Ordem da Christo, que fora seu Aio. Além disso succedeo neste mesmo tempo adoecer Joaõ Lourenço da Cunha, marido que fora da Rainha Dona Leanor. E dizendo na confissão, que sabia muitas cousas, que se ordenavaõ em Portugal em dano da Cidade, e do Mestre, e de todo o Reyno; o Confessor lhe disse, que o não absolveria até que o descobrisse ao Mestre.



tre. Então foi o Mestre chamado de João Lourenço, e lhe descobrio muitas cousas, e entre ellas lhe disse como D. Pedro de Castro com todos seus vassallos, por grande somma de ouro, tinha vendida a Cidade a el Rey de Castella, e lhe promettera darlhe entrada, e á sua gente dia da Assumpção de Nossa Senhora, que he aos quinze dias de Agosto: e que aviaão de sobir por escadas postas nos muros, cujos ferros se fizeraão em Alenquer. E que o final certo, a que aviaão de vir, avia de ser huma candea posta em huma séteira do muro. Sabendo o Mestre do final, mandou pôr gente em guarda junto daquelle lugar, a qual recebeu os Castelhanos com létras, e pedras, e outros tiros. E D. Pedro foi logo naquella noite prezo, e os seus com elle. A gente da Cidade quando ao outro dia soube daquelle caso, bradava a huma voz que o mandassem matar; mas o Mestre, que de sua natureza era clemente, os pacificou com boas palavras, e não consentio fazerlhe o que o povo pedia. Mas dahi a poucos dias lançou da Cidade todos os Vassallos, e criados de D. Pedro, e alguns Galegos, e Castelhanos, que o seguiaão; e lhes mandou tomar as armas. Tambem lhe não foi fiel D. Affonso Henriques filho do Mestre de Santiago de Castella, D. Fradique já dito, que viera na armada do Porto em serviço do Mestre. O qual sendo muito amigo de João Rodriguez de Sá, do tempo que esteve no Porto com seu irmão o Conde de Trastamara, e determinou de se lançar com os Castelhanos, disse a João Rodriguez que fossem ver o arraial del Rey de Castella: e cavalgando ambos, João Rodriguez em hum cavalo, e D. Affonso Henriques em huma mula, estando ambos olhando o exercito, disse D. Affonso a João Rodriguez, que lhe emprestasse aquelle cavalo, e hiria  
fallar



fallar áquelles seus parentes ; e por ir mais seguro , queria ir em cima delle , e não em mula. João Rodriguez se deceo , e trocou com elle o cavalo ; e como D. Affonso foi em cima do cavalo , disse a João Rodriguez : Irmao , ficai com Deos , que eu querome ir para meus parentes. E dizendo isto , pôs as pernas ao cavalo , e foise ao arraial dos Castelhanos. João Rodriguez se deu por afrontado , e se veio ao Mestre a lhe contar o caso. Este D. Affonso Henriquez he o que foi Almirante de Castella , e de que ficou grande , e illustre geração ; e de que todos os grandes de Espanha , entrando ahi tambem os Reys , descendem : porque , sendo elle casado com Dona Joanna de Mendoça filha de D. Pedro Gonçalvez de Mendoça , senhor de Hitta , e Ruitrago , ouve della D. Fradique Henriquez , que tambem foi Almirante de Castella ; do qual , e de Dona Tareja de Quinhones , filha de Diogo Fernandez de Quinhones senhor de Luna , nalceo o Almirante D. Affonso Henriquez , e D. Pedro Henriquez Adiantado de Andaluzia , e senhor de Tarifa ; de quem descendem os Duques de Alcalá , Marquezes de Tarifa ; e teve Dona Joanna , que foi Rainha de Aragaõ , molher del Rey D. João II. de que nasceo el Rey D. Fernando o Catholico ( o segundo filho , que o Almirante velho D. Affonso Henriquez , de que aqui começamos a falar , ouve ) foi D. Henrique Henriquez senhor de Alva de Liste , e de Bolanhos , de que descendem os Condes de Alva de Liste. E assi teve nove filhas , de que descendem a principal nobreza de Castella : das quaes a primeira , que se chamou Dona Beatriz , casou com D. Pedro PortoCarreiro senhor de Moguer , de que descendem os Marquezes de Villa nova del Freino , e os Condes de Medelhim , da Puebla , e de Palma ; Dona Leanor com D. Rodrigo Affonso Pimen-



Pimentel Conde de Benavente ; Dona Izabel com João Ramirez de Arelhano senhor dos Camoros , de que vem os Condes de Aguillar ; Dona Aldonça com Pedralvez Olorio senhor de Cabreira , e Ribeira , que por outra mulher foi Conde de Lemos ; Dona Inez com Pedro Alvarez de Mendoça senhor de Almagão , de que descendem os Condes de Monte Agudo ; Dona Constança com João de Tovar senhor de Berlanga , e Astridilho , de que descendem os Marquezes de Berlanga ; Dona Branca com Pedro Nunez de Ferreira senhor de Pedraça ; Dona Joanna com D. João Manrique Conde de Castanhe-da ; Dona Maria com João de Rojas senhor de Monção , e de Cabia , de que vem os Marquezes de Poza.

## CAPITULO XXXV.

*Dá peste no arraial Castelhana : comete el Rey concertos ao Mestre : recupera Nunalvarez Pereira o Castello de Monçarás.*

**D**Urava o cerco de Lisboa assi por mar , como por terra , sem de fóra lhe poderem vir mantimentos , nem socorro algum ; e começando de aver falta delles , começou tambem a peste de se atear no arraial dos Castelhanos : e pouco , e pouco se accendeo de maneira , que em breve espaço morreo muita gente , não sómente da baixa , e plebea , mas os senhores de grande estado. O que lhes pôs grande espanto , e temor. E vendo que por a peste assi crescer mais cada dia , não podia sua estada ser muita , e que lhes era necessario descercar a Cidade , pediraõ a el Rey , pondolhe diante muitas razões , quizesse cometer algum concerto ao Mestre , por levar alguma honra da



da sua vinda a Portugal. A el Rey pareceo bem pelas razões, que lhe deraõ; e mandou pedir seguro ao Mestre, para lhe ir falar Pedro Fernandez de Vellasco seu Camareiro mór, de que elle muito fiava. E outorgando nisso o Mestre, ao dia afinalado mandou alguns cavaleiros ao caminho, que ficassem em arrefens com a gente, que vinha com Pedro Fernandez, até que elle falasse com o Mestre, e se tornasse; que eraõ Affonso de Baeça, Alvaro Gonçalvez Camello, Affonso Añes Nogueira, Mem Rodriguez, e Ruy Mendes de Valconcellos, e outros. Pedro Fernandez chegou á Porta de Sancta Catherina, entre o muro, e a barbacãa, onde foi a vista, em cima de hum bom cavalo, com hum pagem detraz, que lhe trazia a lança, e ficou com os outros. O Mestre estava a cavalo com cota, e braçais, e espada na cinta, e hum tabardilha sobre a cota. E despois de Pedro Fernandez fazer sua mezura, o Mestre o abraçou: e o que Pedro Fernandez propôs foi, que bem via como estava cercado por mar, e por terra del Rey de Castella seu senhor; e que os mantimentos, que tinha, eraõ taõ poucos na Cidade, que senão podia manter muito tempo: e que, pois era filho del Rey, não se quizesse perder, mas que se concertasse com el Rey, que lhe faria muitas mercês. E que o que el Rey lhe promettesse, elle, e Pedro Sarmiento, e outros, quaes o Mestre quizesse, lhe fariaõ preito, e omenagem, e o compririaõ; e não o fazendo el Rey assi, que elles o deservissem, e ajudassem ao Mestre contra elle. O Mestre lhe respondeo, que elle falava como bom cavaleiro, que era, e lho agradecia muito; mas que loubesse, que com qualquer successo, que nesta empreza ouvesse, sempre cuidaria que ganhava. E que o Reyno de Portugal fora de seu pai, e de seus avós; e que el  
Rey



Rey de Castella o queria fojugar injustamente contra os pactos, que fizera. E que pois aquelles, que com elle estavaõ, o tomaraõ por defensor de iua justiça, os naõ avia de desamparar. Sobre estas razões passaraõ outras, sem o Mestre dar geito de si para falar em partido, sendo tempo em que pola peste, que com os Castelhanos andava, el Rey lho fizera grande; e em que a Cidade estava taõ aperta-da, que outro, que naõ fora o Mestre, o cometera, e naõ aguardara ser cometido. Pedro Fernandez de Vellalco se partio do Mestre, e se foi aos seus, e os do Mestre para a Cidade. E perguntan-dolhe el Rey que reposta trazia do Mestre, elle lhe disse: Daio ao demo, senhor, que nunca outra reposta me deu senaõ *naõ, naõ*. El Rey se afrontou de lhe mandar cometer partido, e o Mestre lho naõ aceitar; e disse que ainda podia succeder que o Mestre lhe pedisse concerto em tempo, que fosse mau de aver.

D. Pedro Alvarez Pereira Prior do Crato, que era grande Privado del Rey, e mui amigo do Mestre, e seu compadre, disse a el Rey, que elle lhe queria ir falar, e que cria que o moveria, e saberia delle toda sua tençaõ. El Rey o naõ quiz consentir, nem despois dahi a dias. Mas o mal da peste andava já taõ cruel, que o ouve de outorgar. O Prior foi com D. Pedro Nunes de Lara Conde de Mayorga, filho bastardo de D. Joaõ Nunez de Lara lenhor de Biscaya, que hia á Cidade despo-zarse com Dona Briatís de Castro, filha do Con-de D. Alvaro Pirez de Castro. Mas o Prior naõ trouxe outra melhor reposta, que a de Pedro Fernandez de Vellasco. El Rey ficou taõ indignado, que jurou de nunca mais com o Mestre fazer a-vença, nem levantar o cerco até tomar a Cidade por fome, ou por feito. O Prior em respeito do



Mestre , com quem taõ mal negociou , indo taõ confiado , por divertir seu irmão Nunalvarez Pereira de seu serviço , e causar entre elles discordia , lhe escreveo huma carta , em que lhe fazia saber como o Mestre fazia avenças com el Rey de Castella , sem d'elle fazer menção , tendolhe feitos tantos serviços ; pelo que podia ficar em muita desgraça del Rey de Castella , e receber d'elle disfavores , pois sempre andara contra Castelhanos. Nunalvarez , quando vio a carta , entendeu logo que aquillo era invenção , para lhe esfriar a vontade no serviço do Mestre : e respondeulhe que , se o Mestre seu senhor fazia com el Rey avenças , elle o conhecia por tal , e taõ valeroso , que as naõ faria lenaõ com muita honra sua , e de todos os seus : e que se espantava d'elle aver taõ pouco , que andava com Castelhanos , e saber já tanta castelhanisse. E naquelle mesmo dia , em que o Prior veio falar ao Mestre , que era o ultimo de Agosto , recebeu o Conde de Mayorga Dona Beatris , sendo o Mestre presente , e muita gente nobre , e principal do arraial , que acompanhou ao Conde ; a qual o Mestre levou de redea até fóra da Cidade , por ser sua parenta ; e muitos fidalgos , e cavaleiros da Cidade a levarão até o arraial , e a sua mãe com ella.

Neste tempo andava Nunalvarez em Alentejo , e estava na Cidade de Evora , para dalli acudir a qualquer parte , onde os Castelhanos quizessem fazer dano. E sabendo novas que Gonçalo Rodriguez de Sousa Alcaide mór de Monçaraz se lançára com elles , e mandára ao que por elle tinha o Castello , que appellidasse por el Rey de Castella , e que tivesse o Castello por elle , anojado disto , por o lugar ser no estremo de ambos os Reynos , donde elle determinava fazer algumas cousas

im-



importantes ao serviço do Mestre, e também por fidalgos da sorte de Gonçalo Rodriguez andarem com o Mestre, que lhe não eraõ leaes, fiandose delles; tendo novas que o escudeiro, que guardava o Castello, não tinha consigo mais que sua mulher, poucos homens, e que estavaõ faltos de mantimentos, descubriose a hum escudeiro seu, de que se fiava; e mandoulhe que com onze, ou doze, que lhe deu por companheiros, se fosse de noite lançar no arrabalde do lugar: e que elle da outra parte do Castello mandaria lançar sinco, ou seis vacas no fundo de hum valle, como que andavaõ desemparradas, e ficaraõ de algum roubo, que os Castelhanos levavaõ. E que entendia que o Alcaide sahiria a ellas pola porta da treição, e não curaria de a fechar, por trazer as vaccas pera o Castello; e que elles estivessem em espia, para que, como o vissem sahir do Castello, logo de improvizo saltassem todos dentro, e fechassem as portas sobre si á pressa. Os escudeiros foraõ; e huns se meteraõ em casas, que estavaõ junto com a cerca, outros entre penedos, e barrancos, que ahi estavaõ perto. E sendo as vacas ante manhã lançadas, onde Nunalvarez ordenara, o Alcaide em se levantando as vio andar; e crendo que Deos lhe fazia grande mercê em lhe deparar aquellas rezes para acodir á sua necessidade, sahio logo a ellas rijamente, deixando a porta aberta, e sem guarda, cuidando de tornar logo com as vacas. Os escudeiros, que estavaõ em espia, como o viraõ sahir, foraõse logo de pressa á porta, e entraraõ no Castello, e lançaõ a mulher do Alcaide, e os que com ella estavaõ, fóra; e fizeraõ saber a Nunalvarez, que o Castello era tomado: do que elle folgou muito; e muito mais o Mestre, por a confiança, que tinha em Gonçalo Rodriguez. E entaõ en-



tendeo com quanta razão senão fiara delle na Capitania mór da armada, que veio do Porto, que em seu lugar se deu ao Conde D. Gongalo, como está dito atraz.

## CAPITULO XXXVI.

*De hum encontro, que Nunalvarez teve com os Castelhanos junto de Badajós: e como foi desafiado delles outra vez, e os cometeo em Palmela.*

**E**L Rey de Castella, que estava mui sentido da morte do Mestre Dalcantara, que morrera no recontro de Fronteira; e da guerra, que Nunalvarez lhe fazia naquella Comarca além do Tejo; mandava ás vezes algumas gentes do seu arraial contra aquella parte: e entre elles foi João Rodriguez de Castanheda, cavaleiro notavel, e mui esforçado, que era Capitaõ de 300 lanças; e Garcia Fernandez Comendador mór da Ordem de S. Tiago, com outra copia de cavaleiros acompanhados de muita gente, que mandou a Badajós, para por dalli fazerem entrada em Portugal.

Sabendo Nunalvarez a tenção daquellas gentes, foise caminho de Elvas, antes que João Rodriguez partisse de Badajós, por lhe escuzar trabalho. João Rodriguez como soube que elle era em Elvas, que dista dalli tres legoas, mandoulhe dizer por hum trombeta, que bem sabia como el Rey de Castella seu senhor per direito era legitimo Rey de Portugal: e que, se o elle quizesse servir, faria com elle que lhe fizesse muitas mercês, e acrecentamento; e que, se o não quizesse fazer, o iria buscar, e que o esperasse, que logo ao outro dia era com elle para lhe dar batalha, se elle a quizesse aceitar. Nunalvarez recebo



cebeo bem o trombeta, e o mandou agazalhar mui bem, e lhe deu despois em resposta, que dissesse a João Rodriguez, que bem sabia elle que nos contratos, e capitulações, que el Rey de Castella fizera com el Rey D. Fernando, quando com elle casara sua filha, eraõ conteúdos certos capitulos, e condições, que elle não cumprio, e se viera meter no Reyno contra o juramento, que tinha feito. E que elle mandasse dizer a el Rey de Castella, que levantasse o cerco de Lisboa, e se tornasse para sua terra, cumprindo as capitulações, como nellas se continha: e que desta maneira seriaõ todos concordes com elle; e doutra maneira não. E que quanto ao que dizia, que o viria buscar, e darlhe batalha, que folgava muito com sua vinda; e que lhe teria feito de jantar. Ao outro dia de manhã se partio o trombeta com esta resposta; e ainda não feria aquelle mensageiro fóra das vinhas, quando Nunalvarez mandou tocar as trombetas, e sahiraõ os da Villa com elle taõ ledos, como se fossem a a huma festa; e do mesmo modo os homens de armas, e os picões. Os homens de peleja, que Nunalvarez consigo tinha, eraõ quatrocentas lanças, e piaës, e bésteiros. João Rodriguez tinha 500 homens de armas, e 500 ginetes, e muita gente de pé, assi dos que consigo trouxera, como dos moradores de Badajós. Contando o trombeta o que passara com Nunalvarez, riaõse João Rodriguez, e os outros da reposta como em elcarneo; mas Nunalvarez, que nas cousas de sua honra não era descuidado, foi visto logo dos Castelhanos. Os quaes espantandose da presteza, com que os veio buscar, cavalgaraõ mui á pressa, e sahiraõ da Cidade, e tentaraõ impedirle o porto da ribeira de Guadiana, que vai dahi perto. Mas Nunalvarez o passou, em que lhe a elles pezo; alli foi travada  
huma



huma grande escaramuça, e bem renhida; na qual foraõ prezos 20 escudeiros de João Rodriguez, e muitos feridos; pollo que lhe foi forçado com os seus dar volta, e acolherse á Cidade; e recolhido mandou cerrar as portas. Nunalvarez se deteve grande espaço ao redor do lugar hum tiro de béstia, a ver se lahiaõ outra vez fóra, para se vingarem; mas elles não ouzaraõ. E Nunalvarez se veio para Elvas com sua gente posta em ordem, e de seu vagar.

Despois disto assi passar, mandou el Rey de Castella hum Capitaõ famoso de seu arraial, por nome Pedro Sarmiento, Adiantado mór de Galiza, que era avido por hum grande homem de armas, ao qual deu poder que tomasse de suas gentes quantas quizesse, e se fosse a Alentejo em busca de Nunalvarez, encarregandolhe, que de morto, ou prezo lhe não escapasse. E estando ainda Nunalvarez em Elvas, lhe chegou recado, que no Crato estava muita gente Castelhana; e que do arraial del Rey, que estava sobre Lisboa, avia de vir muita mais, para se ajuntar com elles Pedro Sarmiento, e o Prior D. Pedro Alvarez Pereira com seiscentas lanças. Sabendo isto Nunalvarez, determinou vir-lhe ao caminho na Ponte do Soro, antes que se ajuntasse com as outras gentes: e partindo de pressa de Elvas, andou naquelle dia com seu exercito sete legoas, e foi alojar á fonte da Figueira, que está no cabo do Ameal, caminho do Cano; e como foi manhãa, partio Nunalvarez caminho da Ponte do Soro: e indo além de Aviz, lhe veio certo recado como Pedro Sarmiento, e o Prior seu irmaõ aviaõ passado por aquelle lugar caminho do Crato: do que lhe pezou muito; e dahi se foi a Evora.

Estando Nunalvarez em Evora, lhe veio recado



cado do Mestre como do arraial del Rey de Castella eraõ partidas seiscentas lanças para se ajuntarem no Crato com a outra gente , e lhe darem batalha ; e que o encomendava a Deos. E com isto lhe mandou dinheiro para soldo de hum mez. Apõs este recado lhe chegou outro , que Pedro Sarmiento , e o Prior D. Pedro Alvarez seu irmão , João Rodriguez de Castanheda , o Conde de Nebla , o Mestre de Alcantara D. Gonçalo Nunez de Gusmaõ , que succedera a Diogo Gomez de Barrofo , que morreo na batalha de Fronteira , Martim Anes de Barbuda , que se chamava Mestre de Aviz , e despois o foi de Alcantara , e outros fidalgos , e escudeiros , que faziaõ por todos duas mil e quinhentas lanças , e seiscentos ginetes ; e muitos bésteiros , e gente de pé , eraõ juntos no Crato , e ahi se faziaõ prestes para o vir buscar , e darlhe batalha ; e dahi correr , e roubar toda a Comarca de Entre Tejo , e Guadiana. Polo que Nunalvarez mandou logo pela Comarca ajuntar mais gente da que tinha consigo : e foraõ todos , os que pode ajuntar , quinhentas e trinta lanças ; e entre homens de pé , e bésteiros sinco mil. Aquelles Capitaes todos partirãõ do Crato correndo a terra ; e chegaraõ á Villa de Arrayolos , a qual lhe deraõ logo os que ali estavaõ , principalmente Gonçalo Mendez de Oliveira , que era parente da Rainha.

De Arrayolos mandou Pedro Sarmiento por hum fidalgo de sua companhia , por nome Garci Gonçalves de Ferreira , a Nunalvarez huma carta mui descortez , e cheia de palavras mui injuriosas , chamandolhe homem de pouco primor. A qual carta Nunalvarez naõ quiz responder , nem dar-se por achado della , como homem de grande animo , que era , em quem naõ podia caber injuria. Tambem lhe mandou Pedro Sarmiento huma espada de armas de



de ambas as mãos, dizendo ao mensageiro que lhe desse de gajas, e que o desafiasse da sua parte, e lhe dissesse que, se visse a campo com elle, o avia de açoutar nas nadegas como a hum menino. Nunalvarez sem mostrar movimento algum em seu animo, com rosto mui sereno, recebeu o mensageiro, e tomou a espada, e aceitou o desafio; e ao mensageiro mandou aposentar mui bem, dizendo que elle lhe daria a resposta: e ouve seu conselho de elle ir primeiro buscar os Castelhanos, antes que esperalos. Ao outro dia mui cedo, tendo ouvido Missa, mandou chamar aquelle Castelhana, que lhe trouxera a carta de desafio, e lhe disse com sembrante mui alegre: Cavaleiro amigo, agora vos ide com Deos, e dizei a meu amigo Pedro Sarmiento, e a esses Capitaes, que estão em sua companhia, que venhão ao caminho quando quizerem; que ahi me acharão prestes, como elles desejaõ. O cavaleiro se partio espantado da moderação, e esforço de Nunalvarez, e quaõ pouco calo fez da descortezia da embeixada, que elle trouxera.

Estando Nunalvarez para comer, foi certificado que os Castelhanos se vinhão chegando quanto podiaõ; e logo mandou fazer sinal às trombetas para cavalgar: e a gente assi em pé comeo, e bebeo alguns bocados, e puzeraõse a ponto mui á pressa. Partio com todos mui ordenadamente, e foi além da quinta da Oliveira, que está pouco mais de huma legoa da Cidade; e alli se deteve, e esperou os inimigos, sem elle comer cousa alguma aquelle dia, por aguardar os Castelhanos, mais que hum pedaço de paõ, e huma vez de vinho, que hum soldado de pé acertou levar, e lhe offereceo. Quando veio pola manhã muito cedo, partiose caminho da Ribeira do Odivor, e ahi ordenou as suas batalhas a pé, assi como antes. Alli veio Pedro



dro Sarmiento, e o Prior; e os mais ordenaraõ sua batalha a cavalo na vanguarda, e retaguarda, e alas mui juntas humas das outras, e deixaraõse estar quedos, sem mostra de quererem pelejar. Os ginetes dos Castelhanos cercavaõ aos Portuguezes de maneira, que de Evora naõ podia nenhum vir para a companhia de Nunalvarez, nem dos seus sahir para fóra, que logo naõ fosse prezo. E faziaõ os ginetes algumas arremetidas nos homens de pé, e onde melhor lhes parecia; mas tudo achavaõ prestes para a defenõ, sem lhes poderem fazer dano. Os Castelhanos estiveraõ esperando hum grande espaço, receando começar a batalha: e mandaraõ dizer a Nunalvarez, que bem via que seu jogo era de partido; e que da tençaõ, que tinha, naõ curasse, porque visto estava que se naõ podia defender delles: que se viesse ao serviço del Rey de Castella, e lhe faria grandes mercês, como elle merecia: e que mais saõ conselho era aquelle, que perderse a si, e a quantos consigo tinha. Nunalvarez respondeo ao mensageiro que se fosse em boa hora: e disse aos que o mandaraõ, que naõ perdessem tempo; e que, pois o desafiaraõ, e o tinhaõ ali prestes, naõ faziaõ como bons cavaleiros em recusarem a batalha, sendo tantos, e taõ bem concertados; e elles polo contrario. E que, pois elles vinhaõ a cavalo buscar a batalha, elles a deviaõ começar primeiro; ou que ordenassem elles sua batalha a pé, como os Portuguezes estavaõ; e que os Portuguezes começariaõ. A isto naõ responderaõ os Castelhanos, e deixaraõse estar com a sua batalha; e á noite se afastaraõ de Nunalvarez hum pedaço. Nunalvarez entendendo que faziaõ aquillo com manha, porque os viaõ estar esfaimados, por aver dous dias, e huma noite que estavaõ fóra da Cidade sem comerem, pola pressa com que



fahiraõ, e que ao recolher os poderiaõ matar a seu salvo sem batalha, determinou recolherse a Evora aquella noite, e tornar apercebido de mantimentos, se os Castelhanos quizessem pelejar: e chegando Nunalvarez alta noite á Cidade, soube como os Castelhanos levantaraõ seu arraial, e se foraõ caminho de Viana cinco legoas de Evora, aonde andaraõ destruindo, e roubando. E dahi parti-raõ Pedro Rodriguez Sarmento, e Joaõ Rodriguez de Castanheda com setecentas lanças caminho de Lisboa ao arraial; porém naõ foraõ bem recebidos del Rey, por naõ pelejarem com Nunalvarez: e querendose elles desculpar, lhes naõ recebeo a desculpa, dizendo que Nunalvarez naõ lhe podia mais fazer, que ir a buscalos sendo desafiado delles, e porse em campo, em ordem de peleja, esperando dous dias, sem elles ouzarem pelejar: o que senaõ podia imputar senaõ a grande covardia. Das quaes palavras del Rey se afrontaraõ muito aquelles cavaleiros pola falta, em que cahiraõ.

Estando Nunalvarez enfadado da manha, que os Castelhanos com elle tiveraõ, fazendoo pôr em ordem de batalha duas vezes, sem quererem vir a ella, e roubarem a terra, de que elle era Fronteiro, desejava de vingar aquella zombaria. E tendo espiado o que Pedro Sarmento, e Joaõ Rodriguez faziaõ com sua gente, que passava de trezentas lanças, a fóra homens de pé, e alguns bésteiros, se veio a Palmella, e dahi a Almada por caminhos desviados das espias, que os Castelhanos tinhaõ postas para lhes dar aviso, se elle viesse. Em hum manhaã, estando ainda muitos dos Castelhanos na cama, entrou pelos arrabaldes de Almada; e sem embargo da resistencia, que nelles achou, e em Joaõ Rodriguez de Castanheda, matou muitos, e ferio muitos mais; e os seus roubaraõ o lugar dos



dos cavalos , e azemelas , e armas , e das melhores coufas , que tinhaõ os Castelhanos , e deixaraõ , naõ podendo com a pressa levar alguma. Os quaes como homens atonitos , com taõ lubito rebate , se escondiaõ polos telhados , e lugares escuzos , e imundos. E despois que o arrabalde foi todo esbulhado , e primeiro , que tudo , a casa de Pedro Sarmiento , mandou Nunalvarez tocar as trombetas , e recolher toda a gente. Recolhidos todos , se foi a hum monte sobre o mar , e felos pôr em ala ordenada , com a bandeira estendida , dando a gente apupos , e tangendo as trombetas com final de alegria á vista del Rey de Castella , e dos do seu arraial , e de toda a Cidade : os quaes cuidavaõ que era gente da Villa , que faziaõ alardo para lhe pagarem soldo. E os da Cidade cuidavaõ que eraõ Castelhanos. Mas el Rey de Castella , que sabia que naõ lhes mandara pagar soldo , naõ sabia o que era ; e cuidando que por ventura ordenaria aquillo Pedro Sarmiento , o mandou chamar : e perguntandolho , Pedro Sarmiento lhe disse , que naõ sabia , mas que lhe parecia ser Nunalvarez Pereira. Em verdade (disse el Rey) essa he boa resposta , serdes vós fronteiro daquelle lugar , e virvos hum escudeiro de cinco rocins fazer tal sobrançaria ! Agradeceio , senhor , a Deos (disse Pedro Sarmiento) e a este rio , que está entre vós , e elle ; que , se isso naõ fora , aqui , onde estais , vos ouvera de vir buscar. Entaõ partio Pedro Sarmiento á pressa , e meteu-se em huma galé , e el Rey mandou que vogassem as outras , e metessem nellas gente de armas ; o que naõ pode fazer prestes , por naõ estarem apercebidas. Nunalvarez esteve alli o tempo que lhe pareceo : de cuja vista el Rey tomou grande nojo , e os da Cidade grande prazer , quando o souberaõ. Pedro Sarmiento acodio *Castilha* , *Castilha* ; mas



fendo Nunalvarez já partido: e pedindo hum cavallo dos seus, lhe disserão que lá o levava Nunalvarez com os mais cavalos, e fazenda, que na casa lhe achou; e que não fizeraõ pouco os que escaparaõ vivos de suas mãos. E nisto pararaõ as ameaças dos açoutes, que Pedro Sarmiento prometteo a Nunalvarez. O qual com os seus foi rindo dos feros Castelhanos, e descortezias, que desarmáraõ em vaõ. Nunalvarez se foi a Coima, e á noite ceou a Palmela; e no castello mandou fazer grandes luminarias, para mostrar aos da Cidade que estava alli, e tomarem algum esforço. E o Mestre, que com aquelles sinaes estava mui alegre, mandou no eirado grande dos Paços acender muitas tochas, para mostrar que via as de Nunalvarez.

### C A P I T U L O XXXVII.

*Padecem os cercados de Lisboa intoleravel fome: atease a peste no arraial Castelhana: levanta el Rey o cerco, e vaíse para Castella.*

**E** Stando a Cidade de Lisboa cercada, quantos mais dias passavaõ, tanto menos mantimentos avia dentro nella, que por amor do cerco das naos de Castella não podia vir, e a gente era muita: porque, além da Cidadã, e da que veio defendela, e da que veio do Porto com a armada, avia muita das aldeas, e comarcas vizinhas, que se veio meter nella com medo do exercito Castelhana. Polo que os pobres, que não trouxeraõ que comer, e os que viviaõ das esmolas, e caridades dos mais ricos, começaraõ a padecer tamanha necessidade, e miseria, que determinaraõ os da Cidade lançar fóra todos os pobres, e a mais gente inutil, que não era pera as armas, para que  
naõ



naõ gastaſſem os mantimentos aos que eraõ pera pelejar. Os primeiros, que lançaſſaõ, foraõ recolhidos polos Castelhanos: mas quando el Rey vio que os de dentro os lançaſſaõ com fome, mandou que nenhum mais dos da Cidade foſſe recebido em ſeu arraial; e os que a elle vieſſem, foſſem acoitados, e tornados á Cidade, naõ ſe lembrando que muitos Principes ganharaõ muitas Cidades, e Reynos, mais pola humanidade, que com os inimigos uſaſſaõ, que com a força das armas, com que as combatiaõ. Porque com armas ganhaõle os corpos, e com a humanidade os corpos, e as vontades. Em fim chegou a couſa a eſtado, que na Cidade ſenaõ achava hum paõ por nenhuma contia de dinheiro. Polo que muitos ſe ſuſtentavaõ com paõ de bagaço de azeitona, e dos queijos das malvas, e das raizes das ervas, e doutras couſas deſacoſtumadas: polas praças, e polas ruas ſe achavaõ muitos da gente pobre inchados de comerem ervas.

Apõs eſtes começaraõ os grandes, e ricos a padecer o meſmo; e nos roſtros amarelos, e que já naõ pareciaõ de homens vivos, mostravaõ a fraqueza de ſeus corpos, e a tristeza de ſuas almas. Os moços pequenos andavaõ com tanta laſtima pedindo de comer pola Cidade, e com tamanha magoa, que os que os ouviaõ, e viaõ padecer, eſquecidos de ſeus males, choravaõ o daquelles innocentes. E o que mais movia á compaixãõ era, que ás molheres, que criavaõ aos peitos, faltando-lhes o leite com a falta do mantimento, morriaõ os mininos, que por ſua recente idade naõ podiaõ comer aquellas immundicias, e ervas, que comiaõ os maiores. E aſſi como os enfermos com o dedo, e com a maõ mostraõ onde lhe doe, aſſi aquella faminta gente de nenhuma outra couſa tratava, ſe naõ da falta que padecia: pelo que tudo eraõ ſuſpiros,



piros , e exclamações ; e todos a huma voz pediaõ a Deos lhes desse a morte com brevidade , e naõ taõ prolongada , e multiplicada nas penas : porque os pais , e mãis , que padeciaõ aquella extrema necessidade , viaõ estallar seus filhos , que muito amavaõ , e expirarlhes ante seus olhos , naõ de doença , nem caso fortuito , mas voluntario , por elles quererem perseverar em sua constancia : polo que rasgavaõ as faces ; e as offertas , com que os enterravaõ , eraõ prantos desacostumados , e infinitas lagrimas , dando a si mesmos por culpados em suas mortes : muitos diziaõ que melhor fora naõ esperar cerco , e deixarem antes a Cidade ; outros , a que sua dôr , e a dos filhos , e molheres magoava , diziaõ que menos mal era serem fogeitos a Castella , que á morte. Mas naõ se vio pessoa alguma em tantas , e varias gentes , como alli estavaõ , que cometesse ao Mestre , que desse a Cidade , ou fizesse de si algum partido. Porque na constancia de sua liberdade estavaõ taõ seguros todos , como se de muitas provisões , e vitualhas estiveraõ abastados ; tendo huma guerra por fome , e outra que el Rey de Castella lhes fazia , cuja indignação , e cruel vingança temiaõ mais , que a mesma morte. Mas com toda esta fraqueza , e trabalho , quando avia algum repique , assi se ajuntavaõ , e punhaõ em armas , animolos , como se se alevantassem das mesas , e banquetes.

Por outra parte o arraial del Rey de Castella estava em outra afflicção , ao parecer dos Castellhanos naõ menor : porque , como está dito , a peste se hia ateando de maneira , que andando antes na gente baixa , e que se tratava , peor veio aos grandes , cujos corpos abriaõ , e salgavaõ , e tinhaõ em ataúdes ao ar ; e outros coziaõ para lhes tirar os ossos limpos , e os levarem a Castella ás sepulturas de seus avós.

E



E não sómente isto era na gente do arraial, mas na da armada: pelo que assi dos Capitaes da terra, como do mar, era el Rey aconselhado que levantasse o cerco, e se fosse; e que em tempo mais commodo tornaria a elle. A isto não deferia el Rey; porque sabendo da extrema necessidade de dentro, cada hora esperava que se lhe rendessem, e não queria perder taõ boa occasiã, para outra vez a não vir bulcar com tanta despeza. Polo contrario o Mestre, sabendo a grande mortandade do arraial, esperava que cada hora se levantasse.

A peste se ateou de maneira, que cada dia morriã cento e sincoenta, e duzentos, e mais; pelo que em breve espaço faleceraõ mais de dous mil homens de armas dos melhores, a fóra muitos Capitaes, e tres Mestres de Sanctiago, a saber, D. Pedro Fernandez Cabeça de Vacca, D. Ruy Gonçalvez Mexia, D. Fernando Affonso de Camora, segundo Fernão Lopes Choronista Portuguez, que parece morreria poucos dias despois de ser eleito, porque no Catalogo dos Mestres não se acha. E assi morreraõ outros grandes, como Pedro Rodriguez Sarmiento Capitaõ, de que atraz se faz menção; Pedro Fernandez Velaico Camareiro mór del Rey, que era pessoa mui notavel, e de grande entendimento, e bondade; D. Fernão Sanchez de Tovar Almirante de Castella; Fernão Dalvarez de Toledo Marichal; D. Pedro Nunez de Lara Conde de Mayorga, que avia pouco que casara com Dona Beatriz de Castro, filha de D. Alvaro Pirez de Castro Conde de Arrayolos; D. Joaõ Affonso de Benavides; Joaõ Martinz de Rojas; Lopo Ulhoa de Avelhaneda; treze cavaleiros del Rey da Cidade de Toledo, e outros homens de nome dos Reynos de Castella, e Leaõ. E foi couza maravilhosa, que de muitos Portuguezes, que no arraial andavaõ, dos  
que



dos que seguiaõ a parte del Rey de Castella , ou prisioneiros , a nenhum se pegou a peste. E vendo isto os Castelhanos , ou por se vingarem de ser só o mal delles , ou para experimentarem , lançavaõ os Portuguezes prisioneiros por força nas camas dos doentes de peste , para ver se morriaõ ; porem nenhum adoecia. No que parecia que tinhaõ os Castelhanos a Deos irado contra si , pelos perjurios , com que quebraraõ seus contratos feitos com os Portuguezes. Desta maneira passavaõ os cercados , e os cercadores , e perseveravaõ com as esperanças mui encontradas : porque os cercados , afflicto com fome , esperavaõ que a peste obrigasse aos cercadores aos deixar , e irem-se ; os cercadores esperavaõ que a fome obrigasse os cercados a se darem.

Andava com el Rey de Castella o Infante D. Carlos herdeiro de Navarra seu cunhado , cazado com a Infanta Dona Leanor sua irmãa. O qual vendo a grande mortandade , que no arraial avia , e quam arriscada andava a pessoa del Rey , lhe aconselhou por muitas vezes , que não tentasse a Deos , e levantasse aquelle cerco , e se tornasse pera seu Reyno ; que assás deixava feito em ter tantas gentes em Portugal por si , donde fariaõ guerra ao Mestre , e aos que por elle estivessem ; e que , depois que cessasse aquelle mal , tornaria a cobrar o Reyno. Lembravalhe não quizesse fer como el Rey D. Affonso seu avô., que , estando sobre Gibaltar , morreo no seu arraial de peste ; o qual , por não tomar o conselho dos que lhe diziaõ que deixasse o cerco , e assegurasse sua pessoa , veio a ser ferido da mesma peste , e perdeu a vida , e o lugar , e a mais da gente , que trazia. El Rey estava taõ endurecido , que , posto que as razões do Infante lhe parecessem bem , dizia que a Cidade estava em tanto aperto , que cada dia esperava lhe viessem pedir  
mi-



misericordia, e entregarlha. E que, se morria gente, cuidassem que entravaõ com elle em huma batalha campal, na qual morriaõ por sua honra, e defenlaõ de seu Reyno: e que o caso de seu avô era differente; porque seu avô estava sobre Gibaltar, que era huma aldêa, e elle estava sobre Lisboa, que era humas das melhores Cidades da Europa; a qual tomada, lhe ficava ganhado, e pacifico o Estado de Portugal.

Estando el Rey nesta porfia, foi ferida a Rainha de duas nascidas mui rijas: por cuja causa el Rey determinou logo de se partir do cerco; e levantou o arraial hum Sabbado, despois de comer. E para que os inimigos senaõ aproveitassem do que nelle ficava, lhe mandou pôr o fogo aquelle dia, e ao Domingo seguinte; e foise apotentar da outra banda da Cidade junto com o Mosteiro de Sancto Antaõ, e esteve alli hum dia: á segunda feira, que foraõ cinco dias do mez de Setembro, partio da Cidade para Torres Vedras, muito mais triste do que vinha alegre, e confiado quando veio ao cerco. E chegando a hum lugar, donde apparecia a Cidade, dizem que disse, voltando o rosto: *O Lisboa, Lisboa, ainda te eu veja lavrada de ferros de arado.* Este dia foi dormir á Capataria, aldêa distante de Lisboa cinco legoas; e ao outro dia a Torres Vedras: no qual lugar a Rainha esteve em artigo de morte; mas ahi mesmo cobrou saude. E assim durou o cerco, do dia que el Rey chegou ao Lumiar, até tres dias de Setembro, em que o arraial se levantou, quatro mezes, e vinte e sete dias, naõ contando o tempo, em que o Mestre de Sanctiago, e Pedro Fernandez de Vellas começaraõ a fazer o cerco pela comarca do Lumiar; porque, contando desse tempo, se podiaõ chamar sete mezes. E de Torres Vedras se partio el Rey para Sanctarem.



## CAPITULO XXXVIII.

*Fazem os de Lisboa Procissão em acção de Graças:  
faz o Mestre Cortes : gratifica aos de Lis-  
boa , levantandolhe muitos tributos.*

**Q**Uando o Mestre , e os da Cidade viraõ como el Rey levantára o cerco , e se fora com sua gente , e os livrára Deos de tamanha tribulação , foi tanta sua alegria , quanta se póde crer de homens , que da morte tornavaõ á vida ; e de receios da dura sojeição á esperança de liberdade : polo que davaõ infinitas graças a Deos. E em huma solemne Procissão , em que o Bispo da Cidade D. João Escudeiro , descalço , e revestido em Pontifical , hia com o Sanctissimo Sacramento nas mãos , foraõ ao Mosteiro da Trindade , onde ouve hum bom Sermaõ sobre as maravilhas , que Deos uzara , livrando a Cidade do poder de tamanho Rey , e de tanta gente nobre , e luzida , de que Deos matára os primogenitos , como aos de Egypto.

Partido el Rey de Castella , veio Nunalvarez Pereira de Palmela a Lisboa ver o Mestre , que o recebeo com grande alegria , e cortezia ; e entre muitas cousas , que passaraõ , foi dizerlhe Nunalvarez , que elle sabia como muitos fidalgos dos que consigo tinha , lhe naõ eraõ leaes , e estavaõ duvidosos de se passarem a el Rey de Castella. E que cumpria que o Mestre lhes tomasse de novo as omenagens , e ficassem por seus Vassallos para o servirem na guerra , que esperavaõ. Parecendo isto bem ao Mestre , fez que aos dous dias do mez de Outubro se ajuntassem no Mosteiro de S. Domingos ; e o Mestre lhes propôs como , tendo elle ten-  
gaõ



ção de se ir deste Reyno , por os rogos dos moradores da Cidade , e dos fidalgos , que presentes eraõ , tomára o cargo de Regedor , e defensor do Reyno. Por a qual defenção elle passára , e determinava passar muitos trabalhos. E que os que estavaõ por vir eraõ maiores , segundo a disposição , em que o Reyno estava , e a determinação , que el Rey de Castella levava. E que defender os lugares , que estavaõ por elle , e cobrar os que estavaõ por Castella , não podia ser senão estando todos de hum acordo ; que era necessario tratar disso , e do pedido , que se avia de fazer para as despezas necessarias. Logo alli se acordou que sobre as despesas para a guerra se trataria nas Cortes , que se fariaõ em Coimbra. E aos seis dias do mesmo mez de Outubro de mil e trezentos e oitenta e quatro , nos Paços del Rey , onde o Mestre pousava , foraõ juntos o Conde D. Gonçalo , D. Frey Alvaro Gonçalves Camelo Prior do Hospital , Nunalvarez Pereira , Diogo Lopez Pacheco , e os mais senhores fidalgos , e cavaleiros , que presentes se acharaõ , e fizeraõ preito , e omenagem ao Mestre de o averem por senhor , e o servir , e ajudar contra el Rey de Castella , e qualquer outro : e lhe beijaraõ a mão , posto que alguns fingidamente , como depois mostraraõ : e o Mestre lhes prometeo , e jurou de lhes guardar todos seus privilegios , e liberdades , e de manter o Reyno em justiça.

E vendo o Mestre o grande desejo , que os moradores de Lisboa tinhaõ de o servir , não lhes lembrando o cerco , e fome em que se viraõ , e a destruição , que tiveraõ de seus bens , como elle era de animo grande , e liberal , não soffreo dilação em lhes remunerar em parte aquella boa vontade , nem esperou que a Cidade lho pedisse. E com conselho , que ajuntou do Conde D. Gonçalo , de D. Alvaro



Gonçalves Prior do Hospital, de D. Lourenço Arcebispo de Braga, de D. João Bispo de Lisboa, de D. Payo de Meira Bispo de Sylves, de Nunalvarez Pereira, de Diogo Lopez Pacheco, do Doutor João das Regras, do Doutor Martin Affonso, e de outros muitos, propôs muitas razões para gratificar os serviços da dita Cidade. E já que de todo não podia ser, em parte do que lhe merecia, e para memoria de sua lealdade, até que pudesse fazerlhe mais mercês, lhe quitou para sempre, que não pagasse relêgo, jugada de paõ, e vinho, mordomado, Anadaria, çougagem, Mealharia, Lombos, Alcavalla; e lhes fez mercê dos Paços, em que taes direitos se tiravaõ, e de dous Tabaliados, que avia em Veiras, e no Reguenguo de Ribamar. E que em nenhum dos Reynos, e Senhorios de Portugal, e do Algarve, aonde chegassem os moradores de Lisboa, pagassem portagem, nem outro algum direito das mercadorias, que levassem para cada hum lugar dos ditos Reynos, nem das que trouxessem de outros lugares para a dita Cidade, assi para seu uso, como para vender: tambem fez mercê á Cidade, por assi lho pedir, de mandar derribar o castello della, que estava no mais alto lugar junto aos Paços, que chamaõ Dalcaçova; e logo foi posto em terra, de que hoje em dia por memoria ficaraõ humas paredes, e janellas, que mostraõ a grandeza, e antiguidade delle.



## CAPITULO XXXIX.

*Deixa el Rey de Castella Capitaes em varios castellos de Portugal; e ha por traça o de Torres Novas.*

**D**Es pois que el Rey de Castella partio de Torres Vedras com a Rainha saã, entrou em Santarem, levando a Rainha de redea o Infante de Navarra: e ahi fez el Rey alardo da gente que tinha, para a distribuir pelas fortalezas, que estavaõ por elle. E achou mui pouca, e mal concertada, como sohe ser a que vem da guerra, que he mui differente de quando vai a ella: e em Santarem tirou a Alcaidaria a Lopo Fernandez de Padilha, para o levar consigo; e a deu a Diogo Gomes Sarmento seu irmão: e na Alcaceva da mesma Villa deixou Gomez Perez de Val de Ravanos, e com elle oitocentas lanças, e trezentos bésteiros. Em Cintra deixou o Conde D. Henrique Manoel seu tio; em Torres Vedras João Duque; em Alenquer Vasco Pirez de Camoës; em Obidos João Gonçalves Teixeira; em Leiria Garcia Rodriguez, Meirinho mór que fora del Rey D. Fernando; em Torres Novas Affonso Lopez de Texeda, Commendador de Sanctiago, por levar consigo Gonçalo Vasquez de Azevedo; em Penela, e Miranda o Conde de Viana; em Castello de Vide Gonçalíanes; em Villa Viçosa Vasco Porcalho; em Portel Fernão Gonçalves de Sousa; em Monforte Martim Anes de Barbuda, que depois foi Mestre de Alcantara; em Campo maior Payo Rodriguez Marinho; em Moura Alvaro Gonçalves de Moura; em Olivença Pedro Rodriguez da Fonseca; em Mertola Fernão de Anes, Commendador mór de Sanctiago;



tiago ; em Guimaraes Aires Gomez da Silva ; em Ponte de Lima Lopo Gomez de Lyra ; em Braga Joao Lourenço Budal. E assi outros Alcaides morres nas fortalezas que tinhaõ. Ao Prior do Hospital D. Pedro Alvarez Pereira deixou nas fortalezas de seu Priorado , para que as guardasse. E em todos aquelles lugares ficou a gente , que parecia necessaria.

De Sanctarem foi el Rey a Torres Novas , aonde Gonçalo Vasques de Azevedo Alcaide mor o não sahio a receber. O qual , posto que de principio fizera com os de Sanctarem que dessem a Villa a el Rey de Castella , com tudo não foi ao cerco de Lisboa , nem se entremeteo mais em cousas del Rey ; mas , segundo alguns diziaõ , já a este tempo estava amigo do Mestre , e tinha já recebido d'elle dinheiro para soldo. E com o Mestre estava já Alvaro Gonçalvez de Azevedo seu filho , que foi a Lisboa na armada de Portugal com os seus escudeiros , e esteve em serviço do Mestre até que se lançou com os Castelhanos com Gonçalo Rodriguez de Sousa. Vendo pois el Rey de Castella que Gonçalo Vasquez o não vinha receber , não foi pousar ao castello. E estando assi el Rey na Villa , nenhum Castelhanao hia dentro ao castello ; e Gonçalo Vasquez vinha á porta quando lhe queriaõ dar algum recado. E , posto que el Rey o mandou chamar por vezes , sempre se escuzou ; arreceando o que despois lhe aconteceo. El Rey tendo disto grande pezar , e entendendo , que partindose da Villa , logo Gonçalo Vasquez a avia de entregar ao Mestre , determinou todavia por manha levalo consigo ; e para melhor se effectuar , succedeo que Inez Afonso , molher de Gonçalo Vasquez , foi visitar a Rainha Dona Briatis com quem se criara , e tinha cunhadio , por Gonçalo Vasquez ser seu parente. E  
dizen-



dizendo-lhe el Rey, e a Rainha como seu marido mostrava claramente não lhe ser leal, avendo tantas razões para o contrario, por elle desejar de lhe fazer muitas mercês: ella, que era leve da cabeça, como são algumas mulheres, lhe prometeo que traria seu marido a seu serviço.

Indo para casa, fez grandes pregaçãoes a seu marido, sem o poder reduzir: polo que ao outro dia, sabindote pola porta da treição, se foi ao Paço sem seu marido o saber, dizendo em casa que a mandara chamar el Rey. De pois que el Rey a teve consigo, mandou dizer a Gonçalo Vasquez que lhe fosse falar: e encuzandote elle disso, lhe mandou el Rey dizer que não relevava; que, pois lá tinha sua mulher, bastava: que se ficasse com Deos, porque ella iria a Castella. Gonçalo Vasquez, que até então não sabia da ida de sua mulher, ficou atonito; e movido do amor, que lhe tinha, porque lha não levasse, foi logo falar a el Rey, e lhe entregou o castello. Como el Rey o teve consigo, mandoulhe a mulher, e a nora para casa; e a elle levou para Castella com Alvaro Gonçalvez seu filho: e deixando por guarda do castello a Affonso Lopez de Texeda, partio de Torres novas, e dahi a sete dias partio a armada para Castella.

C A P I T U L O XL.

*Como el Rey entrou triste em Castella, e fez algumas mercês a Portuguezes. Trata o Mestre de recuperar Cintra; impedeo huma chuva notavel.*

**A**O tempo que el Rey partio de Sanctarem, se ajuntaraõ com elle todos os que levavaõ os ossos de seus parentes, ou senhores, que no cerco morreraõ de peste, que era huma grande com-



companhia, que hia em ordem diante del Rey, sem mistura de gente de armas; mas cada hum hia em seu Ataude cuberto de negro, em Azemelas com seus criados ao redor a pé, todos vestidos de grande luto, e detrás a gente de cavalo, que a cada hum acompanhava na vida, com a bandeira de suas armas: e hia hum diante do outro por ordem; coisa que fazia hum lastimoso, e triste espectáculo, como era ver tantos grandes, e senhores, e muitos delles na flor de sua idade, sem fazerem algum feito honroso, mortos só pola contumacia de hum Rey mancebo, inimigo de bom conselho. El Rey hia mui triste, assi polo mau successo do cerco de Lisboa, como por ver tamanha perda de homens de porte, e valerosos, que naquella jornada perdera; e que tão pouco avia trouxera de suas terras tão prosperos, e concertados, e tão alegres pera o servirem: e que agora, como em manadas, os levava antesi; de que daria má conta a suas mulheres, e a seus filhos; e aos pais, e mãis, que lhos entregaraõ. E como el Rey foi na raya, logo os corpos dos defuntos se apartaraõ cada hum pera sua terra.

E para el Rey assegurar a gente de Portugal, que seguia suas partes, e terem esperança que os galardoaria, e acrecentaria; e em sua ausencia senaõ mudassem, passando-se ao Mestre, e tambem por levar a Castella alguns homens de Portugal poderosos, de que se temia, com pretexto de os querer galardoar; começou de lhes fazer algumas mercês em Castella, como foi a D. Pedralvez Pereira Prior do Crato, irmão de Nunalvarez Pereira, a que deu o Mestrado de Calatrava, passando D. Pedro Nunez de Godoy, que o era, a Mestre de Sanctiago, ficou entaõ o Priorado do Crato a D. Alvaro Gonçalvez Camelo, que no tempo del Rey



del Rey D. Fernando fora privado no dito Priorado polo Graõ Mestre de Rhodes; mas, por el Rey D. Fernando ter em vontade dalo ao dito Pedro Alvarez, o impetrou de Clemente Antipapa, a quem elle se acoftara, dizendo, que o Graõ Mestre estar polo Papa Urbano Sexto não aprovava a eleição, que fizera de D. Alvaro Gonçalves: e desta maneira ouve D. Pedro Alvarez o Priorado, e Alvaro Gonçalves o nome de Prior, até que, depois da ida de D. Pedro Alvarez, foi Prior inteiramente.

Tanto que el Rey de Castella se partio deste Reyno, a primeira cousa, que o Mestre emprendeo, foi aver os lugares visinhos a Lisboa, que estavaõ por el Rey de Castella: e teve tratos com alguns da Villa de Cintra (que dista cinco legoas da Cidade, onde estava por Fronteiro o Conde D. Henrique Manoel) para que lhe dessem o castello; que por causa do alto, e fragoso sitio, he grande fortaleza, com a Villa ao pé, que não he cercada. E em tempo determinado entre elles, que era aos quatorze dias de Outubro do dito anno de mil e trezentos e oitenta e quatro, a hora de Vespõra, mandou o Mestre sahir fóra da Cidade a hum rocio perto della, que chamaõ de Santa Barbara, essa pouca gente de cavalo, que avia; e outra gente de armas, e peaes, mostrando que queria fazer alardo; e depois que foraõ juntos, apartou o Conde D. Gonçalo, e o Arcebispo de Braga D. Lourenço, e outra gente, que quiz levar; e os outros mandou para a Cidade: e com aquelles, que escolheo, foi caminho de Cintra: dos quaes os mais hiaõ a pé, por aver falta de bestas, de que se tiraraõ no cerco, por não as poderem manter. E indo não longe da Cidade, começou huma leve chuva, e humas nuvens, que pouco, e pouco creceraõ



tanto, que veio a cahir huma das maiores chuvas, que os homens tinhaõ visto; e a noite se tornou taõ escura, que pella mesma estrada não podiaõ passar com agoa; e excediaõ tanto as agoas por cima das pontes, que não podiaõ passar mais por ellas, que pelos mesmos rios. Com esta grande chuva, e continua cerraçaõ, se levantou hum espantoso vento, e tantos trovoës, e relampagos, que parecia que o mundo se acabava, ou que começava outro diluvio. Polo que, perdendo a guia o tino, e empeçando huns nos outros, que senaõ viaõ, acordou o Mestre, tendo já andado quatro legoas, que se tornasse cada hum como pudesse; porque lhe parecia, que Deos não era servido daquella sua ida. Finalmente foi a tempestade tal, que nas pontas das lanças de muitos se viraõ daquellas candêas, que os antigos chamavaõ Castor, e Pollux; e os mareantes agora chamaõ Corpo Santo. A agoa na Cidade foi tanta, que, fazendo repreza ao passar pelos canos da Mouraria, que estaõ no muro junto á porta de S. Vicente, sahia pola porta, e cobria ametade do postigo; e derrubou muitas casas, que ahi estavaõ perto, com o grande impeto da corrente: e entrando pola Cidade, derrubou a cerca de S. Domingos, e entrou dentro em altura de quatro covados e meio, e allagou as cellas dos Frades, que eraõ terreas, e huma boa livraria, que avia no Mosteiro; e sahia taõ rija pela porta da Igreja, que derrubou o muro, e hum poste do alpendre; e todo o rocio até á Ribeira parecia hum mar, em que ouvera algum naufragio; porque andavaõ muitos toneis de vinho nadando pola rua das Esteiras, e rua Nova, e huma galé na tarraçena del Rey. E ao outro dia chegou o Mestre muito desacompanhado, porque a tormenta os dividio.



## CAPITULO XLI.

*O Mestre toma posse de Almada: entra por força  
Alenquer: põe cerco a Torres Vedras: tra-  
zêmlhe algumas novas roins*

**Q**Uando el Rey de Castella partio do cerco de Lisboa, mandou chamar alguns dos moradores de Almada mais honrados, e lhes rogou, que lhe fossem leaes, e bons Vassallos; e que por isso lhes faria mercê: e que para estar seguro delles, lhe dessem em arrefens os filhos dos homens principaes da Villa, para os mandar a Castella na sua armada. E que, sendo leaes, teria elle cuidado de lhos criar, e os cazar, e lhes fazer muitas mercês. Os de Almada, vendo que não podiaõ al fazer, lhe deraõ 20 moços dos principaes, entre machos, e femeas, que se entregaraõ ao Almirante da armada. Partido el Rey, ficou a armada por alguns dias, e foi para Cezimbra, donde tornou a arribar; e quatro galés foraõ direitas a Almada, e sahiraõ fóra muitos, seguros, cuidando que a Villa estava como dantes por sua. Os da Villa, que entaõ começavaõ a vindimar, e andavaõ fóra, quando viraõ aos das galés sahir em Cacilhas, que he mui perto da Villa, repicaraõ o fino de pressa, e foraõ juntos. Os Castelhanos andavaõ já no arrabalde trabalhando por levar o vinho, que achavaõ. Os Portuguezes lho defenderaõ, matando, e ferindo nelles de maneira, que lhes foi necessario cortar os proizes, que tinhaõ em terra, jurando os Capitaes que lhe aviaõ de matar os filhos, que levavaõ em arrefens; e assi se foraõ. Sabendo isto o Mestre, folgou muito, e lhes mandou os agradecimentos; e elles tomaraõ sua parte,

X ii

e lhe



e lhe mandaraõ dizer , que fosse tomar posse daquelle lugar , que lho queriaõ entregar , posto que foubessem que lhe aviaõ de matar os filhos. Aos tres dias , que as galés partiraõ , passou lá o Mestre com o Conde D. Gonçalo , e duzentas lanças ; e os da Villa o sahiraõ a receber em Procissaõ.

Acabando o Mestre de tomar Almada , lhe veio recado dos da Villa de Alenquer , com que tinha tratado , que partisse logo para a cercar , e que fosse lá ante manhã ; e embarcando huma tarde em trinta e cinco barcas , mandou gente por terra. Chegando á Villa , ouve muitas escaramuças. E avendo duvida se dariaõ combate á Villa , por os Portuguezes serem poucos , e os Castelhanos mui fortes , o Doctor João das Regras , que estava na companhia , respondeo , dizendolhes : O' senhores , essa he a verdadeira peleja , onde hum Portuguez não peleje com hum só Castelhanao , mas com tres , e com quatro , se for necessario ; e aqui não podeis al fazer ; senão combater com boa vontade , posto que as portas sejaõ fortes. Entaõ se chegaram , e pozeraõ fogo ás portas da barbacaã ; mas com a força das pedradas , importou arredaremse. E tornando outra vez á escaramuça , ouve huma grande volta , na qual morreraõ de huma virotada pelo rostro João Affonso filho de Affonso Esteves da Azambuja , e Gil Affonso criado do Mestre. E ahi aconteceu que dous bésteiros , hum da Villa , e outro do arraial , atirou hum a outro , e daquelle primeiro tiro se acertaraõ ambos , e cahiraõ logo mortos. Dahi a pouco começou a faltar agoa aos da Villa , por huma couraça , que estava começada , não ser ainda de tal altura , que della a podessem tomar. E vendo Vasco Pirez de Camoës os grandes aparelhos , que o Mestre já tinha para combater a Villa , de engenhos , e tiros , que mandara



vir de Lisboa, se veio dar a partido, que se sahifsem os homens de armas, e bésteiros Castelhanos, e se fossem para Sanctarem com todo o seu; e que elle estivesse por o Mestre. E se a Rainha Dona Leonor, que lhe dera aquelle castello, tornasse a Portugal em sua liberdade, sem companhia de Castelhanos, para lhe ajudarem a defender o Reyno, lho entregasse, por não cahir em mau caso; e que a gente de armas, que ficasse na Villa para guarda della, fosse quem quizesse o mesmo Vasco Pirez. O qual, feita a omenagem, escolheo para ficarem com elle, Ruy Cravo, Gonçalo Gonçalves Borges, e Fernão Gonçalves da Amexoeira, e outros, que eraõ seus comprades, e amigos.

Como o Mestre ouve Alenquer, partio para Torres Vedras, onde já estava João Fernandez Pacheco com alguma gente começando a cercar a Villa. O que tinha o castello, como já está dito, era João Duque fidalgo Castelhana, que estava bem acompanhado de gente de armas, e bésteiros. E, porque o lugar era forte, e João Duque esforçado Capitão, e avia passado muitas escaramuças sem effeito algum, determinou o Mestre mandar fazer huma grande mina, que fosse sair ao adro da Igreja de Santa Maria dentro da Villa: mas alguns, que o Mestre trazia consigo, e que determinavaõ de lhe fazer treição, davaõ aviso aos inimigos de todos os conselhos, e determinações do Mestre, e o desviavaõ do modo, que queria levar naquelle negocio para ajudar aos contrarios; e desta maneira ficarem vaõs todos seus desenhos. A causa se foi continuando por espaço de tantos dias, até que passaraõ o muro, e estavaõ entre o muro, e o castello, junto da Igreja. João Duque, que de tudo era avisado polos do conselho do Mestre, naquelle lugar, onde aviaõ de sair, mandou armar huma tenda,



da ; e abrindo outra contramina , se encontraraõ os Portuguezes com os Castelhanos : onde avendo muita resistencia dos de cima com defensoes de taboado , com que impediaõ a sahida aos da mina ; e os de dentro com fogos , e com tiros , ouve muitos feridos de huma parte , e da outra , até que cessaraõ da porfia. O Mestre vendo ser isto em vaõ , mandou fazer outra mina ; e com arteficios de fogo fez vir a terra grande lanço do muro , e certas torres. Mas como os de dentro eraõ avisados de tudo , estavaõ já apercebidos , e tinhaõ por dentro feito hum muro de cubas , e toneis cheos de terra , com que ficou o lugar mais forte.

Estando o Mestre anojado polo mau successo daquelle cerco , lhe vieraõ , estando nelle , novas , que naõ sentio menos : eraõ naõ succeder bem a Nunalvarez o cerco de Villa Viçosa , e morrer nelle Fernaõ Pereira seu irmaõ ; e outras taes novas da prizaõ de D. Lopo Diaz Mestre de Christo , e do Prior D. Alvaro Gonçalvez Camelo , que estando sobre Torres Novas só com oitenta lanças , e pouca gente de pé , foraõ tomados de improviso por Diogo Gomez Sarmiento , que acudio de Santarem. E dando Affonso Lopez de Texeda sobre elles , pelejaraõ , e foraõ prezos , e levados a Santarem. Outras novas foraõ , que entraraõ no porto de Lisboa duas galés de Castella alta noite , e tomaraõ huma nao de mercadorias , e duas galés desarmadas ; e que tudo queimaraõ , por os da Cidade acudirem , e lhes naõ darem vagar. Mas como o Mestre era prudente , e de grandes espiritos , posto que muito sentia aquelles maos acontecimentos , a todos mostrava rosto sereno , e cheio de esperanças de melhor successo , dizendo que natural era das guerras darem nojos , e prazeres aos que nellas andavaõ. E que apõs aquellas novas de desgosto viriaõ outras de prazer.

CA-



## CAPITULO XLII.

*El Rey de Castella pretende matar o Mestre por hum treição: he descuberta, e castigado hum dos conjurados.*

**V**Endo el Rey de Castella que os Portuguezes, que lhe resistião, eraõ taõ poucos, e não dos principaes do Reyno; e que sómente confiados no esforço, e grande valor do Mestre, lhe resistião: e que, sendo o Mestre extinto, ficariaõ como corpo sem cabeça, e sem vida, e se podia aver o Reyno de Portugal facil, e pacificamente, nenhuma cousa mais cuidava, que no modo com que fosse morto o Mestre. E o caminho, que via mais facil, e mais secreto, era ter de sua mão alguns Castelhanos, que com o Mestre andavaõ; que, como naturaes a Castella, e não naturaes ao Mestre, podia com dadivas, e promessas induzilos a lhe fazerem treição. E como o Mestre era de taõ generoso animo, em que não cabia desconfiança, guardavase menos delles, do que a outros parecia que devia fazer. Por os quaes dizia a Rainha Dona Leanor, estando retirada em Castella, que o Mestre todos os dentes se lhe abalavaõ, fenaõ hum; e por os que se abalavaõ, entendia os Castelhanos, que consigo trazia; e por hum só, que estava firme, entendia Nunalvarez Pereira seu leal servidor. Polo que, querendo el Rey de Castella tentar o que tanto desejava, escreveo hum carta a D. Pedro Conde de Trastamara, lembrandolhe a razaõ, que ambos tinhaõ, que era serem filhos de dous irmaõs, e não ter elle mór inimigo no mundo, que o Mestre de Aviz, a quem servia, contra quem (para bem ser) ouvera de andar.



dar. Rogavalhe quizesse apartarse de seu inimigo, e servilo a elle; e em quanto em Portugal andava, trabalhasse por matar o Mestre. Pola qual obra não sómente lhe perdoria os erros passados, mas lhe faria grandes mercês, e o poria em grande estado. E que para effectuar o que lhe rogava, falasse com alguns seus amigos, de que se fiasse, a que tambem faria grandes, e assinaladas mercês. O Conde communicou este segredo com D. Pedro de Castro filho do Conde D. Alvaro Pirez, João de Baeça, e com Garcia Gonçalves de Valdes Castelhanos, e com alguns escudeiros seus. Os quaes movidos de tão grandes promessas, desejavaõ de matar ao Mestre o mais cedo, que ser pudesse. E o que mais mostrou este desejo, era D. Pedro de Castro; o qual polo costume dos homens, que se lembraõ mais das injurias, que dos beneficios, lembravalhe a prizaõ, que o Mestre lhe fizera de poucos dias, e não as mercês, que delle recebera de muito estado, e de muitas terras; e do perdaõ, e soltura por tão grave caso.

E ordenaraõ a treizaõ desta maneira, que João Affonso de Baeça, e Garcia Gonçalves de Valdes, a que a execuçaõ da morte do Mestre estava encarregada, tanto que o mataassem, se aviaõ lançar a correr ao castello, onde João Duque, que sabia do caso, avia sempre de ter atalaia; que, como no arraial ouvesse alvoroço, abrisse as portas, e sahisse com os seus a recolher os que fogissem. E a morte avia de ser por huma de duas maneiras. João Affonso era grande cavaleiro, e mui desenvolto, principalmente á gineta. E quando o Mestre cavalgava, e alguns dos seus com elle, hia João Affonso muito diante com huma lança na mão, por o acompanhar como os outros; e voltando, dava de esporas ao cavalo, vindo brandindo a lança; e quan-



quando vinha perto do Mestre , mostrava que a queria arremessar , desviandose hum pouco delle ; e assi vindo , voltava logo rijamente , dando a entender que o fazia por folgar , por o Mestre , nem outra alguma pessoa ter má sospeita delle. E isto determinava João Affonso fazer tantas vezes , por se assegurar , até que visse geito de arremessar a lança de verdade , e assi matar o Mestre. Fernão Dalvarez Dalmeida Commendador de Villa Viçosa , Veedor do Mestre , que sempre andava com elle , quando cavalgava , e era mui avisado , vendo este despejo de João Affonso , que acometia mui a miude , e que nunca encarava com a lança senão para o Mestre , pareceolhe descortesia , não tendo porém delle má sospeita. E vindo hum dia João Affonso rijo com a sua lança na mão com a mostra costumada , elle se pôs diante , e o desviou com a sua lança , e lhe disse : Afastai , afastai a lança : não tendes pejo de virdes tantas vezes dessa maneira contra o Mestre meu Senhor ? Hora sabeis que parece mal a quantos volo vem fazer. E dizendo João Affonso , que o fazia por folgar , e não por deservir ao Mestre : Esse jogo ( disse Fernão Alvarez ) fazei vós a outrem , e não ao senhor , com quem viveis. E avendo sobre isso razões , o Mestre os mandou calar. João Affonso não tornou mais áquelle jogo ; e assi ficou aquelle desenho em vão. A outra maneira , que tinhaõ inventada para matar o Mestre , era que , por ter por costume ir muitas vezes ver os engenhos , com que combatia , e não muito acompanhado , quando fosse com menos gente , então o matassem. E em quanto não punhaõ em execução seus desejos , aconselhavaõ ao Mestre sobre a empresa , em que estava , o contrario do que lhe parecia bem. E a João Duque davaõ aviso de tudo , o que passava , em viroteões fendidos , nos quaes pu-



nhaõ escritos de papel, e pergaminho, que ficavaõ por pennas. E faziaõlhe saber, que onde se puzessem alguns dos seus dizendo palavras injuriolas aos do castello acenando com a maõ, entendessem que por ali hia a mina. Com as quaes invençoẽs destes roins servidores se dilatava o cerco tanto tempo sem proveito.

Além destes quatro, que procuravaõ a morte do Mestre, avia outros, que tratavaõ de o servir, dos quaes era o Conde D. Gonçalo, que pouco avia fizera o Mestre seu amigo com dadivas de tantas terras, como atrás fica dito, e Ayres Gonçalves de Figueiredo. E a razãõ do alevantamento era, que Ayres Gonçalves tinha o castello de Gaya por o Conde D. Gonçalo, no qual estava sua mulher com alguns escudeiros, e homens de pé, os quaes faziaõ polas aldeas ao redor taõ má visinhança, e tantas violencias, que todos se agravavaõ delles: e os da Cidade do Porto delejavaõ de o vingar. Aconteceo, para se agravar mais o caso, que a mulher de Ayres Gonçalves mandou pedir aos lavradores de huma aldea certas cousas para si, e para os que consigo tinha; que lhe naõ deraõ. Polo que ella com muita indignaçãõ, e soberba foi á aldea com quantos tinha em casa para os castigar, e tomar o que lhe naõ quizerãõ dar. Sabendo isto os do Porto, sahiraõ, e tomaraõ o castello de Gaya; e depois de o roubarem, e saquearem todo, o derribaraõ por terra. Sabendo isto Ayres Gonçalves em Torres Vedras, aonde estava com o Mestre, ficou mui indignado; e queixandose ao Conde D. Gonçalo, cujo Aio fora, dizia que se naõ podia fazer aquillo sem mandado do Mestre. E andando ambos queixosos, sem embargo que o Mestre se desculpou na verdade ao Conde, falavaõ sempre muitos segredos: donde começaraõ a entrar



trar más sospeitas delle na gente do arraial. E sendo isto dito ao Mestre, elle o dissimulou. E aconteceu que naquelle mesmo tempo se affirmou, que Diogo Gomez Sarmento estava em Sanctarem com quatrocentas lanças, Vasco Pirez de Camoës em Alenquer com cento e sincoenta, João Gongalvez em Obidos com cento, e o Conde D. Henrique em Cintra com outros cento; e que estes Capitaes estavam concertados com João Duque, e com D. Pedro de Castro, que todos subitamente, em huma noite, dessem sobre o Mestre; e que de morto, ou desbaratado não escapasse. E não sabendo o Mestre o que contra elle fabricavaõ, sómente, para sua seguridade, aos oito de Janeiro de mil e trezentos e oitenta e sinco, ordenou fazer conselho, e mandou que todos os Capitaes apparecessem com suas gentes, para ver quantos homens de armas tinha. Foi acaso, que dos primeiros, que ao conselho vieraõ, foi o Conde D. Gonçalo com seu filho D. Martinho, e Ayres Gonçalves com elle: e como foraõ na Tenda do Mestre, elle os mandou a todos tres prender, posto que o filho era moço pequeno; e os entregou a Vasco Martins de Mello. O Conde D. Pedro de Trastamara, D. Pedro de Castro, e João Affonso de Baeça, que andavaõ polo campo passeando a cavalo, quando souberaõ da prizaõ do Conde, e de Ayres Gonçalves, cuidaraõ que sua conjuraçaõ era descuberta; e sem mais deliberação, com medo que tiveraõ, fugiraõ, o Conde D. Pedro para a Villa; e D. Pedro de Castro, e João Affonso de Baeça para Sanctarem. E querendo Garcia Gonçalves de Valdes lançar-se no lugar com o Conde D. Pedro, pela guarda que tinha Antaõ Vasques, foi tomado das gentes do Mestre. Foi grande o alvoroço no arraial por a fugida subita de homens taõ principaes: e o Mestre ficou



maravilhado, e não sabia que dissesse, como quem não sabia, nem sospeitava o que se tramava contra elle. E quando lhe disserão que Garcia Gonçalves era tomado, folgou muito, por saber por sua confissão a verdade. E trazido por ante elle, lhe perguntou que fugida era a sua daquella maneira. E porque, escuzandose elle com razões mal compostas, lho não creraõ, o Mestre o mandou meter a tormento de açoites. E confessando o que acima fica dito sobre a morte do Mestre, e quaes eraõ as pessoas nisso culpadas; e como estando el Rey de Castella sobre Lisboa, se lançára por seu mandado com o Mestre, para o aver de matar em companhia dos outros: o Mestre deu graças a Deos por tão grande mercê como lhe fizera aquelle dia, em o tirar do perigo da morte violenta, e não cuidada; e logo mandou que fosse queimado Garcia Gonçalves. Ao outro dia, em que a execução se avia de fazer, quando o levavaõ ao fogo, mandou o Mestre que fosse por sua tenda, e que ali confessasse outra vez perante todos aquillo, que em secreto lhe dissera. Garcia Gonçalves pediu ao Mestre por mercê o não obrigasse a dizer outra vez o que já tinha confessado; que mór pena lhe era aquillo, que a morte que lhe mandava dar: contudo o Mestre lhe mandou que dissesse. Entaõ contou tudo por extenso, como fora; e, acabada sua confissão, o levavaõ a queimar. João Duque, sabendo queimavaõ Garcia Gonçalves, com grande indignação mandou tomar seis, ou sete Portuguezes dos que ali tinha presos, e mandoulhes decepar as mãos, e cortar os narizes; e pondolhes as mãos ao pescoço de hum delles, os mandou ao Mestre. O qual em satisfação daquella crueldade, mandou que tomassem todos os prisioneiros Castelhanos, e com os trabucos lhos lançassem despedaçados dentro; mas logo, como humano que era,



era, revogou aquella cruel sentença. E ao Conde D. Gançalo, e Ayres Gonçalves, que mandara prender, fez levar a Evora.

C A P I T U L O XLIII.

*Deixa o Mestre o cerco de Torres Vedras: parte pera Coimbra a celebrar Cortes: sua entrada na Cidade.*

**C**ontinuava o Mestre o cerco de Torres Vedras, quando se levantou segunda vez por el Rey de Castella Vasco Pirez de Camoës com a Villa de Alenquer, como homem pouco constante na fé, que dava: porque, mandando pedir ao Mestre por Gonçalo Tenreiro certas coufas, lhas não concedeo, querendo vender por preço o que não era seu. E estando assi o Mestre no dito cerco mais tempo do que cuidava, e vendo quão difficullosa lhe era de tomar aquella Villa, e que se vinha chegando o tempo, em que avia de ir a Coimbra fazer Cortes; assentou com Nunalvarez Pereira, que ahi veio ter, chamado da Cidade de Evora, onde estava, para falarem em coufas da guerra, que a partida fosse dahi a quinze dias, em quanto Nunalvarez mandava vir as suas gentes, porque elle viera só com sesenta de mulas. Querendose pois o Mestre partir, por ter novas que já os Prelados, e Procuradores das Villas estavam em Coimbra, os lavradores daquelle termo de Torres Vedras, e de Lisboa, e de outros lugares daquella comarca, vendo quão faltos ficavam de mantimentos, por razão do estrago, que nelles fizeraõ os Castelhanos, não querendo ficar em seu poder, se vieraõ ao Mestre com suas molheres, e filhos, pedindolhe com grandes clamores, que ouvesse delles



les piedade, e os levasse consigo. E contaõ que até hum cego, que morava no arrabalde de Torres, ouvindo como o Mestre partia com aquellas gentes, e as recolhera, começou a bradar, pedindo ao Mestre por Deos, que o não deixasse em poder dos Castelhanos. E avendo Nunalvares Pereira dó d'elle, mandou que lho puzessem nas ancas da mula; e assi foi com os outros. Assi caminhava o Mestre com aquellas companhias, de que hia parecendo pai, levandoos na dianteira; e elle com os seus detrás. As lanças, que o Mestre levava, eraõ seiscentas; mas só cento e sincoenta de cavalo, e as outras todas a pé com armas vestidas, e os bacinetes ao pescoço nas fachtas; e assi andavaõ de vagar, porque não queria o Mestre que as jornadas fossem maiores, do que aquella pobre gente pudesse andar. E ás vezes hia o Mestre a pé, por fazer boa companhia aos seus, como sempre fazia em tudo.

Chegando o Mestre a Leiria, onde hum Garcia Rodriguez Taborda, natural de Galiza, era Alcaide, cuidou o Mestre ser d'elle bem hospedado, por lhe ter feito nõ cerco de Lisboa doação da Villa de Porto de Móz de juro, e das jugadas do paõ de Leiria, e do lugar de Nez Pereira, e de outros na terra de Viseu; e outras maiores mercês. Mas elle esquecido daquelles beneficios, o desenganou, que da mão da Rainha tinha aquella fortaleza, que a ella, e não a outrem a avia de entregar: tendo escrito muitas vezes ao Mestre, que lha tinha por sua, polas muitas mercês, que d'elle recebera. Com Garcia Rodriguez estava entaõ D. Alvaro de Castro, filho do Conde D. Alvaro Pirez, que se lançou entaõ á parte de Castella.

Chegando o Mestre a Montemór o Velho, o sahio a receber com muita mostra de boa vontade



de Gonçalo Gomez da Silva com os seus. E vindo a Coimbra, o não veio receber Gonçalo Mendez de Valconcellos, dizendo que tinha o castello por a Rainha Dona Leonor. Mas não esteve muito que não viesse para o Mestre, e lhe entregasse o castello, e lhe desse seu voto na eleição, que delle se fez. Os da Cidade sahirão a receber o Mestre com todos os que estavam juntos para as Cortes. Mas muito antes de todos, a espaço de huma legoa da Cidade, grande numero de mininos tem lho mandar ninguem, cavalgados em cavalos de canas, com pendoões nellas, vieraõ ante o Mestre correndo; e a huma voz bradando *Portugal, Portugal por el Rey D. João: em boa hora venha o nosso Rey*: e assi foraõ toda aquella legoa. Os que com o Mestre hiaõ, se espantaraõ daquillo, e o ouve- raõ por bom agouro, e presagio do que nas Cortes avia de succeder: e lhe pareceo que Deos falava pelas bocas daquelles meninos, como de Prophetas. O Mestre foi recebido em Procissão, e levado aos Paços de Alcaçova; e sua entrada foi a tres de Março daquelle anno de mil e trezentos e oitenta e cinco.

## CAPITULO XLIV.

*Fazemse Cortes em Coimbra: Proposta do Doutor João das Regras sobre a successão do Reyno de Portugal.*

**C**omo os Prelados, e Procuradores das Villas, e os fidalgos, que tratavaõ de defender Portugal, foraõ juntos em Coimbra, começaraõ de communicar entre si sobre o governo, e defensão do Reyno; e quem seria bom que fizessem Rey. Huns eraõ de voto que o fosse o Infante D.



D. João, que estava prezo em Castella, como filho legitimo del Rey D. Pedro, e irmão do Rey defunto. E que o Mestre governasse o Reyno, até que elle fosse livre, ou delle se fizesse outra cousa; e que, morrendo o Infante D. João, ficasse logo substituido o Infante D. Dinís seu irmão, ou o Mestre, ou quem vissem que era mais razão: e que eleger outro Rey, seria cousa de grande embaraço, e alteração, visto o estado em que estavam as cousas do Reyno. Deste voto era Martim Vasques da Cunha, e seus irmãos; e alguns seus parentes, e aliados. A maior parte dos fidalgos, e do povo miúdo, eram do contrario parecer, dizendo que o Infante D. João estava prezo, donde nunca mais avia de sair: e que o mais certo caminho para nunca ser solto, era elegeremno por Rey, pois estava em poder de quem pretendia o Reyno. E que além disso, posto que tivera direito, o tinha perdido, por vir fazer guerra a Portugal em tempo del Rey D. Fernando; assim por parte do presente Rey de Castella, como del Rey D. Henrique: e que, como inimigo, e desnatural que já se fizera, não podia pedir o Reynado. De maneira que a cousa se veio a partir em dous bandos; e huns eram por o Mestre, outros contra; de que o Mestre bem sabia, e quaes tinha por si. Nisto se chegou o tempo das Cortes, a que se acharam presentes D. Lourenço Arcebispo de Braga, D. João Bispo de Lisboa, D. Lourenço Bispo de Lamego, D. João Bispo do Porto, D. Frey Rodrigo Bispo de Coimbra, D. Frey Vasco Bispo da Guarda, o Prior de Santa Cruz, o Abbade de S. João Dalpendorada, o Abbade de Dostello, Ruy Lourenço Deão de Coimbra, e outras pessoas Ecclesiasticas; Vasco Martins de Sousa rico homem, Nunalvarez Pereira, Vasco Martins da Cunha o velho, e seus filhos Martim Gil



Gil Vasques , e Lopo Valques , e Vasco Martins o moço , Gonçalo Mendez de Vasconcellos , Men Rodriguez , e Ruy Mendez seus filhos , Diogo Lopez Pacheco , Joaõ Fernandez , e Lopo Fernandez seus filhos , Gonçalo Vasques Coutinho , Joaõ Rodriguez Pereira , Alvaro Pereira , Gonçalo Gomez da Silva , Joaõ Gomez da Silva seu filho , Martim Affonso de Sousa , Vasco Martins de Mello , e Gonçalo Valques , e Vasco Martins , e Martim Affonso de Mello seus filhos , Ruy Vasques de Castelbranco , Estevaõ Vasques de Goes , Fernaõ Valques de Rezende , Affonso Vasques Correa , Alvaro da Cunha , Affonso Furtado Capitaõ mór da armada , Affonso Anes Nogueira , que chamavaõ das Leys , Gonçalo Anes de Castelo de Vide , Fernaõ Rodriguez , que depois foi Mestre de Aviz , Martim Gil Comendador mór da Ordem de Christo , Pedro Lourenço de Tavora , Alvaro Gil Cabral , Lourenço Mendez de Carvalho , Gomez Martins de Lemos , Nuno Viegas o moço , Antaõ Vasques Dalmada , Egas Coelho , Gonçalo Gonçalves Borges , Martim Affonso Valente , Estevaõ Vasques Philippe , Ruy Cravo , e outros fidalgos , e cavaleiros , e escudeiros de estima ; e os Procuradores das Cidades , e Villas , que naõ estavaõ por Castella.

Estando os que nas Cortes tinhaõ voz , juntos em huma grande casa para isso ornada , o Doutor Joaõ das Regras , que servia de Chancarel mór , homem de grande authoridade , e sciencia de direito Civil , que fora discipulo de Bartolo , e dotado de grande eloquencia , sendolhe encarregado o mostrar naquellas Cortes a quem por direito pertencia a successaõ do Reyno , para ficar ao povo a escolha de quem lhe parecesse , se levantou , e começou primeiramente a mostrar por razões juridicas , como era errado dizer , que os que alli esta-



vão, por não serem todos do Reyno, nem a mór parte, não podiaõ eleger Rey. Despois vindo ao ponto mais sustancial, tratou como a Rainha Dona Briatís não podia succeder, por não ser filha legitima del Rey D. Fernando, por a Rainha Dona Leanor, antes que de feito cazasse com el Rey D. Fernando, ser cazada com Joaõ Lourenço da Cunha; do qual ouve huma filha, que lhe morreo, e a Alvaro da Cunha, que alli estava presente: e que, posto que despois que a el Rey tomou, lhe chamasse ella Alvaro de Sousa, fingindo que era filho de Lopo de Sousa seu sobrinho, e de huma mulher de sua casa, que chamavaõ Elvira, o fizera a Rainha por se vender a el Rey por donzela, dizendo que seu marido nunca ouvera della nada. Sendo verdade, que ella pario a Alvaro de Sousa. Sobre isto lembrou como quando Joaõ Lourenço da Cunha foi doente em Lisboa, que o Mestre o visitou, e lhe pedio por mercê, que a Alvaro de Sousa desse seus bens, e lhos deixasse possuir como seu filho, que era. Porque em quanto el Rey D. Fernando fora vivo, nunca o ouzara nomear por filho. E que como seu filho, que era, herdou os ditos bens: polo que, avendo tres annos, que Joaõ Lourenço era cazado com Dona Leanor, el Rey D. Fernando não podia cazar com ella, e a Rainha não podia valer, por serem parentes: publico era, que elles ouveraõ dispensação, como sabia Diogo Lopez Pacheco, e outros muitos, que alli estavaõ; e Vasco de Sousa, que vio as letras, e as teve na mão, que lhas mostrou o Conde Velho de Ourem; polo que era sua legitima molher: e que, ainda que isto não fora, sem dispensação, não podia el Rey cazar com a Rainha Dona Leanor, porque era sua cunhada, por serem Joaõ Lourenço, e el Rey D. Fernando filhos de segundos com irmãos, como era

noto-



notorio. Polo que o tal cazamento por todas as vias não podia ser valioso. Mais, que por a Rainha fazer maldade a seu marido, como era notorio, por razões, que seria vergonha referir, estava incerto cuja filha fosse a Rainha Dona Briatís; porque, posto que os Doutores dissessem, que prezume o filho da adultera ser do matrimonio, isto era para successão de bens particulares, em que vai pouco; mas não para successão de hum Reyno, no qual senão avia de reconhecer por senhora, e Rainha humma filha incerta, e sospeitosa, senão mui certa, e sem duvida. Polo que a Rainha Dona Briatís, como filha adulterina, incestuosa, e incerta, não podia succeder na Coroa de Portugal.

A outra razão, que o Doutor propôs, foi que a Rainha Dona Briatís não podia succeder quando não ouvera os ditos impedimentos: por quanto ella nestes Reynos só devia entrar, segundo estava contratado entre el Rey D. Fernando, e el Rey de Castella seu marido: e avia de ser dahi a certos annos, e com certas condições, que ella, e o dito seu marido juraraõ; o qual juramento elle Rey ratificou, jurando em humna Hostia consagrada, que hum Bispo revestido em Pontifical, tinha em humma patena, sobre a qual el Rey por suas mãos, tocando corporalmente, fez solemne juramento de nunca vir contra aquelle contrato, e assento. E que, vindo, pagasse primeiro cem mil marcos de ouro, e perdesse o direito que tinha ao Reyno de Portugal. E que assi o juraraõ todos os fidalgos, e senhores de Castella, fazendo preitos, e omenagens nas mãos de Gonçalo Mendez de Vasconcellos, que ahi estava presente: polo que se por cada vez, que contra as capitulações, e juramentos vieraõ, ouve-raõ de pagar cem mil marcos de ouro, pouco era o Reyno de Castella para satisfazer a tantas penas.



Melhor, que tudo, mostrou por muitas razões, que, ainda que o sobredito não fora, como el Rey de Castella era scismatico, e estava elcomungado, por ser contra o verdadeiro Pastor da Igreja de Deos Urbano VI., e favorecer ao Antipapa Clemente VII. Polo que, como homem que estava fóra do gremio da Santa Madre Igreja, não podia ser tomado por Rey de hum povo tão Christão, e tão Catholico como o de Portugal.

## CAPITULO XLV.

*Continuase a pratica do Doutor João das Regras:  
Prova não ter direito no Reyno o Infante  
D. João.*

**T**Endo assi mostrado o Douctor João das Regras como a successão do Reyno não pertencia á Rainha Dona Briatís, tratou por muitas razões como não pertencia ao Infante D. João, nem a seus irmãos, filhos del Rey D. Pedro, e de Dona Inez de Castro. Primeiramente por el Rey D. Pedro a não receber por molher, e ser falso, e fingido o casamento, que elle publicou despois da morte della: e por consequente o juramento, que el Rey, e as testemunhas fizeraõ do casamento. E huma das razões, que a isto dava, era que, vindo á noticia del Rey D. Affonso como seu filho o Infante D. Pedro estava tão embaraçado com Dona Inez de Castro, e que muitos diziaõ ser cazado com ella, pouzando o Infante nos Paços de Sancta Clara em Lisboa, enviara a elle Diogo Lopez Pacheco, que alli estava presente, e o Mestre João das Leys, que era de seu Conselho. E por elles lhe mandou dizer que, pois se não contentava de cazar com filha de Rey, e tanto amava a Dona Inez, que cazasse



zasse com ella, e a recebesse por molher: e que elle levaria disso gosto, e a honraria como molher, que avia de vir a ser Rainha: e que o Infante lhe respondera, que não era contente disso, nem o avia de fazer em dias de sua vida; e que nisso lhe não falassem mais. O que era assás argumento de não fer cazado: porque, sendo elle tão affeçoado a Dona Inez, como era, ouvera de folgar com aquella occasião, e offerta de seu pai. E a razão, que os privados do Infante davaõ a el Rey, era dizer que o Infante o não deixava de fazer sennaõ por o casamento ser tão disproporcionado a elle, por Dona Inez ser bastarda, e de mãi não tão conhecida; pela qual razão lhe chamavaõ Inez Pirez, antes que o Infante a conversasse. E dizia além disto, que por isto assi ser, não se chamavaõ Infantes os filhos do Infante D. Pedro, sendo este herdeiro do Reyno; mas nas cartas, em que lhes el Rey seu avô fazia alguma mercê, dizia assi: Querendo eu fazer mercê a D. João meu vassallo, filho do Infante D. Pedro meu filho, &c. E que não era para crer que, se el Rey D. Affonso tivera para si, que Dona Inez fora molher de seu filho, a não mandara matar; mas, tendoa em conta de manceba, o mandou fazer, por tirar seu filho de peccado, e de infamia; e por não encher a terra de filhos bastardos, a que elle não podia fazer ricos, nem era sua honra viverem pobres.

E quanto ao ponto de dizerem que el Rey D. Pedro a publicou por molher despois da morte de seu pai, e jurou o casamento, e o aprovou dizendo ser a causa, porque o encubrira, o medo, e reverencia de seu pai, isto mostrava ser falso, e fingido; porque não era verisimil que cousa, em que o Infante punha tanto segredo, e de tanta importancia como era hum Principe herdeiro de dous Rey-



Reynos, cazar com huma molher inferior, e bastarda, lhe não lembrasse o dia, em que foi; nem, sendo em dia tão notavel, como o primeiro de Janeiro, e do anno, lhe esquecesse a elle, e a huma das testemunhas, porque era cousa para lembrar dahi a cem annos. E muito menos verisimil era dizer, que por medo de seu pai o não ouzava o Infante descobrir: mas, que a quem bem entendesse, era razão absurda, e para se rirem della; porque, sendo elle filho tão desobediente, e solto para seu pai, que trazia Dona Inez contra sua vontade, e que não lhe ouve medo, nem reverencia para trazer quantos malfeitos, e degradados avia no Reyno, para lhe fazer guerra com elles, tomando-lhe Villas, e castellos, roubando a terra, e pondolhe o fogo, como se fora de inimigos; e obrigando a seu pai a mandar guardar as fortalezas, asoldadando gente para isso; como era de crer que, não tendo disto vergonha de seu pai, a tivesse de lhe dizer que era cazado com huma molher formosa, e nobre, por amores, que entre os homens todos se tem por cousa digna de perda, e que já fizerao muitos Principes, e para a qual seu pai lhe mandava offerecer licença, como está dito, sendo tanto mais feio ser assi amancebado? Dizia além disto, que, já que fora verdade que por reverencia de seu pai o não descobrio em sua vida, quem lhe tolhia publicar, logo como reynou, a Dona Inez por sua molher, se tanto o desejava? E como o deixou para dahi a quatro annos, quando já ninguém curava disso? E logo por claras razões mostrou, como el Rey D. Pedro refucitou o casamento de Dona Inez, despois de tanto tempo, e o fingio; porque nem em vida de seu pai, nem até aquelle tempo pode impetrar do Papa dispensação para lhe legitimar seus filhos, para que com aquella

la



la cautela nos animos de todos , ficassem avidos por legitimos , e valesse o que podesse valer.

Sobre estas razões deu outras , porque quiz mostrar , que Dona Inez não podia cazar com o Infante D. Pedro. A primeira , por ser sua parenta filha de D. Pedro de Castro o da guerra , seu primo com irmão , que foi filho de D. Fernão Rodriguez de Castro , e de Dona Violante Sanches , filha natural del Rey D. Sancho , e de huma Dona Maria Affonso molher , que foi de D. Garcia de Uzerro , e irmão da Rainha Dona Briatís mãe del Rey D. Pedro. A segunda razão , e mais urgente era que , posto que o Papa especialmente dispensara sobre o parentesco del Rey D. Pedro , e Dona Inez na Bulla , que ouve para cazar com parenta , não dispensou para impedimentos de futuro , como foi ser Dona Inez depois comadre del Rey D. Pedro , madrinha do Infante D. Luiz seu filho , que ouve da Infanta Dona Constança sua molher , como era notorio , e o diria Diogo Lopes Pacheco , que presente estava , que foi hum dos padrinhos daquelle Infante : ao que não obstava o que alguns quizerão dizer , que , sendo já o Infante D. Pedro afeiçãoado a Dona Inez , lhe mandou dizer em segredo , que ao tempo do Baptismo não dissesse as palavras , que as madrinhas dizem em nome do afillhado ; e que ella assi o fizera. E que por tanto não ficara sua comadre , e podia cazar com elle. O que posto que assi fora , e que quanto a Deos não ficara comadre , ao juizo exterior o ficava : e era necessario , pollo escandalo do mundo , notificalo ao Papa : o qual querendo dispensar (o que não fizera em casamento tão desigual , e de que mais podia resultar guerra , que paz ) ouvera de deixar na consciencia do Infante , o que alli não ouve.

A outra razão , que ultimamente trouxe para



os filhos de Dona Inez não poderem succeder, foi, que vieraõ contra o Reyno, em ajuda, e favor de seus inimigos, para o destruir, não huma vez, senão muitas: porque o Infante D. Diniz em tempo del Rey D. Fernando veio em companhia del Rey D. Henrique de Castella armado com gentes, entrando até Lisboa fazendo guerra, roubando, destruindo, e matando quanto pode. E o Infante D. João viera em companhia del Rey D. João, que de presente reynava, e por seu mandado cercara Trancozo, e o combateo por alguns dias. E que quando entrou no Reyno em Valdelaula, se desnaturalizou do Reyno, pondolhe fogo por suas mãos, e que dahi veio cercar Elvas, e andou polo Reyno fazendo guerra, de que alli estavaõ presentes boas testemunhas Diogo Lopez Pacheco, Vasco Martinz de Sousa, Vasco Pirez Bocarro, Gil Martinz Chofel, e outros muitos. Pelo que indecente cousa era, e absurda, ainda que foraõ legitimos, eleger por seu Rey a quem se desnaturou do Reyno por sua vontade, e veio contra elle, como publico inimigo; e deixar de dar o Reyno a quem tantos trabalhos, e riscos da vida passou polo defender; e estava prestes para soffrer mais, quando cumprisse.

## CAPITULO XLVI.

*Prosegue o Doctor de novo a mesma materia, por razão de alguns, que avia contrarios ao seu parecer.*

**B** Astavaõ as sobreditas razões com outras muitas, que representou o Doctor João das Regras, com muita authoridade, e eloquencia, para que todos, os que não estivessem afeiçãoados, e perturbados, se podessem mover. Mas não basta-  
raõ



raõ para logo arrancar dos coraçõs de alguns a affeição, que tinhaõ ao Infante D. João, assi por as boas partes, e Real condigaõ de sua pessoa, como pola amizade antigua, e criaçaõ, que com elle tinhaõ, e naõ por odio, que ao Mestre tivessem, nem por lhes parecer que naõ era elle digno de maiores Reinos. Destes era Martim Vasques da Cunha, fidalgo mui principal, e seus irmaõs Lopo Vasquez, e Gil Vasquez da Cunha, e todos os de sua liança. Os quaes, sem embargo de taõ efficazes razões, como ouviraõ ao Doctor, diziaõ que o Reyno sem duvida pertencia ao Infante D. João: e que em seu nome aviaõ de fazer guerra, até ver que termo tomava sua prizaõ: e que lhe parecia a elles mui dura cousa dar nome de Rey ao Mestre, pertencendo o Reyno a outrem de direito. E hum dia avendo differentes pareceres do seu no Conselho, se sahio Martim Vasquez bradando altas vozes, e dizendo: Vós podeis fazer o que quizerdes, e elegerdes quem quizerdes por Rey, que eu hum só homem sou, e meu voto pouco val: e quem vós fizerdes Rey, eu o servirei, e ajudarei a defender o Reyno; mas que eu consinta que seja o Mestre, isto nunca o eide dizer. Nunalvares Pereira, e outros fidalgos, diziaõ que o Mestre fosse eleito por Rey.

Avendo entre aquelles fidalgos, e todos, os que nas Cortes estavaõ, tanta discordia, faziaõ muitos ajuntamentos, os fidalgos persi, e os procuradores á parte; e os mais vieraõ a ser de hum voto, que o Reyno se desse ao Mestre: com os quaes nunca Martim Vasquez da Cunha quiz concordar. E como sobre isto se encontrassem na pratica elle, e Nunalvarez Pereira, e cada hum fosse taõ apaixonado por seu amigo, muitas vezes se trava- raõ de palavras pezadas, e que passavaõ da medi-



da ; das quaes ao Mestre pezava muito , e muito mais , porque Martim Vasquez tinha muitos fidalgos do seu bando. E vendo quanto dano lhe faria ter Martim Vasquez , e os seus escandalizados , rogou a Nunalvarez , que com elles senão desaviesse. Nunalvarez lhe respondeo que ninguem tinha contra si , senão aquelle roncador de Martim Vasquez ; mas que , se elle quizesse , o mataria , e cessariaõ suas contradicções. O Mestre disse que nunca Deos tal quizesse ; que Martim Vasquez não fazia aquillo por odio , que lhe tivesse , senão por amor , que tinha ao Infante seu irmão , e por lhe parecer que assi era bem. Nunalvarez lhe replicou que o faria em quanto o não assubertassem ; porque , se o fizessem , não se atrevia a o sofrer. E vindo hum dia Martim Vasquez , e seus irmãos ao Paço do Mestre para lhe falar , foi tambem lá Nunalvarez ao mesmo com mais de 300 escudeiros com cotas , e braceletes , e espadas , e adagas : e quando o Mestre assi o vio , pezoulhe , receando o que entre elles se podia seguir , por assi os ver desavindos , não dando porém a entender cousa alguma. Mas Nunalvarez quando entrou , não mostrou geito algum de sobregaria , e muito chãmente falou ao Mestre. Martim Vasquez , e seus irmãos , tambem Diogo Lopez Pacheco , e seus filhos , que eraõ parentes de Martim Vasquez , quando viraõ Nunalvarez daquella maneira , foraõse do Paço poucos , e poucos. Nunalvarez ficou só falando com o Mestre , e dahi se foi á pouzada. O Mestre calando o que entendeo em Nunalvarez , o teve por homem de grande coraçãõ : e chamou ao Doutor João das Regras , e disselhe tudo o que com Nunalvarez lhe acontecera , e o que receava acontecesse. Falando muitas vezes na tenção de Martim Vasquez , Senhor ( disse o Doutor ) eu tenho assás trabalhado por mostrar



trar com vivas razões, e direito, que estes Reynos são de todo vagos, e que a eleição fica livre ao povo; o que devera satisfazer a Martim Vazquez, e a outros, que muito mais fouberaõ: mas o amor cega o entendimento, e por isso senaõ apartaõ daquella ceita, em que estaõ. Porém eu vos prometo que eu proponha no primeiro dia, que se ajuntarem, o que eu quizerá calar, que faz o caso do Infante mais feio. E dahi em diante faga-se o que vós ordenardes.

Tornando outra vez a se ajuntarem os das Cortes, o Doutor Joaõ das Regras com muito mais vehemencia, que os dias de antes, lhes disse como elle não cuidara que em cousas, que elle taõ claramente mostrara, e provara, podia ficar mais duvida alguma. Mas que, pois avia ainda quem ficasse por persuadir, agora ouviriaõ cousas, em que elle não quizerá falar por boa cortesia: porém que provocado de sua dureza, e da muita importancia do negocio, que travavaõ, já era necessario não ficarem por dizer. Isto era, que os Infantes filhos del Rey D. Pedro não naceraõ legitimos, nem o podiaõ ser, nem ainda pera succeder em fazenda de algum seu parente. Porque, trazendo o Infante D. Pedro Dona Inez consigo, e não sendo sabido de alguém que ella fosse sua molher, foi dito a el Rey D. Affonso que o Infante ordenava de mandar a Roma pedir ao Santo Padre dispensação para cazar com ella. E que, pezando a el Rey muito de taes novas, trabalhou muito por o desviar; e que secretamente escreveo ao Arcebispo de Braga, que entaõ estava em Roma, pedisse ao Papa não aceitasse a supplica do Infante, porque seria grande escandalo do Reyno, e prejuizo do mesmo Infante. E porque não cressem que aquillo eraõ palavras, que seriaõ más de provar, lhes leria a pro-



pria carta, que el Rey mandara ao dito Arcebispo a Roma, e a embaixada, que o Infante mandara ao Papa sendo já Rey; e a reposta, que o Papa mandou ao mesmo Infante D. Pedro, por não satisfazer á sua petição. Então leu huma carta em Latim, em que el Rey D. Affonso encarregava ao Arcebispo o sobredito. E acrescentando aos ditos impedimentos outros, que tambem avia, exagerava na carta a grande afronta, que seria das pessoas Reaes, e do Reyno passar tal dispensação. No fim da qual carta mandava ao Arcebispo, que se cumprisse, secretamente mostrasse carta sua ao Santo Padre. Aquella carta, dizia o Doctor proseguindo sua fala, que fora á Corte de Roma, não sendo já vivo o Papa João XXI., de quem el Rey D. Pedro, quando era Infante, ouve aquella geral dispensação, por cuja morte succedeo Benedicto XII., e depois Clemente VI., e era então Papa Innocencio VI. E depois dahi a alguns annos disse que succedera a morte de Dona Inez, e após ella dahi a dous annos a de el Rey D. Affonso. E que el Rey D. Pedro, como homem que sabia, ou duvidava que a dispensação geral, que ouvera para casar com qualquer parente, senão estendia a Dona Inez, em que avia outros impedimentos, mandou Embaixadores á Corte de Roma, pellos quaes pedia ao dito Papa Innocencio VI. o que alli veriaõ. E logo mostrou hum grande rol escrito em pergaminho mui gastado já da velhice, afinado por Gomez Paes de Azevedo, e por o Mestre Affonso das Leys, e por outros do Conselho del Rey D. Pedro. No qual entre outras cousas, que ao Papa mandava pedir em tres addições, era encommendado o requerimento daquelle casamento com Dona Inez ser valioso, e os filhos legitimados, dizendo por estas palavras: Outrosi lhe direis em Camara que el Rey recebeo por  
pala-



palavras de presente Dona Inez de Castro ( que Deos perdoe ) como manda a Sancta Igreja: da qual ouve filhos , com a qual avia deudo: e que lhe pede que haja Sua Sanctidade por bem de outorgar , e ratificar , e firmar o dito deudo de linhagem , que com ella avia. Affi que por tal confirmação os ditos filhos , que ha , sejaõ lidimos ; e que hajaõ , e possaõ haver aquillo , que averiaõ naõ avendo o dito embargo de linhagem. E em esto vos afincai para averdes dello recado. E que despois de algumas petições de Bispados , e outras cousas , dizia em outro lugar : Outrosi , se virdes que o Papa vos outorga cada huma das quatro cousas primeiras , em razão das pedidas das Igrejas , pedide logo o al em razão da legitimação do cazamento ; e despois as outras cousas pela guiza , que aqui saõ escritas : e naõ vos outorgando cada huma das quatro cousas , vós todavia fazei de guiza , que ajais desembargo da dita confirmação do cazamento , de guiza que os moços fiquem legitimos. E quanto he das outras pedidas naõ cureis dellas , &c. Lido o rol , e regimento da embaixada del Rey D. Pedro , mostrou logo a propria carta , que o Papa Innocencio lhe mandou em reposta , escuzandole de naõ conceder a legitimação de seus filhos , nem confirmar o matrimonio de Dona Inez. Na qual se continha como el Rey D. Pedro lhe pedira que lhe legitimasse seus filhos , e de Dona Inez , para ficarem habilitados para succeder , como se nacerão de legitimo matrimonio ; e declarasse o matrimonio seu com a dita Dona Inez por valido : e que a Sé Apostolica naõ concedia taes petições , affi do matrimonio , como das legitimações , salvo em pessoas grandes , por grande causa , e utilidade , que na sua petição naõ vinhaõ expressas , nem vinha consentimento , e petição daquelles , a quem a  
legi-



legitimação podia prejudicar, como se requeria, &c. Lida a carta do Santo Padre, disse o Doutor que alli viaõ, sem tirar, nem acrescentar, toda a historia, como passara, do casamento de Dona Inez, e legitimação de seus filhos. O que elle quizeria es-  
cuzar por hora dos Infantes, e não publicar tanto na praça, e semear os defeitos de sua incestuosa nacença.

## CAPITULO XLVII.

*He o Mestre eleito Rey por todos os Estados de Cortes: sua acclamação: e eleição do Condestabel, e outros officiaes.*

**Q**Uando o Doutor acabou sua fala, ficaraõ todos espantados, por saberem o que antes não tinhaõ ouvido. Polo que todos, os que estavaõ em duvida, como Martim Vasquez da Cunha, e os do seu bando, com a mais gente concordaraõ em huma voz, que elegessem Rey. Entaõ lhes fez o Doutor huma fala estando todos juntos, dizendo que, pois viaõ que estes Reynos estavaõ vagos, e postos em disposição dos que presentes estavaõ, para eleger quem os governasse, e defendesse, elegessem tal Rey, qual lhes convinha: e que as partes, que no Principe, entre as mais, deviaõ buscar, segundo os prudentes, eraõ nobreza de sangue, grandeza de coração, e amor para os subditos. E que todas aquellas partes com muita ventagem se achavaõ no Mestre, mais que em nenhum homem do Reyno: porque, quanto á linhagem, era filho de hum Rey natural; e que de seu esforço, e valor tinha dado tantas mostras nos trabalhos, e perigos da defensão de Lisboa, e do Reyno, quantas eraõ notorias. E que de sua bon-  
dade,



dade, e amor para os subditos, todos, os que alli estavaõ, podiaõ ser boas testemunhas: porque assi no geral, como no particular, naõ havia quem naõ tivesse delle recebido mercês, e beneficios. Polo que deviaõ amalo como a pai, veneralo, e obedecelo como a fenhor: e que por tanto deviaõ, sem mais detença, em nome de Deos elegelo por seu Rey: e com alegres, e faustas acclamações o deviaõ laudar, e levantar ao trono Real.

Ditas estas palavras, todos sem nenhum descrepar, com alegres sembrantes, e mui promptas vontades se determinaraõ em logo o eleger: e ordenaraõ que lhe fosse notificado. Os Prelados, fidalgos, e procuradores da Cidades, e Villas juntamente se foraõ ao Mestre pedir-lhe, e requerer-lhe lhe aproveesse consentir em sua eleição, que tinhaõ feita, e aceitasse o officio, e dignidade de Rey, para que Deos o tinha guardado. O Mestre lhes respondeo que dava muitas graças a Deos, por lhes pôr no coração de o elegerem para taõ alta dignidade: e que a elles agradecia muito os bons desejos, e amor que sempre nelles vira; mas que elle conhecia em si naõ ser sufficiente para taõ grande honra: e que bem sabiaõ que nelle avia taes impedimentos, assi polo defeito de seu nascimento, como pola profissão de sua milicia, e ordem, que naõ podia receber aquelle cargo, e honra. E que por tanto naõ podia nisso consentir; mas que como defensor do Reyno trabalharia quanto podesse, até morrer nisso; e esperaria a el Rey de Castella, e pelejaria com elle: e que, vencendo elle, como esperava em Deos, sendo hum cavaleiro como era, cobraria mui grande honra. E quando doutra maneira succedesse, o que Deos naõ quiereria, naõ cahia em tanta falta, como seria ser vencido sendo Rey. E por tanto, que sobre o ajun-

tamen-



tamento das gentes , e como se poderia aver dinheiro , e defender o Reyno , se determinassem , e não se devertissem noutra cousa.

Destá reposta do Mestre , porque não aceitou a offerta do Reyno , que lhe fazião , ouveraõ os Prelados , e mais gente grande desgosto : e vendo que , se elle não aceitava o officio de Rey , não faria com tanta diligencia , e obrigação o de defensor , nem lhes ficava perpetuo , como sendo Rey , nem os homens o serviriaõ com tanta lealdade , e animo , e o Reyno estava em perigo de vir á mão dos inimigos , tornaraõ a dizer ao Mestre , que o remedio , com que ás necessidades do Reyno podiaõ acudir , era tendo a elle por Rey , e senhor : e que debaixo de seu amparo esperavaõ vencer , e resistir a todos os trabalhos : que os não quizesse desamparar , e deixar destruir , e pôr em servidaõ hum Reyno taõ florente , que com seu sangue ganharaõ seus avós. E que elles o serviriaõ com as vidas , e com as fazendas , e o manteriaõ em estado , e honra de Rey : e mandariaõ pedir ao Santo Padre dispensações sobre sua Ordem , cazamento , e confirmação do Reyno. O Mestre vendo tanta efficacia em seus rogos , e as necessidades do público Estado , entendeu que Deos queria que elle Reynasse ; e ouve de consentir. Com seu consentimento ficaraõ todos mui alegres , e Nunalvares muito mais ; porque , sendo homem mui temperado em seu falar , não se pode ter que não dissesse : Destá vez será Rey o Mestre meu senhor a prazer de Deos , e a pezar de quem lhe pezar. E a huma quinta feira , seis de Abril daquelle anno de mil e trezentos e oitenta e sinco , foi o Mestre levantado por Rey com muita solemnidade , e grandes alegrias de toda a gente , estando na florente idade de vinte e seis annos , onze mezes , e vinte e sinco dias. E logo se tratou peran-



perante elle, que fizesse Condestabel pera a guerra em que estavaõ, como fizera el Rey D. Fernando. E vendo el Rey que ninguem o podia, nem devia ser melhor que Nunalvarez Pereira seu leal servidor, por ter as partes, que aquelle officio requeria, o fez Condestabel, sendo elle mancebo de idade de vinte e quatro annos, e nove mezes, e doze dias.

Tanto que o Mestre foi Rey, ordenou officiaes de sua Casa, e do Reyno. E ao Condestabel Nunalvarez Pereira fez seu Mordomo mór, Alvaro Pereira Marichal, Gil Vasques da Cunha Alfeiz mór, Joaõ Fernandez Pacheco Guarda mór; Meirinho mór da Comarca de entre Douro, e Minho a Ruy Mendez de Vasconcellos, Meirinho mór da Comarca de Tralos Montes Nuno Viegas o moço, Affonso Furtado Capitaõ mór do mar, Estevaõ Vasques Philipe Anadel mór, Joaõ Rodriguez de Sá Camareiro mór, Joaõ Gomez da Silva Copeiro mór, Pedro Lourenço de Tavora Reposteiro mór, Lourenço Anes Fogaça, que estava em Inglaterra por Embaixador, Chancarel mór, e entretanto lá andava, o Doutor Joaõ das Regras, que já servia; Affonso Martins, Alcaide mór que foi do Pombeiro, Escrivaõ da Puridade; Joaõ Gil, e Martim da Maia Veedores da fazenda; Lourenço Martins, Alcaide mór que foi de Leiria, Thesoureiro mór; Fernaõ Alvarez Dalmada Comendador de Jurumenha, e Graveiro da Ordem de Aviz Veedor da Casa, como antes era; e assi fez outros officiaes.



## CAPITULO XLVIII.

*Algumas cousas , que se propuzeraõ em Cortes :  
como el Rey fez mercês á Cidade de Lisboa ,  
e do Porto.*

**N**As Cortes , que se tinhaõ começado em Coimbra , mandou el Rey que se continuasse , e foraõ as primeiras , que el Rey D. Joaõ fez : os povos pediraõ nellas muitas cousas , especialmente a Cidade de Lisboa , a que se outorgou mais do que pedio. Entre as cousas , que os povos pediraõ , foi que naõ trouxesse no conselho criados da Rainha Dona Leanor , nem lhes desse officios em sua Casa , nem na Cidade de Lisboa , a cujos moradores tinha odio. Item que naõ fizesse guerra , nem paz , nem cazasse , sem consentimento de todos ; pois eraõ cousas , que a todos tocavaõ , porque assi o costumavaõ sempre os outros Reys : e que por el Rey D. Fernando seu irmaõ fahir deste costume , succederaõ tantos males ao Reyno. Item que a ninguem obrigasse cazar contra sua vontade , por cartas de rogo , como fizeraõ o mesmo Rey D. Fernando , e a Rainha Dona Leanor , que contrangeraõ muitas molheres a cazar , que estavaõ com seus pais , e tutores , e viuvras ricas , com pessoas naõ convenientes a ellas , que lhes gastaraõ , e comeraõ o seu. E ás que naõ quizeraõ cazar por seus rogos , mandava chamar , e traziaõ arrastadas apõs si contra serviço de Deos , e da liberdade do Matrimonio. El Rey lhes respondeo , que fazer guerra , e paz , seria sempre com o parecer de seus povos. E que , quanto ao seu cazamento , que pois ( como elles diziaõ ) o matrimonio avia de ser livre , e os Reys antes delle no cazar foraõ exemptos ,



ptos , elle senão obrigava a prometer tal cousa ; mas que sua vontade era , quando cazasse , fazerlho saber : e que , a cazar , não forçaria algum vassallo seu ; e se alguma carta escrevesse , seria por importunação de quem lho pedisse ; mas que cada hum fizesse o que lhe bem estivesse , e lhe respondesse ouzadamente , e não curasse de taes cartas.

Satisfeitos todos , não se satisfazia el Rey nas mercês , que fazia a Lisboa. Polo que , sem lho a Cidade pedir , além de lhe confirmar todos os capitulos , que lhe pedio , e outras cousas mais , desejando de lhe acrescentar o termo , e a jurdição , lhe deu por huma carta a Villa de Cintra por seu termo , e a Aldea com todos seus termos , e aldeas : e lhe deu mais por termo as Villas de Torres Vedras , Alenquer com todas suas aldeas , Mafara , Collares , Eiriceira , Villa Verde , e todas as outras Villas , que estão de Alenquer até á Cidade ao longo do Téjo ; e como vão desdas Villas de Cintra , e Torres Vedras até á ribeira do mar , tirando a Arruda , e Villa Franca , que eraõ dos Mestrados , para que o termo da Cidade chegasse a oito legoas ; e os moradores das Villas , que lhe dava por termo , assi homens de armas , e de cavallo , como bêsteiros , e piaës , aviaõ de sahir cada hum com sua bandeira , quando fossem requeridos , para acompanhar a bandeira de Lisboa , quando sahisse fóra , por sua defensão , e guarda da ribeira , ou outro lugar por serviço del Rey , á custa dos mesmos Conselhos. A qual doação assi o mesmo Rey D. João , como os outros Reys foraõ revogando. E assi deu el Rey tambem á Cidade do Porto , por muitos serviços , que lhe fez , por termo os julgados de Bouças da Maya , e de Gaya , que estão junto com a Cidade , e Pena fiel de Soufa , e Villa Nova a par de Gaiaõ.



## CAPITULO XLIX.

*Assegura el Rey o castello de Coimbra: toma o Condestabel alguns castellos, e lugares, que estavam por Castella.*

**A** Cabados os negocios das Cortes, determinou el Rey com conselho do Condestabel ir ao Porto, com tenção de cobrar alguns lugares daquella Comarca, que estavam por Castella. E porque não tinha boas sospeitas de Gonçalo Mendez de Vasconcellos, por ser tio da Rainha, pareceo-lhe bem, antes que se partisse de Coimbra, tomar-lhe o castello, e dalo a outrem, para partir seguro. E disse a Vasco Martins de Mello que, como visse Gonçalo Mendez fóra do castello, entrasse dentro, e o tomasse. Vasco Martins o fez assi: e posto que se agravasse muito Gonçalo Mendez, el-Rey o contentou por outra via com outras mercês, que lhe fez; nem seus filhos Men Rodriguez, e Ruy Mendes, que andavaõ com el Rey avia muito tempo, e eraõ homens valerosos, se deraõ por achados do cazo, porque receavaõ que seu pai fizesse alguma cousa com aquelle castello, de que elles se pudessem afrontar. Entaõ deu aquella Alcaidaria mór de Coimbra a Lopo Vasques de Sequeira, Commendador mór que foi de Aviz, e o teve até á morte.

Estando el Rey com proposito de ir ao Porto, lhe chegou recado de Lisboa, como da armada del Rey de Castella estava já grande parte á vista da Cidade, e que muito sedo estaria toda. E consultado o Condestabel sobre este caso, disse a el Rey que, se elle lhe desse licença, e gente, que fosse esforcada, iria pelejar com a armada. E parecendo



do a el Rey bom conselho, lhe deu recado para a Cidade do Porto, onde fazendo o Condestabel chamar todos os melhores da Cidade, e mareantes, tratou com elles o que el Rey lhe mandára; e auido conselho, acharaõ que se não podia fazer cousa, que fosse com honra do Reyno, e serviço del Rey. Entaõ determinou o Condestabel ir a Sanctiago, assi por sua devaçã, como por pôr em cavalos os seus, dos quaes muitos hiaõ a pé, por não poderem achar cavalos; e por tomar de caminho alguns lugares, por onde avia de passar, e estavaõ por Castella. Partio o Condestabel do Porto sómente com cento e sincoenta homens de cavalo. E alli se ajuntaraõ todos os seus, que hiaõ a pé armados. Neste primeiro dia dormio o Condestabel em Lessa, e ao outro dia, indo pola Comarca, se lhe chegaraõ quarenta homens de armas dos lugares, que estavaõ por Castella, e muitos homens de pé, a que fez grandes gazalhados. E assi lhe vieraõ bestas, em que os seus cavalgaraõ. De maneira que quando chegou ás oitos legoas, já levava quatrocentas lanças, com bons cavalos. E indo seu caminho, chegou a Villa de Neiva, que tinha hum castello mui forte, e estava por Castella, e nelle por Alcaide hum genro de Lopo Gomez de Lyra. E mandando contra o castello rijamente, deu ao Alcaide hum virotaõ pela vizage da cellada, de que logo cahio morto, e o castello se deu a partido. A molher do Alcaide veio ao Condestabel pedir-lhe que sua honra fosse guardada, e não se lhe fizesse algum desacato. O Condestabel a mandou mui honradamente acompanhada com gente de pé, e de cavalo a Ponte de Lima, e que a entregassem a seu pai, que naquella parte estava por fronteiro del Rey de Castella; e assi foi o castello de Neiva tomado. Ao outro dia foi tomado por combate o castel.



castello de Vianna, que tinha Vasco Lourenço de Lyra, irmão de Lopo Gomez, no qual de huma parte, e da outra se pelejou bravamente, vindo ajudar ao Condestabel muitos homens da terra. E por o combate ser taõ porfiado, foi derrubado o Alferez do Condestabel, e morto, que era o maior homem de corpo, e forças, que avia em Espanha, (por alcunha o Friz) que fora criado del Rey D. Fernando, do que ao Condestabel pezou muito. Ao Alcaide deraõ com hum virotaõ pelo rosto, de que foi mal ferido. Polo que, vendo já arder as portas do castello, e naõ vendo remedio para se salvar, se deu a partido de fahir com o seu; e se foi ter com seu irmão.

Assentadas as cousas de Vianna, querendo o Condestabel proseguir o caminho para Sanctiago, os moradores de Villa Nova da Cerveira, que era dahi quatro legoas, e os de Caminha, sabendo o que passára no castello de Neiva, e de Vianna, tendo taõ fortes, temendose de outro tal, lhe mandaraõ pedir mandasse quem tomasse entrega daquelles lugares; do que o Condestabel ficou mui alegre, e mandou gente para os guardarem. E indo mais adiante, chegou ao rio do Minho, que por naõ poder passar, se apozentou em huma aldea perto delle, e ahi lhe chegou recado de Monçaõ, em que lhe pediaõ o mesmo, dizendo que eraõ verdadeiros Portuguezes, e naõ queriaõ outro Rey, senaõ o de Portugal.



## CAPITULO L.

*Como el Rey D. João ouve o castello de Guimaraes, e o de Braga, que estavaõ por Castella.*

**E**L Rey partio para o Porto, onde estavaõ aparelhadas muitas festas por mar, e por terra, com que aquella gente bem mostrava o grande amor, que sempre lhe tiveraõ. E fendo recebido com grande apparato, foi levado em procissão á Sé, e dahi a seus Paços, onde á tarde o veio ver a mulher do Condestabel, que acaso alli se achou, a qual el Rey recebeo com grande honra, e gazalhado. E a causa de sua vinda ao Porto foi, que estando ella com sua filha detida em Guimaraes, que estava por el Rey de Castella, hum fidalgo seu parente, por nome Gonçalo Pirez Coelho, que estava no castello da dita Villa, as trouxe furtadamente ao Porto.

Estando assi el Rey no Porto, estava por Alcaide mór, e fronteiro da Villa de Guimaraes Aires Gomez da Silva com oitocentos homens nobres. Aires Gomez era já mui velho, e mal disposto; mas mui fermoso, e de gentil pessoa, e era o mais honrado homem de sua linhagem, e que trazia grande casa, por el Rey D. Fernando, cujo Aio elle fora, lhe dar muitas terras; e sua mulher, segundo Fernão Lopes Cronista antigo do Reyno, que elcreveo a Cronica deste Rey D. João primeiro, por nome Dona Urraca Tenorio, era irmaã de D. Pedro Tenorio Arcebispo de Toledo, Portuguez de nação, natural de Tavira, que já fora Bispo de Coimbra; mas, segundo Fernão Perez de Gusmaõ, no tratado dos homens illustres de seu tempo, diz que a irmaã do Arcebispo D. Pedro Tenorio, se cha-



chamava Dona Maria Tenorio, e foi casada com Fernão Gomez da Silva filho do dito Ayres Gomez da Silva. E que delles naceo D. Affonso Tenorio Adiantado de Cazorla, do qual, e de Dona Izabel Telles de Menezes, filha de Sueyro Telles de Menezes, e de Dona Maria Coronel, nasceraõ Frey Pedro da Ordem de S. Domingos, que foi Bispo de Tuy, e de Badajoz; e D. João da Silva Alferez mór del Rey, que foi Embaixador no Concilio de Bacilca, e primeiro Conde de Cifuentes. Aconteceo pois que na Villa avia hum homem principal, que chamavaõ Affonso Lourenço Carvalho, que tinha hum tio, que vivia com el Rey, e outros seus parentes, que andavaõ com o Arcebispo de Braga D. Lourenço: e porque elle era o mais honrado da Villa, e trazia aquelles parentes, receava-se muito delle Ayres Gomez, e tinhao por sospeito: e hum dia lhe mandou dizer que, se não queria paixões com elle, lançasse de si todos os seus, e os mandasse para onde quizesse, e nenhum trouxesse consigo, ou estivesse encerrado em casa, e não sahisse com elles; senão que lhe faria toda a má obra, que pudesse. Affonso Lourenço era homem, que tinha escudeiros, e homens de pé, e que na Villa tinha muitos amigos, e apaniguados: e foilhe grave lançar de si os seus; mas obedeceo á necessidade. Avia tambem na Villa outro escudeiro, por nome Pedro Rodriguez, cunhado de Affonso Lourenço, e seu grande amigo, do qual se não receava Ayres Gomez, posto que tivesse escudeiros, e boa casa. E tratando el Rey hum dia com o Arcebispo, como se poderia aver Guimaraes de salto, e não por cerco, respondeo o Arcebispo, que aquillo tinha elle melhor parado, do que cuidava. Entaõ lhe contou a discordia, que avia entre Ayres Gomez da Silva, e Affonso Lourenço, dizen-  
dolhe



dolhe que escrevesse a Affonso Lourenço, e a seu cunhado; e que elles ordenariaõ como a Villa lhe viesse á mão. El Rey escreveo logo, e as cartas se deraõ em segredo; e na de Affonso Lourenço lhe rogava viesse secretamente falarlhe ao Porto, que saõ dahi oito legoas, em huma certa horta junto com a Cidade. Recebidas as cartas, Affonso Lourenço lhe mandou dizer, que lhe viria fallar a hum certo dia. Vindo o termo, el Rey fez que hia á caça; e apartandose dos seus só com Fernaõ Alvarez Dalmeida seu Veedor, de que elle muito se fiava, se veio áquella horta, onde já achou Affonso Lourenço, com quem comunicou: e despois que falaraõ, acordaraõ que se segurassem quacsquer moradores de Guimaraes, que viessem por mantimentos ao Porto. Affonso Lourenço se tornou, e falou com seu cunhado sobre o dar a Villa, e por que maneira seria entrada. E tornou el Rey á mesma horta hum certo dia, e na Villa naõ se achava menos; porque muitas vezes passavaõ os quatro, e sinco dias, que naõ sahia de casa; e quando sahia, andava só com hum cajado na mão.

Affinado o dia, em que havia de ser tomada, descobrio el Rey isto a alguns fidalgos, dizendo-lhes que levassem os cavalos menos rinchadores que tivessem; e levou consigo trezentos de cavalo, e mui poucos homens de pé. E ouvindo Missa, e jantando cedo, partiraõ sem azemalas, nem impedimento algum; e sendo já muito noite, chegaraõ á veiga de S. Redanhas, que he meia legoa pequena da Villa, onde já estava Affonso Lourenço aguardando. Elle os levou dallí ao redor até o valle da deveza, que chamaõ Sancta Maria, que he muito espessa de arvores, e dista da Villa tres tiros de bésta: alli fez cada hum que seu cavalo naõ rinchasse; e hum, que rinchou, mandou el Rey logo



matar. Naquelle dia , que el Rey partio , foi logo ordenado que tomassem todos , os que hiaõ pelos caminhos pera o Porto , e vinhaõ , para que naõ podessem dar novas : e quando Affonso Lourenço hia fóra da Villa , Payo Rodriguez concertava dentro o que cumpria ; e no dia , que Affonso Lourenço sahio fóra , falou com hum Joaõ Azedo , que tinha as chaves da porta , que chamavaõ do postigo , dizendo que lhe rogava , por quanto elle assi andava só , e queria trazer hum cuba em hum carro , lhe tivesse a porta aberta bem cedo , por ninguem o ver naquelle vil ministerio. O porteiro , que disto naõ sabia parte , disse que lhe prazia : e Payo Rodriguez teve cuidado de o requerer , para ver se vinha já seu cunhado. E elle , que o tinha prometido , abriu a porta mui cedo ; e como foi aberta , Payo Rodriguez com os seus prendeo o porteiro , e esteve quedo ; e pôs homens , que guardassem a porta , e outros no muro , por impedir se alguns viessem acudir. Nisto chegou logo Affonso Lourenço , e tomou hum grande pedra , e encostoua ao longo da porta , para que senaõ podesse cerrar , começando já de esclarecer ; e fez logo final á atalaya , e a atalaya a el Rey , que logo á pressa começou a correr. Neste tempo acertou que hum escudeiro de Ayres Gomez , que se levantara cedo para ouvir Missa , vio no muro homens desacostumados , e por outra parte sintio o tom dos cavallo , que corriaõ ; e torvando-se todo , começou a bradar *Castella , Castella*. Affonso Lourenço , que andava guardando a el Rey , respondeo , e disse *Portugal , Portugal*. Entaõ se começaram a ferir com as espadas muito riço ; e chegando os de cavalo já perto , voltou o escudeiro o rosto , por ver quem eraõ ; e Affonso Lourenço lhe deu tal golpe , que logo cahio morto ; e tambem foi morto o porteiro

Joaõ



Joaõ Azedo. El Rey hia nos dianteiros; e quando chegou á porta da Villa, o primeiro, que por ella entrou, foi Joaõ Rodriguez de Sá, o qual foi ferido no rosto de alguns, que já acodiaõ ao arroio. Mas os da Villa não tomaraõ armas, e folgaraõ de assi acontecer. Affonso Lourenço hia diante bradando *Portugal, Portugal*. Os Castelhanos, e os de Ayres Gomez da Silva não trataraõ mais que de se porem em salvo. Joaõ Rodriguez de Sá, que bem sabia as ruas da Villa, e como tinha outra cerca, encaminhou logo com sua lança nas mãos chamando *Portugal, e S. Jorge*; e isto por tomar a porta da segunda cerca, para que se não acolhessem a ella os de Ayres Gomez, que pouzavaõ pola Villa. E antes que lá chegasse, achou ante si Alvaro de Tor de Fumos, hum afamado homem de armas com vinte escudeiros entre homens de armas, e de pé, os quaes elle acaudellava, e recolhia. Joaõ Rodriguez de Sá, vendo que lhe não cumpria meterse só a cavallo entre elles, decese logo a pé, e com a lança de armas nas mãos, os levava todos ante si, em maneira que se não ouzavaõ com elle; e por se acolherem á Villa, hiaõse retraindo, e nenhum Portuguez acompanhava a Joaõ Rodriguez, mas andavaõ pola Villa roubando as cousas dos Castelhanos, que achavaõ em casa dos hospedes. E como Joaõ Rodriguez de Sá vio que todos se acolhiaõ pola porta, e não lhe podia empécer, lançou a lança das mãos, e arrebatou hum Castelhanao pelas pernas; e assi arrastandoo, o trouxe prezõ perante el Rey.

Nisto começou a gente de se alvoroçar para combater a Villa, e el Rey os fez socegar. E apouzentouse junto com a Igreja de Sancta Maria nas casas do Prior; e mandou que aos moradores da Villa senão tomasse nada, tirando aos de Ayres



Gomez da Silva ; dos quaes , porque eraõ horas in-  
da de jazer quando el Rey entrou , muitos foraõ  
prezos , e roubados , e outros fogiraõ para o cas-  
telo. Mas os da Villa vieraõ beijar a maõ a el  
Rey por Senhor. El Rey mandou requerer a Ayres  
Gomez lhe desse o castello , dizendo muitas razõs ,  
porque o devia vir servir ; a que elle naõ quiz  
obedecer.

Em fim o castello se combateo por muitas  
vezes , com muitos engenhos , e artificios , em cu-  
jos combates se fizeraõ feitos muito para se nota-  
rem , de huma parte , e outra. Até que Ayres Go-  
mez veio a se render , com a condiçaõ se el Rey de  
Castella o naõ focorresse dentro de trinta dias ; e  
que , passando aquelle tempo , entregaria o castello ,  
faindose elle a salvo , e sua molher , e os seus com  
tudo o que tivessem. Ayres Gomez mandou Gonça-  
lo Marinho a el Rey de Castella ; o qual sabendo  
quanto fizera por defender a Villa , lho mandou  
agradecer , e desculparse de o naõ focorrer , por  
o prazo ser estreito : posto que já tinha feito mui-  
tas gentes para entrar em Portugal , e que naõ le-  
vasse mais trabalho , nem se arriscasse , mas que  
entregasse o castello. Ayres Gomez se sahio delle  
em colos de homens , e a poucos dias morreo ,  
mas ainda em Portugal. Os seus bens , e de sua  
molher deu el Rey a Mem Rodriguez de Vascon-  
cellos , e a Lopo Dias de Azevedo , e a Joaõ Go-  
mez da Silva ; e a Villa de Guimaraes deu ao Con-  
destabel. A molher de Ayres Gomez da Silva se  
foi a Castella , onde o Arcebispo de Toledo naõ  
consentio nos desposorios de sua sobrinha com Gon-  
çalo Marinho , dizendo que era de menor idade ,  
quando com elle se desposou. E este he o que se  
fez Frade da Ordem de S. Francisco , em que aca-  
bou sua vida , de que na Cronica do meismo Sancto  
se faz mençaõ.



No dia, que Guimaraes se tomou, tiveraõ os da Cidade de Braga razoẽs com os do castello, que andavaõ polas ruas sobre estas cousas, que el Rey executava, porque se fez huma grande volta, e arroido, em que ouve muitas cutiladas, e lançadas. Os de fora bradavaõ *Portugal por el Rey D. Joaõ*: até que encerraraõ os do castello dentro delle, e lhes começaraõ a atirar com quatro engenhos, que ahi tinhaõ. E no mesmo dia mandaraõ a Guimaraes, que dista dahi tres legoas, dizer a el Rey que mandasse tomar o castello, antes que lhe viesse algum socorro. Nesse dia por noite mandou el Rey lá Mem Rodriguez de Vasconcellos, e Martin Paulo Cavaleiro Galcaõ com a gente, que cumpria. E escreveo ao Condestabel, que estava ainda na aldeia, que dissemos, junto com o Minho, por o naõ poder passar, que fosse tomar o castello; que já a Cidade estava por elle. O Condestabel veio, e o combateo; e havendo muitos feridos, e alguns mortos, Vasco Lourenço, que nelle estava por seu irmaõ Lopo Gomez de Lyra, o veio dar a partido; e o Condestabel ficou nelle.

C A P I T U L O L I.

*Toma el Rey por armas a Villa de Ponte de Lima, e suas torres.*

**E** Stando el Rey ainda no Porto, antes que viesse a Guimaraes, estava em Ponte de Lima por fronteiro, e Meirinho mór daquella Comarca Lopo Gomez de Lima, que fora criado del Rey D. Fernando, com sua molher, e filhos: e tinha a Villa por el Rey de Castella, e consigo tinha muita, e boa gente, de escudeiros, e homens de pé, e 80. bésteiros, a fora muita gente,



te, que era do lugar, e de seus termos. Na Villa morava hum escudeiro honrado, por nome Esteuaõ Rodriguez. E aconteceu que hum dia, estando elle na praça, quando o Mestre foi levantado por Rey em Coimbra, Gonçalo Lopes de Goiaës, Pero Vellozo, e outros escudeiros de Lopo Gomez começaram a falar com Esteuaõ Rodriguez no alevantamento del Rey, e nas festas, que lhe tinhaõ feitas: das quaes zombando elles, soltaraõ muitas palavras contra el Rey. Esteuaõ Rodriguez, que na vontade, e animo era Portuguez, pezandolhe muito do que ouvia, naõ ouzava falar; mas perseverando elles, disse: Ainda esse, de que vós escarneceis, vos ha de lançar o agraco no olho. E com estas razões, e outras se despediraõ d'elle mal contentes. Lopo Gomez soube do que Esteuaõ Rodriguez dissera, e mandou meter na cadeia. E por seus parentes, e amigos falarem por elle, foi solto. Esteuaõ Rodriguez sentido da afronta, e prizaõ, falou com seu irmaõ Lourenço Rodriguez, e com Garcia Lopes seu parente, que vivia com Lopo Gomez, e com outros sete, ou oito seus amigos, que, pois eraõ Portuguezes, e tinhaõ Rey Portuguez, lhe dessem aquella Villa: e vindo todos neste accordo, pera segurança de seu segredo, foraõ fazer juramento a huma Ermida fóra do lugar. Isto feito, mandaraõ chamar a Guimaraës, que está dahi oito legoas, hum Frade de S. Francisco, natural do mesmo lugar de Ponte de Lima, e por elle mandaraõ dizer a el Rey ao Porto, aonde ainda estava, que elles tinhaõ ordenado darlhe aquella Villa. E que, como vissem tempo opportuno para se effectuar, o fariaõ certo disso. El Rey mui contente com aquelle recado, lho mandou agradecer, e rogar acabassem cousa taõ bem concertada, e o mais seguramente que podessem. O Frade veio, e foi tantas vezes



vezes sobre a maneira , com que isto se podia fazer , que ouve tempo para el Rey ir a Guimaraes , e tornar ao Porto. Esteuaõ Rodriguez falando com aquelles amigos da conjuraçaõ sobre a maneira , com que a Villa se avia de dar , os achou arrependidos , dizendo que a cousa era ardua , e cheia de perigo , por o lugar ser forte , e estar nelle muita gente. E que , a naõ succeder o seu desenho , ficariaõ perdidos elles , e suas molheres , e seus filhos , e obrigados á morte ; mas que teriaõ segredo no que com elles communicara.

Vendo Esteuaõ Rodriguez que seus pensamentos ficavaõ frustrados do successo que esperava , com o grande desejo que tinha de naõ faltar no que tinha prometido a el Rey , communicou o caso com Lourenço Rodriguez seu irmaõ , e lhe rogou que o ajudasse : e concordes naquella empreza , passaraõ alguns dias , até que el Rey tomou Guimaraes. E loando estas novas pola terra , mandou Esteuaõ Rodriguez polo Frade dizer a el Rey que hum certo dia , que lhe assignou , partisse para lá , e cobraria o lugar. El Rey mui alegre de taes novas , mandou recado ao Condestabel a Braga , dandolhe conta do que passava : e que fizesse prestes para ir com elle , assignandolhe lugar certo , onde o devia esperar. O Condestabel naõ faltou , acodindo a tempo áquelle lugar. El Rei deípois que comeo , partio com a gente que bastava , fingindo que hia ao Mosteiro da Costa. E indo por aquelle caminho , deu volta para Ponte de Lima , e chegou bem noite áquem da Villa huma legoa , onde Esteuaõ Rodriguez o estava esperando ; e foile com elle. E áquem da Villa mea legoa ficou huma cillada com o melhor da gente , e o Marichal Alvaro Pereira com ella. El Rey se veio a huma deveza escura , e cuberta de arvoredos , que seria dous tiros



ros de bésta do lugar com cem de cavalo dos bons, que em sua companhia andavaõ. E alli se apeou el Rey com todos os mais, e ataraõ as lingoas dos cavalos com as sedas dos cabos, por não rincharem, e poderem ser descubertos.

A guarda, que na Villa avia, era desta maneira: A gente do lugar, e outra, que vinha do termo, velavaõ juntamente: e todos os dias pela manhã cedo hiaõ sinco, ou seis homens de pé buscar as devezas vizinhas á Villa, para verem se avia alguma gente, ou cillada, que lhe podesse fazer dano. Despois que descubriaõ terra, e tornavaõ para a Villa, entaõ abriaõ as portas; e os que velavaõ se hiaõ para suas casas. Os que velavaõ, e roldavaõ de noite, dormiaõ pela manhã até alto dia. E quando Estevaõ Rodriguez sahio á tarde, por ir aguardar el Rey, onde estava concertado, disse ao que gardava a porta, que hia buscar humas suas azemelas, que não podia achar, e cuidava que lhas furtaraõ. E despois que trouxe el Rey áquelle lugar, em que se apeou pela manhã bem cedo, tornou á Villa, e achou as portas fechadas; e não tardou que não fossem abertas para irem buscar as devezas, como era costume. E quando aquelles homens, que hiaõ espiar, perguntaõ a Estevaõ Rodriguez donde vinhaõ, entaõ lhes disse como o dia de antes á tarde andara toda essa terra de cá peralá buscando as suas bestas, que achava menos, e lhe não ficara deveza, nem valle ao redor da Villa, que não tivesse corrido, e que nunca dellas achara rasto: polo que cria que lhe eraõ furtadas, e que por tanto não tinhaõ elles que ir lá fazer, que tudo estava seguro, e não tinhaõ que buscar: mas que, se todavia quizessem ir lá, fossem primeiro com elle beber hum par de vezes de bom vinho, e elle os acompanharia. E porque  
aquella



aquella manhã fazia nevoeiro, e elle vinha molhado do orvalho, disserão dous dos que aviaõ de ir fóra, que bem dizia Estevaõ Rodriguez, que fossem beber com elle. Todos foraõ entaõ com elle para sua casa, e o porteiro fechou a porta. Estevaõ Rodriguez como os teve em sua casa, falou com sua molher, que sabia do caso; e disse contra os outros: Se nós hemos de beber, façãnos bem de almoçar. E todos disserão que era mui bem; e a molher o começou a fazer, e não com muita pressa. Estevaõ Rodriguez lhes disse entaõ: Quereis hum bom conselho? por vossa vida que joguemos os dados. E outros disserão que lhes prazia: e começaram a jogar. Estando jogando, chamou a molher por Estevaõ Rodriguez, que acudisse ver hum cuba, que lhe parecia que se hia. Estevaõ Rodriguez disse aos outros, que jugassem em quanto elle hia ver o que aquillo era, e tirar que bebessem. E por humia sua criada mandou o vinho, e lhe mandou que, se perguntassem por elle, dissesse que esperassem hum pouco, que logo tornava: e foise com hum seu irmão, e com hum homem de pé á porta da Villa, e disse ao porteiro: Porque não abris a porta a estes velladores, que he já tarde? O porteiro lhe disse, que aguardava os que aviaõ de ir buscar as devezas. Estevaõ Rodriguez disse que, se elle os avia de aguardar, que a boas horas iriaõ elles dalli. E não sabeis vós (disse elle) que tal eu hoje vim de buscar as devezas, que toda a noite andei buscando as azemallas, que me furtaraõ; e como vi que toda a terra está segura, elles se foraõ comigo, e estaõ em minha casa jogando, e já não são horas de ir. Entaõ abriu a porta aos velladores, e Estevaõ Rodriguez sahio com elles, e hiaõ falando no que lhes vinha á vontade; e aquelles, que acertaraõ ir por



aquelle caminho, onde el Rei estava, foraõ reteu-  
dos. Lourenço Rodriguez, quando aquelles homens  
sahiraõ pela porta da Cidade, deitou escondida-  
mente algumas moedas miudas entre as portas, se-  
gundo tinha tratado com seu irmaõ, e começou de  
as buscar, fazendo que as perdera de noite. E  
em achando humas, deixava cahir outras, por di-  
latar a abertura das portas. Nisto os que vinhaõ pe-  
ra sahir pola porta, ajudavaõlhe a buscar o dinhei-  
ro; e o mesmo fazia o porteiro, e os que alli es-  
tavaõ por guardas. Lourenço Rodriguez volveo  
humas pedras entre as portas das que avia, em que  
se os guardas assentavaõ, mostrando que achava al-  
gum dinheiro debaixo della. O homem de pé, que  
estava na ponte, fez sinal com a capa a Estevaõ  
Rodriguez, e elle aos del Rey, que acodio á pres-  
sa a pé, e logo vinte de cavalo frecheiros Ingre-  
zes; e diante del Rey vinhaõ o Condestabel, Ruy  
Mendez de Vasconcellos, Gonçalo Vasquez de Mel-  
lo o velho, Martim Affonso de Mello o moço, e  
o Doctor Martim Affonso, e outros; e assi entra-  
raõ por debaixo da ponte, e dahi por antre o mu-  
ro, e a barbacãa, por hum portal devaõ, que ti-  
nha. Os que estavaõ de cima do muro, quando os  
assi viraõ vir, começaram a bradar á pressa aos ou-  
tros, que cerrassem as portas. Lourenço Rodriguez,  
a quem em se fecharem hia a vida, defendia que  
senaõ cerrassem, e de tal maneira o fez com sua  
espada, que senaõ pode cerrar depressa, nem tirar  
a pedra, e elles, que já tiravaõ a pedra, e puxa-  
vaõ por a porta, ficando Lourenço Rodriguez den-  
tro pelejando, Estevaõ Rodriguez chegava mui á  
pressa, e meteo a espada por entre as portas, e  
deu na testa áquelle, que a cerrava, e a deixou en-  
taõ das mãos. E Lourenço Rodriguez tirou por  
humas dellas, e a abrio de todo, e a tiveraõ elle,  
e seu



e seu irmão Estevão Rodriguez com a força de suas espadas, chamando altas vozes *Portugal, Portugal*: nisto chegou el Rey á pressa com os seus, e entraraõ a Villa. Ao tempo que el Rey entrou, deitaraõ da torre, que està sobre a porta, huma grande pedra, que cahio junto a elle. Os de Lopo Gomez, que pouzavaõ pela Villa, e jaziaõ ainda nas camas, quando ouviraõ aquelle arroido, e viraõ consigo entrar tanta gente a som de trombetas, começaraõ de se pôr em armas, trabalhando de os receber de má maneira, defendendo as ruas mui rijamente, escudados, e armados, bradando todos *Castella, Castella*: mas os frecheiros os fizeraõ logo retirar, matando huns, e prendendo outros; e os fizerão meter nas torres, donde se defendião o melhor, que podiaõ. Nisto chegou o Marichal com a gente da cillada, onde ficára; e como a Villa foi despejada dos inimigos, todos trabalhavaõ de se ajudar do que nella achavaõ, que não fosse dos moradores; e assi tambem apozentarse o melhor, que puderaõ.

Tanto que el Rey tomou posse da Villa, determinou de combater as torres, que eraõ mui fortes, e bastecidas de armas, e de gente. Mas antes que combatesse, mandou dizer a Lopo Gomez que se rendesse, e não quizesse perderse a si, e aos seus: e que lhe lembrasse a honra, e mercê, que recebera neste Reyno: e quizesse antes receber delle favor, e mercê, que lhe faria, que perseverar em sua rebeldia; e mais não tendo castello, em que se podesse defender: e que se esperava socorro del Rey de Castella, lho mandaria como mandou a Ayres Gomez da Silva a Guimaraës. Lopo Gomez perseverando em seu proposito, não se quiz render. Mandou entaõ el Rey combater todas as torres, salvo a de Lopo Gomez: e por for-



ça de armas, e de fogo se deraõ todos. A torre de Lopo Gomez, que era mais forte, e estava nella muita gente, se defendeo bem quando a ella vieraõ; mas como Lopo Gomez vio que punhaõ fogo ás portas, mandou cometer a el Rey que lhe desse espaço pera o fazer saber a el Rey de Castella, para que o socorresse; e, naõ vindo, que os deixasse ir em salvo com o seu. El Rey naõ lhe quiz aceitar o partido, nem fazerlhe outro, senaõ que lhe desse a torre logo, e se fosse. E mandoua combater; e sobiraõ pola escada do muro, que hia direito á porta da torre, Joaõ Rodriguez, homem para muito, e Antaõ Vasquez, e Martim Affonso de Mello diante; o qual em se metendo sob o arco do portal da torre, lançaõ de cima humapedra, que logo matou a Joaõ Rodriguez; e com outra feriraõ a Antaõ Vasquez, e o derribaraõ, e esteve á morte. Os que estavaõ pelo muro, lançavaõ a Martim Affonso alli onde estava fogo, e linho, e lenha para pôr fogo ás portas: e polas muitas pedras, que deitavaõ de cima, naõ ouzava de sahir de sob o arco; mas com a espada colhia o que lhe deitavaõ, de maneira que pôs o fogo ás portas. E como começaraõ de arder, Martim Affonso se sahio rijo, e foise pelo lanço do muro, onde outros combatiaõ. Como as portas arderaõ, ateouse o fogo no primeiro sobrado da torre, que estava cheo de lenha, e de toucinhos; e acendendo-se com grande furor, pola boa materia que achou, ardeo o primeiro sobrado. E com o grande fumo, e labareda que hia ao outro sobrado, naõ o podendo sofrer os que nelle estavaõ, se punhaõ com os rostos fóra das ameas esperando a morte. E dalli começaraõ a bradar, e a capear Lopo Gomez, e os seus, pedindo a el Rey por mercê lhes perdoasse; que se queraõ dar. El Rey estava em  
lugar



lugar donde via tudo, e folgava de ver naquelle estado homens, a que offerecera mercês, e favores, que lhe não quizerão aceitar; e polo dano, que recebeo na morte de Joaõ Rodriguez. Alguns diziaõ que os deixasse afogar a todos, por se atreverem tanto a el Rey. Vasco Martinz de Mello pedio a el Rey ouvesse dó de Tareja Gomez, molher de Lopo Gomez, que andava prenhe, e de seus filhos, que os não deixasse morrer de taõ cruel morte. El Rey movido de piedade, mandou que cessasse o combate, e os decessem por cordas em hum cesto. Os quaes vinhaõ já começados a chamuscar; e a Lopo Gomez, e a sua molher mandou levar presos ao Porto, e aos mais, onde foraõ recebidos com muitas injurias, e afrontas; e dahi foraõ a Coimbra. Na Villa deixau el Rey por guardas a Estevaõ Rodriguez, e a seu irmão; e a Ruy Mendes de Vasconcellos deu a terra de Frojaõ, e de Jaraz, e os mais lugares, que foraõ de Lopo Gomez: e dahi se passou el Rey a Braga, onde pouzou com o Condestabel, e dahi a Guimaraes.

## CAPITULO LII.

*Entraõ por Portugal alguns Capitaes Castelhanos, roubando, e destruindo muitos lugares: sabem-lhe os Portuguezes, e ficaõ com a victoria, e despojo.*

**N** Este tempo el Rei de Castella, que estava em Cordova, e tinha mandada sua armada a Lisboa para lhe pôr cerco, mandou chamar todos os Senhores, e fidalgos, e homens de armas, que se viessem para elle, para entrar em Portugal: e escreveo a D. Affonso Tenorio Arcebispo de Toledo, e alguns seus vassallos, que se ajun-



ajuntassem em Cidade Rodrigo ; e que dali entrassem no Reyno de Portugal , a talhar as vinhas , e paês , e fazer todo o mal , e dano , que podessem. O Arcebispo partio logo para Salamanca a esperar ahi aquellas gentes del Rey , com que avia de fazer sua entrada ; dos quaes vinhaõ por Capitaes Joaõ Rodriguez de Castanheda , Pedro Soarez de Toledo Alcaide mór da mesma Cidade , Alvaro Garcia de Albornos Copeiro mór del Rey , Joaõ Rodriguez Mardome , Pedro Soarez de Quiñhones , Joaõ Affonso de Truguilho , e outros fidalgos de grande estado com elles , que faziaõ quatrocentas lanças , tudo gente escolhida , a fóra os ginetes , e bésteiros , e homens de pé : e sendo juntos em Cidade Rodrigo sem Capitania alguma sobre elles , disseraõ alguns a Joaõ Rodriguez de Castanheda , que era o principal dos Capitaes , que a elles lhes parecia que sua entrada em Portugal naõ era taõ segura , como cuidavaõ , porque aviaõ de achar muita resistencia : porque pola parte , por onde queriaõ entrar , avia taes fidalgos ( nomeandoos por seus nomes ) que se saberiaõ defender bem : polo que o bom conselho seria ou ajuntaremse mais gentes , ou entrarem por outra parte , com menos arroido. Joaõ Rodriguez de Castanheda , como homem mais animoso , e esforçado cavalleiro que era , respondeo , que por essa razãõ aquelle era o lugar , por onde mais honradamente deviaõ entrar , onde o averiaõ fidalgos com fidalgos , e se veria a differença , que havia de huns a outros. E que certa estava a victoria contra Portuguezes , que sustentavaõ causa injusta , naõ reconhecendo por Senhora a Rainha Dona Briatís , que juraraõ. Os outros Capitaes consentiraõ nisso , dizendo que naõ aviaõ elles de ficar atrás. A esta confiança , que os Capitaes Castelhanos tinhaõ , se ajuntava a discordia , que avia entre os fidalgos Por-



Portuguezes daquella comarca , pela qual lhes parecia facil coula desbaratalos. Entaõ se fizeraõ pres-tes aquellas quatrocentas lanças com mais duzentos ginetes , de que hia por Capitaõ Pedro Soarez de Quinhones , e gente de pé , que entraraõ em Portugal , e vieraõ por Almeida , que estava por Castella , e dahi a Pinhel , que estava por Portugal , e pela Veiga de Trancofo ; e roubando os lugares , e aldeas , por onde passavaõ , vieraõ a Viseu. Os da Cidade , por naõ terem outra cerca , nem fortaleza , sennaõ a Sé , acolheraõse a ella , e muitos ás outras Igrejas com o que podiaõ levar , outros se foraõ pelos montes , pondo-se em salvo. Os Capitaes Castelhanos á vista dos Portuguezes roubavaõ , e cativavaõ , e faziaõ todo o dano , que podiaõ , como homens que naõ tinhaõ medo delles , e entravaõ nas Igrejas roubando prata , e thesouros del-las.

Neste tempo , e nesta occupação dos Castelhanos , estavaõ na Comarca da Beira Gonçalo Vasquez Coutinho ; em Trancofo , de que era Alcaide mór , com muitos escudeiros , que consigo tinha , Martim Vasques da Cunha ; e Gil Vasques da Cunha no castello de Linhares ; Joaõ Fernandez Pacheco em Ferreira de Avez. Entre Gonçalo Vasquez Coutinho , e Martim Vasques da Cunha , e seus irmaõs avia grande discordia , por tomadias , que cada hum dizia que o outro lhe fizera em suas terras. E como o Reyno diviso facilmente he destruido , esta discordia fazia os inimigos acometerem a fahirem com o que queriaõ ; porque cada hum por si naõ era poderoso para acometer os Castelhanos , e juntos naõ podiaõ ir , porque naõ se falavaõ , nem se queriaõ ver. Joaõ Fernandez Pacheco considerando a discordia daquelles fidalgos quanto dano causava ao bem publico , e quanta vergonha era



affi a elle, como aos outros, sendo taõ visinhos, soffrerem tantos insultos dos Castelhanos, que andavaõ perante elles estragando a terra, em que se criaraõ, e de que sustentavaõ suas honras, e estados, foi ter com Martim Vasques da Cunha, e lhe propôs tantas cousas, porque era afronta sua consentir aquelle estrago, que os Castelhanos faziaõ, acabou com elle que viesse á concordia com Gonçalo Vasques Coutinho; e com Gonçalo Vasques tratou o mesmo, mas não o pode persuadir; e a razão, segundo entendeo de algumas suas palavras, era que o não deixava de fazer, senaõ por não ir debaixo da bandeira de Martim Vasques da Cunha, de que elle não era inferior em nobreza de sangue. João Fernandez se tornou a Martim Vasques, e lhe contou o que com Gonçalo Vasques passara, e o que d'elle entendera. Martim Vasques da Cunha, que era homem de altos espiritos, e confiado de si, respondeo que por estado, irmaõs, e criados manifesta era a ventagem, que elle tinha a Gonçalo Vasques, ainda que em sangue, e outras calidades fosse seu igual; mas que por honra do Reyno, e serviço del Rey era contente de ir debaixo de sua Capitania; e que fosse Gonçalo Vasques o Capitão daquella empreza, e sua fosse a honra de qualquer bom successo, que Deos lhe desse. E que, para saber que o fazia de boa vontade, e perder d'elle toda a má sospeita, queria ir ser seu convidado, e comer com elle; e para que de sua casa o fossem todos acompanhando. Gonçalo Vasques foi mui contente com esta resposta; e Martim Vasques foi comer com elle, levando consigo seu irmaõ Gil Vasques, João Fernandez Pacheco, e Egas Coelho, por tambem ficarem amigos.

Sendo estes dous fidalgos concordes, determina-



minaraõ de dar batalha aos Castelhanos, aos quaes mandaraõ dizer que, pois se atreviaõ fazer tal entrada, e estragar a terra del Rey seu Senhor, quizessem vir aonde elles estavaõ, e que lhes teriaõ prestes de jantar. João Rodriguez de Castanheda respondeo ao escudeiro, que trouxe o recado, que lhe prazia muito; e que, se assi fosse, lhe daria de alviçaras hum bom cavalo. Os Portuguezes ficaraõ mui contentes. E sabendo que os Castelhanos aviaõ de vir por junto da Villa de Trancofo com todo o roubo, puzeraõ sua batalha em huma veiga, que está meia legoa pequena do lugar, por onde necessariamente aviaõ de passar. Os Portuguezes eraõ trezentas lanças, que ajuntaraõ, todos á pressa, por esta amizade se fazer subitamente, e elles estarem descuidados do que entaõ lhes aconteceo. A gente de pé, que tinhaõ exercitada, era pouca, mas tinhaõ muita dos lavradores da Comarca; porém taes, que pera pelejar não tinhaõ arte, e que mais lhe eraõ impedimento, que socorro.

Tendo os Portuguezes ordenada sua batalha a pé naquelle lugar, começaraõ a apparecer os Castelhanos, que, por aver muitos dias que andavaõ pola terra, sem resistencia, nem estrovo, traziaõ mui grande roubo de homens, molheres, e gados, bestas, e muitas cousas, de que levavaõ mais de setecentas azemelas carregadas. E quando viraõ os Portuguezes postos daquella maneira, pezoulhes muito, e bem quizeraõ, se puderaõ, irse com seu roubo, posto que fosse afronta para seiscentos homens de cavalo, escolhidos como alli vinhaõ, e muitos bésteiros, e outra muita gente de pé. E assi como vinhaõ taõ bem concertados, e a ponto de guerra, com suas bandeiras estendidas afastavaõle da veiga para a maõ direita, contra a ribeira de Frechas, por se irem pola ribeira do valle



por antre o arraial dos Portuguezes, e a fraga do monte. Os Portuguezes quando viraõ isto, passaraõ logo adiante, chegandole mais a elles de rosto, onde está huma Ermida de S. Marcos. Os Castelhanos, vendo que lhes era necessario pelejar, ou deixar a preza, e fugir por estes montes, o que lhes seria muito vergonhozo, determinaraõse de pelejar. Entaõ se deceraõ a pé os homens de armas, e ficaraõ só os duzentos dos ginetes a cavallo, e ordenaraõ de vagar sua batalha. Os lavradores, que os Portuguezes traziaõ por fazer vulto de gente, quando viraõ os campos postos daquella maneira para pelejar, como homens que só sabiaõ do arado, começaraõ a fugir para onde melhor podiaõ, sem os homens de armas Portuguezes disso saberem. Os Castelhanos vendoos delamparar o campo, não sabendo a calidade delles, tomaraõ mais animo do que tinhaõ, e ouveraõ por final de victoria: e como elles eraõ bons cavaleiros, com muito orgulho mandaraõ fazer final ás trombetas, e arremeteraõ aos Portuguezes com tanto impeto, que cada hum parecia querer ser o primeiro que ferisse, chamando *Castilha*, e *Sanctiago* com grandes gritas; appellidando huns *Castanheda*, e outros appellidos de suas linhagens. Os Portuguezes *Portugal*, *S. Jorge*, *Martim Vazques*, *Cunha*, *Cunha*: *João Fernandez*, *Ferreira*, *Ferreira*, e assi os mais. Ao ajuntar das alas ouve huma crua, e travada batalha, trabalhando cada hum por levar o melhor de seu contrario. Os ginetes Castelhanos, vendo fugir os piaës Portuguezes, matavaõ nelles quantos queriaõ: polo que quando elles isto viraõ, se tornavaõ com medo á batalha, da qual com medo fugiaõ. A batalha começou pola manhã, e durou grande parte do dia, esforçandose ambas as partes a continuar sua peleja,



leja, até morrer, ou vencer; e escreve-se que foram os golpes tão grandes, que os ouviaõ em Trancofo, que dissemos estar dahi meia legoa. Em fim porfiando os Portuguezes pola honra de seu Rey, e de suas pessoas, foram os Castelhanos vencidos, e mortos todos, de maneira que de quatrocentos homens de armas escolhidos não escapou algum; só ficaraõ os ginetes, e pagens, que tinhaõ os cavalos, e alguns homens de pé, que fugiaõ pelos montes. E assi morrerãõ os Capitaes todos atraz nomeados, como homens esforçados, de que escapou só Pedro Soares de Quinhones, que era Capitaõ dos ginetes. E a fóra aquelles Capitaes morrerãõ o Commendador das Huelgas Lopo Gonçalvez Pé de ferro, Pedro Merchant da Cidade, Ruy Garcia Solares, Adiantado Caçorla, Alvaro Canlão, Goterre Ferreira, e outros muitos fidalgos honrados, e bons escudeiros, que todos ficaraõ mortos nos lugares, onde foram postos, cada hum junto a seu senhor; e o que parece cousa milagroia, e para se arreçar de dizer, dos Portuguezes não morreo algum, sendo os Castelhanos tantos, e tão valentes, e esforçados, e que por taes eraõ de todos conhecidos, e que tão valerosamente morrerãõ pelejando. Só daquelles rústicos soldados, que á mingua de outros se buscaõ, morrerãõ alguns fugindo da batalha. Pelo que aquella foi huma batalha memoravel, posto que de pouca gente; e a melhor batalha, que nunca ouve entre Castelhanos, e Portuguezes; porque sómente ficou vivo hum fidalgo, por nome Garcia Guterres, que Gil Vasques não quiz matar, e o prendeo para se saber quaes, e quantos foram os que morrerãõ na peleja, e como passou na verdade; porque não ouve outra testemunha. Vencida a batalha, ficou alli toda a carruagem com a grande preza, que levavaõ, e os presos foram soltos, e alguns



prenderaõ os que os levavaõ , e lhes foi tomado o seu ; e com grande contentamento se tornáraõ os Capitaes a suas casas. Do que se póde colligir quantos proveitos traz a concordia dos Cidadãos em humma republica , e em humma familia , e hum Reyno ; e quantos males a discordia. A honra daquella victoria se attribuiu por todos a Martim Valques da Cunha , mais por vencer a si mesmo , que aos inimigos , sometendose a quem ( segundo elle dizia ) lhe era em algumas cousas inferior , posto que igual no sangue : e naõ menos se estimou a bondade de Joaõ Fernandez Pacheco , por quem disse el Rey em publico quando soube o que passara , que bem sabia elle que taõ boa obra a naõ faria senaõ o bom de Joaõ Fernandez , por ser elle o medianeiro da concordia.

## CAPITULO LIII.

*He Lisboa cercada da armada de Castella : vem el Rey com o Condestabel ajuntando gente pelo Reyno até Alenquer.*

**J**A' neste tempo se apressava el Rey de Castella para entrar em Portugal pela parte de Badajós ; e em Lisboa estava já a sua armada de quarenta naus , dez galés , e doze barcas grandes , e certos lenhatos , e barchotes carregados de mantimentos , com que lhe puzeraõ cerco. Sendo isto dito a el Rey em Guimaraes , onde estava , communicou com o Condestabel sobre o que se devia fazer. E como elle sempre desejava muito ver-se com el Rey de Castella em batalha , vendo boa occasiaõ , assentou com el Rey , que a melhor via para juntamente pôr fim a tantos trabalhos seus , e do Reyno todo , era vir á batatha com el Rey de Castel-



Castella, ainda que elle trouxesse tanto poder.

Sem interpor mais demora alguma, el Rey se partio para o Porto, com tenção de ajuntar gente, e esperar el Rey de Castella, e darlhe batalha campal. Do Porto se foi a Coimbra, e dahi a Penella, que já estava por elle: porque quando el Rey D. Fernando faleceo, o Conde de Vianna se lançou da parte del Rey de Castella; e tendo a Villa por elle no tempo do cerco de Lisboa, sahio fora para tomar mantimentos contra vontade dos donos delles, como sohia fazer: e levando consigo quarenta de cavalo, se ajuntaraõ contra elle os das aldeas daquella Comarca para lhos defender; e andando com elles envolto, o cavalo cahio com elle, e hum homem rustico daquelles, por sobre-nome o Caspirre, arremeteo rijo a elle, e lhe cortou a cabeça. Como os seus o viraõ morto, fugiraõ, e os da Villa tomaraõ voz por Portugal; e assi a tinhaõ entaõ, e el Rey deu a Villa a Diogo Lopes Pacheco. De Penella passou el Rey a Tomar, onde o veio servir hum fidalgo Gascaõ, de grande qualidade, e bem acompanhado, por nome Mosem Joaõ de Monferrara. De Tomar partio el Rey para Torres Novas, que tinha Affonso Lopes de Texeda por el Rey de Castella, que mandou gente fóra a escaramuçar com os del Rey. Os Portuguezes feriraõ de maneira os da escaramuça, que entraraõ com elles polas portas da Villa, para onde fugiraõ, e ficaraõ encerrados no castello, mas a Villa foi saqueada.

De Torres Novas se partio el Rey caminho de Sanctarem, e alojou o arraial abaixo da Golegãa, e ao dia seguinte começou de marchar com suas gentes postas em ordenança de batalha. E levava consigo Vasco Martinz de Mello, e Vasco Martinz da Cunha, Ruy Vasquez de Castello Branco,



co , Joaõ Affonso da Azambuja , que despois foi Arcebispo de Lisboa , e Cardeal , o Doctor Gil Docem , Fernaõ Dalvarez Dalmeida , e alguns fidalgos estrangeiros. O Condestabel levava a vanguarda , e el Rey a retaguarda. E indo diante o Condestabel , achou nas vinhas de Sanctarem a Alvaro Gonçalvez do Sandoval , com muitos Castelhanos , que alli andavaõ fazendo guarda a alguns que eraõ fóra , tendo ja novas que el Rey avia de passar por alli ; e começando de pelejar com elle os Portuguezes , naõ poderaõ os Castelhanos soffrellos ; mas antes que se acolhessem , deixaraõ mortos dous escudeiros Portuguezes , a saber , Joaõ Paes , e Joaõ Nogueira , criados do Condestabel , e a Antaõ Vasques mataraõ o cavalo , e a Vasco Lourenço feriraõ mal ; e dos Castelhanos morreraõ dous. Este acometimento dos Castelhanos foi muito em breve , antes que o Condestabel chegasse. Dalli chegaram ao Téjo junto com Sanctarem em direito de Sancta Eiria a pequena , onde avia hum vao , por que podiaõ mui bem passar. Neste tempo andavaõ já no campo muitos Castelhanos em guarda dos que tinhaõ ido de Sanctarem á erva , porque sabiaõ da vinda del Rey. E ao passar do rio se armou huma mui grande , e porfiada escaramuça com os que vinhaõ em guarda dos da erva para a Villa , e com outros da mesma Villa , que os sahiraõ a receber. E o que alli succedeo digno de memoria , foi que Vasco Martinz de Mello o moço foi o primeiro , que da vanguarda passou o Téjo ; e como homem esforçado , só a cavallo como hia , se lançou entre os Castelhanos , que eraõ muitos , fazendo tanto por sua maõ , quanto hum mui valente , e ardiloso cavaleiro podia fazer , até que foi derribado do cavallo , e ficou a pé ; e com hum estoque de armas se defendeo mui valentemente ; mas  
era



era certo, que se elle não fora bem armado, não scapara das muitas lançadas, que lhe deraõ. Martim Affonso de Mello seu irmão, que lhe acudio, se poz a pé com dous escudeiros seus, e o ajudou a defender; e assim huns, como os outros ouveraõ de passar mal, se não fora o Condestabel, que mui á pressa acudio, e deraõ com os Castelhanos dentro do rio, onde foraõ mortos, e feridos parte delles. Dalli partio el Rey, e foi dormir a Leiria da Condeffa. Ao outro dia passou o Téjo, e por suas jornadas foi com seu campo a Alenquer, onde assentou seu arraial nas hortas junto ao rio, e alli determinou de ficar, recolhendo as gentes, que aviaõ de vir a Lisboa, para, como as tivesse juntas, ir a Abrantes, e o Condestabel a Alentejo ajuntar as mais gentes que podessem, para com ellas tornar a elle.

Estando el Rey em Alenquer, mandou chamar os fidalgos da Beira, que se acharaõ na batalha de Trancofo, para serem com elle na batalha; e elle se partio para Abrantes, aonde mandou vir o Condestabel, o qual veio com a gente, que ajuntou, e eraõ seiscentos homens de armas, e dous mil de pé, e trezentos besteiros.

## CAPITULO LIV.

*Entra el Rey de Castella em Portugal: resistemlhes os de Elvas: exercita crueldades nos Portuguezes: ha conselho se virá contra Lisboa.*

**E**L Rey de Castella neste tempo entrou em Portugal com animo de destruir o Reyno, e vingar-se dos Portuguezes; e assentou seu arraial sobre Elvas, que he na raia, por lhe dizerem que estava taõ falta de mantimentos, que logo se  
lhe



lhe renderia: e tendoa de cerco quinze dias, e naõ a tomando, quiz estar nella mais dez: os da Villa estavaõ com as portas abertas, e todos os dias sahiaõ a escaramuçar com os Castelhanos; e hum dia sabendo os de Elvas, que aviaõ de vir as azemelas del Rey com mantimentos, e outras cousas, puzeraõ espias, e foraõ tomalas ao caminho, que vem de Badajós para a Cidade, e as meteraõ nella. Ao outro dia pola manhãa apartou Gil Fernandez trinta escudeiros, que fossem com elle a escaramuçar, e tinha os homens de pé junto á Villa em sua guarda, e á vista del Rey de Castella, que pouzava dalli mui perto. Escaramuçaraõ hum grande espaço mui rijamente, de que Gil Fernandez sahio com muita honra: na escaramuça morreraõ seis dos Castelhanos, e dos Portuguezes hum. El Rey de Castella vendo que gastava alli tempo em vaõ, e polas novas, que lhe vieraõ do desbarate de Trancolo, em que lhe morrera tanta gente, deixou entaõ de entrar em Portugal, e tornou-se á Cidade Rodrigo; e antes que se partisse, polo grande odio, que tinha aos Portuguezes, e muito mais aos daquelle lugar, por lhe resistirem tanto, mandou decepar as mãos a hum homem de Elvas, que tinha prezo, e assi decepado o mandou a Gil Fernandez com hum escrito ao pescoço, em que dizia que el Rey jurava que a quantos tomasse de Elvas faria outro tanto. Gil Fernandez, a quem pezou muito de ver aquella crueldade, mandou logo decepar dous escudeiros dos Castelhanos, que tinha prezos, e hum delles, que era Biscainho, ao modo daquelle naçaõ, bradando que era injusto, que por hum villaõ decepasse dous homens, que eraõ fidalgos. Gil Fernandez respondeo, que senaõ podia deter em fazer exame dos grãos da fidalguia de hum, e outro, nem podia dar tal; e antes queria perder  
por



por bom pagador ; e decepados , lhos mandou cada hum com seu escrito ao peicoço , em que Gil Fernandez prometia , e jurava a Deos que , se el Rey de Castella mais mandava decepar algum homem Portuguez , oitenta Castelhanos , que tinha presos , lhos avia de mandar todos decepados. Não quiz el Rey de Castella fazer alli mais carnicaria ; e partiose ao outro dia de manhã : mas antes que chegasse a Arronches , mandou decepar a dezafete homens Portuguezes , que tomou ; e uzando taes crueldades , continuou seu caminho á Cidade Rodrigo. Com aquellas obras indignas de hum Principe , matando , e decepando homens a ferro , depois de rendidos , e fóra da peleja , dobrava o odio que lhe tinhaõ os Portuguezes , e o convertiaõ em amor del Rey de Portugal , cuja natureza era suave , e clemente. Polo que não foi o menor meio para elle ganhar a benevolencia dos homens a deshumanidade daquelle Rey seu adversario ; nem os mesmos Castelhanos o tinhaõ por prudente , e atentado ; pois fazia aos inimigos dano em cousa , que , além de não trazer honra , lhes ficava a vingança em prompto , porque tambem tinhaõ prisioneiros Castelhanos , a que fizessem outro tanto.

Como el Rey de Castella foi em Cidade Rodrigo , posto que estivesse determinado , todavia quiz aver conselho com os seus , se era melhor vir elle a Portugal , ou pôr fronteiros na raia do Reyno , ou fazer outra maneira de guerra. Huns foraõ de parecer que devia entrar em Portugal , onde já tinha tanta parte , e cobrar o que lhe restava : e que em dilatar sua entrada não ganhava honra , nem proveito ; e que o voltar , tendo tanto cabedal metido de gentes juntas , e armada posta em Lisboa , mais parecia fraqueza de animo , que prudencia , e bom conselho : e que , pois mandara dizer aos de Sancta-



rem, e dos lugares todos, que estavaõ por elle, que faria volta mui cedo aos locorrer, e galardoar dos serviços, que lhe fizeraõ; que diriaõ agora, vendoo tornar, estando já á porta, que nenhuma duvida avia senaõ que toda a devaçãõ, e bom proposito, que tinhaõ para o servir, mudariaõ: e tanto mais, quanto era mais facil o tornarem as coufas a sua natureza com os Portuguezes quererem antes Rey Portuguez, que de outra naçaõ. E que a melhor occasiaõ, que podia desejar, era a que lhe estava offerecida de estar Lisboa em grande falta de mantimentos, e mui apertada da guerra, que lhe faziaõ os da Comarca, que estavaõ por Castella, e falta da melhor gente que tinha, por serem idos para o Mestre de Aviz, que se chamava Rey de Portugal, sem deixar Capitaõ, que a pudesse defender: e além disso que o cerco da armada, que lhe tomava todo o porto, era taõ grande parte, que naõ poderiaõ al fazer, senaõ renderse. E que, cobrada Lisboa, tinha todo o Reyno na maõ: e que este conselho, que pedia entaõ, ouvera de ser no principio, estando a cousa integra, e naõ feita tanta despeza, e junta tanta gente; porque o que entaõ por ventura parecêra prudencia, agora pareceria covardia. Além disto que o Mestre de Aviz naõ avia de ouzar esperalo, vindo com tanto poder; mas que era ccrto que, considerando elle a pouca justiça, que tinha de sua parte para fazer guerra, e a pouca posse com que estava, se lhe renderia: e que naõ fosse caso o máo successo passado do cerco de Lisboa, para arrecear cometa outra vez; porque entaõ Deos offendido de alguns pecados, quizera castigar os Castelhanos com a peste que mandou pelejando polos Portuguezes. E que agora com a saude, que avia em seus Reynos, pelejaria polos Castelhanos, e castigaria os



os Portuguezes por sua deslealdade , e rebeldia. Sobre tudo lembraraõ a el Rey que os Portuguezes tinhaõ mandado a Inglaterra por muitas gentes , que estava certo averem de vir. E que , vindo primeiro que elle entrasse , se ajuntariaõ todos , e lhe dariaõ batalha : o que poria suas cousas em estado duvidoso. E que se antes dos Ingrezes virem lhe desse batalha , podia facilmente acabar sua empreza , e com grande certeza de victoria. Outros foraõ de contrario parecer , dando muitas razões , pelas quaes , no presente estado , não podia el Rey , nem devia entrar em Portugal. A primeira , que davaõ , era por sua doença , de que pouco havia estivera mui mal , e ainda não estava saõ. E que , se lhe carregasse a infirmitade em Portugal , punha suas cousas em grande risco , porque estava seu Reyno mui falto de bons Capitaes , que ordenassem as cousas da guerra como cumpria , na qual os erros , despois de cometidos , tinhaõ roim emenda ; porque os melhores Capitaes , que tinha , foraõ todos mortos na peste de Lisboa , e na batalha de Trancoso : e que os que alli tinha eraõ mancebos pouco experimentados , os quaes não era bem que se ensinasse em huma só batalha , em que hia metido todo o resto de sua honra ; porque estava certo que o Mestre de Aviz , que se chamava Rey de Portugal , e todos , os que consigo tinha , estavaõ apostados a experimentarem sua fortuna em huma só batalha , para o que lhes acrecentava animo a recente victoria , que ouveraõ em Trancoso , com tanta honra sua , e os lugares principaes , que novamente cobraraõ entre Douro , e Minho , como foi a Cidade de Braga , Guimaraes , Vianna , Ponte de Lima , e outros mais. E que bem sabia sua Alteza , que quando se fora de Portugal , ficara devendo muitos soldos , que prometeo mandar pagar , que



ainda estava devendo ; e que vindo sem dinheiro para a gente , que trazia , e para a que ficou no Reyno , necessariamente avia de ter hunos , e outros descontentes ; o que não cumpria a quem vinha ganhar hum Reyno , onde avia tantos contrarios ; porque daquella maneira , nem dos seus se podia , nem devia fiar : e que o bom conselho era deixar em Badajós mil homens de armas , e quinhentos na Comarca de Galiza , e outros tantos desde Alcantara até Cidade Rodrigo. E que , fazendo guerra por aquellas Comarcas , e tendo Lisboa posta em cerco , como tinha , meteria ao Mestre de Aviz em tanta pressa , que não saberia a que conselho se acostasse ; porque , quando acudisse a huma parte , seria entrado da outra ; e assi o consumiria a elle , e ao Reyno ; e que não devia tentar a fortuna , e arriscar cousa tão grande , como eraõ dous Reynos , suas gentes , e sua honra , em huma só batalha , sendo certo que com poucos se viraõ muitas vezes vencer , e desbaratar muitos. Porque em nenhuma cousa mais dominava a fortuna , que na guerra. E que se lembrasse , que elle pelejava por ganhar terra estranha ; e os contrarios por defender a propria ; e elle com gentes , que vinhaõ a soldo , e com muitos homens forçados , que vinhaõ por cumprimento ; e que os Portuguezes pelejavaõ por defender sua liberdade , por suas molheres , por seus filhos ; e , segundo elles diziaõ , por defender a patria , e ainda alguns acrescentavaõ por defender a Religiaõ ; porque por el Rey de Castella sustentar as partes de Clemente ( como está dito ) estava pelo Santo Padre Urbano Sexto , verdadeiro Pontifice , e scomungado , e avido por scismatico : e assi lhe chamavaõ os Portuguezes , que serviaõ a Urbano. Ouvindo el Rey humas , e outras razoës , conformouse com o primeiro parecer , que avia de vir em pessoa a

Por-



Portugal, e dar batalha campal ao Mestre de Aviz, que se chamava Rey de Portugal.

## CAPITULO LV.

*Entra el Rey de Castella por Portugal fazendo crueldades : ha el Rey D. Joaõ conselho : determinase a lhe dar batalha.*

**P**Erseverando el Rey de Castella em seu proposito, entrou em Portugal pela Comarca da Beira; e tomando de caminho o castello de Celorico, veio por suas jornadas a Coimbra, e alojou defronte do Mosteiro de S. Jorge, da outra parte do rio. A' entrada de Coimbra, entre os que passavaõ via direita ante a porta de Almedina, e os que sahiraõ da cidade, se tratou grande escaramuça, em que ouve alguns mortos, e feridos de ambas as partes. E as gentes do arraial se estenderaõ pelos lugares comarcaõs, chegando até o mar, de que trouxeraõ grande preza do roubo. E alguns lavradores, que tomaraõ, mandou el Rey decepar; e assi fez outras muitas crueldades pelo caminho, por onde hia, assi em homens, como em molheres, e em moços pequenos innocentes, mandandolhes cortar as maõs, e as lingoas, e dar-lhes outras penas, que nem de Mouros se puderaõ esperar: sobre tudo mandou queimar muitas Igrejas, especialmente a Ermida de S. Marcos junto de Trancofo, até os fundamentos, onde fora a batalha, como quem queria apagar aquella testemunha do que os seus alli passaraõ. Mas, se tolheo o apellido da batalha de S. Marcos, naõ extinguiu o da batalha de Trancofo, que sempre ficou em memoria. Tudo isto fazia el Rey de Castella naõ sómente pola pouca honra, que ganhara na vinda passada



fada a Portugal , mas porque nesta segunda ninguem se vinha para elle ; não se lembrando que a coula , que mais obriga as gentes a seguir hum Principe , e deixar todos por elle , he a clemencia , e benignidade ; e a que mais aparta as vontades , he a crueldade , e o rigor. Estas obras del Rey de Castella faziaõ que ninguem desejasse ver-se debaixo de seu jogo ; e os que já estavaõ , quererem ver-se fóra delle. Dalli veio el Rey de Castella a Leiria , onde Garcia Rodriguez Taborda estava por Alcaide , o qual posto que não recolhesse a el Rey no castello , mandoulhe dar mantimentos por seu dinheiro , e offerecerlhe seu serviço , porque era Galego , e não Portuguez. E de feito foi despois com elle na batalha. Os Capitaes de Sanctarem , Obidos , Alenquer , e todos os outros , que estavaõ por Castella , sabendo como el Rey de Portugal se fazia prestes para lhe dar batalha , se lhe ajuntavaõ cada dia : o mesmo fizeraõ os Capitaes das naos , e galés , que estavaõ em Lisboa. E em Leiria soube el Rey de Castella como o de Portugal lhe queria apresentar batalha campal.

El Rey de Portugal para saber a tenção dos seus , e para que o que fizesse fosse com vontade , e parecer de todos , entendendo , como prudente Capitaõ , quanto importa não pelejarem os homens contra suas vontades , e pareceres , quiz propor em conselho , e persuadir aquillo , que elle desejava não tivesse duvida , que era acabar suas contendas em huma só batalha. E propôs se viria a batalha em campo , ou uzaria da guerra ( como elles entaõ chamavaõ ) guerreada. Os mais eraõ de parecer que a batalha não se dêsse , porque o poder del Rey de Castella era mui grande em comparaçãõ do de Portugal , que era mui pequeno. E o melhor conselho , que achavaõ , era que , pois el Rey de



de Castella entrara em Portugal, se fosse el Rey a Alentejo, e entrasse em Castella pola parte de Andaluzia: e que quando el Rey de Castella o soubesse, o iria buscar. E que desta maneira o divertiria de lhe fazer dano, e de ir demandar Lisboa. E que, indoo el Rey de Castella a buscar, se viria elle por outra parte para o Reyno; porque desta maneira se passaria tanto tempo, até que a gente, que mandara fazer em Inglaterra, podesse chegar; ou faria entretanto algum concerto, que lhe fosse proveitoso. Ao Condestabel lhe pezou muito de ouvir aquelle parecer, como quem nenhuma cousa mais desejava, que acharse com el Rey de Castella em campo: tambem el Rey ficou suspenso. Contra aquelle parecer deu o Condestabel muitas, e efficazes razões, porque mostrou que seria grande fraqueza, e covardia para homens Portuguezes não irem buscar a el Rey de Castella; e que os que esperavaõ ser defendidos del Rey seu Senhor, perderiaõ o coração, e o dariaõ aos inimigos: e que el Rey prometera aos de Lisboa, quando lhes mandou pedir a gente que alli tinha, que estivessem confiados, que impediria a el Rey de Castella de maneira, que não chegasse lá: o que se el Rey não fizesse, e o deixasse lá chegar, estava certo averem os Castelhanos a Cidade, por estarem dentro homens, que os aviaõ de trahir, como já tinha dado mostra a justiça, que mandara el Rey fazer de hum Almoxarife, que foi do Conde D. Alvaro Pirez de Castro, que tinha negociada a entrada dos Castelhanos por hum postigo da Cidade: e como tambem se vira polas cartas del Rey de Castella, que se ouveraõ á mão antes que se dessem, em que fazia menção a Diogo Gomez Sarmiento de outra carta, que mandara a Pedro Afan de Ribeira Capitaõ da sua armada, que fallsse



lasse com algum seu amigo , para que a carta entrasse em Lisboa , e fosse lida : e que , se naquella carta de letra descuberta hia aquillo , que seria nas outras de cifras , e sinaes , que se não podiaõ ler? Polo que estava certo que aquelles , que eraõ falsos a el Rey , mais ouzadamente effeituariaõ sua treição quando vissem que el Rey não ouzava dar batalha , e se hia a Sevilha a cortar duas oliveiras. E que , vistas as pressas , e tribulaçoës , que a Cidade de Lisboa padecera , e determinava padecer por honra do Reyno , e serviço del Rey , não era boa satisfação desemparralla , e deixalla sem Capitão , sem gente , e sem defensão , morrendo como caës á pura fome : porque em tanto aperto estavaõ já , como quando el Rey de Castella a teve em cerco : e que , tomada Lisboa , posto o odio , que el Rey de Castella lhe tinha , por ser ella a cabeça dos que se rebellaraõ contra elle , e a que foi causa de elle perder a flor de Hespanha , que alli morreo , a avia de destruir ; e por ahi ficava acabada a guerra , e Portugal todo rendido. E que taõ necessario era não deixar vir el Rey de Castella a Lisboa , que , ainda que el Rey tivera menos gente da que tinha , cumpria sahirlhe ao caminho , e darlhe batalha á ventura do que acontecesse. E que por tanto não se podia esperar pelos Ingrezes , nem ainda polos fidalgos da Beira , se não viessem antes dos Castelhanos passarem a Lisboa ; porque depois não via remedio para lhe socorrer. Estas razoës , e outras muitas deu o Condestabel ; e acabou dizendo , que não mudassem a el Rey do bom proposito que tinha ; e que a elle nunca o mudariaõ do seu.

Ao outro dia pola manhã , depois de ouvir Missa , mandou o Condestabel tocar as trombetas ; e como homem enfadado se partio com suas gentes ,



tes, sem falar a el Rey, nem a outrem, caminho de Tomar, por onde el Rey de Castella avia de vir. Quando el Rey soube da partida do Condestabel, ficou maravilhado; e diante d'elle muitos afeação aquella ida, dizendolhe que fora hum grande desacato: e outras razões, com que o podessem omiziar com elle. Mas el Rey, que conhecia sua bondade, e lealdade, não curou do que diziaõ. Entaõ fez el Rey huma fala aos seus, em que deu muitas razões efficazes, por que a batalha se avia de dar; e os meteo em muitas esperanças de victoria, prometendolhes que os que agora rindo lhe chamavaõ Rey de Aviz, lhe chamariaõ cedo, e chorando, Rey de Portugal. Com aquellas razões foraõ todos de acordo, que se fizesse o que el Rey mandava, e que se desse a batalha; que prestes estavaõ para o seguir. Com este assento mandou el Rey á pressa chamar o Condestabel, para com elle communicar sobre a batalha: e o Conde respondeo em publico ao mensageiro, que era Joaõ Affonso de Sanctarem do Conselho del Rey, que lhe dissesse, que elle não era homem de muitos conselhos; e que, pois já se determinara a não deixar passar a el Rey de Castella, sem lhe dar batalha, daquelle proposito fenaõ avia de tirar, nem tornaria pé atraz: mas que lhe pedia por mercê o deixasse ir seu caminho; porque iõ com aquelles bons Portuguezes, que consigo levava, determinava pelejar. E, se sua Alteza lá quizesse ir, lho mandasse dizer, e o aguardaria em Tomar. Quando el Rey ouvio sua reposta, lhe mandou dizer por Fenaõ Alvarez Dalmeida seu Veedor, que todavia tornasse a elle; e se não quizesse tornar, o esperasse em Tomar, e que logo seria com elle para ordenarem a batalha. O Condestabel ficou muito alegre, mas não tornou atraz; e partio para Tomar, aonde ao outro dia chegou el Rey.



Como el Rey foi em Tomar, fez alardo de sua gente, e concertou suas batalhas; e para terem novas da gente, que trazia el Rey de Castella, e como allentava seu arraial, mandou o Condestabel quatro ginetes, para lhe tomarem algum dos inimigos; e o primeiro, que acharaõ, foi hum escudeiro Portuguez, que andava pelos cazaes roubando: e ficando tres dos de cavalo com o prisioneiro, veio hum dizer ao Condestabel como tinhaõ ao escudeiro. O qual vindo a elle escondidamente, o avizou da gente, e cousas do arraial. A este mandou o Condestabel sob pena de morte naõ dissesse a alguem a verdade, que a elle lhe dissera: mas que perante el Rey, e perante todos os mais affirmasse, que el Rey de Castella trazia fraca gente; e que mais valiaõ cem lanças dos Portuguezes, que mil dos Castelhanos. E assi o fez, desfazendo muito nelles: e que facilmente se podiaõ desbaratar. Com que os Portuguezes tomaraõ grande alento.

Além do avizo, que deu aquelle escudeiro, quiz el Rey ter maior certeza do que passava no arraial dos Castelhanos: e por hum seu escudeiro mandou dizer de palavra a el Rey de Castella que lhe requeria da parte de Deos, e do Martyr S. Jorge, se fahisse de seu Reyno, pois nelle naõ tinha direiro; e se algum tivera, o tinha já perdido, por quebrar os concertos feitos, e jurados. E que, guardada sua honra, lhe faria todo o bom partido, por remir a vexação, que delle recebiaõ seus vassallos; e que naõ quizesse, que por sua causa se derramasse tanto sangue de Christãos, por proseguir huma causa taõ injusta. El Rey de Castella respondeo ao escudeiro polos consoantes, e perguntoulhe, que queria dizer *guardada sua honra*? O escudeiro disse que, ficando Rey como era, e no estado, em que Deos, e os povos o puzeraõ. Dis-

to



to se indignou el Rey muito , dizendo que dissesse ao Mestre que nunca em toda sua vida tal veria ; e que primeiro se perderia o Estado de Castella , que ser elle Rey do Reyno , que lhe naõ pertencia. E que da parte de Deos , e do Apostolo Sanctiago lhe requeria se fahisse logo delle ; e que todo o mal , e dano , que se seguisse , lho demandaria Deos rigorosamente. O escudeiro replicou a el Rey de Castella que , pois de outra maneira naõ queria , que da parte del Rey seu Senhor lhe diga que o determinaria por batalha , onde elle quizesse , e o dia , que affinasse. Ao que el Rey respondeo , que era contente. Tornado a Tomar , contou a el Rey da multidaõ das gentes del Rey de Castella , e do grande aparato , que elle vira. Do que el Rey mostrou fazer pouco caso : e mandou ao escudeiro naõ dissesse aquillo a outrem , mas desfizesse nos Castelhanos quanto podesse , por animar aos seus.

C A P I T U L O LVI.

*Marchaõ os dous campos Portuguezes , e Castelhanos : avistaõse em Algibarrota: consulta o Castelhanaõ sobre a conveniencia da batalha.*

**A** Té este tempo estava el Rey em Tomar , donde partio em ordenança , e foi marchando para Ourem , que saõ dahi tres legoas , e alojou o arraial ao pé da Villa contra a Atouguia das cabras ; e como foi alojado , levantouse hum corço no meio do arraial , e correndoo todo á roda , nunca pôde ser morto , nem ferido , senaõ na tenda del Rey , onde se foi meter ; o que todos tiveram por bom final. Ao Sabbado seguinte partio el Rey de Ourem , e o Condestabel diante delle



na vanguarda : e foi o arraial alojar-se a Porto de Mós, que era dahi sinco legoas, onde no Domingo folgaraõ. Segunda feira de madrugada, que eraõ catorze dias de Agosto vespõra da Assumpção da Virgem Maria nossa Senhora, mandou o Condestabel tocar as trombetas; e antes que amanhecesse, ouvio Missa; e na tenda, onde elle estava, se deu o Sancto Sacramento aos que queraõ communhar: e tanto que foi dia, partio todo o exercito, e foraõ caminho daquelle campo, onde depois foi a batalha, que distava dalli huma pequena legoa. O Condestabel foi diante; e quando el Rey chegou, achou já tudo ordenado. E posto a pé, começaraõ de ordenar sua batalha, de vanguarda, retaguarda, e alas, pagens, e carruagens, todos detrás cercados dos bêteiros, e de homens de pé, para que não podessem receber dano. E puzeraõse de rosto para Leiria, donde os inimigos aviaõ de vir.

Sendo já o dia perto das dez horas, em quanto os inimigos não vinhaõ, fez el Rey muitos cavaleiros; e animava os seus, dandolhes grande esperança da victoria, e falando a todos com rosto alegre. Estando nisto, começaraõ a apparecer as gentes del Rey de Castella, que faziaõ huma espantosa vista, e parecia que cobriaõ toda a terra. E como o Sol lhe dava nas armas, que traziaõ relplandecentes, fazia parecer que eraõ muitas mais, e cauzavaõ temor aos que os viaõ; e sendo já horas de meio dia, chegaraõ juntos dos Portuguezes. E quando os Castelhanos os viraõ estar na estrada, aonde agora está a Ermida de S. Jorge, não quizerãõ pelejar com elles de rosto, mas começaraõ de se ir contra Algibarrota, da parte que he contra o mar.

Os Portuguezes pezarozos por cuidarem que  
os



os Castelhanos não queriaõ esperar a batalha, diziaõ huns aos outros: Vaõse, e não querem pelear. E passando assi aquelle exercito hum bom pedaço além delles, detiveraõse, querendose assegurar. El Rey de Castella para saber como estavaõ os Portuguezes, mandou a Pedro Lopez de Ayala, e a Diogo Fernandez Marichal de Castella, e a Diogo Alvarez irmão do Condestabel, como que o faziaõ de si mesmos, por proveito de huma parte, e da outra. E despois que se viraõ, e abraçaraõ os irmãos, trataraõ aquelles terceiros da pouca razão, que el Rey de Portugal tinha, e o Condestabel polo contrario da pouca del Rey de Castella, e da quebra de sua fé, e juramento. E no fim lhe disse Diogo Alvarez da parte de seu irmão Pedro Alvarez Pereira, que se tirasse do perigo, em que estava, e se passasse á parte del Rey de Castella, que lhe faria grandes mercês, e lhe daria grande estado. O Condestabel lhe respondeo como homem que tinha perdido o medo, e o mais leal servidor, que el Rey tinha. E assi se tornaraõ aquelles cavaleiros, e dous fidalgos Galcoës, que por ver a pessoa do Condestabel, que muito desejavaõ conhecer por sua grande fama, vieraõ em sua companhia.

El Rey de Castella por ser doente de maleitas, vinha em andas; e sendo aquelle o dia da cezaõ (segundo alguns dizem) jazia encoitado a hum cavaleiro, quando Pedro Lopez de Ayala, e os outros tornaraõ, tratando do meio, que tomariaõ naquella batalha; e despois que perguntou por os Portuguezes, e soube que seu proposito era livrar-se a cousa por batalha, Pedro Lopez lhe disse que o dia hia declinando, porque era perto de vespõra, e toda a gente de seu exercito não avia ainda comido, nem bebido, e estavaõ cansados do caminho, e encalmados; e muitos dos bésteiros não  
eraõ



eraõ ainda vindos , por ficarem com a carruagem do exercito , que vinha de vagar : que seu parecer era que , pois estavaõ em campo bem ordenados , e prestes , avia Sua Alteza de mandar que estivessem quedos : e que os Portuguezes necessariamente aviaõ de fazer de duas huma , ou sahiriaõ daquela ordenança , em que estavaõ , ou naõ quereriaõ sahir : e que , se sahissem , o campo estava em tal ordem , e tudo taõ prestes , que naõ avia que fazer mais , que aproveitaremse das maõs. E se naõ sahissem , já mostravaõ o medo , que tinhaõ. E que , além disso , a noite se vinha chegando ; que era de crer que muitos Portuguezes se iriaõ do campo com pavor de ver tantas gentes contra si ; e que sobre tudo naõ tinhaõ mantimentos mais que pera aquella noite ; e os seus os tinhaõ para muitos dias : pelo que deviaõ de sobrestar até ver o que os Portuguezes determinavaõ.

Outros eraõ de contrario parecer , e diziaõ a el Rey que a peleja senaõ avia de dilatar , pola muita ventagem , que levava aos Portuguezes no numero das gentes , e Capitaes taõ principaes ; e pola justiça de sua causa , que era pedir o Reyno , que era seu. Joaõ de la Ria Francez , Embaixador del Rey de França , e do seu conselho , que vinha com el Rey de Castella , homem velho , e experimentado na guerra , e que dahi a poucas horas morreo pelejando , ouvindo as razoës de huns , e de outros , disse a el Rey que elle pola idade , que tinha , se achara em muitas batalhas , assi de Christaõs , como de Mouros , quando estivera além do mar ; e que polo que via acontecer , aprendera que huma das cousas , em que hum Capitaõ póde levar mór vantagem a seu inimigo , he porse em boa ordem , assi em batalha , como em guerra guerreada ; e que duas batalhas , em que se elle vira com Philippe ,



lippe, e Joaõ, Reys de França seus senhores contra el Rey de Inglaterra, e o Principe de Guaulles seu filho, ambas se perderaõ, por naõ terem nellas boa ordem. Polo que a elle lhe parecia bem a razaõ de D. Pedro Lopez de Ayala; e que essa se devia seguir. E el Rey se acostou áquelle parecer.

Outros pelo contrario differaõ, que el Rey devia naõ dar tal batalha, porque os Portuguezes eraõ huns poucos de homens desesperados, que se determinaraõ de levar adiante aquella porfia, que tinhaõ começada, e morrerem sobre ella; e que pelejar com taes homens, naõ convinha a el Rey; porque, se os vencia, naõ levava honra delles mais da que levaria hum grande justador, que derribasse hum menino: e que, se acontecesse ser vencido delles, seria o mais deshonorado Rey, que no mundo ouve, e de todos seria avido por mau Capitão, arriscando tanta, e taõ nobre gente, como alli trazia, a huma pouca de gente pobre, em que naõ podia aver igualdade da perda, e ganho: polo que melhor conselho seria passar com seu campo, como o trazia ordenado, a Sanctarem, e dahi a Lisboa; e como elle fosse partido, se espalhariaõ os Portuguezes, e que difficoltosamente se tornariaõ a ajuntar; e se se ajuntassem, primeiro elle teria acabado o que pretendia, que era tomar Lisboa, a qual, sendo tomada, tinha todo o Reyno na maõ.

D. Joaõ Affonso Conde de Maiorga, e que já o fora de Barcellos, naõ lhe sofrendo o sangue Portuguez ouvir tamanho fero contra a honra dos Portuguezes, e a quem como bom cavaleiro pareciaõ melhores os conselhos honrosos, que os de proveito, disse a el Rey: que, os que lhe aconselhavaõ que naõ desse batalha aos Portuguezes, naõ eraõ amigos de sua honra, e serviço; porque ao que diziaõ que naõ ganhavaõ honra, pelejando com

os



os Portuguezes, e que fizessem conta que tinha vencidos; e que, por serem tão poucos, os tomaria ás mãos, não era cousa para se falar ante Sua Alteza: e o contrario era a verdade; porque quanto ao vencimento, que já davaõ por feito, vista a pouquidade dos Portuguezes, e a multidaõ dos Castelhanos, não era tão facil como elles o faziaõ; porque aquelles homens, que o vinhaõ buscar, e dar batalha, e estavaõ alli com as armas nas mãos, bem sabiaõ quaõ poucos eraõ, e quantos eraõ os inimigos, que vinhaõ buscar. E estava certo averem de proseguir o que tinhaõ começado, e sobre isso aviaõ de morrer. Polo que a quem aquelle conselho lhe dava, muito lhe avia de custar arrancallos, donde estavaõ. A isto atalhou D. Pedro Dias Prior de S. João dizendo, que aquillo dizia o Conde D. João, por ser Portuguez como aquelles. O Conde lhe respondeo, que o não dizia por isso, mas porque conhecia mui bem os mais dos homens que alli vinhaõ, que se não aviaõ de deixar assi tomar ás mãos, como alli se praticava; e que não era para dizer que não ganharia el Rey honra em vencer aquella batalha, porque vencia hum Rey, ainda que lho elles não chamassem, com todo o seu poder: e que lhe embargava hum Reyno, que lhe pertencia de direito, e lhe dava que fazer. E que ao que o Prior dizia, que era Portuguez, disso se prezava elle mais, que de nenhuma outra cousa: e que áquelle Portuguez não avia elle naquelle dia pôr o pé diante. E deixando ao Prior, volto o Conde para el Rey lhe disse, que vencendo elle ao Mestre chamado Rey, ficava pera não levantar mais cabeça, e lhe deixaria o Reyno desembaraçado, e se iria fóra delle. E que seria grande vituperio para hum Rey tão grande, como elle era, tendo tanta gente junta, e o inimigo alli em cam-



campo com tão pouca , esperando a batalha ; e tendo já desafiado , passar por elle , e não ousar de pelejar. E que para isto assi ser , melhor fora não vir a Portugal , que vir com tanto custo mostrar tamanha covardia. E que , se elle pertendia subjugar hum Rey , e hum Reyno , alli os tinha como gado metidos em hum curral ; por a qual occasião devia dar graças a Deos , pois estava em tempo , onde em poucas horas podia tomar vingança delles. E que , se , estando alli tantos , e tão bons como tinha , receavaõ de pelejar com tão poucos , mais receo teria ao diante , quando visse com aquelles , que alli estavaõ , os fidalgos da Beira , que até então não eraõ vindos , e os Ingrezes , se mais se detivesse : e que de crer era , que quem agora o esperava sem medo , como via , e com bailes , e cantares , que fariaõ despois que se vissem ajudados de outros ? E que fosse certo que , se elle lhe não apresentava batalha , e se hia , apõs elle aviaõ de ir ladrando , até que tornasse a elles , e lha dessem. Com estas razoes do Conde se foraõ alguns : e aos mais em geral parecia que a batalha se avia de deixar para outro dia. Mas el Rey , a quem as palavras do Conde moveraõ , mandou que á pressa se fizessem prestes , e acabassem de se ordenar.

## CAPITULO LVII.

*Numero da gente dos dous exercitos : sua disposição para a batalha : contaõse os fidalgos do exercito Portuguez.*

**Q**Uanto ao numero da gente , que nesta batalha se achou de cada parte , ha incerteza entre os Historiadores. Os Castelhanos fazem grande o numero dos Portuguezes , e calaõ os seus como homens afeiçãoados : o que a



historia não soffre , porque he testemunha dos tempos , e anunciadora da verdade : e se aos estrangeiros , como desinteressados , se ha de crer , Forlardo historiador Francez daquelle mesmo tempo , entre os seus de muita authoridade , e não contrario a Castelhanos , cujas partes os Francezes ajudavaõ , diz que o Campo del Rey de Castella era de vinte mil homens de cavallo , em que entravaõ duas mil lanças de Francezes Gascoens , e Bearnezes ; outros Escriptores poem outra soma , não menor do que dissemos : mas Fernão Lopez Historiador Portuguez , que escreve esta batalha , e que em tudo se deve seguir por sua fé , e authoridade , e modestia na relação das cousas dos contrarios , e por ser Guarda mór da Torre do Tombo , e archivo Real , onde as cousas do Reyno todas se vão registrar , diz que no exercito dos Castelhanos avia oito mil homens de cavallo , e seis mil lanças , e dous mil ginetes , oito mil bésteiros , e quinze mil piaës , que por todos faziaõ trinta e hum mil homens de peleja. E veresimel he que seriaõ esses , ou mais , porque com el Rey de Castella vinha a flor de Hespanha , sem ficar homem grande em Castella , e Reyno de Leaõ , e a gente mais nobre de Portugal , e muita de Navarra , que o Infante D. Carlos seu cunhado mandou , a fóra a gente de Francezes , e Gascoens , que trazia a soldo. E como el Rey vinha para cousa taõ importante , como era cobrar hum Reyno , que tinha eleito outro Rey ; e para deixar presidios nos lugares , que tomasse , não he de crer traria de Castella menos gente de cavallo , que a que os Reys de Castella , e Leaõ sohiaõ ajuntar , que sempre foraõ dez mil de cavalo , como se póde ver nas Cronicas antigas. Pelo que , se ouvesse erro no que diz aquelle Historiador Portuguez , seria em escrever menor numero da gente con-



contraria, do que na verdade era; pois, além da de Castella, vinha tanta de Portugal, de França, e Navarra. A carruagem de carretas, e azamelas era grandissima; e com grande multidão da gente de serviço, parecia cobrir os campos; ao que ajudavaõ oito mil cabeças de gado grosso, e algumas do meudo, que tomaraõ em Portugal. O exercito dos Portuguezes era sómente de mil e setecentas lanças, e algumas dellas naõ bem concertadas, oitocentos bésteiros, e quatro mil homens de pé, que por todos de pé, e de cavalo faziaõ seis mil e quinhentos homens: nem era veresimil que tivesse mais, porque o mais do Reyno estava por Castella, e os fidalgos, que el Rey trazia, eraõ poucos, e todos de pequeno estado, e a batalha se determinou de repente, sem estar premeditada, nem esperada. Pelo que fica quadrandõ com a verdade o que alguns antigos escreveraõ, e deixaraõ de maõ em maõ, que a gente dos Castelhanos eraõ oitenta e sete mil, e a dos Portuguezes onze mil; o que se entende contando os pagens, e gente de serviço de cada hum dos exercitos.

El Rey de Portugal ordenou sua batalha em hum campo chaõ cuberto de urzes, no meio da estrada por onde os Castelhanos haviaõ de vir: e porque sua gente era taõ pouca, ordenou sómente duas pequenas Azes. Na vanguarda estava o Condestabel com sua bandeira estendida, e dobrados escudeiros por guarda della, e de seu corpo. Nesta Az avia sómente seiscentas lanças; na Ala direita, que nacia da ponta desta Az, hiaõ Mem Rodriguez, e Ruy Mendes de Vasconcellos, e de outros bons fidalgos huma companhia, que por sua honra, e defenõ do Reyno determinavaõ defender o lugar, onde eraõ postos, e chamavaõ a esta Ala *dos namorados*, que a seu proposito traziaõ huma bandeira



ra verde. Da outra parte na Ala esquerda hiaõ de mistura com Antaõ Vasquez Dalmada , e outros Portuguezes , Mossem Joaõ de Monferrara , Martin Paulo , Bernardim Sola , e alguns estrangeiros , e huns poucos frecheiros Ingrezes , e homens de armas , que seriaõ por todos duzentos , como na outra Ala. De maneira que faltavaõ a estas duas Alas , de sua direita ordenança , duzentos homens de armas. Estes tinhaõ huma bandeira de S. Jorge. De trás dos homens de armas , que havia nas Alas ambas , estavaõ bésteiros , e homens de pé postos em tal ordem , que lhe podessem fazer ajuda , e empêcer aos imigos. Na Az dianteira não avia nenhum destes bésteiros , ou homens de pé , porque não serviaõ em tal lugar. Da vanguarda até a retaguarda avia hum arrezoadado espaço , de maneira que a algum desastre , ou trabalho podessem por alli socorrer com brevidade. Nesta Az , cujas pontas cerra-vaõ com a vanguarda , forrada com homens de pé , e bésteiros , em que avia setecentas lanças , estava el Rey com sua bandeira , que trazia Lopo Vasques da Cunha por seu irmaõ Gil Vasques auzente , que era Alferes mór ; e os que eraõ guarda del Rey junto com elle ; e assi mesmo os que aviaõ de guardar a bandeira. Apõs esta retaguarda havia hum espaçozo terreiro , onde estava a carruagem , a saber : pagens , cavalos , azemalas de mantimentos , gente de serviço , e todas as mais cousas do exercito : estes eraõ todos cercados de gente de pé , e bésteiros , de maneira que nas espaldas da retaguarda , e na carruagem não podia ninguem fazer dano , que não achasse tudo apercebido.

Tendo el Rey , e o Conde assi ordenadas suas batalhas , e o Sol partido por meio , ás horas que com razaõ se devia fazer , cuidando que os Castellhanos , como ouvessem delles vista , os viriaõ  
logo



logo acometer, elles passaraõ da parte da Ala esquerda contra Algibarrota, como está dito. Pola qual razãõ foi forçado a el Rey, e ao Condestabel mudarem suas batalhas da ordem, em que as tinhaõ ordenadas com o rosto para Leiria, e as voltarem para a parte, onde estavaõ os imigos; e assi passou a vanguarda pela retaguarda, dando huns a outros lugar, e posse diante contra a parte, donde os Castelhanos vinhaõ. Os Portuguezes, nem em o lugar, e sitio, onde puzeraõ as batalhas, levavaõ vantagem aos Castelhanos, por naõ aver montes, e valles, e por tudo ser campina igual. Mas nisto estavaõ peor os Portuguezes, que quando a alva do dia começou a romper, já tinhaõ sua batalha ordenada; e estiveraõ toda a festa por Sol muito quente, qual he o de Agosto, até a tarde, armados, e os mais delles sem comer, nem beber, por ser vespora de tal festa; e ficoulhe o Sol com o pó, e vento nos rostos; e com isto aguardavaõ os imigos com grande alvoroço, e alegria: e por isso dizia Mossem Joaõ de Monferrara a el Rey, que estivesse confiado da victoria daquella batalha, porque elle se achara já em sete batalhas campaes, e com aquella eraõ oito, e que nunca vira rostos taõ alegres de homens taõ poucos, esperando pelejar com tantos, e taõ lustrosos. E porque em semelhantes feitos costumavaõ antigamente os cavaleiros por galantaria, ou fantazia fazerem alguns votos, que elles chamavaõ denodados, que queriaõ dizer *de atrevimento, e audacia*, Vasco Martinz de Mello o moço prometteo prender a el Rey de Castella, ou pôr as maõs nelle; Gonçaleanes de Castel de Vide fez promessa de primeiro que nenhum outro ferir com a lança.

El Rey de Castella pela mesma maneira, como assentou com os seus que se desse batalha, ordena-



denaraõ suas Azes dous tiros de bésta afastados dos Portuguezes. A Az primeira da vanguarda fizeraõ dobrada , a que deraõ mil e seiscentas lanças : e em huma das alas , em que hia o Mestre de Alcantara , puzeraõ setecentos homens de armas , de Gascoës , e outros estrangeiros ; e na outra , de que era Capitaõ D. Pedralves Pereira Mestre de Calatrava , outros setecentos : na Az primeira vinha D. Pedro filho do Marquez de Vilhena , Condestabel primeiro de Castella , Diogo Furtado filho de Pedro Gonçalvez de Mendoça , Alferez mór del Rey com a Bandeira Real , que era das insignias de Castella , e de Portugal ; e D. Pedro Diaz Prior de S. Joaõ , D. Joaõ filho de D. Tello , primo com irmaõ del Rey , Joaõ Fernandez de Toar Almirante de Castella , Alvaro Gonçalvez do Sandoval , e outros muitos senhores , e fidalgos em grande numero , com suas bandeiras , e pendoens. Nesta Az dianteira vinhaõ todos os Portuguezes , que a el Rey de Castella seguiaõ , por se mostrarem bons , e fieis vassallos. Na retaguarda , em que avia tres mil lanças , vinhaõ grandes senhores , e Capitaes , D. Fernando filho do Conde D. Sancho de Albuquerque , primo com irmaõ del Rey , Diogo Gomez Manrique Adiantado de Castella , Pedro Gonçalvez de Mendoça Mordomo mór del Rey , Diogo Lopez Sarmiento Marichal de Castella , e outros grandes fidalgos. Os bésteiros , e piaes estavaõ onde pudessem servir bem.

Com el Rey de Portugal estavaõ poucos fidalgos , mas bons , e leaes cavaleiros , posto que de pequeno estado , por os mais , e os maiores serem lançados com el Rey de Castella , de que huns vinhaõ com elle , outros ficavaõ em Castella , outros estavaõ em guarda das fortalezas , que sustentavaõ por Castella. Os fidalgos , que com el Rey se acharaõ ,



acharaõ, eraõ Nuno Alvarez Pereira Condestabel, o Marichal Alvaro Pereira seu irmaõ, Joaõ Rodriguez Pereira, Diogo Lopez Pacheco, e seus filhos, Mem Rodriguez de Vasconcellos, Ruy Mendez seu irmaõ, Lopo Vasques da Cunha, Martim Affonso de Sousa, Vasco Martinz de Mello o velho; Vasco Martinz o moço, e Martim Affonso de Mello seus filhos, Joaõ Gomez da Silva, D. Lourenço Arcebispo de Braga, Martim Affonso da Charneca, que despois foi tambem Arcebispo de Braga, o Doutor Joaõ das Regras, o Doutor Gil Docem, Fernaõ Rodriguez de Sequeira Comendador mór de Aviz, Joaõ Rodriguez de Sá, Joaõ Affonso de Santarem, Affonso Anes das Leys, e outros, que aqui se naõ contaõ: de que fez el Rey aquelle dia cavaleiros a Joaõ Vasques de Almada, Ruy Vasques de Castel branco, Affonso Pirez da Charneca, Lopo Diaz de Azevedo, Gonçaleanes de Castel de Vide, Antaõ Vasques de Almada, Pedro Lourenço de Tavora, Lopo de Mouraõ, Pedreanes Lobato, Joaõ Lobato, Lopo Affonso da Agoa, Alvaro do Rego, Gonçalo Perez, Rodrigo Affonso de Aragaõ, Pedro Affonso de Ancõra, Joaõ Gonçalvez Vieira, Diogo Lopez Lobo, Estevaõ Fernandez Lobo, Fernaõ Lopez Lobo, Joaõ Fernandez da Arca, Martim Gonçalvez da Repreza tio do Condestabel, Nuno Fernandez de Moraes, Vasco Leitaõ, Martim Gonçalvez de Faria, Vasco Lobeira, Lourenço Mendez de Carvalho, Estevaõ Vasques Goes, Estevaõ Vasques Phelippe, Vasco Martinz de Gá, Estevaõ Fernandez Chammorro, Rodrigo Affonso Lobo, Nuno Viegas o moço, Martim Ichoa, Ruy da Cunha, Martim Gomez Comendador de Aljustrel, Vasco Gonçalvez Teixeira, Pedro Botelho, Vasco Lourenço Meirinho, James Lourenço Cabeça, Alvaro Garcia



cia de Faria, Esteuaõ Lourenço Gayo : dos quaes, e de outros foi el Rey naquella batalha bem servido. Quando el Rey estava em Alenquer (como está dito) mandou chamar os fidalgos, que na Beira residiaõ, de que eraõ os principaes Gonçalo Vasques Coutinho, Martim Vasques da Cunha, Vasco Martinz, e Gil Vasques seus irmaõs, Joaõ Fernandez Pacheco, e Egas Coelho : e por a confiança, que el Rey tinha em Joaõ Fernandez, lhe escreveo, e rogou que elle fosse o que os incitasse a virem, como fez, a se concordarem para a batalha de Trancozo. Sendo aquelles fidalgos rogados del Rey, e solicitados de Joaõ Fernandez Pacheco, davaõ boa reposta, mas dilatavaõ sua vinda. A razão era, porque naõ se lhes podia persuadir que el Rey de Portugal podia com tanto poder. E porque a cousa era taõ duvida, e estava mais á mão crer que os Castelhanos averiaõ a victoria, deixavaõse estar, fazendo conta que, se el Rey de Castella venceffe, como elles cuidavaõ, melhores partidos fariaõ donde estavaõ, que de outra parte. E se o de Portugal ficasse de ganho, seus eraõ todos, e podiaõ escusar sua vinda. E assi o mostrou Martim Vasquez da Cunha, quando el Rey de Castella para ahi veio; que, mandandolhe pedir a Cidade da Guarda, de que era Alcaide mór, respondeo que fosse em boa hora fazer seu negocio; que daquelle, por quem Deos dèsse a sentença, seria a Cidade, e os mais lugares. Em fim Martim Vasques da Cunha, contra a ley de Solon, quiz ficar sendo neutral: Joaõ Fernandez Pacheco, vendo que o tempo da batalha a seu parecer se vinha chegando, partiraõ elle, e Egas Coelho com 60 lanças, e 100 homens de pé escudados. Aquelles fidalgos, que naõ quizeriaõ vir, foraõ muito vituperados de todos, mórmente Gil Vasques da Cunha,



nha , por ser Alferez mór ; e desfizeraõ muito em sua reputaçãõ , e acrecentaraõ muito na del Rey , e do Condestabel ; porque , segundo elles ganharaõ grande nome , e opiniaõ na batalha de Trancofo contra quatrocentas lanças , e duzentos ginetes , e dous mil homens de pé , assi pelos Portuguezes , como pelos Castelhanos se lhe ouvera a elles de attribuir o bom successo , que ouve , e todo o louvor se lhe ouvera de dar. João Fernandez Pacheco se deu tanta pressa por se naõ dar a batalha sem elle estar nella , que em hum dia andou 20 legoas , ficando alguns dos seus divididos pello caminho , que o naõ puderaõ aturar. Estando a batalha pera se dar , assomou , vindo por Porto de Moz , por cima de humma ladeira , que alli faz. Os Castelhanos cuidando que eraõ dos seus , naõ foraõ a elles. E vendo João Fernandez humma pequena companhia de homens de humma banda , e humma mui grande da outra , entendeu que os poucos eraõ os Portuguezes , e se lançou com elles. O qual del Rey , e de toda a gente foi mui festejado , por vir a tal tempo , e com tal pressa , polo qual tinha dito Diogo Lopez Pacheco seu pai , quando lhe el Rey dizia que tardava , que , se João Fernandez seu filho era vivo , elle viria. E por animar a gente dizia João Fernandez , que naõ receassem aquella multidãõ dos Castelhanos ; que , se os conhecessem como elle , que pouco avia lavara as mãos no seu sangue , naõ os teriaõ em muito. Com isto lhes contava o bom successo da batalha de Trancofo , e como sem morte de algum cavaleiro Portuguez pereceraõ tantos Castelhanos , taõ avantejados aos que alli tinhaõ presentes , para lhes dar esperança de outro taõ bom successo na batalha , que esperavaõ.



## CAPITULO LVIII.

*Faz el Rey de Portugal falla , animando os seus soldados : da-se a batalha de Algibarrota.*

**Q**Uando os Castelhanos foraõ prestes de todo, eraõ horas de Vesperas , e a sua batalha estava mui bem ordenada , e em campo chaõ , e capaz de muito maiores exercitos , e naõ em lugar desigual , segundo alguns Historiadores sospeitos dizem , como hoje se vê do mesmo lugar da batalha : porque a terra ( como diz o Sabio ) sempre está em hum estado , e naõ se póde mudar. A grandeza do exercito de Castella , e o apparato delle , era para ver , e o resplandor das armas ricas dos senhores , e fidalgos , que nelle vinhaõ , assi Hespanhoes , como Francezes , que com os grandes penachos , e ornamentos , que traziaõ , faziaõ huma fermoza , e espantoza vista. Os Portuguezes pelo contrario eraõ taõ poucos como está dito , e a mór parte da gente naõ bem ornada , nem armada , por aver naquella companhia taõ poucos grandes , e a mór parte do Reyno estar por Castella ; que quem os vira , e naõ conhecera seus animos , e esforço , mais podera ter delles lastima , e receo , que confiança. Cujá vista junta com os Castelhanos se podera bem comparar com a pouquidade do exercito de Alexandre Magno , quando sahio de Macedonia com os seus armados de armas sem lustre , e ferrugentas , e se ajuntou com o innumeravel exercito dos Persas armados de ricas armas , e douradas. O Condestabel andava a cavallo animando a sua vangarda , desfazendolhe o receo , que podiaõ ter polo desigual numero dos inimigos , cujos apupos , e gritas , que fazia a gente da bagagem , parecia



recia que asombravaõ. Andando nesta occupaçaõ, o Conde D. Joaõ Affonso Tello, que estava na vanguarda dos Castelhanos, lhe mandou por pagens, e desafio per hum seu escudeiro huma espada de armas. O Condestabel a recebeo com alegre sembrante, e lhe mandou em retorno huma facha de chumbo. El Rey, que aquella manhãa mui cedo se confessara, e tomara o Sanctissimo Sacramento, e a bençaõ do Arcebispo de Braga, pôs nos peitos huma Cruz vermelha; e o mesmo fizeraõ os seus. Feito isto com rosto ledõ, e que mostrava ter certa a victoria, com palavras de muita efficacia animou os seus de maneira, que sofriaõ já mal a tardança da batalha. Por outra parte andava o Arcebispo de Braga armado de todas as armas com sua Cruz adiante levantada, fazendo o mesmo, absolvendo a todos, e outorgandolhes as Indulgencias, que o Papa Urbano concedia aos que peleijavaõ contra os scismaticos, como entaõ eraõ os Castelhanos, por seguirem Clemente Antipapa; e amoeitando a todos o Arcebispo, que ao tempo de começar a ferir nos inimigos, dissesse cada hum a meude: *Et Verbum caro factum est*. Alguns dos homens plebeos, e ignorantes perguntavaõ, que queriaõ dizer aquellas palavras? e respondendolhes alguns graciosos, que queriaõ dizer *mui caro feito he este*, diziaõ elles como homens, em que não avia medo: *Verdade he, mas quererá Deos que seja hoje barato*.

Os Castelhanos estavaõ taõ confiados em vencerem, que não pareceo necessario a seus Capitaes esforçalos com palavras, mas tinhaõ os Portuguezes por fandeus, e temerarios em se atreverem a os esperar; e não tratavaõ já sennaõ dos que mata-riaõ, e dos que deixariaõ cativos. Sómente dous Bispos, e alguns Frades Prégadores outorgavaõ Indulgencias do Antipapa Clemente contra os Portu-  
li ii
guezes,



guezes , a que elles tambem chamavaõ scismaticos.

Antes de romperem as batalhas , alguns piaés dos Portuguezes , que feriaõ até 30 , se lairaõ dentro a carruagem , onde foraõ postos com outros para guarda della ; e fugindo para Porto de Moz , os ginetes dos Castelhanos , que andavaõ ao redor da carruagem , os seguiraõ , e mataraõ ; o que fez naõ fugirem os daquella parte. Os da vanguarda dos Castelhanos , sendo já passada a hora de Vespóra , posto que fossem tantos , e tambem guarnecidos , ainda naõ acometiaõ aos Portuguezes , mas primeiro lhes fizeraõ muitos tiros dos que traziaõ diante , para espantar os inimigos , e os fazer fugir ; com que fizeraõ algum dano , e mataraõ dous irmãos escudeiros do Condestabel , ambos juntamente , o que alguns dos Portuguezes tomaraõ por mau final , e principio infausito : e vendo hum escudeiro este temor , e agouro , disse que naõ avia de que se espantarem , antes o deviaõ ter por bom final , e de Deos lhes dar victoria ; porque aquelles dous irmãos naõ avia oito dias , que elle os vira matar em huma Igreja a hum Clerigo , que estava reveftido dizendo Missa : e que estava claro que Deos quiz purgar , e expiar aquelle exercito com a sua morte , e naõ permittio que aquelles fossem participantes da victoria , que naquelle dia avia de dar aos Portuguezes : ouvindo aquillo , o tiveraõ por juizo Divino , e tomaraõ confiança. Finalmente as batalhas se ajuntaraõ a som de trombetas , que de ambas as partes se tocaraõ , apelidando os Castelhanos *Castilha* , e *Sanctiago* ; e os Portuguezes *Portugal* , e *S. Jorge* : e se encontraraõ com grande impeto , vindo o Conde D. Joaõ Affonso Tello na dianteira da vanguarda diante dos outros espaço de huma lança , e o Condestabel Nuno Alvarez diante da sua bandeira. Alli se affinalou Gonçalo Anes de Castel



Castel de Vide, que prometeo ser o primeiro que ferisse de lança, o qual foi derrubado; mas sendo socorrido, se levantou. Ao ajuntar das batalhas se ferirão huns, e outros cruelmente: os bésteiros fazião seu officio, que, por serem tantos os da parte dos Castelhanos, parecia que choviaõ settas, e virotoës sobre os Portuguezes; outros se serviaõ de pedradas. Os ginetes Castelhanos trabalhavaõ quanto podiaõ por entrar na carruagem dos Portuguezes; mas o trabalho foi em vão, porque este lugar estava apercebido de maneira, que lhe não puderaõ fazer dano. Os Castelhanos quando viraõ que a batalha se dava a pé, o que elles não cuidavaõ, nem quizerãõ, cortaraõ as lanças, que traziaõ para as menear melhor; do que despois se arrependeraõ. E deixadas as lanças, vieraõ ás maças, e ás espadas, que entãõ eraõ curtas, e largas, e lhe chamavaõ estoques. O lugar, aonde a peleja começou, foi junto com a bandeira do Condestabel, onde agora está a Ermida de S. Jorge, que elle despois no proprio lugar mandou fazer. Alli se travou humma forte, e crua peleja, onde ouve golpes, que pareciaõ dos que contaõ as fabulas antigas. Tanto fervor avia nos Portuguezes, por se livrarem da sogeiçaõ, e defenderem sua terra; e nos Castelhanos por os subjugarem, e tomarem delles vingança! E por a vanguarda dos Castelhanos ser de tanta gente, e dobrada, e a dos Portuguezes singella, foi rota a dos Portuguezes, e entrada de muitos, que abriraõ hum grande portal, por onde entrou a mór parte da gente contraria da vanguarda com bandeira de Castella até perto donde estava a do Condestabel; e alli foi a maior força da peleja. As alas, em que vinhaõ Mem Rodriguez, e Antaõ Vasques, quando viraõ isto, dobraraõ sobre elles, e ficaraõ entre a vanguarda, e a retaguarda, onde  
huns,



huns , e outros pelejavaõ mui esforçadamente , de maneira que os golpes se ouviaõ dalli a grande espaço. Na ala dos namorados , que os Castelhanos cuidavaõ desbaratar primeiro que tudo , foi dobrado o trabalho , onde Mem Rodriguez , e seu irmão Ruy Mendez , e outros fidalgos foraõ muito feridos , naquella parte mais , que em outro lugar. El Rey quando vio a vanguarda rota , e o Condestabel em tamanha pressa , abalou rijamente com sua Bandeira Real , dizendo em voz alta : Senhores , avante , *S. Forge , Portugal , que eu sou el Rey* ( Isto dizia el Rey , porque té entaõ , dizem , que os Princepes , nem outros cavaleiros usavaõ trazer cotas de armas , por as quaes fossem conhecidos nas batalhas ) E tanto que chegou aonde era aquella pressa , e grande trabalho dos seus , deixada a lança , começou de ferir de facha com tanta desenvoltura , e ardil , como qualquer cavaleiro deseioso de ganhar honra por seu braço. Andando assi ferindo a huma parte , e outra , a caso se encontrou com elle Alvaro Gonçalvez do Sandoval , homem mancebo , e cazado de pouco , que era hum esforçado cavaleiro. E alçando el Rey a facha pera lhe dar , elle recebeo o golpe , e travou por ella taõ rijo , que a tirou a el Rey das mãos , e o fez ajoelhar de ambos os joelhos ; e foi logo levantado por Martim Gonçalvez de Macedo , hum homem fidalgo , que se achou em muitas cousas de seu serviço. E quando Alvaro Gonçalvez alçou a facha para dar a el Rey com ella , elle recebeo o golpe , e a tirou a Alvaro Gonçalvez das mãos , assi como lhe fizera a elle ; e querendolhe dar com ella , já estava morto pelos que ahi estavaõ presentes. Crecendo cada vez mais a furia da batalha , e sendo mui renhida de ambas as partes , a bandeira Real de Castella foi abatida , e o Pendaõ da deviza com ella ,



ella, e alguns dos Castelhanos começaraõ de voltar atraz os pagens Portuguezes, que tinhaõ os cavallos; e muitos dos outros, que com elles estavaõ, começaraõ altas vozes a bradar: *Já fogem os Castelhanos, já fogem*; e elles na verdade o faziaõ assi. El Rey de Castella vendo sua bandeira abatida, e que os seus voltavaõ atrás, e se acolhiaõ nos cavallos, que achavaõ; e que os Portuguezes levavaõ o melhor da batalha, antes de se acabar de perder, determinou de se retrahir, e irse. Pedro Gonçalvez de Mendoça rico homem, e seu Mordomo mór, quando vio que contra seu parecer, e de outros cavaleiros velhos se dava a batalha sem ordem, como homem, que entendia o fim della, se poz sempre junto da pessoa del Rey, para lhe acodir quando cumprisse; e o deceo da mula, em que andava por sua indisposiçaõ, e o subio em hum cavallo, e poz fóra do perigo: e querendo tornar, el Rey lho não contentia; mas elle se veio: e dizendo-lhe alguns dos que fogiaõ da batalha, para que tornava a ella, estando já todos desbaratados, disse que tornava a morrer, por lhe não dizerem as Donas de Guadalajara, que lhe trouxe seus maridos, e seus filhos a morrer, e que tornava elle vivo; e assi tornando á batalha para esses, que ainda ficavaõ na peleja, acabou valerosamente pelejando.



## CAPITULO LIX.

*He desbaratado o Campo Castelhana : foge seu Rey.  
Ha el Rey de Portugal a victoria , e grande  
despojo do inimigo.*

**A** Batida a bandeira dos Castelhanos , e ido el Rey , e muitos fugidos ; e sendo já morto grande numero de homens , assi de cavallo como de pé , e quasi todos os Portuguezes , que com os Castelhanos vinhaõ na dianteira da vanguarda , disse el Rey ao Condestabel , que acodisse á gente de pé da retaguarda , que estava em grande aperto , pola muita gente , que carregava sobre elles ; o que era assi em effeito , porque o Mestre de Alcantara D. Gonçalo Nunez de Gulmaõ estava a cavallo com certos ginetes nas espaldas dos Portuguezes , e queria pelejar com os bésteiros , e homens de pé , que estavaõ alli postos por guarda da carruagem. Os quaes se defendiaõ de maneira , que os de cavallo lhe não podiaõ fazer dano , antes os recebiaõ delles , morrendo alguns dos tiros , e das lanças de arremego. E elles aos Portuguezes fizeram proveito , porque os piaës daquela parte , ainda que quizessem fugir , o não podiaõ fazer. E assi lhes cumpria defenderemse. Depois o entenderaõ os Castelhanos , considerando que não deixaraõ portal aberto , por onde podersem fugir os Portuguezes , e lhes ficava necessario o pelejar. E logo o Conde tornou contra a retaguarda , assi a pé como estava : e por andar mui cansado do trabalho da batalha , e estar armado , e aver grande calma , quaes saõ as do mez de Agosto , não podia ir taõ á pressa como quizera : polo que Pedro Botelho Comendador mór de Christo , que vinha encima de



de hum bom cavalo, lho deu, vendoo ir a pé; e nelle foi aos da retaguarda, que achou em tanto perigo, e trabalho, por serem os Castelhanos muitos, que estavaõ já pera serem rotos. Mas, como o Condestabel chegou, cobraraõ tal esforço, e resistiraõ de maneira, que não ouzaraõ os Castelhanos chegar a elles. Vendo os Castelhanos que seu Rey fugira da batalha, e que de toda a parte eraõ vencidos, e perdendo a esperança, e com ella a vontade de pelejar, começaraõ a tornar atraz, e delemprar o campo, e em mui breve espaço amainou todo o fervor daquelle grande, e lustrozo exercito de homens taõ grandes em estado, e cavalaria, porque não durou a batalha mais que meia hora até mostrar ser vencida. Naquelle tempo se viraõ muitos cavalgar nas bestas, que podiaõ alcançar para se porem em salvo. Outros se descarregavaõ das armas, que tinhaõ vestidas; outros fugiaõ a pé, e se hiaõ desarmados, para andar mais ligeiramente; outros mudavaõ os trages, por não serem conhecidos, e escaparem; mas a lingua os descobria, e eraõ tomados, ou mortos; outros, que não tinhaõ boas cavalgaduras, e os que polo cançasso, e afronta não podiaõ fugir á sua vontade, metiaõse pellos matos; e por não saberem o caminho, andavaõ de huma parte á outra, sem acharem onde se acolher: polo que a gente da terra, que acudio o outro dia ao lugar da batalha, os matava; e se se queriaõ defender, vinhaõ outros, que os acabavaõ de matar: e por o lugar, onde a batalha se deu, ser campina raza, não se podiaõ esconder ao perto, senaõ longe: e assi os tomavaõ a certos passos a gente baixa, cuja natureza he menos piedosa, e faziaõ nelles grande mortandade, principalmente nos que fugiaõ a pé, como homens, que hiaõ derramados sem pastor, e sem



coração, e por terra de inimigos, qualquer rustico aldeão matava sete, e oito, e os prendia, sem elles lhe resistirem. Aos Portuguezes, que pelejavaõ por Castella, matavaõ de melhor vontade; e se alguem lhes queria perdoar por parentesco, ou amizade, nas mesmas mãos lhos matavaõ, ainda que fossem dos mais nobres. Nem valeo a Diogo Alvarez Pereira ser irmão do Condestavel, nem ser entregue por el Rey a Egas Coelho que o guardasse, que nas mãos lho não mataassem. El Rey cansado do grande trabalho, que passara, lançou-se a repouzar sobre hum vil, e baixo encosto, que alli achou, até que lhe viesse algum cavalo, em que cavalgasse; e tendo presos junto consigo D. Pedro de Castro, e Vasco Pires de Camoës; e jazendo assi daquella maneira, chegou Antão Vasques de Almada embrulhado na Bandeira Real de Castella, e a apresentou a el Rey, vindo bailando com ella por graça; ao que el Rey não respondeo cousa alguma, nem fez mais que rir-se, e a mandou guardar. Alli ouve differença entre Lourenço Martinz do Avellal, e outros, dizendo cada hum, que elle dirribara a Bandeira: mas não se soube de certo quem fora. Estando fallando nisto, chegou hum pagem del Rey com o cavalo, e trazia hum Castelhana preso encima de huma mula, com as esporas no braço, e o loudel vestido ás avessas, por não ser conhecido, e o matarem. El Rey quando assi vio hum homem, que parecia de bem, e de bom corpo, lhe perguntou como se deixava assi prender daquelle moço? ao que elle respondeo, que melhor era que o prendesse aquelle moço, que matallo o melhor homem de armas, que el Rey alli trazia. Então fez el Rey cavalgar o Castelhana na mulla para reconhecer os mortos, e lhos mostrar, e dizer os nomes dos que conhecia. Os quaes

o Caf-



Castelhano lhe mostrou , fazendo grande pranto quando achava algum daquelles grandes. Alli se tomou grande , e rico despojo de ouro , prata , baixelas , e guarniçoens de muito preço , cavalos , mulas , e armas , assi del Rey , como dos senhores , que com elle vinhaõ , que traziaõ naõ para a guerra , e para logo se tornarem , mas para estarem no Reyno , e triunfarem delle como couza , que era sua.

C A P I T U L O L X .

*Numero da gente , que morreo nesta batalha de Algibarrota : levanta el Rey seu arraial : fazemse festas em Lisboa.*

**N**O numero dos que na batalha morrerãõ de huma , e outra parte , ha entre os Escriptores muita diversidade. Os Castelhanos , que disso escreveraõ , naõ contaõ o seus quantos foraõ , nem nomeaõ , senaõ mui poucos , deixando de nomear taõ grandes homens , cuidando que era mais honrozo á sua naçaõ passalos com silencio , sendo tanto ao contrario ; porque homens taõ nobres , e taõ valerosos , que morrerãõ pelejando ante seu Rey , e por couza tanto de sua honra , e despois sem seu Rey , que os desemparrou na batalha , naõ se ouvera de encubrir sua memoria , mas ficar viva para honra sua , e incitamento de sua descendencia ; porque o vencer , e ser vencido , muitas vezes he da fortuna ; e por isso se diz que em nenhuma couza ella mais domina , que na guerra. Polydoro Virgilio homem docto , e de naçaõ Italiano , que na lingua Latina escreveo a Historia de Inglaterra , com pouca honra sua , como acontece aos que escrevem historias alheas , e o que naõ viraõ , mas só



por informaçoes mal tomadas , contando o processo desta batalha , veio a dizer mil desconcertos , dando muita parte desta victoria ao Conde de Cambris , por adular aos Ingrezes ; dizendo que viera a Portugal ajudar el Rey D. Joaõ , e que com o esforço dos seus se vencera esta batalha : fendo isto mera falsidade ; porque a vinda deste Conde foi em tempo del Rey D. Fernando , de que elle , e sua mulher foraõ taõ descontentes , como está dito na vida do dito Rey. Apoz este erro diz outro , que da parte dos Castelhanos morreraõ dez mil homens , e foraõ prezos mil ; e que dos Portuguezes morreraõ perto de dous mil , e dos Ingrezes seiscentos. Semelhantes cousas desta batalha conta Frossardo historiador Francez taõ longe da verdade por outras taes informaçoes. A verdade disto he o que escreve Fernaõ Lopez Chronista Portuguez , vizinho daquelles tempos , conforme a huma carta do mesmo Rey D. Joaõ , que á Cidade de Lisboa escreveu , dandolhe conta da batalha , e successo della , por que se vê que os que nella morreraõ da parte dos Castelhanos foraõ duas mil e quinhentas lancas , e da gente de pé mui grande numero , a que se não soube conto certo ; porque muitos dos que escaparaõ da batalha , morreraõ em diversos lugares dos caminhos , onde os tomavaõ , por irem a pé , e terem longe os lugares , que estavaõ por Castella , em que se podessem recolher. O que consta certo he , que os de cavalo foraõ os mais nobres , e grandes senhores do exercito , porque não ouve naquelle tempo casa em Castella , e seus senhorios , em que não ouvesse luto , e falta de pai , filhos , irmaõs , parentes , ou senhores. Os de que ha melhor lembrança , foraõ D. Pedro filho de D. Affonso Marquez de Vilhena primeiro Condestabel de Castella da Casa Real de Aragaõ , cunhado del Rey de Castel-



Castella , D. Joaõ de Castella senhor de Aguilar de Castanheda filho do Conde D. Tello , senhor que foi de Viscaya , D. Fernando filho do Conde D. Sancho , neto del Rey D. Affonso nono , e primo com irmaõ del Rey , D. Pedro Diaz Prior de S. Joaõ , o Conde de Vilhalpando , D. Diogo Manrique Adiantado maior de Castella , D. Pedro Gonçalvez de Mendoça Mordomo mór del Rey , D. Joaõ Fernandez de Tovar Almirante de Castella , D. Diogo Gomez Manrique , D. Diogo Gomez Sarmiento Adiantado de Galliza , Pedro Gonçalvez Carrilho Marichal de Castella , Joaõ Perez de Godoy filho do Mestre de Santiago , D. Pedro Moniz de Godoy , que antes fora Mestre de Calatrava , Fernaõ Carrilho de Priego , Fernaõ Carrilho de Maquello , Alvaro Gonçalvez de Sandoval , Fernaõ Gonçalvez de Sandoval seu irmaõ , D. Joaõ Ramirez de Arelhano senhor dos Cameros , Joaõ Ortiz senhor de las Cuevas , Ruy Fernandes de Tovar , Goterre Gonçalvez de Quirõs , Gonçalo Affonso de Cervantes , Diogo de Tovar , Ruy Barba , Diogo Garcia de Toledo , Joaõ Alvarez Maldonado , Garcia Dias Carrilho , Lopo Fernandez de Sevilha , João Affonso de Alcantara , D. Gonçalo Fernandez de Cordova , Pedro de Velasco , Ruy Dias de Rojas , Gonçalo Gonçalvez de Avila , Sancho Carrilho , Joaõ Duque , Ruy Vasques de Cordova , D. Pedro Buil , e hum seu filho , Pero Gomez de Parras , e dous filhos seus , Ruy de Tovar irmaõ do Almirante , o Commendador mór de Calatrava , Gomes Goterrez de Sandoval , Alvaro Nunez Cabeça de vaça , Lopo Fernandez de Padilha , Joaõ Fernandez de Moxica , Pero Soares de Toledo , Fernaõ Rodriguez de Escovar , Alvaro Rodriguez de Escovar , Lopo Rodriguez de Assa , Ruy Ninho , Lopo Ninho , Joaõ Ninho irmaõs , Garcia Gon-



Gonçalvez de Quiroz , Lopo Gonçalvez de Quiroz irmãos , Sancho Fernandez de Tovar , Ayrez Pirez de Camoës galego. Dos Francezes morrerão Monsieur de la Ria Embaixador del Rey de França , Geofroy Richon , Mossem Geofroy de Partenay , e outros muitos dos Gascoens , Mossem Arnao Lemisin , Monsieur de Longas , Monsieur de Lospre , Monsieur de Beaim , Monsieur de Bordes , Monsieur de Moriana , Mossem Pedro de Ber , Mossem Bertrando de Berges , Mossem Raymondo Donhach , Mossem João Aforlege , Mossem Manaut de Saramen , Mossem Pedro de Salabieres , Mossem Stefano de Valentin , Mossem Raymundo de Courasse , Mossem Pedro de Hausane , e a fora estes outros muitos cavaleiros de Gascon. Dos fidalgos Portuguezes , que seguiaõ a el Rey de Castella , morrerão D. João Affonso Tello Almirante de Portugal , Conde de Mayorga , que já fora de Barcellos , irmão da Rainha Dona Leanor , que foi causa de se dar a Batalha ; D. Pedro Alvarez Pereira Mestre de Calatrava , e Diogo Alvarez Pereira irmãos do Condestabel de Portugal , Gonçalo Vazquez de Azevedo , Alvaro Gonçalvez de Azevedo seu filho , João Gonçalvez Alcaide mór de Obidos , Garcia Rodriguez Taborda Alcaide mór de Leiria , e outros muitos , cujos nomes não lembraõ.

Os Portuguezes , que morrerão da parte del Rey de Portugal , foraõ Vasco Martinz de Mello , que , por cumprir o voto que fizera de prender el Rey de Castella , ou de pôr as mãos nelle , vendoo fugir se foi só apôs elle ; e metendose entre a gente , que o acompanhava , foi conhecido pola Cruz de S. Jorge que era Portuguez , e foi logo morto por sua , se generosa , imprudente ouzadia , e mais temeraria promessa. Na batalha morrerão

Ber-



Bernardo Solla , Mossem João de Monferrara Gascão , e Martim Gil de Corexas , e alguns poucos de pequeno nome ; dos homens de pé com os trinta , que á primeira fugirão de entre a carruagem (como está dito) morrerão até cento e sincoenta , e não todos na batalha. Porque , tendo ella já vencida , vindo muitos Castelhanos de cavalo tomar a prata da baixella , e Capella de seu Rey , sobre que ouve grande arroido , nelle morrerão parte destes Portuguezes de pé , e hum só de cavalo , por nome Mendo Affonso de Beja.

Esta foi a celebrada batalha de Algibarrota , assi chamada , por se dar junto de huma pequena povoação daquelle nome. A qual foi huma das mais memoraveis , que entre Christãos ouve em Hespanha , respeitando o pouco espaço , em que se venceu , e a grande potencia do Rey vencido , e a pouca , que então tinha o vencedor , e ser o successo della o Juiz , porque se acabou tão grande litigio , como era a successão de dous Reynos , e por os Capitaes daquelle feito serem dous mancebos de tão pouca idade , como era el Rey D. João de pouco mais de vinte e seis annos , e o Condestabel D. Nunalvarez pouco mais de vinte e quatro , contra tantos , e tão grandes Capitaes como el Rey de Castella tinha exercitados nas guerras avia tantos annos , a fora os estrangeiros , de que se ajudou.

Acabada a batalha , fazendo-se já tarde , andou o Condestabel mui occupado em pôr guarda no arraial ; e acabando alta noite , sem ainda ter comido aquelle dia , foi ver el Rey á sua tenda , que despois da victoria ainda o não tinha visto. E falando em cousas daquelle batalha , assi elles , como todos os mais tinhaõ aquelle successo por milagroso , e davaõ muitas graças a Deos por elle. E , segundo



gundo o costume das batalhas , el Rey esteve tres dias no campo ; mas porque o fedor dos corpos mortos era intoleravel , por ser estio , e os dias de grandes calmas , não se deteve mais ; e mandando primeiro enterrar dos imigos o corpo do Conde D. Affonso Tello , e levar do campo para o Mosteiro de Alcobaça , que he dahi tres legoas , e os corpos dos Portuguezes , que morrerão na batalha , partio para lá com seu arraial cheio de honra , e de riquissimos despojos , como cada hum quiz tomar , sem el Rey , nem o Condestabel quererem parte , tirando hum grande Cruz de ouro , e pedraria , em que vinha o lenho da Vera Cruz ; o que el Rey de Castella trazia em sua Capella , e sohia estar em Burgos , o qual o Condestabel ouve , e remio de hum escudeiro seu com promessa de grande mercê.

Partio el Rey , e foi assentar seu arraial á Ponte da Chaqueda perto do Mosteiro de Alcobaça , e ahi acharão muitos Castelhanos mortos , dos que fugião , e foraõ tomados naquelle paço dos homens , que o Abbade de Alcobaça mandava com mantimentos ao arraial. E entre outros mortos estava mui feio , e com muitas feridas Ruy Diaz de Rojas , cuja molher era Camareira del Rey , ao costume daquelle tempo , que os Reys , e Princepes assi em Castella , como em Portugal , tinhaõ molheres , que lhes alimpavaõ os vestidos , e lhos perfumavaõ , a que chamavaõ cuvillheiras , que he tanto como cubicularias , ou camareiras. E esta molher quando os senhores entravaõ na Camara del Rey , levantavalhes as roupas , e perfumavaos , e dizialhes em desprezo dos Portuguezes , que lhes fazia aquillo , porque perdessem os maos cheiros , que traziaõ das casas daquelles chamorros , cujos hospedes eraõ. E ao tempo , que el Rey chegava áquel-

la



la ponte, Diogo Lopez Lobo levava esta Dóna preza. E vendo ella jazer seu marido assi morto, que posto que estivesse mui feio, e acutilado, o conheceo, começou de chorar, e fazer grande pranto sobre elle, e hum homem de pé, que a conhecia, e sabia o que dizia dos Chamorros; aos que presumava, disse contra ella: Dona honrada, que he feito das rozas defumadiças, que punheis aos que hiaõ ao Paço? Mister avia agora vosso marido humas poucas dellas, que taõ mal cheira alli aonde jaz. E com estas palavras a pobre molher chorava mais. Tantos revezes da fortuna póde cada hum temer, quando a seu parecer está seguro, que sempre deve de ter por sospeito, e inconstante o melhor estado, em que se vê.

Como a Cidade de Lisboa amava como mãi a el Rey D. João, e com razãõ o podia chamar feitura sua, pois os moradores della o elegeraõ por defensor do Reyno, e o constrangeraõ a se não ir delle, e meteraõ o sceptro na mão, e se temiaõ por isso mais, que nenhum lugar outro do Reyno, da ira del Rey de Castella, que desejava assolala, estava mui solícita antes da batalha, e fazia muitas procissões, e rogativas a Deos. E em congregação de letrados, e varoẽs Religiosos, que na Camara ajuntaraõ, fizeraõ votos, prometendo a Deos de os guardarem para sempre, e de nunca mais usarem de superstiçãos, feitiços, encantamentos, invocaçoens de demonios, e sortes; e de deixarem todos os ritos gentilicos, como he cantar janeiras, fazer mayas, e outras festas em outros mezes, nem se carpirem sobre finados, nem se depenarem cabellos sobre elles, como até entãõ se faziaõ; sobpena de terem o finado oito dias em casa por enterrar; e certas penas de dinheiro. E assi quando chegou certa nova da grande victoria, que



el Rey ouvera , se fizeraõ na Cidade grandes festas , e ordenaraõ huma solemne procissãõ , em que de todo o estado de homens , e molheres foraõ descalços a N. Senhora da Escada , que entãõ era casa de grande devoçaõ : nella levavaõ com grande triunfo a Imagem de S. Jorge. E quando lhes el Rey mandou a bandeira Real de Castella , em que vinhaõ juntas as armas de Portugal , e tambem os pendomens das armas de Castella , e outra devisa del Rey do falcaõ , e outras bandeiras , que foraõ tomadas com as mais dos senhores grandes na batalha ; os Cidadaõs de Lisboa foraõ todos armados a recebellas , e em grande procissãõ trouxeraõ huma bandeira das armas de Portugal levantada , e as outras todas de Castella por ordem huma diante da outra arrastando. E vindo á Igreja Cathedral , ouve hum Sermaõ , em que se tratou das maravilhas , que Deos com os Portuguezes usára. E assi como antes da batalha se obrigou a Cidade a votos , assi fez despois della de certas procissoes , que em cada hum anno se aviaõ de fazer. De que ficou huma procissãõ solemne , como a de Corpus Christi , que hia ao Mosteiro de N. S. da Graça vespora da Assumpçaõ de N. S. , que foi o dia da batalha ; e na prégacaõ se recontava a batalha , e a victoria , que os Portuguezes ouveraõ dos Castelhanos. Acabouse a solemnidade desta procissãõ com as occasioens do tempo ; mas renovouse com a feliz acclamaçaõ del Rey D. Joaõ o IV. na restauraçãõ do Reyno , a pezar da inveja , que a pozera em esquecimento. Assi como em Lisboa ouve grandes festas , e alegrias por esta victoria , assi foi geral em todo o Reyno ; de maneira que naõ avia lugar em Portugal , em que naõ ouvesse festa , e contentamento , ainda nos que estavaõ por el Rey de Castella : e polo contrario nenhum avia em Castella ,



la , em que naõ ouvesse pranto , gemidos , e des-  
consolaçoẽs por parentes , senhores , ou amigos.

C A P I T U L O LXI.

*Acolhese el Rey de Castella da batalha para San-  
ctarem , e dahi para Sevilha , mostrando gran-  
de sentimento.*

**T**Ornando ao caminho , que el Rey de Castel-  
la levou , elle o continuou sem fazer deten-  
ça ; e cansou o cavalo , que levava , e deraõ-  
lhe outro. O que guiou a el Rey por aquelle ca-  
minho , para que naõ cahisse em perigo da morte ,  
ou de prizaõ , dizem que foi hum fidalgo Castelha-  
no , que por alcunha se dizia Lhama , que , como  
homem que sabia a terra , se offereceo a el Rey  
para o pôr em salvo ; e por este serviço , dizem ,  
lhe fez el Rey mercê das terras do Infantado de  
Bavia. Tendo el Rey andado onze legoas e meia ,  
que avia do lugar de Algibarrota a Sanctarem ,  
chegou á Villa á meia noite , e poucos com elle ,  
por lhe cansarem os cavalos : vindo á porta do cas-  
tello , e batendo os seus que viessem abrir a el  
Rey , Rodrigo Alvarez de Santorio , sobrinho de  
Diogo Gomez Sarmiento , que no castello ficara por  
seu tio , naõ crendo que era assi , e duvidando mui-  
to , naõ queria abrir a porta ; e el Rey lhe disse ,  
que era el Rey , que nunca fora. Rodrigo Alvarez  
quando o conheceo na fala , veio á pressa abrir a  
porta , e el Rey entrou com o rosto cuberto , como  
vinha , e assentou-se em hum banco com vulto tris-  
te. E porque elle era doente de maleitas , e aquel-  
le dia o da cezaõ , e em poucas horas andara tan-  
to caminho , acrescentavaselhe a tristeza. Estando  
assi assentado hum pouco , naõ ouzando alguem



falarlhe, levantouse rijo, e começou de falar consigo, dizendo grandes magoas, pedindo a Deos lhe desse a morte, pois fora tão mau Rey, e sem ventura, que não morrerá com os seus. E indo depressa para huma parede, deu com as mãos nas faces; e ficando as palmas no rosto, pôs a cabeça na parede, e chorando dizia: Ó bons vassallos, e amigos, que mau Rey, e que mau companheiro tivestes em mim, que vos trouxe todos a morrer, e não vos vali! E quando voltou o rosto, os seus o consolavao, dizendolhe: Que, se perdera a gente, não perdera seu Estado; que gente lhe ficava em Castella, com que cobraria o que perdera, e tornaria a aver seu Reyno. A isto respondeo el Rey: Se elle perdera Castella, e lhe ficaraõ os seus, que lhe morrerãõ, confiava que com elles podera cobrar Castella, e Portugal; mas, pois que seus fidalgos eraõ mortos, tudo tinha por perdido, e elle estava o mais envergonhado Rey, que ouve no mundo. Em dizendo isto, tornava-se a assentar: e mandou que lhe torrassem huma fatia de pão para comer. Gomez Perez de Val de Rabanos vendo em el Rey aquella fraqueza de animo, e do corpo, e que não podia comer o que pedio, começou de lhe falar aspero, e reprehendolo dizendo, que tomasse exemplo de seu pai, que, sendo vencido, e desbaratado na batalha de Najara, e vindo por terras alheas, nunca mostrou falta de coração, e trabalhou com que vingasse sua perda, e pelejou com as gentes del Rey D. Pedro seu irmão, e o venceu, e lhe tomou o Reyno: e que assi avia elle de fazer. El Rey lhe respondeo, que bem sabia que já muitos, e grandes Reys foraõ vencidos; e que assi aconteceu a seu pai; mas que seu pai fora vencido do Principe de Gales, que era hum grande senhor, e tão venturoso, que, pelejando com el Rey de França,



ça, o venceu, e levou prezo a Inglaterra; e que fora vencido de Ingrezes, que eraõ flor da cavallaria do mundo; e que, vencido por elles, não deixava de ser honrado. Mas que elle fora vencido, e desbaratado do Mestre de Aviz, que nunca fizera couza, que fosse para contar, e que fora vencido dos Chamorros. Assi chamavaõ os Castelhanos naquelle tempo, e ainda despois, aos Portuguezes por desprezo, parece porque se costumaraõ a trofquiar contra o costume da outra gente de Hespanha, que traziaõ cabelleiras largas. Porque Chamorro quer dizer trofquiado; e assi chamavaõ, e chamaõ hoje alguns Castelhanos, chamorras as ovelhas trofquiadas.

E como el Rey de Castella tinha para si que todos os seus eraõ mortos, e aos homens desfavorecidos da fortuna, e postos em alguma miseria persegue mais o medo, que aos outros homens, receava-se do que estava seguro: e cuidando que estando em Santarem algum espaço da noite, podia receber algum dano, mandou que lhe fizessem prestes huma barca, em que logo se podesse ir a Lisboa. E com alguns dos seus entrou nella, levando o rosto cuberto, e só quatro tochas mui baixas, que o alumiavaõ. Ao outro dia seguinte, que era dia de Nossa Senhora, a hora da terça, chegou a Cidade, e esteve aquelle dia, e o seguinte em huma nao; e á quinta feira, que eraõ dezafete de Agosto, partio para Sevilha em huma galé, que acompanhavaõ outras tres: e á armada mandou que se fosse como tivesse tempo. A entrada del Rey em Sevilha foi de noite, receando o clamor, e choro das gentes: e sabendose ao outro dia como viera, e de que maneira, se fez polos homens honrados, e Donas da Cidade tal pranto, por filhos, maridos, parentes, e senhores, que era couza



sa horrenda, e lastimosa. E assi continuavaõ nisto cada dia, com que el Rey recebia grande pena, e tristeza; e constrangido desta magoa, se foi logo para Carmona, que he dahi seis legoas. E o dia, que chegou a Sevilha, mandou os seus officiaes alimparlhe os Paços: faziaõ vir os Portuguezes, que estavaõ cativos nas Tarracenas, que foraõ tomados nas naos do Porto, quando foi a peleja da armada de Lisboa, para os varrerem, e alimparem: e andando varrendo huma falla, em que el Rey estava, hum criado del Rey deu hum couce a hum Portuguez, dizendo que varresse prestes, chamandolhe mui roins nomes. El Rey, que vio aquillo, agastoulhe muito com aquelle seu criado, dizendo: Deixaioes em hora má; que os Portuguezes saõ bons, e leaes, e naõ ha razãõ para se lhes fazer mal; porque os que foraõ contra mim, me venceraõ servindo a seu senhor; e os que me seguiraõ, eu os vi morrer todos ante mim; e os meus me tiraõ a Coroa da cabeça. E ao outro dia mandou que soltassem todos os Portuguezes. O trajo del Rey naquelles dias, era vestirse todo de negro, e assi a cama, e meza, e paramentos, como a quem acontecera o mais grave caso, que podia acontecer.

A Rainha Dona Britis, que ficara em Avila, quando lhe deraõ as novas da perda da batalha, cahio em terra como morta, e em sua casa se fizeraõ grandes prantos; e muito mais, por naõ aver novas del Rey, se era vivo. E o mesmo foi por todas as Cidades de Castella, que a todos tocava, assi por os mortos, como polos vivos, de que naõ sabiaõ parte. E como naturalmente o mal se crê mais facilmente, que o bem, porque acontece mais vezes, todos tinhaõ para si que el Rey era morto, e os parentes, que cada hum tinha na guerra: polo que, alvoroados os de Avila, principal-



principalmente a gente popular, diziaõ que fossem logo matar a Rainha, como causadora de tanto mal; e aos Portuguezes todos, que com ella estavaõ. E sendo já muita gente junta, a que isto parecia bem, outros estavaõ em duvida não sabendo o que fizessem. Nisto chegou o Arcebispo de Toledo, que ficara em guarda da Rainha para os pacificar, dizendo-lhes que estivessem quedos, porque não sabiaõ em certo se aquellas novas eraõ verdadeiras. E que se seguiria daquelle feito grande perigo: porque, se el Rey era vivo, e prezo, tinha remedio sua prizaõ; e mais facil seria sua soltura, sendo sua mulher viva, e os que com ella estavaõ. E que se el Rey era morto, ainda lhes ficava tempo para fazerem o que quizessem: e por tanto que se aquietassem, até saber o que passava. E assi cessou aquella gente da furia, e mau proposito, em que estavaõ.

## CAPITULO LXII.

*Ha el Rey de Portugal o Castello de Sanctarem. Da prizaõ de Pedro Lopez: vai-se para Castella, e outras pessoas illustres.*

**A**O tempo que el Rey de Castella chegou a Sanctarem desbaratado, ficaraõ mui confusos o Mestre de Christo, e o Prior de S. Joaõ, e Rodrigo Alvarez Pereira irmaõ do Condestabel, que foraõ prezos em Torres Novas, e levados ao Castello de Sanctarem, não sabendo o que el Rey quereria fazer delles, e daquella Villa, se a deixaria em grande guarda, por ser cabeça da frontaria, ou quereria estar nella, ou mandalos a elles matar por vingança da batalha, e perda della: e antes que el Rey se fosse embarcar para



ra Lisboa, Rodrigo Alvares Santorio lhe disse, que elle não se atrevia a ficar na Villa, nem defendela com tão poucos. Porque, posto que os Portuguezes, que ali estavam por Castella, eram muitos, temia que com o costume dos homens, que geralmente seguem quem vence, se mudassem com o successo da batalha. E que, se sua Alteza quizesse ficar, estaria em sua companhia até a morte. El Rey lhe quitou então a omenagem, e mandou que o seguisse. E perguntandolhe o que faria do Mestre de Christo, e do Prior, mandou el Rey os levasse consigo. E dizendolhe o Santorio que levaria nelles grande perigo; porque ou elles, ou outros por os soltar, o matariam: disse el Rey, como quem estava depressa, por se por em salvo, que os desse ao demo, e os deixasse.

Ao outro dia pela manhã seguinte, depois del Rey partido, chegou o Mestre de Alcantara D. Gonçalo Nunez de Gusmao, que com os ginetes pelejara contra os da carruagem, depois da batalha vencida; e com todos os Castelhanos derramados se veio atraz del Rey com muitos de cavalo, que se hiao chegando a elle, por virem seguros. E com a pressa cantavam muitos cavalos, a que cortavam as pernas, por não aproveitarem aos Portuguezes. E como o dito Mestre soube que el Rey era partido, não fez mais detença alguma; e passando o Tejo, tomou o caminho de Castella, e com elle todos os que avia em Santarem de cavalo: e Rodrigo Alvares Santorio, Gomes Peres de Val de Rabanos, que tinham o Castello, e a Alcaeva, os quaes faziam todos numero de tres mil de cavalo, a fora muitos de pé. Quando o Mestre de Christo, e o Prior viram que os Alcaides eram partidos, quebraram os ferros, e puzeram guardas ás portas; e levantaram pela manhã muito cedo o

Pen-



Pendaõ de Portugal, bradando todos os Portuguezes: *Portugal, Portugal: Morraõ es scismaticos*. Os Castelhanos, que naõ sabiaõ da vinda del Rey, nem da ida, e estavaõ ainda nas camas, ouvindo aquelles apellidos, cuidaraõ que era el Rey de Portugal, ou o Condestabel, que aviaõ entrado na Villa; e com o temor da morte, começaraõ a fugir por diversos lugares: polo que todos foraõ mortos, e prezos, e laqueado quanto tinhaõ.

El Rey de Portugal partio do Mosteiro de Alcobaça, e chegou a Santarem por suas jornadas, quando já os Castelhanos eraõ fugidos. E assi do Mestre, Prior, e dos mais prezos, foi recebido com maita alegria, dando todos muitas graças a Deos por o bom sucesso da batalha. E aqui loube el Rey, que as Igrejas, e Mosteiros estavaõ cheas de Castelhanos, que naõ ouzavaõ a fahir por medo de os matarem: a fóra os prezos, que eraõ tantos, que, por o lugar ser falto de agoa, e de taõ roim serventia, e naõ aver bestas de serviço com a guerra, os levavaõ ao Téjo prezos por cadeas, e por cordas a beber, como mansos animaes; e por naõ aver na Villa mantimentos por causa das guerras, padeciaõ muita fome, e necessidade. Polo que naõ querendo delles vingança, nem resgate, mandou el Rey que fossem logo todos soltos, e lhes naõ fizessem mal, e os deixassem ir para suas terras; e os mandou acompanhados até as raías do Reyno, para que fossem bem seguros: e era certo que muitos daquelles prizioneiros, que hiaõ beber atados, eraõ homens nobres, e de grandes qualidades, que fugiraõ da batalha, e dissimulavaõ quem eraõ, por naõ serem mortos, ou, sendo prezos, os obrigassem pagar per si grandes resgates, como se vio em hum delles, que, por roto, cujo, e maltratado, naõ entendiaõ com elle, nem achou quem



o prendesse, e pedia esmola pellas portas : polo qual, por suas boas partes, pessoa, e valor, não devemos passar em silencio. Este homem era Pedro Lopes de Ayala, de que já se fez menção, Chancarel mór del Rey de Castella, seu Copeiro mór, e Apresentador mór, e Alcaide mór de Toledo, Meirinho mór das encartaçoens de Guipuscoa, e Geral do Reyno de Murcia, que por sua muita prudencia, e authoridade foi embaixador nas Cortes de Roma, França, e Aragoão; o que estando em França em serviço del Rey, Carlos sexto o fez seu Camareiro mór, e do seu Conselho, por se achar com elle na batalha, que venceu em Rosemburgue contra os Framengos, e Ingrezes, que vinhaõ em sua ajuda sobre o direito das appellaçoens; e por seu esforço, e prudencia foraõ vencidos. Este he o Pedro Lopes de Ayala, que dava a el Rey de Castella o bom conselho de não pelear aquelle dia da batalha de Algibarrota, e que a deixasse para mais vagar. Sendo pois elle Alferes do Pendaõ da bandeira, por ser cavaleiro della, e mui esforçado, vendose ló, e cercado dos Portuguezes, se defendeo tam bem, que até fer mui mal ferido, e lhe quebrarem os dentes, lhe não tomaraõ o Pendaõ: e assi ferido, entre outros se acolheo a Santarem. Mudado aqui o vestido por hum mui roto, e remendado, por não ser conhecido entre outros pobres, a que a Condessa velha de Barcellos Dona Guimar de Villalobos cada dia mandava dar reçaõ; indo hum dia buscar a sua, foi conhecido de hum criado da Condessa. Sendo dito á Condessa, mandou que lho levassem. Pedro Lopes se escuzava muito, dizendo, que hum homem pobre como elle, taõ roto, e taõ çujo, não era para apparecer ante tal Senhora. Quando vio que o forçavaõ de todo, indo pelo caminho, descobriose



briose aos que o levavaõ , prometendolhes de os fazer ricos , e honrados : e que se fossem com elle a Castella , e naõ o levassem á Condessa ; receando o que lhe aconteceo. Naõ lho outorgando elles , o apresentaraõ á Condessa , que o mandou pôr em boa guarda , esperando em troco d'elle cobrar o dano , que os Castelhanos lhe fizeraõ. Sabendo el Rey , o mandou pedir á Condessa para a troco d'elle aver outros prizioneiros. Enfim Pedro Lopes esteve reteúdo , ate que deu por si trinta mil dobras cruzadas de ouro , e trinta cavalos Castelhanos. Foi Pedro Lopes grande privado dos Reis de seu tempo ; e seguindo as partes del Rey D. Henrique , foi prezo na batalha de Najara : e a authoridade , que com todos teve , procedeo de ser taõ eminente nas letras , como nas armas : foi muito docto em muitas disciplinas , e na Philosophia moral , em que gastava o tempo da paz. Escreveo as Cronicas dos Reis de Castella de seus tempos , e hum livro de caça , por ser grande caçador , outro de doutrina de cortezaõs em metro , porque era elle grande cortezaõ ; trasladou da lingua Latina em Hespanhol os Moraes de S. Gregorio , Isidoro do Summo bem , Boecio de Consolação , Tito Livio , e as Caidas dos Principes de Boccacio , e outras obras , polo que com razaõ se recontou entre os varoões mais illustres de seu tempo.

Soltos os Castelhanos , mandou el Rey chamar as molheres , que ahi estavaõ , cujos maridos seguiaraõ a el Rey de Castella , dos quaes alguns foraõ mortos. Deltas eraõ Inez Affonso molher de Gonçalo Vasquez de Azevedo , Dona Sancha filha do Conde D. João Fernandez Andeiro , molher de Alvaro Gonçalvez filho do dito Gonçalo Vasquez ; a Condessa Dona Maria Ponce , molher que fora do Conde D. Alvaro Pires de Castro , e



outras ; e lhes perguntou que determinavaõ fazer de si. E ellas responderaõ , que o que elle mandasse. E falando sobre sua ida algumas couças , disse el Rey á mulher de Gonçalo Vasques ( porque sabia que ella fora causa de seu marido seguir as partes de Castella , sendo antes muito seu servidor ) Dizeime , Inez Affonso , de qual Burgos , ou de qual Cordova era vossõ marido natural , para se lançar antes com os Castelhanos , que com os Portuguezes ? Entaõ lhes disse el Rey , que as que quizessem ir para Castella , fossem ; e as que quizessem ficar , ficassem. E ellas disseraõ que se queriaõ ir : el Rey lhes deu licença , e algumas dellas se vieraõ meter na armada , e outras foraõ por terra : e o mesmo fez a Condeffa Dona Beatriz Dalbuquerque , filha de D. Joaõ o do Ataude , mulher do Conde D. Joaõ Affonso Tello de Barcellos , e a Condeffa de Vianna Dona Guimar PortoCarreiro , mulher de D. Joaõ Affonso Tello de Menezes Conde de Vianna , e senhor de Alvito , e de outros lugares , o que morreo em Penella seguindo as partes del Rey de Castella.

### C A P I T U L O LXIII.

*He o Condestabel feito Conde com muitas mercês.  
Desafia os senhores de Castella visinhos : en-  
tralhe suas terras.*

**E** Stando el Rey em Sanctarem , fez muitas mercês , e doações de terras , castellos , e dinheiro aos que na batalha o serviaõ : e a fortaleza de Sanctarem deu logo a Vasco Martinz de Mello , e lhe mandou entregar o Conde D. Gonçalo , e seu filho , e Ayres Gonçalvez , e outros. E como amava mais , que todos , ao Condestabel ,



bel, e lhe devia mais, sobre as mercês, que lhe tinha feito, lhe disse que o queria acrescentar a titulo honrado de Conde, com terras, que lhe daria. O Condestabel lhe respondeo, que lho tinha em mercê, com condicão que não avia de fazer outro Conde em vida d'elle Condestabel; e que, doutra maneira, o não aceitaria. El Rey lho prometteo; e o fez Conde de Ourem, com todas as Villas, terras, e rendas, que o Conde D. Joaõ Fernandez tinha. E lhe deu, além daquelle Condado, Villa Vigosa, Borba, EvoraMonte, Estremoz, Portel, MonteMór o novo, Almada, Porto de Moz, Rabçal, Alvayazere, Bouças, Terra de Basto, e Terra de Pena, Arco de Boulhe, Terra de Barrozo, Sacavem com seus Reguengos, e o serviço, que pagavaõ os Judeus de Lisboa, por cuja conversão á Fé lhe substituirão os Reys a dizima do peſcado da mesma Cidade, que agora rende; e assi lhe deu mais todas as rendas, que tinha na Cidade de Sylves, e na Villa de Loulé no Algarve. A qual doação foi auida por a mais nobre, e liberal, que nenhum Rey de Hespanha fizera a algum seu vassallo, que não fosse seu filho, ou parente.

E por as grandes partes, e merecimentos do Condestabel, foi el Rey louvado dos bons por tão boa gratificação, e remuneração: porque, bem attento, ao Condestabel devia verſe tão em breve Rey de todo o Reyno pola batalha, que lhe fez dar, e fez vencer. Aquella mercê do Condado de Ourem, que el Rey fez ao Condestabel, foi pronosticada por hum guarnecedor de espadas, a que os antigos, por nome Arabigo, chamavaõ Alfage-me; e foi assi: que pouco antes, que fosse a morte do Conde D. Joaõ Fernandez, estando Nunalvarez Pereira em Sanctarem com o Prior do Crato seu irmão; e indo hum dia só passeando para a Igreja de



de Sancta Eiria, passando pola porta daquelle official, violhe ter na mão huma espada mui limpa, e bem concertada; e como os homens inclinaõ áquillo, que amaõ, e de que se prezaõ, tomandoa Nunalvarez na mão, lhe perguntou, se lhe guarneceria huma sua daquella maneira? E respondendo o official que si, e melhor ainda, mandou por ella, e lha deu a guarnecer. O outro dia tornando Nunalvarez por ahi, a achou concertada, e muito á sua vontade, e mandou a hum homem seu que pagasse ao official seu trabalho muito bem: e o official disse: Senhor, eu por hora não quero de vós nenhuma paga; mas ireis muito em boa hora, e tornareis por aqui Conde de Ourem, e então me pagareis o que mereci. Nunalvarez lhe disse, que lhe não chamasse senhor, que elle o não era; mas que todavia queria que lhe pagassem bem. Senhor, disse o Alfageme, eu vos digo verdade; e assi será cedo, prazendo a Deos. E assi foi depois que sendo este official muito apaixonado por a Rainha Dona Britiz; e fazendo por isso tantos extremos, que lhe chamaraõ o Scismatico, hum escudeiro da Villa, quando el Rey veio a Sanctarem, lhe pedio os bens delle, e el Rey lhos deu, e o corpo por presoneiro. A mulher vendo seu marido prezo, e esbulhado, foise ao Condestabel, e lembroulhe o que seu marido com elle passara sobre a espada, dizendo que então era tempo de lha pagar, pois tornava por alli Conde de Ourem, e seu marido era prezo, que lhe ouvesse del Rey, que fosse solto, e lhe entregassem seus bens. O Condestabel, a quem nunca aquillo esquecera, cavalgou logo, e se foi a el Rey, e contoulhe o que lhe acontecera, pedindolhe por mercê o tirasse daquella obrigação: el Rey se maravilhou do prefugio do Alfageme, e o mandou logo soltar, e tornar-lhe todos seus bens. Neste



Neste tempo logo no mez de Setembro, vendo o Condestabel que, por os Castelhanos estarem taõ occupados em suas tristezas, e descuidados de os Portuguezes os irem buscar, era tempo de fazer em Castella algumas entradas de honra sua; da Cidade de Evora, onde estava, mandou chamar gentes da Comarca, e ajuntou mil lanças, e dous mil homens de pé. Juntos todos, o fez a saber aos senhores daquella parte de Castella, e aos Mestres de Sanctiago, e Alcantara, que queria entrar em suas terras, para que não dissessem que, porque os via desaperebidos, e tristes com a recente quebra, que tiveraõ, os acometia. Polo que aquelles senhores de Castella, huns porque viaõ que cumpria assi a suas honras, pois eraõ desafados, outros porque não se acharaõ na batalha com seu Rey, que elles desejavaõ vingar, e cuidavaõ que, se elles lá se acharaõ, a cousa passara de outra maneira; outros, porque o Condestabel, que lhes avia de entrar por suas terras, como melhor jogador, lhes dava arrhas, fazendolhe primeiro saber, e dandolhe tempo para se aperceberem; o que elles attribuiriaõ a menos estimaçaõ sua; se determinaraõ a lhe virem ao encontro: e assi se ajuntaraõ muitas gentes, e grandes senhores por Capitaes delles, como foi D. Joaõ Affonso de Gusmaõ Conde de Niebla, D. Gastaõ de Lacerda Conde de Medina Celi, D. Pedro Nunez de Godoy Mestre de Sanctiago, D. Martim Anes de Barbuda Mestre de Alcantara, natural de Portugal, Fernaõ Gonçalvez de Sousa, que fora senhor de Porte, e naquelle tempo era senhor das Villas de Segura, e de Cafra, Gonçalo Rodriguez de Sousa tambem Portuguez; D. Gonçalo Nunez de Gusmaõ Mestre de Calatrava, D. Pedro Ponce de Leão senhor de Marchena, D. Affonso Fernandez de Aguilar, Diogo



go Fernandez, e Gonçalo Fernandez seus irmãos, Martim Fernandez Porto Carreiro, os Vintequatro de Sevilha, com o pendão da Cidade, na qual, como nas mais cidades de Andaluzia, se deitou pregação, que todos tomassem armas, e sahissem contra os Portuguezes.

O Condestabel, que não se descuidava, foi mais cedo em Castella do que os Castelhanos cuidavaõ, supposto que já estavaõ apercebidos. E aos dous dias de Outubro daquelle anno se alojou em Badajós, sem contradição alguma dos da cidade. E em chegando, se levantou hum grande porco montez, que breve espaço foi morto com grande prazer dos seus, porque o tomaraõ por bom prognostico de aver de morrer naquella empreza algum daquelles grandes, como despois aconteceu. Ao outro dia foi dormir ao Almendral, lugar que distava dalli seis legoas, e ahi ordenou sua batalha. Dalli foi á Villa da Parra, aonde o Mestre Martim Anes de Barbuda veio da Villa da Feira, onde estava, com trezentas lanças, mostrando que queria dar na carruagem do exercito: mas quando vio que o Condestabel lhe sahia, posto que com pouca gente, não aguardou. E assi caminhou o Condestabel a Cafra, e a Fonte do Mestre, e a Villa Garcia, que com temor seu os moradores desampararaõ.



## CAPITULO LXIV.

*He o Condestabel desafiado dos Castelhanos : aco-  
meteos muitas vezes com milagrosos successos.*

*Alcança Antaõ Vasques de Almada huma  
grande victoria.*

**E** Stando o Condestabel em Villa Garcia, chegou alli hum trombetea com recado dos inimigos, e com hum grande molho de varas na mão; e posto de joelhos, lhe disse, que o Mestre de Sanctiago D. Pedro Nunez de Godoy, seu senhor, sabendo que elle estava em sua terra, e lha vinha estragar, o mandava desafiar; e em final disso, lhe mandava aquella vara; e dandolhe huma, que o Condestabel recebeo, tomou o trombetea outra, e disse outro tanto da parte do Conde de Niebla; e assi pela mesma maneira lhe deu as mais varas, cada huma em nome daquelles Mestres das Ordens, e senhores, que alli vinhaõ por Capitaães, mostrando elles naquelle soberbo presente, que o aviaõ de castigar com outras taes varas, como homens pouco lembrados dos casos delvariados, que na guerra, mais que em outros negocios, acontecem. O Condestabel com huma serenidade, que era propria sua, tomou com sua mão todas as varas, e disse ao trombetea, que elle fosse bem vindo com taes novas, como lhe trazia, que naõ podera ouvir outras com mais gosto, salvo se el Rey de Castela o mandara desafiar: e que dissesse ao Mestre, e aos outros senhores, que elle agradecia muito seu desafio, e muito mais as varas, que lhe mandaraõ, com que esperava de os castigar a todos: e ao trombetea mandou dar cem dobras de ouro, pola nova que trouxera. Com esta reposta ficaraõ os Castelhanos maravilhados: e o Condestabel se foi a Ma-



gazella, e dahi a VillaNova da Serca; e logo por cima de Merida duas legoas caminho de Valverde, sem os inimigos que estavaõ perto, ouzarem coula alguma. Estando alli alojado, foubel o Condestabel por prisioneiros Castelhanos, que tomaraõ, que ao outro dia se ajuntava toda Andaluzia com os conselhos de Sevilha, e Jaem, e das Manchas de Aragaõ, que para aquella jornada foraõ chamados: e posto que os Castelhanos se jactavaõ, que aviaõ de vir buscar ao Condestabel ás raías, quando elles mandaraõ saber se entrava, estava elle já catorze legoas dentro por Castella, indo devagar, sem contradicãõ alguma: e estando alojado o Condestabel, lhe veio hum seu cavaleiro dizer em publico, que os Castelhanos, que vira, eraõ tantos, como a erva dos campos; e que já lhe levavaõ roubado grande parte do gado, que no exercito trazia. O Condestabel lhe respondeo, que provera a Deos que tivera elle alli todas as gentes de Castella juntas, que tanta mais honra ganhara; e que a perda do gado não importava muito, porque em terra estava, onde bem a podia refazer. Naquelle dia á tarde, já perto da noite, passaraõ por junto do arraial dos Portuguezes todas as gentes dos Castelhanos, que eraõ muitas sem comparação. O Condestabel quizera logo dar nelles; e por ser taõ tarde, deixou de o fazer.

Ao seguinte dia partio o Condestabel caminho de Valverde, contra aquella parte, onde os Castelhanos foraõ passar a ribeira de Guadiana, que he dahi hum legoa e meia, por hum passo perigoso, e máo, por não aver outro melhor. E antes que os Portuguezes chegassem ao porto, eraõ já alli juntas todas as gentes dos Castelhanos, que era cousa espantosa de ver. Dos quaes huns tinhaõ passado o rio, e outros estavaõ áquem; o que faziaõ



ziaõ por impedir aos Portuguezes a passagem, cuidando que alli os desbaratassem. Quando o Condestabel chegou, os Castelhanos lhe cercaraõ o arraial, e o tomaraõ no meio, de maneira que dizem, que pareciaõ os Portuguezes huma pequena eira em hum espaçoso campo. Tendoos assi cercados, começaraõ de escaramuçar huns com outros, e assi ouve feridos de huma parte, e da outra; porém os Castelhanos ouveraõ de abrir hum largo portal contra sua vontade. Ao passar do vao era a duvida mui grande; porque da banda dâlem da ribeira estavaõ quasi dez mil Castelhanos, entre homens de cavalo, e bêteiros, e gente de pé, a fora os muitos, que detraz ficavaõ. Quando o Condestabel vio sua tençaõ, e que por aquella maneira determinavaõ de o desbaratar, concertou sua vanguarda, e retaguarda, e alas, e se pôs em ordem, levando no meio a carruagem, gado, e prisioneiros, que trazia; e tudo concertado como se ouvesse de dar batalha, passou o rio com sua vanguarda por aquelle mau porto, a pezar de tanta gente, e tornou por a retaguarda, e carruagem, sem lhe ficar couza, que não passasse; mas fazer com que os Castelhanos lhe desembargassem o porto, não foi sem grande trabalho, porque primeiro ouve huma mui forte peleja de muitas lançadas, settadas, e pedradas, em que ouve muitos feridos, e mortos. Mas o maior dano foi o dos Castelhanos. A tençaõ daquelles Capitaes, segundo alli mostraraõ, não era virem á batalha com o Condestabel, porque tiveraõ tempo, e lugar pera o fazer; mas só de o espantar com aquella grande copia de gente; e assi lhe vinhaõ ladrando alguns, que se ajuntaraõ ao Mestre Martim Anes de Barbuda, com algumas pequenas escaramuças, e sempre se acolhiaõ a cabeços altos, sem ouzar de vir



a campo, receando algum desastre como o passado.

O Condestabel, que entendeu como os Castelhanos o temiaõ, e que por arte o queriaõ ir pouco, e pouco consumindo, e desbaratando, naõ querendo deixar sua pertençaõ a risco de huma só batalha, abalou com sua vanguarda para hum cabeço, que lhe ficava diante, onde se puzeraõ muitos mais Castelhanos, dos que na ribeira ficaraõ; e por força lhes fez deixar o cabeço. E assi foi ao outro, em que estavaõ muitos mais, que tambem fez que o desemparassem; e pola mesma maneira foi a outro terceiro cabeço, onde estava gente innumeravel, nas quaes entradas ouve mortos, e feridos de ambas as partes. Estando o Condestabel neste derradeiro cabeço, repouzando do trabalho destes assaltos, vio que sua retaguarda estava em grande pressa, polos muitos Castelhanos, de que foi acommetida, e a traziaõ atropelada. Polo que mandou aos seus, que estivessem quedos com sua bandeira, como estavaõ, e acodio á retaguarda, e carruagem; e fez com que aballasse tudo, e andasse por diante; e tornou-se á sua vanguarda. Em hum lugar amontado como ferra, que estava diante delle, vio tanta gente dos imigos, que fazia medo. Nella estavaõ o Mestre de Sanctiago, e o Mestre de Alcantara, e os outros homens grandes, e Capitaes. E mandou á sua bandeira, que andasse por diante, e acommeteo subir aquella ladeira, onde daquella multidaõ de gente lhe foraõ arremessadas muitas lanças, e lettas, e atiradas muitas pedras, que por virem de lugar alto lhe faziaõ muito dano. Alli foi o Condestabel ferido de huma settada num pé. Estando nisto, vio que sua retaguarda estava em mór perigo do que tivera antes, quando a fora soccorrer, e lhe pareceo que esta-



estava já desbaratada. Polo que cessou do trabalho, em que estava, deixando sua bandeira, e foi esforçar aquella gente. Andando assi animando os seus naquelle trabalho, em que estavaõ, desapareceo de entre elles; e não sabendo a gente que fizesse, nem se atrevendo a aballar adiante sem seu Capitaõ, mandaraõno bulcar á pressa, para ver o que fariaõ; porque, estando assi quedos, não morressem todos. Hum cavaleiro, que o foi buscar, o achou de joelhos entre dous penedos, rezando com os olhos fixos no Ceo, e seu pagem com a mulla perto delle, com a lança. Quando se vio taõ fóra do cuidado, em que elles estavaõ, posto que receou de o perturbar, lhe disse o estado, em que os seus estavaõ, e o dano, que recebiaõ; ao qual o Condestabel respondeo, que ainda não era tempo; que o aguardassem hum pouco, que acabaria de orar. Nisto veio a elle outro cavaleiro, pedindolhe que deixasse o rezar para outra hora, e fizesse andar a sua bandeira, porque eraõ os seus maltratados, e avia muitos mortos, e feridos, e não podiaõ soffrer mais; o Condestabel lhe não respondeo, nem fez mudança alguma de si, mas com muita quietação perseverava em sua oração. Dahi a hum espaço pequeno se levantou o Condestabel, e com alegre semblante se veio aos seus, que logo tomaraõ esforço; e vendo no alto daquelle monte muitas bandeiras, das quaes huma era maior, e mais alta, que lhe pareceo ser do Mestre de Sanctiago, mandou ao seu Alferez, que lhe fosse pôr sua bandeira junto com aquella, e logo endereçou sua batalha por aquella ladeira assima, desejozo de chegar áquelles senhores, que alli estavaõ juntos; e os que de antes faziaõ aos seus grande dano, lhe fizeraõ a elle lugar, ainda que lhes pezou. Em sobindo assi, delceraõ a elle muitos Castelhanos, entre



entre os quaes, como bom cavaleiro, que era, vinha o Mestre de Sanctiago D. Pedro Nunez com muita gente de pé, e de cavalo. O Condestabel, e os seus hiaõ a pé: e por os Castelhanos serem muitos, e elles poucos, o Mestre os tratava mal, e foi a batalha bem pelejada de huma parte, e da outra; mas os Portuguezes romperaõ as gentes dos Castelhanos de maneira, que o Mestre entendeu que os seus queriaõ fogir; e pelejando elle, e acudindo aonde era necessario, como bom Capitaõ, lhe mataraõ o cavalo; e cahindo elle, foi logo morto, e lhe cortaraõ a cabeça, que trouxeraõ a Portugal. Muita da sua gente morreo alli com elle mui esforçadamente, e alguns Portuguezes. E assi foi o cabeça entrado, e a gente fugida, e derramada.

Os senhores, que não pelejavaõ, estavaõ dali arredados em mangotes; e quando viraõ fugir a gente, e a bandeira do Mestre abatida, ficaraõ espantados, e não sabiaõ que dissessem. Estando assi como indeterminados, chegou hum escudeiro do Conde de Niebla á pressa, dizendo ao Conde que se acolhesse, que seu parente o Mestre de Sanctiago era morto, e todos os bons cavaleiros, que com elle estavaõ, sem ficar nenhum. O Mestre de Alcantara D. Martim Anes de Barbuda, disse que não fizesse assi, mas que elle acometeria de huma parte os Portuguezes, e o Conde acometesse por outra; porque por serem poucos, e ficarem cansados, seria facil o desbaratalos. E sem mais esperar, foi contra a carruagem, e começou a ferir nos que a guardavaõ. O escudeiro amoeitou ao Conde, que não tomasse o conselho do Mestre, nem se fiasse delle, porque era Chamorro, e trazia entre os Portuguezes muitos parentes, e amigos; dandolhe a entender que faria alguma traiçaõ.



ção. O Conde cessou de seu proposito , e tratou de se acolher , como fizeraõ os mais homens de conta , que alli vinhaõ , e os vinte e quatro de Sevilha , com seu pendaõ , que em pouco espaço naõ appareceo nenhum.

O Condestabel vendo seus inimigos derramados , mandou seguir-lhes o alcance , e elle os seguiu perto de huma legoa ; e por se chegar a noite , lhe naõ deu mais lugar. E ao outro dia partio caminho de Portugal com os seus , cheos de despojos dos inimigos , de gados , bestas , e prisioneiros. Esta victoria foi de todos estimada em muito : e que só ella podera dar immortal fama ao Condestabel , por elle só sem mandado del Rey com taõ pouca gente ouzar meterse tantas legoas por Castella em busca de tantos inimigos , de que naõ fora provocado ; mas que estavaõ magoados , e cheos de desejos de vingança ; em que dizem se ajuntaraõ muitos mais em numero , que na memoravel batalha de Algibarrota , posto que naõ ouvesse nelles tantos grandes , e nobres , nem fossem taõ concertados. O Condestabel tanto que chegou a Portugal , mandou pedir perdaõ a el Rey do excesso , que fizera em entrar por Castella , sem licença sua. El Rey lhe respondeo , que taes erros como aquelles , dignos eraõ de perdaõ : e com isto lhe mandou huma doação do Condado de Barcellos com todos seus direitos , e jurisdicção , que agora he Ducado ; porque tal foi aquelle Principe , que naõ esperava que lhe pedissem satisfação dos serviços , que lhe faziaõ , e de que lhe a elle constava.



## CAPITULO LXV.

*Recupera el Rey de Portugal alguns castellos: poem cerco, e toma a Villa de Chaves, e outros despojos dos Castelhanos, entrando por Castella.*

**A**O tempo, que o Condestabel ordenou entrar em Castella, mandou, entre outros, chamar hum fidalgo, por nome Antaõ Vazquez de Almada, homem mui esforçado, que entaõ estava em Lisboa, e naõ se podia aperceber a tempo, que o achasse; e querendo ir apõs elle, os de Estremoz lho naõ consentiraõ, por o Condestabel defender que ninguem o seguisse, por causa do Mestre Martim Anes de Barbuda, que andava por aquella comarca com muitas gentes, de que podiaõ receber dano. Polo que Antaõ Vazquez de Almada se veio a Evora, e ahi mandou lançar pregaõ, que quem quizesse entrar com elle em Castella, lhe viesse falar, e lhe daria do seu, e parte da cavalgada, que fizessem. E em Evora ajuntou trezentos homens de pé, e dahi foi a Béja, onde ajuntou numero de quatrocentos, tambem de pé. Com estes, e com doze homens de armas, e quarenta de cavalos ligeiros, se foi a Serpa, e passou a Arronche, e Aratena, onde andou fazendo muitas prezas. Depois se encontrou na ribeira de Chança com os Castelhanos, que eraõ muitos, e os desbaratou em huma batalha, que lhes deu com aquelles poucos, que levava, de que foraõ mortos duzentos e sessenta, e presos cento e quarenta; dos Portuguezes foraõ feridos tres, e morto hum: e assi veio a Serpa com grande preza de quatro mil vacas, e sinco mil ovelhas, e mil porcos;



cos ; e entre os prezos vinhaõ Ricos homens , que deraõ por si grande resgate.

Entretanto que isto passava , estava el Rey em Sanctarem. E como os que tinhaõ as fortalezas do Reyno por Castella , viraõ a batalha vencida , e el Rel de Castella ido , as desempararaõ sem nenhuma força. Polo que em pouco tempo cobrou el Rey a mór parte dellas ; e alguns dos Alcaides mandavaõ pedir a el Rey salvo conduto , para se irem sem dano : e assi lhes deixavaõ os castellos. E alguns , que fenaõ quizerãõ render , sendo despois cercados , se deraõ a partido , como a diante se dirá. A armada , que estava sobre Lisboa , se partio aos treze de Setembro do dito anno , e nella se meteraõ os que estavaõ nos castellos , seguindo as partes del Rey de Castella.

De Sanctarem partio el Rey para Leiria , e se meteo no castello , que os Castelhanos deixaraõ , e cobrou grandes alfaias da recamara da Rainha Dona Leanor , que ahi estavaõ em guarda. De Leiria passou a Coimbra , e dahi ao Porto : e ahi , e em outras partes de entre Douro , e Minho , ás quaes el Rey foi com muitos engenhos , muniçoens , e apparato de guerra , e mantimentos , mandou apregoar , que todo o homem que delle tivesse tomado soldo na guerra passada , se viesse a elle sobpena de perder todas as honras , e mercês , que delle tivessem. E de Villa Real mandou chamar a Martim Vasques da Cunha , e seus irmaõs , e a Gonçalo Vasques Coutinho , e a outros senhores da Beira , e caminhou para Chaves , com tenção de a cercar : chegou a S. Pedro de Costem , que he huma Aldea meia legoa da Villa vespóra do Natal. A Villa estava bastecida de gente da terra , e alguns Gallegos , com que Vasco Gomez de Seixas , cavaleiro de Orense a veio soccorrer ; e



de mantimentos sómente de agoa tinha muita falta, por não terem outra senna a do rio, que lhe foi tomada: e só avia dentro hum mui enxofrenta, como de Caldas, que senna podia beber. O Alcaide mór da Villa era Martim Gonçalvez de Ataide, fidalgo honrado Portuguez, cazado com Mecia Vasques, irmã de Gonçalo Vasques Coutinho, que se achou na batalha de Trancoso.

Passado o Natal, e vindo Janeiro de mil e trezentos e oitenta e seis, lhe poz el Rey cerco, lhe impedio sahirem a tomar agoa com hum bastida, que fez junto da ponte: e só concedia levar hum cantaro de agua cada dia a Mecia Vasques por amor de seu irmão. A bastida, posto que estava encarregada a muitos que a guardassem, determinaraõ os cercados de a desfazer hum dia, que era a guarda de Vasco Pirez de Sampayo: sendo elle a cear ao arraial, que era bom pedaço dahi, atreveraõse os da Villa a ir muitos delles, e ainda que pezou aos que a guardavaõ, pozeraõ fogo á bastida, e ardeo toda, antes que do arraial podessem ser socorridos. Polo que dahi em diante tinhaõ os da Villa quanta agua queriaõ. Ouve el Rey disto muita tristeza, e estranhou muito de palavra a Vasco Pirez, e ordenou fazer outra bastida mais perto do arraial, junto de hum das portas da Villa, onde está hum torre, não tão chegada, que della lhe podessem fazer dano. A bastida era tão forte, que por muitos tiros que lhe faziaõ de dentro, com grandes pedras dos engenhos, nunca lhe fizeraõ algum prejuizo. Desta bastida, que era mais alta que o muro, não cessavaõ os de fóra de atirar assi á besta, como com pedradas áquelles, que andavaõ polo muro, de maneira que nenhum ouzava de estar nelle. Os engenhos da mesma maneira de dia, e de noite tira-



tiravaõ , e derribavaõ na Villa , e no castello muitas casas , e matavaõ muita gente. Os da Villa fahiaõ ás vezes , e escaramuçavaõ ; polo que avia mortos , e feridos de huma , e da outra parte. El Rey para sustentar sua gente , mandava a miude correr a terra , e roubar , entrando em Galiza oito , e dez legoas a terra de Porqueira , e Sandiaens , e de Alharóz , e outros lugares daquella comarca , com bons Capitaes em guarda das aze-malas , que sempre hiaõ mais de mil , e tornavaõ carregadas de vitualhas de muitas castas. Sobre el Rey naõ sómente carregava o trabalho do cerco , que tinha posto , mas o de cobrar outros lugares , que naquella comarca se lhe rebellavaõ , e lhe faziaõ guerra , como Bragança , Vinhaes , Outeiro de Miranda , e outros : e porque elle estava junto com Galiza , e perto de Castella , determinava , se el Rey de Castella viesse , a descercar Chaves , pe-lejar com elle , e darlhe batalha ; e se naõ quizesse vir , que com aquella gente , que tinha junta , e com a mais , que podesse ajuntar , ordenaria a guerra contra os rebeldes. Para isso mandou chamar os Conselhos de Lisboa , Coimbra , Sanctarem , e de outros lugares do Reyno , que se fossem para elle.

Estando el Rey nesta determinação , chegou hum cavaleiro Ingrez , por quem o Duque Dalencastro lhe mandava dizer , que , por quanto ouvera recado seu , em que lhe fazia saber como el Rey de Castella era desbaratado na batalha , que com elle ouvera , que sua determinação era sem falta alguma vir a Castella , para aver o senhorio della , por quanto lhe pertencia por sua molher a Infanta Dona Costança , filha maior del Rey D. Pedro , a quem o Reyno por direito vinha , por naõ deixar filho varaõ. E que lhe pedia lhe mandasse alguns navios , e galés para ajuda de sua passagem.



El Rey ficou mui contente com a embaixada , por a guerra em que andava , vendo que a faria mais a seu salvo , vindo o Duque por outra parte , e divertindo el Rey de Castella , que não poderia acudir a ambos tão bem como a hum só. E logo em Lisboa mandou armar doze naos , e seis galés.

Quando as cartas del Rey chegaraõ a Lisboa , os da Cidade lhe mandaraõ com muita brevidade , e boa vontade a gente , que poderaõ fazer logo , que foraõ duzentas e dez lanças , a saber : duzentas da Cidade , e as dez de Cintra , que entãõ tinhaõ por seu termo ; e duzentos e sincoenta bésteiros , e duzentos homens de pé , todos pagos por tres mezes : os duzentos de cavalo da Cidade hiaõ todos de huma libré , e cada hum trazia hum L de prata ao collo , que he a insignia da Cidade , e a letra de seu nome , que alguns levavaõ de ouro , e pedraria. Por Capitaõ desta gente hia Estevaõ Vasques Philippe Anadel mór do Reyno. O Alferes da bandeira era Gonçalo Vasques Carregueiro , e com elles hia Silvestre Estevens Procurador da Cidade , com o dinheiro , que cumprisse , e alguns officiaes necessarios áquella companhia. Além desta gente veio o Condestabel com a sua. A Villa se começou a combater ; e tanto a aperta-raõ , que Martim Gonçalves de Ataide , receando ser entrado por força , mandou commeter a el Rey , que lhe dêsse espaço de quarenta dias , em que o fizesse saber a el Rey de Castella ; e não lhe vindo socorro dentro nelles , lhe entregaria a Villa , e elles se sahiriaõ com seus bens. El Rey era aconselhado que o não fizesse ; mas por amor dos irmaõs de Mecia Vasques , e por não perder alguns homens no combate , o ouve por bem. Entãõ lhe mandou Martim Gonçalves hum filho em arrefens , e logo recado a el Rey de Castella , que estava em

Ca-



Camora do que tinha passado. El Rey lhe respondeu, que lhe agradecia o muito tempo, que alli detivera ao Mestre de Aviz no cerco, e que não sómente defendera Chaves, mas muitos lugares de Castella, onde o Mestre podera fazer entrada. E que, pois elle ao presente o não podia socorrer, largasse o lugar, e lhe quitou a omenagem, escrevendolhe que se fosse para seu Reyno, que lhe daria terras, em que vivesse honradamente. O dia, em que se acabou o prazo, mandou Martim Gonçalves dizer a el Rey que lhe queria dar o castello, avendo quatro mezes que o cerco se puzera. Antes disto tinha já mandado sua molher acompanhada de seus irmãos, que a levarão honradamente com seus filhos a Monte Rey, que he em Galiza. Com licença del Rey Martim Gonçalves, e Vasco Gomez de Seixas sahiraõ do castello armados com muitos apupos dos moços, e da gente plebea, como fazem aos que sahem de lugar cercado. Cobrada a Villa de Chaves, fez el Rey doação della ao Condestabel. E aos fidalgos, que naquelle cerco se assinalaraõ, fez outras mercês, de que coube a Goçalo Vaz de CostelBranco, entre outras cousas, a honra de sobrado, e terra da Pava, com sua jurisdição, e reguengos, que já fora de Payo Soarez, e de Dona Inez, avós de sua molher.

Mas tornando a Martim Gonçalves, com toda sua perseverança no serviço del Rey de Castella, a quem lhe pareceo tinha obrigado, por elle ser fidalgo tão principal, e hum dos descendentes de Egas Moniz, que de Viegas se começaraõ a chamar Ataides. E sua molher por outra parte, e seus filhos não se passaraõ a Castella; mas viveraõ neste Reyno, e deixaraõ nelle muita geração. Dos quaes Alvaro Gonçalves, o mais velho, foi governador



nador da casa do Infante D. Pedro , e despois Ayo del Rey D. Affonso o V. ; e foi o primeiro Conde de Atouguia , e Alcaide mór de Coimbra ; e de sua mulher a Condesa Dona Guimar de Castro , que foi filha de D. Pedro de Castro , filho do Conde D. Alvaro Pirez de Castro , ouve dous filhos , que foraõ Priores do Crato successivamente , a saber , D. Joaõ de Ataide , e D. Vasco de Ataide , que por razã da Ordem naõ casaraõ , e D. Martinho de Ataide , que lhe succedeo no Condado , e D. Alvaro de Ataide , que foi senhor da Castanheira , Povos , e Chilleiros , de que naceo D. Antonio de Ataide primeiro Conde da Castanheira , veador da Fazenda del Rey D. Joaõ o III. , e grande seu privado : e assi ouve mais o Conde D. Alvaro Gonçalvez , e filhas mui honradas Dona Joanna mulher do Marichal D. Fernando Coutinho o velho , Dona Philippa mulher de D. Joaõ de Noronha Alcaide mór de Obidos , Dona Mercia mulher de Fernaõ de Sousa , senhor da terra de Gouvea , e Alcaide mór de Montalegre , Dona Leanor de Menezes mulher de Gonçalo de Albuquerque , senhor de Villa Verde. E destes outra nobre descendencia.

### C A P I T U L O LXVI.

*Toma el Rey a Villa de Almeida : tem de cerco tres somanas Coria sem a tomar : levanta o cerco : volta para Portugal.*

**T**Omada a Villa de Chaves , partio el Rey com seu campo caminho da Torre de Moncorvo , e na ribeira de Valharia fez alardo , em que achou muito mais gente , e melhor armada , e ataviada , da com que se achou na batalha de



de Algibarrota taõ afrontosa para os Castellhanos, porque tinha mais consigo o Mestre de Christo D. Lopo Dias, Alvaro Gonçalvez Camello Prior do Crato, Gonçalo Valques Coutinho, Martim Vafques da Cunha, e Gil Vafques seu irmaõ; com que tinha quatro mil e quinhentas lanças, e com mui boas armas, que ficaraõ do despojo da batalha: a fóra esta gente de armas, achou muita gente de pé: e receandose Joaõ Affonso Pimentel, que tinha o castello de Bragança, que lhe acontecesse a elle o que aconteceu a Martim Gonçalvez de Ataide em Chaves, a que el Rey de Castella naõ pode socorrer, fazendo experiencia em cabeça alhea, tratou com el Rey de estar por elle; com tanto, que lhe ficasse a cidade com tudo, que nella tinha. E levantando bandeira por Portugal, se veio para el Rey.

El Rey, que ficava na Valhariça, partio com seu campo, e passou o Douro pela Comarca da Beira; e indo pelo pé do monte de Castel Rodrigo, que estava por Castella, naõ curou d'elle, por ser fórté, e naõ querer fazer demora, pela tençaõ que levava de entrar em Castella; e caminhou para Almeida, onde estava por Alcaide hum cavaleiro Castellhano, chamado Lopo Gonçalvez Pé de ferro, que dalli fazia guerra a Pinhel, e a outros lugares, que estavaõ por Portugal. E naõ levando el Rey tençaõ de tomar aquella Villa, por caso o veio a fazer; porque por os de dentro sahirem a defender humas colmeas, que alguns soldados Portuguezes quizerãõ tomar, e estavaõ ao redor da barreira, travandose algumas escaramuças rijas, acodiraõ do arraial subitamente, e combateraõ a Villa. El Rey, sem cujo mandado aquillo se acometeo, vendo como o combate crecia de cada vez mais, mandou que naõ cessassem d'elle, e durou desdo



desdo meio dia até o Sol posto: polo que foi força recolheremse a seu alojamento: mas para que senão deitasse alguma gente no lugar, mandou el Rey a Ruy Valsques de Castello Branco, que era hum fidalgo esforçado, e de que elle muito se fiava, que guardasse aquella noite com gente a porta da treição. Ao outro dia mandou tocar as trombetas; e todos armados abalaraõ para o lugar. O Alcaide quando vio que não poderia resistir, se deu a partido; e a Alcaidaria mór do lugar deu el Rey ao mesmo Ruy Valsques de Castello Branco, por ser lugar de muita importancia, e na frontaria de Castella. Era este lugar de Almeida taõ forte, e defensavel, posto que está em lugar plano, que o mesmo Rey D. João de Castella o teve cercado sete somanas em tempo del Rey D. Fernando, com muitas municoes, sem o poder entrar: e el Rey a escudo, e lança o tomou em poucas horas.

De Almeida se foi el Rey seu caminho por junto de Cidade Rodrigo, sem achar impedimento; e passou por Gata, lugar chaõ, que foi saqueado com outros lugares pelo pé da serra, até que chegou á Ribeira de Coria. Dalli corriaõ os Portuguezes contra Plazencia, e Galisteu, e outros lugares. Alli veio o Condestabel, com quem el Rey foi jantar este dia, e puzeraõ seu arraial junto de Coria, em huma grande veiga, que ahi está, ficando o rio de Alagon, que vai pelo pé da cidade, entre ella, e o arraial.

Aquelle tempo estava el Rey de Castella em Burgos, sem tratar de descercar Coria: e porque Martim Valsques, e outros fidalgos da Beira não eraõ ainda chegados, ajuntou o Arcebispo de Tolledo mil e quinhentas lanças, para lhe vir ao caminho, cuidando que seriaõ até trezentas lanças.

E quan-



E quando ouve delles vista, e vio como era verdade que eraõ oitocentas, não ouzou darlhe batalha, e tornou-se a Salamanca; posto que a sua gente era tanta mais. Tanto que Martim Vasques, e aquelles fidalgos chegaraõ com a gente de Lisboa, determinouse el Rey a combater a cidade. Para isso mandou armar huma escada raza, e levantar o arraial, donde estava; porque, por ser Estio, adoezia com a vizinhança do rio muita gente, e alojouse áquem delle por toda a cidade. Na parte, em que el Rey combatia entre outros, que estavaõ com elle, era Antaõ Vasques de Almada, o qual por mostrar seu esforço, appellidando seu nome, dizia *chegar, chegar*; e taõ perto do muro chegou, o qual não tinha barbacãa daquella parte, que deu nelle com a adaga muitas vezes, não por não ter outra arma, mas porque a adaga o fazia mais junto ao mesmo muro. O seu Alferez seguindoo tambem, tanto se ajuntou, que com huma grande pedra o mataraõ. Alguns pavezados chegaraõ, sem embargo das muitas pedradas, que do muro lançavaõ, e que atiravaõ daquelle lugar. Combatia por outra parte Martim Vasques da Cunha, com outros fidalgos, e a gente de Lisboa. O Condestabel com os da vanguarda pozeraõse em armas, mas não combatiaõ, porque fora elle de parecer, que a Cidade se não avia de combater, nem consentia nisso, dizendo que, pois não tinha artificios de que se ajudar, que combater as paredes mais servia de matar homens, que de tirar honra, nem proveito: e que elle não queria que lhe matasem a gente de balde, senaõ onde fosse com louvor; o que naquelle combate não avia; e por a Cidade ser de muro forte, e bem torreada, e estar bastecida de boa gente, e não aproveitava o chegar-se, se arredaraõ os combatentes, sendo al-



guns feridos de virotoës , e pedradas : el Rey estando em sua tenda , e não contente de alguns que se não chegaraõ como elle quizera , veio a falar nas couças , que no combate aconteceraõ , e dizer meio em graça : Grande falta nos fizeraõ aqui hoje os bons cavaleiros da Tabola redonda ; porque , se elles aqui se acharaõ , nós tomaramos este lugar. Destas palavras se affrontou Mem Rodriguez de Vasconcellos , que ahi se achou com outros fidal- dos ; e com a liberdade , que he natural nos elpi- ritos generosos , logo respondeo a el Rey : Senhor , não fizeraõ aqui mingoa os cavaleiros da Tabola redonda ; que aqui está Martim Vasques da Cunha , que he taõ bom como D. Galaz ; e Gonçalo Vasques Coutinho , que he taõ bom como D. Tristaõ ; e exaqui Joaõ Fernandez Pacheco , que he taõ bom como Lançarote ( e assi disse de outros , que vio ) e ex me aqui , que valho tanto como D. Quea : assi que não fizeraõ mingoa esses cavaleiros , que vós dizeis : mas faznos aqui mingoa o bom Rey Artur , senhor delles , que conhecia os bons servidores , fazendolhes muitas honras , e mercês , porque de- zjavaõ de o servir. El Rey vendo que o tomaraõ por injuria , respondeo , que esse Rey não tirava elle fóra , porque tambem era companheiro da Ta- bola redonda , como cada hum dos outros. Entaõ alcançado do que dissera , lançou o feito a zomba- ria , e mudou a pratica a outra materia. O Con- destabel , posto que áquelle dito del Rey estava au- sente , tambem se tomou delle , quando o soube ; e quando veio a el Rey , teve huma disputa com elle sobre qual era mais honroso , se pôr cerco a lugares de seus inimigos , ou andar correndo a ter- ra á sua vontade. El Rey defendeo com muitas razoës , que pôr cerco era mais honroso ; e o Con- destabel o contrario com outras razoës mais ur-  
gen-



gentes : e avendo tres semanas que el Rey tinha cercada aquella Cidade , vendo o pouco que faziaõ sem engenhos , nem machinas para combater , e que a sua gente adoecia de maleitas , e outras doenças más , por falta de bons mantimentos , e polo sitio da terra , e que alguns seus fingiaõ ser doentes , por a pouca vontade que tinhaõ de continuar aquelle cerco , se levantou d'elle , e veio para seu Reyno. Dalli passou a Pena Macor , donde mandou o Condestabel para além do Téjo , e elle foi a pé a nossa Senhora de Guimaraes , como tinha prometido.

C A P I T U L O LXVII.

*Soccorre el Rey ao Duque de Lancastro : entra este por Galiza : faz concertos com el Rey sobre a restituição dos Reynos de Castella.*

**E** Stavaõ ainda em Inglaterra o Mestre de Sanctiago , e Lourenço Anes Fogaça , Embaixadores que el Rey , sendo Governador do Reyno , mandára a el Rey Ricardo no anno de 1386. a pedir gente , e offerecer ajuda ao Duque de Lancastro para cobrar o Reyno. Aos quaes chegando nova da eleiçaõ del Rey , e da victoria da batalha de Algibarrota , se viraõ com o Duque , e lhe lembraraõ quanta occasiaõ entaõ tinhaõ de ir cobrar o Reyno de Castella , e passar a Hespanha. O Duque , que folgou muito com as novas , e com o offerecimento , se escusou do tempo passado com a guerra de Elcoccia , a que lhe fora necessario acudir , por honra da casa de Inglaterra ; mas que agora esperava de o pôr em effeito.

A Infanta Dona Costança sua mulher lhe pedia com muitas lagrimas , dizendo , que não dei-



xalle nas mãos dos filhos do bastardo traidor, que lhe matára seu pai, tão grandes Reynos, por premio de seu parricidio, e treição. O Duque, estando el Rey seu sobrinho com os do seu conselho, lhe pediu licença para passar a Hespanha a cobrar os Reynos de Castella. El Rey lha deu sem outra mais deliberação; e mandou tratar certas capitulações de amizades, e paz para sempre com os Embaixadores de Portugal, que para isso tinham poder bastante. As pazes feitas, e o Duque prestes, chegou a armada de Portugal a hum porto de Inglaterra, chamado Fauvio do Ducado de Corvalla, de que hia por Capitão Affonso Furtado. E de Antona, e Preamua partio o Duque com sua mulher a Infanta Dona Costança, e sua filha Dona Catherina, e Dona Philippa filha mais velha do primeiro matrimonio do Duque, com duas mil lanças, e tres mil archeiros, a fora outra gente em huma armada de cento e oitenta vellas, das quaes eraõ doze naos grossas de Portugal, além das galés que avia em Lisboa, que tambem foraõ. Destas gentes vinhaõ por Capitaes Monseur Joaõ de Hollanda Conde de Huntinglon, Condestabel de Inglaterra, irmão del Rey Ricardo por parte de sua mãe, que vinha esposado com Izabel filha do mesmo Duque de Lancastro. E o senhor de Scalas, e o senhor de Ponins, e o senhor de Hastings, e o senhor de Ferros, e seu irmão Monseur Thomas Frecho, Monseur Thomas Symon, Monseur Richart Burley Marichal, Monseur Richart Perfi; Monseur Thomas Per, Monseur Darmoin, Monseur Joaõ Falcont, Monseur Baldovin de Freul, e muitos outros nobres senhores: e aos vinte e cinco dias de Julho, que era dia de Sanctiago, daquelle anno de 1386. chegou á Corunha, porto de Galiza, de que estava por guarda hum fidalgo Gallego,



lego , por nome Fernaõ Perez de Andrade , que entregou ao Duque a Villa ; dahi passou á Cidade de Sanctiago de Galliza , em que foi obedecido por Rey ; e a mais da terra de Galliza se lhe rendeo , vindoo reconhecer os principaes da Provincia : e parecendolhe que assi seria obedecido em Castella , declarou o Papa Urbano por verdadeiro Pontifice , e elegeo em Sanctiago Arcebispo , e Deaõ por D. Joaõ Garcia Manrique andar com el Rey de Castella. Era o Duque homem de sesenta annos , posto que , por naõ ter caãs , parecia de menos idade , de estatura grande , e poucas carnes , de membros bem proporcionados ; affavel , e de boa condiçaõ , e nas palavras modesto , e vagaroso , e que representava bem quem era.

E porque deste Duque de Lancastro descendem o Reys de Portugal , e de Castella , e se trata aqui do direito , que pertendia nos Reynos de Castella , e Leaõ , por razãõ de sua mulher , naõ deve parecer desnecessario tratar de sua pessoa , e parentesco , que em Hespanha tinha. E como na vida del Rey D. Pedro está tocado , el Rey D. Pedro de Castella vendose desapossado do Reyno por D. Henrique seu irmaõ , que se coroára entaõ em Burgos , e tomara titulo de Rey ; e vindo sobre elle , fugio , e se foi do Reyno , e veio a Portugal ; onde naõ sendo acolhido , nem acorrido del Rey seu tio , se passou a Bayona de Inglaterra , fazendo avença com o Principe de Gaules sobre a ajuda , que lhe avia de dar com sua pessoa , e gentes , para vir contra o irmaõ. Foi entre elles concordado , que até o Principe , e suas gentes averem pagamento de seu soldo , ficassem tuas filhas reteudas em arrefens no Reyno de Inglaterra. Sendo pois el Rey D. Pedro , com ajuda do Principe , restituído em seu Reyno , e desbaratado D. Henrique ,

vol-



voltou o Principe para Inglaterra mal contente, e sem lhe ser feito pagamento. Sendo depois el Rey D. Pedro vencido, e morto polo dito D. Henrique seu irmão, ficaraõ as Infantas suas filhas orfaãs de tudo, e em terra alhea, sem terras, e sem rendas, das quaes faleceo a Infanta Dona Briatis naquelle desemparo. Reynava naquelle tempo em Inglaterra Duarte III. do nome, que de sua mulher Madama Philippa, filha do Conde Henault, tinha seis filhos varões D. Duarte Principe de Gaules, acima nomeado, Guilhelmo de Heat Feld, Leonel Duque de Clarenza; Joaõ Duque de Lancaastro, Edmundo de Langloy Conde de Cambris, Thomas de Vuodctor Duque de Glocestre, e duas filhas molheres, Maria molher do Duque Joaõ o quinto de Bretanha, e Izabel Condessa de Belfort. Sendo pois este Rey mui humano, e nobre de condiçaõ, vendo a orfandade daquellas Infantes, que na sua casa tinha por hospedas, e penhor, casou a mais velha das que ficaraõ, por nome Dona Costança, com seu filho Joaõ de Gand, que estava viuvo de Madama Blanca filha de Henrique Duque de Lancaastro, e Conde de Ardid, herdeiro daquelle Estado de Lancaastro, de que lhe ficaraõ Henrique, que foi Conde de Ardid, e Duque de Heres fort, e despois Rey de Inglaterra, por el Rey Ricardo morrer sem filhos; Joanna, que foi Condessa de Wostmerland, e Philippa, que foi Rainha de Portugal molher del Rey D. Joaõ, de que tratamos; Izabel, que cazou com Joaõ de Hollande Conde de Huntinglon, Duque de Ecestre, irmão del Rey Ricardo por parte da mãi, como está dito atraz. E ao terceiro filho, que era o Conde de Cambriz, que despois foi Duque de Lort, cazou com a Infante Dona Izabel filha outrosi del Rey D. Pedro: polo que, por o dito Rey naõ deixar filho varaõ,  
o Rey-



o Reyno de Castella pertencia á Infanta Dona Costança , como filha mais velha que era sua : pella qual raza o Duque Joaõ trazia consigo sua mulher Dona Costança , e a Infanta Dona Catharina , que della ouvera , chamandose em seus titulos Joaõ Rey de Castella , e de Leaõ ; e a sua mulher a Rainha Dona Costança.

Estando el Rey em Lamego , da tornada de Corja , teve novas da vinda do Duque , como estava em Galiza , a quem el Rey logo escreveo , e da mesma maneira o Duque a el Rey. Após as cartas mandou el Rey Valco Martinz de Mello , e Lourenço Anes Fogaça , que fossem visitar o Duque , e tratar das vistas aonde seriaõ. O Duque teve conselho , e assentou com os Embaixadores , que viessem verse em a Ponte de Mouro ; e convidando os Embaixadores , com os senhores Ingrezes , que com elle vinhaõ , foraõ despedidos. O Duque chegou ao Mosteiro de Cella Nova , que he da Ordem de S. Bento do Bispado de Orense , junto com Milmanda em Galiza , sendo já o mez de Outubro , e ahi alojou sua mulher , e as filhas. El Rey de Portugal partio do Porto com quinhentos homens de armas , com sobre vestes de pano branco , e cruces de S. Jorge ; e elle levava outra semelhante de seda branca ; e com os fidalgos , e os mais , levaria dous mil de cavalo , a fóra a gente , que acompanhava o Condestabel , que a estas vistas veio chamado del Rey , e vinha mui bem concertada. Diante del Rey hiaõ 40. cavalos , facas , e mulas á destra ricamente ajaezados , e encubertados com telizes de suas insignias. E indo assi el Rey da parte dáquem da Ponte do Mouro , appareceo o Duque da outra parte , que vinha por junto de Melgaço. Quando el Rey vio que o Duque vinha , passouse da parte dálem , e encontraraõse  
ambos



ambos em huma ladeira. El Rey hia armado com todas as armas, não lhe faltando mais que a celada; e muitos dos seus da mesma maneira. Os do Duque traziaõ cotas, e braçaes, com jorneas ricas, e brosladas: e vinhaõ todos mui louçaos, e com elles alguns cavaleiros Galegos, e Castelhanos, dos que se vieraõ para o Duque. E alli se receberaõ, abraçandose, fazendo suas cortezias com grande mostra de prazer: dahi se passaraõ áquem do rio, onde el Rey tinha suas tendas postas, em que se desfarmaraõ, e se assentaraõ ambos a comer: e foi em dia de todos os Santos primeiro de Novembro. Acabado de comer, foise o Duque para seu alojamento, e el Rey ficou alli. Ao outro dia se armou junto ao rio huma grande, e rica tenda, que na batalha Real foi tomada a el Rey de Castella: nella faziaõ el Rey, e o Duque seus conselhos.

Despois de muitas praticas, que passaraõ, el Rey, e o Duque fizeraõ suas avenças, porque ficaraõ amigos, e obrigados a hum ajudar ao outro, a saber, el Rey de Portugal de ajudar ao Duque a cobrar os Reynos de Castella; e o Duque de ajudar a el Rey a defender os de Portugal: e que el Rey em pessoa com duas mil lanças, mil bésteiros, e dous mil homens de pé ajudasse ao Duque contra o usurpador dos ditos Reynos á sua propria custa, desdas as oitavas do Natal seguinte, até o derradeiro de Agosto, que eraõ oito mezes; e se juntassem á entrada de Castella pola parte, que acordassem: e se antes que os oito mezes passassem, o trefor dos ditos Reynos de Castella quizesse dar batalha ao Duque, e o dia assinado para ella passasse além daquelle tempo, que em tal cazo el Rey de Portugal fosse obrigado esperar todo o mez de Setembro á sua propria custa, e ser  
na



na batalha em ajuda do dito Duque. E se a batalha fosse dada durante o tempo dos oito mezes, que el Rey de Portugal se tornasse para os seus Reynos, ou onde mais quizesse: e se, tornandose assi, o Duque ouvesse mister alguma de sua gente, que el Rey lhe desse licença para ficarem: e que isto seria á custa do Duque; e que acontecendo tal cazo despois que el Rey de Portugal tornasse para seus Reynos, e viessem certas novas, que o usurpador do Reyno de Castella quizesse dar ao Duque batalha, e o Duque o mandasse requerer que viesse a ella, fosse obrigado ir com seu exercito, e ser presente pessoalmente o mais á pressa, que o podesse fazer, sem engano, nem detença; e dada por aquella vez tal batalha, ou não, que el Rey sendo requerido outra vez, não fosse obrigado a ir lá. E outras mais condiçoens, tocantes a este contrato de ajuda, e soccorro. E para mais liança, que o Duque desse sua filha Dona Philippa a el Rey de Portugal por molher, para a receber, avida a dispensação do vinculo militar, a que estava obrigado: e por razão deste matrimonio, e ajuda, que ao Duque avia de fazer, o Duque, e a Infanta sua molher como Reys, que diziaõ ser de Castella, aviaõ de dar a el Rey de Portugal, para a Coroa de seus Reynos para sempre, huma parte dos Reynos de Castella, e de Leaõ, a saber, as Villas de Ledesma com seus termos, o castello de Matilha, a Villa de Monleon, assi como hia o caminho, que se chamava de Plata com a Cidade de Plazencia: e dahi indo direito ao lugar, que dizem Grimaldo, e ao Canhaveral, e dahi passando a Alconeta, e dahi a Carceres, e a Losca; e dahi a Minda, e á Fonte do Mestre; e dahi a Casra, e pellas torres de Medina; e dahi direito a Freixinal, e quaesquer outras Villas,



e lugares, que entre estes assima ditos, e os Reynos de Portugal fossem conteudos, com todos seus termos, e lugares, salvo as Villas de Alcantara, e Valença de Alcantara; porque, por serem das Ordens, daria outras por ellas semelhantes em rendas, e em bondade, ou as mesmas, se as Ordens quizessem fazer permutação. E assi seria, se algum outro dos sobreditos lugares fosse de alguma Ordem. E que quando por algum modo o não podesse fazer, que elle daria a el Rey em compensação outros semelhantes em rendas, e bondade junto de Portugal. Os quaes lugares el Rey averia a seu poder, assi como se fossem cobrando, e viessem á obediencia do Duque, sem el Rey por os ditos lugares ser obrigado a reconhecer alguma superioridade.

#### C A P I T U L O LXVIII.

*Cazamento del Rey D. Joaõ: celebrase no Porto: faz el Rey casa á Rainha, que fica com o governo da justiça.*

**A**Ntes do cazamento del Rey com a filha do Duque se effectuar, alguns lhe aconselhavam, que cazasse antes com Dona Catherina, por ser neta del Rey D. Pedro; e poderia succeder que viesse a herdar os Reynos de Castella: outros diziaõ que antes devia tomar Dona Philippa, por ser mais velha. El Rey se declarou, que não era sua vontade cazar com a Infanta Dona Catherina, porque lhe parecia cazamento de arroido, e litigio, e para nunca sahir de guerra quem com ella cazasse, por causa da successão do Reyno de Castella, que de sua mãi pertencia aver; e que deixando quem com ella cazasse tamanha aução

aos



aos Reynos de Castella, lho attribuiriaõ a fraqueza, e seria sempre vituperado. E que, pois elle estava com victoria de seus inimigos, naõ determinava fazerlhe mais guerra, que até cobrar de todo o que lhe tinhaõ tomado, e até que estivesse em paz: e entaõ queria descansar em seu Reyno governandoo em justiça. E dizia el Rey que isto vinha melhor ao Duque; porque, falecendo a el Rey de Castella sua mulher a Rainha Dona Briatis, cazaria com esta Infanta, ou cazaria com o Principe de Asturias seu filho. E que assi necessitariaõ contendas com honra de hum, e do outro. O que a elle naõ podia acontecer. Polo que se determinou em cazar com a Infanta Dona Philippa.

Ficando assi el Rey, e o Duque concertados, vieraõ cartas dos Embaixadores, que el Rey tinha em Roma, como o Papa dispensara com elle sobre o casamento, e o mais. Polo que o Duque ordenou mandar sua filha ao Porto, para el Rey a receber: e hum dia, em que el Rey o convidou a comer, e a todos os cavaleiros Ingrezes, e Espanhoes, que com elle vinhaõ, em hum grande banquete, o Condestabel servio de Veedor, assentado cada hum, segundo sua preheminencia.

El Rel mandou logo ao Mosteiro, aonde a Rainha Dona Costança, e a Infanta Dona Philippa estavaõ, por procuradores a D. Lourenço, Arcebispo de Braga, e Vasco Martinz de Mello, e Joaõ Rodriguez de Sá. E em hum auto publico, a Rainha, e a Infanta outorgaraõ todas as capitulaçoës, que o Duque seu marido, e pai assentara com el Rey, com juramentos solemnes, que alli fizeraõ, estando o Duque presente. Naquelle tempo mandou el Rey o Condestabel a Alentejo fazer gente, e elle se partio dahi para o Porto, e do Porto a Lisboa, onde despois de estar sete dias, se passou



a Alantejo, a dar pressa ao ajuntar das gentes; e em quanto elle estava em Evora, foi trazida a Infanta Dona Philippa ao Porto, acompanhada de Ingrezes, e Portuguezes, onde foi recebida com muita festa, e contentamento de todos, e se foi apozentar nos Paços do Bispo. El Rey partio de Evora, e o Condestabel com elle; e quando chegou ao Porto, achou já alli a Infanta, e elle foi pouzar a S. Francisco. E por não ter vista a Infanta, a foi visitar, e lhe falou hum bom espaço perante o Bispo de Acre Ingrez, e dahi se tornou a comer no Mosteiro, donde mandou mui ricas joias á Infanta, e ella a elle outras; e despois de el Rey alli estar alguns dias, se foi a Guimaraes a ordenar o que cumpria ao negocio da guerra.

E porque vindo el Rey a falar em seu caza-mento, se achou, que se no dia seguinte lhe não fossem as bençoens feitas, senão podiaõ fazer dahi a muitos dias, por estar propinqua a septuagesima, escreveo logo ao Bispo da Cidade, que ao outro dia estivesse prestes para lhe fazer as bençoens, o qual cavalgou na mesma tarde, e andou toda a noite aquellas oito legoas, e veio amanhecer ao Porto. A Infanta foi trazida dos Paços á Sé, e alli, com muita solemnidade, a recebeo el Rey, sendo entao a festa da Purificação de nossa Senhora, que foraõ onze de Fevereiro do anno de 1387., sendo el Rey de idade de 29 annos, e a Rainha de 28: e da quinta feira seguinte a oito dias, determinou de fazer suas bodas; e com o tempo ser tao breve, se fizeraõ muitas justas, e torneos de grande qualidade. E a gente da Cidade em jogos, danças, e outras festas, significou bem o grande amor, que tinha a el Rey. A quarta feira vespora do dia das bodas, foi el Rey dormir aos Paços, onde estava a Infanta. E a quinta pola manhaã  
foi



foi toda a gente junta. El Rey sahio em hum fermoso cavalo branco, vestido de panos de ouro, e a Rainha do mesmo modo em hum palafrem da mesma cor, com coroas de ouro nas cabeças, ornadas de rica pedraria. Os grandes, que os acompanhavaõ, hiaõ todos a pé, e o Arcebispo de Braga levou a Rainha de redea. Detraz da Rainha hiaõ muitas mulheres fidalgas cazadas cantando, como era costume das bodas daquelle bom tempo.

E assi foraõ á Sé, onde o Bispo, que estava revestido de Pontifical, os recebeo, e lhe deu as bençoens. Aquelle dia deu el Rey hum real banquete, onde ouve muitas mezas, com grande apparato, e magnificencia, assi para el Rey, como para o senhores Prelados, e cavaleiros, e todas as donas do Paço, e da Cidade. O Condestabel servio aquelle dia de Mestrelalla, o qual poz em taõ boa ordem toda aquella gente nobre, como a em que ordenava suas batalhas. No que se verificou bem o dito de Paulo Emilio, que dizia: Naõ ser menos de hum bom Capitaõ ordenar bem hum banquete, que huma batalha. Nestas bodas sennaõ acharaõ o Duque pai da Rainha, nem a Duqueza sua mulher, pola occupaçaõ de chegarem suas gentes a el Rey. Naquelles dias continuamente ouve justas Reaes, e festas; e assi se fizeraõ polo Reyno grandes alegrias.

El Rey ordenou logo casa á Rainha de muitos officiaes, e Donas, e donzellas, que a servissem. Ao Mestre de Christo D. Lopo Diaz de Sousa fez seu Mordomo mór; Lourenço Anes Fogaça, que viera da Embaixada de Inglaterra, e era Chancarel mór do Reyno, fez Governador de sua fazenda; a Affonso Martins, que depois foi Prior de Santa Cruz de Coimbra, Veedor de sua casa; Gonçalo Vasquez Coutinho seu Copeiro mór; Fer-



naõ Lopez de Abreu, seu Reposteiro mór. E assi lhe deu todos os mais officiaes da casa, que agora tem as Rainhas, e muitos escudeiros Portuguezes, e Ingrezes. As molheres foraõ Dona Briatis Gonçalvez de Moura, dóna de grande prudencia, e authoridade, que fora molher de Vasco Fernandez Coutinho, senhor do Couto de Limil, para Camareira mór. As donas foraõ Dona Briatis de Castro filha de D. Alvaro Pirez de Castro, que poucos dias antes avia sido cazada com D. Pedro Nunez de Lara Conde de Mayorga, e duas filhas Dona Briatiz Gonçalvez de Moura, a Camareira mór, a saber, Dona Tareja Vasquez Coutinho, que veio ser molher de D. Martinho filho do Conde de Neiva, irmão da Rainha Dona Leanor; e Dona Leanor Vasquez, que despois cazou com D. Fernando senhor de Bragança, filho do Infante D. João; Dona Biringeira Nunez Pereira prima com irmãã do Condestabel, filha de Ruy Pereira, o que morreo em Lisboa na peleja das naos; e Dona Britis Pereira filha do Marichal Alvaro Pereira, irmão do Condestabel; e Dona Leanor Pereira sua irmãã: e assi outras damas desta qualidade, e muitas moças de Camara, e donas em grande numero. E até que a Rainha tivesse rendas, com que podesse sustentar seu Estado, lhe deu as rendas da alfandega de Lisboa, e da portagem, e do Paço da madeira, de que podia aver vinte sinco mil dobras cada anno. As quaes casas agora neste tempo importaõ cada anno a el Rey duzentos contos a casa da alfandega; e a da madeira dez; e a da portagem oito.

Em quanto el Rey celebrou suas bodas, e folgou no Porto alguns dias, passou o termo em que avia de começar a ajudar ao Duque, porque avia de ser na entrada do anno, e estava já em  
Março



Março daquelle anno de 1387.: polo que el Rey com a Rainha foi ter com o Duque a huma Aldea do termo de Bragança, e se desculpou da tardança dizendo, que os mezes se contassem do tempo, em que partira do Porto para vir alli. O Duque recebeo bem suas desculpas; e depois de folgarem alguns dias, se despedio a Rainha para Coimbra, onde avia de estar despachando as coufas, que tocavaõ á Justiça; para o que mandou el Rey que estivessem com ella os Prelados do Reyno, e Dezembargadores.

C A P I T U L O LXIX.

*Entraõ el Rey, e o Duque de Lancastro por Castella saqueando alguns lugares: successos, que nisto ouve.*

**P**Artio a Rainha: el Rey, e o Duque ordenaõ logo de entrarem em Castella, e passaraõ seu exercito polo Douro, por huma ponte de barcas, que mandaraõ fazer. No Reyno naõ ficou fronteira alguma presidiada, senaõ entre Téjo, e Guadiana Vasco Martinz de Mello, e seus filhos; e Martim Gonçalvez tio do Condestabel, e Gomez Garcia de Foyos, e alguns outros com duzentas e sincoenta lanças. A gente, que el Rey levava, eraõ tres mil lanças, dous mil bésteiros, e quatro mil peaës, a fóra outros que chegaraõ, por outro geral mandado, como quando foi sobre Corja. E assi levou mais gente, da que era obrigado, por segurança sua, se o Duque fizesse algum partido com Castella. O Duque naõ levava toda a gente, que trouxe, por ser muita parte della morta em Galiza de doenças, e outros calos; porque assi como alguns daquella Comarca se vie-  
raõ



rao no principio pera o Duque , assi despois , mudado o proposito , lhe faziao muito dano , e escondidamente matavao quantos Ingrezes podiao ; polo que se dizia , que os que lhe restarao , naõ passavao de seiscentas lanças , e outros tantos archeiros. Estando prestes para fazer sua entrada , quiz el Rey que o Duque de Lancastro , como pessoa mais principal , levasse a vanguarda , como levara na batalha de Najara , naõ se chamando ainda Rey. O Condestabel o naõ consentio , dizendo que de ninguem do mundo fiaria a vanguarda , senaõ de si. Em fim partiraõ , e aos vinte e cinco de Março chegaraõ a terra de Alcanizes , que he a primeira de Castella ; e dahi a huma ribeira , que chamaõ Tavora , onde , por ser vespera de Ramos , tiveraõ a Palcoa. Passada a festa , chegaraõ a Benavente de Campos , lugar grande , e mui bem cercado , que está quatorze legoas da raia.

Quando lá chegaraõ , hiaõ já em ordenança. O Condestabel D. Nunalvarez , e Monseur Joaõ de Holland Condestabel do Duque , e o Prior do Hospital na vanguarda. Em huma das alas hiaõ Martim Vasquez da Cunha , Gil Vasquez , e Lopo Vasquez seus irmaõs , e a gente do Mestre de Christo , que entaõ estava enfermo , com os cavaleiros de sua Ordem , e de suas terras , os quaes em vez de bandeira levavaõ hum grande plumaõ em huma lança de armas ; porque o Mestre , despois que foi prezo em Torres , naõ trouxe mais bandeira. Na outra ala hia Gonçalo Vasquez Coutinho , e Ruy Mendez de Vasconcellos com outros fidalgos de sua quadrilha. Na retaguarda hiaõ el Rey , e o Duque com a Duqueza , com muita gente de armas ; e a carruagem toda no meio , que tomava muito campo.

El Rey de Castella com a vinda do Duque ,  
e Du-



e Duqueza de Lancastro; e com a entrada del Rey de Portugal com elle, estava muito receoso, pola pouca gente, que lhe ficou despois da perda das batalhas passadas. Polo que mandou a Benavente, Vilhalpando, Valença, e outra partes daquella banda, por onde entravaõ aquelles Principes, a mais gente que pode, assi de Castelhanos, como de Francezes; e á Cidade de Leão mandou D. João Garcia Manrique Arcebispo de Sanctiago, e outros a outras partes; porque elle determinava só tratar de defender seu Reyno, e não vir a batalha campal. Em Benavente estava por Fronteiro Alvaro Pires de Olorio fidalgo Leonez, com sesenta lanças, a fóra Mosem Robi de Bracamonte, e outros fidalgos Gascoens, e Francezes. Tanto que el Rey, e o Duque chegaraõ, logo os de dentro sahiraõ a escaramuçar, e ahi morreo Mosem João Falcont fidalgo Ingrez mui principal. El Rey mandou ao salto por esses lugares ao redor a Martim Valquez da Cunha, e seus irmãos, e João Fernandez Pacheco, os quaes, chegando a Castro Calvo, lugar dahi distante cinco legoas, contra Astorga, o combateraõ, e entraraõ por força, e o roubaraõ; e o mesmo fizeraõ por outros muitos lugares chãos, e aldeas.

Sendo dia de festa, ao outro dia, que foraõ em Benavente, vieraõ alguns cavaleiros de dentro falar com os de fóra, á salva fé (como he costume, e ahi se desafiaraõ hum Alvaro Gomez criado do Condestabel, e outro gentil homem Castelhanao, para correrem algumas lanças; e assi se desafiou hum fidalgo Gascaõ do Duque de Lancastro, por nome Marbon, com Mosem Robi Francez, que na Villa estava. Ao primeiro dia vieraõ Alvaro Gomez, e o Castelhanao, ao qual encontrou Alvaro Gomez de maneira, que deu com elle em ter-



ra ; e tornando o Castelhana outra vez a cavalgar , correrão a segunda carreira : e por o Castelhana não levar a lança firme , e quieta , entrou a Alvaro Gomez baixo , de que o ferio de maneira , que veio a morrer da ferida dahi a poucos dias.

El Rey deu seguro a quantos quizessem da Villa vir correr lanças ; e por esta razão sahiaõ muitos fóra. Entre elles vinha hum Castelhana tratado como homem honrado ; e falando com alguns Portuguezes ao correr das lanças , soltava-se muito em palavras contra el Rey , chamandolhe sempre Mestre de Aviz , e outras palavras de pouca cortezia , como pola mór parte fazem os Castelhanos , que sempre desfazem nas cousas dos Portuguezes , como he costume de naçoens vizinhas , e que tiverão differenças , de que não levarão a melhor. Os que isto ouviaõ , pezavalhes muito , e passavaõ por isso , porque el Rey estava perto olhando , e porque os tinha segurados : mas naquelle dia á noite , pedindo el Rey collação , differaõlhe das descortezias do Castelhana ; e como por elle lhe ter dado o seguro , não uzavaõ de lho contradizer. El Rey lhes respondeo , que elle os segurara para virem folgar , mas não para falar mal ; que , se algum se desmandasse , não averia por mal tornarem por isso. Ao seguinte dia correrão suas lanças os cavaleiros estrangeiros , de que Marbon Ingrez levou a melhor.

A ver estes cavaleiros sahiraõ mais cavaleiros Castelhanos , e estrangeiros da Villa , que o dia de antes , e entre elles aquelle Castelhana , que soltava contra el Rey algumas palavras ; e se antes falou mal , esse dia falou peor. Alvaro Coitado , que ( como atrás he dito ) era hum bom cavaleiro da Companhia do Condestabel , e que ouvira a el Rey o acima dito , e lhe não esquecera , de  
in-



industria andava perto do Castelhana , por ouvir o que dizia. E quando o vio arreoar tão mal , sendo já as lanças corridas , por não estorvar o prazer aos outros , chegou-se ao Castelhana assi como estava a cavalo , e tomouo pelo cabeçaõ com huma mão , e com a outra lhe deu tanta punhada , que logo o atordoou , e tirou tão riço por elle , que o lançou fóra da sella da mulla , em que estava , e foraõ ambos a terra , onde lhe deu muitos couces , e punhadas , e o tomou pelo colar , dizendo que fossem ante el Rey. Alli foi hum mui grande alvoroço dos que se ajuntaraõ a ver. E os Castelhanos diziaõ , que aquillo fora mui mal feito , virem seguros a folgar , e receberem tal affronta. Hum fidalgo Castelhana , por nome Pedro Diaz de Codorniga , o contou a el Rey , e se queixou muito , porque , vindo seguros por Sua Alteza a folgar , tornavaõ injuriados. El Rey lhe respondeo , que elle os segurara da vinda , e tornada para verem o jogo , e folgarem com os do arraial , mas que não os segurara para huns , e outros falarem descortezias. E com isto se foraõ sem mais correrem lanças , por lhes não acontecer outra tal.

Esteve el Rey sobre Benavente oito dias ; e por não levar engenhos , e machinas para o combater , o deixou ; e no caminho , que levava , tomou muitos lugares cercados , e chaõs , como o castello de Matilha , e o de Roales , que era daquelle Alvaro Perez Osorio ; e o lugar de Valdeiras , que era do mesmo , foi roubado. E porque avia differença ácerca do sacco , que se dava aos lugares , entre os Ingrezes , e Portuguezes , por os Ingrezes dizerem , que as fortalezas , e villages eraõ suas ; concertou el Rey com o Duque que naquella Villa roubassem o Ingrezes primeiro até horas de meio dia , e daquellas horas em diante os Portuguezes.



E porque os Ingrezes traziaõ os mantimentos, de que avia mais necessidade, soffrendose mal os Portuguezes, foraõ antes de meio dia roubar de mistura com os Ingrezes: do que queixandose o Duque a el Rey, elle sahio a cavalo a prella agastado, por naõ obedecerem a seu mandado; e acezo em grande ira, com a espada nas maõs, fez sair fóra aos que achava pola rua, e ferio muitos, e a hum degolou por suas maõs, e outro fez saltar por cima dos muros, que morreo logo do salto; e, dado o meio dia, foraõ os Portuguezes a roubar.

Despois que el Rey andou quinze dias por aquelles lugares, foi a Villalobos, que era hum Villa bem cercada do mesmo Alvaro Pirez Osorio. A cerca tinha hum cava, parte da qual tinha agoa, e a outra parte estava seca; e determinando el Rey dar combate á Villa, mandou encher a cava de erva para a gente passar por cima, e foi lançada per tres dias: mandou el Rey pela erva, e por guarda dos que a hiaõ buscar Martin Vasques da Cunha, e seus irmaõs, e outros fidalgos com certa gente. E partindo do arraial as azemalas, e muitos dos que hiaõ por guarda dellas, ficaraõ Martin Vasquez da Cunha, Lopo Vasquez, e Gil Vasquez seus irmaõs, e Martin Lourenço, Martin do Avellal, e outros cavaleiros, e escudeiros até dezoito por todos, e hiaõ para lá falando muito de seu vagar; e por aquelle dia fazer grande nevoeiro, naõ atinando com a terra, por onde hiaõ, erraraõ o caminho. E fendo já hum grande legoa do arraial, foraõ dar consigo na ribeira, que vem de Mayorga, em que jaziaõ quatrocentas lanças de Castelhanos, e muitos homens de pé, entre huns alemos, que alli avia, onde dormiraõ aquella noite, de que eraõ

Capi-



Capitaes D. Fradique Duque de Benavente, irmao bastardo del Rey, Alvaro Perez Olorio, Rodrigo Ponce de Leão, e outros. E quando os viraõ taõ junto consigo, conhecerã que eraõ Portuguezes, e começaraõ a bradar *Mata, mata: Castilha, Castilha*. Os Portuguezes, vendole em tal pressa, começaram a dizer a altas vozes *S. Jorge, S. Jorge: Portugal, Portugal*; e mui á pressa se desviaraõ logo a hum lugar algum tanto mais levantado, porque tudo era campina chaã; e descavalgando das bestas, as pozeraõ ao redor de si atadas humas com as outras; e elles no meio com as lanças nas maõs, e as costas huns contra outros, dizendo logo entre si, que cumpria hum delles ir á pressa dar aviso ao arraial, que lhes acudissem. E como cada hum se escusasse de ser o embaixador, dando a entender que o fazia por pelejar, disse hum escudeiro, por nome Diogo Pirez do Avelal, que vivia com Martim Vasques da Cunha, que qual era mais honroza coula, e de homem mais esforçado, ajudalos a defender assi como eslavaõ, ou passar por entre tantos inimigos, e ir pedir socorro ao arraial? Todos a huma voz disseraõ, que maior valentia era aventurar-se a passar por entre tantos inimigos. Pois que assi he (disse elle) quero eu ser esse. Entaõ cavalgou, e foi por entre aquelles, que o dezejavaõ matar; e posto que lhe arremecassem muitas lanças, nenhuma lhe acertou. E quando a elle vinhaõ de huma parte, e da outra para o averem de levar de encontro, estendia-se ao longo do cavalo, e assi lhe escapava, de maneira que elle se poz em salvo, sahindo polo meio de todos elles, e foi dar novas ao arraial. Os Castelhanos cercaraõ entretanto os dezasete, que ficavaõ, subindo pela ladeira daquelle pequeno cabeço; e arremecandolhe muitas lanças, assi das que tra-



traziaõ, como das que tomavaõ aos homens de pé: e não lhe chegavaõ, porque as arremecavaõ de baixo para cima; outros não ousavaõ a se chegar, porque os Portuguezes tornavaõ a lançar aos Castelhanos as lanças, que lhes elles arremecavaõ. E porque tiravaõ para baixo, e os Castelhanos eraõ muito bastos, quantas arremecavaõ, tantas lhe faziaõ dano, e os feriaõ: e assi se defendiaõ, matando seus inimigos com as lanças, que elles mesmos lhes davaõ. E os cavalos, que feriaõ, topavaõ huns nos outros, matando alguns. Alli morre-raõ quarenta Castelhanos de cavalo, e muitos cavalos; e dos Portuguezes nenhum foi morto, nem ferido, tirando Marboni, que sahindo fõra para tomar das lanças, e arremessar, acolhendose para dentro, lhe veio de arremeco huma lança da mão de Martim Gonçalvez de Ataide, que naquella companhia dos Castelhanos vinha. E entrandolhe a lança por entre as laminas, o ferio da ferida, de que morreo dahi a poucas horas. As novas daquelle aperto chegaraõ ao arraial, e logo o Condestabel sahio por lhes acorrer. E por o nevoeiro se ir já levantando, por ser o dia crecido, ouveraõ os Castelhanos vista do soccorro, que vinha, e logo se retiraraõ, e foraõ. E entre si hiaõ falando, que até as historias de Tristaõ, e Lançarote, dahi em diante se podiaõ deixar de ler, e falar-se no esforço de Martim Vasques da Cunha, que com dezaete homens de armas se defendeo de quatrocentas lanças por taõ grande espaco, em taõ fraco lugar.

Por aquelle caso, que aconteceu a Martim Vasques, e por o grande nevoeiro, não veio erva ao arraial, como devera, porque se apartaraõ huns dos outros: e por a falta, que aquelle dia ouve de erva, e por se dizer no arraial que os da Villa moviaõ partidos para se darem, ao outro dia seguinte



guinte se levantou huma voz, sendo horas do meio dia, sem o mandar el Rey, dizendo alto huns a outros, *á erva, á erva, que rendida está a Villa:* e como começaram de o dizer, foram lá alguns moços, e Azemeis, e homens de pé; e logo foi levada quanta erva estava na cava. El Rey ficou por isso mui indignado, e mandou que prendessem quantos a foram tomar; e trouxeram prezos seis moços culpados nisso, e levados ante el Rey. O Condestabel, que de sua condição era maviozo, e humano, receava que el Rey lhes mandasse decepar as mãos. E pediu a el Rey por mercê com quanta efficacia pôde, que não fizesse aquelles homens inuteis com lhes mandar cortar as mãos, mas que respeitasse a sua pouca idade, e simplicidade. El Rey lho não concedeo: polo que o Condestabel se veio á tenda com os olhos cheios de agoa, e se deitou de bruços sobre a cama, chorando a justiça, que se avia de fazer daquelles moços, não lhes podendo valer. Tambem hum escudeiro, que servia mui bem a el Rey na guerra, lhe pediu, em satisfação de seus serviços, perdoasse a hum daquelles moços, que era seu irmão; o que não pôde impetrar. Polo que se desnaturou do Reyno, e se passou logo para Castella. E aos moços mandou el Rey decepar as mãos, sendo de sua condição mui piedoso, parecendolhe que cumpria assi á disciplina militar, que elle de nenhum modo queria se corrompesse, ou desprezasse.

Vendo pois os de Villalobos como el Rey não tinha engenhos, e artificios, com que os combatesse, e que a erva da cava era tirada de todo, e que tarde viria alli outra tanta, cobraram animo para se defender, e não quizeram vir a partido: e hum dia por huns paos, que atravessavam a cava de huma parte a outra á maneira de ponte, sahiram



rao da Villa muitos dos Castelhanos , e passaraõ a cava , por darem no arraial , e fazerem o dano , que podessem. Ruy Mendez de Vasconcellos , e Gonçalo Vasquez Coutinho pouzavaõ naquella parte , para onde elles vinhaõ ; e quando os viraõ , lançaõse fóra das tendas com alguns consigo sem mais armas , que os escudos nos braços , e arremçoës nas mãos , e foraõ á pressa aos Castelhanos , e ajuntaraõse de maneira , que os Castelhanos os não poderiaõ soffrer ; e deraõ volta pera a Villa , mais á pressa do que sahiraõ. E não podendo caber pelos paos da minhoteira , foraõ alli muitos mortos a ferro , e outros morrerãõ na agoa da cava , em que cahiaõ : e tornandose já Ruy Mendez , e Gonçalo Valques , hia el Rey para lá , por ver que era aquillo : e quando os vio vir daquella maneira , e soube o que passava , posto que folgou com o que fizeraõ aos inimigos , pelejou com elles , por assi sahirem defarmados , sendo taes homens a que não convinha , porque com hum vil homem lhes podera acontecer hum desastre.

Ruy Mendes trazia huma pequena ferida no braço direito , de que corria sangue , e de que elle não fazia cazo ; e disse a el Rey : Senhor , em tal tempo não cumpria fazer doutra maneira. E com isto alçou o braço ferido com a lança , dizendo por palavras galegas: *A la fé eu son Rodrigo, que taõ bem las fago , como las digo.* El Rey , e os outros , rindose daquellas palavras , se vieraõ para as tendas. Eraõ estes dous fidalgos notaveis cavaleiros , ambos amigos , e no esforço , disposiçaõ , gentileza do corpo , e na idade iguaes , e mui grandes cavaleiros , e destros em todo o exercicio de armas : e assi eraõ conhecidos dos Castelhanos pelas obras que faziaõ , e pelas armas que vestiaõ , que muitos receavaõ de se encontrar com elles. E  
naõ



naõ sómente eraõ nomeados , e temidos dos imigos , mas muito louvados dos Ingrezes : e tanto , que dizia o Duque de Lancastro por elles , que se ouvesse de aventurar o Reyno de Castella , e pôr seu direito em maõ de hum só homem , que o combatesse , cada hum daquelles dous era bastante para isso. Vendo pois os da Villa a perda das gentes , que ouveraõ , commeteraõ logo partido ao Duque , e levantaraõ bandeira por elle.

C A P I T U L O LXX.

*Voltaõ para Portugal el Rey, e o Duque de Lancastro. Tem no caminho dous encontros com a gente do Infante.*

**E**L Rey vendo , que nenhum dos lugares , a que chegavaõ , se movia a receber o Duque por senhor , nem outros alguns : e que aquellas fracas Villas eraõ tanto no interior do Reyno , e mal accomodadas para as sostentar , e que a tal guerra pello Reyno era pouco honrosa , e de muito trabalho , deu parte ao Duque , e lhe disse que , pois todo o Reyno era contra elle , naõ o querendo por senhor ; e além disso , por ter seu adversario tantos estrangeiros por si , e outros mais , que esperava ; e elle afastado de suas terras , e com taõ poucas gentes , que lhe parecia que , se elle determinava tomar toda Castella Villa , e Villa , era cousa infinita ; porém que , se queria continuar a empreza que começara , que elle estava prestes com a gente , que trazia , e com outra mais , se cumprisse ; mas que os seus eraõ taõ poucos para tamanho negocio , que velos era grande falta para hum taõ grande Principe , como elle era : e que por essa razaõ os imigos creciaõ cada vez mais , e



tomavaõ atrevimento de se chegar a elles : e que de duas couzas havia de fazer huma , ou ir a Inglaterra buscar mais gente , ou vir a alguma honrosa concordia , e transacção , se por seu adversario lhe fosse commetida.

Pareceraõ bem ao Duque as razões del Rey ; e respondeo , que já alguns lhe tinhaõ dito , que el Rey de Castella viria a qualquer avença , que fosse de honra de ambos , especialmente de o Infante primogenito de Castella cazar com sua filha : e que elle lhe não respondera de si , nem de não , mais que ser sua vontade tornar a Inglaterra pera trazer mais gentes. Mas que , se só outro partido lhe fizesse el Rey de Castella , o aceitaria.

Despois que el Rey , e o Duque tiveraõ seu conselho de se tornar ao Reyno , não o quiz el Rey dar a entender , senão que andava correndo a terra , e não desistia da guerra começada. Polo que não tornaraõ por onde foraõ , e caminharã a Vilhalpando : e indo aquelle dia Ruy Mendez de Vasconcellos com outros correr a Castro Verde , e andando escaramuçando , lhe deraõ com hum virotaõ huma pequena ferida por cima do mangote junto com o hombro , e entrou taõ pouco , que andava o virotaõ pendurado , e não curava delle ; e como tornou a sua tenda , disse aos que ahi estavaõ , que elle estava ferido de erva : e dizendo os outros que não , elle aporfiava que si. E sendo dito a el Rey , mui pezaroso com tal nova veio alli logo para lhe tirar aquella imaginação ; e esforçando que não era cousa de importancia , respondeo elle que sempre ouvira dizer que aquelles , a quem ferem com erva , lhe formiguejavaõ os beiços , e a elle parecia que , quantas formigas no mundo avia , todas tinha nelles. El Rey lhe disse , que pois assi era , bebesse da ourina , que era muito proveitosa para isso.



isso. Elle disse, que a não beberia por nenhuma cousa do mundo: e porfiando el Rey com elle, e elle dizendo que não, como Principe humano que era, e desejozo da saude de tão bom vassallo, por lhe tirar o nojo, provou da ourina, que mandou vir, e disselhe: Como não bebereis vós do que eu bebo? E elle o não quiz fazer. El Rey o vinha ver duas, e tres vezes cada dia: e ao terceiro dia, estando com elle falando, e esforçando, disse a el Rey, que lhe tinha em grande mercê suas palavras, e visita; mas que entendia que não avia nelle senão morte; porque, onde elle devia folgar com sua fala, e bom esforço, e com tão alta mercê, como lhe fazia, não se anojava menos com sua vista, do que fizera, se elle fora hum homem, a que elle não quizesse bem. El Rey como lhe ouvio isto, volveolhe as costas, e sahiose da tenda com os olhos banhados em lagrimas, dizendo aos outros como tinha a maõ final aquillo, que Ruy Mendez lhe dissera: e naquelle mesmo dia deu a alma a Deos: cuja morte foi mui sentida del Rey, e do Duque de Lancastro, e de todos os do arraial; e muito mais, por ser de huma cousa tão leve: e seu companheiro, e grande amigo Gonçalo Vasquez Coutinho mostrou por elle notavel sentimento, porque eraõ hum par de amigos, como os que os antigos celebraraõ. O corpo de Ruy Mendez mandou trazer a Portugal mui honradamente.

De Vilhalpando partio el Rey, e veio alojarse acima de Camora, duas legoas junto com o Douro defronte de Sancta Maria do Visso: e el Rey mandou tentar o rio, se poderia passar a vao: e entre os que foraõ a isso, foi hum Alvaro Vasquez Alcaide de Alcanhede, que se afogou no rio, cahindo o cavallo com elle: e outros acharaõ def-



pois lugar, por onde passassem a seu salvo. Ao outro dia, que eraõ quinze de Maio, partio el Rey com todo o exercito polo vao, assi de pé, como a cavalo: e no dia seguinte foraõ alojar a hum lugar, que chamaõ Corrales perto de Camora, onde estava D. Lourenço Soarez Mestre de Sanctiago com muita gente, mas naõ quiz sahir a escaramuça alguma. Dalli partio ao outro dia caminho de Cidade Rodrigo, entre Salamanca, e Ledesma: e vindo o exercito para aquelle lugar, sahio de Salamanca, onde estava o Infante D. Joaõ, e com elle Diogo Lopez de Angulo, genro de Pedro Lopez de Ayala, o que foi prezo em Sanctarem, com outros Fronteiros: e porque Diogo Lopez entaõ chegara novamente, quiz provar alguma cousa, em que ganhasse honra. El Rey vinha com sua gente ordenada em batalhas: e Diogo Lopez com 300 ginetes, que trazia, se chegou taõ perto da retaguarda, que podiaõ jugar ás lançadas. El Rey indignado daquella temeraria afouteza, passou pela carruagem, e chegou á vanguarda, e disse ao Condestabel, que escolhesse da sua gente a melhor encavalgada, e elle faria o mesmo da sua; e que fossem contra aquelles ginetes, que taõ atrevidos eraõ. O Condestabel disse a el Rey, que seria de tença fazer essa escolha; mas que passasse a carruagem, e elle com a retaguarda iria a elles com os que o podessem seguir. Passou entaõ a carruagem, despois el Rey, cuidando os inimigos que o faziaõ com medo. Nisto sahio o Condestabel rijamente a elles, e alguns del Rey em sua companhia: e taõ de vontade os acommeteraõ, que todo o orgulho, que traziaõ, perderaõ, tornando atraz cada hum como melhor podia: e como traziaõ os cavalos folgados, e bem pensados, sahiraõse mui ligeiramente logo no principio; e a pouco espaço, antes  
que



que corresse a mea legoa , começaraõlhe a cançar os cavalos : e os Portuguezes , que lhe foraõ no alcance , prendiaõ , e matavaõ nelles. Diogo Lopez saltou em terra com sua elpada , e adarga sem fazer defenfaõ alguma , porque lhe naõ cumpria áquelle tempo. Foraõ dos Castelhanos mortos quinze , e prezos quarenta e oito , e os mais se acolheraõ. Sendo trazido ante el Rey Diogo Lopez de Angulo , lhe perguntou como se deixava alli tomar , trazendo taõ bom cavalo ? Elle respondeo , que por acudir a huns seus amigos , e criados se deteve tanto , até o tomarem. O Duque de Lancastro vio a presteza , com que os Portuguezes refrearaõ a temeridade daquelles ginetes ; e mostrou grande prazer , dizendo para os seus , *O' que bons Portuguezes !*

Caminhando el Rey com seu exercito para Cidade Rodrigo , o Infante D. João , Martim Anes de Barbuda Mestre de Alcantara , Garcia Gonçalvez de Grizalva , e outros Capitaes Castelhanos , e Francezes , que estavaõ pelas Fronteiras , e traziaõ quatro mil lanças , tiveraõ novas como muita gente do arraial hia doente ; e por diversos caminhos vieraõ ter áquella Cidade , com tençaõ de pelear com el Rey : e em amanhecendo , se puzeraõ todos a pé , arredados da Cidade dous tiros de bésta , aguardando el Rey , que vinha dalli humma legoa. O Condestabel trazia sua vanguarda , e as alas concertadas em boa ordem. E quando os Castelhanos o viraõ , cuidaraõ que naõ eraõ mais , porque a retaguarda naõ apparecia ainda ; e determinaraõ de pelear com elles. O Condestabel avia necessariamente de passar hum pequeno rio por humma ponte estreita , a qual era já guardada dos inimigos. Martim Gonçalvez Commendador mór de Christo com as gentes do Mestre , e outros com elle ,



elle, chegaraõ alli; e estando a pé, constrange-  
raõ aos inimigos a deixar aquelle porto. O Con-  
destabel passou; pos-se em batalha ordenada, por-  
que não sabia o que os Castelhanos queriaõ fa-  
zer: nisto assomou el Rey com sua retaguarda; e  
fendo visto dos inimigos, disseraõ huns para os ou-  
tros, que aquella gente era mais da que cuidavaõ;  
e que não seria bom conselho embaraçar-se com el-  
les. El Rey quando vio os Castelhanos daquela ma-  
neira, não tendo ainda passado o rio, que o Con-  
destabel passara, pediu outro cavalo, e a cellada; e  
foi-se para onde os Castelhanos estavaõ. E indo pa-  
ra lá, chegaraõ Alvaro Coitado, e João Affonso  
Pimentel, que vinhaõ de ver o campo; e disseraõ  
a el Rey, que não fosse por aquelle caminho, que  
alli hia hum passo de hum regato cavado, e mau  
de passar por huma ponte estreita, e que lha po-  
diaõ deffender. Polo que se deteve, e mandou aos  
seus que não levassem aquelle caminho. Os Caste-  
lhanos vendo que el Rey tinha ainda por passar o  
rio, que o Condestabel já tinha passado, e que  
avia de descer a elle por huma ladeira abaixo, pu-  
zeraõse muitos a cavalo, para lhe atirarem lanças  
de arremesso na decida; o que bem podiaõ fazer  
a seu salvo.

Quando el Rey vio seu intento, entendendo o  
que queriaõ fazer, mandou chamar todos os béf-  
teiros, que vinhaõ na retaguarda, e que ficassem  
alli á passagem, para atirar aos de cavalo: e deu  
cargo a Gonçalo Vasques Coutinho, que os acau-  
delasse; o qual, como esforçado que era, enci-  
ma de hum cavalo, sem outro homem de armas,  
os ordenava desta maneira, que em quanto huns a-  
tiravaõ, armavaõ os outros. E como alguns dos  
Castelhanos se queriaõ adiantar, hia-se Gonçalo  
Vasques a elles; e os bésteiros o seguiaõ atiran-  
do;



do ; e assi os fazia afastar de si. Desta maneira passou toda a gente da retaguarda , e nenhum teve geito de poder arremellar lança , com temor dos bésteiros. Como el Rey passou , ajuntouse com elle o Condestabel , e apozentou o arraial meia legoa acima da Cidade. Dalli partio el Rey para Portugal , e veio alojar-se a Val de la Mulla. Ao outro dia chegou a Almeida primeiro lugar do Reyno.

## CAPITULO LXXI.

*Chegaõ el Rey , e o Duque a Portugal : faz el Rey de Castella concerto com o Duque de Lancastro : escapa el Rey de huma doença.*

**C**omo el Rey foi em seu Reyno , mandou ao Condestabel a Alentejo guardar a terra ; e elle foi cumprir com outra romagem , que tinha prometida a nossa Senhora da Oliveira de Guimaraes , antes que entrasse em Castella : foi lá a pé. E o Duque de Lancastro entretanto ordenou ir a Coimbra ver a Rainha sua filha : e estando em Trancoso , lhe chegou recado del Rey de Castella sobre avenças , e tratos de pazes ; porque , como el Rey de Castella ouvio que o Duque tornava a Inglaterra buscar gente , e o parentesco , que com el Rey de Portugal tinha , pareceolhe que devia evitar males , e guerras á custa do seu. Polo que lhe mandou requerer cazasse Dona Catherina sua filha , e da Infanta Dona Costança filha mais velha del Rey D. Pedro , com D. Henrique seu filho primogenito , herdeiro de seus Reynos , a quem daria em casamento o que fosse razão , para sustentação de seus Estados. E não avendo nisto differença , ouvea no mais , que o Duque lhe pedia. Em fim vieraõ a acordar que el Rey desse em do-  
te



te a sua nora a Cidade de Soria , e as Villas de Almagar , Atienza , Déssa , e Molina : e dêsse á Duqueza sua Mãe em sua vida Guadalajara , Medina del Campo , e Olmedo : e que o Duque dêsse para as despezas , que fizera , seiscentos mil francos de ouro , pagos a certos tempos , e cada anno mais em sua vida , e de sua mulher , qual delles mais vivesse , quarenta mil francos , pagos a certo termo : e que o Duque , e sua mulher se decessem de toda demanda , e contenda , que contra os Reynos de Castella aver podessem. E para todas as capitulações melhor se effeituarem , assentaraõ que o Duque se partisse , e se fosse para Bayona , lugar do Ducado de Guiana , que era del Rey de Inglaterra , e que lá lhe mandaria el Rey seus Procuradores , para se fazer escritura disso. E idos os Embaixadores , o Duque se foi a Coimbra , onde a Rainha sua filha estava. E como el Rey de Castella possuia o Reyno , que seu pai usurpou a el Rey D. Pedro seu irmão , que matara , nenhuma cousa mais temia , que aver alguem de seu sangue , que lhe fizesse seu estado duvidoso , ou podesse ser causa de alguns movimentos nos Reynos de Castella : pelo que huma das capitulações , que assentou com o Duque de Lancastro , foi que lhe avia de entregar D. João de Castilha , filho del Rey D. Pedro , que estava em Inglaterra em arrefens , com as Infantas suas irmãs , que pertendia ser legitimo , e Principe herdeiro del Rey D. Pedro , e pertencer-lhe a elle o Reyno ; porque , tendo o dito Rey D. Pedro repudiado a Rainha Dona Branca de Borbon , filha do Duque de Borbon , com que dizia não poder ser casado , por muitas protestações , que fizera antes de seu casamento com ella ; e tendo occulto o casamento de Dona Maria de Padilha , que elle conversava , e de que ouvera as ditas

Infan-



Infantas, e outros filhos; casou em effeito, e por concerto, e com lhe affinar Villas em dote, com Dona Joanna de Castro, filha de D. Pedro de Castro senhor de Sarria, e Lemos, Mordomo mór que foi del Rey D. Affonso seu pai, que fora molher de D. Diogo Lopes de Haro, neto de D. Diogo Lopes de Haro senhor de Viscaya; com a qual celebrou bodas publicamente: e sem estar mais com ella que a primeira noite, a deixou prenhe sem nunca mais a ver: da qual nasceo o dito D. João de Castilha, em figura de matrimonio; chamando-se sempre a dita Dona Joanna até a morte Rainha de Castella, e de Leaõ. Mas el Rey, que tinha recebida occultamente a Dona Maria de Padilha, em humas Cortes, que fez em Sevilha, declarou ser casado com ella, e serem legitimos os filhos, que della ouve: polo que polas ditas avenças, que o Duque de Lancastro fez com el Rey de Castella, lhe entregou o dito D. João prezo, para seguridade de ambos. O qual deu el Rey de Castella em guarda a hum fidalgo Aragonez, por nome Beltran de Arriel, para que o tivesse prezo no castello de Soria, de que elle era Alcaide mór.

Estando D. João assi prezo, em estreita prizaõ de grilhoës, para tentar se se podia ver fóra della, tratou de pedir por molher ao Alcaide Arriel Dona Elvira de Arriel sua filha; e de feito a recebeo: dahi a certos dias declarou ao sogro a tençaõ de seu casamento, e o bem que lhe podia vir de sua liberdade, que era pôlo em estado de ser Rey de Castella, como filho varaõ que era del Rey D. Pedro, nacido de hum Rainha em figura de matrimonio. A filha por outra parte de joelhos, e com muitas lagrimas pedia ao pai em dote a soltura de seu marido. Mas não aproveitou; porque na mesma guarda, e prizaõ, em que D. João



a principio foi posto , o teve sempre sem mudança alguma , antepondo a fidelidade , que devia a seu Rey , ao amor que tinha a sua filha. D. João esteve toda a vida na prizaõ naquelle castello , e nella morreo ; e ouve filhos , de que descendem os do appellido de Castilhoa. Seus ossos passou a Madrid ao Mosteiro de S. Domingos o Real Dona Costança sua filha , sendo nelle Priora , junto á sepultura del Rey D. Pedro seu pai , onde está sua figura de vulto , com huns grilhões nos pés , por memoria da prizaõ em que viveo , e morreo sem culpa.

Vindo el Rey do Porto a Coimbra da sua romaria , a que fora a Guimaraes , adoeceo de febres , sendo fim de Junho , em huma quinta que está no meio do caminho : e foi a doença tão aguda , que em pouco espaço de dias chegou ao ultimo da vida : polo que a Rainha partio á pressa de Coimbra , e o Duque seu pai com ella ; e quando chegaraõ , estava já el Rey tão fraco , que não podia falar ; e de sua vida avia pouca esperança. O nojo da Rainha foi tão grande , que logo moveo huma criança , porque se via tão prestes viuva , com perda de hum marido , e Rey tão valeroso , e que ella em estremo amava , e em terras estranhas : polo que nunca cessava de chorar , e andava como assombrada : mas quando estava com el Rey , estava dissimulando as lagrimas , e o consolava , e esforçava. Em fim por suas orações , que era huma Princeza sancta , e polos rogos do povo , el Rey cobrou melhoria , que não foi menos estimada de todos , que se refucitara da morte á vida cada hum delles ; porque , além do amor , que a el Rey tinhaõ , sabiaõ que com sua morte se acabava Portugal. Nesta doença pedio o Duque a el Rey seu genro perdoasse ao Conde D. Gonçalo , e a seu filho ,



lho , e a Ayres Gonçalvez de Figueiredo , e os mandasse soltar ; o que el Rey lhe concedeo.

C A P I T U L O LXXII.

*Parte o Duque para Bayona. Algumas disposições, que el Rey fez sobre as prezas do mar, e governo de Justiça. Dá o Mestrado de Aviz, e Sanctiago.*

**E** Stando el Rey em Coimbra , aonde logo foi convalecer , lhe foi descuberta hum treição , que se fabricava contra o Duque de Lancastro seu sogro : e era o caso , que vindo el Rey entre Camora , e Touro , quando elle , e o Duque entraraõ em Castella para a aldeia , que chamaõ Corrales , ajuntaraõse hum vez gentes de cavalo , assi de Portugal , como de Castella , para fahirem huns contra os outros , como se costuma fazer : e dos Castelhanos fahio hum homem de cavalo , correndo quanto podia , por se lançar com os Portuguezes , que com brados vinha dizendo , que lhe acudissem : e atraz elle vinhaõ alguns , fingindo que o queriaõ prender ; e elle , que trazia o cavalo mais ligeiro , fahia-se delles quanto queria. Os Portuguezes vendoo , fahiraõ a elle para o defender ; e perguntandolhe que era aquillo ? elle respondia a todos : Levaimo a el Rey de Castella o Duque de Lancastro , e á Rainha Dona Costança minha senhora , e a elles o direi. Sendo levado ao Duque como pedia , disse que elle vinha a elles como a seus senhores naturaes , e herdeiros del Rey D. Pedro seu senhor , que o criara a elle , e lhe dera hum comenda , e terra , que tinha : e que tudo deixava por os servir , e ajudar a vingar a morte del Rey D. Pedro seu senhor. O Duque , e a Du-



queza, quando o ouviraõ, o tiveraõ por homem de primor, e leal; e como tal o tratavaõ, e o tinhaõ em conta. Este homem vinha para lhes dar peçonha: e andando elle assi como homem pouco prudente, veio-se a delavir com hum seu criado, que sabia parte desta maldade: o qual a descubrio a el Rey, e ao Duque, que disso ficaraõ mui espantados: e sendo aquelle homem prezo, e negando o maleficio, e affirmando o criado, foilhes dado campo a seu requerimento; e entrando nelle o criado, lho fez conhecer: e confessando, foi mandado queimar.

De Coimbra, onde o Duque estava avia alguns dias com a Rainha sua filha, partio com sua molher, e familia para o Porto, onde aviaõ de embarcar, e com elles el Rey, e a Rainha; e no Porto folgaraõ alguns dias: e no fim de Setembro em catorze Galés, de que hia por Capitão Affonso Furtado, partio o Duque com os seus, e em poucos dias chegou á Cidade de Bayona, do Ducado de Guiana, e do senhorio entaõ de Inglaterra, onde os Embaixadores de Castella foraõ confirmar os contratos, que entre aquelles Principes eraõ feitos.

E porque as ordenaçoes, e estillos dos antigos muitas vezes vem a servir aos presentes, e podem servir aos vindouros, maiormente em cousas, que mais consistem em costume aprovado, que em lei escrita, naõ parece desnecessario lembrar aqui o que el Rey D. Joaõ ordenou naquelle tempo, que as galés de Portugal tornaraõ de Bayona, quando levarãõ o Duque de Lancastro, sobre as prezas de algumas naos, que entaõ fizeraõ, avendo duvida como se avia de fazer a repartição por os que as tomaraõ. E foi que na nao, ou barca entrada por força, todas as cousas, que sobre tilha eraõ



eraõ achadas, fossem daquelles, que as tomassem,  
 tirando ouro, prata, perolas, e pedraria, trenas,  
 e ouro fiado, seda, panos de ouro, e de seda, e  
 peças de pano inteiras, que estas fossem del Rey.  
 E tudo o mais, que achassem sob tilha, fossem del  
 Rey, com o corpo do navio, e apparelhos, e ho-  
 mens: e que os navios pequenos de vinte e cinco  
 toneis para baixo, que não fossem tilhados, nem  
 guindassem, que fossem dos patroës das Galés, que  
 os tomassem; e os Alcaides ouvessem de cada hum  
 huma corda, e huma ancora; e a fazenda, e os  
 homens fossem del Rey: e que tudo, o que em ter-  
 ra pilhassem, e os homens que prendessem, fos-  
 sem daquelles, que os tomassem, salvo prisioneiros  
 de quinhentas dobras para cima; porque a estes  
 taes, se el Rey os quizesse tomar, daria por cada  
 hum delles mil dobras; porque tanto achou que  
 os Reys seus antecessores davaõ por elles: e se os  
 que tomassem esta pilhagem, ou prisioneiros, fos-  
 sem homens de armas, e bêteiros, ouvessem a ter-  
 ça parte os patroës; e do que pilhassem os galeo-  
 tes, ouvessem o terço os Alcaides. E do que os  
 arraezes, e marinheiros percalçassem, nenhum ou-  
 vesse delle terço, mas fosse tudo seu. E que as ar-  
 mas dos patroës das galés, ou dos Mestres das  
 naos, ou de baixeis, ou de homens de armas, ou  
 bêteiros, ou marinheiros, fossem dos patroës, ou  
 de quem quer que as tomasse; e tomandoas ou-  
 trem, que ouvessem a terça parte os patroës, ou  
 Alcaides, como está dito nas outras cousas: e que  
 isto se não entendesse nas armas dos almazés dos  
 corpos dos navios, porque estas seriaõ del Rey; e  
 que as armas, e baixella de prata, e roupas ta-  
 lhadas do patraõ da galé, que fosse tomada, ou-  
 vesse o patraõ, que com ella aferrasse; e a outra  
 prata, ou ouro que achassem, que não fosse bai-  
 xella,



xella, ouvesse el Rey: e se algum subisse ao mastro, e visse algum navio, de qualquer genero que fosse, ouvesse huma dobra, se fosse tomado. E quando as Galés tomassem outras galés, os remos, armas, e gente fossem del Rey, salvo hum bastardo, e hum cabre, e huma ancora, que seria dos Alcaides da galé, que outra tomasse; e que as cousas, de que os patroës, e Alcaides ouvessem de aver o terço, se terçassem desta maneira, que fizessem tres quinhocns de tudo, e os tomadores escolhessem hum primeiro, e os patroës, e Alcaides ouvessem outro; e o terceiro, que ficasse, ouvessem os tomadores: e destas cousas, que assi fossem tomadas, o Almirante, nem Capitaõ não ouvessem quinto, nem outro direito, salvo do que el Rey levasse para si. E que acontecendo que alguns dos patroës tomassem navios, dos que ouvessem de aver para si, não fossem ouzados tomar os homens, que na armada hiaõ, e mandalos tornar com elles para a parte, donde partiraõ.

Tambem se moveo a el Rey neste tempo duvida sobre as sentenças, que se deraõ, e processos, que se ordenaraõ no tempo, que el Rey de Castella andou neste Reyno nos lugares, que por elle estavaõ, como em Santarem, onde ouve despacho de Dezembargadores, que por elle faziaõ justiça; e assi as escrituras, que se fizeraõ em nome do dito Rey, se seria tudo valioso? Aquelles, em cujo favor as sentenças eraõ dadas, ou feitas as escrituras, diziaõ que si deviaõ ser valiosas; pois os officiaes eraõ Portuguezes, e julgavaõ polas leis de Portugal, e foraõ officiaes del Rey D. Fernando. Os que ouveraõ as sentenças contra si, diziaõ que el Rey de Castella não fora Rey de Portugal approvado por Cortes, nem com consentimento geral do Reyno, posto que algumas Villas se



se lhe dessem por medo de seu muito poder; nem elle podia ser Rey contra vontade do povo, e com quebra de seus contratos, e juramentos. E por tanto, por tirar duvidas, el Rey determinou que, visto como estes Reynos foraõ livres por morte del Rey D. Fernando, e a elle foi dado o regimento, e senhoria delles, outorgado polos grandes, e ficara pacifico Rey pela victoria que ouvera do dito Rey de Castella, que todas as sentenças, que foraõ dadas, e execuçoens por ellas feitas fossem nulas; e da mesma maneira os processos, que pendiaõ, naõ procedessem por elles; e que tudo tornasse ao estado, em que as cousas estavaõ antes que el Rey de Castella entrasse nestes Reynos.

Por aquelle mesmo tempo, retendo ainda el Rey em si o Mestrado de Aviz, desejava de o dar a Mem Rodriguez de Vasconcellos, a quem já o tinha dado; e Fernaõ Rodriguez de Siqueira, Comendador mór de sua Ordem, esperava de o aver; e Fernaõ Dalvarez Dalmeida Veedor da casa del Rey, e Commendador de Juramenha, que era Craveiro, e pertendia aver a Comenda maior, desejava o mesmo. El Rey vendo a pertençaõ delles, e o muito serviço, que lhes fizeraõ; e como naõ podia contentar a todos, por se fahir de tal encargo, quanto a Deos, e quanto ao mundo, disse aos dous que ouvessem a eleição dos cavaleiros da Ordem; e fosse Mestre qual elles elegessem. Fernaõ Rodriguez ficou anojado por as palavras, que lhe el Rey dissera. Entaõ determinou el Rey de fazer aver a Mem Rodriguez o Mestrado de Sanctiago, que era de mór honra, e mais renda. E tendo já os Freires elegido por seu Mestre hum filho de Nuno Freire, por nome Ruy Freire, que fora Mestre de Christo, sem embargo de lhe el Rey ter boa vontade, por seu pai aver sido seu



seu Aio, como soube de sua eleição, escreveu aos Freires, que a não avia por boa, e que elegessem a Mem Rodriguez: e elles o fizeram assi; e o Papa o confirmou: polo que derao a Ruy Freire a renda de Palmela, e Arruda, além do que já tinha: e assi ficaram os pretendentes satisfeitos.

Por aquelles mesmos tempos D. Pedro de Castro, filho do Condestabel D. Alvaro Pirez, que fugio com João de Baeça em Torres Vedras, pola treição, que delles se dizia queriao cometer, mandou pedir a el Rey de Portugal licença para se vir para elle, mas que lhe daria a Villa de Salvaterra, que el Rey de Castella lhe dera em Galiza; e el Rey lha deu: assi que sua ida, e sua vinda foi em offensa de ambos Reys. Tambem se veio no mesmo tempo D. Pedro da Guerra, filho bastardo do Infante D. João; e el Rey o recebeu bem, e com muito gazalhado, e lhe fez mercês. Após a vinda destes fidalgos, disserao a el Rey, que o Infante D. Diniz seu irmão se vinha a Portugal para elle; e el Rey lhe mandou fazer presentes pouzadas, e o sahio a receber meia legoa; e não trazia mais que cinco, ou seis consigo: e querendo beijar a mão a el Rey, lha não queria dar; mas por fim o ouve de fazer. Alli no Porto lhe fez el Rey muita honra, e mercê, partindo com elle grandemente, e os encaminhou para se ir a Inglaterra, por senão levantar em Portugal algum escandalo por sua causa: e indo já no mar seu caminho, ouve seu conselho de se tornar, dizendo que por ventura o mandavao lá para o matar; e tornando-se, foi tomado, e prezo por huns Bretoes: posto em terra, sabendo os que o tomarao que era irmão del Rey de Portugal, pediao por seu resgate cem mil francos de ouro. E escrevendo elle sobre isso a el Rey, e pedindolhe o soccorrese,



fe, el Rey lhe respondeo que, pois elle naõ curava de ir para onde elle o encaminhara, que naõ curaria de sua prizaõ. Os Bretoes vendo que ninguem fazia por elle, por se escuzarem de custo sem proveito, o soltaraõ, e se foi para Castella.

C A P I T U L O LXXIII.

*Cerca el Rey a Villa de Melgaço: sua entrega, e sabida dos Castelhanos.*

**E** Stando el Rey na Cidade do Porto, veio a elle hum embaixador chamado Ambrosio de Marinis, enviado por Antimoto Adorno Duque de Genova, e dos anciaõs daquella comunidade, per que mandavaõ pedir a el Rey a valia das mercadorias das naos Genovezas, que foraõ tomadas no tempo do cerco de Lisboa. Sobre o que el Rey deu boa reposta, sem o remeter aos officiaes da fazenda, como agora se faz: e o que montava nellas, que eraõ sesenta mil dobras de ouro, lhe mandou logo el Rey pagar; com que o embaixador foi mui contente.

Nesse mesmo tempo partio el Rey para Braga, onde fez Cortes sobre couzas do Estado do Reyno, e partio para Melgaço sinco legoas acima de Tuy, e meia legoa do Minho, Villa do Reyno bem cercada, que estava por Castella. El Rey chegou a ella no mez de Janeiro de 1388 com seu campo, em que hiaõ D. Pedro de Castro, o Prior do Hospital, e Joaõ Fernandez Pacheco, e outros, que seriaõ por todos mil e quinhentas lanças, e muita gente de pé. Os de dentro, que estavaõ por defenõ da Villa, eraõ Alvaro Paes de Soto Mayor, e Diogo Preto, e Xemenõ, com trezentos homens de armas, e outros tantos homens de pé escudados.



dos. El Rey assentou seu arraial, e começou a combater com todo genero de artificios, e engenhos, a que chamavaõ trons, com que atiravaõ grandes pedras; a que tambem os de dentro respondiaõ com outras: e assi ouve muitas escaramuças. E vendo os de dentro huma taõ grande bastida, que el Rey mandou fazer de muitos sobrados, em que hiaõ os bésteiros, a qual se movia por carros, e engenhos, sendo mui alta, e de grande largura, receando que a Villa podesse ser entrada, mandaraõ dizer a Joaõ Fernandez Pacheco lhe fosse falar; e el Rey o mandou: e chegando á barbacaã, e Alvaro Paes ao muro, falaraõ de vagar, e naõ se concertaraõ sobre a entrega da Villa. Nesse dia ouve huma escara nuça mais para ver, que as que até alli eraõ passadas; porque duas mulheres bravas, huma do arraial, e outra da Villa, se delasiaraõ, e vieraõ aos cabellos: e por fim venceu a do arraial, como mais costumada a andar na guerra.

Neste meio tempo chegou a Rainha a Monçaõ, tres legoas de Melgaço: vinhaõ com ella o Doctor Joaõ das Regras, Joaõ Affonso de Sanctarem, e outros cavaleiros: dahi se veio ao Mosteiro de Feaës, huma legoa de Melgaço. Ao arraial chegou o Conde D. Gonçalo, e Joaõ Rodriguez Pereira; e escaramuçaraõ os do Conde com os da Villa, e foraõ feridos de ambas as partes, e nenhum morto. A aquelle tempo veio recado a el Rey que a Villa de Salvaterra, que lhe deu D. Pedro de Castro, hum tabaliaõ do lugar, e dous homens de armas a deraõ a Payo Sorodea. El Rey mandou logo lá o Prior D. Alvaro Gonçalvez com muita gente, mas naõ aproveitaraõ nada: e querendo el Rey mudar o artificio da bastida para proseguir o combate de Melgaço, mandou chamar a Rainha, para que a viesse ver como se entregava. E a hu-  
ma



ma segunda feira , que eraõ tres dias de Março , despois de comer , mandou el Rey que abalasse a bastida com seus engenhos contra a Villa , e se moveo com grande força de gente , e andou dezoito braças. Apõs ella moveo huma ala , e despois outra , e estiveraõ ambas arredadas do muro. Despois moveraõ a bastida outra vez , e foi bem : e chegou tanto á Villa , que punhaõ hum pé dentro do muro , e outro na escada ; e sobio muita gente do Prior primeiro que todos , e mandou el Rey que se retirassem a fóra. Entaõ se fez prestes para mandar combater , e mandou a dez homens de armas que sobissem no mais alto sobrado , onde hiaõ as pedras de maõ , e moveo tudo juntamente , as escadas , e a bastida , em que hiaõ os homens de armas , e bésteiros. Da bastida sahiraõ homens com grossos paos , que acostavaõ ao muro , e punhaõ tantos delles , que ficavaõ emparados os debaixo das pedras , e fogo , que de cima do muro lançavaõ ; mas os de baixo lançavaõ muitas pedras aos de dentro , por naõ terem defenõsã. E enfadados os da Villa , mandaraõ outra vez pedir a el Rey lhes mandasse falar ; e tornou lá a isso o Prior , naõ querendo el Rey consentir em avença alguma , sendo cousa que aos outros lugares concedia benignamente ; mas queria tomalos por força , para se vingar de algumas palavras delcorrezes , que contra elle tinhaõ dito : e sobre issoouve altercaçaõ entre el Rey , e os seus. João Rodriguez de Sá disse a el Rey , que lhe parecia bem fazerlhe partido , pois o cometiaõ ; porque , tomandoos por força , lhe podiaõ matar algum homem , com que fosse anojado. El Rey lhe disse com ira , que quem tivesse medo , naõ entrasse na escala. Eu , senhor , disse João Radriguez de Sá , naõ no tenho , se dizeis isso por mim : mas cuido que



nunca me conhecestes por tal. Nem eu (disse el Rey) o digo por vós; mas digoo, porque os tenho já por rendidos. A gente miuda, com dezejo de roubar, queriaõ que perseverasse até tomar a Villa por força. Os nobres estavaõ por João Rodriguez. Em fim el Rey consentio na entrega a partido; e tornou lá o Prior, o qual assentou com elles, despois de muitas razões, que dessem a Villa, e o castello, e elles sahissem em callas, e gibões, sem outra cousa. Desta maneira foi dada a Villa de Melgaço, avendo sincoenta e tres dias que estava cercada. Dada a Villa por esta maneira, correo nova polo arraial que todos os cercados aviaõ de sahir despídos com suas varas nas mãos. Os moços, sem lho alguem mandar, ouvindo aquillo, foraõ colher varas, e cada hum trouxe seu feixe, e pozeraõse á porta da Villa, para, quando os cercados sahissem, lhas meterem nas mãos a cada hum. Nisto, primeiro que todos, sahio hum mancebo pouco mais de vinte annos, e chegou onde el Rey estava: e, posto de joelhos diante d'elle, disse que elle era hum fidalgo, que viera áquelle lugar per servir a el Rey seu senhor, cujo vassallo era: e por sua desaventura, sendo aquellas as primeiras armas, que tomara para o servir, via que lhe era forçado perdelas, segundo o que com os da Villa sua Alteza tinha tratado, que era a cousa de maior tristeza para elle de quantas lhe poderaõ acontecer, naõ por a perda das armas, que sua valia era pouca, mas porque lhe parecia que já com outras naõ averia nenhum bom acontecimento, se aquellas, que primeiro vestira, as perdesse de tal maneira. Por tanto lhe pedia por mercê lhas mandasse tornar: e quereria Deos que ainda lhe fizesse com ellas tal serviço, salva a honra del Rey seu senhor, e sua lealdade: com que as

ou-



ouvesse nelle por bem empregadas. El Rey, em que avia muita humanidade, e cavallaria, vendo a boa indole daquelle mancebo, mandou que suas armas lhe fossem tornadas; e não se achando, lhe dessem quaes elle escolhesse: e assi fô elle fahio armado. Ao outro dia foraõ lançados todos fóra despidos em calças, e em giboës: e os moços, não entrando aquillo no partido, metiaõlhe a cada hum sua vara na mão, e elles as tomavaõ; e alguns por graça diziaõ aos que lhas davaõ: Rogote que me dês huma bem direita, e boa. Assi ouve el Rey a Villa, e o castello, de que deu a Alcaidaria a João Rodriguez de Sá: e partindo com a Rainha, tornou a Monçaõ.

## CAPITULO LXXIV.

*Cérca el Rey, e toma a Villa de Campo Maior. Dá huma sentença mui rigorosa. Sérca, e toma a Cidade de Tray em Galiza.*

**D**E Monçaõ partio el Rey para Lisboa, aonde deixou a Rainha, por ir cercar Campo Maior, huma boa Villa entre Téjo, e Guadiana, que estava por el Rey de Castella, e nella por Alcaide Gil Vasques de Barbuda, primo de Martim Anes de Barbuda Mestre de Alcantara. E chegando a Estremoz, ouve conselho de cercar primeiro Olivença, que tinha Pedro Rodriguez da Fonseca Portuguez por el Rey de Castella. Sabendo Pedro Rodriguez a determinação del Rey, fez-lhe a saber que queria ser seu, e fazerlhe omenagem do lugar. El Rey mandou lá Affonso Valquez Correa Commendador da Hortalagoa, e Gonçalo Lourenço Escrivaõ da Puridade, para firmarem com elle o que lhe mandara dizer: e elle, feitos taes pro-



prometimentos, sem vontade de os guardar, se tornaraõ a el Rey, assi como foraõ. El Rey partio logo, e foi cercar Campo Maior, e chegou sobre o lugar a quinze dias do dito mez de Setembro. Estando sobre elle, o Infante D. Joaõ veio a Olivença; e Pedro Rodriguez o recebeo na Villa, e faltou na palavra, que deu a el Rey; porque elle não fez a promessa senaõ fingidamente, por lhe estorvar que não viesse contra elle. Por este tempo veio a Badajoz muita gente com os Mestres de Sanctiago, e Calatrava, e de toda a Andaluzia. E sabendo Martim Affonso de Mello da vinda destas gentes, partio do arraial á meia noite, e foise lançar em filada huma legoa de Badajoz: e como a alva veio, pos-se em atalaia. E em amanhecendo vio vir oitenta de cavalo, que sahiraõ da Cidade, e hiaõ ver o arraial: e tornandose, se foi a elles de rosto; e os Castelhanos começaraõ a fugir, e derribou alguns delles, e os outros se acolheraõ á Cidade: e os que derribou, trouxe presos, de que soube que a gente, que era entrada, fazia numero de duas mil lanças.

El Rey mandou preparar seus engenhos, e artificios para tomar a Villa: e foilhe dito que os de Olivença queriaõ ir dar nos da guarda da erva entre ambos os lugares; e el Rey foi lá com parte da sua gente, para pelejar com elles, e não quizeraõ vir. Dalli se partiraõ alguns, e foraõ contra Badajoz, para escaramuçar com os contrarios: e na escaramuça foraõ mortos, e feridos alguns da Villa. Dos Portuguezes morreo Antaõ Valquez de Almada, que era hum mui esforçado cavaleiro, de cuja morte el Rey ficou muito pezaroso, porque foi sempre delle mui bem servido. El Rey se tornou para seu arraial; e Martim Affonso foi correr Albuquerque, e ficou meia legoa da Cidade  
em



em filada: e mandou alguns que fossem correr ao redor, tendo tempo de vendima, e lhe trouxeraõ novas, que áquellas horas entrára Garcia Gonçalvez de Grijalva, e seu irmão Fernão Garcia dentro na Villa com algumas lanças, que com os da Villa faziaõ todas duzentas e vinte; e Martim Affonso tinha setenta: e dando Garcia Gonçalves nos que Martim Affonso mandara, e correndo com elles, sahio Martim Affonso da filada: e Garcia Gonçalves não se atrevendo a esperar, deu logo volta, e foraõ grande parte dos seus mortos, e presos. Mas sahio Affonso Perez Sarrazinho de travessa, e encontrou Martim Affonso, e deu com elle em terra, e foi ferido em huma mão: e por essa causa escapou Garcia Gonçalves de ser morto, ou preso. Martim Affonso todavia trouxe cavalgada de prizioneiros, dos quaes era hum sobrinho de Garcia Gonçalves; e com elles se tornou ao arraial.

Entretanto el Rey combateo o lugar, tendo já a cava entupida. E indo ceros homens na escalla, a mandou arrimar a huma torre já começada a derribar; e quebrando a escalla ferio muitos, sem morrer algum. El Rey ouve grande desprazer, pela detença de fazer outra, que foi de quinze dias. E acabando com ella, foi a Villa entrada por força aos treze dias de Outubro do dito anno de 1388: os que nella estavaõ se acolheraõ ao castello; mas o Alcaide, que se não podia defender, avendo dezoito dias que a Villa fora entrada, ao primeiro dia de Novembro cometeo a el Rey que, se dentro de trinta dias el Rey de Castella o não socorresse, lhe entregaria o castello. Para isso poz em arrefens hum seu filho, que chamavaõ Vasco Gil: e não lhe vindo o socorro, entregou o castello, que el Rey deu a Martim Affonso: e par-



partindo dalli, veio a Lisboa fazer Cortes.

Estando el Rey em Lisboa, aconteceu em casa del Rey hum caso digno de se notar. E foi que entre as molheres, que em casa da Rainha Dona Philippa andavaõ, era hum muito fermosa, e muito nobre, a quem el Rey fazia muitas honras, e dava mais moradia, que ás outras Damas; porque onde as outras tinhaõ por mez cento e sincoenta libras, tinha ella mil: com esta Dona, que era viuva de hum Titulo muito honrado, veio a ter amores hum Fernando Affonso Camareiro del Rey, irmão de João Affonso de Sanctarem; ao qual, por ser mui gentilhomem, e avizado, e ter outras boas partes, era el Rey mui afeiçãoado. E sendo el Rey na criação dos seus, e governo de sua casa mui atentado, e muito mais na honestidade das molheres, que serviaõ a Rainha, com as quaes não consentia converlação, nem joguetes, ainda que fossem despozados, tendo sospeita destes amores, amoeitou a Fernando Affonso que se apartasse delles, e que lhe faria nisto a vontade; e que doutra maneira se perderia com elle: e isto lhe disse algumas vezes. Hum dia pedio Fernando Affonso licença a el Rey para ir em romaria a Guadalupe; e os dias, que nisso podia tardar, esteve escondido na pouzada daquella senhora. E hum tarde fingio que vinha da romaria; e el Rey o entendeu, e dissimulou, e não lho deu a entender: e falou como a homem, que vinha da romaria.

Crecendo a fama do que Fernando Affonso fazia, lhe mandou el Rey que se fosse de sua casa, e não apparecesse mais nella, nem diante del-le. Fernando Affonso, em vez de se ir do Paço, meteuse mais nelle, encerrandose na pouzada da mesma senhora: el Rey, que sobre elle trazia espias, mandouo chamar a casa pola festa: e dizen-  
dolhe



dolhe o messageiro que o não achava, disselhe el Rey, que em casa de fulana o acharia; e sendo chamado, veio de lá ante elle, ficando maravilhado como se foubra onde estava, cuidando que a cegueira que avia nelle, podia aver nos que não tinhaõ sua afeição: e posto que viesse de mámente, a grande confiança que tinha no muito favor, que el Rey lhe mostrava, lhe fez perder o medo. El Rey como Fernando Affonso foi na camara, mandou chamar o Corregedor da Corte, e lhe disse que o mandasse á cadeia. O Corregedor, como Fernando Affonso era homem de tanta qualidade, e privado del Rey, o levava consigo praticando, crendo que era alguma cousa leve; e decendo do Paço, indo perto da porta Dalfosa, Fernando Affonso lhe fugio com muita ligeireza, e se meteo no Mosteiro de Sancto Eloy, que ahi estava perto; e fechando sobre si as portas, o Corregedor ficou de fóra, que logo o foi dizer a el Rey. O qual se teve por mais escarnecido, que o mesmo Corregedor. Polo que acezo em ira, pela metade da festa, assim como estava cuberto com hum manto, no costume daquelle tempo, e meio calçado, á pé, e desacompanhado, salvo de alguns moços da camara, e dous, ou tres escudeiros, que áquellas horas ahi se acharaõ, se foi áquella Igreja, levando já alguns mais consigo, que pelo caminho se lhe ajuntaraõ: e Fernando Affonso foi levado prezo de maneira que não fogisse. E naquelle dia mandou elle dizer a aquella mesma senhora, se lhe aprazia que dissesse que era seu marido, por escapar da ira del Rey? ella lhe mandou dizer, que por qualquer via, que elle entendesse podia escapar, o fizesse. Entaõ se comecaraõ ambos a chamar marido, e molher: passado hum dia, ao seguinte mandou el Rey ás Justiças, que o levassem



a queimar , com pregaõ ao Rocio. A Rainha , e todos os fidalgos da Corte o pediraõ a el Rey , o qual a todos respondeo com asperas palavras , que o naõ avia de fazer. Com tudo isso taõ confiado era Fernando Affonso na bona vontade del Rey para com elle ; que lhe parecia , indo naquelle estado , que aquillo era fingido para terror seu , e olhava , quando o levavaõ para as janellas do Paço , esperando se o mandava el Rey tornar dalli. E a todos que presentes eraõ , a que a miseria daquelle caso magoava , parecia o mesmo. E porque el Rey sospeitou o porque se detinhaõ , mandou que lhe dessem o fogo logo : e assi morreo Fernando Affonso por violar a casa de seu senhor , que ouvera de guardar , cuja morte poz espanto em todos os criados del Rey. Aquella senhora cuidou tambem ser participante na pena , como o foi na culpa : e trabalhou por saber del Rey o que determinava fazer della. El Rey a lançou de casa , e ella se foi para Castella a casa de sua mãi.

De Lisboa partio el Rey para entre Douro , e Minho , onde achou Embaixadores del Rey de Castella , sobre assentar tregoas por alguns mezes , em quanto se falava em outras cousas. E acabado o tempo dellas , el Rey se determinou em cercar a Cidade de Tuy em Galiza. E a causa porque se moveo a isso foi , porque Payo Sorodea cavaleiro Galego , que no lugar estava para o defender , mandou dizer a el Rey , que queria ser seu , e que fosse áquella Cidade , e que lha entregaria logo : o que elle fazia com engano , para o acolher dentro. E alguns diziaõ , que el Rey de Castella era sabedor deste engano. El Rey cuidando que o Alcaide lhe falava verdade , moveose a ir sobre a Cidade ; e vendo que o Gallego o enganára , determinou de aver a Cidade por força , e poz cerco fo-



sobre ella , e começou a combater com bastidas , mantas , e artificios ; e para a Rainha ver como se combatia , mandou que viesse do Porto , onde estava. Não deixaraõ de aver escaramuças , em que ouve mortos , e feridos de huma parte , e outra. Estando el Rey combatendo , ouve novas como el Rey de Castella ajuntava gentes , para vir descercar a Cidade , e á pressa mandou chamar o Condestabel , que andava em Alentejo , e alguns fidalgos da Estremadura , e ajuda da Cidade de Lisboa , e do Doctor Joaõ das Regras , que avia hum mez cazara em Coimbra com huma filha de Martim Vazques da Cunha ; e armadas mui prestesmente seis galés , embarcaraõ nellas , e em quatro dias vierão a Tuy. Mas as novas não eraõ como as contavaõ. Porque el Rey de Castella estando em huma Aldea , que chamaõ Soutos Alvos , tres legoas de Segovea , soube como el Rey de Portugal lhe tinha cercada sua Cidade , e quizeralhe socorrer : mas porque carecia de bons Capitaens , e de gentes de armas , por as perdas passadas , deixou de vir. E por não parecer que desemparava a Cidade , mandou socorrer por D. Pedro Tenorio Arcebispo de Toledo , e Martim Anes de Barbuda Mestre de Alcantara , ambos Portuguezes , que se juntassem com D. Joaõ Garcia Manrique Arcebispo de Sanctiago. Mas el Rey combateo a Cidade de maneira , que se lhe deu , e Payo Sorodea se fez seu vassalo. Mas logo faltou na palavra , e se foi para Castella , e el Rey deu o castello a Gonçalo Vazques Coutinho.



## CAPITULO LXXV.

*Capitula treguas el Rey de Castella com o de Portugal: morre o de Castella: succedelhe el Rey D. Henrique, e faz novas treguas com Portugal.*

**E** Stando el Rey em Braga, os Embaixadores de Castella Fr. Fernando de Ilhescas Frade de S. Francisco, Confessor del Rey, e os Doctores Pedro Sanchez, e Antaõ Sanchez trataraõ com elle sobre avenças, e treguas: e concordaraõ que, por parte del Rey estivesse o Prior D. Alvaro Gonçalvez Camello, e Lourenço Anes Fogaça Chancarel mór. Nas cartas, e procurações chamava el Rey de Portugal ao de Castella, o seu adversario de Castella: el Rey de Castella nas suas cartas chamavase Rey de Castella, e de Leaõ, e de Portugal, e os sellos eraõ das armas de Portugal, misturadas com as de Castella. Estes Embaixadores se foraõ a Monçaõ de riba do Minho, e alli acordaraõ treguas entre estes dous Reys, assi por mar, como por terra: e entre seus aliados, a saber, el Rey de França, e o de Escocia por parte de Castella, e el Rey de Inglaterra aliado de Portugal, se nestas treguas quizessem vir: e isto por seis annos, cumpridos os tres, que antes disto el Rey de França, e o de Inglaterra, por si, e por seus aliados aviaõ concordado, em que entravaõ el Rey de Castella, e o de Portugal, se em ella quizesse ser, e por outros tres além destes, com certas condições, das quaes foi huma, que el Rey de Portugal deixasse a el Rey de Castella Tuy, que lhe avia tomado, e Salvaterra de Galiza. E el Rey de Castella largasse ao de Portugal Olivença, e  
Mer-



Mertola ; e em Riba de Coa Castel Rodrigo , e Castel Mendo , Castel Melhor ; e que Miranda , e o Sabugal , que el Rey de Castella mais tinha , ficassem em poder do Prior , como fiel destes negocios , para que fazendose guerra entre Portugal , e Castella , não fizesse delles guerra a nenhuma parte , e outras condiçoens , com que foraõ firmadas as tregoas aos 29 de Novembro de 1389.

No anno seguinte de 1390 fez el Rey de Castella Cortes em Guadalajara , nellas lhe foi dito por alguns Procuradores das Cidades , que as tregoas que fizera com Portugal , foraõ feitas com muito pouca honra sua , principalmente em dar tantos lugares , que tinha de Portugal por dous , que el Rey de Portugal lhe tinha tomado. A isto respondeo el Rey que não entendiaõ bem o conselho , que nisso tivera. Porque com manter aquelles lugares , sentia tal gasto , e enfadamento , que se de graça os mandaraõ pedir , os dera. E que as tregoas fizera elle , por ver seus póvos mui gastados com tantas peitas , e que tiveraõ tantas perdas , que era necessario tomarem folego , para outra vez fazer a guerra. E que além disso estava fulto de gentes de armas , e Capitaes para emprender coufa de sua honra : e que esperava em Deos , acabadas as tregoas , tornar por ella como veriaõ , e de feito seus dezejos eraõ vingar-se : e para isso buscava já maneiras , como foi a ordem , e divisa , que tinha ordenada para certos cavaleiros , que era hum colar de raios do sol , e em elle huma pomba branca ; e outra divisa da Roza , que fez para escudeiros , com certas condiçoens de feitos de armas , em que primeiro se aviaõ de provar. E para ter gentes , perdoou a todos os omiziados , e malfeitores do Reyno , tirando ao Conde de Gijon seu irmaõ , que tinha prezo.



Tanto era o dezejo, que el Rey de Castella tinha de aver o Reyno de Portugal, e ser senhor delle, que se determinou em deixar o Reyno de Castella. E antes que começasse as Cortes, chamou alguns grandes de seu conselho em grande segredo, e lhes disse que avia alguns annos, que elle trazia na vontade de deixar seus Reynos ao Infante D. Henrique seu filho em sua vida, ficando-lhe a elle sómente as Cidades de Cordova, e Sevilha, e o Bispado de Jaen, com toda a frontaria, e as terras do Reyno de Murcia, e senhorio de Viscaia, e as rendas das terças das Igrejas, que o Papa lhe dera: e que tudo o mais fosse do Infante seu filho, e que se chamasse logo Rey de Castella, e de Leaõ. E que as razões que o moviaõ eraõ, que os Portuguezes lhe differaõ sempre, que o não haviaõ de ter por seu Rey, por senaõ unirem os Reynos de Portugal com os de Castella; e que tomando elle as rendas sobreditas, e dando a seu filho os Reynos, se chamaria elle sómente Rey de Portugal, e traria as armas de Portugal direitas sem mistura. E que quando os Portuguezes vissem que tinhaõ Rey seu particular, se chegariaõ a elle, e lhe obedeceriaõ. A esta pouco prudente determinação, responderaõ os do conselho por muitas, e bem fundadas razões, como o não devia, nem podia fazer.

A todos estes pensamentos interrompeo a improvisa morte del Rey; porque estando em Alcalá de Henares, vieraõ a elle sincoenta cavaleiros Christaõs, que viviaõ em Marrocos, daquelles que no tempo que os Mouros ganharaõ Hespanha, por rogo do Conde Juliaõ foraõ mandados a Marrocos por o Miramolim; e estes se chamavaõ Farfancos, os quaes el Rey mandara vir com suas familias, para lhes dar terras em seus Reynos. E  
hum



hum Domingo , que foraõ nove dias de Outubro daquelle anno de 1390 acabada a Missa , cavalgou el Rey em hum cavalo , e com elle o Arcebispo de Toledo , e muitos senhores , e sahio para ver aquelles cavaleiros , que com suas molheres , e filhos vinhaõ entaõ de caminho ; e sahindo da porta , que chamaõ de Burgos , arremecando o cavalo para correr hum a carreira , tropeçou no meio della , e o cavalo o tomou debaixo de maneira , que lhe quebrou todo o corpo , e logo alli espirou , sendo de idade de trinta e dous annos ; e assi cessaraõ todas suas pertençaõs.

Acabada a tregoa dos tres annos , que era assentada entre el Rey de Portugal , e o de Castella , sendo o anno de 1393 ficou el Rey de Portugal de guerra com el Rey D. Henrique , successor do Reyno de Castella , a que ficaraõ por Tutores pelo testamento de seu pai D. Pedro Tenorio Arcebispo de Toledo , D. Joaõ Garcia Manrique Arcebispo de Sanctiago , e D. Gonçalo Nunez de Gusmaõ Mestre de Calatrava , e Joaõ Furtado de Mendoza seu Mordomo mór. E tendo já deixado o titulo de Rey de Portugal , que seu pai tomara , de conselhos dos ditos Tutores , e dos grandes do Reynos , e procuradores de quatro Cidades , que em seu conselho andavaõ , vendo os grandes males , que o Reyno de Castella padecera nas guerras passadas , que tivera em Portugal ; e que a causa que seu pai tinha , naõ avia lugar nelle , por naõ ser filho da Rainha Dona Britis , mandaraõ a el Rey de Portugal por seus Embaixadores o Bispo de Siguença D. Joaõ , e Pedro Lopez de Ayala , Alcaide mór de Toledo , e o Doctor Antonio Sanchez , a tratar de pazes , e concertos. El Rey ordenou por sua parte o Prior D. Alvaro Gonçalvez Camelo , e o Doctor Joaõ das Regras , que tratastem  
com



com elles por sua parte : os quaes assentaraõ entre si pazes por quinze annos , com certas condicoes. Huma dellas era que de hum Reyno a outro se naõ fizesse guerra por mar , nem por terra , nem se tomassem , nem roubassem Villas , Cidades , nem castellos. A outra condicaõ foi que todos os prizioneiros , que em cada hum dos Reynos estivessem por causa de arrefens , ou por suas redempcoes , fossem livremente soltos do dia da confirmacaõ das tregoas a seis mezes seguintes : e que para esta soltura se effectuar , fossem escolhidos vinte e seis Religiosos da Ordem de S. Domingos , oito Castelhanos , e oito Portuguezes , que andassem por Castella buscando os prizioneiros , para os fazer soltar. E em Portugal fossem oito da Ordem de S. Francisco , quatro Castelhanos , e quatro Portuguezes ; e que naõ querendo dalos os que os tivessem prezos , elles se locorressem ás justicas para lhos fazer entregar. E naõ o querendo fazer , se socorressem a el Rey. E o que assi naõ cumprisse , pagasse mil dobras cruzadas por cada prizioneiro. Em outro capitulo se continha , que por quanto em humas tregoas de certos mezes , e dias se fizeraõ roubos , e males de hum Reyno a outro , que se puzessem Juizes de huma parte , e outra , que conhecessem dos taes danos , e dessem sentenças no caso , como fosse justiça. E que as dadas contra os naturaes de Castella , el Rey as mandasse executar por Juiz , que para isso daria , e o mesmo seria em Portugal ; e que naõ fazendo as ditas execucoes , se podesse fazer tomadia nos bens dos subditos da parte negligente. E para mais firmeza deraõ em arrefens por parte de Castella doze filhos de homens fidalgos principaes , e por parte de Portugal seis , a fora filhos de pessoas honradas , e Cidadãos , que tambem se deraõ. Estes  
todos



todos se auiaõ de pôr em Portugal em poder do Prior do Crato D. Alvaro Gonçalvez Camelo, como despois os teve no castello de Sanctarem. E estes arrefens se aviaõ de mudar de quatro em quatro annos, substituindo outros taes em lugar dos que tirassem, por naõ ser sofrivel que estivessem em huma especie de cativeiro os mesmos tanto tempo como laõ quiaze annos. Dos doze Castellhanos nobres, que se deraõ a principio em arrefens, foraõ hum filho bastardo do Conde de Niebla, que chamavaõ Pedro Tenorio, sobrinho do Arcebispo de Toledo, Joaõ de Arelhano sobrinho do Arcebispo de Sanctiago, filho de sua irmaã Dona Tareja Sueiro, hum sobrinho do Mestre de Sanctiago, hum sobrinho do Mestre de Calatrava filho de seu irmaõ Alvaro Nunez de Gusmaõ, Inigo de Mendoza filho de Joaõ Furtado, hum filho de Diogo Fernandez Marichal de Castella, hum filho de Sanchõ Fernandez de Tovar, hum filho de Joaõ Gonçalvez de Avelhaneda, hum filho de Martim Fernandez PortoCarreiro. Os seis fidalgos de Portugal foraõ hum filho do Mestre de Aviz, hum filho de Gonçalo Vasques Coutinho, Rodrigo Affonso Pimentel filho de Joaõ Affonso Pimentel, senhor de Bragança, hum filho de Gonçalo Vasquez de Mello, hum filho de Fernaõ Dalvarez de Almeida Veedor del Rey, a fóra alguns filhos de Cidaõs.

Pregoadas as treguas, todos os prezos, que em Portugal estavaõ de Castella, foraõ logo soltos: mas naõ foi assi em Castella, principalmente na Andaluzia; porque a huns escondiaõ, para que se nõ podessem descobrir; a outros, que achavaõ, naõ queriaõ soltar; outros traspassaraõ ao Reyno de Aragaõ, e a outras partes, a fóra muitos, que morreraõ de má vida, e desamparo. Além disto os



meimos Religiosos foraõ maltratados em alguns lugares ; de que se queixaraõ a el Rey de Castella. Ao que el Rey satisfazia com cartas, que mandava ; mas os Religiosos tornaraõ, faltando por entregar cem prisioneiros. Além disso as sentenças dos letrados, que el Rey de Portugal mandou á arraia de Castella, entre Castello Rodrigo, e S. Felizes, porque condenaraõ aos naturaes de Castella em quarenta mil dobras, não se davaõ á execuçaõ: polo que el Rey mandou a Castella João de Alpoem seu letrado para fazer requerimentos a el Rey sobre a execuçaõ daquellas sentenças, e satisfação dos danos, e soltura dos presos, que faltavaõ. Avendo já tres annos, que as treguas eraõ apregoadas, e que el Rey de Castella dilatava a satisfação daquellas cousas, el Rey D. João lhe mandou dizer, e protestar, que se satisfaria contra elle, como contra parte que não cumpria os contratos, e capitulaçoens ; e faria penhora nos bens dos moradores de Castella, e em suas Villas, e Cidades: e disso tomou instrumentos.

#### C A P I T U L O LXXVI.

*Falta el Rey de Castella ao contrato das treguas: procura o de Portugal recompensação: toma por industria a Cidade de Badajoz.*

**E** Stando assi el Rey de Portugal enfadado do pouco cumprimento, que os Castelhanos fizeraõ dos contratos, e capitulaçoens das treguas ; e como, conforme ao que assentaraõ, el Rey de Castella tinha cahido em pena de duzentas e sincoenta mil dobras ; e esta somma era taõ grande, que se não podia fazer recompensação em bens moveis, senaõ em alguma Cidade, ou Villa, com-  
mu-



municou com Martim Affonso de Mello seu Guarda-mór, e do seu conselho, como se poderiaõ aver alguns lugares de Castella por manha? Martim Affonso lhe disse que, se el Rey quizesse, elle trabalharia por lhe dar Badajoz, e Albuquerque, ou alguns delles. El Rey lho agradeceo, e rogou o pozesse por obra. Martim Affonso partio logo de Viseu, onde el Rey estava, e veio a Campo Maior, e dalli hia muitas vezes a Albuquerque, que era dahi quatro legoas, ver como se velava, e rondava: e vistas as rondas, tornavase ante manhãa a Campo Maior, sem o acharem menos: Isto meismo fazia em Badajoz, que era dahi tres legoas. Na Cidade de Badajoz estava omiziado avia muitos dias hum escudeiro Portuguez, por nome Gonçalo Anes Caçaõ, natural de Elvas, com sua molher, e filhos, com o qual Martim Affonso de Mello tinha muito conhecimento: e determinando de lhe descobrir este segredo, o mandou chamar, rogandolhe que viesse a elle, por quanto lhe cumpria muito. Gonçalo Anes lhe respondeo, que elle era omiziado; que naõ se atreveria ir lá sem hum seu afinado, por que o segurasse; que logo Martim Affonso ao outro dia lhe mandou. E porque Gonçalo Anes era homem avizado, posto que naõ sabia o pera que era chamado, deu conta a Affonso Sanchez (que era o Principal da Cidade, para segurança do que se podia seguir) como Martim Affonso o mandava chamar; e que, se lhe elle desse licença, iria lá; e, doutra maneira, naõ; e Affonso Sanchez lha outorgou. Gonçalo Anes, por tirar sospeita, lhe pedio licença para levar consigo hum escudeiro Castelhana; e sendolhe outorgado, partiraõ ambos. Chegando a Campo Maior, Martim Affonso os agazalhou bem; e falando á parte com Gonçalo Anes, lhe descobrio como el



Rey dezejava aver Badajoz , e Albuquerque ; e a causa porque. Gonçalo Anes disse que de Albuquerque não prometia nada ; mas que a Badajoz lhe daria nas mãos antes de oito dias , se lhe desse para esse effeito sincoenta homens de armas , e outros tantos de pé , e huma escalla qual cumprisse ; para a qual mandaria a medida do muro. Practicado isto , e saindo para fóra , disse Martim Affonso ao escudeiro Castelhana que lhe fazia queixume de Gonçalo Anes , que não podera acabar com elle que lhe comprasse hum par de bons cavalos. O Castelhana desculpou Gonçalo Anes , dizendo que , se tal cousa fizesse , o enforcariaõ logo em o tomando. Tornados a Badajoz , contaraõ a Affonso Sanchez como foraõ chamados sobre compras de cavalos. Indo Gonçalo Anes dahi a tres dias verse escondidamente com Martim Affonso , veio encarregado de ver se podia aver as chaves da Villa , ou a forma dellas em cera para fazer outras , pois o Porteiro era seu amigo. Partido Gonçalo Anes , e imaginando como acommetteria o Porteiro , que era hum homem muito pobre , fingio hum engano ; e disse que elle sabia no termo de Elvas , onde estava huma cova de trigo em lugar despovoado , que queria ir lá furtalo ; e que seria pera ambos , se elle quizesse abrir a porta a horas , que viesse seguro , sem lho acharem : e como a pobreza inclina os homens , e os persuade a qualquer roim feito , quando cahe em espiritos baixos , pareceolhe ao Porteiro que senaõ dilatasse taõ boa dita como aquella. Ambos concordes nisto , Gonçalo Anes hia , e vinha a Elvas , e Martim Affonso lhe dava o trigo : e , para mais segurança de as portas se abrirem a diversas horas , ás vezes trazia o trigo a humas horas , hora a outras : ás vezes dizia Gonçalo Anes ao Porteiro que traria



ria as bestas até á cerca velha, e que dalli as levasse elle. E assi se fazia, cuidando o Porteiro que Deos lhe vinha a ver. Uzando desta manha Gonçalo Anes foi a Evora dizer a Martim Affonso como tinha a porta prestes: e por Martim Affonso ser ido a receber sua esposa filha de Joaõ Affonso Pimentel, não pode entaõ fer.

Dilatandose a execuçaõ deste negocio da tomada de Badajoz, que já estava preparada, como a occasiaõ he precípita, e se quer logo tomada, aconteceu, que andando Gonçalo Anes pola praça de Badajoz, estando os Principaes em conselho, foi chamado delles, e lhe disseraõ que os senhores, que alli estavaõ, acordaraõ que elle se fosse fóra daquella Cidade, e não tornasse mais a ella, porque tinhaõ sospeita que a podia dar a el Rey de Portugal. Gonçalo Anes lhes respondeo, que aquillo era fallo testemunho, que lhe assacavaõ, porque queriaõ mal aos Portuguezes: e, que poisahi avia assás fidalgos, e escudeiros, lhe certificasse hum que tal coula era verdade; e que elle se mataria com elle, quer a pé, quer a cavalo, logo antes que comesse, nem bebesse. E foilhe respondido que não avia quem se pozesse a tal aventura. Entaõ disse Gonçalo Anes que, pois por feito de armas não queriaõ experimentar a verdade, pozessem dous esteios em huma praça, e em hum o atasssem a elle; e no outro quem lhe aquillo assacava, e lhe puzessem o fogo; e que Deos mostraria quem dizia verdade. Elles responderaõ o mesmo, e que com tudo isso não se tirava a sospeita, que delle tinhaõ; e que se fosse logo da Cidade. Por mais que Gonçalo Anes se queixou, nenhuma razaõ lhe valeo, nem para o deixarem estar no arrabalde. Entaõ mandou a molher, e filhos para Elvas: e elle por dissimular como omiziado,



ziado, se foi a Sevilha, onde se mostrava aos que hiaõ de Badajoz.

Tanto que Gonçalo Anes soube que Martim Affonso era vindo a Evora, foi logo ver-se com elle: e mostrandose Martim Affonso pezaroso de elle ser desterrado de Badajoz, porque já não poderia effectuar o que começara, Gonçalo Anes disse que, sem embargo disso, iria lá: e parecendo a Martim Affonso que o prenderiaõ, e com tormento confessaria o segredo daquelle negocio, elle o assegurou que nenhum tormento bastaria para isso: e que, se em Badajoz entrasse, se concertaria com o Porteiro; e como Martim Affonso soubesse que elle lá era, se partisse para Campo Maior. Gonçalo Anes se foi a Badajoz, e andava pela Cidade conversando com seus amigos como antes. A cabo de alguns dias, ajuntandose os da governança da Cidade em huma certa casa, chama-raõ Gonçalo Anes, e lhe fizeram perguntas, porque razaõ contra seu mandado tornára á Cidade, donde como sospeito fora lançado? Ao que respondeo que já dissera que se mataria com quem dissesse que elle daria aquella Cidade a el Rey de Portugal, e assi o faria áquella hora: e que a causa de sua vinda fora arrecadar dinheiro de certo paõ, que vendera quando o lançaraõ da Cidade, cuidando que lhe dessem logo o dinheiro, e que lho não tinhaõ ainda dado; e que ahi estava para fazerem delle toda a justiça. Entaõ lhe mandaraõ que se fosse logo, e não tornasse mais. E assi se despedio mui amigo do Porteiro, a quem fez queixume da falsa sospeita, que tomaraõ delle; mas que não deixaria de trazer as bestas com o trigo de noite, e que tomasse delle o que ouvesse mister; e que do outro lhe fizesse dinheiro, porque o não ouzava levar a outra parte, por não se saber donde o trazia. Gon-



Gonçalo Anes foi outra vez a Evora a ver-se com Martim Affonso de Mello; e porque o vio nisto mais frio, do que elle quizera, e porque tinha neste negocio metido muito cabedal, arriscandose a tantos perigos, escreveu huma carta a el Rey, que já estava em Sanctarem, como tinha tudo prestes: e que, pois Martim Affonso tardava, lhe não pozessem a elle culpa, se a Cidade fenaõ cobrasse. El Rey escreveu logo ao Condestabel, que estava em Arrayolos, e com o qual Gonçalo Anes tratou em que lugar se ajuntaria a gente. Entaõ partio Martim Affonso para Campo Maior, e levou huma noite consigo Rodrigo Affonso de Brito seu tio, e lhe foi mostrar por onde avia de escalar o castelo de Albuquerque; para o que foi falar com Vasco Lourenço Meirinho a Guadiana, dizendolhe como tinha determindo de tomar aquelles dous lugares; que se achasse com elle, sómente com os criados, de que mais fiasse, na noite, que lhe faria a saber, affinandolhe o lugar em que avia de descavalgar. Gonçalo Anes, que esperava por aquelle dia, foi falar ao Porteiro, dizendo que ao outro dia de madrugada tivesse a porta aberta, e fosse por as cargas de trigo, onde lhas elle sohia trazer. Pola manham foi Gonçalo Anes a pé á porta, e achoua já aberta, e o Porteiro levantado, e disselhe: Andai por aqui, e trareis as bestas com o paõ. E como foraõ ambos na cerca velha, aonde o Porteiro sohia ir polo trigo, disse Gonçalo Anes: Aguardai aqui, e não vos bulais em nenhuma maneira; e irei aonde ficou o meu homem com as cargas. Entaõ se foi ao vao do Mouro, donde deixara Martim Affonso de Mello, que já tinha mandado Rodrigo Affonso a Albuquerque com trinta homens de armas, e bésteiros, e homens de pé, e certos escudeiros

aos



aos caminhos, que detivessem os que achassem por elles, por não levarem novas. Tambem mandou recado a alguns seus a Elvas, que, como tangessem ás Matinas, fizessem repicar os sinos rijamente, bradando que Badajoz era tomada, que fossem lá todos á pressa. Isto fazia por dous respeito: hum se tomasse Badajoz, que o ajudassem pola pouca gente que levava: e se o não tomasse, tivesse socorro, se os Castellhanos viessem a elle. E disse mui alegre Gonçalo Anes: Aberta temos a porta, e o Porteiro fóra, onde lhe costumo dar o pão: daime dez homens de armas á pressa, que se vão comigo, e tomarei a porta em quanto vós chegais; porque, se formos todos juntos, podernoshaõ sentir, e seremos descubertos. Entaõ foi diante com aquelles dez homens, e entrou pola porta do rio da cerca velha, e deixouos ao pé da torre de fóra, e foi á porta, e achoua hum sobre a outra, e pozlhes os hombros, e abriu huma dellas. A molher do Porteiro estava detraz em pé; e quando o vio, falou primeiro, e disse: Senhor Gonçalo Anes, venhais em boa hora. Que he feito de meu marido? Lá vem (disse elle) com as bestas carregadas. E em dizendo isto, abriu a outra porta. Ao que a molher disse que não abrisse mais. Gonçalo Anes respondeo que as bestas eraõ muitas, e não caberiaõ assi. Entaõ o consentio ella: e elle tomou quatro cantos, e encostou dous a cada porta, e pozse sobre o rebate. Nisto se descobri-raõ detraz da torre o Capitaõ dos dez homens, e hum homem de pé de Gonçalo Anes. A Castelhana, quandos os vio, apertou as mãos, dizendo: Que coula he esta, Gonçalo Anes? Entaõ lhe lançou elle mão da garganta rijo, e mandava que a degolassem. Ella pedio que a não matassem, que não falaria mais. Alli vieraõ todos os dez, e puzeraõ-se



fe entre as portas , as quaes Gonçalo Anes disse , que as não desemparassem , por causa que acontecesse : e elle foi rijo chamar Martim Affonso , o qual entrava já pola porta do rio da cerca velha , apressando os seus que fenaõ detivessem ; e tomou hum , que conhecia , por trombeta , e foraõ ambos diante iós : e elles , que chegaraõ á porta , começaraõ a dizer de cima : *Armas , armas , Castilha , Castilha*. A este appellar acudiraõ alguns á porta ; e o trombeta começou de tanger , envolvendo-se já huns com os outros , de maneira que ficou a porta só , e os dez foraõ acima do muro. Nisto chegou Martim Affonso com os que levava , sem achar embaraço algum ; e entrando rijo com suas gentes , fazendo cada hum o que lhes mandaraõ , assi no subir do muro , e guarda da porta , como na prizaõ dos principaes da Cidade. O appellido de S. Jorge , e de Portugal era tanto , que fazia grande temor nos que o ouviaõ , e esforço nos que entravaõ a Cidade. Logo chegou Alvaro Coitado com o conselho de Elvas , assi de cavalo , como de pé , e muitas gentes de Olivença , e Campo Maior ; e todos se apoderaraõ da Cidade , sem aver mais outra peleja , salvo em duas torres , que se quizeraõ defender , mas não lhes valeo nada. Este assalto da Cidade de Badajoz foi dia da Ascensaõ de nosso Senhor do anno de 1396. Foraõ alli prezos Gonçalo Gonçalvez de Grizalva Marichal de Castella , Affonso Sanches , e o Bispo da Cidade : em nenhuma outra pessoa alguma tocaraõ , nem fizeraõ mal , nem lhe tomaraõ o seu , por assi lho mandar el Rey.

Como o Condestabel soube que a Cidade de Badajoz era tomada , foise a Elvas , e dahi proveo as gentes , que nella aviaõ de ficar. Rodrigo Affonso escalou Albuquerque , e entrou no castello ;



e não foi avisado de ir pela escala acima, e tomar as torres; e por hum brado, que deu hum velho, que jazia no caracol, quando os sentio, fogirão dezaseis, que já eraõ em cima; e foraõ á porta da treição, e quebraraõ os fechos, e sahiraõ fóra, salvos tres, que foraõ tomados, e deitados do castello abaixo; e tomaraõlhe as escadas, bestas, e armas, que levavaõ; e assi perdeu por pouco tento a Villa de Albuquerque.

## CAPITULO LXXVII.

*Fazem os Castelbanos acometimentos em Portugal: fogem, vindo el Rey contra elles: prende este o Prior do Crato.*

**T**Omada a Cidade de Badajoz, logo el Rey mandou dizer a el Rey de Castella por Afonso Vasques Commendador de Orta Lagoa, que elle não tomara Badajoz por quebrar as tregoaas que tinha feitas, mas em penhor do que estava por se lhe restituir: e que por isso soltara as principaes pessoas, que na Cidade foraõ prezas; mas que, tanto que fosse restituído, lhe entregaria a Cidade. El Rey de Castella mandou a Portugal Garcia Gonçalvez de Grizalva, e os Doctores Pedro Sanchez, e Antaõ Sanchez, queixandose de lhe ser tomada a dita Cidade contra os pactos, que tinhaõ feitos. E que elle queria restituir, e satisfazer o que fosse obrigado; e sobre a maneira, que se avia de ter na soltura dos presos, e pagamento do que se devia aos naturaes de Portugal, e sobre a entrega da Cidade, foraõ, e vieraõ aquelles embaixadores. O Condestabel mandou dizer a el Rey, que se guardasse del Rey de Castella, e se não fiasse delle, porque fazia muito apparato de guerra.



guerra. El Rey lhe respondeo que já avia de esperar a primeira pancada. Esta foi que el Rey de Castella mandou armar certos navios em Viscaya, que tomaraõ no cabo de S. Vicente duas naos grossas de Portugal, que do retorno do trigo, que levarã a Genova, traziaõ o preço empregado em armas, e municoens. Nesta vinda, que os embaixadores de Castella vieraõ a el Rey, cometerã Martim Vasques da Cunha, e seu irmão Lopo Vasques a el Rey de Castella, que o iriaõ a servir; do que el Rey de Castella ficou mui contente: e assi se passaraõ a elle, cuja ida foi causa de tambem se passarem a Castella outros fidalgos principaes seus parentes, como adiante se dirá.

Como a tregoa foi quebrada, ajuntaraõse alguns fidalgos Castelhanos com boa copia de gentes, de que era Capitaõ D. Ruy Lopes de Avalos, o Condestabel de Castella, em cuja companhia vinhaõ Martim Vasques da Cunha, e seu irmão Lopo Vasques: e chegando á Cidade de Viseu, a queimaraõ toda, e em sua Comarca fizeraõ muito dano. El Rey, que estava em Sanctarem, recebeo muito pezar quando o soube, e mandou chamar suas gentes para ir a elles: e nenhum dos que chamava se vinha para elle, e muito menos o Condestavel, que del Rey andava aggravado por lhe querer tirar algumas das terras, que lhe dera. Mas sendo chamado muitas vezes, respondeo a el Rey que se naõ devia anojár por em sua terra entrarem aquellas gentes, pois tinha senhores, e fidalgos, a que podia encommendar que fossem contra elles, posto que elle lá naõ fosse. Desta resposta ficou el Rey mui sentido, por ser do mór servidor, que tinha, e a que elle fora sempre mais afeiçoado. Porém o Condestabel naõ deixava entretanto de ajuntar suas gentes. E mandando el Rey outro se-



melhante recado ao Condestabel, lhe respondeo o mesmo, que de antes. Tendo porém já juntas duas mil e duzentas lanças, aforrado com só vinte de mullas, se foi ver com el Rey. El Rey sahio á pressa ao receber, e o abraçou, e lhe deo conta daquellas gentes. O Condestabel lhe disse que não fizesse muita conta dellas, que pera isso vinha assi a pedir-lhe licença para ir a elles: e ahi deraõ a el Rey novas que eraõ já partidos. Entaõ acordou de entrar por Castella, e partio para Coimbra: e ao Conde mandou que fosse a Evora por suas gentes, e tornasse a elle logo.

Estando el Rey em Coimbra concertando sua partida com o Condestabel, soube como o Mestre de Sanctiago de Castella D. Lourenço Soarez de Figueiroa, e os Mestres de Calatrava, e Alcantara, com muitas gentes da Andaluzia, e das fronteiras, eraõ idos para entre Téjo, e Guadiana, e roubavaõ, e matavaõ, e faziaõ quantos males podiaõ pelos termos de Béja, Moura, Serpa, e pelo Campo de Ourique, até Alcaçar do Sal. Logo el Rey deixou a ida de Castella, para a qual estava prestes; e partio de Coimbra com grandes jornadas: e chegando a Monte Argil, teve novas como os Castelhanos o dia de antes pela manhã passaraõ o Guadiana pelo porto de Serpa, indo já a ribeira taõ chã, que lhe ficara grande parte da cavalgada, que não pudera passar; e, se hum pouco mais tardaraõ, não acharaõ vao, por a muita agoa do rio, que crecia, e el Rey os achara dentro de seu Reyno. Tanta pressa era porque tiveraõ novas que el Rey hia contra elles. Disto ficaraõ el Rey, e o Condestabel mui anojados, e todos os do exercito. Ao outro dia chegou el Rey a Arrayolos, e ahi mostrou ao Condestabel alguns recados, que lhe mandaraõ das más maneiras, que

D.



D. Alvaro Gonçalvez Camello Prior do Crato, Marchal de seu Campo, tinha contra leu serviço, e que o queria mandar prender: e de feito logo fora preso, se o Condestavel o não estorvara. Ao outro dia foi el Rey a Evora: e vistas humas cartas, que foraõ tomadas, que el Rey de Castella mandava ao Prior em reposta de outras que lhe mandára, como queria ser seu, e irse para elle, el Rey o mandou logo prender, e foi entregue a Martim Affonso de Mello Alcaide mór de Evora. Em Evora fez el Rey alardo, em que achou quatro mil lanças bem concertadas: e querendo entrar em Castella, lho dissuadiraõ, por ser já tempo de Inverno. Partindose para Coimbra, deixou entregue o Prior a Lopo Vasques Alcaide do castello, o qual lhe fugio da prizaõ: e andando pelo Reyno, mandou pedir a el Rey lhe perdoasse, e lhe entregasse o seu. El Rey, como era clemente, o fez assi, tirando os castellos, que já tinha dados.

C A P I T U L O LXXVIII.

*Passaõse alguns fidalgos Portuguezes para Castella, e abi são grandes senhores. Passa el Rey o Minho com perda de muita gente.*

**T**Ornando el Rey a Coimbra, lhe vieraõ novas que Martim Vasques da Cunha, Joaõ Fernandez Pacheco, e seus irmaõs Gil Vasques da Cunha, Egas Coelho, e Joaõ Affonso Pimentel eraõ passados a Castella; e que el Rey D. Henrique cobrara as Villas, e castellos, que ellesinhaõ. A causa, porque estes fidalgos, e Martim Vasques da Cunha, sendo taõ leaes servidores, se passaraõ para Castella, foi que, como elles fizeraõ  
tan-



tantos, e tão notaveis serviços a el Rey, e á Coroa de Portugal, que sustentaraõ, e defenderaõ tão esfoçadamente, não lhes fez el Rey aquella honra, e mercê, que elles mereciaõ, e esperavaõ; e como elles eraõ homens tão fidalgos, e altivos, tinhaõ olho nas mercês, e favores, que el Rey fazia ao Condestabel D. Nun'alvarez, a que não eraõ afeiçãoados, em cuja comparaçaõ elles se viaõ desestimados, e andavaõ descontentes. Chegavase a isto não olhar el Rey de tão bom rosto a Martim Vasques da Cunha, e aquelles seus parentes desdo tempo das Cortes de Coimbra, em que o elegeraõ por Rey, cuja eleiçaõ ninguem encontrava senão Martim Vasques, e aquelles fidalgos de seu bando, clamando sempre que o Reyno se dêsse ao Infante D. Joaõ, a que de direito diziaõ pertencer. Estes disfavores achavaõ maiores em el Rey, quando já o Reyno era cobrado, e as guerras acabadas, e as pazes quasi feitas ao costume dos mais Reys, que por os seus serviços passados passaõ como cousa não devida.

A causa de Joaõ Affonso Pimentel se passar a Castella, teve outra particular razaõ, além da geral de não ser elle dos que seguiraõ o bando contra Castella: porque, como está dito, Joaõ Affonso sendo senhor de Vinhaes, e de outras terras, cazou com Dona Joanna Telles de Menezes, irmã bastarda da Rainha Dona Leonor Telles, com a qual lhe deu el Rey D. Fernando em dote a Cidade de Bragança; porque como se rebellou o Conde de Gijon, a que fora dada em cazamento, os moradores de Bragança se queixavaõ de danos que recebiaõ dos seus: polo que foi dada a Joaõ Affonso, para que a ganhasse, e deitasse della as gentes, que nella tinha o Conde: o qual com o favor dos seus parentes, e da Rainha, cobrou



brou a Villa, e se apoderou della, e a fortificou: e por o parentesco, que seus filhos tinhaõ com a Rainha Dona Briatis leguio as partes del Rey D. Joaõ de Castella. Mas vencida a batalha da Algibarrota, e vendo que el Rey D. Joaõ de Portugal estava sobre Chaves, e a tomara, por lhe naõ acontecer a elle assi, se preiteou com el Rey, e se entregou, com condiçaõ que lhe ficasse Bragança com tudo o mais, que nella, e fóra della avia.

Tinha Joaõ Affonso humra filha, por nome Dona Britis Pimentel, que el Rey lhe cazou com Martim Affonso de Mello, Alcaide mór de Evora; a qual matando Martim Affonso mal, e sem culpa, pedio Joaõ Affonso a el Rey lhe fizesse delle justiça. E por el Rey naõ tornar por isso como devia, ou por a boa vontade que tinha a Martim Affonso, ou por a pouca que tinha a Joaõ Affonso, desnaturandofelhe primeiro do Reyno, se passou a Castella naquelle tempo das tutorias del Rey D. Henrique III. quando o Duque de Benavente D. Fradique filho bastardo del Rey D. Henrique II. se rebellou: pola qual razãõ avendofelhe tomado seus bens, se tratou da parte del Rey com Joaõ Affonso Pimentel, que entregasse as fortalezas de Bragança, e de Vinhaes, com suas terras, e jurisdicãõ; e entregues, as tivesse por el Rey de Castella, e estivesse á sua obediencia; e que se lhe daria Benavente com o titulo de Condado, com nova confirmaçaõ das fortalezas de Bragança, e Vinhaes: e que, se por mandado del Rey entregasse as ditas terras a outra pessoa, se lhe faria compensaçaõ de outras taõ boas, ou melhores. Feito assi, lhe foi dado o Condado. Mas vindo el Rey D. Henrique a governar, mandou a Joaõ Affonso Pimentel que entregasse as ditas fortalezas de Bragança, e Vinhaes a D. Diogo Fernandes de Villa Garcia, Com-



Commendador mór da Ordem de Sanctiago de Castella, para fazer dellas o que fosse seu serviço: e pedindo elle a compensação, se lhe não deu. Mas a seu filho Rodrigo Affonso Pimentel fez el Rey D. João o II. muitas mercês, com que acrecentou sua casa, e estado, que hora tem, que he dos maiores de Castella.

Em fim, como estes fidalgos Portuguezes, que se passaraõ a Castella, eraõ taõ valerosos, fóra da patria, na qual os homens de maiores qualidades sempre valeraõ, podera cada hum delles dizer por si o que Themistocles disse quando se vio na Persia prospero, sendo desterrado de Athenas: *Perderame, se me não perdera*: porque a Martim Vasques da Cunha cazou el Rey com a Condessa de Valença Dona Maria, sua prima com irmãa, filha do Infante D. João de Portugal, e de Dona Constança filha del Rey D. Henrique II. sendo viuvo de Dona Maria Girona, donde agora decendem os Condes de Valença, Duque de Naxara, e por D. Affonso Telles Giraõ, do matrimonio primeiro, os Condes de Urenha, que agora saõ Duques de Ossuna. E a Lopo Vasques da Cunha deu o Condado de Bom Dia, de que decendem os Condes de Bom Dia, e os senhores da casa de Pinto, e a do Marquez de Salces, que saõ Carrilhos da Cunha, decendentes do Arcebispo D. Affonso Carrilho da Cunha, filho do dito Lopo Vasques da Cunha. E a Gil Vasques deu as Villas de Roa, e Mansilha, que elle deixou, por se tornar a Portugal. E a João Pacheco deu a Villa de Belmonte da Mancha: de cuja filha Dona Maria Pacheca, senhora de Belmonte, e de D. Antonio Telles Giron naceraõ dous maiores senhores de Hespanha, a saber D. João Pacheco Duque de Escalona, Marquez de Vilhena, Mestre de Sanctiago, e D.



e D. Pedro Giraõ Mestre de Calatrava , autor do Condado de Uruenha , que esteve em vespõras de cazar com a Rainha Dona Izabel , que cazou com el Rey D. Fernando o Catholico ; e podera ser Rey de Castella , se a morte o naõ atalhara , estandole fazendo prestes para vir receber sua esposa. A Egas Coelho , que era homem de antiga nobreza , descendente de Egas Monis , e filho de Pedro Coelho , a que el Rey D. Pedro tirou o coração pelas espadoas pela morte de Dona Inez de Castro , deu el Rey de Castella a Villa de Montalvo , de quem descendem os senhores daquella casa : dos quaes fidalgos , e de D. João Affonso Pimentel descendem hoje todos os grandes , e senhores de Castella , que ficaõ parecendo ramos destes troncos.

El Rey , posto que recebesse nojo pola ida daquelles bons cavaleiros , naõ mudou o proposito de ir a Galliza fazer guerra a seus inimigos. E de Coimbra se foi a Ponte de Lima , onde fez seu alardo , e achou quatro mil lanças , e muitos piaës. E estando nas Choças , que saõ tres legoas do Minho , teve novas que da parte dâlem do rio , junto a Salvaterra , estavaõ muitas gentes para lhe impedir o caminho , e se irem lançar dentro da Cidade de Tuy , sabendo que el Rey a hia cercar. A verdade disto era , que Diogo Perez Sarmiento , Adiantado de Galliza , com outros fidalgos , sabendo que el Rey hia para aquella Comarca , e conjecturando que hia sobre Tuy , quizerãõse lançar dentro ; e os da Cidade o naõ consentiraõ , dizendo que elles eraõ bastantes para se porem em defenfa , e dar boa conta da Cidade : polo que receando a ida del Rey , passaraõ seu caminho. El Rey quiz mover á pressa seu arraial , e passar da banda dâlem do rio , para ver se os podia tomar ; e chegando perto de Monçaõ , pediraõ os que hiaõ



diante a Diogo Gomez de Abreu, Alcaide daquella Villa, que lhe mandasse hum seu escudeiro, que chamavaõ Fernaõ de Arias, para lhes ir mostrar o vao: e elle, e outro foraõ para serem seus guias.

Sendo já Sol posto, e perto da noite, e o tempo nubrado, porque ficava menos claridade do que para tal passagem cumpria, chegaraõ ao vao das estacas, que naquelle lugar era largo. El Rey fez chamar hum guia daquellas para encaminhar a gente; e elle entrou em cima de seu cavallo, dandolhe a agoa pelos peitos. O vao não era em direito, mas desviado para cima, e chêo de pedregulho de muitos feixos, e a altura da agoa toda igual, não mais alta em hum lugar, que em outro; mas estava junto daquelle vao hum pégo mui fundo, apparelhado para muitos nelle cahirem; do que poucos sabiaõ parte. A guia passou além; e tornou mais rijo, do que foi, por a grande corrente da agoa que decia. El Rey para animar a gente, e passarem mais depressa, mandou passar a Bandeira. Joaõ Gomez da Silva, que era Alferez mór, foi além, e alguns com elle abaixo pela beira do rio, a direito onde el Rey ficava, na qual parte a agoa era mais alta, e perigosa, que foi causa da perda que depois se leguio. Porque ao som das vozes donde elle estava, tirava a gente para lá direito, indo o vao desviado mais acima; e assi se perdiaõ muitos. Tornando a guia para encaminhar outra ida, foi com elle muita mais gente, que da primeira. E quando veio a terceira vez, foraõ tantos, que com a espessura das bestas creceo a agua, fazendo de si parede, porque lançou grande parte delles no pégo, sem dos que estavaõ em terra serem vistos. Além disto a noite, por ser escura, fazia topar huns nos outros; e alguns dos que lhe hiaõ vizinhos, por se terem a elles, os  
leva-



levavaõ consigo ao fundo. Desta maneira, e doutras morriaõ muitos, até que os que hiaõ detraz atentaraõ que se perdia a gente, e o disseraõ a el Rey; e mandou que naõ passassem mais. Huns se afogavaõ, que naõ furdiaõ mais; com outros nadavaõ as bestas; e quando chegavaõ á beira da agoa, por a aspera sahida da borda do rio, que era empinada, naõ podiaõ subir, e vingar acima: e assim se despenhavaõ, e morriaõ bradando que lhes acudissem, sem aver quem o podesse fazer. Porque, posto que alguns se nomeassem quem eraõ, e lhes quizessem socorrer seus criados, e servidores, naõ podiaõ em tamanha pressa. El Rey esteve hum bom pedaço áquem do rio, naõ sabendo quaes, nem quantos eraõ mortos; e andando muita parte da noite muito abaixo, donde foi esta perda, passou em huma barca, e despois delle todos os que o poderaõ fazer.

Quando foi o dia claro, e el Rey soube dos que morreraõ, ficou maravilhado, e mui anojado, por assim se perderem por taõ máo tento, e desastrado caso. Alli se deteve alguns dias por recolher os mortos, que furdiaõ, e sahiaõ; e outros, que tiravaõ com redes, que mandava soterrar. Achouse que os que alli se perderaõ entre pobres, e plebeos foraõ quinhentas pessoas, que foi a maior perda de gente que el Rey teve em nenhum feito de guerra.



## CAPITULO LXXIX.

*Cobra el Rey de Portugal Salvaterra : poem cerco a Tuy. Trata o Castelhana socorrella. Entre-gase a partido.*

**C**Om este trabalho passou el Rey o Minho ; e cobrou Salvaterra ; e por Souto Maior veio pôr seu arraial sobre Tuy , e o cercou de maneira , que na Cidade senão podia entrar , nem sahir della.

O que estava em defensão da Cidade era Payo Sorodea , e com elle Pedro Fernandes de Andrade seu sogro , que o veio ajudar , e Pedro Dias de Cardona , e Gonçalo Açores , que tinhaõ trezentas lanças , a fóra bésteiros , e muita pionagem , e copia de mantimentos , e muita vontade de se defenderem. El Rey mandou pôr ao redor seus engenhos , que começaraõ a desparar grandes pedras : e por o muito dano , que os de dentro faziaõ aos de fóra , e os de fóra aos de dentro , vieraõse a concertar , que os engenhos del Rey não atirassem de noite , nem os de dentro com sétas ervadas : e el Rey consentio nisso , porque não se destruisse huma Sé taõ antiga , e honrada , como era a daquela Cidade , e em que jazia o Corpo de S. Fr. Pedro Gonçalvez. Os de dentro sahiraõ a escaramuçar ; e com a boa bestaria , que tinhaõ , tratavaõ mal aos Portuguezes , sem lhe aproveitarem suas boas armas : polo que muitos foraõ feridos , e alguns mortos. Vendo el Rey que se não dava bem o combate , por a escala não chegar como cumpria , mandou que se afastasse do muro : do que os de dentro estavaõ mui contentes ; e el Rey , e os seus mui pouco.

Os



Os de dentro, vendo que os Portuguezes se afastavaõ, começaraõ de os apupar, e zombar delles, e dizerlhes muitas palavras injuriosas. Mas el Rey, que não tinha proposito de desistir, mandou á pressa concertar a escaia, para quando ouvesse de dar outro combate.

Os da Cidade quando viraõ fazer aquella obra, e entenderaõ a vontade del Rey de perseverar no cerco até os tomar, começaraõ de se temer, e buscaraõ maneira para fazer saber a el Rey de Castella o trabalho, em que estavaõ postos, e os que mais esperavaõ, pedindolhe soccorro. El Rey de Castella teve sobre isso conselho; no qual hum conselheiro chèo de odio, e indignação, disse, que se esperava da casa Real de Castella, taõ nomeada polo mundo, vir a taõ mau estado pelos peccados do povo, que huns poucos de Portuguezes, com hum cavaleiro, que tomaraõ por seu Rey, lhes corria a terra a seu despeito; e não contente com o Reyno, com que se levantara sem lhe pertencer, entrava ainda nos senhorios de Castella, a cercarlhe as Cidades, e Villas, a que não podiaõ soccorrer; e, o que mais era, vindo o Mestre de Aviz com taõ poucos homens, que lhe ficaraõ da passagem do Minho: e com ter ahi o Condestabel, que trazia a mais da gente, em lugar taõ alongado, e no cabo do Reyno, e tendo o Minho para passar, se atrevera ir sobre Tuy, e o tinha em risco de o tomar. E que, desque homens se acordavaõ, sempre os Reys de Castella tiveraõ sogeitos aos de Portugal, quando para seu serviço os aviaõ mister, a quem destruhiaõ a terra, se o não queriaõ fazer, avendo delles muitas ajudas assi por mar, como por terra, como ouvera el Rey D. Affonso XI. de seu sogro el Rey D. Affonso IIII. de Portugal, a quem mandara chamar, por ir com elle á bata-



batalha do Salado , onde logo fora com todo seu poder : e que despois el Rey D. Pedro seu filho ouvera del Rey D. Pedro de Portugal que o fosse servir na guerra , que trazia com el Rey de Aragoã : e que para isso lhe mandara gente , e por Capitaõ della D. Martim de Avelal Mestre de Aviz ; e per mar 10. Galés pagas á sua custa , e por Capitaõ dellas Mecer Langarote Pessano seu Almirante ; o que tudo fora por via de fogeição , e por mais naõ poderem fazer. E que vencerem a el Rey D. Joaõ na batalha de Algibarrota , naõ era maravilha ; que tambem fora vencido el Rey D. Henrique del Rey D. Pedro ; e despois D. Henrique tornara a vencer , e matara seu adversario , e lhe tomara o Reyno , de que sua Alteza seu filho , e herdeiro era senhor : e que naõ avia , porque perderse o esforço , e a esperança de tornar a restituir a Casa Real de Castella a seu bom foro , mas trabalhar por levar suas honras adiante , como fizeraõ seus antepassados : e que logo se avia de mandar socorro áquelles cavaleiros de Tuy , que por honra de seu Rey estavaõ em tanto trabalho , e risco.

Estas , e outras palavras falsas , e sem fundamento se differaõ naquelle conselho , como em vingança dos Portuguezes por as coulas passadas , cuja dor estava fresca. Logo naquelle conselho se determinaraõ duas cousas. A primeira , que o Infante D. Dinis se intitulasse Rey de Portugal , e do Algarve : e que todos os Portuguezes , que em Castella andavaõ , se ajuntassem a elle ; e que desta maneira , entrando no Reyno , muitos se lhe dariaõ. Isto dizem que se moveo por conselho de Martim Vasquez da Cunha , e dos outros Portuguezes , que em Castella andavaõ. O outro conselho foi que el Rey soccorresse a Tuy com a mais gente que podesse : e que deitassem fama que el Rey em pessoa



foa hia lá para dar batalha a el Rey de Portugal: e que o Mestre de Sanctiago ajuntasse a mais gente que podesse; e dissesse que hia a Alentejo: e que por outra parte se fizesse huma armada, e se mandasse contra Lisboa. E que assi diverteriaõ a el Rey do cerco de Tuy: e que desta maneira se faria o Infante D. Dinis Rey de Portugal; e que el Rey de Castella o contentaria com hum bom Ducado, e elle lhe largaria o Reyno. Estas, e outras taes cousas se trataraõ no consellio de Castella, que, fazendo a conta (como dizem) sem a hospeda, imaginavaõ aquelles conselheiros estando á sombra.

Querendo os Castelhanos effectuar seus conselhos, mandaraõ aos de Tuy recado que se defendessem fortemente; que logo seriaõ soccorridos; e lhes declararaõ a maneira porque havia de ser: com que os cercados ficaraõ taõ contentes, que com essa confiança começaraõ a soltar-se em mui fêas, e deshonestas palavras contra el Rey, e contra os Portuguezes, como pouco prudentes, que não entendiaõ quam incertas saõ as cousas futuras, e os acontecimentos das guerras. As gentes se ajuntaraõ em Castella com presteza, mais por vingarem seus odios, que por focorrerem aos cercados. Por huma parte vinha D. Ruy Lopez de Avalos Adiantado de Murcia, a Condestabel de Castella, com muitas gentes para descercar Tuy, deitando fama que el Rey de Castella vinha alli. Por outra sahio o Infante D. Dinis com duas mil lanças caminho da Beira. Do Porto de Sancto André de Viscaya partio huma armada contra Portugal de vinte e sete naos, e duas Galés. O Almirante D. Diogo Furtado de Mendoça com treze Galés, e outros tantos navios, partio da mesma maneira de Sevilha; e todos se ajuntaraõ no porto de Lisboa.



boa. El Rey D. João, que de tudo soube parte, não deixava de se fazer prestes para de novo combater Tuy: e em publico, que lho ouviraõ muitos, disse: Venhaõ quantos Castelhanos quizerem; aqui me haõ de achar, por mais palavras que digaõ, e por mais gentes que tragaõ. E se el Rey vem, não póde o cerco desfazerse senaõ por batalha; e eu estou prestes para lha dar aqui em sua terra; e vencida esta (como espero em Deos que ha de fer) darei outra ao novo Rey de Portugal D. Dinis meu irmaõ.

Estava naquelle tempo o Condestabel D. Nuno Alvarez em Monte mór o novo, onde el Rey lhe mandou recado que se fosse logo para elle, com a gente que tivesse. E foise logo a Evora para abreviar sua partida. Após este chamamento del Rey, lhe veio recado de Gonçalo Valsques Coutinho, e de alguns lugares da Beira, como o Infante D. Dinis, que se chamava Rey de Portugal, com os fidalgos Portuguezes, que em Castella andavaõ, de que eraõ Capitaes Martim Valsques da Cunha, e seus irmaõs, João Affonso Pimentel, João Fernandez Pacheco, e Egas Coelho, andavaõ destruindo aquella comarca. Por outra via lhe veio recado que o Mestre de Sanctiago ajuntava muitas gentes para vir á comarca de entre Tejo, e Guadiana satisfazerse, e vingarse da entrada, que o Condestabel fizera em Castella. Polo que o Condestabel se via apertado de maneira, que não sabia aonde acodisse; e querendo ir buscar o Infante primeiro, que esperava desbaratar, e dahi ir a Tuy, aonde el Rey o chamava, achou seus soldados meio amotinados por as más pagas, que se lhe faziaõ, sobre tantos trabalhos, que tinhaõ passado. E por o Condestabel estar sem dinheiro, e em tal pressa, Martim Affonso de Mello lhe offerceo



receo sua gente ; e pagando o soldo de poucos dias , partio levando consigo Martim Affonso , e o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalvez Camello , a fim de o reconciliar com el Rey.

Vindo a Castelbranco , achou recado que o Infante estava no termo da Covilhaã , que eraõ dali sete legoas , donde o Infante escreveo a muitas pessoas do Reyno , dizendolhes como a Rainha Dona Britis renunciara nelle o direito , que tinha no Reyno , e que com a ajuda del Rey esperava de o cobrar , que faria muito grandes mercês aos que para elle se viessem , além de serem elles obrigados a seguillo , como a seu Rey. Mas com todas as promessas , ninguem se veio para elle. O Condestabel escreveo hum carta ao Infante , estranhadolhe a empreza , que tomara taõ contra sua honra : e que cedo seria com elle , pedindolhe o esperasse. Mas o Infante não fez tanta demora , que a carta lhe podesse ser dada. E como soube que o Condestabel hia a elle , se tornou , porque entendeu que lhe avia de dar batalha. E se espantou do Condestabel se atrever a ir contra elle.

Os Portuguezes , que com o Infante vinhaõ , trabalhavaõ por que elle esperasse ao Condestabel , e viessem ás mãos , mas os Castelhanos foraõ de contrario parecer , porque lhes lembrava o successo da recente batalha de Algibarrota , mórmente quando viraõ que para o Infante senaõ fora pessoa alguma de Portugal : polo que o Infante tornou a Castella com pouca honra. E assi quando hia ao Paço , os lacaios , e moços , que estavaõ com os cavalos , lhe diziaõ em passando : *Rey D. Diniz , aonde is ?* Da mesma maneira se tornou a armada de Lisboa , sem fazer cousa alguma , e o Condestabel ordenou ir a Tuy , e Martim Affonso de Mello com alguma gente guardar á comarca de Alentejo.



Em quanto se el Rey fazia prestes para combater a Cidade, e refazer as escalas, soube da gente com que vinha D. Ruy Lopez de Avalos; e quando foi certo que estava dahi hum jornada, mandou ir dalli as barcas para a outra parte, defendendo sobpena de morte, que não fossem lá mais com pessoa alguma. Os da Cidade tomaraõ muito esforço com a vinda daquellas gentes, mas el Rey muito mais prazer, esperando darlhes batalha. D. Ruy Lopez de Avalos chegou taõ perto do arraial de Portugal, que não estava meia jornada; e estando el Rey esperando por elle, soube que se arredaraõ, e foraõ caminho de Sampayo huma Aldêa, que distava de Tuy, onde el Rey estava seis legoas.

Ao outro dia se foraõ a Ponte Vedra, onde estava o Arcebispo de Sanctiago, em quem não acharaõ bom gazalhado, porque trazia já pensamentos de se lançar em Portugal, por aggravos, que trazia del Rey D. Henrique. Porque allegurando o Arcebispo por seu mandado ao Duque D. Fadrique de Benavente, el Rey o prendeo, de que o Arcebispo, como generoso que era de sangue, e muito mais de espiritos, se sentio muito, e se passou despois a el Rey de Portugal, que o fez Bispo de Coimbra, na qual dignidade dizem que morreo. Em fim D. Ruy Lopez de Avalos, e os que com elle vinhaõ, se tornaraõ sem fazer cousa alguma.

Perseverando os Portuguezes em seus combates vespóra de S. Tiago do anno de 1398., tendo os Portuguezes arrimada sua escala a hum torre, os de dentro puzeraõ nella fogo, que não poderaõ soportar, e trabalharaõ pola arredar dalli, e atirou hum engenho de dentro hum pedra á escala, que tambem lhe fez muito dano; polo que cessou o combate daquelle dia. Ao dia seguinte, que era



era de Sanctiago , não esperando os de dentro por combate , mandou el Rey tocar as trombetas , e chegar a escala para combater. Os da escala por fobir , e entrar ; os de dentro por se defender , tiveram huma dura peleja , de maneira que os de fóra fizeraõ aos de dentro desamparar o muro , e as torres , e de huma sêta matareaõ o Mestre do engenho , que logo deixou de atirar.

O primeiro que saltou na torre , foi hum Vasco Farinha. Os de dentro desesperados de se poderem defender , começaraõ a bradar aos de fóra , que estivessem quedos , que queriaõ tratar de partido. Pedro Fernandez de Andrade sahio fóra para falar a el Rey ; e posto de joelhos em terra , lhe disse , que lhe pediaõ os cercados de mercê mandasse cessar do combate , que lhe queriaõ dar a Cidade , deixandoos ir com seus corpos , armas , e bens , que nella tinhaõ : e que não devia Sua Alteza ter a mal defenderem a Cidade por suas honras , e outras razoës. El Rey lhe disse , que não lhe tinha a mal defenderem a Cidade , por guarda de suas honras , e serviço de seu senhor ; mas que era para estranhar , para homens que vestiaõ armas , foltaremse em palavras deshonestas , como molheres : e que por isso mereciaõ que lhes mandasse a todos cortar as cabeças , e as lingoas. A isto respondeo Pedro Fernandez com taõ modestas palavras , que por ellas , e por na entrada da Cidade não acontecer algum desastre a algum Portuguez , lhe concedeo que sahisses em salvo com suas armas , e os bens ficassem á disposiçaõ de seu arbitrio. Pedro Fernandez lhe beijou a maõ ; e tornandose para dentro , cessou logo o combate.

Ao outro dia entrou pola escala João Gomez da Silva , com a bandeira Real estendida , e muitos com elle armados , com grande estrepito de inf-



trumentos. Ao pé da escala fez el Rey cavaleiro seu filho natural D. Affonso : e pola porta que chamaõ da Pia, entrou despois Gonçalo Vasquez Coutinho com muitos homens de armas. Na Igreja Cathedral foi achada muita riqueza, que os da Cidade, e termo alli depositaraõ; o que tudo deu a Lopo Vasquez, Commendador mór de Aviz, para elle, e para os que com elle ficavaõ por guarda da Cidade, de que o deixou por Fronteiro. Alli veio el Rey a ver o Condestabel aforrado, a quem el Rey fahio a receber, e a seu rogo foi reconciliado com el Rey o Prior D. Alvaro Gonçalves Camello, que com elle vinha.

### C A P I T U L O LXXX.

*Tratase de tregoa entre os Reynos de Portugal, e Castella : ha muitas duvidas até se effectuarem.*

**E**Ra feita outra nova convença entre os Reys de Portugal, e Castella, sobre a tomada de Badajoz da parte del Rey de Portugal, e da del Rey de Castella sobre as naos, e bens dos Portuguezes, e por respeito dos prisioneiros, que naõ foraõ soltos, que el Rey de Castella dêsse sincoenta mil dobras a el Rey de Portugal pagas em certos termos, e mais as despezas, que fizera na Cidade de Badajoz : e que fizesse soltar em seu Reyno todos os prisioneiros Portuguezes, mandando lá el Rey quem os buscasse : e que sendo negligente, el Rey de Castella pagasse trezentas dobras Castellhanas por cada prisioneiro, com outras mais condiçoẽs; e porque este concerto se guardou taõ mal, como as tregoa passadas, começoũe outra vez a guerra, e por isso foi el Rey sobre Tuy, e o tomou.

Ven-



Vendo el Rey de Castella como estava despojado de duas Cidades suas nos estremos do seu Reyno, as quaes naõ poderia cobrar sem grande difficuldade, determinou de as aver por concerto, e falou áquelle Genovez homem prudente, e de negocio, que se chamava Messer Ambrosio de Marinis, de que já falámos, que viera a repetir o prego das naos, que el Rey tomara no tempo da guerra, e o mandou a Portugal. O qual propondo a el Rey quanto serviço de Deos, e bem do povo era o fazerem pazes, elle, e el Rey de Castella lhe disse que nenhum meio avia para isso melhor, que poremse ambos em maõs de Juizes arbitros. E que se isto queria que se effeituasse, entretanto deviaõ fazer treguas; para o que elle trazia poderes mui bastantes. El Rey respondeo, que das avenças elle seria contente: e que hum dos Juizes arbitros consentia que fosse elle Messer Ambrosio, e concordaraõ que o Condestabel D. Nuno Alvarez, e o Bispo de Coimbra D. Joaõ fossem por huma parte Juizes, e de Castella viessem D. Lourenço Soarez de Figueiroa Mestre de Sanctiago, e D. Ruy Lopez de Avalos, Adiantado de Murcia, e Camareiro mór del Rey, e seu Condestabel.

Feitas treguas de certos mezes para se tratar das pazes, e avenças entre os Reys, o Mestre de Sanctiago, e Ruy Lopez de Avalos vieraõ a Villa Nova de Barca Rota, e com elles Messer Ambrosio, e o Doutor Pedro Sanchez; e Messer Ambrosio concertou que fossem ao lugar das vistas cada hum com sincoenta de cavalo armados de cotas, e braças a huma parte, que estariaõ afastados em guarda, e dous cavaleiros com cada hum dos arbitros. O Condestabel o dia que se aviaõ de ver, cavalgou em hum formoso cavalo, com cota, e braças, e huma jaqueta preta, e arnez, de pernas



nas de malha , sob humas botas , e hum traçado na cinta , levando consigo Gonçalo Anes de Abreu , e Pedro Anes Lobato , e sincoenta entre cavaleiros , e escudeiros , armados da mesma maneira , e Martim Gonçalves tio do Condestabel ficava com a outra gente em Olivença.

Na ribeira onde se aviaõ de ajuntar , avia hum ilheo , onde foraõ juntos todos oito , a saber , o Mestre de Sanctiago , Ruy Lopez de Avalos , Messer Ambrosio , e Pedro Sanchez da parte de Castella : e da parte de Portugal o Condestabel , o Bispo de Coimbra , o Bacharel Ruy Lourenço , e Alvaro Pirez Escholar : e afastados da parte de cada Reyno , estavaõ os sincoenta. E quando se encontraraõ , se abraçaraõ os senhores , e despois os cavaleiros , huns , e outros , e começaraõ de falar. Pola justiça de cada hum dos Reys foi disputado assás por seus procuradores , e dados os pareceres polos Juizes ; mas os Castelhanos acrescentavaõ tantas cousas , que os Portuguezes as não aceitaraõ , e o negocio ficou indeciso , como de antes ; e assi se tornaraõ.

Em quanto durava a tregoa dos nove mezes , se passou a Castella o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camello , como dias avia se entendia delle , cujo Priorado el Rey tinha prometido ao Condestabel , que o daria a Lourenço Esteves Comendador da Vera Cruz , que avia bem servido , e acompanhado , se Alvaro Gonçalves o perdesse por direito. Mas determinava de o dar a Fernão Dalvarez de Almeida , Aio de seus filhos : e primeiro fez saber ao Condestabel sua determinação , por a promessa que lhe tinha feito. O Condestabel mandou a el Rey Gil Ayres Muniz seu escriptaõ da puridade , pedindolhe não lhe revogasse a mercê , que tinha feita a Lourenço Esteves , sendo taõ bom cava-



cavaleiro, e servidor; e deixasse os Freires eleger, porque não ouzavaõ fazelo. Tantas razões passaraõ sobre isto, que el Rey ouve de mandar que os Freires elegessem quem lhe parecesse mais idoneo: e elegeraõ a Lourenço Esteves.

Por este tempo soube el Rey como o de Castella não queria que as treguas dos nove mezes, que já eraõ acabadas, se prorogassem por mais tempo. Polo que estando em Sanctarem, ouve seu conselho com o Condestabel para irem sobre Alcantara. El Rey partio logo pelo Téjo acima, e o Condestabel tornou a Evora, a ajuntar suas gentes para seguir a el Rey, com quem logo se ajuntou, e se achou el Rey com quatro mil lanças, e grande numero de piaës, e bésteiros; e em hum Sabbado do mez de Maio do anno de 1410. chegou sobre Alcantara. E em quanto esperava por huma ponte para passar o Téjo, mandou ao Condestabel, que fosse correr aquella Comarca, porque lhe começavaõ de mingoar os mantimentos. Com o Condestabel foi Martim Affonso de Mello, que tinha a Cidade de Badajoz, e passou por Caceres, e dahi por Montances, e entrou dezaseis legoas por Castella além de Alcantara. E de huma ribeira, que chamaõ Boteja, mandou correr a huma parte Martim Affonso, e á outra D. Lourenço Esteves Prior do Crato. Martim Affonso foi até sinco legoas, onde se encontrou com o Commendador mór de Leaõ, que se vinha lançar em Caceres com cento e sincoenta lanças, e pelejou com elle, e o desbaratou, e lhe prendeo 28. entre cavaleiros, e escudeiros, e outros prisioneiros; e trouxe grande preza de gado.

O Prior D. Lourenço veio por outra parte, tambem com grande preza de gado, e prisioneiros. Com esta preza se foi o Condestabel caminho  
de



de Alcantara. E estando nas Broças, lhe veio recado del Rey que se fosse á pressa, por quanto além do rio chegaraõ para se lançar em Alcantara o Prior D. Alvaro Gonçalvez Camello, e Martim Vasques da Cunha, e outros Portuguezes, e D. Ruy Lopes de Avalos com duas mil e quinhentas lanças. El Rey vendo que a ponte não vinha, e para combater a Villa lhe era necessario gastar muito tempo, levantou o arraial, e partiole dalli.

Estando as cousas nestes termos, tratouse entre os Reys que falassem em paz perpetua, e compuzessem suas duvidas. El Rey de Portugal mandou por seus embaixadores D. Joaõ Arcebispo de Lisboa, Joaõ Vasques de Almada, e o Doctor Martim Docem. Os quaes em 60. cavalgaduras forã a Segovea. El Rey de Castella, e os do seu conselho deraõ aos embaixadores por escrito as condiçoẽs, com que consentiriaõ na paz, que eraõ mais para vir a novos odios, que para mitigar os passados; porque as perdas que diz que ouveraõ os Castelhanos no quebrantamento das tregoas de quinze annos, e por as injurias que receberaõ, pediaõ a el Rey de Portugal seiscentos mil francos de ouro, e quarenta mil dobras em cada hum anno, em vida del Rey D. Henrique, e da Infanta Dona Maria sua filha: e que lhe dẽsse cada anno dez Galês por seis mezes, armadas á sua custa, e mil homens de armas por terra, pagos tambem á sua custa: e isto em vida de ambos os Reys. E que se el Rey de Castella tivesse guerra com Mouros, que el Rey de Portugal fosse a ella em pessoa. Item que perdoasse, e recebesse em seu Reyno todos os Portuguezes, que em Castella andavaõ, desde tempo que a Rainha Dona Britis cazara, e lhe entregasse todos seus bens. Item que entregasse Badajoz, e os mais lugares, que lhe tinha



nha tomados, e os fidalgos de Castella, que tinha em arrefens. Item, que el Rey de Castella tinha direito no Reyno de Portugal, como mais chegado parente legitimo del Rey D. Fernando. E que por elle deixar este direito, e por as injurias recebidas, lhe avia de dar em Portugal outro tanto, como el Rey D. João seu pai dera ao Duque de Lancastro, por outra tal, e outras tão duras condições. Polo que, deixada a pratica das pazes, que aos Embaixadores de Portugal pareceo escuzada, vieraõ falar na tregoa; e não se podendo nella concordar, assentaraõ que Martim Docem viesse a Portugal dar razã a el Rey.

Sobre esta differença das tregoas ajuntou el Rey Cortes em Sanctarem, e aos grandes do Reyno, e procuradores deu por escrito os apontamentos del Rey de Castella, que a todos pareceraõ mal; e mais para elles averem guerra, que paz. Polo que com mui honestas condições responderaõ a elles: que se entregassem Villas por Villas, e prisioneiros por prisioneiros, e que se soltassem os arrefens, e que se quitassem os dinheiros das sentenças, que se deraõ de huma parte, e da outra; e as dobras das penas, em que cahiraõ, e quaesquer outras dividas. E quanto aos fidalgos, que andavaõ em Castella, diziaõ os fidalgos do Reyno nas Cortes, que lhes perdoasse el Rey a todos, e lhes tornasse os bens patrimoniaes, comprandoos por sua justa estimação aos que já os tinhaõ; e que os bens da Coroa se lhes não tornassem. Os Procuradores das Cortes responderaõ a este artigo, que aos que se foraõ em tempo da Rainha Dona Britis, a que el Rey perdoava, e tornava o seu, e não queriaõ vir, que a estes não perdoasse, salvo se por elles se tornasse á paz: mas que a Martim Vasques da Cunha, e João Fernandez Pacheco, que



por aggravos se foraõ , que a estes tornasse a recolher , e lhes dèsse todo o seu , por os bons serviços , que lhe fizeraõ , que deviaõ de pezar mais , que a culpa de sua ida. A's mais capitulaçoẽs senaõ respondeo , por serem mais escandalos , que contratos de paz , e amizade.

Com a reposta que os povos deraõ , tornou el Rey a mandar o Doutor Martim Docem ; e deixando as razõeõs que sobre isso ouve , os Castelhanos decendose de suas odioõs condicoẽs das tregoaõs , foraõ concordes , em que ouvesse por dez annos tregoaõs , com certas capitulaçoẽs ; de que ficaraõ estas para se saberem. Que nem el Rey de Castella , nem seus herdeiros fariaõ guerra por parte da Rainha Dona Britis , nem do Infante D.Dinis , nem lhes consentiraõ que a fizessem com gentes de outra naçaõ , nem sua : e quando a quizesse fazer , que elle lho impediria com todo seu poder. Item , que se entregassem de hum Reyno a outro todos os lugares , que foraõ tomados por qualquer maneira que fosse , a saber de Portugal a Castella , Badajoz , Tuy , Salvaterra , e S. Martinho ; e de Castella a Portugal , Bragança , Vinhaes , Castello da Piconha , Miranda , Pena Macor , Pena Garcia , Segura , e Noudar. As quaes entregas aviaõ de ser por esta maneira : que a certos dias , despois da publicaçaõ da tregoa , fossem postos por arrefens em poder do Condestabel na ribeira de entre Villa Nova , e Olivença , D. Alvaro Perez de Gulmaõ , Justica mór de Sevilha , e o Marichal Diogo Fernandez de Cordova , e Gomez Soarez filho maior de D. Lourenço Soarez Mestre de Sanctiago ; e que do dia que lhe fossem entregues , até vinte dias primeiros seguintes , el Rey de Portugal entregasse a Cidade de Badajoz ao dito Mestre de Sanctiago livre , e desembargada ; e entregue Badajoz até dous mezes ,



zes, se entregasse a el Rey de Portugal Bragança, Vinhaes, e Noudar, tirando os bastimentos, e artificios de guerra, que com elles estivessem, para aquelles que em poder as tinhaõ, e todas as mais cousas suas: e que daquelle dia, em que estes quatro lugares fossem entregues, a vinte sinco dias, o Condestabel tornasse a entregar os tres arrefens, que lhe foraõ dados naquelle lugar, onde os recebera. E entregues os ditos arrefens, que dahi até hum mez el Rey de Portugal fosse obrigado a entregar ao dito Mestre de Sanctiago de Castella outros arrefens de seu Reyno, que fossem estes Joanne Mendes de Vasconcellos, irmaõ de D. Mem Rodrigues de Vasconcellos, Mestre de Sanctiago de Portugal, Gonçalo Pereira filho maior de Joaõ Rodrigues Pereira, e Vasco Fernandez Coutinho filho outroso maior de Gonçalo Vasques Coutinho, Marichal de Portugal naquelle mesmo lugar, onde foraõ entregues; e do dia que fossem entregues até quarenta dias seguintes, fosse el Rey de Portugal entregue de Miranda, Pena Macor, Pena Garcia, e de Segura. E do dia que estes lugares fossem entregues até hum mez, fosse entregue a el Rey de Castella a Cidade de Tuy, Salvaterra, S. Martinho; e feitas as taes entregas, tornassem os Portuguezes, donde foraõ levados por arrefens, e naquelle mesmo dia, e lugar fossem entregues Inigo de Mendoça, Gonçalo de Cuñiga, e todos os outros, que eraõ vivos, e foraõ postos em arrefens nas treguas dos quinze annos; e que como as taes entregas fossem feitas, fossem logo soltos todos os prisioneiros de hum Reyno a outro, segundo entre elles foi assentado.



## CAPITULO LXXXI.

*Morto el Rey de Castella , faz a Rainha pazes  
com Portugal : suas condições. Offereceselhe el  
Rey de Portugal para a guerra contra os  
Mouros.*

**F**icou acabada a guerra , por causa destas tre-  
goas ; restava falar-se na paz , sobre a qual ,  
segundo estava concordado entre os Reys , se  
avia de tratar entre Elvas , e Badajoz ; mas por  
impedimentos , que ouve , senão fallou nella senão  
dahi a quatro annos , que foi no anno de 1407.  
entre S. Felizes , e Castello Rodrigo , sendo já na-  
quelle tempo falecido el Rey D. Henrique : e en-  
tretanto a Rainha Dona Catherina , como virtuosa  
que era , e irmã da Rainha Dona Philippa de Por-  
tugal , desejava muito de ver assentada a paz com  
pessoas , com que tanta razão tinha , e todos os  
dias o lembrava , e persuadia a el Rey D. Henri-  
que seu marido. O que elle dizia queria fazer em  
Cortes para isso chamadas , para as pazes se faze-  
rem firmes , e como deviaõ ; mas como el Rey era  
enfermo , anticipouse-lhe a morte. Polo que a mes-  
ma Rainha Dona Catherina , que procurava a dita  
paz , ficou regendo o Réyno , como Tutora de seu  
filho , que ficou minino de vinte e dous mezes ,  
juntamente com o Infante D. Fernando seu cunha-  
do , irmão del Rey seu marido. Onde assi pelo as-  
sento , que el Rey D. Henrique tomára , como por  
os desejos , que tinha de concluir o negocio das  
pazes , assentou com el Rey D. João , que mandas-  
sem seus Embaixadores á raia entre Castello Ro-  
drigo , e S. Felizes : e ella mandou por sua parte  
D. João Bispo de Siguença , D. Pedro Vilhegas Al-  
caide



cayde mór de Cordova , e o Doutor Pedro Sanches. De Portugal foraõ D. João Arcebispo de Lisboa , Martim Affonso de Mello , e o Doutor Gil Martinz. E vindo a hum rio junto de Escarigo , falláraõ estando todos em mullas , cada nação com sesenta homens de cavallo , que os guardavaõ affastados. Em fim , da parte dos Castelhanos se repetíraõ muitas cousas , que já foraõ tratadas , e naõ aceitadas pelos Portuguezes. Os quaes responderaõ , que mais honra , e proveito era Del Rei seu Senhor , e do Reyno ficar em guerra com Castella , que aceitar paz taõ pouco honrosa , e com tanto dano seu , e com isto se tornáraõ.

A Rainha Dona Catherina , que desejava a paz , e via quanto cumpria a seu filho , e ao Reyno de Castella , mandou outra vez a Portugal pedir a El Rey quizesse lá mandar seus Embaixadores. El Rey lhe respondeo , que já os mandara lá muitas vezes , e tornáraõ taõ sem conclusaõ ; e determinou de os naõ mandar lá mais. Dahi a alguns dias veyo a elle , estando em Sanctarem , hum Arcediago de Gordon , por quem a Rainha lhe pedia lhe mandasse sua tenção , e resolução no negocio das pazes , a que El Rey deu a mesma reposta , que os seus Embaixadores lá deraõ , e outras muitas razões mui bastantes , para naõ aceitar as impertinentes condições , que lhe propunhaõ. Despois de muitas altercações , e palavras do Arcediago , que lhe prometteo bom effeito , disse que mandaria á Rainha seus Embaixadores , e a isso mandou João Gomez da Silva , Alferez mór , o Doctor Martim Docem , e o Doctor Fernaõ Gonçalves Belcagoa , pelos quaes escreveo á Rainha , pedindo-lhe breve resolução de paz , ou de guerra , porque se affrontava das demoras , em que com elle andavaõ com taõ injustas , e desvariadas condições , com que lhe vinhaõ cada dia.

Def-



Despois de muitas praticas, e altercações, que os Embaixadores de Portugal tiveraõ com os do Conselho, e Procuradores Del Rey de Castella, e privadamente com a Rainha, que como irmãa, e amiga Del Rey, e da Rainha de Portugal desejava paz, e como mãy Del Rey de Castella queria as condições a elle mais proveitosas, que honrosas, para quem as aceitasse; vieraõ a se concertar, e assentáraõ as pazes com muitas condições, de que as substanciaes são estas. Que El Rey de Portugal fizesse emenda aos Portuguezes, que em Castella então andavaõ, e se foraõ com a Rainha D. Britis, e em tempo Del Rey D. João seu marido, a saber áquelles que o não reconheceraõ por Senhor, nem estiveraõ sob sua obediencia, e isto dos bens patrimoniaes, que em Portugal tinhaõ, quando se foraõ d'elle. E da mesma maneira fizesse El Rey de Castella áquelles, que em Portugal andassem, e em Castella tivessem bens. Item, que os Portuguezes que em Castella houveraõ bens patrimoniaes, ao tempo que a guerra se começou, que lhes fossem tornados, ou feita emenda delles, e que o mesmo fosse feito aos Castelhanos, que alguns bens de seus patrimonios tinhaõ em Portugal. Esta era a substancia das pazes. E porque El Rey não tinha idade para consentir nesta paz, e a confirmar, firmou-se com juramento da Rainha, e do Infante D. Fernando, e dos grandes de Castella, e de tudo se fizeraõ autos, e instrumentos na Villa de Aylhon, ao derradeiro dia de Outubro do anno de 1411.

A differença que na concordia destas treguas ouve principalmente, e porque tanto tempo se dilataraõ, era a dura condição, que se punha a El Rey de Portugal de aver de ajudar ao de Castella com certas galés, e gente para a guerra dos Mouros, que El Rey de Portugal não quiz conceder. Porque  
le-



segundo elle dizia , se a ajuda avia de ser por amizade , não se queria obrigar por contrato a fazella. Porque o beneficio avia de ser gratuito , e espontaneo ; e se era forçado , já não era ajuda , nem beneficio , senão servidaõ , e foro ; e porque os Embaixadores Del Rey de Portugal , e elle mesmo por seus recados , e cartas á Rainha de Castella sempre disseraõ , que certo estava , quando ouvesse entre elles pazes , ajudar El Rey de Portugal ao de Castella com tudo quanto pudesse , como tambem esperaria elle , que nas suas necessidades o ajudasse El Rey de Castella , como parente , e amigo , quiz a Rainha D. Catherina , segundo parece , tentar-se El Rey o cumpriria assi. E pouco tempo depois dos Embaixadores , que concluiraõ as tregoas , serem em Portugal , escreveo huma larga carta a El Rey seu cunhado , chêa de branduras , e amizades , pedindo-lhe quizesse ajudar a El Rey seu filho , para o Veraõ que vinha , com dez , ou doze galés para a guerra dos Mouros , o que além de ser serviço , que faria a Deos , a ella faria grande prazer , por ser cousa , em que muito hia de sua honra , e de seu filho , e de seguridade de seu Reyno ; e que outra tal ajuda acharia elle sempre em seu filho , quando lhe cumprisse.

El Rey que era de animo generoso , e magnanimo lhe respondeo logo , que levava muito contentamento , em se querer ajudar de suas cousas , e da boa vontade , que tinha de a comprazer em tudo. E que o que lhe pedia das galés faria mui inteiramente ; e porque El Rey cuidou que naquillo fazia pouco , por lhe parecer que ficava já comprada a offerta , que fizera das galés com os muitos rogos , de que a Rainha usara em sua carta , dahi a pouco tempo sendo já o Infante D. Fernando Rey de Aragão , se lhe mandou offerecer , que determinando  
El



El Rey de Castella continuar sua conquista contra Mouros , que elle por seu corpo , e com seu poder o ajudaria mui de vontade. El Rey de Aragoão ficou muito alegre com tal offerecimento , e o puzera em effeito , segundo sempre o desejou , se a morte o não anticipara. Poloque El Rey se mandou offerecer outra vez a Rainha D. Catherina , a qual respondeo, que ella era mulher , a que não pertenciaõ feitos de guerra , nem a seu filho por sua pouca idade. E despois de El Rey ser em idade para reger seus Reynos , lhe fez os mesmos offerecimentos , sem ser para isso requerido , de ir em pessoa ; e senão quizesse que elle fosse em pessoa , mandaria os Infantes seus filhos ; e de todas as vezes, que lhe offereceo isto , sempre a resposta Del Rey de Castella foi , que lhe agradecia o offerecimento , e que em breve lhe responderia , o que nunca fez.

## CAPITULO LXXXII.

*Emprendem os Infantes de Portugal a conquista de Ceita ; concede-lha El Rey ; manda explorar a terra : começa-se a fazer prestes.*

**E** Stando assi o Reino de pazes , como he natural , despois dos trabalhos grandes , tomarem os homens algum alivio , vendo El Rey seus filhos homens valerosos em idade , e disposiçãõ para tomarem a ordem de cavalaria , determinou de fazer todo hum anno festas , e justas , e torneos reaes , e convidar para isso , e provocar cavaleiros de outras nações , para naquelles exercicios dar honra a seus filhos , e elles mostrarem que a mereciaõ : mas os Infantes , que eraõ de espiritos generosos , e altos , não se satisfaziaõ com isto , nem lhes parecia que consistia a honra , em pompas ,



pas , e gastos , em que se mostrava mais a riqueza , que o valor do animo , fazendo conta que armarse cavalleiros entre danças , e farãos á sombra de seus passos , lhes naõ dava crédito nas armas , pois qual-quer rico homem podia fazer o mesmo ; poloque desejavaõ de se offerecer cousa , em que polas armas pudessem mostrar , que mereciaõ vestillas , naõ á sombra entre criados , e servidores , mas entre os inimigos em campo. E como a guerra de Granada, em que seu pai muito desejou acharse , senaõ podia entaõ emprender , por o Infante D. Fernando de Castella se embarçar com a successaõ do Reyno de Aragaõ , e a de Castella era acabada , estavaõ cuidando onde iriaõ buscar occasiaõ , e materia de honra sua.

Estando os Infantes , e o Conde de Barcellos seu irmão tratando hum dia desta materia , e dando disso parte a Joaõ Affonso , Védor da Fazenda del Rey , homem de grande entendimento , e mui acceito a el Rey , lhes louvou sua determinação , e lhes disse , que se tal vontade tinhaõ , lhes affinaria huma cousa em que elles bem , e honradamente podessem mostrar , que eraõ filhos de seu pai , e que aquillo era a Cidade de Ceita , que era mui azada para se tomar , como tinha por informaçãõ , de quem havia pouco que a vira. E que segundo o desejo del Rey , e o seu delles , naõ tinhaõ cousa , que com mais louvor pudessem emprender ; que tomar aquella Cidade taõ nobre , e taõ celebrada , e que tanto jugo punha aos Christãos , que passavaõ o estreito , e que deviaõ fallar nisso a el Rey seu pai , e se cumprisse importunallo.

Os Infantes , a que aquillo satisfez muito , se afervoraraõ tanto , que logo o propuzeraõ a el Rey , e lhe pediraõ com muita efficacia quizesse conside-  
rar aquella occasiaõ taõ grande , que se lhe offere-



cia de servir a Deos , e honrar assi , e a elles seus filhos. El Rey , que não se movia de ligeiro , se ria do que seus filhos lhe diziaõ ; mas cuidando naquillo consigo , não lhe pareceo fóra de proposito , nem cousa para desprezar ; e quanto mais nisso imaginava , melhor lhe parecia ; mas assi para o segredo , que aquillo requeria , se o emprendesse , e para experimentar o fervor de seus filhos , e o discurso , que sobre aquillo faziam , lhes poz muitas objeçoens , huma da falta do dinheiro , que não tinha por respeito das guerras passadas , outra se o pedisse ao povo , o escandalo que dahi resultava , e o descobrimento do segredo ; a falta de gente , e de naos , e armada grande , que se requeria. A facilidade com que el Rey de Castella tomaria Granada , tomada Ceita , com que se faria mais poderoso , e lhe faria dano , em vingança do passado ; outra era o trabalho de conservar taõ grande Cidade , em provincia remota além do mar , sem ser senhor do campo , polo que sustentala seria difficultoso , e o largala depois de tomada , grande afronta. Sobre isto mandou a seus filhos que cuidassem , e lhe dessem a reposta.

Estas razoes del Rey não eraõ de quem queria desistir , mas de quem se queria fatisfazer , e ver os pareceres de seus filhos naquellas duvidas. Os Infantes ficaraõ mui tristes por aquelles obstaculos , que a seu Pai ouviraõ , e lhe responderaõ muitas razoes em contrario , e mandando elle chamar ao Infante D. Henrique , que falava mais nisto , e o desejava , como quem estava eleito por Deos para descobrimento de mayores conquistas , lhe disse , que porque o outro dia o vira falar mais naquella materia , que seus irmãos , queria que lhe dissesse , o que lhe parecia á cerca de os Castellhanos tomarem Granada.



O Infante lhe disse , que quando elle falara era á sombra de seus irmãos e que só não tinha idade , nem saber para dar parecer , mas que por obedecer diria o que lhe parecia , e era não ver cousa , que sua Alteza podesse temer , por que se ao tempo que Deos quis que elle ouvesse nome de Rey , não tinha mais que Lisboa , sem o Castello , e quasi todo o Reyno contra si , e que ouvera por vontade de Deos , e á força de seu braço todo o Reyno contra tam poderoso adversario , como era el Rey de Castella , e contra todos os grandes de Portugal , que agora , ainda que o Reyno de Granada viesse a el Rey de Castella , poder lhe ficava , não só para se defender de qualquer dano , que se lhe fizesse , mas para offender. E que não era justo negar a guerra aos infieis , por se seguir della alguma força , ou proveito a el Rey de Castella em acrecentamento da Fé de Christo por muito inimigo que fosse seu , porque os Mouros eram inimigos por natureza , e os Castelhanos por accidente , e que não era de crer , que por elle ganhar aquella Cidade , a paz , e amizade , que com el Rey de Castella tinha , se podia desfazer , mas acrescentar , porque de feito tão honroso ficava o nome dos Portuguezes , e seu esforço de mayor opiniaõ , e credito , e se conheceria por el Rey de Castella , que a tomada daquella Cidade lhe era grande occasiaõ para melhorar sua conquista. E que ainda que esse conhecimento nelle faltasse , não era a conquista de Granada tão facil de acabar , nem despois de acabada tão boa de conservar , e manter ; e que sobre tudo , Deos por cuja Fé e honra tão honrado feito emprendesse , feria sempre por sua parte , para lhe não empecerem seus inimigos.

Foi el Rey tão alegre daquellas palavras  
Ddd ii do



do Infante , que com muito prazer o levou nos braços , e lhe deitou sua benção , e lhe disse , que aquella reposta era a mesma , que elle tinha considerado , e que elle com a ajuda de Deos determinava de proseguir aquelle feito , até o trazer a execução , e que pois falando com elle se acabara de determinar , queria que elle fosse o melleiro de tão boa nova a seus irmãos , e lhe declarasse sua tenção , pollo que o Infante que no desejo de passar a Africa era o mais inflamado , prostrado de joelhos , beijou as mãos a seu Pay. Os Infantes , e o Conde de Barcellos , que até aquelle dia nunca tiveraõ maior contentamento , que o daquellas novas , cavalgaraõ logo todos , e foraõ ao Paço beijar a mão a el Rey por tamanha mercê , e outro tanto gosto tinha el Rey de ver seus filhos tão contentos com occasião de ganhar honra.

Como el Rey se determinou na passagem de Africa , vendo que o fundamento de todo este negocio consistia no segredo delle , e na certeza do sitio de Ceita , e altura dos muros , e torres , para saber as machinas , e instrumentos , que eraõ necessários ; e em saber os portos do mar , e saídas em terra , elegeo para isso a Alvaro Gonçalvez Camello , que fora Prior do Hospital , que já estava em sua graça , e Affonso Furtado Capitaõ mór do mar. O Prior para divisar a Cidade , e Affonso Furtado para o mar , e cousas que ao mar tocavaõ , e para naõ se entender o fim para que hiaõ , fingio hũa embaixada para a Rainha D. Branca de Cicilia , que estava viuva del Rey Martim primogenito del Rey Martim de Aragaõ , e despois casou com o Infante D. Joaõ de Aragaõ , que por ella veio a ser Rey de Navarra , por morrerem todos os Irmãos da dita Dona Branca. A esta Rainha , que era moça , e estava em determinação de casar , como el Rey sabia , polo reque-



requerimento, que lhe ella mandara fazer que quizesse com ella casar o Infante D. Duarte, mandava-lhe el Rey cometter, que aceitasse o Infante D. Pedro, posto que sabia que ella o não avia de fazer o que cometia por paliar aquella ida a Ceita, e saberem que era a Cicilia. E descuberto o segredo a estes dous Cavalleiros, os mandou em duas galés mui bem concertadas, e a gente vestida de suas cores, como que hiaõ a cousa de casamento.

Partidos aquelles Embaixadores de Lisboa com grande apparato, e publicando que hiaõ casar o Infante, apportáraõ em Ceita, aonde todos os navios de Christãos, que navegavaõ o mar Mediterraneo entaõ hiaõ livremente, pagando certo direito da agoada, e como homens que queriaõ tomar algum descanso, anchoraraõ naquelle porto. Alvaro Gonçalvez de sua Galé, onde estava, olhou toda a terra, e sitio della. O Capitaõ da outra parte espíou as praias, e o que nellas avia, e quaes eraõ mais accomodadas para nella se desembarcar, e despois que foi noite, mandou sondar, andando em hum batel todas as anchorações, que avia ao redor da Cidade. Ao outro dia levantáraõ suas anchoras, e proseguiraõ sua viagem até o Reyno de Cicilia, onde de sua chegada o fizeraõ saber á Rainha. Ella os mandou ir á Corte, onde foraõ recebidos com muita honra, como Embaixadores de tal Rey, e que hiaõ com tanto apparato. A summa da embaixada era, que desejando el Rey, por as muitas qualidades da Rainha, tela por filha, por negocios que se movêraõ, e requerimento de seus vassallos não pudera al fazer, senão dar palavra em Castella de o Infante D. Duarte seu filho aver de casar com a Infanta Dona Catherina, mas que por o grande contentamento que elle levaria de não deixar de ter a mesma razaõ com huma Princeza de tantas perfeições, e por o Infante



te D. Pedro seu segundo filho, ser hum Principe dotado de muitas virtudes, e grandes partes, de quem ella seria mui bem casada, e contente, folgaria muito que ella de seu casamento se contentasse, e que elle partiria taõ largamente com elle, como com filho, que muito amava, e que casava tanto a seu gosto, e que de sua vontade lhe mandasse a certeza. A Rainha, a que parecia abatimento seu, pedir o Primogenito herdeiro do Reyno, e darem-lhe o segundo, que ouvera de ser seu vassallo, respondeo logo aos Embaixadores, que ella naõ estava entaõ em tempo, para dar reposta em semelhante caso; por tanto se fossem em boa hora, e lhe saudassem a el Rey, e a Rainha de sua parte. E como a embaixada era fingida, sem mais replicar se despediraõ, e vieraõ a Portugal.

Como os Embaxadores chegáraõ ao Reino, ElRey os ouvio em conselho, para os que nelle se achavaõ, todos terem para si, que a embaixada fora para casar o Infante D. Pedro, e alli deraõ razãõ de sua viagem, tirando o segredo da diligencia, que fizeraõ em Ceita, e quando a el Rey deraõ a reposta da Rainha de Cicilia, fez o sembrante triste, para maior disimulaçaõ. E despois de arrazoar sobre isso, mostrou que era melhor deixar a replica para outro tempo. Despois em secreto disseraõ a el Rey, e aos Infantes do sitio da Cidade, e das boas praias, e anchorações, e a commodidade do mais para vir a ser Senhor de Ceita.

Restava hum impedimento para el Rey mui grande, porque por a Rainha ser fraca da compreiçaõ, e mal disposta, fugia el Rey de a descontentar, e naõ sabia se consentiria em irem seus filhos fóra do Reyno a guerra voluntaria, e naõ forçada. Mas os Infantes, a que toda a dilaçaõ era mui penosa, acabaraõ com sua mãi, que por aquella jornada se ordenar



denar para elles ganharem o grao da cavalaria , com maior louvor , que á sombra em seus paços entre as festas , que lhe el Rey seu pai quizeria fazer , lhe pediaõ não sómente o ouvesse ella por bem , mas a el Rey incitasse a isso , pois tinha nas mãos tão boa occasião , como era tomar Ceita aos Mouros. A Rainha que era de generosos espiritos mui contente de ver aquelle animo em seus filhos , lhes prometeo de assi o fazer , e assi o pedio a el Rey como se vio com elle.

Vendose el Rey rogando da Rainha naquillo que elle tanto desejava , lhe descobrio seus desejos , e pedio ouvesse por bem , que elle fosse companheiros de seus filhos naquella empreza. A Rainha , que não folgou de ouvir aquillo , respondeo que quão justo lhe parecia o requerimento de seus filhos , tão fóra de razão lhe parecia o seu ; porque seus filhos não tinhaõ ganhado honra até entã , e lhes era necessario arriscar suas pessoas , e offerecellas a trabalhos pola alcançar ; mas que elle , que ja tinha posto sua fama em seguro , e ganhada mais honra , que todos os Reys de seu tempo , não parecia bom conselho , não succedendo cousa que a isso o obrigasse , arriscar ao perigo de huma hora , o que tinha adquirido em tantos annos , porque as coulas da fortuna , que em tudo eraõ incertas , nas coulas da guerra o eraõ muito mais ; e que alem disso sua idade , que já era grave , requeria mais occuparse no governo de seus Reynos , e coulas de espirito , e deixar seus filhos bulcar o que suas idades , e disposicoens lhes pediaõ : e que quando acontecesse a seus filhos algum caso contrario , melhor era ter com que os vingar , que abranger a contraria fortuna a todos , como seria indo elle , pois estava certo não ficaria no Reyno homem , a que ou a cobiça da honra , ou a vergonha não movesse. El Rey lhe  
ref-



respondeo, que aquellas considerações eraõ para quem se movesse só por ganhar honra temporal: mas que elle se movia sómente por aver contaminado as mãos em sangue de Christãos; o que postoque fosse causa justa, não estava satisfeito, até que as não lavasse em sangue de infieis, e expiasse seus peccados, resgatando a troco de seu sangue alguma casa das em que o nome de Mafamede se adorava, dedicandoa a nosso Senhor Jesu Christo, onde seu Santo nome se celebrasse. A Rainha que toda era chêa de piedade, e religião lhe disse, que contra serviço de Deos não fallava. Mas que ao mesmo Deos pedia, que em seu proposito o ajudasse.

Havida a outorga da Rainha, el Rey disse aos Infantes, que o que principalmente faltava, era o parecer do Condestabel, o qual por sua grande authoridade, e experiencia na guerra, e felices successos, lenão approvasse sua ida a Africa, todos teriaõ que não era para fazer, e teriaõ menos animo para o ajudarem naquella empreza. Vendose el Rey com o Condestabel em Alentejo, onde foi montar com seus filhos, e dandolhe em segredo conta de sua determinação, e em que não avia que consultar.

### C A P I T U L O LXXXIII.

*Poem el Rey sua jornada em conselho, e fingidamente desafia o Duque de Holanda.*

**J**A avia tres annos, que el Rey começara a falar aos Infantes na jornada de Ceita, e sendo importunado delles, mandou vir a Torres Vedras os de seu conselho, e antes de communicar com elles, fallou com o Condestabel os receios que tinha, que expondo sua ida ás razões do conselho temia que alguns com medo do perigo fossem de contrario voto.



voto. O Condestabel lhe disse, que não puzesse a cousa em deliberação, nem perguntasse pareceres, como cousa que estava duvidosa; mas que lhe fazia saber, como cousa que tinha assentada, para os avisar. E que ordenasse com que elle Condestabel votasse primeiro naquelle conselho; porque elle fallaria de maneira, que os outros lhe não contrariassem sua determinação.

Vindo o dia, em que ajuntou o conselho, el Rey lhes fez huma pratica, por não estranharem a novidade do juramento, que lhe deu de guardarem segredo no que alli lhes dissesse. E lhes propôs como até alli lho não descobrira, por primeiro querer saber se avia algum impedimento, que lhe estorvasse seu proposito; mas que agora que estava certo, que o não avia, lho quiz dizer, pera o ajudarem em tão sancta, e honrosa empreza, que lhes trouxera Deos ás mãos, e aconselharem como melhor, e mais em breve se podesse executar, e se fazerem prestes das cousas necessarias. Entaõ lhe contou toda sua determinação.

Tanto que el Rey acabou de fallar, tocava ao Infante D. Duarte, como pessoa mais principal, votar no primeiro lugar, ao costume daquelle tempo. Mas el Rey mandou ao Condestabel que fallasse primeiro; e fazendo que o recusava por amor do Infante, elle o fez a seu rogo. E disse a el Rey que elle não tinha naquillo que dizer, mais que dar graças a Deos, que o trouxera a tempo, em que em tão grande, e sancta cousa se podesse achar. E a Sua Alteza beijava as mãos, por delle se querer servir nella, na qual o serviria como sempre fizera. E dito isto, se levantou, e beijou a mão a el Rey. O Infante D. Duarte disse a el Rey, que, pois o Condestabel, que era homem de tanta experiencia, e em que tanta noticia avia da dif-



ciplina militar era daquelle parecer, não tinha que dizer mais, que folgar de se achar em tempo, e idade, onde com tanta sua honra podesse tratar as armas, e servir a Sua Alteza, e lhe beijou a mão; e por conseguinte seus irmãos. E como estes senhores encarecerão tanto, e louvarão o proposito del Rey, não poderaõ os outros do conselho al fazer, senão approvarem todos, sem nenhum discrepar.

E porque no segredo deste feito consistia o bom successo delle, assentaraõ todos, que para desviar os pensamentos, e juizos das gentes de cahirem nelle, e cuidarem outra cousa, era necessario algum fingimento: e assentaraõ que el Rey mandasse desafiar ao Duque de Holanda, e para isso elego el Rey Fernão Fogaça, Veedor do Infante D. Duarte. O qual como foi em casa do Duque, lhe deu sua carta de crença, e lhe pediu tempo para lhe dar sua embaixada. E antes que a desse, mandou dizer ao Duque secretamente, que relevava antes que o ouvisse em publico, fallar com elle em segredo; e fazendoo assi o Duque, Fernão Fogaça lhe descobrio como el Rey determinava fazer hum serviço a Deos, e ir contra os inimigos da Fé passando a Africa; e porque relevava sua tenção ser encuberta, para maior descuido dos inimigos, e os que vissem o apercebimento da armada, e gentes que fazia, não tivessem que sospeitar, e deixassem de lançar juizos, acordára de o mandar desafiar. E por tanto lhe mandava pedir ouvesse por bem o desafio, e o aceitasse: e para confirmação disso, fizesse alguma mostra de apercebimento, e que quiereria Deos que alguma cousa lhe traria á mão, onde mostrasse o agradecimento de sua boa vontade, e despeza que nisso fizesse. O Duque respondeu, que elle agradecia muito a el Rey fazello par-



participante de tamanho segredo , e de o contar delle. E que quanto ao desafio , elle faria de maneira , com que el Rey ouvesse por bem empregar a confiança , que nelle tivera.

Passados dous dias , o Duque mandou dizer a Fernão Fogaça , que senão agastasse em não o ouvir logo , porque queria mandar chamar seus conselheiros , em cuja presença queria ouvir sua embaixada ; porque hum tão grande Principe , como era el Rey D. João , não podia mandar embaixada , senão sobre cousa de grande pezo , e importancia ; e logo os mandou chamar por suas cartas. O Duque fazia isto , assi por dar contentamento áquelles seus Vassallos de não fazer nada sem seu parecer , como para por elles se divulgar mais a nova de seu desafio. Vindos , e juntos com o Duque em conselho , Fernão Fogaça propôs sua embaixada de queixumes , que el Rey mandava ao Duque de muitos roubos , e danos , que seus vassallos tinhaõ feito aos naturaes de seus Reynos , e faziaõ cada dia , assi quando hiaõ áquellas partes de Holanda , como por outros mares ; e que queixandose disso ao Duque , nunca lhes mandara fazer justiça. Polo que os damnificados se tornavaõ a el Rey de Portugal , e que estava claro , que o Duque era em consentimento disso : e por tanto lhe requeria da parte del Rey seu senhor lhe mandasse fazer inteira emmen- da de tudo ; e senão que elle avia por desafiado sua pessoa , e todas suas terras , para nellas fazer guerra por mar , e por terra : e que por tanto o mandava primeiro avisar.

O Duque mostrou grande nojo , e afronta com aquella embaixada , e os seus ficaraõ espantados ; e mandando sair para fóra Fernão Fogaça , o Duque se fingio impaciente , e fez muitos feros dizendo , que nem a el Rey de Portugal , nem a to-



da a Hespanha temia. Este desafio não vinha tão fóra de proposito, que não tivesse muita cor; porque os Holandezes tinhaõ feito muitos roubos a Portuguezes, e os faziaõ cada dia. O que dahi em diante cellou, pola amizade em que o Duque ficou com el Rey, pola parte, que lhe deu de seu segredo. Os do conselho foraõ de parecer, que o Duque mandasse a el Rey reposta mui commedida, lembrandolhe como era hum Rey mui ardiloso, e esforçado, e bem afortunado em seus negocios: e que os seus vassallos estavaõ mui alterados, e bravos pelas vitorias, que ouveraõ contra os Castelhanos; e que el Rey, que avia muito se apercebia, podia de subito vir sobre elle.

O Duque, que se fingia mui afrontado, mandou chamar a Fernão Fogaça, e lhe disse que lhe parecia, que seu Rey com os mimos da fortuna estava assi orgulhoso; mas que pois era prudente, que devia entender que a fortuna não estava sempre em hum lugar: e que em suas terras avia homens, que sabiaõ tratar as armas tambem, como os seus Portuguezes: e que não tinhaõ menos vontade de o servir, que os seus a elle, e que de sua vinda era mui contente; e lhe promettia de o ir receber a qualquer lugar, onde sua armada aportasse; e lhe mandou, que com aquella reposta, e com huma carta de crença se partisse. Quando foi noite, o Duque mandou ir ao Paço Fernão Fogaça; e dandolhe muitas encomendas para el Rey, e para os Infantes; e fazendolhe a elle mercê, o despedio; e logo se divulgou por toda Holanda, como o Duque fora desafiado.



## CAPITULO LXXXIV.

*Ajunta el Rey de Portugal grande armada : manda fazer prestes os senhores , e gente do Reyno.*

**E**M quanto hia a embaixada a Holanda , mandou el Rey per toda a costa de Galiza , Viscaya , Inglaterra , e Alemanha fretar quantos navios grossos pudessem achar ; polo que em todas as partes da Christandade loou da armada que el Rey D. João fazia , e soava mais do que a cousa era ; e como el Rey era Principe taõ valoroso , e de tanta authoridade lá por essas partes , se lançavaõ muitos juizos , para onde armaria : e elle mandou que se divulgasse , que os Capitaes daquela armada eraõ seus filhos D. Pedro , e D. Henrique ; mas naõ que se dissesse determinadamente que aviaõ de ir sobre Holanda , posto que sua vontade era , que todos o cuidassem assi. Ao Infante D. Henrique mandou logo á Comarca da Beira a apurar a gente ; e o Conde de Barcellos á Comarca de entre Douro , e Minho , os quaes todos aviaõ de embarcar no Porto. A gente da Estremadura , de entre Téjo , e Guadiana , e do Reyno do Algarve , ordenou que embarcasse em Lisboa , sob a Capitania do Infante D. Pedro , ao qual encarregou a apuração da gente daquellas Comarcas. Ao Infante D. Duarte , que entaõ fazia vinte dous annos , encarregou o governo da justiça , e da fazenda ; e a el Rey ficava o cuidado de sua armada.

E logo escreveo aos senhores , e fidalgos do Reyno , e a homens de conta sobre apercebimentos , nas quaes cartas lhe fazia saber , como tinha determinado mandar os Infantes D. Pedro , e D. Henrique por Capitaes de sua frota , para o servir  
rem



rem no que lhes elle mandasse , com quem elle queria que fossem aquelles , a que elle escrevia : e que se fizessem prestes , e lhe mandasse cada hum dizer a gente , com que o aviaõ de servir para lhe mandar seu soldo. Com isto ouve em todo o Reyno taõ grande alvoroço , e fervor , que naõ se fallava , nem fazia outra cousa ; e como o povo he hum animal vario , e de muitas cabeças , eraõ infinitos os juizos , que se lançavaõ sobre a tençaõ del Rey. Huns diziaõ que seus filhos hiaõ a Napoles , e a Sicilia a casar com as Rainhas daquelles Reynos , que estavaõ viuvias : outros que hiaõ a Roma , e a Hierusalem pagar o voto , que seu pai fizera por si , quando dera a batalha de Algibarrota ; outros que levavaõ a Infanta Dona Izabel casar a Inglaterra ; outros que hiaõ a Avinhaõ contra o Antipapa Clemente em favor do Papa Urbano 6. Muitos criaõ que hiaõ a Holanda ; por que , posto que aquelle segredo assi fosse calado , por ordem del Rey , os criados de Fernaõ Fogaça o contavaõ a seus amigos em segredo , e aquelles a outros ; e o segredo fazia que se cresse. Outros diziaõ outras cousas , como entendiaõ.

#### C A P I T U L O LXXXV.

*Tememse da armada del Rey de Portugal , e mandaõ Embaixadores os Reys de Castella , e Aragaõ.*

**E** Como el Rey D. Joaõ taõ pouco havia tivera tantas differenças com el Rey de Castella , de que as chagas estavaõ recentes , e naõ lhe foubessem causa de differença , que com algum Rey tivesse , e naõ se persuadissem que fizessem tamanho movimento contra o Duque de Holanda ,  
naõ



naõ deixavaõ os Castelhanos de temer, como outros muitos faziaõ ; ajuntouse a isto que huns mercadores Genovezes de Lisboa, escreveraõ a outros seus parceiros estantes em Sevilha, da armada que el Rey fazia; e que, posto que avia muitos pareceres sobre o lugar onde el Rey iria, que os mais fezu-dos tinhaõ para si, que hia sobre Sevilha; e que elles dissimuladamente tirassem dahi todas suas mercadorias, e cousas, em que pudessem receber dano.

Os 24. da Cidade se ajuntaraõ ; e despois de terem suas consultas, escreveraõ a el Rey, e á Rainha sua mãi, que estavaõ em Palencia, avendo sobre isto conselho; e parecendo a todos que se tal fora, hum Principe como el Rey D. João naõ mandara seus Embaixadores a pedir pazes. Hum Bispo d'Avila, que era natural de Sevilha, e estava no conselho, deu muitas razoes com que quiz persuadir, que aquella ida del Rey de Portugal naõ podia ser senaõ contra Castella: e que seu parecer era, que a Cidade de Sevilha se avia de fortalecer, e reparar, e fechar, e as chaves della se aviaõ de entregar a pessoa de muita confiança; e que aviaõ de mandar a todos os fidalgos comarcaõs, se viessem para ella; e que todas as naos, e navios, que estivessem em tarracenas, se provessem, e naõ lhe faltasse nada, para quando cumprisse.

Entre aquelles do conselho de Castella estava o Adiantado de Caçorla, homem naõ velho em idade, mas mui prudente, e avisado, o qual se estava sorrindo quando o Bispo fallava; e disse se era bem, que tomassem os Castelhanos mór quinhaõ de medo, do qual por ventura a outrem cabia mór parte? E como poderiaõ elles fazer movimento algum, que naõ fosse grande afronta para el Rey de Castella, temendose sem causa, e para o de Portugal desconfiando delle? E que tendo  
com



com elle pazes, e lianças assentadas: e avendo tanto parentesco entre el Rey D. João seu senhor, e as Infantes de Portugal, sendo el Rey de Portugal hum Principe tão magnanimo, e verdadeiro, como aviaõ de crer que quebrassem sua verdade, e sua fé, onde nunca se achou que outra tal fizesse? E que não era bem, que o conselho del Rey se movesse, polo pavor dos mercadores, que aquellas novas escreveraõ; porque, como homens timidos, e mercantis, que não tinhaõ mais bens, nem honra que seu dinheiro, tratavaõ de o assegurar. Polo que seu parecer era, que elles não deviaõ fazer mudança alguma, porque dessem a entender que não tinhaõ as pazes por duvidosas: e que para não estarem em duvida, e se assegurarem do que receavaõ, lhe parecia que em nome del Rey se aviaõ de mandar Embaixadores a Portugal para tomarem juramento a el Rey sobre a confirmação das pazes, como ficou assentado com seus Embaixadores, que foraõ a Castella; e que desta maneira, jurando el Rey, estariaõ seguros. E senaõ quizesse jurar, entaõ teriaõ causa honesta de se aperceber, e tratarem de se assegurar. Naquelle conselho estava o Duque de Ariona, e o Mestre de Calatrava, o Prior de S. João, o Conde de Benavente, o Arcebispo de Toledo, D. Paulo Bispo de Burgos, e D. Affonso de Carthagená Deaõ de Sanctiago, seu filho, grande letrado, que despois succedeo a seu pai no Bispado, e muitos Doutores, e cavaleiros, os quaes todos approvaraõ o conselho do Adiantado, e o louvaraõ muito.

Logo a Rainha de Castella tutora del Rey mandou por seus Embaixadores a Portugal o Bispo de Mondonhedo, e Dia Sanches de Benavides, com grande apparato, e companhia, por serem os primeiros Embaixadores, que vinhaõ em nome del Rey



Rey seu filho. Os quaes vindo receosos de serem mal recebidos del Rey de Portugal, pola fama, que avia de elle querer ir contra Sevilha, como chegaraõ ao estremo do Reyno, logo se desenganaraõ; porque acharaõ hum criado del Rey, que os esperava, para os vir agazalhando polo caminho; e provendo do necessario. E assi mandaraõ logo recado á Rainha, como foraõ bem recebidos, e as sospeitas, que del Rey tomaraõ, serem vans. E quando chegaraõ a Lisboa, que foraõ recebidos de toda a Corte com muita honra, o entenderaõ melhor.

Vindos ante el Rey, e dando sua carta de crença, propuzeraõ sua embaixada, com que requereraõ o juramento, a que el Rey, sem dilaçaõ para o outro dia, como he costume, logo respondeo, que estava prestes para jurar, e para em tudo o mais tratar as cousas del Rey seu sobrinho, e de seus naturaes, como as suas proprias; e que para o juramento se fazer, como cumpria, mandaria chamar algumas pessoas, que alli naõ estavaõ. El Rey, e seus filhos fizeraõ o juramento pola maneira que se fez em Castella, de que os Embaixadores foraõ mui contentes, e muito mais dos grandes gazalhados, e mercês, que del Rey receberaõ; e o Bispo muitas dadivas de grande preço; porque o Dia Sanches de Benavides adoeceo, e morreo em Lisboa, fazendofelhe na cura por mandado del Rey muita diligencia, e no enterramento muita honra, achandose a suas exequias toda a Corte: polo que, por sua virtude, e magnificencia foi el Rey mui louvado, e desfeita a desconfiança, que delle mal se tomara.

El Rey D. Fernando de Aragaõ quando soube da embaixada de Castella, e da reposta, que se a ella deu em confirmaçaõ das pazes, naõ ficou



por isso descansado, mas muito mais receoso de ser elle, o contra quem el Rey queria ir. Ajudava a el Rey crer isso o grande apparatus de armada, que a fama fazia maior, e parecia senão faria para contra huma só Cidade, e por o credito que deu a hum fidalgo principal de Valença, que lhe affirmou que o Conde de Urgel se tinha confederado com el Rey de Portugal, offerecendose, que se sua armada chegasse ás costas do Reyno de Valença, segundo a parte que tinha nelle, com mui pouca resistencia cobraria aquelle Reyno. E se tomasse a empreza de favorecer sua justiça, que notoriamente lhe fora roubada, por não ter filho varão, casaria duas filhas suas com dous filhos del Rey de Portugal; e o que casasse com a maior, seria Rey de Aragoão; e o que casasse com a menor, seria Conde de Urgel, e das mais terras que tinha, que era hum mui grande Estado.

Ajuntavase a isso serem os Aragonezes homens de grandes movimentos, e livres, e elle quasi estrangeiro, e saber que a obediencia, que lhe mostravaõ, era mais constrangida, que voluntaria; que os Reys sempre devem ter por sospeita. Polo que se determinou em mandar sua embaixada a el Rey D. João, cuja substancia era: que avia muito tempo, que ouvia dizer dos apercebimentos de guerra, que fazia; e que em quanto não foi muito soado, sempre lhe pareceo que seria alguma cousa pequena; mas agora que ouvira como mandava aperceber toda a gente de seu Reyno, e buscar por Reynos estranhos naos, e navios, que entendia que tão alto Principe como elle, e de tão grandes espiritos não se moveria, senão para mui grande empreza; e que quanto menos certeza avia de sua tenção, tanto se devia cada hum mais prover sobre isso; e que entre muitas cousas, que as gentes



tes diziaõ, era que elle armava sobre duas partes, que a elle tocavaõ, a saber, o Reyno de Aragaõ, para que o Conde de Urgel lhe pedia soccorro, e lhe fazia largas promessas, como faz quem dá do alheio; e a outra sobre o Reyno de Sicilia, em que elle tinha tanta parte, como sabia. E que lhe pedia, que considerasse a muito boa vontade, que sempre nelle achara para suas coulas, e o direito, que tinha no Reyno de Aragaõ, julgado por sentença dos maiores letrados delle, e confirmado polo S. Padre, por bem da qual elle foi metido de posse, e recebido, e jurado por Rey, e senhor; e se assi era, como lhe foi dito, não quizesse contra justiça, e contra o que devia a si, a quem Deos fizera Principe taõ magnanimo, e dotára de tantas virtudes, por respeito de algum interesse humano moverse contra elle: e que de sua determinação lhe mandasse a certeza, posto que elle nunca creõ, que em taõ Real coração podia caber cousa taõ injusta.

El Rey sem alongar mais, logo respondeo aos Embaixadores, que dissessem a el Rey D. Fernando que sua armada não era contra elle, nem contra cousa, que a elle tocasse; e que com melhor vontade o ajudaria a ganhar outro Reyno, em que elle tivesse alguma justa parte, e razão, que darlhe gosto, e inquietação, sobre o que elle com tanta justiça possuia; e que sabia quanto contentamento elle nisso levára. E que se elle determinara de descobrir aquelle segredo a algum Principe, elle fora o principal; mas que prazendo a Deos, cedo teria certo recado de sua pertençaõ. Os Embaixadores com a boa resposta del Rey, e com os grandes gazalhados, e dadivas, que delle receberam, foraõ mui ledos, e muito mais o ficou el Rey de Aragaõ, que não acabava de exaltar as cou-



fas del Rey D. Joaõ , e sua magnificencia.

## CAPITULO LXXXVI.

*Manda el Rey de Granada Embaixadores: voltaõ  
sem a f gurança, que pediaõ. Traz o Infante  
D. Henrique sua frota.*

**A**ssu como os Principes Christaõs se temiaõ do apercebimento del Rey , muito mais se temia el Rey de Granada , e tanto mais , quanto menos lugar acharaõ suas offertas em el Rey D. Joaõ no tempo , em que lhe eraõ necessarias ; porque quando tinha guerra em Castella , muitas vezes foi requerido por el Rey de Granada , offerecendolhe gentes para o ajudarem a destruir seus contrarios , que naõ quiz aceitar ; e outra vez cometendolhe que fizessem pazes , ou tregoas , nunca com elle as quiz fazer. Polo que o medo era nos Mouros maior , e com muita mais razaõ , por verem que el Rey D. Joaõ naõ tinha differenças com algum Principe Christaõ.

Sendo pois el Rey de Granada informado do que passava em Portugal polos Mouros forros delle ; e como os Reys de Castella , e de Aragaõ estavam seguros de ir contra elles , colligiraõ que naõ podia aquelle ajuntamento fazerse senaõ contra o Reyno de Granada. Polo que el Rey mandou certos Mouros principaes com embaixada a el Rey D. Joaõ , que delto principio do Reyno de Portugal nunca entre os Reys delle , e os Reys de Granada ouvera discordia , nem differença ; porque os vassallos de hum Reyno , e outro deixassem de tratar , e levassem de hum Reyno a outro suas mercadorias ; mas antes elle Rey de Granada lhe teve sempre tanta afeigaõ por suas grandes virtudes , que o  
conf-



constrangeo muitas vezes a visitallo com seus presentes, o que nunca fizera a nenhum Rey Christão. E porque alguns homens do seu Reyno de Granada receavaõ de vir a seus Reynos com suas mercadorias, como antes vinhaõ, por as novas que soavaõ de sua armada, sospeitando que por ventura seria para algum lugar de seu senhorio; e outros deixavaõ o comercio, com recôo de suas mercadorias lhe serem reteudas, lhe pedia, por evitar aquella sospeita, lhe mandasse certa segurança, que huns, e outros pudessem estar, e contratar amigavelmente, como sempre fizeraõ. El Rey lhes respondeo, que naõ avia causa para el Rey de Granada ter tal sospeita delle; porque, posto que elle mandasse aperceber suas gentes para mãdarem seus filhos a seu serviço, sua tençaõ estava mui longe do que elles cuidavaõ, nem via razãõ para lhes fazer tal segurança: e que por tanto dissessem a seu Rey, que pois com elle nunca tivera contenda, nem tratado, era escuzado fazer com elle innovaçãõ alguma; e que com isto se fossem.

Os Mouros, que com aquella reposta naõ levavaõ bom recado, fallaraõ á Rainha por instruçãõ, que já traziaõ, e lhe disseraõ da parte da Rainha de Granada, a que elles chamavaõ a Rica Forraque, era a principal molher; que, porque sabia quanto as molheres acabavaõ com seus maridos, lhe pedia favorecesse a embaixada del Rey de Granada seu marido ante el Rey; e que pois tinha a Infanta sua filha para casar, lhe prometia para ella o mais rico enxoval, que se dera á Princeza alguma Moura, ou Christãa. A Rainha lhe respondeo, que entre Principes Christãos naõ se costumava entremeteremse as molheres nos feitos de seus maridos, mórmente em cousas publicas, e de seus Estados, para que tinhaõ seus conselhos; e que

reque-



requerelles a el Rey seu Senhor, que se sua petição era justa, estivessem certos que lha aceitaria. Vendo os Mouros que com a Rainha não acabavam nada, foram-se ao Infante D. Duarte, para tentarem se com suas grandes promessas o podia mover, e lhe disseram, que o que queriam a seu pai era segurança do commercio, que sempre seus maiores tiveram; e que como os Portuguezes em Granada eram bem tratados, e com tanto favor, assim fossem os Granadinos em Portugal. O que era fundado em razão, e de direito natural; e que el Rey de Granada, como quem com elle desejava a mesma amizade, que com el Rey seu pai, lhe mandava pedir fosse nisso bom terceiro. E que lhe prometia, como Rey que era, se aquella segurança lhe impetrasse, lhe mandaria hum presente, que de grande fosse soado em muitas partes; e que disso lhe daria qualquer segurança, que quizesse. O Infante se despedio delles, dizendo que os Principes de Portugal não vendiam suas boas vontades por preço de dinheiro, nem mercadejavam com os beneficios, que faziam, nem a el Rey seu pai se podia fazer requerimentos, que não fossem justos; e que el Rey de Granada não tinha causa para pedir tal segurança, nem se lhe movia cousa, para que desconfiasse. Com esta resposta se partiram os Embaixadores Granadinos mal contentes.

Por este tempo vieram á Corte hum Duque, e hum grande Barão Alemaes, cujos nomes, e titulos os Escritores daquelles tempos não disseram, offerecendo-se a el Rey, para a empreza, e expedição que queria fazer por mar, de que em suas terras corria fama. O Duque pediu a el Rey lhe declarasse o lugar, para onde armava sua armada; porque contra tal Principe, podia ser que o não poderia nisso servir, El Rey lhe agradeceu sua boa

von-



vontade , dizendolhe que a elle cumpria não descobrir o secreto daquelle negocio a alguma pessoa fóra do seu conselho , que se assi se contentasse de ganhar honra , lho teria em serviço. O Duque mostrou sua determinação não ser tal , e com licença del Rey , e dadivas de joias , que lhe deu , se tornou.

O Barão , que era homem de estado honrado , ficou , e servio a el Rey mui bem , com quarenta gentis homens mui bons cavalleiros. E assi vieraõ alguns senhores estrangeiros aventureiros. Entre os quaes foraõ os mais conhecidos tres fidalgos gentis homens da Casa de França : hum avia nome Mossem Arredentaõ , outro Pedro Severim Batalha , e o terceiro Gibotilha , os quaes largando suas terras , vieraõ ganhar honra debaixo da bandeira de taõ excellentey Rey , e Capitaõ.

Como el Rey soube que o Infante D. Henrique tinha prestes sua armada , mandoulhe que viesse com ella o mais breve que pudesse. A armada veio mui luzida , e bem armada , e embandeirada , e a sua gente nobre toda vestida das cores do Infante ; e os criados de cada hum das librés , e divisas de seus amos , que faziaõ huma alegre vista. Os Capitaes das galés eraõ o Infante D. Henrique , o Conde de Barcellos seu irmão , D. Fernando de Bragança , filho do Infante D. João , Gonçalo Vasques Coutinho Marichal , João Gomez da Silva Alferes mór del Rey , Vasco Fernandes de Ataide Governador da Casa do Infante , Gomez Martinz de Lemos Aio , que fora do Conde de Barcellos. Os Capitaes das naos , de que lembraõ os nomes , foraõ D. Pedro de Castro , Gil Vasques da Cunha , Pedro Lourenço de Tavora , Diogo Gomez da Silva , João Alvarez Pereira , Gonçales de Sousa , Martim Lopez de Azevedo , Luiz Alva-



Alvarez Cabral, Fernão Alvarez Cabral seu filho, Estevão Lopez de Mello, Garcia Muniz, Mem Rodriguez de Refoyos, Alvaro da Cunha, Vasco Martinz de Albergaria, Alvaro Fernandez Mascarenhas, Ayres Gonçalvez de Figueiredo, que sendo de noventa annos, sem ser chamado, se veio offerecer ao Infante armado com muitos escudeiros, e gente de pé, João Rodriguez de Sá, Payo Rodriguez de Araujo, Garcia Muniz, Fernão Lopez de Azevedo; e com grande recebimento, que lhe o Infante D. Pedro fez com todas as galés, e armada, que em Lisboa estava, entrou o Infante D. Henriques com grande alegria de todos.

Estando assi a Rainha com el Rey em Sacavem, morreraõ alguns de peste, que em Lisboa andava mui acceza. Polo que el Rey disse á Rainha que se fossem dalli logo, antes de comer. A Rainha fez com el Rey que sahisse logo, e que como ella acabasse de rezar seus officios, se iria logo; porque em molheres velhas não avia tanto que reccar. El Rey partio caminho de Odivellas, e a Rainha não quiz partir até o meio dia, como tinha dito; e estando na Igreja, lhe deu o mal da peste, que ella não cuidava ser fenaõ outra enfermidade. O mal se augmentou tanto em pouco espaço, que os Infantes entenderaõ, que o fim de sua mãi se chegava; polo que trataraõ com el Rey que fosse daquelle lugar, e se não achasse á sua morte, por a pena que lhe daria a elle, e perigo, em que poria sua pessoa; o que não quiz fazer, dizendo que não era justo desemparrar elle na morte, quem lhe foi tão boa companheira na vida, e de que elle fora mui contente ser companheiro na partida. Mas tanto fizeraõ os Infantes, e os do seu conselho, que o forçaraõ a passar o rio, e ir a hum lugar pequeno, que chamaõ Alhos Vedros; e assi



e assi se apartou da Rainha com as mostras de sentimento de quem se apartava para sempre da coufa, que mais amava.

Partido el Rey, a Rainha mandou que lhe trouxessem o Corpo do Senhor, o qual tomou com grande devoção, e acatamento, e logo foi ungi-da; e em lhe abrindo hum carbunculo, que lhe naceo, fez chamar seus Capellaes, e mandou que rezassem com ella o Officio de defuntos; e em se acabando a derradeira Oração, levantou os olhos ao Ceo, e sem nenhuma pena deu a alma a Deos, ficando tambem allombrada, que parecia estava rindo. Foi a Rainha Dona Philippa Princeza de grandes, e heroicas virtudes, e taõ zelosa de bem fazer, que naõ sómente naõ ouve queixa della, nem se ouvio sem razão que fizesse, ou dissesse; mas seu trabalho todo era arredar offensas, e meter paz entre seus vassallos, ainda que do seu muito lhe custasse. Nos trajos de sua pessoa era honestissima, assi como o era nos costumes, e taõ temperada, que em seus vestidos, nem se podia notar ambição, nem escaceza, ou pouquidade; e o que he raro em molheres, foi mui calada, e naõ fallava, senaõ quando, e como cumpria; e suas fallas eraõ com tanta modestia, e mansidão, que mais parecia subdita, que Rainha. O em que parecia Princeza, era na gravidade, e pezo das palavras: e como ella era castissima, amava mui o, e tinha em grande conta as molheres honestas, e recolhidas, e as favorecia muito. O rosto daquella sancta Rainha era testemunha de seus costumes. A postura de sua pessoa era trazer os olhos baixos, e no rosto a cõr, de que se tingem as donzellas vergonhosas; no comer era temperada, como quem o naõ tomava mais, que para sustentar a vida: seus jejuns eraõ taõ frequentes, que por ella ser de



compreiaão fraca , gastou muito de sua faude. A mór parte de sua occupação era rezar os Offícios Divinos , nos quaes era taõ destra , e no mais culto Divino , que muitas vezes nas ceremonias pronunciação , e em o mais, ensinava seus Capellaes. O tempo que lhe restava , trabalhava como qualquer outra mulher ; e assi fazia occupar em honestos exercicios as mulheres de sua casa. Entre as mais virtudes desta Princeza se contava o cuidado , que teve da criação de seus filhos em letras , e bons costumes ; e fóra dos mimos , e errada criação dos senhores Hespanhoes , porque foraõ huns dos mais valorosos Principes , que ouve em sua idade ; e assi do tempo da Rainha Dona Philippa , e de seus filhos para cá , ouve em Portugal na policia , e tratamento das Pessoas Reaes muita mudança , e bons estillos ; e muita differença na lingoagem . e nos conceitos. Faleceo a Rainha a 19. do mez de Junho do anno de 1415. , sendo de idade de 64. annos.

## CAPITULO LXXXVII.

*Aprestase el Rey para a jornada de Ceita : parte de Lisboa : fidalgos , que o acompanharaõ.*

**T**Anto que a Rainha faleceo , logo foi enterada secretamente , por o tempo ser mui quente , e ao outro dia lhe foraõ feitas as exequias. Os Infantes se partiraõ de Odivellas com os senhores , e fidalgos , que ahi estavaõ , e se foraõ a huma Aldêa , que chamaõ Restello , junto donde agora está o Mosteiro de Bethlem , polo qual mesmo nome de Restello chamavaõ , e chamaõ hoje o porto de Bethlem. Ao outro dia em amanhecendo foraõ ver a el Rey seu pai , com o qual depois de se condoerem com muitas lagrimas de seus  
nojos ,



nojos, lhe perguntaraõ os Infantes, o que determinava fazer ácerca de sua partida? El Rey lhes disse, que elle estava tal que não sabia cuidar em outra cousa, senão em seus males; que se ajuntasse o Infante D. Duarte, e os do seu conselho, e vissem o que lhes parecia que se devia de fazer; e que o que acordassem, lho fizessem saber a elle, para dahi tomar o que melhor lhe parecesse.

Vindo os Infantes para Restello, fizeraõ ajuntar os do conselho, que estavaõ mais perto, que foraõ quatorze, com os Infantes, cujos votos foraõ partidos em duas partes iguaes; e os Infantes com quatro do conselho acordaraõ, que todavia el Rey devia partir como tinha ordenado; porque diziaõ que tantos trabalhos, como tinhaõ levado, e tamanhas despezas, como eraõ feitas, não deviaõ assi ficar em vão, quanto mais sendo aquella empreza para serviço de Deos; e que morrer a Rainha não devia ser causa de estorvo, pois sua morte não trazia mais impedimento que a tristeza presente, que com a occupação, e bom successo da vitoria, que esperavaõ, abrandaria: e que vergonhosa cousa seria saberse polo mundo, onde andava taõ divulgada aquella expedição, que por intolerancia do nojo por huma mulher, que era mortal, deixavaõ de profeguir cousa de tanta honra sua.

Os outros do conselho eraõ de parecer que el Rey em nenhuma maneira devia ir; porque se por serviço de Deos fazia aquella jornada, bem se mostrava que a Deos não aprazia, por os manifestos sinaes, que viraõ, como era a grande peste, que mandara, de que morrera, e morria tanta gente; e que não avia duvida senão que despois que embarcassem, se accenderia muito mais com a muita frequencia, e aperto de gente, de que não fi-



caria pessoa viva; e que o remedio que avia para aquelle mal se applacar, era derramar-se a gente; e que poderia ser, que se agora partissem, assi como morreo a Rainha, morreriaõ pessoas, que causariaõ maior dano; e que o outro final foi o eclypse do Sol, que precedera á morte da Rainha, que foi o mór que viraõ em seus dias, por estar duas horas o mundo em trevas. E o outro foi levar-lhe a Rainha, por cujas oraçoës, e sanctidade esperavaõ escapar de quaelquer perigos, por a qual se mostraria pouco sentimento, se acabado de a dar á terra, fossem fazer guerra voluntaria, e naõ necessaria, sem meter nillo algum espaço. E que além disto por morte da Rainha se desaviaraõ muitas cousas, para concerto das quaes era necessario tempo de hum mez; e que elles estavaõ em fim de Julho, e que passado aquelle mez, de que tinhaõ necessidade, estavaõ em fim de Agosto, que era entrada de Inverno, em que por mar senaõ podia começar feito algum. Polo que deviaõ de sobrestar na execuçaõ daquelle negocio.

Sendo estes votos assi differentes, e por igual numero, ouve no conselho muitas alteraçoës com os Infantes sobre irem naquelle dia a el Rey com a reposta; mas porque elles todos tres eraõ de huma parte, disseraõ os da outra, que fossem com elles outros tres, dos que tiveraõ o contrario voto, e assi foraõ.

El Rey despois de ouvir as razoës de huma, e outra parte, deu muitas razoës, porque a ida se naõ devia dilatar, espantandose de aver quem aconselhasse o contrario; e animando aos que o ouviaõ, que tivessem por mui certa a victoria, e disse que de lós quatro dias seria sua detença; e que quarta feira em que acabavaõ, partiria, que tudo estivesse prestes: e por quanto em feitos de armas  
naõ



naõ servia tristeza, nem dó, nem vestidos de luto, se vestissem todos das melhores coufas, que tivessem, com que se lhes alegrassem os olhos, e os coraçõs; e naõ ouvesse pessoa, que levasse vestido de dó, mas se vestissem de cores alegres, como antes faziaõ, e ainda melhor; e que outro tempo escolheriaõ, que com mais razaõ poderiaõ trazer dó pola Rainha.

Logo os Infantes, e a mais gente foraõ vestidos de alegres cores, e as galés embandeiradas, e toldadas; e das naos começaraõ a soar as trombetas, e atambores. Os pregoes se começaraõ a dar para se recolher a gente, que com a pressa fervia, estando já em pensamento que el Rey naõ iria; polo que no povo ouve muitos juizos, e todos culpavaõ a el Rey, e aos Infantes principalmente, por naõ desistirem com tantos sinaes, que parece lhes insinuavaõ o contrario.

Naquella quarta feira, que el Rey disse, se meteo na Galé, de que era Capitaõ seu filho natural D. Affonso, e foraõ para elle os Infantes, e muitos dos senhores, que alli eraõ, e veio cear, e dormir a Restello. Ao outro dia, que era vespóra de Sanctiago, partio el Rey dalli, e mandou lançar ancora junto a Sancta Catharina, para que a gente se recolhesse com maior pressa. E ao dia de Sanctiago se meteo em sua galé, e mandou tocar as trombetas; e assi fizeraõ todos os mais navios, fazendo final que dessem á vella, o que em hum ponto se fez; e el Rey levava a Capitania das galés, e o Infante D. Pedro das naos, e cada hum levava seu farol para regimento das outras; e para lembrança daquelles cavalleiros, que com el Rey foraõ naquella expediçaõ, digna de ser mais lembrada, que a de Colcos, se pozeraõ aqui os Capitaes, que lembraraõ.

O In-



O Infante D. Duarte , herdeiro do Reyno , o Infante D. Pedro , o Infante D. Henrique ; D. Affonso filho natural del Rey , que foi Conde de Barcellos , e despois o primeiro Duque de Bargarça , D. Fernando senhor de Bargarça filho do Infante D. João , D. Affonso de Cascaes , filho do mesmo Infante ; o Condestabel D. Nunalvarez Pereira , D. Lopo Dias de Sousa Mestre da Ordem de Christo , D. Alvaro Gonçalvez Camello Prior de S. João do Hospital , Gonçalo Vaz Coutinho , Messer Lançarote Pessano Almirante do Reyno , D. Pedro de Menezes Conde de Vianna , Alferez do Infante D. Duarte , o Capitão mór do mar Affonso Furtado de Mendoza , D. João de Noronha , D. Henrique de Noronha seu irmão , D. João de Castro , D. Fernando de Castro seu irmão , Lopo Alvares de Moura , Gonçalo Anes de Sousa , D. Alvaro Pirez de Castro , D. Pedro de Castro seu filho , Martim Affonso de Mello Guarda mór del Rey , Nuno Vaz de Castello Branco , que foi Alcaide mór de Moura , e Monteiro mór del Rey D. João , e del Rey D. Duarte , e Veedor da Fazenda , e do Conselho del Rey D. Affonso o quinto , Lopo Vaz de Castello Branco , Gil Vasques de Castello Branco , Payo Rodríguez de Castello Branco , João Soares de Castello Branco , Diogo Soares de Castello Branco todos irmãos , filhos de Gonçalo Vaz de Castello Branco senhor da honra de Sobrado , João Vasques de Almada , Pedro Vaz , e Alvaro Vaz de Almada seus filhos , Nuno Martins da Silveira , Diogo Gomez da Silva , João Gomez da Silva Alferez mór del Rey , Gil Vaz da Cunha , Diogo Soares d'Albergaria , Vasco Martins de Albergaria , Pedro Lourenço de Tavora , João Alvarez Pereira , Gonçalo Lourenço de Comide Escrivão da puridade , João Affonso de Sanctarem , Gonçalo



calo Nunez Barreto , Alvaro Mendez Cerveira ,  
Mendo Affonso Cerveira seu irmaõ , Diogo Lo-  
pez de Sousa , Vasco Fernandez Coutinho , Alva-  
ro Gonçalvez de Ataide , Governador da Casa do  
Infante D. Pedro , que foi Conde primeiro da A-  
tougua , Vasco Fernandez de Ataide , Governador  
da Casa do Infante D. Henrique , Joaõ de Ataide ,  
Gonçalo Pereira de Bouzella , Alvaro Pereira so-  
brinho do Condestabel , Joaõ Rodriguez de Sá ,  
Martim Vaz da Cunha ; o Doutor Martim Do-  
cem , Affonso Vaz de Sousa , Joanne Mendez de  
Vasconcellos , Ayres Gonçalvez de Figueiredo ,  
Gonçalo Anes de Abreu , Gomez Martinz de Le-  
mos , Joaõ Affonso de Brito , Diogo Alvarez Mes-  
tre Salla del Rey , filho de Alvaro Paes , Luiz Al-  
varez Cabral , Fernaõ Dalvarez Cabral seu filho ,  
Diogo Fernandez de Almeida , Alvaro Fernandez  
Malcarenhas , Alvaro da Cunha , Joaõ Affonso Da-  
lenquer , Ruy de Sousa , Estevaõ Soares de Mello ,  
Ruy Gomez da Silva , Ruy Vaz Pereira , Gonça-  
lo Pereira das Armas , Lopo Dias de Azevedo ,  
Martim Lopez de Azevedo , Gonçalo Gomez de  
Azevedo , Alcaide mór de Alenquer , Garcia Mu-  
niz , Diogo Lopez Lobo , Pedro Gonçalvez Mala-  
faia , Luiz Gonçalvez Malafaia irmaõs , Pedro Pei-  
xoto , Joaõ Pereira , Ruy Vasques Ribeiro , Alva-  
ro Ferreira , que despois foi Bispo de Coimbra ,  
Gomez Ferreira , Alvareanes de Sarnache , Joaõ  
Rodriguez Taborda , Alvaro Peixoto , Pedreanes  
Lobato , Pedro Gonçalvez de Carazelo , Gil Val-  
quez de Barbuda , Mem Rodriguez de Refoyos ,  
Alvaro Nogueira , Payo Rodriguez de Araujo ,  
Joaõ Fogaça , Vasco Martins do Carvalhal , Fer-  
naõ Valquez de Sequeira , Fernaõ Gonçalvez da Ar-  
ca , todos estes senhores , e fidalgos eraõ Capi-  
taes de gente muita , ou pouca , cada hum , se-  
gundo



gundo seu estado; a fóra estes, hiaõ com el Rey muitos homens nobres Portuguezes, e outros estrangeiros, de que eraõ hum o Baraõ de Alemanha, e os Francezes de que atraz se faz mençaõ, que vieraõ aventureiros por ganhar honra, e hum rico homem Ingrez, que com quatro, ou sinco naos veio servir a el Rey com muitos archeiros, e outra gente. No Reyno ficavaõ muitos fidalgos repartidos polas Comarcas, para guarda das fronteiras, e sobre elles o Mestre de Aviz Fernaõ Rodriguez de Sequeira, a que ficou encarregado o governo do Reyno, e a guarda dos Infantes moços.

Foi aquella armada para aquelles tempos, em que naõ se navegava tanto, avida por grande, e desacostumada; mas de quantas vellas tolle, e do numero da gente de peleja, que nella hia, naõ fez memoria alguma Gomez Anes de Zurara, que emprendeo escrever esta jornada, ao qual em o mais della seguimos, sendo a cousa mais substancial daquelle feito; e tanto mais de culpar, quanto aquelle author foi mais visinho daquelles tempos, e podéra ter informaçãõ dos que naquella armada foraõ; mas Hieronymo Curita escritor de muita authoridade das cousas de Aragaõ, que isto envestigou com mais diligencia, diz na vida del Rey D. Fernando primeiro de Aragaõ, que a Armada, em que el Rey D. Joaõ passou a Ceita, foi de trinta e tres naos grossas, de vinte sete galés de tres remos por banco, e trinta e duas de dous remos; e outros cento e vinte navios menores. Com este mesmo numero de navios confórma hum Ephitaphio grande, que está no Mosteiro da Batalha, em huma taboa, na sepultura do dito Rey, que diz que foi a armada de mais de duzentas vellas, das quaes as mais eraõ naos grossas, e galés; mas



mas da gente não se faz menção, donde polos navios a poderá cada hum estimar.

Tanto que deraõ á vella, e aquella lustrosa, e grande armada começou a navegar com bom vento, que fazia, dava de si huma formosa vista; e á gente que da Cidade, e da praia a estava vendo fez muita saudade, por verem ir el Rey, e seus filhos Principes taõ bem quistos de todos, e tantos senhores, e nobres do Reyno, sem saberm para onde, nem o fim que averiaõ. E a muitos, que por mandado del Rey ficaraõ para guarda da terra, fazia grande inveja o não se acharem em taõ gloriosa armada, ou jornada, parecendo-lhes que era afronta ficarem em casa como molheres; e com muitas rogativas, que a Deos faziaõ, lhe pediaõ boa viagem; e os melmos da armada, que hiaõ em extremo alegres, por irem para cousa de honra debaixo de taõ grande, e feliz Capitaõ, estavaõ confusos, até se lhes declarar aonde hiaõ.

C A P I T U L O LXXXVIII.

*Navega el Rey com sua armada: dá noticia a todos os seus de sua jornada: avistaõ Ceita.*

**N** Esta fórma que dissemos foi vellejando a armada, quando ao Sabbado seguinte foraõ ter ao Cabo de S. Vicente, onde em o dobrando, por razão de algumas reliquias, que alli aviaõ, abaixaraõ as vellas em final de reverencia; e aquella noite foi toda a armada ancorar na Bahia de Lagos. Ao Domingo sahio el Rey em terra, e teve seu conselho, onde se assentou que se declarasse publicamente sua tenção. E em huma prégação que hum Religioso fez, se divulgou como hia sobre Ceita, e juntamente se publicou a



Bulla da Cruzada , que el Rey do Sancto Padre impetrou , para os que naquella jornada fossem servir a Dos.

As palavras do Prégador , e o lugar , onde as disse , não bastavaõ áquella gente para crer que el Rey hia a Ceitá ; mas tinhaõ todos para si , que el Rey hia a Sicilia ; e que taõ certa era a nova de Ceita , como fora a de Holanda. Esteve el Rey naquelle lugar até a quarta feira , que partio pera Faro ; e porque seguindo sua viagem lhe acalmou o vento , foilhe necessario estar alli até a outra quarta feira , que foraõ sete dias de Agosto , e entaõ partio caminho do Estreito. A sexta feira , hum pouco antes da noite , ouveraõ vista da terra dos Mouros , e alli mandou el Rey andar todos os navios de mar em roda , porque não era sua vontade entrar pola boca do Estreito , senaõ de noite , por os da terra não saberem taõ azinha de sua armada , e da viagem , que levava. E tanto que foi noite , começaraõ de encaminhar pola boca do Estreito.

Ao Sabbado á tarde foi el Rey ancorar entre as Algerizas , o que pôs grande espanto aos Mouros de Gibaltar , e aos outros daquella parte. Estes não souberaõ melhor conselho , que ajuntarem as melhores cousas que puderaõ aver , e leva-raõnas a el Rey em presente : e lhe disseraõ os que as levavaõ , que os moradores , e visinhos de Gibaltar lhe mandavaõ aquelle serviço , não como cousa decente á grandeza de taõ alto Principe ; mas como se podia aver por semelhantes pessoas , certificandolhe que lhe não era offerecido com menos vontade , do que seria a el Rey de Granada seu senhor , se presente fosse ; porque entendiaõ que todo o serviço , que lhe fizesse , o averia elle por tambem empregado em si mesmo : e que lhe mandavaõ pedir por mercê , que não ouvesse por mal de



de elles mandarem fechar suas portas , e pôr recado em sua Villa ; o que fazião , porque lhes foi certificado , que elle não quizera dar seguro de sua frota a el Rey de Granada seu senhor , quando lho mandou requerer ; e tambem porque alguns daquelles Mouros mancebos não podessem sair fóra da Villa ; porque poderia ser que se travesse entre huns , e outros alguma escaramuça , de que Sua Alteza levasse desprazer : e que lhe pediaõ lhe mandasse declarar sua tenção ácerca do que a elles pertencia. El Rey lhes respondeo , que se elle isso não quiz declarar a el Rey de Granada , que com tanta efficacia lho requereo , não avia agora razão de o fazer a elles ; porque de sua determinação não sabião mais que os do seu conselho , no tocante a dar tal legurança : e que quanto era ao presente , lho aceitava por desejar fazerlhes mercê em alguma outra cousa fóra da que lhe pediaõ. Os Mouros ficaraõ mui tristes , ouvindo tal resposta ; porque tiveraõ para si , que a armada vinha contra elles , pois estava ancorada á vista de sua terra.

Naquelle tempo estava por Alcaide del Rey de Castella em Tarifa hum nobre cavalleiro , que fora natural de Portugal , que se chamava Martim Fernandez PortoCarreiro , e era irmão da Condesa Dona Guimar , e tio do Conde D. Pedro de Menezes , que foi o porteiro de Villa Real ; e como os de Tarifa ouveraõ vista da armada , quando chegou á cabeça do Estreito , sendo taõ grande multidão de naos , qual nunca viraõ , ficaraõ maravilhados. E como dahi a pouco amainaraõ as velas , e desapparecetaõ , pareceolhes que era vilaõ ; mas ao outro dia pola manhã começou a armada a passar ante os muros ; e avendo grande nevoa , que a encobria , se começou a ouvir o som das trombetas , e outros instrumentos. Acabada a ne-



voa , e apparecendo o Sol , foi vista aquella formosa armada ; e logo Martin Fernandez disse , que não podia aquella coula tão grande ser ordenada , senão por el Rey D. João , cujas obras eraõ grandes ; e como a frota ancorou entre as Algerizas , mandou logo fazer prestes hum grande presente de vaccas , e carneiros , que por seu filho Pedro Fernandez PortoCarreiro mandou a el Rey , o qual metendose em hum batel , veio fallar a el Rey ; e despois de lhe beijar a mão , lhe disse que seu pai lhe mandava pedir se servisse de suas coulas , se em alguma o pudesse fazer ; e que elle não vinha beijarlhe a mão , e acompanhalo , porque tinha a cargo aquella fortaleza por el Rey de Castella seu senhor ; mas que delle seu filho lhe fazia serviço , porque estava em idade , e disposição para o poder servir ; e que lhe mandava aquelle refresco , que na terra avia para sua gente. El Rey lhe agradeceo muito o offerecimento , mas não aceitou o gado , por dizer que lhe não era necessario ; e que melhor seria para guarnição de sua fortaleza , e que sempre seria lembrado de lhe fazer mercê. Como Pedro Fernandes sahio do batel , cavalgou em hum formoso ginete , que trazia , e começou de alancear o gado ao longo da praia , por o não tornar a levar ; e os da frota quando viraõ aquillo , mataraõ todas as vaccas , e carneiros , e aproveitaraõse delles. O que el Rey , e os que com elle estavaõ , tiveraõ a bem áquelle fidalgo ; e por aquelle serviço , e por hum Almogarabe do Reyno de Granada , que andava salteando os moços , que sahiaõ á fruta , que lhe alli tomou , e enforcou , sem embargo das pazes , que avia entre el Rey de Castella , e o de Granada , lhe fizeraõ despois em Portugal el Rey , e o Infante muitas mercês de dinheiro , e joias ricas , que lhe deraõ.

Estan-



Estando el Rey allí ancorado naquella lugar, teve conselho de ir sobre a Cidade a segunda feira seguinte; e em fazendo aquelle dia a sua viagem, sobreveio huma mui grande cerração, que não deixou a frota governar directamente para onde queria; e porque as correntes são allí mui grandes, lançaram toda a frota das naos caminho de Málega, a fora huma, em que hia Estevão Soares de Mello, e as galés, e fustas, e navios pequenos foram naquella mesmo dia ante a Cidade de Ceita, de que os Mouros tiveram alguma turvação: e não foi maior, porque não vieram toda a frota junta, allí como vieram as galés, nem cuidavam que el Rey hia sobre aquella Cidade. Polo que fecharam suas portas, e pozeram-se por cima dos muros, mais para ver, que para se defenderem.

Calembaça, e alguns Mouros mais prudentes, começaram a desconfiar, e escreveram logo aos dos lugares comarcaos, que viessem a elles com suas armas, e apercebidos até ver em que parava aquella vinda. E dos Mouros que estavam polos muros, começaram alguns a atirar com suas bestas, e trós, como homens que hiam perdendo a esperança da paz; mas faziam pouco dano aos Christãos, porque os navios estavam afastados do muro, tirando a galé do Almirante, que logo no principio foi ancorar mais perto da praia, que as outras, onde ficou mui sujeita ao perigo das léas, o qual por nenhuma maneira se quiz mais afastar; posto que lhe fosse dito por algumas pessoas, a que elle respondia, que pois a ventura allí o aportara, allí queria esperar qualquer perigo, que lhe viesse. E pois que eram allí vindos para ir adiante, não era razão que elle tornasse atrás.

Dos Mouros mancebos sahiram alguns á praia a escaramuçar com os Christãos, e os Christãos allí



assi mesmo sahiaõ nos bateis , e andavaõ ao longo daquella praia atirando huns aos outros ; e assi gastaraõ hum bom espaço. Alguns daquelles Mouros occuparaõ hum penedo que estava no mar , para terem dalli melhor azo , e empecerem aos Christaõs ; mas Esteveaõ Soares de Mello conhecendolhe aquella vantagem , se foi rijamente a elles , e lhe tomou o penedo ; e assi andaraõ hum pedaço até que dos Mouros morreraõ alguns , e os outros tomaraõ por melhor partido recolheremse á Cidade.

Ao outro dia , que eraõ 14 de Agosto , vespóra da Assumpção de Nossa Senhora , teve el Rey conselho de se passar da outra parte da Cidade , onde se chama Barbaçote , com tenção de esperar alli as naos , que a corrente lançara em Málega. E despois de lá ser , porque as naos tardavaõ muito , mandou ao Infante D. Henrique , que fosse na sua galé , e fizesse vir o Infante D. Pedro , e dissesse a toda a outra frota que trabalhassem muito por se ajuntar com elle. O Infante D. Henrique partio naquella quarta feira perto da noite , e nella mesma noite chegou a seu irmaõ , o qual deu aviso á armada , que viesse o mais á pressa que pudessem. E os Infantes tornaraõ ambos na galé ; e despois que foraõ com seu pai , toda a frota se ajuntou aquelle dia como lhe foi mandado. El Rey teve conselho de tomar terra , em direito de algumas falgas , que ahi estavaõ , nas quaes aconteceu que alguns sahiraõ fóra , assi como homens de pouco cizo ; e saindo os Mouros a elles , começaraõ de se embrulhar de maneira , que morreo hum Christaõ , polo qual os da frota se pozeraõ em tamanho alvoroço , que quizeraõ a maior parte delles sahir fóra , senaõ fora o temor del Rey , que o mandou defender , porque fora mui grande o perigo , por causa da multidaõ dos Mouros , que estavaõ perto,



to, e de outros, que puderaõ recrecer. Os quaes todos em volvendo-se, fora causa de grande perdiçaõ dos Christaõs, pola vantagem do lugar, que os Mouros tinhaõ.

C A P I T U L O LXXXIX.

*Apartase a armada de Ceita por causa do tempo: ha varios pareceres contrarios sobre o virem outra vez contra Ceita.*

**E** Stando el Rey assi neste conselho para tomar terra, sobreveio huma tamanha tormenta, que o obrigou a se partir dalli para outra parte; porque por causa do lugar a frota não podia alli parar. O que parece foi por misericordia de Deos, como adiante se dirá. E assi foraõ as galés dobrar a ponta da Almina, e as naos não puderão taõ prestes fazer sua volta. Andando assi pairando ao mar, abrandou a tormenta; e quando quize-raõ seguir a viagem das galés, que eraõ tornadas ás Algeziras, onde primeiro estiveraõ, lançouas a corrente á parte de Málega, assi como antes fizera. Daquelle alevantamento que a frota fez, ficaraõ os Mouros muito ledos; mas como os animos muitas vezes se enganaõ, cegandoos seus proprios desejos, aquella foi huma grande occasiaõ para a Cidade ser em breve tomada; porque a determinação del Rey era tomar terra pola parte de Barbaçote, como está dito, cuidando que a não poderia tomar taõ desembaraçadamente da outra parte. A qual cousa, (se assi fora) pudera ser que, posto que a Cidade despois se tomára, fora com muito trabalho, e á custa de muito sangue dos Christaõs, por ser o lugar mui fragoso, e grande a multidaõ dos Mouros; porque, além da muita gente



gente da Cidade, estavaõ ahí mais de cem mil homens de fóra: e aquella tormenta fez, que escuzasse esse perigo; porque como os Mouros viraõ partir aquella frota, cuidaraõ que se hiaõ de todo; e porque os Mouros de fóra lhes faziaõ já nojo, por naturalmente serem elles daninhos, e estragadores das cóusas alhéas, mandou Calabemçala, a requerimento dos da Cidade, que se fossem para suas casas, pois sua presença se podia já escusar, agradecendo-lhes seu soccorro. Naquelle lugar onde el Rey foi aportar, quizera ter seu conselho, porque toda a outra armada levara a corrente, e mandou outra vez ao Infante D. Henrique, que fosse com as galés para trazer as naos, como antes fizera.

Como os da armada viraõ que o tempo, e a necessidade os fizera partir, e que já eraõ fóra da praia de Ceita, cuidaraõ que el Rey fazia sua viagem para Portugal. E começaraõ os plebeos a entrar em diversos razoamentos como sohe ser em multidaõ de povo junto, e muitos praguejavaõ do Prior Alvaro Gonçalvez Camello, dizendo que por preço, que recebera de Bençala, quando fora a Sicilia, os trazia alli vendidos; e que nenhum delles ouvera de ficar vivo, se acertaraõ de tomar terra; e não era isto na gente baixa sómente, mas nos nobres, que o culpavaõ como author daquella ardua empreza. O que elle ouvia, e dissimulava; e chamando el Rey os do conselho, lhes disse que bem viaõ com quanta despeza, e trabalho viera ter áquelle lugar para ganharem a Cidade de Ceita, sobre o que tinha feito o que tambem tinhaõ visto; que lhes dissessem o que lhes parecia devia elle fazer.

Entre os do conselho ouve muitas altercações, e se dividiraõ em três pareceres. Huns diziaõ que não cumpria a sua honra deixar de tomar



mar a Ceita, outros que tomasse Gibaltar, outros que se tornasse logo a Portugal. Dos que foraõ de parecer que se tomasse Ceita, foraõ principalmente os Infantes, os quaes responderaõ a elRey, que lhe devia lembrar quanto tempo avia que começára aquella empreza, e quantas cousas tinha movidas para chegar ao fim. Pola qual razaõ aquelle negocio fora soado por todo o mundo; e que posto que no principio o encubrisse, o tinha já revelado; e que tornandose entaõ para Portugal, ou pertendendo outra cousa de menos importancia, ainda que ouvesse victoria, naõ podia ser sem grande afronta sua, e muito mais por naõ experimentar suas forças sobre a grandeza daquella Cidade; porque se por ventura a tivera cercado algum tempo, naõ tivera o mundo porque lhe dar tanta culpa; mas que tornandose assi, sem provar sua fortuna, pareceria que a sombra dos Mouros o espantara; e que dahi ficariaõ os mesmos Mouros taõ alterados, que lhes ficaria atrevimento para correrem com seus navios a costa do Algarve, mais do que até li faziaõ. Polo que Sua Alteza devia tornar sobre a Cidade, e cercalla, e combatella: e que pois aquella jornada se fazia por servir a Deos, elle alentaria sua tençaõ. A este parecer dos Infantes, e do Conde de Barcellos seguiraõ muito poucos do conselho. Os que foraõ de parecer que fossem sobre Gibaltar, davaõ estas razoes; que se o cercar aquella Cidade, e tomala fora possivel, ainda que fora com morte de muitos, e á-custa do sangue de todos, era bem naõ tornar atrás; mas que naquillo viaõ muitas impossibilidades, huma era que aviaõ de acudir áquella Cidade, como a porta, por onde podia todo o restante de Africa ser entrada, e que aviaõ de vir como a perdoens de todo o estado de homens; e que sendo taõ immenso o cir-



cuito da Cidade, não era bastante toda Hespanha para a cercar, e que sobre tudo não traziaõ mantimentos bastantes, para quem estava sobre tamanha Cidade, nem tinhaõ e perança, que de outra parte lhe podessem vir outros taõ prestes. Polo que já que eraõ sahidos de suas casas, deviaõ acometer Gibaltar, porque não avia tempo para mais, nem occasiaõ; pois eraõ 19. dias de Agosto, e para assentar seu arraial, e concertar a artelharia, e machinas, passariaõ mais de dez de Setembro, onde já alli não poderiaõ mais parar, por causa daquelles mares serem tempestuosos, e que não consentem estarem navios ancorados muito espaço.

Os que eraõ de parecer que el Rey, sem mais fazer, se tornásse para Portugal, diziaõ que affás estava dito polos precedentes seus companheiros, para senaõ tratar de tornar a Ceita; e que além das razões que deraõ, esqueceo huma mui principal, que era não fazerem conta do tempo do cerco, do qual não seria honra levantar-se, despois que o tivessem posto: e que se devia el Rey de lembrar de quantos annos D. Affonso XI. de Castella estivera sobre o cerco de Aljezira. E que se el Rey sobre Ceita estivesse hum anno, averia mister muitos thesouros, sómente para pagar os fretes de tanta multidaõ de naos estrangeiras, como alli tinha, se elles de sua vontade o quizessem esperar; o que não fariaõ, por as mercadorias que tinhaõ para levar; e que quanto ao de Gibaltar, não era para fazer, porque seria grande injuria del Rey de Castella, cuja aquella conquista era, e com quem tinha pazes; e que offerecendose Sua Alteza a el Rey de Castella para ir em sua companhia áquella conquista, elle o não aceitara, e lhe respondera não sómente como homem, que não folgava com a offerta, mas que lhe pezava de lha fazer; e que  
poderia



poderia fer que em quanto elle estivesse sobre Gibaltar, os Castelhanos averiaõ as pazes por quebradas, e trabalhariaõ por fazer alguma novidade em seus Reynos, o que seria occasiaõ de grande perigo. E por quanto Sua Alteza começara aquella empreza por serviço de Deos, que elle receberia sua boa tençaõ; porque não era elle servido de se levar tanta gente a morrer, sem alguma esperança de victoria. El Rey lhes não quiz responder, mas disse que deixava a determinação daquelle caso para depois; e mandou fazer prestes toda a frota, que se fosse lançar á ponta do Carneiro, o que todos fizeraõ de mui boa vontade, cuidando que não avia já mais que tornaremse a Portugal.

C A P I T U L O X C.

*Ancora outra vez a armada á vista de Ceita: poemse todos os Capitaens della á ordem del Rey para desembarcarem.*

**C**omo a frota foi toda junta na ponta do Carneiro, el Rey sahio em terra, e ajuntou todos os do Conselho, e assentouse no chaõ, e elles todos ao redor, e lhes disse, que quanto ao que lhe diziaõ, que se tornasse, avendo tantos annos que andava naquelle trabalho, do qual todo o mundo estava esperando o fim, vergonha averia elle fazello, quando já estava ante a Cidade, que com tantos desejos viera buscar depois de vista, como se o medo o forçara; e que não menos feio seria ter posto o ponto, e o sentindo em Ceita, Cidade taõ grande, e ir desfechar em Gibaltar, huma Villa taõ pequena. E que allí lhes declarava que sua vontade era naquelle dia ir sobre a Cidade de Ceita, e ao outro dia tomar

Iii ii

terra,



terra, e dahi em diante proseguir sua empreza, até que Deos trouxesse a seus feitos aquelle fim, que por seu serviço ouvesse.

Despois que os do conselho viraõ que el Rey, e os Infantes estavaõ constantes em seu proposito, naõ tiveraõ mais que contradizer. Mas naceo outra maior contenda sobre o lugar, onde aviaõ de desembarcar, naõ menor que a outra do cerco; porque el Rey dizia que queria assentar seu arraial na Almina; o que era contra a opiniaõ de todos. Polo que diziaõ a el Rey, que lhe cumpria impedir aquella parte do Sertão; porque bem sabia que os Mouros naõ tinhaõ tamanho poder por mar, como por terra, e teria abastança de agoas, e melhores, e seria seguro de elles poderem mandar recados a nenhuma parte; e que posto que viesse grande multidaõ de Mouros, poderia fortalecer seu arraial de cavas, e artificios de madeira, de modo que nunca lhe poderiaõ empecer. E se estivessem na Almina, os Mouros poderiaõ meter quanta gente quizessem dentro da Cidade, e entrar, e fahir quando lhes aprouvesse, e adubarem suas vinhas, e pomares, e trazerem seus frutitos para suas casas, como se o arraial ahi naõ estivesse: e que daquella maneira onde vinha cercar, ficaria cercado. Estas, e outras muitas razoens passaraõ sobre aquella questãõ, mas el Rey respondeo que mais folgaria de ter naquella parte seu arraial, porque naõ avia mister outro palanque; e que sómente avia de ter cuidado, despois que alli estivesse, de pelejar com os Mouros da Cidade; e que se estivesse da outra parte, teria dous cuidados, hum de pelejar com os Mouros da Cidade, e o outro em se defender daquelles, que viessem a seu soccorro.

E porque o Infante D. Henrique tinha antes pedido a el Rey em Lisboa quando se determinou  
em



em passar , que quando fossem ante a Cidade de Ceita ouvesse por bem , que elle fosse o primeiro que tomasse terra , da qual petição el Rey dilatou a resposta para o tempo , que lá se achassem , disse ao Infante , que bem lhe lembrava o que lhe pedira ; e que por tanto lhe prazia , que elle não fosse como companheiro , mas como principal Capitão ; e que aquella noite , em que aviaõ ancorar sobre a Cidade , elle fosse com a sua armada , que trouxera do Porto , directamente á Almina , e ali fizesse lançar suas ancoras , e alojar sua armada ; e que elle iria da outra parte dos banhos , para que quando os Mouros vissem a maior parte da armada naquelle lugar , entendessem que alli havia de ser sua principal desembarcação , pola qual razão acudiriaõ alli a mór parte delles , para lhe impedirem a sahida , e desoutra parte de Almina não fariaõ grande conta pola sospeita , que teriaõ que o Infante não avia alli de tomar terra ; e que tanto que visse seu final , lançasse logo pranchas em terra , e sahisse o mais despachadamente que pudesse ; e que despois que soubesse que tinha a praia tomada , mandaria sua armada para junto da delle Infante , de maneira que não tardasse muito. E que , para que a corrente não tivesse lugar de lhe lançar as naos caminho de Málega , como já fizera duas vezes , teria maneira de levar suas galés por tal ordem , que , posto que alguns dos navios de sua companhia quizessem escorregar por força da corrente , que não tivessem algum lugar de correr mais avante. O Infante mui alegre com taõ boas novas para elle , beijou a mão a el Rey seu pai.

O Infante mandou logo fazer todos prestes , e endereçou suas galés pela ordem , que seu pai lhe mandára , e foi caminho de Ceita , e el Rey caminho de Aljezira ; o que nas gentes causou muita



muita confusão. E como os Mouros á noite sentiraõ a armada , ante a Cidade , encheraõ as janelas de candêas , por mostrarem que eraõ mais do que os Christaõs cuidavaõ , e que os naõ tomavaõ descuidados. O qual espetaculo era formosa cousa de ver , pola grandeza da Cidade. E tanto que foi manhaã , el Rey mandou fazer prestes huma galeota ; e metendose nella , se ferio em huma perna , que lhe inchou ; mas naõ deixou por isso de fazer o officio de bom Capitaõ , e com huma cotta vestida , e sua espada na cinta , e huma barreta na cabeça com a perna doente desarmada , andou por aquelles navios animando a todos , e dandolhes avilo do que aviaõ de fazer. E taõ alegre lembrante trazia , que metia áquellas gentes certa esperança de vencerem ; e a todos avisou que naõ sahissem em terra , senaõ despois que o Infante D. Henrique tivesse tomada a praia daquella parte , onde estava ; mas que de tal maneira estivessem prestes , que naõ tardassem muito em ser com elle. E chegando a galé do Infante D. Henrique , começou de se rir , vendoo já todo armado , e os seus da mesma maneira juntos com elle á borda da galé.

Calambeçala , que , como está dito , era senhor daquella Cidade , e de Tangere , e Arzila , e de outros lugares daquella cósta , e da linhagem dos Marins , que em Africa he auida por mais illustre , e homem avisado , e de muita idade , quando vio a el Rey D. Joaõ sobre sua Cidade , teve mui grande recêo ; porque lhe lembrava que era aquelle o Rey , que com taõ pouca gente dera batalha campal a el Rey de Castella , vindo taõ poderoso , e o vencera , e desbaratara , e ganhara Portugal aos Castelhanos , e aos mais dos Portuguezes ; e que em todas as mais contendas , que com os Castelhanos tivera , sempre fora vencedor.

E que



E que aquella empreza de Ceita, por sua prudencia tivera tanto em segredo, que naõ souberaõ de seu mal, senaõ quando appareceo de improvizo sobre elle: e que naõ era de crer, que vir elle em pelloa com seus filhos, e com a flor de seu Reyno, e com taõ grande armada, podia ser sem grande confiança de aver victoria. Muito maior era seu recêo, porque naõ tinha tempo para se aperceber, nem para se valer de seus amigos. Os Mouros de menos idade, e experiencia, o reprehendiaõ de sua desconfiança, e lhe davaõ grande esforço, que esperavaõ em Deos aconteceria muito ao contrario do que elle cuidava; e que a vinda del Rey de Portugal seria para mais honra da nação Africana, e suas baixelas de ouro, e prata feriaõ seus despojos: e que naõ era para recear a peleja com homens, que todos vinhaõ cobertos de ferro, e pezados, que se huma vez cahiaõ, naõ se podiaõ mais levantar.

C A P I T U L O XCI.

*Desembarcaõ os Infantes: entraõ per força de armas na Cidade de Ceita assinalando-se outros em obras de muito esforço.*

**N** Este tempo estava o Infante D. Henrique com a prancha prestes, e todos os seus apercebidos para quando vissem o final. E os outros da armada, vendo que o Sol começava já de se esquentar, e que o final tardava, anojavaõ-se, principalmente porque viaõ os Mouros já pola ribeira fazendo seus algazares, com que os provocavaõ a sair. Polo que Joaõ Fogaga, que era o Veedor do Conde de Barcellos, naõ podendo soffrer tamanha tardança, mandou endereçar seu batel



tel á praia ; e o primeiro homem , que della saltou em terra , foi Ruy Gonçalvez , Veedor que foi despois da Infanta Dona Izabel , molher do Infante D. Joaõ , e Commendador de Canha ; e como foi em terra , começou a ferir nos Mouros de maneira , que os fez afastar daquelle lugar , onde os dos bateis aviaõ de sahir. O Infante D. Henrique , que tinha sua prancha algum tanto afastada da terra , lançouse dentro em hum batel , que achou á mão , e meteo consigo Estevaõ Soarez de Mello , e Mem Rodriguez de Refoyos seu Alferez , e mandou as trombetas , que fizessem rijamente sinal para sahirem todos em terra ; e tanto que o Infante foi em terra , começou a gente a recrecer ; e Ruy Gonçalvez que sahira primeiro , andava já diante envolto entre os Mouros , e com elle hum gentil homem Alemaõ , os quaes derribaraõ hum grande Mouro , que entre todos os outros mostrava mais esforço.

O Infante D. Duarte sahio de sua galé , em quanto el Rey andava provendo a outra frota , e se foi para aquella parte , onde o Infante D. Henrique tomara terra , e com elle Martim Affonso de Mello , e Vasques Anes Corte Real ; e assi o ouve-  
raõ de fazer outros muitos , se lho elle consentira ; mas com receo del Rey , deixavaõ de o fazer : nisto seriaõ já sahidos em terra dos Christaõs até 150 , e assi começaraõ mui rijamente de se meter entre os Mouros até os fazerem meter pela porta de Almina ; e o primeiro homem , que com os Mouros entrou dentro , foi Vasqueanes Corte Real , e outro apoz elle. E indo assi pelejando com os Mouros , acertou o Infante D. Henrique conhecer seu irmaõ o Infante D. Duarte ; e fazendolhe sua mezura , lhe disse que dava muitas graças a Deos , por lhe dar taõ boa companhia , e as dava ao  
Infan-



Infante por o vir ajudar. Nisto foraõ levando os Mouros contra a porta da Cidade, ferindo, e matando nelles sem piedade, porque avia já com os Infantes numero de trezentos homens, e ordenaõ alli sua batalha com tençaõ de esperarem a el Rey; e ao Infante D. Duarte pareceo que não deviaõ fazer detença alguma, porque os Mouros estavaõ alli taõ junto delles; e que se os lançaõsem alli, poderia ser que entrariaõ de volta com elles, ou ao menos os affadigariaõ tanto, que não pudessẽ fechar a porta; e entretanto acudiria a sua gente, e entrariaõ a seu despeito. Isto pareceo bem ao Infante D. Henrique, e comecaõ a seguir os Mouros tanto, que os fizeraõ tirar de entre as cisternas, e hum chafariz, que alli estava.

Entre aquelles Mouros andava hum grande de corpo da cor negro, e crespo, e de medonho aspecto, e nú, o qual deitava muitas pedras com tanta força, que parecia que sahiaõ de alguma bombarda, e com huma dellas deu a Valco Martinz de Albergaria no bacinete, que trazia, e lhe lançou o barbote fóra; mas Valco Martinz, que não perdeu o tento, o passou logo com a lança de parte a parte; e como aquelle Mouro foi morto, logo todos voltaraõ as costas, e se acolheraõ á Cidade, e os Christaõs de volta com elles; e o que pelas portas da Cidade entrou primeiro com elles, foi o mesmo Vasco Martinz de Albergaria; e assi como foi elle, que se avantajou dos outros, no tempo de entrar a Cidade, assi o fez em muitas cousas, que com muito esforço fez naquelle dia. Como as novas da entrada da Cidade se deraõ a Calabengala, com os olhos cheos de lagrimas, disse aos seus, perdendo de todo a esperanza de sua defenõ, que pois assi Deos o quizer, que perdessem sua honra, e sua terra; que



cada hum salvasse as vidas , por onde melhor pudessem.

Os Infantes , e o Conde de Barcellos seu irmão , e os que estavaõ com elles , despois que foraõ dentro da Cidade por conselho do Infante D. Duarte , se foraõ a huma altura , que alli está , onde estiveraõ hum pouco esperando que recrecesse mais gente , porque naõ eraõ ainda mais de quinhentos homens , que com os Infantes entraraõ , e a Cidade era mui grande , e era necessario que aquella gente se espalhasse por ella ; e poderia ser que naõ viriaõ outros , que aos Mouros impedissem fechar as portas. Mas naõ tardou muito que se naõ ajuntassem alli outros muitos , porque os da armada naõ se deraõ vagar ao fahir. E naõ se contentando Vasco Fernandez de Ataide de entrar por aquella porta , por onde os Infantes entraraõ , apartouse com alguns seus , e com alguns outros de pé de Conçalo Vaz Coutinho seu tio , e foise pôr junto do muro pela parte de fóra , a outra porta , que estava acima daquella , e começou de a quebrar. Nisto chegaraõ alguns outros , e á força de machados , e de fogo foraõ as portas desfeitas ; o que lhes naõ foi facil de fazer , porque morreraõ alli sete , ou oito homens daquelles , que naõ eraõ bem armados , por serem os Mouros ainda muitos sobre os muros , e recuarem para alli muitos mais , cuidando defender a entrada aos Christaõs com grande multidaõ de pedras , e armas , que lançavaõ de cima , de que o mesmo Vasco Fernandez foi ferido , mas as portas foraõ entradas.

Estando os Infantes naquelle alto , em que se puzeraõ , chegou a elles Joaõ Affonso , Veedor da Fazenda mui alegre , como quem fora o que moveo aquella taõ sancta , e honrada viagem ; e disse aos Infantes , que mais honradas festas eraõ



as daquelle dia , que as que el Rey seu pai queria fazer em Portugal para os armar cavalleiros ; e que melhor pareciaõ alli , e por aquellas calmas tratando cousas de guerra , que nas logeas frias de Cintra , tratando das de sua fazenda.

Neste tempo que os Infantes estavaõ naquelle lugar , naõ cessava a gente de armas de crescer ; e porque já era muita , mandou o Infante D. Henrique que se repartisse cada hum por sua parte , a saber , o Conde D. Affonso por huma rua , e a sua bandeira com parte daquellea gente por outra. E ao Infante D. Duarte pareceo bem , que elle , e o Infante D. Henrique fossem para junto do muro tomar todos os lugares altos , que se achassem , porque os Mouros naõ tivessem poder de se acolher a elles. E porque o Sol era mui grande , e a costa aspera de subir , tirou o Infante D. Duarte parte das suas armas , de maneira que naõ ficou mais que com huma cota , e trabalhou por alcançar seu irmão , e o seguio tanto , até que o achou no fim da primeira altura ; e tornandose dalli o Infante D. Duarte ; em saltando humas paredes , foi necessario a cada hum apartarse para sua parte. Porque o Infante D. Henrique cuidou , que pois aquella altura era tomada , que seu irmão tomasse para baixo ; mas o Infante D. Duarte foi assi tomando todas as alturas , até que chegou ao cabo da maior , onde se chamava o Cesto , e naõ era a passagem destes lugares sem muito trabalho , porque a Cidade por todas as partes estava chea de Mouros , nem podiaõ os homens andar por parte alguma , que naõ topassem com muitos ; mas como avia tanto tempo que o Infante D. Duarte desejava de se ver naquelles encontros , ainda aquelles Mouros lhe pareciaõ poucos ; e assi mostrou naquelle dia seu grande animo , e esforço , com que sua espada foi



banhada em assás sangue de Mouros; e posto que alguns valentes homens com elle fossem, toda a a força de sua gente ficava ainda na frota.

Todos os da frota del Rey esperavaõ sahir por outra ordenança, segundo estava assentado, e não estavaõ bem prestes como o caso se offereceo; mas como viraõ que todos os da frota do Infante D. Henrique sahiaõ com tanta pressa, e como depois que entraraõ a Almina, não tornaraõ mais; e como os Mouros, que estavaõ no muro corriaõ todos para a porta, sentiraõ que toda a força do feito estava naquelle lugar; e porque el Rey andava ainda polos navios, que por a frota ser mui grande, avia de fallar com muitos, mandou o Infante D. Pedro hum seu Veedor, que fosse em hum batel dizer ao Infante D. Duarte, se lhe parecia bem tomarem terra, que o Infante D. Henrique seu irmaõ já era na Almina, e estava junto das portas, segundo lhe parecia no sahir da gente de sua frota.

Quando o Veedor tornou com o recado, como o Infante D. Duarte era fóra, mandou o Infante a Diogo de Seabra seu Alferez, que puzesse sua bandeira no seu batel, e mandou ás trombetas fazer final a todos os outros navios, que se fizessem prestes. E estando para ir fallar a el Rey seu pai, chegaraõ alguns daquelles senhores, que vinhaõ buscar el Rey, o qual acertou logo de chegar alli, com tençaõ de dizer ao Infante, que sahissem o mais prestes que pudesse, para tomarem terra, elle, e todos os da frota. A bom tempo (disseraõ alguns daquelles fidalgos) podemos nós já ir para levarmos daqui honra, quando a Cidade he já entrada. Entaõ contaraõ a el Rey o grande arroido, que ouviaõ dentro, e como lhe parecia que ás vezes ouviaõ o som das trombetas. Nisto chegaraõ as no-



vas de certo, como a Cidade era entrada, e os Infantes, e o Conde de Barcellos andavaõ dentro espalhados cada hum por sua parte.

Grande pressa tiveraõ todos para sahirem em terra, mas muito maior era a inveja, que tinhaõ dos que já eraõ na Cidade; os senhores, e homens fidalgos, por a honra, que ganharaõ de que a elles não deixaraõ quinhaõ: os plebeos polo proveito, que teriaõ feito no sacco de taõ rica, e taõ grande Cidade, de que lhe parecia lhe não ficaria parte, senaõ do que os outros não podessem levar; polo que huns, e outros tinhaõ por vaõ todo o trabalho, que levariaõ; e assi sahiraõ o melhor que puderaõ, até que el Rey chegou á porta da Cidade, onde fez detença, assi por a perna, que levava ferida, como porque não convinha a sua pessoa Real partir dalli, senaõ ao combate do Castello, visto como a Cidade já estava em tal ponto. E todos os outros se espalharaõ por varias partes da Cidade, a saber: a bandeira do Infante D. Duarte com todos os seus, por huma: o Infante D. Pedro com sua gente por outra: o Condestabel, e o Mestre de Christo, e outros por outra, onde a ventura os levava; mas não ouve algum, que não passasse muito trabalho, porque todas as ruas estavaõ ainda cheas de multidaõ de Mouros; e Ruy de Sousa, que era sobrinho do Mestre de Christo, e pai que foi de Gonçalo Rodriguez de Sousa, que foi Capitaõ dos ginetes, querendo fazer vantagem, levou os Mouros por huma rua, onde recreceraõ tantos, que o cercaraõ em huma torre, que se chamou dahi em diante o postigo de Ruy de Sousa, e alli se defendeo mui valentemente, até que foi foccorrido; e Nuno Martins da Silveira foi naquella dia bem conhecido polo muito esforço, que mostrou. E estando el Rey assentado á porta, chegou a elle



a elle Gonçalo Lourenço teu Escrivão da Puridade acompanhado de 400 homens de sua libré, e os mais delles de sua creação, e lhe pedio que em satisfação de seus serviços, e por o honrar, o quizesse fazer cavalleiro, o que lhe el Rey de boa vontade concedeo, e logo alli armou.

## C A P I T U L O X C I I .

*Continuase a entrada de Ceita : relata-se a generosidade, e esforço do Infante D. Henrique.*

O Infante D. Henrique, de quem só ficou lembrança do que passou naquelle dia, em que muito se affinalou, querendo ir pola rua, que chamavaõ direita, chegaraõse a elle muitos Christaõs, que seriaõ numero de 500, e vinhaõ fugindo dos Mouros, que os perseguiaõ; e vendoos o Infante, cerrou a cara do bacinete, e embaraçou o escudo, que trazia, e deixou passar por si todos os Christaõs, até que chegaraõ os Mouros, os quaes o Infante acommeteo taõ valorosamente, que os fez por força virar as espaldas. Os Christaõs, que conheceraõ o Infante, cobraraõ esforço, e fizeraõ outra vez volta sobre os Mouros, e os levarãõ diante de si até humas casas, em que pousavaõ os mercadores Genovezes, que se chamava Aduana; e como alli foraõ, ou porque se lhe ajuntaraõ outros Mouros de novo, ou porque virãõ que os Christaõs cansavaõ, voltaraõ outra vez sobre elles, e fizeraõlhes virar as costas com maior pressa, que da primeira; e trazendoos os Mouros ante si, toparaõ outra vez com o Infante, o qual quando vio alli os Christaõs desbaratados, dobrou-lhe a ira, e saltou outra vez entre os Mouros, e taõ fortemente os acommeteo, que os fez espalhar



lhar para huma parte, e pera outra; mas os Christãos, pelo medo que traziaõ, a mór parte delles passaraõ pelo Infante, sem nenhum o conhecer, e não tornaraõ mais adiante.

Os Mouros que ficaraõ, saltaraõ com o Infante, no meio daquella pressa, e ouveraõse de tal maneira, que alguns delles cahiraõ alli; e outros se tornaraõ, não podendo soffrer a fortaleza daquelles golpes; mas o Infante os não quiz deixar, como fizeraõ da primeira, antes os seguiu, levandoos ante si, até que chegaraõ á sombra dos muros do castello. Alli morrerãõ muitos Mouros; e a razão era, por a estreiteza daquella rua, como são as mais dos Mouros, porque allí tem seus lugares por mais defensaveis, que sendo de ruas mais largas, de que hoje se vê grande final nas Cidades, e lugares de Hespanha, que foraõ suas, em que ha as ruas mui estreitas, e essas não direitas, mas obliquas, de maneira que os Christãos primeiros, e os Mouros derradeiros, não podiaõ alli pelejar, senão mui poucos. Dos quaes sempre foi dianteiro o Infante D. Henrique. E allí se foraõ os Mouros recolhendo até que chegaraõ á sombra dos muros, onde receberãõ algum soccorro, porque se ajuntavaõ alli três muros; o muro do castello, e hum muro de Barbaçote, e outro muro, que parte ás Villas ambas.

Vendose os Mouros entre os muros, e confiando na estreiteza do lugar, e na multidão dos seus, que estavaõ sobre os muros, cuidavaõ que poderiaõ cobrar suas forças, e não era sem razão; porque o lugar era geitoso para poucos poderem fazer muito dano a muitos, se estivessem em baixo, ou os fazerem tornar atraz; e os que o Infante tinha consigo, quando alli chegou, não eraõ mais de dezaete; porque os mais poucos, e poucos se



se apartaraõ d'elle , huns , com cobiga do roubo , outros forçados da grande sede , que traziaõ , por o Sol ser entaõ mui quente , no que sentiaõ mais trabalho , polos mantimentos que comiaõ , serem falgados ; polo que se naõ podiaõ ver fartos de agoa. E com aquelles poucos sustentou o Infante sua peleja perto de tres horas. Andando nella , feriraõ a hum escudeiro , que se chamava Fernaõ Chamorro , que sem nenhum acordo cahio em terra estendido , e os Mouros trabalharaõ muito polo tomar ; mas o Infante , e os que com elle estavaõ , lho tolheraõ ; e sobre aquelle homem durou a contenda hum grande espaço , até que o Infante fez huma sahida , que os Mouros naõ quize-raõ esperar ; e começando de se retrair , foraõ taõ fortemente seguidos , que lhes cumprio por força deixar toda aquella rua , e meteremse por aquella porta , que hia para a outra Villa , e o Infante deu volta com elles ; mas daquelles dezasete , que primeiro o acompanhavaõ , o naõ seguiraõ mais que quatro , que foraõ Alvaro Fernandez Mascarenhas , que despois foi senhor de Carvalho , Vasco Esteves Godinho , e Gomez Diaz , que viviaõ com o Infante , e Fernaõ Dalvarez hum escudeiro del Rey.

Ninguem cria que o Infante , nem aquelles seus quatro companheiros podiaõ escapar ; porque sobre aquella porta estava o muro , que era grosso , e forte , no qual avia duas ordens de amêas , de maneira que de ambas as partes era defensavel , e havia mais huma torre com huma abodeda furada em certos lugares ; e daquela torre sahia a segunda porta feita em volta , e assi hiaõ por entre aquelle muro , e a barreira , até que chegavaõ á terceira porta. E quando os de cima sentiraõ que os Christaõs hiaõ de volta com os seus , puzeraõ -



zeraõse sobre os buracos da abobeda , para com as pedras que lançassem de cima , poderem impedir aquella passagem aos Christaõs , quando fossem por baixo ; mas o Infante passou além com aquelles Mouros , que levava ante si , sem os de cima lhe fazerem dano. O que parece foi , que como os Mouros eraõ muitos , e os Christaõs taõ poucos , recearaõ de lançar as pedras , porque estava mais certo fazerem mal aos seus , que aos Christaõs. Assi que foraõ aquelles Mouros forçados a passarem á terceira porta , o que não foi sem grande trabalho dos Christaõs , e grande estrago dos Mouros , que alli cahiraõ , cujas mortes os de cima lamentavaõ.

Despois de os Mouros passarem a terceira porta , que hia para a Villa de fóra , lembrando-se que se aquellas portas fossem fechadas , que teriaõ elles de todo perdida a esperanza de já mais cobrarem aquella Villa primeira , pozeraõ toda sua força por a impedir. O Infante , e os que com elle estavaõ , desejavaõ o contrario , e trabalharaõ por acabar de fechar aquellas portas ; mas trabalhando muito , não puderaõ fechar mais , que hum das ellas ; porque quando queriaõ fechar a outra , logo os Mouros os acommetiaõ rijamente. Ajudavaõse os Christaõs de hum parede , ante a face daquela porta , que impedia aos Mouros pelegarem muitos ; e assi tanto estiveraõ naquella porfia , que cada hum daquelles escudeiros provou por sua vez o ter maõ naquella porta ; mas não a podiaõ muito espaço soffrer , assi por a força do trabalho , como por o dano , que os Mouros lhe faziaõ nas pernas , com azagaias que lhe metiaõ por debaixo. E como o Infante vio que sua estada alli nada aproveitava , fez de todo soltar as portas , e saltou fóra , e os outros com elle , e começou a



seguir os Mouros, os quoes sem nenhuma mostra de defenſaõ começaraõ a se derramar, como homens que fogiaõ de algum touro. Daquella ida, que os Mouros fizeraõ, teve o Infante tempo para com os seus fechar a sua porta, como desejava; e neste trabalho gastaraõ duas horas.

Como o Infante se metia nos perigos, e tardava tanto, tinhaõ todos para si, que era morto, e naõ ousavaõ de o dizer a el Rey. Mas em fim quando o veio a ouvir, respondeo que fosse em boa hora, pois que morrera em seu officio; e despois que lhe contaraõ o que passara, ouve muito grande prazer, porque lhe queria muito, e nenhum se parecia tanto com elle em tudo, como o Infante D. Henrique. Entre tanto os Mouros, que estavaõ em cima dos muros recebiaõ muita pena, vendo que o Infante lhes tinha a porta fechada, e naõ lhe podiaõ empécer. E isto era por causa da volta do muro, sob cuja sombra se amparavaõ; e a detença que alli fazia o Infante, naõ era a outro fim, senaõ para esperar que fossem alli ter os seus, para pelejar com os Mouros de novo, até os lançar de todo fóra. E quando vio que tardavaõ tanto, mandou a hum daquelles, que com elle estavaõ, que os fosse chamar, ou quaelquer outros que achasse, que o podessem ajudar; cada hum respondeo por si, que de nenhuma maneira o faria, naõ por recear o perigo do caminho, mas porque o naõ queriaõ deixar taõ desacompanhado; e que se alguma cousa lhe recrecesse, seria grande mal naõ se acharem todos com elle; polo que já que a ventura assi acertara, mortos, ou vivos junto a elle os aviaõ de achar.

Como as novas da morte do Infante soaraõ, muitos correrãõ para aquella parte, por onde elle entrou, para terem certeza disso; e quando viraõ o passo



o passo della tão perigoso, tornaraõse tristes, e tinhaõ o Infante por morto; porque além do grande perigo, que era passar as portas, sabiaõ delle que senaõ avia de temperar, sem que passasse além, onde naõ avia remedio que o escuzasse da morte a elle, e aos que com elle foraõ. E que se foraõ vivos despois de tantas horas, já ouveraõ de apparecer; e porque viaõ que estava a morte certa, a quem aquellas portas acommetesse, naõ avia quem as entrasse. Vasco Fernandez de Ataide, que era hum daquelles que vinhaõ buscar o Infante D. Henrique, querendo acommeter a entrada da porta, lhe lançaraõ os Mouros huma grande pedra de cima, com que logo cahio em terra morto, com cuja só morte, de toda a companhia daquelles fidalgos, que vieraõ a Ceita, se pagou todo o risco da tomada daquella grande Cidade; mas Garcia Muniz, que fora guarda do Infante quando era moço, chegando áquelle lugar, e ouvindo o receo, que tinha de sua vida, e de sua tardança, sem mais dilação se arremeçou ás portas; e entrando por ellas, foi ter onde o Infante estava, e o reprehendeo muito pola sobeja audacia, e risco, a que se puzera, entrando por aquellas portas; e lhe pediu se sahisse a parte, onde podesse ganhar honra com mais seguridade de sua pessoa. Assi o fez o Infante, e como veio fóra, ainda teve outros recontros com Mouros, que fez fugir. Nisto lhe chegou recado do Infante D. Duarte, que se fosse para elle a huma Mesquita onde estava; que despois foi Sé Cathedral, e ahi achou todos seus irmaõs.

Entretanto Calabengala, despois que vio que a Cidade era entrada, entendeo que naõ avia outro remedio, senaõ perderse de todo; e a certos seus servidores, de que mais se fiava, entregou suas



mulheres para lhas porem fóra da Cidade. E elle ficou passeando por aquellas casas de seus ricos Paços, chorando tamanha perda, e tão mal cuidada delle, até que cavalgou em hum ginete, e se foi fóra da Cidade. Naquelle dia se fizeram polos Christãos grandes façanhas em armas contra a multidão dos Mouros, que na Cidade avia; e pelejavão como quem tratava de defender as cousas, que dos homens são mais amadas, a lei, patria, mulheres, filhos, e fazenda; mas como os homens daquelle tempo, ainda que mui destros nas armas, no culto das letras, e policia eraõ rudes, não fizeram pôr em memoria os grandes, e heroicos feitos, que naquelle dia se fizeram; porque de crer he que el Rey D. João o I. de boa memoria, e o grande Condestabel D. Nunalvarez Pereira, o Mestre de Christo D. Lopo Dias, e D. Pedro de Menezes, que ficou por Capitaõ da Cidade, e o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalvez Camello não estariam ociosos, mas fariam, e diriam cousas dignas de perpetua lembrança. Porque até Ayres Gonçalves de Figueiredo que (como está dito) era de 90 annos, pelejou todo aquelle dia armado com todas as armas, em que deu grandes mostras de seu esforço; mas o Escriptor, que empredeo escrever aquella jornada, que nós seguimos, e de que só tomámos a informação, e todo o fundamento desta historia, sendo cousa, que passou em seu tempo, fez sospeita sua negligencia, por ser elle criado do Infante D. Henrique, a quem só quiz celebrar, passando polos mais em silencio.



## CAPITULO XCIII.

*Desampara o Alcaide o castello de Ceita : entraõ nelle os Infantes : tirase grande despojo da terra; e o numero dos que morreraõ.*

**M**Orto Vasco Fernandez de Ataide, aquelle grande Portuguez, de que fallámos no Capitulo passado, começaraõ os Mouros de despejar toda aquella primeira Villa, e logo aquelles senhores começaraõ de aver conselho, e determinaraõ, que por aquella noite não fizessem mais que pôr guarda ao castello, para no outro dia o combaterem. E assentando que guarda avia de fer, indo aquelles, que para isso eraõ escolhidos seu caminho; e acertando hum delles de olhar contra o castello, vio estar sobre elle huma banda de pardaes, de que collegio que era Calambegala partido delle com os outros, e o castello despejado; o que sendo dito a el Rey, mandou logo chamar Joaõ Vaz de Almada, que trazia a bandeira de S. Vicente, por ser a da Cidade de Lisboa, e lhe mandou que a fosse pôr sobre a mais alta torre do castello. Indo Joaõ Vaz caminho do castello, e querendo quebrar as portas, que estavaõ fechadas, appareceraõ sobre o muro dous homens, que estavaõ dentro, hum Genovez, e outro Viscainho, e lhe disseraõ que não tomasse trabalho em quebrar as portas, que nenhum impedimento tinhaõ em sua entrada; porque os Mouros eraõ idos, e elles fõs ficaraõ alli, que logo lhe iriaõ abrir. Tanto que o castello foi aberto, entraraõ dentro o Infante D. Duarte, e o Infante D. Pedro, e o Conde de Barcellos, e muitos fidalgos, dando graças a Deos, que por tal maneira os puzera em posse de tudo: e por



e por as muitas cousas , que no castello estavaõ , avia muitos , que se quizerãõ nelle aposentar , e ser companheiros de João Vaz ; mas el Rey o não quiz contentir , e mandou ao Infante D. Henrique , que os fosse fazer sair ; e que a posse do castello ficasse só a João Vaz , e aos seus , onde achou mui rico despojo.

Tanto que o castello foi tomado , mandou logo o Infante D. Duarte a D. Pedro de Menezes seu Alferez , que levasse sua bandeira á outra Villa de fóra , e a puzesse sobre a torre de Fés ; mas isto não se fez taõ facilmente , porque muitos Mouros , que não acabavaõ consigo o deixarem sua amada patria , andavaõ atonitos , e como homens que juntamente queriaõ perder as vidas , onde perdiaõ o mais , se ajuntaraõ , e travaraõ huma grande escaramuça com os Christaõs , que acompanhavaõ a bandeira á sahida da porta , que chamaraõ de Fernando Affonso , na qual mataraõ hum Alferez de D. Henrique de Noronha. Mas isto aproveitou pouco aos Mouros , porque a bandeira hia acompanhada de mui nobres , e esforçados homens , dos quaes eraõ D. Henrique de Noronha seu irmão , Nuno Martinz da Silveira , Nuno Vaz de Castello-branco , e seis irmãos seus , Diogo Fernandez de Almeida , Alvaro Nogueira , Vasco Martinz do Carvalhal , e o graõ Baraõ de Alemanha , que naquella dia mostrou ser hum esforçado cavalleiro , e outros muitos fidalgos , os quaes puzeraõ a bandeira sobre a torre , e a guardaraõ aquella noite ; e D. Fernando de Castro , e D. João seu irmão sahirãõ pola outra parte escaramuçando com os Mouros , até que os lançaraõ fóra por outra , que se chamou de Alvaro Mendez.

Quando veio ás sete horas do dia , a Cidade era de todo liyre dos Mouros , porque huns eraõ

mor-



mortos, outros fugidos; e outros que por fraqueza sua, ou idade se não foraõ, e algumas molheres, e meninos se deixaraõ estar nas proprias casas, onde moravaõ, e onde naceraõ, e não sabiaõ, nem podiaõ desapegar-se dellas. Os quaes foraõ tomados, e cativos pelos Christaõs, a fóra os muitos, que na peleja tomaraõ, e mandaraõ aos navios. Os despojos que se acharaõ na Cidade foraõ mui grandes, de muito ouro, prata, e outras cousas de preço; porque como ella era das mais ricas de toda a Africa, e fertil; e era hum Emporio, aonde de Damasco, e de Alexandria, e de toda a Lybia; e das outras partes de Africa, e Europa vinhaõ muitas, e mui ricas mercadorias, e avia grande concurso de mercadores de diversas naçoens, acharaõ muitas especiarias, drogas, es-carlatas, pannos, sedas, e cousas de volume, que os Mouros não puderaõ levar, de que, segundo o mão, e cruel costume da gente soldadesca, mais foi o dano que fizeraõ, que o proveito que dahi levariaõ; porque não lembrando, que aquella Cidade era já sua, e que daquellas cousas se podiaõ ainda aproveitar, com as farchas, e armas esfarapavaõ os sacos de preciosas especiarias, e as deramavaõ para não prestarem, como cousas que eraõ dos Mouros. E pelas ruas avia corrente de mel, e azeite, conservas, manteigas, como podia haver de agoa.

A occupaçaõ dos nobres eraõ aquella noite fallarem nos calos, que lhes aconteceraõ aquelle dia, e os golpes, que deraõ, e as proezas dos Infantes, e fidalgos. Sobre tudo era louvado o conselho, que el Rey tivera no segredo daquella empreza, sem o qual o não podera acabar; e polo costume que louva os homens, ou os vitupera, e julga as cousas pelos successos, ao Prior do Hospital,



pital, que veio espiar Ceita, e fez a el Rey facil a empreza, e a Joanne Affonso, que foi causa principal de tudo, aos quaes antes de tomarem a Cidade, chamavaõ traidores, que os levavaõ vendidos. Despois de tomada, e de se verem ricos, e honrados, os louvavaõ, e punhaõ nas estrellas; e ao Infante D. Henrique, a quem antes chamavaõ mancebo temerario, quando sollicitava a armada, e incitava seu pai, entaõ o gabavaõ, e lhe davaõ nome de prudente, e esforçado Capitaõ.

Do numero dos Mouros, que na Cidade foraõ mortos, naõ ouve certeza alguma; porque quem escreveo a historia, naõ se achou presente, nem fez nisso diligencia. E os que se acharaõ presentes, como naõ tinhaõ lembrança de se fazer historia, naõ o deixaraõ em memoria, como tambem naõ ficaraõ lembrados muitos feitos notaveis, que na tomada se fizeraõ. Huns faziaõ os mortos dez mil, outros sinco mil, outros mais, e outros menos; mas he de crer, que sendo a Cidade populosa, e tomada taõ de subito; e sendo inimigos da Fé, e taõ infestos a Hespanha, que os soldados Christaõs se encarnicariaõ nelles. Basta que pelas ruas se naõ podia passar com a multidaõ dos corpos, que por naõ corromperem os ares, mandou el Rey lançar no mar; o que se soube em certo he, que dos Christaõs morrerãõ oito, sinco á porta, que Vasco Fernandez quebrou, e tres na Cidade, entrando nelles o mesmo Vasco Fernandez, e o Alferez de D. Henrique de Noronha.



## CAPITULO XCIV.

*Dasse noticia da Cidade de Ceita : qual seja seu proprio nome : benze-se nella a Igreja , e dizem a primeira Missa.*

**O**S Mouros , que da Cidade sahiraõ , como ao outro dia o Sol naceo , tomaraõ suas molheres , e filhos , que estavaõ embrenhados , e os levaraõ para cima da ferra , onde os deixaraõ acompanhados dos mais velhos ; e os que eraõ para pelejar , se vieraõ caminho da Cidade para tentarem sua fortuna fóra dos muros , e provocarem aos Christaõs a sahirem a elles ; naõ porque esperassem cobrar a Cidade , que tinhaõ já perdida com as fazendas , mas porque aos Christaõs naõ custasse taõ barato ; ouveraõ algumas escaramuças , a que o Infante D. Duarte sahio em hum cavallo , que achou , e com elle muita gente , de que ordenou suas batalhas , mas os Mouros naõ quizeraõ decer. Desta maneira corraõ algumas vezes ; ao que querendo o Infante outra vez sahir , el Rey lho estorvou dizendo : que cada dia se inquietariaõ , se ouvessem de sahir aos Mouros , que viessem ; que elle naõ era alli vindo a escaramuçar com elles , fenaõ a lhe tomar a Cidade , de que já estava em posse.

Aos Mouros naõ ficou entaõ mais que fazer , que lamentarem a perdição de sua Cidade , sobre o que diziaõ palavras taõ lastimosas , e cantavaõ cantares taõ sentidos , que moviaõ a compaixão a seus mesmos inimigos. Porque quando viaõ em mãos de seus contrarios aquellas casas , em que naceraõ , e as mesquitas do seu falso Propheta , e os soberbos edificios , que naquella Ci-



dade avia, e as grandes torres, e fortalezas, em que dous dias avia estavaõ pacificos, e a seu parecer seguros; e viaõ suas molheres, filhos, pais, e irmãos cativos taõ repentinamente, queixavaõse em vaõ, e culpavaõ a Deos, e aos homens, que os naõ fouberaõ guardar; e como as cousas nunca se tem em mór preço, que quando se perdem, entaõ se lhes representava a grandeza, e opulencia daquella sua Cidade, e do grande trato, que tantas, e diversas nações nella tinhaõ.

Por esta maneira se ganhou aquella famosa Cidade de Ceita taõ celebrada de Mouros, e Christaõs, e de que a Christandade tanta fogueiçaõ tinha, assi por o dano que faziaõ com sahidas contra o Algarve, e outras partes de Portugal, e outros Reynos de Hespanha, como por a obediencia, que os que passavaõ polo Estreito lhe aviaõ de fazer; porque todas as naos, e quaesquer navios aviaõ de ir demandar aquelle porto, e pagar certo tributo da ancoragem, ou agoada, ou arriscaremse a ser tomados dos Mouros, que infestavaõ aquella costa, naõ levando recadaçaõ. Além disso como estavaõ taõ fronteiros do Reyno de Granada, todas as vezes que os Mouros daquelle Reyno se viaõ em alguma pressa, ou queriaõ meter aos Christaõs seus visinhos nella, tinhaõ o socorro certo. E os Mouros de Africa quando em Hespanha queriaõ fazer entradas, as faziaõ a seu salvo por aquelle porto, e polo do Reyno de Granada, onde eraõ recolhidos; polo que naõ semrazãõ, se chama a Cidade de Ceita chave da Christandade, e terror de Hespanha.

Da origem de Ceita, e sua antiguidade, naõ se acha em Author antigo memoria alguma; e assi he ignoto, como he a de outras muitas Cidades das Provincias de Africa; que sendo antiquissimas,

por



por a barbaria dos que as habitaraõ, e por falta de letras, que saõ as que daõ vida, e nome às cousas, não se sabe dellas. Joaõ Leaõ, que escreveu alguns livros da descripção de Africa, donde elle era natural, e viveo nos tempos chegados a nós com o Papa Leaõ X., a que se dá muito credito, e com razão, segundo pareceo, no que toca às cousas, que os Portuguezes fizeraõ em Africa, conforme a verdade do que passou, diz que Ceita foi huma grande Cidade, edificada de Romanos: e que já foi taõ habitada, e populosa, que lhe chamavaõ Cabeça da Mauritania. Com isto conforma o nome de Septa, que parece ser Romano, á *Sepiendo* por cercar, ou murar: e assi se deve chamar, e não Ceita, como vulgarmente se escreve, como tambem se vê em huma Lei do Emperador Justiniano, que he a segunda do Titulo do perfeito Pretorio de Africa, na qual manda pôr em Septa hum Tribuno com alguns soldados, e navios ligeiros, para guarda do Estreito, e para dar aviso ao Capitaõ, que residia na Cidade de Cesarea, que era a Cabeça da Mauritania (onde Ceita está) do que passasse nas partes de Hespanha, e França; e para o Capitaõ de Cesarea dar aviso ao Mestre da milicia do Oriente, que, segundo parece, era generalissimo Capitaõ dos Capitaes das outras Provincias.

Da mesma maneira lhe chama Procopio, Historiador Grego, e nos livros, que escreveu dos edificios de Justiniano, cujo criado, e Secretario foi, onde diz que na mesma Cidade de Septa mandou o dito Emperador fazer huma Igreja mui sumptuosa, dedicada a nossa Senhora. A qual sospeitaõ, que he a que hoje chamaõ nossa Senhora de Africa; mas sem razão, porque não se parece com a grandeza dos edificios, que Justiniano mandara



fazer que todos eraõ de grande magestade , e a Igreja de nossa Senhora de Africa , diz Joaõ de Barros na primeira Decada de Asia , cap. 7. que a edificou o Infante D. Henrique de fraca architectura , que deve de ser assi , como saõ as coulas dagora.

Outros homens doctos dizem que Septa se diz deste vocabulo numeral *Septem* Latino , que quer dizer *sete* , por estar junto de huma serra , em que ha sete montes levantados , e todos de huma igual altura , a que os Gregos por isso chama-vaõ *Hepta* , *Delphi* , e os Latinos *Septem fratres* , que quer dizer *sete irmãos* , de que Plinio , e outros Geographos fazem menção , e os situaõ naquella parte de Africa , onde está Septa , junto do monte Abyla , que agora chamaõ a Serra Ximera , por os muitos simios , ou bogios , que nella ha , que fazem huma das duas columnas de Hercules , e está da banda de Africa , fronteiro de Calpe , que he outro monte da banda de Hespanha , onde está o lugar de Gibaltar , que fazem a outra columna.

Esta Cidade de Ceita veio despois ser dos Godos , e nella tinhaõ hum senhor , que a governava , até o tempo del Rey Roderico , em que foi tomada pelos Mouros , pola injuria que elle fez á Cava filha de Juliano Conde da dita Cidade ? Que numero de vizinhos tivesse ao tempo , que el Rey D. Joaõ a tomou , naõ o escreveo o Cronista Portuguez , como tambem deixou outras muitas coulas , que tocavaõ á conquista daquella Cidade , de que facilmente pudera entaõ ter informaçõs , se fizera diligencia : Joaõ Leaõ diz que era a mais formosa Cidade , e a mais populosa , que avia na Mauritania , assi por os edificios , templos , e Collegios , onde se ensinavaõ as disciplinas , e letrados em varias sciencias , como polos officiaes de todos os officios.

Nesta



Nesta Cidade se lavrava a obra de mais primor de couro, seda, e coufas de arame, que em nenhuma parte do mundo, e mais estimadas diz que eraõ as peças, que daquelle metal se faziaõ, que de prata, e se levavaõ dalli para muitas Provinças. O termo desta Cidade era mui fresco, e nelle avia muitas, e formolas quintas, e grandes vinhas, de que os Mouros tinhaõ grande colheita de sua passa, de que mais calo se faz entre elles, porque lhes fica em lugar do vinho, que por sua lei lhes he defezo.

A esta Cidade por sua grandeza, e lugar, e sitio, em que está, e por servir de Emporio a Africa, e a Europa, vinhaõ todo genero de aromatas, drogaria, e mercadorias de outros lugares de Africa, e de Alexandria; e as que a Alexandria vinhaõ da India, e doutras partes do Oriente, e as de Italia, França, Hespanha, pelo que era mui rica, e taõ grande, como hoje mostraõ os alicerces dos muros antigos. Polo que os Portuguezes ouve- raõ nella hum grande, e rico despojo.

Desta Cidade, por sua nobreza, fez el Rey Bispo primeiro a Aymaro, que antes era Bispo titular de Marrocos, que o Papa Martinho V. lhe confirmou a quatro dias de Março do quarto anno de seu Pontificado, que foi no anno de 1421. segun- do eu vi pelas mesmas letras, e assi foi Sé Cathe- dral.

A festa feira seguinte, despois de tomada a Cidade, que foraõ vinte tres dias do mez de Agos- to, mandou el Rey a seu Capellaõ mór, que para o Domingo seguinte tivesse prestes a Mesquita ma- ior, para nella ouvir Missa, e prégação. E ao Do- mingo, sendo antes limpa de todas as immundi- cias, que nella avia, foraõ juntos todos os Capel- laes, e outros Clerigos, que vinhaõ naquella com- pa-



panhia, que faziaõ hum grande Collegio; e posto que naõ se achou Bispo algum presente, se benzeo a casa com muita solemnidade, e se fizeraõ os officios com grande magestade, e riqueza de guizamentos, e capas ricas, que para isso avia. E acabada de benzer, começaraõ o Hymno *Te Deum laudamus*, com grande estrepito de mais de duzentas trombetas, que no exercito avia, a fõra atabales, e chamarelas. Ao que ajudava o repique de dous grandes sinos bentos, que os Mouros avia muito tempo trouxeraõ cativos de Lagos, e os homens daquella Villa buscaraõ pola Cidade com muita diligencia; os quaes aquelle dia parece que mostravaõ alegria, e conhecimento de sua liberdade para gloria de Deos.

## CAPITULO XCV.

*Saõ os Infantes armados Cavalleiros, e outros senhores: manda el Rey divulgar a nova de sua victoria.*

**A** Cabada a Missa, os Infantes se foraõ para suas pouzadas a se armar, e todos juntamente tornaraõ á Igreja com grande magestade, e apparato, porque elles eraõ homens de grandes, e formosos corpos, e mui airofos em todos seus meneos, e vinhaõ vestidos de riquissimas armas, e formosas plumagens, e em cima suas cotas de armas. Diante vinhaõ as trombetas, atabales, e chamarelas, e com elles grande companhia de senhores, e fidalgos riquissimamente vestidos, como tambem el Rey, e todo o exercito sahio aquelle dia, em que se avia de fazer o primeiro sacrificio da Missa, naquella profana casa, em que tantos annos se honrara Mafamede, e como



mo chegaraõ ante el Rey , que com grande gozo os via , e com algumas lagrimas , que lhe trouxe- raõ as lembranças de quanto a Rainha sua mo- lher desejava ver aquelle acto , antes que morresse.

O Infante D. Duarte se poz primeiro de joe- lhos , e tirou a espada , que sua mãi lhe dera pa- ra se armar cavalleiro , da bainha ; e beijandoa , a meteo na mão a seu pai , que com ella o fez ca- valleiro , e pella mesma maneira aos Infantes D. Pedro , e D. Henrique. Acabado aquelle acto , os Infantes lhe beijaraõ a mão ; e afastandose cada hum para sua parte a fazer cavalleiros de sua qua- drilha , ficou el Rey fazendo muitos outros. Da mão do Infante D. Duarte receberaõ á ordem de cavallaria o Conde D. Pedro de Menezes , que foi o primeiro Capitaõ de Ceita , D. Joaõ de Noro- nha , e D. Henrique seu irmão , Nuno Martinz da Silveira , Nuno Vaz de Castellobranco , Pedro Vaz de Almada , Diogo Fernandez de Almeida ; e assi outros alguns.

O Infante D. Pedro fez cavalleiros Alvaro Vaz de Almada seu grande servidor , que depois lhe pagou bem aquella honra , querendo ser seu companheiro na morte , como a diante se dirá : fez mais a Ayres Gomez da Silva , filho de Joaõ Go- mez da Silva , Aires Gonçalvez de Abreu , Mar- tim Correa , Joaõ de Ataide , Martin Lopez de Azevedo , Diogo Gonçalvez Travaços , e Fernaõ Vaz de Sequeira. Da mão do Infante D. Henrique foraõ cavalleiros D. Fernando senhor de Bragança , filho do Infante D. Joaõ , Gil Vaz da Cunha , Al- varo da Cunha , Alvaro Fernandez Mascarenhas , Valco Martinz de Albergaria , Diogo Gomez da Silva , Alvaro Pereira , Joaõ Gonçalvez Ozarco.

Tanto que el Rey teve a Cidade em seu po- der , logo mandou recado ao Alcaide mór de Ta-



vira, Martim Fernandez PortoCarreiro, assi por a vontade, que nelle achou de o servir, como porque semeasse aquellas novas polos lugares maritimos de Castella, a que muito importava vir Ceita a mão de Christãos, cujo poder sempre temiaõ, o qual teve por tamanha honra fazelo el Rey logo participante daquella boa nova, que não cabia de prazer, nem acabava de crer tamanha cousa; porque (como elle dizia) muito mais tardava em se cobrir de tinta huma meada de fiado, que a Ceita se mandava tingir, do que durou o cerco, e tomada della. A mesma alegria tiveraõ os moradores de Tavira, a quem se tirou tamanho cuidado, como o em que os punha taõ má visinhança. Tambem mandou el Rey logo messageiro a el Rey D. Fernando de Aragaõ, que foi Alvaro Goncalvez da Maia seu Veedor da fazenda do Porto, dandolhe novas de sua victoria, offerecendolhe o porto de Ceita para suas armadas, quando quizesse emprender alguma conquista de alguns lugares de Mouros, como já tinha tratado. El Rey de Aragaõ, que ficou mui ledo com taõ boas novas, polas quaes deu grandes alviçaras, lhas mandou agradecer, e dizer que estava taõ mal de sua enfermidade, que não sabia se viveria tanto que pudesse ver tamanho contentamento, e valer-se da offerta, que lhe fazia.

Este messageiro, diz Fernaõ Perez de Gusmaõ na Cronica del Rey D. Joaõ II. de Castella, que deu as novas a el Rey de Aragaõ, estando em Perpinhaõ: e Zurara diz, que el Rey de Aragaõ mandou dizer a el Rey D. Joaõ, que logo se viria ver com elle á raia de Portugal, assi doente como estava, para fallarem em seus negocios; e que logo partido Alvaro Goncalvez, começando de caminhar para Portugal, falleceo primeiro, que

Alvaro



Alvaro Gonçalvez tornasse a el Rey com a reposta , he erro manifesto contra a computação dos tempos , porque neste mesmo tempo estava el Rey D. Fernando em Perpinhaõ occupado com o Papa Benedicto , que tinha por hóspede , e esperando por o Emperador Segismundo , que tambem alli veio , por cuja causa entaõ el Rey chegára a Perpinhaõ ao derradeiro de Agosto , para tratarem de negocios taõ arduos , como eraõ pacificar a Igreja de Deos polo scisma , que nella avia por Joaõ , Gregorio , e Benedicto pertenderem o Pontificado : e a morte do dito Rey D. Fernando foi em Abril do anno seguinte de 1416. na Villa de Igoalada , indo a Castella persuadir a el Rey seu sobrinho negasse a obediencia ao Papa Benedicto , de quem estava mui queixoso , e escandalizado ; por fazer proccesso , e dar sentença contra elle de excomunhaõ , e privação de seus Reynos , nem era verosimel , que estando ainda el Rey D. Joaõ em Ceita , o viesse taõ dante maõ ver hum Rey de taõ grave idade , e de doença , ao estremo de Portugal , de huma Provincia de França , onde estava , sem aver causa , nem proposito para isso.

C A P I T U L O XCVI.

*Fica por Capitaõ de Ceita o Conde D. Pedro de Menezes com bom presidio. Parte el Rey para o Reyno ; apremea aos que o serviraõ.*

**C**omo el Rey teve a Cidade pacificamente , e era tempo de tratar da tornada para Portugal , avia diversas opinioes sobre a guarda da Cidade. Polo que el Rey ajuntou os do conselho , a que propoz como sua vontade era deixala sob a guarda de Deos , e obediencia de sua Coroa



Real. E que sua tenção , quando tomara aquella empreza , fora servir nisso a Deos , e tomar huma Cidade nobre , e taõ infesta á Christandade , avendo já sido de Christaõs , e restituila á Igreja de Deos , cuja fora. E que doutra maneira pouco serviço fazia a Deos , se os Mouros logo a ella ouvessem de tornar , e honrar Mafamede , onde já do Corpo de nosso Senhor JESUS CHRISTO fora feito sacrificio ; e que ficando Ceita em mãos de Christaõs , alguns Principes da Christandade , com sancta inveja ; ou os Reys vindouros de Portugal , se moveriaõ a proseguir a conquista de Africa , e revendicarem das mãos dos infieis aquellas terras , que já foraõ de fieis.

A outra razão era , para que os Portuguezes com o ocio , e com os vicios , que logo a paz lhe trazer consigo , naõ perdessem o vigor das armas , e o exercicio dellas ; mas fosse Ceita aos Portuguezes , o que era Carthago aos Romanos , que lhe chamavaõ a sua pedra de aguçar. E que elle era cada dia importunado de seus cavalleiros para lhes dar licença de irem fazer armas por Reynos estranhos ; e que agora teriaõ hum lugar , onde com mais serviço de Deos , e menos trabalho , e despeza as podessem fazer ; e que além disso muitos homens , que por delictos eraõ desterrados do Reyno , se hiaõ por esse mundo , e desnaturavaõ para sempre , e que agora teriaõ hum lugar certo , onde cumprindo com sua justiça , fizessem serviço a Deos , e pudessem tornar as suas terras. Estas , e outras muitas razões urgentes deu el Rey , porque a Cidade senaõ ouvesse de largar ; mas como os homens raramente se concordãõ em hum parecer , ouve divisaõ entre os do conselho , e se partiraõ em duas partes.

Os de huma concordaraõ em tudo com o  
pare-



parecer del Rey ; os da outra diziaõ , que Ceita estava mui afastada de Portugal , e no meio de inimigos , que por vingança de sua injuria trabalhariaõ quanto pudessem , e achariaõ muitas gentes , a que os que em Ceita ficassem , naõ poderiaõ resistir , e a que seria necessario com grande armada soccorrer muitas vezes. O que naõ podia fazer ; e fazendoo , seria com grande despeza , e trabalho seu , e de todo o Reyno ; e que para defenõ de tamanho corpo da Cidade , lhe era necessaria muita gente , e essa escolhida. E que ao que dizia de aver Igrejas em Africa , em que se celebrassem os Officios Divinos , que muitas avia no Reyno destruidas , onde esse cuidado de as levantar , e restaurar seria melhor empregado , que em fazer outras de novo ; e que mais respeito se devia ter aos homens , que eraõ templos vivos de Deos , segundo o Apostolo , os quaes ficavaõ entre infieis arriscados a perigo das vidas , e das almas. E alêm disso , que se os homens de Portugal soubessem em certo , que a pena de seus delictos avia de ser degredo para tal parte , naõ receariaõ delinquir.

El Rey lhes respondeo , que os inconvenientes , ou proveitos , que podia aver em sustentar Ceita , já os tinha cuidado , e examinado , antes que sobre ella viesse ; e que pois por servico de Deos a ganhara , e com sua ajuda , com a mesma esperava de a sustentar.

Naquelle mesmo conselho disse el Rey a Martim Affonso de Mello fidalgo principal , que se fizesse prestes para ficar por fronteiro naquella Cidade ; e que elle deixaria com elle fidalgos , que bem o ajudassem , e as cousas , que fossem necessarias para sua defenõ. Era Martim Affonso hum cavalleiro mui esforçado , e aceito a el Rey , e bem exercitado na guerra ; e que fóra do costume ,



e rudeza dos fidalgos daquelle tempo , escreveo hum tratado da disciplina militar. E sendo esta offerta del Rey muito de sua honra , lhe pedio tempo para deliberar. Mas a sua deliberação não foi honrosa , porque por conselho de dous homens seus familiares , que quizerão livrar-se de ficar com elle , se escuzou deste cargo ; o que de todos lhe foi mui estranhado.

El Rey sabendo por cujo conselho Martim Affonso se escuzara , e o fim porque lho meterão em cabeça , mandou que entre os que em Ceita ouvessem de ficar , fossem aquelles dous conselheiros. E antes que el Rey fizesse outra eleição de Capitão , D. Pedro de Menezes mandou pedir a el Rey polo Mestre de Christo seu primo , lhe fizesse mercê daquella Capitania , porque sua determinação era ficar alli , o que lhe el Rey concedeo. E Ruy de Sousa , que depois foi Alcaide mór de Marvão , foi o primeiro fidalgo , que requereo a el Rey que o deixasse naquella Cidade com 400. homens seus bem armados , o que lhe el Rey agradeceo.

Então disse el Rey aos Infantes que escolhessem de suas casas certos fidalgos , e escudeiros , que ficassem alli. Os que ficaraõ foraõ estes: Lopo Vaz de Castellobranco Monteiro mór del Rey , e Alcaide mór de Moura , que ficou por Coudel de todos os del Rey , que por numero eraõ 300. Os do Infante D. Duarte ficaraõ á governança do Conde D. Pedro de Menezes. Os do Infante D. Pedro com Gonçalo Nunes Barreto. Os do Infante D. Henrique com João Pereira , que fez muitas coufas notaveis naquella Cidade , e em outras muitas partes , aonde foraõ elle , e outros homens de prego antes da tomada de Ceita , os quaes andando nas guerras de França , e Inglaterra , como ouvi-  
raõ



raõ novas da armada , que el Rey fazia , vieraõ logo para o servir. Os companheiros de João Pereira eraõ Diogo Lopez de Soula , Pedro Gomez Malafaya , Alvaro Mendez Cerveira. A fóra estes ficaraõ em Ceita Ruy Gomez da Silva , Pedro Lopez de Azevedo , Luiz Vaz da Cunha , Fernaõ Furtado , Alvaro Anes Sarnache , João Ferreira , Diogo de Ciabra , Mem Ciabra , Lourenço de Elvas , Diogo Alvarez Barbas , Gomez Diaz , Pedro Vaz Pinto ; finalmente com toda a gente faziaõ forma de dous mil e quinhentos homens. Ordenado isto , mandou el Rey ao Infante D. Henrique que fosse meter de posse do castello ao Conde D. Pedro ; e que nenhuma homenagem quera delle , se naõ o conhecimento , que tinha de sua bondade. E assi foi o Infante tomar o castello da maõ de João Vasquez de Almada , e dallo ao Conde D. Pedro , a quem entregou as chaves de sua maõ , e o deixou metido de posse.

Estando as cousas da Cidade todas postas em ordem , determinou el Rey de se vir a Portugal ; e a huma segunda feira , que foraõ dous dias do mez de Setembro daquelle anno de 1415. sendo prestes a frota para partir , todos aquelles fidalgos , que ficavaõ em Ceita , vieraõ beijar a maõ a el Rey , aos quaes elle fez grande gazalhado , e ao Capitaõ encommendou o bom , e suave tratamento daquelles fidalgos , e da mais gente ; e aos fidalgos a obediencia ao Capitaõ.

E tanto que el Rey foi dentro de sua Galé Real , mandou fazer final , para que todos os outros navios largassem as vellas ; e assi começaraõ a fazer viagem para o Algarve , com grande prazer de todos os da armada , e grande laudade dos que ficavaõ em Ceita , que com lagrimas os estive-  
raõ vendo todo aquelle dia de cima dos muros ; e  
assi



assi aportaraõ todos em Tavira. Aqui chamou el Rey seus filhos , e lhes disse , que por o muito serviço que delles naquella jornada recebera , os queria galardoar , tirando ao Infante D. Duarte , a quem por ser successor , e herdeiro de seus Reynos , naõ avia em que o melhorar. Mas que ao Infante D. Pedro fazia Duque de Coimbra , e ao Infante D. Henrique Duque de Viseu ; e que por o grande trabalho que levou na armada , que fez no Porto , e na tomada de Ceita , o fazia tambem senhor de Covilhaã. Os Infantes todos tres beijaraõ a maõ a el Rey , e com muita solemnidade foraõ feitos Duques , e alli em Tavira despedio el Rey com muitas mercês , e dadivas todos os que o foraõ servir , e com palavras cheas de agradecimento ; e as naos dos estrangeiros , que o levarãõ , com bons pagamentos.

## CAPITULO XCVII.

*Vem el Rey a Portugal : trata de pazes com Castella : he neste tempo cercada Ceita , e soccorrida del Rey.*

**T**Anto que el Rey despedio suas gentes , encaminhou para a Cidade de Evora , onde estavaõ os Infantes seus filhos D. Joaõ , e D. Fernando ; e como da vinda del Rey se soube , os Infantes com o Mestre de Aviz , e toda a gente da Cidade o sahiraõ a receber com grandes alegrias , onde ouve muitas lagrimas de contentamento , vendo tornar seu Rey , que todos amavaõ como pai , diante do qual vinhaõ as molheres , e mininos cantando cantigas de seus louvores ; e vindo ao Paço , achou a Infanta Dona Izabel sua filha , além das damas , e donas de sua casa , a-  
com-



companhada de todas as nobres molheres, que avia naquella Cidade, que á falla o veio receber. Esta publica alegria era maior, por virem todos sãos, e salvos, sem aver luto, nem choros por mortos na guerra, que he o prego porque se compraõ as vitorias; e por a tornada ser taõ em breve, como era em espaço de pouco mais que hum mez, parecia a todos aquella obra, que el Rey fizera humma grande, e memoravel façanha; e muito mais quando se lembravaõ, que tomaraõ Ceita em taõ poucas horas.

Estavaõ neste tempo em suspenso as pazes com Castella até el Rey as confirmar, polo que no anno de 1318. mandou el Rey D. João de Portugal a el Rey de Castella seus Embaixadores negociar a paz perpetua, em que já tinhaõ fallado muitas vezes; mas os Castelhanos, posto que por humma parte viaõ polos danos passados, de que ainda estavaõ as chagas frescas, quam importante era aos póvos de Castella a paz, que se pedia, fazia selhes vergonha concedela, avendo recebido tanto dano dos Portuguezes, e sendo taõ pouco avia passada a batalha de Algibarrota, onde os pais, irmãos, e parentes de cada hum dos grandes de Castella, daquelle conselho, morreraõ, que elles muito desejavaõ vingar, ou ao menos mostrar que esperavaõ occasiaõ de vingança. Polo que lhes foi respondido, que el Rey naõ era de idade, e que por isso naõ podia determinar nada até que cumprisse quatorze annos, em que avia de tomar o governo de seus Reynos, e que entaõ podiaõ vir.

No seguinte anno de 1419. polo mez de Junho, sendo já vindo o tempo em que el Rey cumpria os quatorze annos, para que dilatou as pazes, tornou el Rey a mandar Embaixadores a Castella, aos quaes em presença del Rey, e dos Infantes de Ara-



Aragão , e dos mais senhores , que ahi eraõ , propuzeraõ a el Rey que bem sabia como outra vez eraõ vindos Embaixadores del Rey seu senhor a concertar as pazes , de que se tinha tratado ; e como se dilatou a reposta para aquelle tempo , em que elle fosse de idade , que pudesse administrar seus Reynos ; e que pois pola graça de Deos o tempo era vindo , e a idade , em que a administração delles lhe era dada , lhe aproveesse responder o que neste caso lhe aprazia ; porque a paz entre os Christaõs era a Deos mui aceita , e que a todos convinha buscaremna : para o que hum Doctor , que entre os Embaixadores vinha , propoz muitas couças das Santas Escrituras , e Santos Doctores , porque a paz se devia dar aos que a pedião , mórmente sendo Christaõs , e parentes taõ conjunctos , aos quaes el Rey respondeo que deliberaria nisto com os de seu conselho , e lhes responderia. Chamados todos os do conselho , ouve entre elles grande diversidade de opinioẽs ; e por isso el Rey respondeo aos Embaixadores , que elle determinava mandar tambem a Portugal seus Embaixadores com a reposta , do que lhe tinhaõ proposto ; e com isso os despedio.

Despois que a Cidade de Ceita se ganhou , nunca os Mouros se aquietaraõ ; mas como era Cidade taõ importante ao Estado daquellas Provincias de além do mar , e aos dos Reys de Granada , sentiraõ em grande extremo a perda della , e nunca deraõ dia de ocio ao Conde D. Pedro de Menezes Capitão. Porque assi os Mouros naturaes da Cidade , como os comarcaõs , sempre continuaraõ por mar , e por terra a fazer todo o dano , que pudessem ; e posto que o regimento , que el Rey deu ao Capitão , era naõ sahir da Cidade sem grande necessidade.



Os fidalgos Portuguezes, que eraõ homens affinalados, e esforçados, soffriaõ mal estarem encerrados, vendo os Mouros que os vinhaõ provocar, e naõ lhes fahir, lhes parecia vergonhoso. E muitas vezes com licença do Capitaõ, que lha dava, fahiaõ a escaramuçar com elles, de que sempre os Mouros por mar, e por terra tornavaõ descontentes, e menos dos que vinhaõ. Nos quaes encontros ouve feitos notaveis, que em historia particular do Conde D. Pedro escreveo Gomez Anes de Zurara Cronista, por mandado del Rey D. Afonso V., onde ao largo se podem ver, polo que Ceita se sustentou polo grande esforço, e prudencia de taõ valoroso Capitaõ; e se defendeo com grande honra da nação Portugueza, com tanta multidão de inimigos, e Reys contrarios de huma banda do mar, e da outra.

Neste trabalho continuo esteve o Conde D. Pedro, até este anno de mil quatrocentos e dezanne, em que veio a outros maiores; porque até li naõ ouve cerco ordenado, nem se ajuntou grande multidão de Mouros, com proposito de ganharem a Cidade, mais que de desfazerem pouco e pouco aos Christãos, esperando que vencidos de tantos trabalhos, lhes largassem a Cidade, naõ na podendo sustentar: e a causa de naõ virem os Mouros com mais poder porlhe cerco, como todos elles desejavaõ, eraõ as divisoões, e continuas guerras, que entre elles entaõ avia; porque Mulei Buçaide, e Aco seu irmão contendiaõ sobre o Reyno de Fez; Mulei Buali Rey de Marrocos com hum grande senhor seu Vassallo por outra parte trazia grandes differenças, de maneira que sempre tiveraõ que fazer em suas casas; polo que naõ poderaõ acudir a Ceita. Mas el Rey de Granada da tomada da Cidade recebia muito dano, além do geral, que



lhe tocava como Mouro ; porque além da perda dos navios , e gentes , que os Christãos lhe tomavam cada dia , seu governo , e esperanças , e toda ajuda contra el Rey de Castella , que tinha por vizinho , e em continua guerra , pendia dos Reynos de Benamarim , e Marrocos ; polo que com muita instancia requeria áquelles Reys , que acabassem suas contendas ; e convertendo suas iras , e armas contra os Christãos , tornassem pola honra de sua lei , e de sua terra ; e para isso os provocava a miude com Embaixadores , para se ajuntarem , e pôr cerco a Ceita.

Polo que como Buçaide teve morto seu irmão , e teve de paz seu Reyno , el Rey de Granada fez acordarse el Rey de Marrocos com seu contrario , e tratou com todos , e com Calabengala , que fora senhor de Ceita , que lhe largassem o senhorio della para a Coroa de Granada ; e que elle viria contra os Christãos com todo seu poder , assi por mar , como por terra ; porque certo estava , que sem armada não podiaõ acommeter aquelle negocio com seu proveito , mas com seu dano certo.

Tanto fez el Rey de Granada até que se ajuntaraõ , e por mar , e por terra cercaraõ Ceita , e a combateraõ por muitas vezes , com grande perda , e mortandade sua , até que se levantaraõ ; o que foi mais para cobrar novas forças , que para deixar o começado. Polo que vindo de novo com maior poder , a pozeraõ em tanto aperto , que não podendo já os Christãos matar tantos , nem continuar , sendo taõ poucos , a defensaõ de tamanha Cidade , como ainda entaõ era Ceita , pediraõ socorro a el Rey , que a isso mandou os Infantes D. Henrique , e D. Joaõ , pelo que os Mouros foraõ vencidos , e levantaraõ o cerco , e se foraõ muitos menos dos que vieraõ. Naquelles annos despois da

toma-



tomada de Ceita, e naquelles cercos se fizeraõ tantos feitos affinalados, que contandose, parecem incriveis; o que tudo se attribuia ao esforço, e vigilancia do Conde D. Pedro, que de todos era amado, e obedecido, e auido por maior Capitaõ, que avia naquelle tempo, polo que el Rey lhe fez sempre affinaladas honras, e mercês.

C A P I T U L O XCVIII.

*Manda o Infante D. Henrique descobridores das Ilhas de Porto Santo, e Funchal.*

**N**O anno de mil e quatrocentos e vinte, que na memoria dos homens deve sempre ser lembrado, se comegaraõ os descobrimentos de mares, e ilhas, que foraõ principio de as portas do Oriente se abrirem aos Portuguezes; e as do Occidente, e novo mundo se manifestarem aos Castelhanos, por esta maneira. Sendo o Infante D. Henrique, delpois que de Ceita veio, mui desejoso de descobrir terra ao longo da costa, de que os Portuguezes até aquelle tempo não sabiaõ mais que até o *Cabo de Não*, tendo por taõ impossivel passalo, que por proverbio se trazia naquelle tempo entre os navegantes Hespanhoes: *Quem passar o Cabo de Não, ou tornará, ou não*; mandou tantos navios, até que chegaraõ ao cabo de Bodajor, que está dentro do cabo de Não sessenta legoas, e alli pararaõ todos; porque como a navegaçaõ daquelles antigos era não se affastando da costa, e alli as agoas tem grande corrente, e parece que fervem pelos baixos, que alli ha, de que elles se não sabiaõ afastar, fazendo-se ao largo, parecia-lhes que o mar dalli a diante era todo aparcelado, e que se não podia navegar; mas o espirito



do Infante não se satisfazia, a que parece Deos revelava tudo o que despois foi.

Vindo o Infante de Ceita, João Gonçalves Zarco, e Tristaõ Vaz Teixeira dous seus criados, que na guerra de Ceita o tinhaõ bem servido, onde de sua maõ elle armara cavalleiro ao dito João Gonçalves Zarco, se lhe offereceraõ, que se para os descobrimentos, que emprendia, armasse alguns navios, os mandasse nelles; porque entendiaõ que nisso o podiaõ bem servir. O Infante, que nenhuma couza mais desejava, agradecendo-lhes as boas vontades, mandou armar hum navio, e deulhes por regimento, que corressem a costa de Berberia, até passarem aquelle temido cabo Bojador, e dahi fossem descobrindo o mais que achassem. A estes cavalleiros antes que chegassem á costa de Africa, succedeo tamanho temporal de ventos contrarios a sua viagem, que se deraõ por perdidos, por ser o navio pequeno, e o mar taõ grosso, e levantado, que parece que os comia. Polo que lhes cumprio correr em arvore seca á vontade delle; e como os marinheiros naquelle tempo eraõ costumados a navegar á vista de terra, e segundo lhes parecia, eraõ mui alongados da costa de Portugal, andavaõ attonitos, sem saberem em que paragem eraõ; mas cessando aquella tempestade, que para elles foi de felicissimo successo, acharaõse á vista de huma Ilha, a que por os segurar do perigo, em que se viraõ, lhe chamaraõ Porto Sancto.

Vista a Ilha, e sitio, e disposiçaõ della, se tornaraõ ao Reyno dar nova della ao Infante, elle ficou taõ contente com aquelle primeiro fructo, que via de seus trabalhos, que lho não sabia encarecer, e muito mais por lhe dizerem, que por os bons ares, e frescura da Ilha, queraõ lá tornar, e prova-la, por verem que a terra era grossa, para fru-



fructificar todas as plantas, e sementes; e não sómente João Gonçalves, Tristão Vaz, e os de sua companhia se offerecerão a povoar aquella Ilha, mas outros muitos, e entre elles Bertholameu Perestrello, fidalgo do Infante D. João, por comprazer ao Infante D. Henrique.

Vendo o Infante o alvoroço, com que aquella gente hia á Ilha, mandou armar tres navios, de que hum deu a Perestrello, e outros dous a João Gonçalves, e a Tristão Vaz. Todos hiaõ apercebidos de todas as sementes, plantas, e cou-las, como colonos, que hiaõ povoar, e assentar naquella terra; e entre outros animaes, que levavaõ, foi huma coelha prenhe, que em huma gaiola mandara levar Bertholameu Perestrello, que pelo mar pario, de que todos ouveraõ grande prazer, tomandoo por bom pronostico do que na terra avia de fazer; mas a cousa succedeo ao contrario, porque chegados á Ilha, e solta a coelha com seu fructo, em breve tempo multiplicou tanto, que não podia aver planta, nem cousa que os coelhos, que ferviaõ como bichos, não roessem. Polo que importunados daquella praga, começaram de aborrecer a terra, e Bertholameu Perestrello se veio para o Reyno.

Dalli da Ilha do Porto Sancto apparecia huma certa sombra grande, em que João Gonçalves, e Tristão Vaz se não podiaõ determinar; porque humas vezes lhes parecia que eraõ nuvens grossas, hora lhes parecia que era terra. Finalmente como naquella parte não viaõ lugar-de-sombra-do, como em outras partes, movidos do desejo de investigar o que era, em dous barcos, que fizeraõ de madeira da Ilha, em que estavaõ, passaraõse áquelle lugar, em que acharaõ huma Ilha grande, a que por o espesso, e muito arvoredado de



que era cuberta , chamaraõ da Madeira. Esta Ilha por razãõ da humidade de muitas agoas , que nella avia , e espessura do arvoredõ , porque os vapores da terra não se podiaõ exhalar livremente , fazia que parecessem alli nuvens grossas. Joaõ Gonçalves com seu barco ( segundo dizem ) sahio em terra naquella parte da Ilha , onde agora chamaõ Camara de lobos , junto do Funchal , e Tristaõ Vaz sahio na ponta de Tristaõ , que se chamou assi de seu nome. E por a sahida que cada hum fez nestes lugares ; lhe coube a forte da terra , que lhe foi dada pelo Infante em Capitania.

O arvoredõ desta Ilha era taõ espesso , que não avia outro lugar descoberto mais que huma grande lapa , a modo de camara abobedada , que se fazia debaixo de huma terra eminente sobre o mar. O chaõ daquella lapa , dizem que estava trilhado dos pés de lobos marinhos , que alli hiaõ ter. Polo que áquelle lugar Joaõ Gonçalves chamou Camara de lobos , e della tomou o appellido de Camara , que deixou a sua descendencia. O Infante despois que estes Capitaes vieraõ ao Reyno por consentimento del Rey seu pai , repartio a Ilha em duas Capitancias : a Joaõ Gonçalves , como pessoa mais principal , deu de juro a Capitania , que chamaõ Funchal , onde se edificou a Cidade daquelle nome. A Tristaõ Vaz deu tambem de juro , onde hora está a povoação de Machico ; a Bertolameu Perestrello deu a Ilha do Porto Sancto ; cuidando que lhe dava boa parte ; mas o tempo mostrou que foi a menor parte. Porque as cousas da Ilha com as plantas dos affucares , e mais cousas , foraõ em grande crescimento , e as da Ilha de Porto Sancto , por causa dos coelhos , que os moradores não podiaõ vencer , não se povoou tanto como a da Madeira , e por não aver ribeiras para regar as fazendas. En-



Entretanto el Rey vendose em paz, e quieto, só se occupava na reformação dos bons costumes, e governo da justiça de seus Reynos, e por ser já introduzido no Reyno de Aragoão, desde anno de 1358.; e no de Castella de 1383, que se não contassem mais os annos da era de Cesar, como até então se fazia, mas da cousa mais admiravel, e pera os homens mais se lembrarem de quantas no mundo aconteceraõ, que era fazerse Deos homem: parecendo a el Rey D. João cousa absurda, e indecente, que em seus Reynos se contasse mais da era de Cesar, e por o commercio, que tinha com aquelles Reynos comarcaõs, em que fazia confusão a diversidade de contas, fez huma lei, porque mandou que o anno de mil e quatrocentos e sessenta, se dissesse do nascimento de mil e quatrocentos e vinte dous; e assi se continuasse dahi em diante, por a era de Cesar levar de excesso ao nascimento de nosso Senhor trinta e oito annos.

C A P I T U L O X C I X .

*Assenta el Rey de Portugal tregoas com o de Castella: Faz o Infante D. Pedro sua peregrinação: Faz el Rey algumas leis para a Justiça.*

**N** Este mesmo tempo, querendo el Rey D. João de Castella satisfazer ás embaixadas del Rey de Portugal, que no tempo de suas tutorias avia mandado á Ráinha sua mãe, e ao Infante D. Fernando seu tio, pedindolhe paz perpetua, que se avia outorgada, até elle ser de idade, e sobre o mesmo negocio aviaõ ido outras vezes, como acima está dito, a que respondeo que man-



mandaria seus Embaixadores a Portugal, determinou de o pôr em execução. E mandou a Portugal D. Affonso de Carthagená Deão de Sanctiago, e de Segovia de seu conselheiro, que depois succedeo a seu pai D. Paulo no Bispado de Burgos, e com elle João Affonso de Camora seu Escrivão da Camara; e mandou ao Deão que fizesse treguas com el Rey de Portugal, por o menos tempo que pudesse, com certas condições, que levava por comissão.

Sobre o concerto destas pazes esteve o Deão de Sanctiago em Portugal todo o resto daquelle anno, e alguns mezes do anno seguinte de 1423. com que encheo o tempo de hum anno inteiro, por a muita differença que avia, do que el Rey de Portugal pedia; ao que el Rey de Castella queria conceder. A primeira differença era, que el Rey de Portugal queria que as pazes, ou treguas se outorgassem na forma, que a Rainha Dona Catharina, e o Infante D. Fernando as tinham outorgadas, no que el Rey de Castella não queria succeder. Mas depois de muitas altercações passadas entre el Rey, e o Deão de Sanctiago, se concluíram por esta maneira que fossem as treguas até el Rey de Castella ser de vinte nove annos, como Fernão Perez escreve na Cronica do mesmo Rey D. João II. porque sómente se assentaram por onze annos que avia, até el Rey ser dos vinte nove; e que se algum dos Reys não quizesse estar pelas treguas do dito tempo em diante, não pudesse fazer guerra ao outro Rey sem lho fazer a saber anno e meio antes, que a começasse.

E porque muitas pessoas do Reyno de Castella aviam recebido dano del Rey de Portugal, e de seus Reynos; e muitos de Portugal o aviam também recebido del Rey de Castella, e de seus Rey-



Reynos , que fossem deputados dous Juizes , hum da parte del Rey de Castella , e outro da parte del Rey de Portugal , para que ouvissem , e determinassem as demandas , que ante elles fossem postas , e dessem nellas sentenças , segundo o que por direito achassem : e que estes Juizes estivessem juntos certo tempo em hum lugar de Castella , que fosse fronteiro de Portugal , e outro tanto tempo em outro lugar de Portugal fronteiro de Castella. E para publicar estas pazes , que estes dous Juizes fossem juntos , e que se apregoassem em pessoa de cada hum dos Reys , e dos Embaixadores da outra parte.

Assentado isto assi , mandou el Rey de Portugal a el Rey de Castella por seus Embaixadores D. Fernando de Castro , e o Doctor Fernando Afonso da Silveira do seu conselho , para em sua presença as treguas se apregoarem na Corte de Castella ; e assi se apregoaraõ na fórma , que era acordado. Estava el Rey de Castella na Cidade de Avila , ao tempo que os Embaixadores foraõ , e avia justas , em que D. Fernando de Castro como destro naquelle exercicio , mais que no officio de Embaixador , quiz entrar. Polo que dizendo a el Rey , a que muito aprouve , como moço que era , e mui inclinado a justar , o dito Embaixador , contra o decóro de seu officio , que he representar na gravidade , e authoridade a pessoa , que o manda , e naõ se entremeter em cousa ludrica , e de jogo , como he o das justas , sahio a ellas mui bem armado , e acompanhado de D. Fadrique de Castro Conde de Trastamara seu primo , que depois foi Duque de Arjona , e de muitos fidalgos outros ; e correndo tres , ou quatro carreiras , sem encontrar , nem ser encontrado , Ruy Diaz de Mendoça , que foi mordomo mór del Rey , lhe deu ta-



manho encontro nas cordas do escudo, que D.Fernando, e seu cavallo foraõ ao chaõ. E tamanha foi a quèda, que esteve fóra de si, amortecido, duas, ou tres horas, e em cama tres dias, pola qual razão as justas cessaraõ. E com muitas dadivas, e favores foi despedido del Rey. E porque as treguas se aviaõ de apregoar tambem em Portugal, tornou el Rey de Castella a mandar a isso o mesmo Deaõ D. Affonso de Carthagená, e Joaõ Affonso de Camora, em cuja presença foraõ apregoadas.

Como ouve pazes assentadas por aquelles mesmos annos, que a todos pareciaõ serem já perpetuas, o Infante D. Pedro, que era Principe de altos espiritos; vendose solteiro, por lhe naõ passar o tempo sem alguma honrosa occupação, determinou de fazer alguma peregrinação, na qual além de visitar o Sancto Sepulcro de Hierusalem, e outros lugares sanctos, que desejava ver, visse tambem terras, e as Cortes de alguns Principes, e os conversasse; sabendo quanto, para a prudencia humana faz ver costumes de muitos homens. Polo que no anno de 1424, com alguns fidalgos, e criados, que bastassem para o serviço de sua pessoa, e lhe naõ fossem impedimento a sua viagem, com muito dinheiro, e credito para todas as partes, como quem era, sahio da casa del Rey seu pay, e foi peregrinando. E como elle era filho de hum Rey taõ nomeado, e liado por sangue com todos os Reys Christaõs; e por sua pessoa taõ valoroto, e de grande authoridade, por ser já áquelle tempo de trinta e dous annos, foi em todas as partes, assi da Europa, como de Asia, e Africa, tratado como as pessoas dos mesmos Reys das terras, entre os quaes, por sua grande prudencia, ganhou muita honra, usando com as gentes, por onde passava, de muita liberalidade; porque com os cavalleiros,



leiros , e pessoas menores , gastava o seu , e o que os Principes lhe davaõ.

Indo á Corte do graõ Turco , que naquelle tempo reynava , e á do graõ Soldaõ de Babilonia , de todos recebeo muitas honras , e gazalhados , e presentes , que lhe faziaõ. Das quaes partes , e das outras vindo para Roma , foi recebido do Papa Martinho quinto , que entaõ presidia , com muita honra , por o grande preço de sua pessoa , além de ser filho de tal Rey , e entre muitas graças , que concedeo , de seu motu proprio , foi huma Bulla , porque lhe aprouve , que os Reys de Portugal pudessem ser coroados , e ungidos , como saõ os Reys de França , e de Aragaõ. Na qual o Summo Pontifice com muitas palavras exaggerava a grande sabiduria , e qualidades do Infante D. Pedro.

De Italia se passou a Alemanha , e a Ungria , e ao Reyno de Dacia , cujos Reys tinhaõ descendencia dos de Portugal , onde ( como conta Eneas Silvio , que despois foi Papa Pio II. na historia de Boemia ) com gente que ajuntaraõ el Rey de Dacia , e o Infante D. Pedro ajudaraõ ao Emperador Segismundo ; e polas muitas cousas , que o Infante fez contra os Turcos , e em Italia contra Venecianos , lhe fez o Emperador doação da Marca Trivisiana , que com ajuda do Infante ganhou , segundo consta pola propria doação , que eu vi na torre do Tombo , em que se contém grandes louvores do Infante ; o qual Estado , parece por as condiçoẽs das pazes , que o Emperador fez com os mesmos , tornou a quem antes o possuia.

De Alemanha veio a Inglaterra , que elle muito desejava ver , por ser patria da Rainha sua mãi , pola qual elle parecia natural Ingrez ; e assi era chamado de todos , aonde de el Rey Henrique quarto foi recebido com muitas honras , e festa ; e



assi o foi del Rey de Castella seu primo com-irmão, que lhe sahio ao encontro, meia legoa de Aranda do Douro, onde estava, e lhe offereceo ricos presentes; e del Rey de Navarra seu sobrinho, que o sahio a receber de Pena Fiel, recebeu outros taes presentes de cavallos ajaezados de grande preço; por esta taõ longa peregrinaçaõ, em que galtou quatro annos, veio a gente vulgar a lhe chamar o Infante, que andou as sete partidas do mundo, e escrevem á sua conta muitas fabulas, que naõ virão, nem avia. Da qual peregrinaçaõ o Poeta Joaõ de Mena faz mençaõ entre outros louvores do Infante.

Neste mesmo tempo vendose el Rey de Castella mui embaraçado, e receoso de guerras com el Rey de Aragaõ, além das que com os Infantes seus irmãos trazia, sobre a prizaõ do Infante D. Henrique, por naõ ter concluido na eleiçaõ dos Juizes, que avia de nomear para restituicaõ dos danos, que os Castelhanos, e Portuguezes tinhaõ recebidos huns dos outros, tornou a mandar a isso o mesmo Deaõ de Sanctiago, D. Affonso de Cartagena a Portugal, para se nomear de cada Reyno seu Juiz.

El Rey D. Joaõ, com a paz, naõ estava ocioso, e todo o tempo occupava no governo de seu Reyno, e reformaçaõ da justiça, e costumes; para o que fez muitas leis, que estaõ enxeridas nos livros das Ordenaçoẽs, que hoje estaõ em uzo: além disso, no anno de 1425. por conselho do Doctõr Joaõ Fernandez das Regras, que era grande letrado, ordenou hum livro em lingua Portugueza; em que se ajuntassem as leis do Codego de Justiniano mais practicaveis neste Reyno, com algumas declaraçoẽs de Accursio, e Bartholo sobre ellas, de maneira que as opinioẽs de Accursio, e Bartolo approvadas.



das por elle , fossem authenticas , e valessem como leis , e por ellas se determinassem as cousas. Isto tudo foi por a grande afeição , que o Doctor João das Regras tinha a Bartolo , cujo discipulo fora em Bolonha , de que teve origem a lei deste Reyno , que manda que na decisaõ das causas se siga a opiniaõ de Bartolo , quando naõ ouver texto , nem glossa , ou commum opiniaõ em contrario.

C A P I T U L O C.

*Casamento do Infante D. Duarte com a Infanta Dona Leonor : festas , que fizeraõ a esta senhora no caminho , e sua chegada a Portugal.*

**E**Ra já o Principe D. Duarte de idade de 36 annos , e sem casar , fóra do costume dos primogenitos dos Reys , por respeito que el Rey seu pai teve em quanto andou em guerra , ou a podia ainda ter com algum Rey Christaõ , para ver onde lhe cumpria liar-se. Polo que como esta razã cessou , veio-se a concertar com el Rey D. Affonso de Aragaõ , e de Napoles , estando fazendo Cortes em Valença no anno de 1428 para o casar com a Infanta Dona Leonor sua irmãa , que estava em Castella com a Rainha Dona Leonor sua mãi ; polo que mandou a isso por Embaixador , e procurador de seu filho a D. Pedro de Noronha Arcebispo de Lisboa , neto del Rey D. Fernando de Portugal , filho da Condessa Dona Izabel sua filha natural , e neto del Rey D. Henrique 2. de Castella , filho de D. Alvaro Conde de Gijon.

Trouxe esta Princeza em dote duzentos mil florins ; cem mil lhe deu a Rainha sua mãi , e os outros cem mil avia el Rey de Aragaõ de dar em dez annos ; á qual se deraõ de arras trinta mil florins de



de ouro de Aragaõ , e assignou-lhe por Camara ametade das rendas , que tinha a Rainha Dona Philippa mãe do Infante. E que succedendo elle no Reyno , tivesse tudo o que a dita Rainha tinha. Entre outras mais condições se assentou , que el Rey de Portugal , e os Infantes seus filhos , por mostrar perpetuo amor aos Reys de Aragaõ , e de Navarra , e aos Infantes D. Henrique , e D. Pedro seus irmãos , não dariaõ conselho , nem favor , nem assistiriaõ a nenhuma pessoa constituida em dignidade contra elles , ainda que lhes fosse mui chegados em parentesco ; e ao mesmo se obrigaraõ os mesmos Reys de Aragaõ , e de Navarra , e Infantes seus irmãos a el Rey de Portugal.

Estava neste tempo a Infanta Dona Leonor em Castella com a Rainha de Aragaõ sua mãe ; polo que antes de vir a Portugal , foi a Aragaõ a se despedir del Rey D. Affonso seu irmão , acompanhada de D. Alvaro de Osorio Bispo de Cuenca , e de Inigo Lopez de Mendoza senhor de Hita , e Ruy Trago , o que foi primeiro Marquez de Santilhana , e de Pedro de Mendoza senhor de Almazan , e de outros muitos nobres ; e assi a recebeo por palavras de presente em nome do Infante D. Duarte o Arcebispo de Lisboa , por procuração , que para isso levava. De Valença partio a Infanta acompanhada dos mesmos , e do Arcebispo de Lisboa , e de muitos outros senhores de Aragaõ , e de Valença , e de sua Camareira mór a Condessa Dona Constança de Tovar , mulher de D. Ruy Lopez de Avalos Condestabel de Castella , que pouco avia faleceo em Aragaõ. E como el Rey D. Joaõ de Navarra , e o Infante D. Henrique irmãos da Infanta , estavaõ em Castella , a foraõ esperar aos confins de Aragaõ , e a acompanharaõ até Valholid.

Quau-



Quando chegou a Valhadolid, foi recebida del Rey seu primo, e dos grandes com muita pompa; e a sua vinda fizeraõ muitas justas, e torneos, e outras festas. Primeiramente o Infante D. Henrique seu irmaõ ordenou com grande apparato, na praça de Valhadolid, duas fortalezas de madeira, huma fronteira da outra, cubertas de pano, pintadas de maneira, que parecia ser de pedra, com suas ameas, e torres, e muitas fallas, e camaras, em que estava elle com os mantenedores, e nas fronteiras os aventureiros; que quando pediaõ justa, tocavaõ hum sino tantas vezes, quantas carreiras queriaõ correr. O principal da festa foi hum torneio de cincoenta cavalleiros, por cincoenta, e na justa ouve mui affinalados encontros, dos quaes morreo hum aventureiro, por nome Goterre de Sandoval, sobrinho do Conde de Castro. Acabada esta festa, o Infante deu hum Real banquete aos Reys de Castella, e Navarra, e ás Rainhas, e ás Infantas, e a todos os grandes senhores, que avia na Corte; e nesse dia deu muitas dadivas, e peças a fidalgos, e a damas.

Ao outro dia el Rey de Navarra por honra de sua irmaã fez outra festa com grande apparato, e veio metido em huma carroça grande, que moviaõ muitos carretoens, donde sahio riquissimamente armado, e com hum grande, e poderoso cavallo, diante delle vinhaõ quarenta cavalleiros, que se partiraõ 20 por 20, e começaraõ hum torneio, e logo se tornaraõ a ajuntar, e começaraõ a justa, em que el Rey de Navarra com seis cavalleiros manteve a tea. Entre os aventureiros sahio o Condestabel D. Alvaro de Luna com 12 cavalleiros de sua casa, mui ricamente arreados, a fóra outros muitos aventureiros, em que ouve grandes encontros, e muitas lanças quebradas. El Rey  
de



de Navarra deu de comer a el Rey , e ás Rainhas , e a todos os Principes , e senhores , que foraõ na festa de seu irmaõ.

El Rey fez outra festa per si , em que manteve a justa com 12 cavalleiros , que vinhaõ em habito de Monteiros com chuças nas mãos , e bozinas nas espaldas , diante del Rey levavaõ hum grande Leaõ atado a duas cadêas , e hum Ufso atado da mesma maneira. Vinhaõ mais com el Rey trezentos Monteiros a pé , vestidos de verde , e de vermelho , e suas bozinas ao colo , e lanças monteiras nas mãos ; e cada hum delles levava hum libreo pola trella , e ouve vinte cavalleiros aventureiros.

Com el Rey justou Ruy Diaz de Mendoça seu Mordomo mór , em que el Rey quebrou tres lanças ; e como el Rey se defarmou , mandou a Ruy Diaz o cavallo com os aparamentos , que eraõ de rico brocado carmesí forrado de Martas Zebellinas. El Rey deu de comer a el Rey , e á Rainha de Navarra , e aos Infantes , e ás Infantas , e a todos os senhores , damas , e donas , que na Corte se acharaõ.

Acabadas as festas destes Principes , o Condestabel D. Alvaro de Luna fez hum torneio de 50 por 50 brancos , e vermelhos , em que fizeraõ tres entradas , no qual andaraõ todos mui bem , e melhor que todos o Condestabel , o qual , sendo homem pequeno de corpo , foi o maior cavalgador da brida de seu tempo , e destro em todo o exercicio de armas , e de muita força.

Sendo tempo de partir , a Infanta pedio licença a el Rey , á qual , despois de fazer muitos presentes de ricas joias de ouro , brocados , e dinheiro , despedio , indo com ella mais de meia legoa fóra da Villa , e os grandes mais de legoa ;  
e com



e com ella mandou a Portugal o Arcebispo de Sanctiago D. Lopo de Mendoça, e o Bispo de Cuenca, e cento e cincoenta homens nobres de sua casa mui ricamente arreados. E assi foraõ suas jornadas a Portugal, onde, no primeiro lugar, ouve hum grande arruido entre os criados do Arcebispo de Lisboa, e os do Arcebispo de Sanctiago, de que sahiraõ muitos mortos, e feridos, por a gente do lugar se meter na volta; do que o Infante D. Duarte foi taõ descontente, que mandou enforçar alguns do lugar, e açoutar muitos; e ao Arcebispo de Lisboa deu grande reprehensãõ.

C A P I T U L O C I.

*Casamento dos Infantes D. Pedro, e Dona Izabel de Portugal: Pertende el Rey de Portugal fazer pazes entre os de Castella, Navarra, e Aragaõ.*

**N**O mesmo tempo, que se concertou o casamento do Infante D. Duarte com a Infanta de Aragaõ, entrou em Valença aos 24 de de Julho o Infante D. Pedro, que vinha de sua peregrinaçaõ, em que avia quatro annos, que andava, onde lhe foraõ feitas por parte del Rey, e por parte da Cidade grandes festas, e magnifico recebimento, e ahi se concertou seu casamento com hum filha do Conde D. James de Urgel, o que morreo na prizaõ, onde foi posto por el Rey D. Fernando, sobre o naõ reconhecer por Rey, e dizer pertencerlhe o Reyno de Aragaõ a elle, como mais propinquo parente varaõ del Rey Martim, do qual foraõ quatro filhas, de que a mais velha foi Dona Izabel, que se deu ao Infante D. Pedro. A segunda, Dona Leanor, que casou com Raymon



Urfino Conde de Nola, grande senhor de Aragão. A terceira, Dona Joanna, que casou com o Conde de Foz em França, e segunda vez com D. João Raymon Folo filho do Conde de Prades. A quarta, Dona Catharina, que morreo sem casar; polo que no mez de Setembro seguinte mandou o Infante seus procuradores a Alcolea, onde Dona Izabel estava, e se celebraraõ os esponsorios; e no anno seguinte de 1429. foi levada a Portugal, onde el Rey lhe mandou fazer grande recolhimento, e festa, como a nora sua, e neta do Rey de Aragão, de que ella cuidou ser Rainha, por seu pai não ter filho varão: naquelle anno de 1429. o Duque Philippe de Borgonha, Conde de Frandes, e de outros muitos Estados, estava viuvo de duas mulheres, que tivera, de que não ouve filhos; das quaes a primeira foi Miguela filha de Carolo 6. Rey de França; a segunda, Bona, filha do Conde de Urgel, que fora viuva do Conde de Nevers; polo que desejando de aver successão, e de ter parentesco com el Rey D. João de Portugal, lhe mandou pedir a Infanta Dona Izabel sua filha. El Rey, que era já velho, e desejava em seus dias ver sua filha casada, e por o Duque Philippe ser taõ grande Principe em sangue, e Estado, e valeroso por sua pessoa, lho outorgou.

O dote que com ella lhe deu el Rey foraõ cento e cincoenta mil cruzados, segundo vi pola propria quitação, que achei no Cartorio de Lisboa, no tempo que reformei os Estatutos daquela Cidade. A Infanta foi levada a Frandes, e as bodas se fizeraõ na Cidade de Bruges, as quaes o Duque celebrou com mais festa, e triumpho, que nenhuma das passadas, assi por a grandeza de seu sogro, como por o grande contentamento, que levou em ver a pessoa da Infanta, que foi huma Prin-



Princeza de grandes virtudes , e perfeições , sem cujo conselho o Duque não movia cousa alguma de paz , nem de guerra por seu grande avilo , e prudencia.

Escrevem os Historiadores de Frandes , que sobre muitas , e grandes festas , momos , e danças , justas , e torneos , que se fizeraõ todos os dias , que duraraõ as festas das bodas , que não foraõ poucos , estava no terreiro do Paço , levantado em alto , hum grande Leaõ de pedra , que lançava por huma mão huma bica de vinho branco do Rin , para quantos o queraõ ; e que ante a Capella do Paço do Duque estava hum Cervo , o qual tambem por hum pé , em que tinha huma bica , lançava vinho vermelho ; e que na entrada do Paço estava hum Unicornio , que ás horas de jantar , e de cear , por hum pé lançava agoa rolada , para cada hum dos que hiaõ comer , lavar as mãos , e o rosto. Fóra destas horas , lançava o mesmo Unicornio por quatro partes quatro generos de vinho precioso : Malvasia , vinho Romano , Moscatel , e Clarea. Esta festa foi entaõ avida por mui grande , por ser em terra , em que taõ pouco vinho ha , e tanta vontade de o beber.

Por mais honra da Infanta , no primeiro dia das bodas , instituio o Duque huma nova Ordem de cavalleiros , debaixo do Patrocínio do Apostolo Sancto André , que chamou do Tosaõ , por a insignia de hum vello de laã de ouro , que os cavalleiros aviaõ de trazer ( não alludindo ao vello de Gedeão , como os vulgares cuidaõ ) mas ao de Jason , e seus companheiros Argonautas , como se vê da mesma carta , e prefação da instituição da Ordem , por a qual divisa queria significar a expedição , que queria , ou pertendia fazer com seus cavalleiros , para a guerra do Ultramar , á imitação da de Jason.



Deste casamento naceo o Duque Carlos, a que chamaraõ o *Ardido* homem bellicoso; e de lo-bejos espiritos, que muito tempo andou em guerra com Luiz XI. Rey de França, e veio morrer na ba-lha de Nancy, que lhe deu o Duque de Lourena no tempo, que el Rey D. Affonso V. de Portugal andava em França. Do Duque Carlos não ficou mais filho, que a Duqueza Maria sua herdeira do Estado, que casou com Maximiliano Archiduque de Austria.

Por aquelle mesmo tempo avia entre el Rey de Castella, e seus primos os Reys de Aragaõ, e Navarra, muitas guerras, e differenças, mais tra-vadas, que nunca, por a grande potencia do Con-destabel D. Alvaro de Luna, a que elles nunca po-deraaõ resistir, porque andavaõ aquelles Principes, ao menos os Infantes, que podiaõ menos, mui tra-balhados; do que el Rey era anojado, assi por te-rem Principes Christãos, e taõ conjunctos entre si, como por serem seus sobrinhos, netos de sua irmã a Infanta Dona Britis; polo que mandou a el Rey de Castella seus Embaixadores, que eraõ Martim Gonçalvez de Ataide, e Nuno Martins da Silvei-ra, fidalgos de grande authoridade, os quaes pro-pondo sua embaixada, differaaõ que el Rey seu se-nhor tinha grande sentimento em ver a guerra, que estava começada entre elle, e os Reys de Ara-gaõ, e Navarra, e os Infantes seus irmaõs; e que lhe pareceo que era razaõ que elle intercedesse nisso, e buscasse alguns meios, para que a guerra cessasse, e as cousas viessem a alguns bons termos, como era razaõ, que viessem, avendo entre elles taõ estreito parentesco por tantas vias. Por tanto que se a elle aprouvesse, elle Rey de Portugal to-maria qualquer trabalho, que pudesse; e em quan-to nelle fosse, teria maneira, porque todos os de-bates



bates entre elles viessem a bom fim; e que lhe pedia muito não se ouvesse tão rigorosamente contra aquelles Reys; e Infantes, como se avia; o mesmo lhe mandaraõ pedir os Infantes D. Pedro, e D. Duarte. El Rey de Castella respondeo aos Embaixadores de Portugal, que dava muitas graças a el Rey, e aos Infantes seus primos pola boa tençaõ, com que se moveraõ a intervir naquelle negocio; e que folgaria muito que elles quizessem saber com fundamento todas as cousas, e porque modo aviaõ procedido; porque sendo bem informados, não teriaõ para si, que fora sem razãõ o que elle tinha feito. E por tanto elle mandaria relaçaõ largamente do passado, e fazer certo a el Rey de Portugal, e aos Infantes seus primos, para saber, o que nisso deviaõ fazer. E quando os Embaixadores foraõ a Castella, já hum delles avia ido aos de Aragaõ, e de Navarra, ao qual elles disseraõ que folgariaõ muito de se porem estas suas differenças em maõ del Rey de Portugal, se el Rey de Castella disso fosse contente.

No anno seguinte de 1430. estando ainda as differenças dos Reys de Aragaõ, e de Navarra, e dos Infantes seus irmaõs neste estado, teve el Rey de Castella conselho, sobre o que devia fazer, ácerca das fortalezas, que a Rainha de Aragaõ tinha em Castella; e parecendolhe segundo as cousas passadas, e as que se esperavaõ succeder, que não era razãõ que ella as tivesse, determinou de lhas pedir, para que durando a guerra, as tivesse por el Rey, e por ella hum fidalgo, de quem se podessem bem fiar. Isto mandou el Rey dizer á Rainha por os Doctores Fernaõ Dias de Toledo seu Ouvidor, e referendario; e Affonso Garcia Cherino seu Juiz maior de Viscaia, e seu fiscal, e com Alvaro Rodriguez de Escovar, do que á Rainha pe-



zou muito ; e deu suas escusas as melhores que pode , e el Rey lhe mandou rogar , que se fosse para elle a Tordesilhas , a Rainha se escusou quanto pode ; mas em fim veio el Rey , e lhe pedio o castello de Alva de Liste , e os outros castellos , que no Reyno tinha , dandolhe razoens , porque lhos devia entregar , e lhe rogou , que por tirar sospeitas , que della se tinhaõ , de ter falla , e tractos com el Rey de Navarra , e os Infantes seus filhos , que estivesse alguns dias no Mosteiro de Santa Clara daquella Villa de Tordesilhas ; e que estando alli , cessaraõ todas aquellas sospeitas , e que por isso naõ perderia cousa alguma de seu Estado , e fazenda ; e que dalli podia tambem mandar administrar todo o seu , como desdo Mosteiro de Medina do campo , onde estava. A Rainha pezou muito do requerimento del Rey seu genro , temendo que se humia vez entrava naquelle Mosteiro , naõ lhe dariaõ lugar que sahisse mais delle. Em fim entrou , e mandou aos Alcaides de seus castellos de Alva de Liste , Tedra , Uruenha , e Montalvaõ , que os entregassem logo ao Condestabel D. Alvaro de Luna , para que os tivesse na sobredita maneira.

Destá maneira de força se queixou a Rainha a el Rey de Portugal seu tio , o qual mandou rogar com muitas palavras a el Rey de Castella por seus Embaixadores , que desse lugar á Rainha , para sahir daquelle Mosteiro , aonde a obrigava estar , e lhe mandasse entregar suas Villas , e desembargar suas rendas , assi por a razãõ que com ella tinha , como porque era notorio , que ella era muito anojada por os erros de seus filhos. El Rey de Castella respondeo , que se elle soubera que a Rainha levava desprazer de estar naquelle Mosteiro , naõ contentira que nelle estivera ; e que elle o fizera ,  
cui-



cuidando que a ella vinha bem , por se tirar de sospeitas , que della se tinhaõ ; e que as rendas lhe naõ mandara embargar , por lhe tomar alguma cousa do seu ; mas porque lhe diziaõ , que soccorria aos Infantes seus filhos com ellas , e que sua vontade era naõ lhe tomar , mas darlhe do seu , e ajudala , e honrala como sua mãi propria ; e que ella podia sahir logo daquelle Mosteiro , e ir aonde quizesse , e sem dilaçaõ lhe mandaria desembargar seus castellos , e rendas ; o que logo poz por obra , mandando a D. Pedro Lopes de Ayala seu Apozentador mór , e ao Doutor Franco , que fosse a el Rey de Portugal com esta reposta , e que passassem por Tordesilhas , e tudo aquillo fizessem saber á Rainha Dona Leanor sua sogra. Tambem mandou a D. Gonçalo de Carthagená Bispo de Plazencia , que despois o foi de Siguença , que fosse a Tordesilhas , para que se a Rainha quizesse dahi sahir , fosse com ella a Medina do campo , ou a outra parte , onde ella mais quizesse , e mandoulhe desembargar seus castellos , e rendas , com tanto que ella desse sua fé , que naõ soccorreria com nenhuma cousa do seu a seus filhos. Respondeo mais el Rey aos Embaixadores de Portugal , que quanto ás pazes , ou treguas com os Reys de Aragaõ , e de Navarra , e os Infantes , já mandava reposta por seus Embaixadores ; que naõ tinha mais que lhe dizer. Entaõ mandou a Pedro Lopes de Ayala , e ao Doutor Franco , que mui largamente informassem a el Rey de Portugal de tudo o que era acontecido nos Reynos de Castella despois da morte da Rainha Dona Catharina sua mãi.

Como el Rey tinha mandado aos Reys de Castella , e de Aragaõ seus Embaixadores , para tentar se os podia concordar , como está dito atraz , mandandolhe por este tempo el Rey de Castella dizer



zer por seus Embaixadores, como os Reis de Aragoão, e Navarra lhe mandaraõ pedir treguas, e elle lhas avia outorgado, com certas condiçoens, que veria pelos capitulos dellas, que lhe mandava. El Rey ficou mui sentido dos Reis de Aragoão, e Navarra, por o pouco cumprimento, que tiveraõ com elle; porque de hum a parte deixaraõ seus negocios em suas maõs, e pela outra fizeraõ as treguas, sem lho fazer a saber.

## CAPITULO CII.

*Apregoaõse pazes perpetuas entre Portugal, e Castella: vem o Infante D. Pedro de Aragoão a Portugal.*

**N**O anno seguinte de mil e quatrocentos e trinta e hum mandou el Rey Pedro Gonçalvez Malafaya, e o Doutor Ruy Fernandez por seus Embaixadores a Castella, como em tempo de sua menor idade, á Rainha Dona Catharina sua mãi, e el Rey D. Fernando seu tio seus tutores, e com conselho dos tres Estados de seus Reynos, fora tratada, e outorgada paz perpetua, entre elle Rey de Castella, e o de Portugal; e que, como el Rey de Castella fora de idade de quatorze annos, fora requerido por el Rey de Portugal, que outorgasse esta paz, ou a fizesse de novo; e que pelas differenças, e negocios arduos, que entaõ em Castella succederaõ, naõ tivera el Rey de Portugal reposta final, salvo que fora acordada paz pelos Embaixadores de hum Rey, e outro, até ser de idade de vinte e nove annos, em certa fórma, e debaixo de certas condiçoens; e que agora queria el Rey de Portugal saber sua tençaõ. El Rey de Castella respondeo que agradecia muito a el  
Rey



Rey de Portugal a boa tençaõ, que tinha em querer paz com elle: e que sobre isso averia conselho com os do seu Reyno. Sobre o que el Rey mandou, que o Conde de Benavente D. Rodrigo Affonso Pimentel, e os Doctores Pedreanes, e Diogo Rodriguez praticassem com os Embaixadores de Portugal, com os quaes muitas vezes altercaraõ, mas não se concluiu entaõ cousa alguma.

Estando despois el Rey de Castella em Cordova, tornou a elle o mesmo Pedro Gonçalvez Malafaya a pedir a resolução da paz, a que antes viera a Palencia; e el Rey lhe respondeo que não estava em tempo, nem em lugar para fallar, senaõ na guerra dos Mouros, que tinha entre maõs; que sahindo da guerra, fallaria no que lhe pedia. Pedro Gonçalvez desejava tanto de acabar o negocio a que viera, porque já a outra sua vinda fora em vaõ, que por não ir sem reposta, quiz esperar até que el Rey viesse de Granada; e determinou de ir com elle, por ser a guerra contra inimigos da Fé; e el Rey vendo sua boa vontade, lhe mandou dar armas, e cavallos para elle, e para os seus.

Vindo el Rey de Castella da guerra de Granada, Pedro Gonçalvez Malafaya lhe fallou em Medina sobre as pazes; e posto que el Rey já tivera sobre ellas muitos conselhos, tornou outra vez a aver seu conselho. A muitos descontentava a paz por as mortes de seus parentes, e amigos, que morreraõ na batalha ás maõs dos Portuguezes, e desejavaõ de os vingar. Sobre isso duvidavaõ se el Rey de Castella tinha algum direito para fazer guerra a Portugal; polo que seu avô passara em Portugal, pois o casamento da Rainha Dona Beatrix, por quem fazia guerra, era separado por sua morte, sem ficar d'elle filho algum, e da dita Rai-



nha. Pola qual razaõ , e por naquelle tempo el Rey de Castella trazer guerra com os Reys de Aragaõ , Navarra , e Granada , lhe parecia grave cousa querer tambem tella contra Portugal. Polo que por todos os Estados se concluiu , que com Portugal tivesse paz perpetua. E logo el Rey a jurou , e juntamente o Principe D. Henrique , em presença dos Embaixadores de Portugal , perante Notarios publicos de hum Reyno , e outro , que formaraõ instrumentos assinados por el Rey com seus sellos.

Os Embaixadores com procuraçaõ , que tinhaõ del Rey de Portugal , e do Infante D. Duarte seu filho , confirmaraõ a paz , e le obrigaraõ , que el Rey , e o Infante D. Duarte a outorgariaõ , e assinariaõ , e jurariaõ dentro de dez dias ; que por parte del Rey de Castella fossem requeridos ; e por quanto havia differenças sobre os danos , que cada hum dos ditos Reynos haviaõ recebido dos outros nas guerras passadas , concordouse , que cada hum dos Reys satisfizesse a seus naturaes. Como isto assi se contratou , el Rey de Castella mandou a Portugal por seu Embaixador ao Doutor Diogo Gonçalvez Franco seu Ouvidor do Conselho Real , para que perante elle Rey de Portugal , e o Infante D. Duarte jurassem , e confirmassem a paz , e o conteudo nos capitulos della , e recebesse seus juramentos assinados , e sellados , como se fizera em Castella , o que tudo se cumprio , e as pazes foraõ apregoadas em Lisboa.

No anno de mil e quatrocentos e trinta e dous , andando os Infantes de Aragaõ em suas differenças com el Rey de Castella , e o Condestabel D. Alvaro de Luna , o Mestre de Alcantara D. João do Soto Maior entregou o castello , e fortaleza de seu mesmo Convento ao Infante D. Pedro con-



contra o serviço del Rey, de cuja obediencia se ia-  
hio; polo que, sendo o Mestre ausente da Villa  
de Alcantara, o Comendador mór D. Guterre de  
Soto Maior seu sobrinho a requerimento, e instan-  
cia do Doutor Franco, que no mesmo castello es-  
tava prezo pelo Infante D. Henrique, por andar  
em serviço del Rey, prendeo ao Infante D. Pedro,  
do que elle, e os seus ficaraõ muito atemoriza-  
dos. Polo que a Infanta Dona Leanor, irmãa do  
Infante, e o Infante D. Henrique por seus men-  
seiros pediraõ a el Rey D. João de Portugal, e ao  
Infante D. Duarte, e aos mais Infantes, quizessem  
intervir no caso da prizaõ de seu irmaõ. O mes-  
mo fez o Infante D. Pedro, obrigandose ambos os  
Infantes a fazer tudo o que el Rey de Portugal,  
e seus filhos ordenassem, e mandassem, com tan-  
to que elle fosse solto.

El Rey, e o Infante D. Duarte, mandaraõ  
a el Rey de Castella, que entaõ estava em Sala-  
manca, Pedro Gonçalvez Malafaya, que outras ve-  
zes já enviara a Castella, por ser homem mui  
prudente, e destro em semelhantes embaixadas. E  
tanto fez Pedro Gonçalvez nisso, tornando a Por-  
tugal, e ao Infante D. Henrique de Aragaõ, com  
o que achava em el Rey de Castella, até que se  
concordaraõ, e juraraõ certas capitulações em Ci-  
dade Rodrigo por el Rey, e por Pedro Gonçal-  
vez, com procuração do Infante D. Henrique de  
Aragaõ. As quaes eraõ: que o Infante D. Henri-  
que entregasse a el Rey a Villa, e fortaleza de  
Albuquerque, e todas as Villas, e fortalezas, que  
o dito Infante D. Henrique tinha nos Reynos de  
Castella; e que el Rey soltasse ao Infante D. Pe-  
dro, e fosse entregue em Portugal; e elle, e o In-  
fante D. Henrique se fossem a Aragaõ.

Fernaõ Lopes de Gusmaõ, homem nobre do



conselho del Rey D. Joaõ o segundo , que foi naquelle mesmo tempo , escreve na Cronica do mesmo Rey , que o Infante D. Pedro foi entregue ao Infante D. Henrique de Portugal. Mas Gomez Anes de Zurara , que foi no mesmo tempo em Portugal , e homem de autoridade , na Cronica do Conde D. Pedro de Menezes Capitão de Ceita , diz que el Rey de Castella , não quiz que se entregasse o dito Infante D. Pedro , senão ao Infante D. Pedro de Portugal , a que ficara mui affeigado do tempo , que fora seu hóspede , vindo de sua peregrinação ; e que elle teve o Infante em sua casa com tanta honra , e magnificencia , assi no tratamento de sua pessoa , como em sua guarda , que mostrou bem sua nobreza de animo ; porque o Infante lhe ficava mui obrigado ; e estando alguns mezes em Portugal em casa do Infante D. Pedro , quando veio tempo de se ir a Aragaõ com muitas dadivas del Rey , e do Infante D. Duarte seu cunhado , e do Infante D. Pedro seu carcereiro , e seu tio , partio para o Algarve , até onde o acompanhou Nuno Martinz da Silveira , e lhe deu embarcação , e dahi partio para Aragaõ , onde el Rey D. Affonso estava prestes para entrar em Castella , senão sobreviera a ida de Napoles , para onde era chamado.

## CAPITULO CIII.

*Morte del Rey D. Joaõ o primeiro : seu enterro , e sentimento de seus Vassallos.*

**P**Or as indisposições que el Rey tinha , que a muita idade lhe acrescentava , muitas vezes encarregou ao Infante D. Duarte seu filho , por sua grande prudencia , e idade , que já tinha madura , que governasse por elle , como se vê em  
mui-



muitos negocios expedidos, cartas de doações afinadas, e Cortes feitas por elle, em vida del Rey seu pai. Estando em Alcochete lugar de Riba Téjo, onde fora por conselho de Físicos, por ser mais conveniente a sua enfermidade, sentia-se muito fraco, e com os accidentes, que lhe vinhaõ; entendeo que se lhe chegava o fim. Polo que rogou a seus filhos, o levassem a Lisboa; porque não era decente a sua pessoa morrer em hum lugar pequeno, e em casas de hum homem privado, estando taõ junto a mór Cidade de seus Reynos, e onde tinha tantas casas Reaes. E logo o mudaraõ para Lisboa, e o levarãõ aos Paços da Alcaçova, que entãõ mandava emnobrecer.

Passados alguns dias, sentindo em si alguma melhoria, que elle tinha por sospeita em tanta idade, e doença, por a muita devaçãõ, que tinha ao bemaventurado S. Vicente, quiz antes de sua morte despedir-se de suas reliquias. Polo que mandou que o levassem á Sé, e ahi na Capella, onde seu corpo jazia, lhe puzeraõ seu estrado; e em huma Missa solemne, que seus Capellaes differaõ, encommendou sua alma a Deos com muita devaçãõ. E á offerta da Missa offereceo tanta somma de moedas de ouro, que ahi mandou trazer, quanta por juizo de officiaes, pareceo que bastava para se acabar a Capella mór da mesma Sé, que elle tinha mandado começar, para que despois de sua morte, não ouvesse na obra alguma falta, ou tardança; e ao Veedor da obra encommendou, que della não desistisse, até de todo a acabar, e he a que agora se vê. Da Sé, porque receava que era aquelle o seu ultimo tempo, foi a nossa Senhora da Escada, que elle mandara edificar por sua devaçãõ, junto ao Mosteiro de S. Domingos, donde despedindose com grande conhecimento de sua mor-



te, foi tornado aos Paços. E logo se começou a achar de maneira, que se via faltar, e foi entregue a Religiosos, que o acompanharaõ até acabar.

Estando com elles, e pondo elle a mão na barba, que achou crecida algum tanto, a mandou logo fazer, dizendo: que não convinha a Rey, que muitos aviaõ de ver, ficar espantoso, e disforme despois de morto. Feito isto, com espirito prompto em Deos, e encommendandose a elle com muita contrição, e arrependimento de seus peccados, tendo tomado todos os Sacramentos, como Catholico Principe, que era, falleceu aos 14 dias de Agosto, vespóra da Assumpção de N. Senhora do anno de 1433., avendo entaõ hum grande Ecclyple do Sol. Viveo setenta e seis annos, quatro mezes, e tres dias. Reynou quarenta e oito annos.

Tanto que a nova del Rey ser morto correo pola Cidade, se fez geralmente por todo o Estado de homens, e molheres taõ grande pranto, qual nunca se vio por outro nenhum Rey; e parecia que cada hum perdia pai, e mãi, ou filhos, e a cousa que mais amava; porque como el Rey era taõ amigo de todo o povo de Lisboa, por elles o fazerem seu Defensor, e Regedor, e serem partes para elle ser Rey, e por elle soffreraõ tantos trabalhos no cerco, e em outras partes, arriscando suas vidas, e fazendas, toda sua boa ventura attribuia a elles; e assi era amado de todos, não como senhor, senaõ como proprio pai de cada hum.

Deixara el Rey em seu testamento, que o enterrassem no Mosteiro da Batalha, onde já tinha feita sua sepultura; mas como o tempo era de estio, por senaõ corromper, não podia ser levado taõ em breve, com o decóro, que a tal Principe convinha. Polo que meteraõ o corpo em huma caixa



xa de chumbo cuberta de outra madeira, guarne-  
cida de veludo negro, e o tiveraõ assi até tarde;  
e como anoiteceo, posto em humas andas, foi le-  
vado á Sé aos hombros de seus filhos os Infan-  
tes, e de outros grandes, em huma solemne pro-  
cissão de todos os Clerigos, e Religiosos da Ci-  
dade, com grande numero de tochas, e espantoso  
pranto de homens, e molheres, que o acompanha-  
raõ, e ahi o deixaraõ ante o Altar de S. Vicente,  
em outra tumba mais alta, a que sobiaõ por de-  
graos; ao redor da qual ardiaõ muitas tochas, sen-  
do a Capella cuberta de pannos negros.

E ordenouse que até vinte sinco dias de Ou-  
tubro seguinte, que o corpo ahi esteve, até se tras-  
ladar, certos, que foraõ de seu conselho, o acom-  
panhassem; e assi muitos Frades o guardassem de  
dia, e de noite, por repartição, rezando sempre,  
e rogando a Deos por sua alma. E os seus Capel-  
laes eraõ assi ordenados, que nunca a Capella es-  
tivesse sem nella se dizerem os Officios, e horas  
mui devotamente; e em cada hum dia diziaõ mui-  
tas Missas cantadas, e rezadas. E cada semana se  
fazia por elle hum Saimento mui solemne, com  
Vesporas, e Missa, a que o Collegio da Sé, e to-  
da a Clerezia da Cidade, e Ordens eraõ presen-  
tes.

Foi el Rey D. Joaõ homem de rosto formo-  
so, e grande corpo, e mui bem proporcionado, e  
de grandes forças, segundo se vê por algumas pe-  
ças de armas de seu corpo, que estaõ no almazem  
do Reyno, em que ha hum elmo de grandeza naõ  
vulgar, e huma facha de armas, com que sohia  
pelejar, que lenaõ póde menear sem grande força.  
Do animo foi mui esforçado, e verdadeiramente  
magnanimo; nos contentamentos, ainda que fos-  
sem grandes, nunca lhe enxergavaõ no rosto ale-  
gria,



gria, nem nos casos adversos tristeza, mas tinha sempre huma perpetua serenidade, que dava testemunho de seu grande animo, e constancia. Era mui clemente, e piadoso, no que tambem mostrava sua magnanimidade. Polo que a muitos, que o offenderaõ, e que conspiraraõ contra elle para o matar, lhes perdoou, e restituiu a sua graça; e lhes fez sobre isso honras, e mercês.

De sua condigaõ era taõ liberal, que nunca dava cousas poucas, como se vê das muitas Villas, e lugares do Reyno, e herdades do patrimonio Real, que deu aos que o serviraõ nas guerras, e na paz; porque alienou os mais dos lugares, que agora andaõ fóra da Coroa, e outros muitos, que se tornaraõ a ella. Dos serviços que recebia, era taõ agradecido, que a muitos deu mais do que esperavaõ, sem aguardar que lho pedissem. A grandeza de seu animo tambem se via nos edeficios, que mandava fazer, em que a elegancia delles contende com a magnificencia, como se vê nos ricos, e grandes Paços de Cintra, feitos para recreaçãõ em lugar taõ pequeno. Os de Lisboa, os de Sanctarem, os de Almeirim, e outros muitos polo Reyno; o grande, e sumptuoso Templo de N. Senhora da Batalha, da Ordem de S. Domingos, que fez no lugar, onde ouve a victoria del Rey de Castella.

Outros muitos Templos fez polo Reyno, e entre elles o de Peralonga, que foi o primeiro da Ordem de S. Hieronimo, que neste Reyno se fundou. Obra del Rey D. Joaõ foi tambem o Mosteiro da Carnota, termo de Alanquer, da Ordem de S. Francisco; para o que comprou ás Freiras de Odivellas aquella grande, e antiquissima mata de arvores silvestres, que parece começou com o mesmo mundo. Foi sobre tudo Principe mui amigo de Deos,



Deos , e zeloso de sua Fé , como se vio pelas muitas doações , que fez nas Igrejas , que edificou : pola guerra , que na velhice determinava fazer aos Mouros , por exalçamento della : polos privilegios , e liberdades , que deu aos Clerigos nas concordancias , que com elles fez : por a singular devação , que tinha á Virgem Nossa Senhora.

Elle foi o primeiro , que neste Reyno ordenou que se trasladassem , em lingua Portugueza , as Horas da mesma Senhora , para que todos as rezassem ; e assi mandou trasladar os Evangelhos , e a Vida de Christo , e outros livros espirituaes , para que a gente vulgar não ignorasse as cousas da Fé.

Da Ordem de Cister Militar , que professou , se prezou tanto , que mandou que o escudo de suas Armas Reaes se assentasse sobre a Cruz verde de Aviz , em memoria de como o Mestre daquella Ordem veio ao Reyno , como se vê das moedas de seu tempo , e dos Reys seguintes , até el Rey D. João 2. , que reformou aquelle escudo , como em sua Vida se dirá ; e por a devação , que tinha ao Martyr S. Jorge , como cavalleiro da Garrotea , em cujo appellido começava suas batalhas , poz por timbre de suas Armas Reaes , sobre o elmo , e coroa huma Serpe , que era a insignia do dito Santo , segundo vi , por huma memoria antiga , que em hum livro da nobreza do Reyno achei.

Finalmente por elle ser tão justo , e magnanimo Rey , e tão excellente Capitaõ , e aver nelle juntas todas as virtudes , que nos seus passados eraõ derramadas , lhe deraõ a honorifica alcunha de Rey de boa memoria.



## CAPITULO CIV.

*Filhos, e descendencia del Rey D. Joaõ.*

**O**S filhos, que el Rey D. Joaõ ouve da Rainha Dona Philippa, foraõ oito, a saber: a Infanta Dona Branca, que mui minina falleceo; o Infante D. Affonso, que de dez annos morreo em Braga, onde jaz na Igreja Cathedral; o Infante D. Duarte, que lhe succedeo no Reyno, de que em sua Vida se dirá.

Item ouve o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, varaõ excellente na paz, e na guerra, que da Infanta Dona Izabel sua molher, filha do Conde de Urgel ouve honrada geraçaõ, a saber: D. Pedro Condestabel de Portugal, e Mestre de Aviz; que sendo chamado dos Catalaens, o fize-raõ Rey de Aragaõ, em odio del Rey D. Joaõ o segundo, como adiante se dirá na Vida del Rey D. Affonso V., onde em breve morreo de peçonha.

Ouve D. Joaõ, o que chamavaõ de Coimbra, que foi dos primeiros cavalleiros do Tosaõ, e em casa de sua tia a Duqueza de Borgonha morreo, sendo esposado com Carlota filha herdeira de Joaõ Rey de Chipre.

Item D. Jaimes, Cardeal que foi de Santo Eustachio, e Arcebispo de Lisboa, mancebo consumado em muita doctrina de letras, e virtudes, e taõ continente; que sendo doente de huma doença, que o chegou á morte, dizendolhe os Phisicos, que sararia della, se chegasse a molher, com grande animo, e maior pureza, respondeo que antes queria morrer limpo, que viver çujo; e assi morreo, estando em Florença, onde jaz enterrado honradamente na Igreja de S. Mimato.

Ou-



Ouve mais Dona Izabel, que foi Rainha de Portugal, molher del Rey D. Affonso 5. Item ouve Dona Beatris, que despois da morte do Infante seu pai, a mandou levar a Frandes a Duqueza de Borgonha sua tia, e em sua casa a deu por molher a Adolpho, senhor de Ravastein, filho do Duque de Cleves. Teve mais Dona Philippa, que foi Freira no Mosteiro de Odivellas.

Ouve mais el Rey D. Joaõ o Infante Dom Henrique, que foi Duque de Viseu, e Mestre de Christo, varaõ insigne polas armas, e polos descobrimentos de Ilhas, e lugares da costa de Africa, que por sua industria se fizeraõ, e á sua custa, a quem se devem os mais descobrimentos, que para o Oriente se fizeraõ polos Portuguezes, e ao Occidente polos Castelhanos.

Ouve o Infante D. Joaõ Mestre de Sanctiago, e Condestabel do Reyno, homem de grandes virtudes, e prudencia, e mui zeloso do bem publico. Este Infante foi casado com Dona Izabel sua sobrinha, filha de D. Affonso Conde de Barcellos, e primeiro Duque de Bargarça, seu irmão natural, e de Dona Breatis Pereira filha unica, e herdeira do Condestabel D. Nuno Alvarez Pereira, de que ouve D. Diogo, que morreo moço, tendo já succedido a seu pai nos ditos Estados; e assi ouve duas filhas, a saber: Dona Izabel, que foi Rainha de Castella, por casar com el Rey D. Joaõ o 2., de que naceo a Rainha Dona Izabel a Catholica. A outra foi Dona Breatis, que casou com o Infante D. Fernando seu primo com-irmão, filho del Rey D. Duarte, de que naceo el Rey D. Manoel, e a Rainha Dona Leonor, molher del Rey D. Joaõ 2. de Portugal, e a Duqueza Dona Izabel, molher do Duque de Bargarça D. Fernando 2. Terceira filha do Infante D. Joaõ foi Do-



na Philippa, que morreo sem casar.

Ouve o Infante D. Fernando Mestre da Ordem de Aviz, Principe de muita virtude, e sanctidade, que por ficar em arrefens no cerco de Tangere, como na Vida del Rey D. Duarte se dirá, até se entregar Ceita aos Mouros, morreo em poder delles.

Ouve mais a Infanta Dona Izabel, Princeza de grandes virtudes, e grande animo, que casou, como está dito, com o Duque Filipo de Borgonha, a qual foi tão valorosa, que dizem nunca consentio, que o Duque seu marido fosse ás Cortes de França, nem se visse com el Rey, por não se assentar em lugar de Vassallo, e menos que Rey. Polo que avendo grandes differenças entre o Duque seu marido, e Carlos 7. Rey de França, sobre a morte do Duque João, pai do dito Duque Filipo, que el Rey matara sobre seguro, a mesma Infanta Dona Izabel se vio com el Rey Carlos, e concluiu a paz, com partidos mui honrosos a seu marido. Dos quaes foi hum, que el Rey de França pagasse ao Duque de Borgonha quinhentas mil coroas, para fazer hum Capella, e outras cousas pola alma do Duque João; e que em quanto senão pagavaõ as ditas coroas, o Duque de Borgonha tivesse em penhor as Cidades de Troes, Renes, e Xalon na Xampanha.

Aqui nestas vistas contaõ, que mandando a Duqueza a seu Reposteiro mór, que lhe levassem hum cadeira cuberta de panno de ouro, e lha assentassem debaixo do docel junto, e igual da del Rey, lha afastou, ao tempo que el Rey veio, para outro lugar mais inferior, onde o Duque de Borgonha seu marido se ouvera de assentar. E que ella a tornara mandar por debaixo do docel, dizendo que ella era filha de hum Rey, e de hum Rai-



Rainha , e que tambem nacera debaixo de hum docel. Polo que el Rey de França mandou que lhe não mudassem a cadeira do lugar , onde a Duqueza se queria assentar.

Estes autos viriis , em que a Duqueza se metia , não eraõ por faltarem a seu marido espiritos , e grande prudencia ; mas por sobejarem a ella. Porque elle foi hum dos valorosos Principes daquelle tempo , como mostrou nos mesmos dias , que sua mulher foi a França , porque mandandolhe hum cavalleiro Ingrez , que era Conde de Sofolc , hum cartel de desafio , dizendo nelle , que se queria negar ser elle Duque hum cavalleiro fementido , e não aver faltado a fé , que por seu conselho avia dado a el Rey de Inglaterra seu soberano senhor , que de sua pessoa a sua , a toda requesta lhe combateria.

E fendolhe este cartel apresentado por Larretera Rey de armas de Inglaterra , o Duque mandou chamar todos os senhores grandes , que em sua Corte estavaõ ; e os do seu conselho , e todos os estrangeiros , que entãõ na Cidade se acharaõ , assi Hespanhoes , como Francezes , e em presença de todos , mandou o Duque ler o cartel ; e lido , mandou ao Rey de armas , que se sahisse da falla , e o Duque disse a todos , que os mandara chamar , para que vissem o cartel , que o Conde do Sofolc lhe mandara para lhe darem seu parecer , do que devia fazer naquelle caso.

E posto que alli estavaõ o Conde de S. Polo , e o Conde de Laigni , e o Conde de Envers , e outros grandes senhores , todos seus vassallos quizerãõ que o senhor de Charni , como insigne cavalleiro , e que já tivera muitos desafios , respondesse primeiro que elles , o qual depois de muito rogado dos ditos Condes , e senhores grandes disse:



fe ao Duque, que o seu parecer era, posto que o Conde de Sofolc fosse bom cavalleiro, e grande senhor por sua boa fortuna, todavia a baixeza de sua linhagem era tal, que até então não se sabia em Inglaterra quem era seu pai. E que seria grave couza, que o mór Principe da Christandade sem coroa, se ouvesse de combater com elle. E que lhe parecia, pois tinha vassallos, Condes, Baroões, e grandes senhores, devia de mandar a hum delles, que tomasse a requesta por Sua Alteza, e defendesse sua causa. E posto que entre seus vassallos ouvesse outros muitos melhores, que elle senhor de Charni, e mais dispostos para isso, por mui grande mercê receberia querer darlhe esse cargo.

E que os Condes, e senhores que alli estavam, lhe perdoassem em se naquillo querer anticipar a elles; porque nos casos em que se corria perigo, honestamente se podia quem quer preferir a outros maiores, que si. O Duque mandou aos outros senhores, que dissessem seu parecer, e todos concordaram com a opinião do senhor de Charni. Acabando de fallar aquelles senhores, o Duque disse: que sem embargo de todos serem daquelle parecer, o seu era muito ao contrario; e que elle não queria saber quem era o pai do Conde de Sofolc, nem quem foram seus avós; que lhe bastava saber que era elle bom cavalleiro, e valente de sua pessoa.

E que se desde Emperador até o menor gentil homem do mundo, ouvesse algum que dissesse elle aver feito couza contra seu dever, de sua pessoa á sua lho defenderia; e que não quereria Deos que ainda que elles, que o ouviao, fossem bons, e valentes cavalleiros, pozesse elle sua honra em outro nenhum, senão em seu braço direito. E logo mandou entrar o Rey de armas de Inglaterra,



terra, e perante todos lhe disse, que dissesse ao Conde de Sofolc, que elle vira seu cartel, e que era contente de lhe defender de sua pessoa á sua todo o contrario do que dizia; que por tanto buscasse a praça, que fosse segura a ambos; e que elle estava prestes para fazer o que dizia. O Rey de armas pedio ao Duque, que pois elle trouxera cartel sellado do sello do Conde de Sofolc, lhe mandasse dar a resposta por escrito, assi como elle trouxera a requesta. O Duque foi disso contente, e logo mandou responder por escrito, e dar ao Rey de armas huma roupa de brocado forrada de martas de muito prego, e quinhentas coroas para o caminho. Vista esta resposta em Inglaterra por el Rey, e polos grandes, dos quaes era o principal o Duque de Glocestre, disse, que el Rey não devia dar lugar a que aquella requesta mais adiante passasse. E que, posto que tivesse por imigo ao Duque de Borgonha, se devia lembrar de sua grandeza; e do parentesco, que com elle tinha. Pola qual razão el Rey de Inglaterra mandou ao Conde de Sofolc, que não falasse mais naquella requesta. E assi o fez, do que o Duque de Borgonha levou tanta mais honra, que o Conde de Sofolc, entre os cavalleiros, que de feitos de armas entendiaõ, quanto o Duque o excedia em dignidade, e grandeza.

Ouve el Rey D. João, além daquelles filhos legitimados, dous filhos naturaes de huma mesma mãe, D. Affonso, e Dona Britis; D. Affonso casou com Dona Britis primeira filha unica, e herdeira dos estados do Condestabel D. Nuno Alvarez Pereira, a que elle deu em dote o Condado de Barcellos, com a terra de Penafiel, de Bassos, Montalegre, em terra de Barrozo, Guimaraens, Baltar, e Arco de Boulhe, e certas quintas, que tinha entre

Dou-



Douro, e Minho, e outras rendas. E porque el Rey tinha prometido ao Condestabel, que em quanto elle fosse vivo, a ninguem faria Conde, pediu-lhe o Condestabel, pois dava a seu filho o Condado, lhe dêsse Sua Alteza o titulo, e assi foi. As vodas se celebraraõ com grandes festas, justas, e torneos, assi por parte del Rey, como do Condestabel. Deste matrimonio nasceo D. Affonso, que foi Conde de Ourem, e despois Marquez de Valença, que morreo sem casar, e sem herdar seu pai; e sómente deixou hum filho natural, que foi Bispo de Evora, e se chamou D. Affonso, que ouve de hum mulher fidalga, irmãa de Ruy de Sousa Almotacel mór, que cuidou casar com elle. E assi ouve mais o dito Conde de Barcellos a D. Fernando, que lhe succedeo no Ducado de Barchança, e nos mais Estados; e Dona Izabel, que casou com o Infante D. João seu tio, por cujo meio ficaraõ sendo descendentes do Condestabel D. Nuno Alvarez Pereira os Reys de Portugal, e de Castella, e os Emperadores, que dos Reys Catholicos descendem.

Dona Britis casou com Thomas Conde de Arondel, que era hum grande senhor da Casa Real de Inglaterra, por meio de João Vasques de Almada, pai de D. Alvaro Vaz de Almada Conde de Abranches, que naquelle tempo estava em Inglaterra, e era hum dos cavalleiros da Gorrotea, com o Doutor Martin Docem, a contratar o casamento com o Conde, o qual se assentou desta maneira: que se o parecer, e disposiçaõ de Dona Britis contentasse aos Embaixadores, que o Conde a Portugal avia de mandar, a recebessem em seu nome, e que el Rey lhe avia de dar em dote cinquenta mil coroas, as vinte e cinco pagas logo, do dia que Dona Britis fosse a Inglaterra a hum anno,



anno , e que el Rey a mandasse á sua custa , como cumpria á honra de ambos , com arras iguaes á terça parte do dote. Com os Embaixadores de Portugal vieraõ outros de Inglaterra , que foraõ hum fidalgo principal da casa do Conde , por nome Mossem Joan , Hucleit Syra , e Mestre Joan Doctor em Canones ; e contentes do bom parecer , e outras partes de Dona Britis , a receberaõ em nome do Conde seu senhor no anno de mil e quatrocentos e quatro. A esta senhora chamavaõ em Portugal , antes que casasse , a Rica Dona , que entaõ era dignidade , como rico homem , como tambem chamavaõ em Castella rica femea a sua prima com-irmãa Dona Leanor , antes que cazasse com o Infante D. Fernando de Castella , que foi despois Rey de Aragaõ. Seu irmaõ D. Affonso a levou a Inglaterra em huma armada de tres carracas , e vinte e sinco naos , e navios , e tres galés mui bem acompanhada ; e de Inglaterra tomou elle o caminho de Hierusalem , aonde foi em romaria , e tornou dahi a tres annos.

F I M

DA CRONICA DEL REY D. JOAÕ O I.  
DE BOA MEMORIA.



anno, e que el Rey a mandado a sua corte, como  
cumprir a honra de seus Reis, com suas regalias  
e prerrogativas do duto. Com os Embaixadores de Portugal  
e de Castella, e de Navarra, e de Arago, e de  
Castella principal da casa de Borgonha, e de  
João, e de Henrique, e de Henrique, e de Henrique  
Canonicos, e de Canonicos do duto, e de Canonicos  
partes de Dons, e de Dons, e de Dons, e de Dons  
Cidade de Leão, no anno de mil e quatrocentos  
e quatro. A esta carta chegou em Portugal,  
antes que a carta de Dons, e de Dons, e de Dons  
grandezas, como rico homem, como homem, e  
muito, e de Castella, e de Castella, e de Castella  
mas Dons, e de Dons, e de Dons, e de Dons  
de D. Fernando de Arago, e de D. Fernando de Arago  
de Arago, e de Arago, e de Arago, e de Arago  
para em huma armada de tres caravelas, e de tres  
e de tres, e de tres, e de tres, e de tres, e de tres  
com a armada, e de Arago, e de Arago, e de Arago  
ano de Henrique, e de Henrique, e de Henrique, e de Henrique  
no duto de tres annos.

DA CRONICA DEL REY D. JOAO O I.  
DE BOA MEMORIA.  
ANNO D. M. CC. XLV.  
Tomo I.



# INDEX

## DOS CAPITULOS

desta Cronica del Rey D. Joaõ o I.

**C**AP. I. *Nascimento del Rey D. Joaõ o I. He eleito Mestre de Aviz: pertende a Rainha Dona Briatis de Castella ser acclamada Rainha de Portugal.* pag. 3.

Cap. II. *Como outras terras de Portugal resistiraõ a pertençaõ da Rainha Dona Briatis.* 7.

Cap. III. *Escreve el Rey de Castella em favor da Rainha Dona Briatis: e os senhores Portuguezes trataõ alguns delles da morte do Cond.* 9.

Cap. IV. *Trata o Mestre de Aviz de matar ao Conde Joaõ Fernandez de Andeiro: descobre seu intento a outros senhores.* 14.

Cap. V. *Vem o Mestre ao Paço, e dentro nelle mata ao Conde Joaõ Fernandez.* 17.

Cap. VI. *Da perturbação, que ouve na Cidade, cuiaando que era morto o Mestre.* 21.

Cap. VII. *He morto do povo o Bispo de Lisboa, e o Prior de Guimarães.* 24.

Cap. VIII. *Vem o Mestre a visitar a Rainha: parte-se ella pera Alanquer, e o Mestre trata de se ir pera Inglaterra.* 27.

Cap. IX. *Trata o Povo de Lisboa de dissuadir o Mestre da jornada, que intentava.* 31.

Cap. X. *He o Mestre eleito pelo povo por Defensor, e Regedor do Reyno: começa a exercitar o officio, faz novos officiaes.* 35.

Cap. XI. *Muda-se a Rainha de Alanquer pera Santarem: segue Nuno Alvarez Pereira ao Mestre, e he favorecido delle.* 41.

Cap. XII. *Como ficou pelo Mestre o Castello de Lisboa,*



# I N D E X

- boa, e seguiu sua voz a Cidade de Béja, e de alguns Castellos, que o povo tomou.* 43.
- Cap. XIII. *Tomase o Castello de Evora: conta-se a furia daquelle povo, e a sua crueldade, matando a Abbadeffa do Mosteiro de S. Bento.* 48.
- Cap. XIV. *Manda o Mestre Embaixador a Inglaterra: el Rey de Castella prende o Conde de Gijon, e o Infante de Portugal, e mostra sentimento pela morte del Rey.* 51.
- Cap. XV. *Vem el Rey de Castella a Portugal: entra na Cidade da Guarda: como o seguirão alguns fidalgos Portuguezes, repugnando outros.* 56.
- Cap. XVI. *Parte el Rey da Guarda pera Sanctarem chamado por cartas da Rainha Dona Leonor: faz-lhe ella renuncia do Governo de Portugal.* 60.
- Cap. XVII. *Começa el Rey de Castella a exercitar o officio de Rey de Portugal com o favor de muitos fidalgos: e posse de algumas terras, e castellos.* 63.
- Cap. XVIII. *Começa-se o Mestre a apparelhar contra o Rey de Castella: o primeiro encontro, &c.* 66.
- Cap. XIX. *Das liberdades, que os Castelhanos usavam em Sanctarem: e como a Rainha Dona Leonor se começou a queixar del Rey de Castella.* 70.
- Cap. XX. *Como el Rey foi a Coimbra, levando preza a Rainha Dona Leonor: trata esta de fugir de seu poder: o meio, porque foi descoberta.* 74.
- Cap. XXI. *Como el Rey atalhou, e soube da pertença da Rainha Dona Leonor, e a mandou pera hum Mosteiro de Castella: passa-se pera o Mestre os de Alanquer.* 79.
- Cap. XXII. *Chega el Rey de Castella a Alanquer, e á Arruda: toma conselho de cercar Lisboa: elege o Mestre por Capitão a Nuno Alvarez contra os acometimentos dos Castelhanos.* 84.
- Cap. XXIII. *Partese Nuno Alvares para o Alentejo: busca o inimigo, ajunta soldados, aos quaes ani-*



## DOS CAPITULOS.

- animou com huma falla, que lhe fez, &c. 87.
- Cap. XXIV. Como Nunalvarez veio com pouca gente buscar o inimigo, e o venceo a primeira vez, e o cometeo outras, &c. 92.
- Cap. XXV. e XXVI. De huma cavalgada, que fizeram os de Villa Viçosa, de que trouxerao muito gado: como foi prezo Vasco Porcalho. 95.
- Cap. XXVII. Como os Castelhanos entrarao em Villa Viçosa, e os Portuguezes lhe tomarao a Alvaro Coitado, que levavao prezo, &c. 98.
- Cap. XXVIII. Soccorre o Mestre os de Alanquer: sem effeito prepara a sua armada: chega parte da de Castella: acomete el Rey a Lisboa. 105.
- Cap. XXIX. Disposiçaõ do cerco, que el Rey poz a Lisboa: como o Mestre dispoz a sua gente pera a defender; e como os de Almada ficarao cercados, e se defenderaõ dos Castelhanos. 111.
- Cap. XXX. Manda o Mestre pedir embarcaçaõ aos do Porto: parte de lá toda a armada: vemse pera o Mestre o Conde D. Gonçalo, &c. 115.
- Cap. XXXI. Escapa Nunalvarez de huma treição: ha el Rey conselho sobre o lugar, em que as armadas haõ de pelejar: manda esperar a de Portugal. 118.
- Cap. XXXII. Como se encontraraõ as duas armadas: do successo da peleja: vem soccorro á de Castella. 123.
- Cap. XXXIII. Como os de Almada soffreraõ o cerco, e combates, e entregaraõ o castello a partido. 127.
- Cap. XXXIV. De huma treição, que se pertendeo contra o Mestre: passase hum fidalgo para el Rey. 132.
- Cap. XXXV. Dá peste no arraial Castelhana: comete el Rey concertos ao Mestre: recupera Nunalvarez Pereira o castello de Monçarás. 135.
- Cap. XXXVI. De hum encontro, que Nunalvarez teve



# I N D E X

- teve com os Castelhanos junto a Badajós, e como  
foi desafiado delles outra vez, &c.* 140.
- Cap. XXXVII. *Padecem os cercados de Lisboa into-  
leravel fome: atease a peste no arraial Castelhana:  
levanta el Rey o cerco, e vaise, &c.* 148.
- Cap. XXXVIII. *Fazem os de Lisboa Procissão em  
acção de graças: gratifica aos de Lisboa, levan-  
tandolhes muitos tributos.* 154.
- Cap. XXXIX. *Deixa el Rey de Castella Capitaes em  
varios castellos de Portugal, &c.* 157.
- Cap. XL. *Como el Rey entrou triste em Castella.  
Trata o Mestre de recuperar Cintra.* 159.
- Cap. XLI. *O Mestre toma posse de Almada: entra  
Alanquer, cerca Torres Vedras.* 163.
- Cap. XLII. *El Rey de Castella pertende matar o  
Mestre por huma treição: he descuberta, &c.* 167.
- Cap. XLIII. *Deixa o Mestre o cerco de Torres Ve-  
dras: parte para Coimbra a celebrar Cortes: sua  
entrada na Cidade.* 173.
- Cap. XLIV. *Fazemse Cortes em Coimbra. Proposta  
do Doctor João das Regras, &c.* 175.
- Cap. XLV. *Continuase a pratica do Doctor João  
das Regras: Prova não ter direito, &c.* 180.
- Cap. XLVI. *Continuase a mesma materia.* 184.
- Cap. XLVII. *He o Mestre eleito Rey por todos os  
Estados de Cortes: sua acclamação, &c.* 190.
- Cap. XLVIII. *Algumas cousas, que se propozerão  
em Cortes: como el Rey fez mercês, &c.* 194.
- Cap. XLIX. *Assigura el Rey o castello de Coimbra:  
toma o Condestabel alguns castellos, &c.* 196.
- Cap. L. *Como el Rey D. João ouve o castello de Gui-  
maraens, e o de Braga, &c.* 199.
- Cap. LI. *Toma el Rey por armas a Villa de Ponte  
de Lima, e suas torres.* 205.
- Cap. LII. *Entrão por Portugal alguns Capitaens  
Castelhanos, sabemhe os Portuguezes, &c.* 213.
- Cap.



## DOS CAPITULOS.

- Cap. LIII. He Lisboa cercada da armada de Castella: vem el Rey com o Condestabel, &c. 220.
- Cap. LIV. Entra el Rey de Castella em Portugal: resistemlbe os de Elvas, exercita crueldades nos Portuguezes: ha conselho, &c. 223.
- Cap. LV. Entra el Rey de Castella por Portugal fazendo crueldades: ha el Rey D. Joaõ conselho, determinase a lbe dar batalha. 229.
- Cap. LVI. Marchaõ os dous campos Portuguez, e Castelhana; avistaõse em Algibarrota, &c. 235.
- Cap. LVII. Numero da gente dos dous exercitos; sua disposiçaõ pera a batalha, &c. 241.
- Cap. LVIII. Faz el Rey de Portugal falla, animando os seus soldados; dassse batalha, &c. 250.
- Cap. LXIX. He desbaratado o campo Castelhana; foge seu Rey: ha el Rey de Portugal victoria, e grande despojo do inimigo. 256.
- Cap. LX. Numero de gente, que morreo nesta batalha de Algibarrota, &c. 259.
- Cap. LXI. Acolhese el Rey de Castella da Batalha pera Sanctatem, e dahi pera Sevilha, &c. 267.
- Cap. LXII. Ha el Rey de Portugal o castello de Sanctarem. Dá prizaõ a Pedro Lopez, &c. 271.
- Cap. LXIII. He o Condestabel feito Conde com muitas mercês, &c. 276.
- Cap. LXIV. He o Condestabel desafiado dos Castelhanos; acometeos muitas vezes, &c. 281.
- Cap. LXV. Recupera el Rey de Portugal alguns castellos; poem cerco á Villa de Chaves, &c. 288.
- Cap. LXVI. Toma el Rey a Villa de Almeida; tem de cerco tres somanas Coria sem a tomar, &c. 294.
- Cap. LXVII. Soccorre el Rey ao Duque de Lancastro: entra elle por Galiza, &c. 299.
- Cap. LXVIII. Casamento del Rey D. Joaõ; celebra-se no Porto; faz el Rey casa á Rainha, &c. 306.
- Cap. LXIX. Entraõ el Rey, e o Duque de Lancastro



# 20 INDEX 20

- tro por Castilla saqueando alguns lugares, &c.* 311.
- Cap. LXX. *Voltaõ pera Portugal el Rey, e o Duque de Loncastro, &c.* 321.
- Cap. LXXI. *Chegaõ el Rey, e o Duque a Portugal; faz el Rey de Castilla concerto com o Duque de Lancastro, &c.* 327.
- Cap. LXXII. *Parte o Duque para Bayona. Algumas disposiçoẽs que el Rey fez; dá o Mestrado de Aviz, e Sanctiago.* 331.
- Cap. LXXIII. *Cerca el Rey a Villa de Melgaço; sua entrega, e sabida dos Castelhanos, &c.* 337.
- Cap. LXXIV. *Cerca el Rey, e toma a Villa de Campo Maior. Dá huma sentença mui rigorosa. Cerca, e toma a Cidade de Tuy.* 341.
- Cap. LXXV. *Capitula tregoas el Rey de Castilla com Portugal: morre o de Castilla; succedelhe el Rey D. Henrique.* 348.
- Cap. LXXVI. *Falta el Rey de Castilla ao contrato das tregoas; procura o de Portugal recompensaçaõ; toma por industria Badajõs.* 354.
- Cap. LXXVII. *Fazem os Castelhanos acometimentos em Portugal; fogem vindo el Rey contra elles, prende este o Prior do Crato.* 362.
- Cap. LXXVIII. *Passaõse alguns fidalgos Portuguezes pera Castilla, e abi sãõ grandes senhores.* 365.
- Cap. LXXIX. *Cobra el Rey de Portugal Salvaterra; poem cerco a Tuy, &c.* 372.
- Cap. LXXX. *Tratase de tregoas entre os Reys de Portugal, e Castilla.* 380.
- Cap. LXXXI. *Morto el Rey de Castilla, faz a Rainha pazes com Portugal.* 388.
- Cap. LXXXII. *Emprendem os Infantes de Portugal a conquista de Ceita, &c.* 392.
- Cap. LXXXIII. *Põe el Rey sua jornada em conselho, e fingidamente desafia o Duque de Holanda.* 400.
- Cap.



## DOS CAPITULOS.

- Cap. LXXXIV. *Ajunta el Rey de Portugal grande armada, &c.* 405.
- Cap. LXXXV. *Tememse da armada del Rey de Portugal, e mandaõ Embaixadores, &c.* 406.
- Cap. LXXXVI. *Manda el Rey de Granada Embaixadores; voltaõ sem a segurança, que pediaõ.* 412.
- Cap. LXXXVII. *Aprestase el Rey para a jornada de Ceita; parte de Lisboa, &c.* 418.
- Cap. LXXXVIII. *Navega el Rey com sua armada; dá noticia a todos os seus da sua jornada.* 425.
- Cap. LXXXIX. *Apartase a armada de Ceita por causa do tempo: ha varios pareceres, &c.* 431.
- Cap. XC. *Anchóra outra vez a armada á vista de Ceita: poemse todos os Capitaes della á ordem del Rey para desembarcarem.* 435.
- Cap. XCI. *Desembarcaõ os Infantes: entraõ por força de armas na Cidade de Ceita.* 439.
- Cap. XCII. *Continuase a entrada de Ceita: relata-se a generosidade, e esforço do Infante D. Henrique.* 446.
- Cap. XCIII. *Desempara o Alcaide o Castello de Ceita; entraõ nelle os Infantes; tirase grande despojo da terra, &c.* 453.
- Cap. XCIV. *Dasse noticia da Cidade de Ceita; qual seja seu proprio nome; benzese nella a Igreja, e dizem a primeira Missa.* 457.
- Cap. XCV. *Saõ os Infantes armados Cavalleiros, e outros senhores: manda el Rey divulgar a nova de sua victoria.* 462.
- Cap. XCVI. *Fica por Capitaõ de Ceita o Conde D. Pedro de Menezes com bom presidio. Parte el Rey para o Reyno, &c.* 465.
- Cap. XCVII. *Vem el Rey a Portugal: trata de pazes com Castella: he neste tempo cercada Ceita, e soccorrida del Rey.* 470.
- Cap. XCVIII. *Manda o Infante D. Henrique desco-*  
*Tomo I, VVV bri-*



# I N D E X

- bridores ás Ilhas de Porto Sancto , e Funchal.* 475.
- Cap. XCIX. *Assenta el Rey de Portugal tregoa com o de Castella; faz o Infante D. Pedro sua peregrinação.* 479.
- Cap. C. *Casamento do Infante D. Duarte com a Infanta Dona Leanor: festas , que se fizeraõ a esta Senhora no caminho , e sua chegada a Portugal.* 485.
- Cap. CI. *Casamento dos Infantes D. Pedro , e Dona Isabel de Portugal: pertende el Rey de Portugal fazer pazes entre os de Castella , Navarra , e Aragaõ.* 489.
- Cap. CII. *Apregoaõse pazes perpetuas entre Portugal , e Castella: Vem o Infante D. Pedro de Aragaõ a Portugal.* 466.
- Cap. CIII. *Morte del Rey D. Joaõ o Primeiro: seu enterro , e sentimento de seus vassallos.* 500.
- Cap. CIV. *Filhos , e descendencia del Rey Dom Joaõ.* 506.















